
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

REGINA HELENA VIEIRA SANTOS

DOUTORADO

Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo
Linha de Pesquisa: História da Arquitetura e do Urbanismo

Orientador: Prof. Dr. Luciano Migliaccio
Coorientador: Prof. Dr. Silvio Van Riel
(Università degli studi di Firenze)

São Paulo - Fevereiro 2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

S237r Santos, Regina Helena Vieira
Rua São João: o boulevard paulistano da Primeira República (1889-1930) /
Regina Helena Vieira Santos ; orientador Luciano Migliaccio ; coorientador Silvio
Van Riel. - São Paulo, 2017.
450 p.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo. Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e
Urbanismo

1. Rua São João. 2. Patrimônio Cultural. 3. Restauro Urbano. 4. Restauro
Arquitetônico. 5. História da Arquitetura - São Paulo, SP. 6. História da Urbanização
- São Paulo, SP. I. Migliaccio, Luciano, orient. II. Van Riel, Silvio III. Título.

À memória! Ao futuro!

À meu pai Sergio Eduardo Vieira Santos

Aos meus avós

Carmen Breves

Paulo de Almeida Salles

Maria Aparecida Lellis Vieira

Lycurgo Santos

Aos meus bisavôs e bisavós

em especial o jornalista João Lellis Vieira

(todos *in memoriam*)

A nova vida na família, Filipe Z. U. O. Vieira Santos.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
LISTA DE SIGLAS:.....	7
AGRADECIMENTOS.....	9
RESUMO.....	11
ABSTRACT	12
RIEPILOGO.....	13
INTRODUÇÃO	17
PARTE 1 – A Rua São João no contexto da história urbana paulistana.	35
1.1 Ambiência da Rua São João na Cidade Colonial.	37
1.2 Século XIX: a cartografia da Cidade Imperial.	48
1.3 Primeira República, de 1889 a 1930, e a cartografia.	63
PARTE 2- Conhecendo os edifícios da Rua São João com base nos documentos.83	
2.1 Arquitetura, tipologias, técnicas construtivas, e o Código de Posturas da Cidade Imperial.	85
2.2 Chácara, sobrado da família Souza Barros (SÉC. XVIII).....	100
2.3 Escola Americana (1875).....	107
2. 4 A Ladeira São João, antiga Ladeira do Acu.....	112
2.5 O Mercado São João, 1890 e 1898.....	124
2.6 Polytheama, teatro Eldorado Paulista, Casino Paulista, Bijou Theatro, Bijou Salão.....	132
2.7 Salão Steinway, Hotel Panorama, Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.....	142
2.8 Largo do Rosário virou Praça Antônio Prado.....	152
2.9 Largo Paissandú: Teatro Carlos Gomes e a nova Igreja do Rosário.	175
2.10 Morar na Rua São João no começo do século XX.	186
PARTE 3 – O “ <i>boulevard</i> ” São João e as novas edificações.	203
3.1 PLANOS PARA SÃO PAULO, 1910 – 1911.	205
3.2 Arquitetura dos novos edifícios na Avenida São João.	228
3.2.1 Edifício “Dom José”, 1913.....	231
3.2.2 Edifício “Casino Antarctica”, 1914/16.....	233
3.2.3 Edifício “Cotonifício Paulista”, 1915/16.....	244
3.2.4 Edifício “Hotel Central”, 1918.	249
3.2.5 Edifício “Hotel Britânia”, 1920.	254
3.2.6 Edifício “Hotel Columbia Palace”, 1920.....	259

3.2.7 Edifício “Casa Dhelomè”, 1920.....	261
3.2.8 Edifícios do lado ímpar, 1920.....	269
3.2.9 Edifício “Prédio dos Correios”, 1922.....	278
3.2.10 Edifício antigo número 110, esquina Rua Ipiranga, 1922.....	284
3.2.11 Edifício antigo número 14, 1922/25.....	289
3.2.12 Edifício “Baraúna”, 1923.....	294
3.2.13 Edifício “Zico” e o vizinho, 1924.....	304
3.2.14 Edifício “Cinelândia Hotel”, 1924.....	308
3.2.15 Edifício antigo número 85, 1925.....	311
3.2.16 Edifício antigo Número 123, 1926-27.....	315
3.2.17 Edifício antigo número 12, 1926.....	318
3.2.18 Edifício “Prédio Oscar Rodrigues”, 1928.....	321
3.2.19 Edifício “Prédio Martinelli”, 1924-29.....	325
3.2.20 Edifício antigo número 12A, 1936.....	339
3.3 O primeiro “boom” da construção civil paulistana.....	343
CONSIDERAÇÕES FINAIS	355
LISTA DE IMAGENS.....	367
REFERÊNCIAS.....	383
1. Fontes Primárias - documentos:	383
2. Livros, capítulos, artigos acadêmicos:	387
3. Legislação do município de São Paulo	399
4. Dicionários:.....	401
5. Catálogo de Exposição:.....	401
6. Filmes:.....	401
7. Revistas e periódicos:.....	401
8. Documentos Cartográficos:.....	401
9. Iconografia:.....	402
10. Sítios da internet:	402
11. Arquivos e Bibliotecas Institucionais:.....	403
ANEXOS:	404
Anexo A – Tabela da Cronologia	405
Anexo B - Tabela do Inventário 2014/16.....	413
Anexo C - Inventário 2014/16	418

LISTA DE SIGLAS:

AHSP – Arquivo Histórico de São Paulo

BMA – Biblioteca Mário de Andrade, PMSP;

CDMSP – Conservatório Dramático e Musical de São Paulo;

CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico;

CONPRESP – Conselho Municipal de preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo;

DPH – Departamento do Patrimônio Histórico, apoio ao CONPRESP/PMSP;

EMURB – Empresa de Urbanização de São Paulo, atual SP Urbanismo;

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo;

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

IMS – Instituto Moreira Salles;

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

METRÔ – Companhia do Metropolitano de São Paulo;

OPA ou OP – Coleção das Obras Particulares do AHSP;

PA – Série de Papéis Avulsos do AHSP;

PMSP – Prefeitura Municipal de São Paulo;

RHVS – Regina Helena Vieira Santos;

SIRCA – Sistema de Registro, Controle e Acesso ao Acervo;

SIURB – Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras;

SMC – Secretaria Municipal de Cultura;

UPPH – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico, apoio técnico ao CONDEPHAAT;

USP – Universidade de São Paulo.

AGRADECIMENTOS

A paciência do professor Dr. Luciano Migliaccio que acolheu esta pesquisa com generosidade.

Ao professor Dr. Silvio Van Riel da *Università degli studi di Firenze* que me recebeu, e muito me ensinou nesses quatro anos, nas indas e vindas a Firenze.

Aos colegas professores na *Università degli studi di Firenze*, principalmente Dra. Fauzia Farnetti e Dr. Stefano Bertocci.

Ao apoio do professor Dr. Lucio Gomes Machado. As conversas com o professor Dr. Hugo Segawa. Às primeiras orientações do professor Dr. Nestor Goulart Reis Filho.

Às preciosas aulas do professor Dr. Carlos A. C. Lemos. Assim como as aulas das professoras Dras. Beatriz Kuhl e Maria Lucia Bressan Pinheiro. As aulas estimulantes do professor Dr. Agnaldo Farias. Os comentários do professor Dr. José Eduardo de Assis Lefèvre.

À atenção e as conversas com meus colegas de trabalho no Departamento do Patrimônio Histórico. As dicas do arquiteto José Alfredo Queiroz.

Aos funcionários do Arquivo Histórico São Paulo – AHSP; do acervo da SIURB, do Setor de Cadastro de numeração e vias (Setor CASE 2) da PMSP.

Aos bibliotecários e atendentes das bibliotecas: da EMURB/SP Urbanismo, do Arquivo Histórico São Paulo – AHSP, da FAU-USP, da *Università degli studi di Firenze*, da FFLCH, Biblioteca Mário de Andrade.

À preciosa revisão feita por Cristina Paloschi Uchôa de Oliveira e os comentários feitos pelo Dr. Marcos Paulo de Almeida Salles.

À paciência de minha mãe Maria Clélia de Almeida Salles Vieira Santos. A atenção da arquiteta Carolina Zupirolli Uchôa de Oliveira e do meu irmão Sergio Eduardo Vieira Santos Junior.

Aos meus alunos, que me instigam a sempre aprender mais.

Enfim, a todos e tudo que tornou viável esta pesquisa.

Grazie, tutti e tutto che è diventato fattibile questa ricerca.

RESUMO

A pesquisa visa conhecer a Rua São João, na história da urbanização da cidade de São Paulo, no período da Primeira República (de 1889 a 1930) quando esta via passou por obras de alargamento tornando-se o primeiro “*boulevard*” paulistano. Investimentos público e privado viabilizaram esta obra de grande impacto na cidade na época e nas décadas sucessivas. O recorte físico parte do começo da via no antigo Largo do Rosário (atual Praça Antônio Prado) até o cruzamento com a Rua Ypiranga (atual Avenida Ipiranga). Como base da pesquisa foram estudados os documentos existentes no Arquivo Histórico de São Paulo, que trazem os projetos arquitetônicos das construções de particulares aprovados pela municipalidade. Este material foi confrontado com a iconografia (pinturas, fotos, postais), com a cartografia histórica, e complementado com leis, decretos, atas da Câmara, além das referências bibliográficas. Deste modo acredita-se que se conhece o patrimônio cultural existente hoje, o que havia antes, para no futuro desenvolver projetos de restauro urbano e arquitetônico dos edifícios, assim como plano de tutela e política de preservação.

PALAVRAS-CHAVE: Rua São João; Patrimônio Cultural; História da Urbanização; História da Arquitetura; Restauro urbano; Restauro arquitetônico.

ABSTRACT

This research aims to know the São João Street, in the urbanization history of São Paulo city, in the period of the first Republic (from 1889 to 1930) when this route passed through works of enlargement, becoming the first “boulevard” “paulistano”. Public and private investments made possible this work of great impact in the city at the time and successive decades. The research area is from the beginning of the street, the old Largo do Rosário (current Praça Antonio Prado) until the crossing with the Ypiranga street (current Avenida Ipiranga). The existing documents from Arquivo Histórico de São Paulo were studied, they show the architectural projects from private constructions approved by the municipality. This material was confronted with the iconography (paintings, photos, postcards), historical cartography, and was complemented by laws, decrees, activities acts of City Council and bibliographical references. It is believed that it is possible to know the cultural heritage from the past and present, for in the future develop projects of urban restoration and architectural restoration, as well as plans of protection and preservation policy.

KEY-WORDS: São João Street; Cultural Heritage; Urbanization History; History of Architecture; Urban Restoration; Architectural Restoration.

RIEPILOGO

La ricerca intende chiarire la genesi di sviluppo della Rua São João all'interno del contesto storico ed urbanistico di potenziamento della città attraverso un insieme sistematico di opere di ampliamenti, diventando così il primo "boulevard" di São Paulo. Questo processo di ampliamento è stato reso possibile grazie agli interventi pubblici e privati, l'impatto urbanistico ed architettonico di questo intervento finirà per caratterizzare la città dal momento della sua esecuzione e per le decadi successive. L'area della ricerca comprende il tessuto urbano, dall'inizio della via, Largo do Rosario (ora Praça Antonio Prado) fino all'incrocio con la strada Ypiranga (ora Avenida Ipiranga). Lo studio ha coinvolto l'indagine storico archivistica attraverso l'analisi dei documenti esistenti nell'Arquivo Histórico São Paulo, al cui interno sono conservati i progetti architettonici approvati dalla comunità. Oltre a queste indagini sono state effettuati confronti critici con l'iconografia esistente (quadri, foto, cartoline), analisi della cartografia storica, lo studio è, inoltre, completato da il repertorio delle leggi, decreti, atti di attività del Consiglio comunale e riferimenti bibliografici. La funzione principale dello studio è fissare dei criteri di conoscenza del patrimonio esistente storico e moderno al fine di sviluppare organici progetti di tutela e valorizzazione all'interno di un contesto urbano di grande valore testimoniale e culturale.

PAROLE-CHIAVE: Via São João; Patrimonio Culturale; Storia dell'Urbanistica; Storia dell'Architettura; Restauro urbano; Restauro architettonico.

La città e la memoria 1.

Partendosi di là e andando tre giornate verso levante, l'uomo si trova a Diomira, città con sessanta cupole d'argento, statue in bronzo di tutti gli dei, vie lastricate in stagno, un teatro di cristallo, un gallo d'oro che canta ogni mattina su una torre. Tutte queste bellezze il viaggiatore già conosce per averle viste anche in altre città. Ma la proprietà di questa è che chi vi arriva una sera di settembre, quando le giornate s'accorciano e le lampade multicolori s'accendono tutte insieme sulle porte delle friggitorie, e da una terrazza una voce di donna grida: uh!, gli viene da invidiare quelli che ora pensano d'aver già vissuto una sera uguale a questa e d'esser stati quella volta felici.

Italo Calvino

As cidades e a memória 1.

Partindo dali e caminhando por três dias em direção ao levante, encontra-se Diomira, cidade com sessenta cúpulas de prata, estátuas de bronze de todos os deuses, ruas lajeadas de estanho, um teatro de cristal, um galo de ouro que canta todas as manhãs no alto de uma torre. Todas essas belezas o viajante já conhece por tê-las visto em outras cidades. Mas a peculiaridade desta é que quem chega numa noite de setembro, quando os dias se tornam mais curtos e as lâmpadas multicoloridas se acendem juntas nas portas das tabernas, e de um terraço ouve-se a voz de uma mulher que grita: uh!, é levado a invejar aqueles que imaginam ter vivido uma noite igual a esta e que na ocasião se sentiam felizes.

Italo Calvino (tradução: Diogo Mainardi)

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca averiguar a relevância de obras públicas assim como particulares que, num período de tempo curto e numa pequena área do tecido urbano, foram tão relevantes para a cidade de São Paulo. Falamos da Rua São João, o *boulevard* paulistano na Primeira República (1889-1930).

Sobre o título deste trabalho foi emprestada a palavra francesa *boulevard*¹, pois pela própria tradução é a definição que melhor se adequa à obra feita no começo do século XX.

Trata-se de uma área que foi muito valorizada², tanto no que diz respeito ao valor do metro quadrado quanto pela qualidade arquitetônica dos edifícios na ocasião pós alargamento. Fez-se necessário conhecer os antecedentes, como era a cidade, e entender o impacto desta obra naquele momento.

A estrutura socioeconômica da cidade, a riqueza decorrente do ouro verde, assim como a evolução do sistema de transportes sobre trilhos ferroviários implantados ao norte do centro, estimularam a ocupação habitacional e comercial de novas áreas. Esses fatos foram determinantes no traçado e na decisão do alargamento da rua São João. As edificações situadas no lado par foram todas desapropriadas, demolidas, e no novo alinhamento a via foi contemplada com novas edificações. O *boom* imobiliário não se restringiu ao lado par, o lado ímpar também foi contemplado com novas edificações. O projeto proposto do alargamento da via,

¹ *Boulevard*: via que circunda uma cidade; rua larga e em geral arborizada. Em MICHAELIS, 2003. No dicionário do urbanismo (inglês/francês/espanhol), a definição de bulevar: (boulevard, alley/ boulevard, allée/ bulevar, alameda) o mesmo que alameda (p.57); a definição de alameda: (alley/ alee, boulevard/ alameda) espécie de via urbana ou, mais especificamente, uma espécie de rua arborizada nas laterais, originalmente com álamos e hoje com qualquer árvore; o mesmo que bulevar (p.24). Complementando das definições, rua: (street/rue/calle) em sentido genérico qualquer tipo de via urbana; restritamente, espécie de via urbana de uma só pista de rolamento, com uma ou duas mãos de trânsito, que dá acesso a lotes edificados ou não e tem como função secundária a coleta ou distribuição do tráfego de veículos (p.328). E avenida: (avenue/ avenida) espécie de via urbana, geralmente pertencente ao sistema viário urbano principal, caracterizada por duas ou mais pistas de rolamento, com controle total ou parcial de acesso, separadas por um ou mais canteiros longitudinais, quase sempre arborizados e ajardinados (p.47). FERRARI, 2004.

². HERRMANN, 1944.

com edifícios no novo alinhamento foi implantado em sua totalidade, embora tenha consumido décadas para ser concluído, o que permitiu novas legislações edilícias serem promulgadas e conseqüentemente novas tipologias arquitetônicas edificadas.

O recorte temporal para este trabalho é de 1889 a 1930, tendo em vista as transformações físicas ocorridas na Rua São João e adjacências, nesse curto período, as quais marcam até a atualidade a configuração espacial desta área da cidade. A presença de documentos oficiais, como desenhos das edificações a partir de 1893, até ser consolidado o espaço físico com as novas edificações no novo alinhamento do alargamento da Rua São João, foi fundamental para a reconstrução do espaço urbano que havia. A iconografia, fotos da época, confrontadas com a cartografia histórica até a base feita em 1930³, permitiu estudar a transformação da arquitetura na ambiência e na paisagem urbana e avaliar o impacto causado por esta obra no desenho da capital paulista, no então conhecido período político da Primeira República.

Delimitamos o fragmento da pesquisa a Rua São João entre seu ponto inicial, na atual Praça Antônio Prado (antigo Largo do Rosário) até o cruzamento com a atual Avenida Ipiranga (antiga Rua Ypiranga).

Primeiro foi realizada a abertura da Praça Antônio Prado com largura de 30 metros em 1906. Posteriormente foram efetivadas muitas desapropriações, demolições, e a Rua foi alargada, tornando-se a Avenida São João, arborizada com trilhos de bonde no canteiro central, calçadas largas, um modelo “*boulevard*” na capital paulista. A decisão de escolha desta via não foi apenas técnica, envolvendo profissionais arquitetos e engenheiros atuantes no mercado à época, mas contou também com muita discussão política, inclusive com a participação de capitalistas. A lei determinando o alargamento só foi assinada e publicada em 1912⁴ com o *caput*: “*aprova a planta do alargamento da Rua São João, desde a Praça Antônio Prado até a rua Lopes de Oliveira*”. A limitação espacial da pesquisa decorre do vulto da intervenção proposta – o que indica a importância que era atribuída ao

³ Planta SARA Brasil, 1930 *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, executado pela empresa SARA BRASIL S/A, pelo método Nistri de aerofotogrametria de acordo com o contrato lavrado em virtude da Lei No. 3203 de 1928, quando Prefeito o Dr. Dr. José Pires do Rio, sendo Director de Obras o engenheiro Arthur Saboya (sic.). FONTE: Acervo do D.P.H. – Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo.

⁴ Lei municipal nº 1.596, de 27 de setembro de 1912, lei de criação da Avenida São João, a qual previu seu alargamento para 30 metros, desde a Praça Antônio Prado até a Rua Lopes de Oliveira, no entroncamento com a Rua das Palmeiras.

local – sendo também esse fragmento o primeiro a ter sido alargado na cidade. Decorre ainda, o significado que essa área teve para a vida urbana de São Paulo, décadas depois, principalmente nas atividades de lazer cultural.

No contexto histórico, em meados do século XIX, o país no regime Imperial passava por transformações na sociedade com os movimentos abolicionistas, além do pairar de ideais republicanos. Fatores externos também contribuíram como a grande imigração de europeus, principalmente italianos, dado que o país passava por uma grande crise econômica. Em 1888, foi assinada no Brasil a Lei Áurea, que extinguiu o trabalho escravo no país. Em 1889, o sistema político republicano foi instaurado no Brasil, e na cidade de São Paulo o cargo de prefeito foi criado pela Câmara em 1898. Nomeado, assume a prefeitura o capitalista Antônio da Silva Prado, que exerce este cargo até 1911. Teve como sucessores Raimundo Duprat, até 1914, e Washington Luis até 1919, por dois mandatos, sendo o primeiro nomeado e o segundo eleito. Firmiano de Moraes Pinto geriu a municipalidade até 1926, eleito por dois mandatos, em seguida foi eleito o engenheiro José Pires do Rio que conduziu a cidade até 1930.

Instituída a prefeitura de São Paulo, a antiga Intendência de Obras, em 1899, foi substituída pela Seção de Obras e posteriormente pela Diretoria de Obras. Foi designado para diretor o engenheiro Vitor Freire, para vice-diretor o engenheiro Eugênio Guilhem e para auxiliar técnico o engenheiro Arthur Sabóia. Esse corpo técnico atuou durante todo o período da Primeira Republica, e no estudo dos documentos, desenhos, no Arquivo Histórico São Paulo (AHSP) muitos pareceres destes técnicos foram lidos.

Conhecer a arquitetura na Rua São João (hoje Avenida São João), tão logo foi realizada a obra moderna de urbanização de alargamento desta via, foi fundamental. Trata de uma pequena contribuição nos estudos da história urbana da cidade de São Paulo. Esta pesquisa, portanto, visa o estudo do patrimônio cultural material existente hoje, a arquitetura das edificações, e propõe o aprimoramento da metodologia de trabalho já adotada com restrições pelos órgãos de preservação na prática diária.

A começar pelo Departamento do Patrimônio Histórico municipal, instituição em que desenvolvo minha atividade profissional de arquiteta e urbanista. O ponto de partida está em conhecer os bens, suas características históricas, arquitetônicas, etc. Insere-se em um contexto de buscar saber o que e como preservar num ambiente

urbano dinâmico como o da cidade de São Paulo. Todo esse conhecimento é primordial para desenvolver um posterior projeto de restauro urbano.

Consiste, assim, em uma pesquisa complexa que parte da leitura urbana ao ornato do edifício, para saber o porquê de conservar esta arquitetura.

Este trabalho tem como base três “pilares”: a arquitetura, a cartografia histórica, e a iconografia, registros fotográficos; complementado por “normas”, leis, e “códigos”, todos organizados cronologicamente. Adotando bibliografia como referência, foi feita a cronologia da Rua São João em relação à cidade (quadro 1, anexo).

Tendo em vista a relevância de conhecer o objeto de estudo, ou seja, o espaço físico da Rua/Avenida São João na atualidade, fundamental foi realizar o inventário dos imóveis implantados no fragmento determinado para a análise. Esta tarefa começa com a tabela desenvolvida com os dados dos edifícios e as fichas individuais cadastrais de cada imóvel (anexo).

Inventário

Para este trabalho foi feito um levantamento *in loco* da atual Avenida São João. No referido trecho da pesquisa, foram anotados dados atuais numa tabela de referência, com o uso dos imóveis atuais (2014), gabarito (número de pavimentos), recuos, estilo arquitetônico, técnica e tipologia construtiva dos edifícios, autoria do projeto, proprietário do imóvel à época, estado de conservação e grau de descaracterização dos bens hoje. A finalidade, enfim, era perceber a ambiência. A tabela foi complementada com informações das fichas cadastrais dos imóveis dos inventários do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH), um realizado na década de 1980 e o mais recente em 2012⁵, além de registros fotográficos feitos para documentar esta etapa, em janeiro de 2015.

Por se tratar de dados oficiais da municipalidade, foi adotado o Registro Fiscal dos Imóveis como número de identidade. O registro é feito com base na distribuição dos setores, quadras e lotes da cidade, conhecido como S.Q.L. (Setor-Quadra-Lote). São ao todo 51 registros, mais um endereçado à Rua João Bricola, sendo 17 implantados no lado par, e 34 situados no lado ímpar. No lado ímpar 5 imóveis foram demolidos, e lembrados nos primeiros anos do século XXI no projeto da municipalidade denominado Praça das Artes.

⁵ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

Com o número oficial de identificação dos lotes, o passo seguinte é saber o que existe em cada lote. Em outras palavras, qual edificação está ali implantada. Para isso outra informação fundamental é o número do endereço. Anotam-se os números vigentes, assim começa a tabela de informações. Primeira coluna: SQL; segunda coluna: numeração atual.

Extremamente importante é a numeração⁶ dos imóveis anterior a 1936. Pois a numeração métrica passou a vigorar na cidade somente após o Ato Municipal n. 1.013/1936. Antes disso, a numeração era sequencial. Para se ter ideia das variações, o sistema, foi implantada em 1886, reinstaurado em 1910, e revisado em 1928. Para se fazer a equivalência numérica, foi consultada a Secretaria Municipal de Habitação (atual Secretaria de Licenciamento), no Setor CASE 2 (Cadastro e Serviço de Emplacamento) onde foram verificadas as fichas de equivalência da numeração⁷. O resultado é o quadro da numeração da Rua São João, que foi incorporado na tabela.

Grande parte dos edifícios possui nome, o que permitiu criar uma nova coluna. Com base nas informações dos inventários consultados, mais a investigação do acervo do AHSP, é possível averiguar o ano de construção, ou aprovação dos projetos dos edifícios, bem como saber o proprietário ou solicitante, além do uso para aquele imóvel na época. Em seguida foi anotada a proteção existente, ou não, pelos órgãos de preservação. Com todas essas informações o resultado é o quadro do inventário 2014/16 lado par e lado ímpar (anexo).

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

FOLHA Nº _____

LOCALIZAÇÃO

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

CARACTERÍSTICAS LEGAIS

INFORMAÇÕES DE REGISTRO

Observações:

Observações:

Imagem 1: Ficha cadastral, frente e verso, modelo adotado no Departamento do Patrimônio Histórico – DPH. Referência utilizada atualmente, por ser prática e conter as informações mínimas necessárias para um inventário.

⁶ SANTOS, 2008. p.73

⁷ A referência deste material é: Prefeitura Municipal de São Paulo/ Departamento de Obras Serviço de Emplacamento/ emplacamento: Av. São João/ começa na Pça Antonio Prado/ termina na R. dos Pyreneus (sic.)/ Distrito de Paz: Santa Cecília/ Bairro: Centro/ denominação: Acto 972 de 1916./ realizado em 5 de maio de 1933.

Documentação e Fonte Primária

A arquitetura está documentada *in loco* e em documentos primários, de quando as edificações foram construídas, considerando que muitas já foram demolidas, dando espaço às novas edificações. Estes documentos, projetos de arquitetura, estão disponíveis e foram consultados no Arquivo Histórico. O estudo do material levantado, que inclui as solicitações dos particulares, desenhos técnicos como plantas, cortes e elevações nos permite conhecer os programas de necessidades dos edifícios e suas respectivas fachadas. E, conseqüentemente verificar o uso (lazer cultural, comercial, serviço, residencial ou misto) das edificações.

Essa fonte primária de documentos se refere a solicitações feitas por munícipes à municipalidade para realizar construção, reforma, ou ainda pedir alinhamento, no final do século XIX e começo do XX. O material está organizado como Obras Particulares (O-PA), de 1870 a 1922, e encontra-se no Arquivo Histórico de São Paulo. São separadas por nome de ruas, e encadernados por ano. Os desenhos aparecem a partir de 1893, e principalmente após a virada do século XX, o volume de desenhos aumenta o que os faz estar organizados em caixas arquivo. Do período entre 1906-1910, foi feito um trabalho conjunto da FAU-USP e o AHSP-DPH de digitalização denominado SIRCA. Este acervo digitalizado encontra-se disponível para consulta. Enfim, após muitas consultas no acervo de obras particulares, também foi conhecido o acervo das obras públicas. Foram mais de 4000 documentos consultados, registrados para estudo, e algumas imagens do acervo foram selecionadas para este trabalho.

Cartografia e Iconografia

A cartografia é essencial para o estudo da história urbana, sobretudo tendo em vista que o objeto desta pesquisa é uma rua existente desde o período colonial na Vila de Piratininga. Durante o Império, ainda que devagar, a expansão urbana ocorre, e a cidade passa a ter mais registros cartográficos. Diante de muitas bases levantadas, algumas foram selecionadas, do século XIX e começo do XX. E apenas uma do século XVIII. Alguns estudos foram feitos como relacionar a Rua São João com o tecido urbano da cidade. É importante observar as legendas que indicam muitas edificações públicas e privadas da cidade, além do percurso do transporte urbano público.

Analisamos a relação da Rua São João com o centro primitivo e as saídas da cidade, atentos as hipóteses de caminhos formuladas pelo Professor Nestor Goulart

Reis Filho⁸. Confrontamos com as hipóteses, que décadas antes a socióloga Lucila Herrmann⁹ havia formulado. Assim como com as propostas feitas por Richard Morse (1970), e a leitura minuciosa do professor Carlos A. C. Lemos, publicada em um artigo acadêmico (2014).

A análise foi complementada com registros iconográficos como as aquarelas, desenhos e fotos feitos nos séculos pretéritos que viabilizam a percepção da constituição do espaço urbano, além de serem testemunhos da transformação da paisagem. Esta etapa, contou com consulta a acervos fotográficos, como a Biblioteca Municipal Mario de Andrade, a Fundação do Patrimônio Histórico e Energético de São Paulo (FPHESP), também denominado Fundação Energia e Saneamento, e o Instituto Moreira Salles, além de algumas bibliografias que registraram a cidade com aquarelas, desenhos à nanquim, a fotografia histórica, alguns cartões postais e fotos recentes.

No acervo da Biblioteca Mario de Andrade, foram consultados vários livros organizados nas administrações dos prefeitos como relatório fotográfico, com imagens do final do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX.

Para explicitar o raciocínio adotado na leitura dessas fontes, como uma amostra, pegamos os pormenores das bases cartográficas abaixo e destacamos a igreja e Largo do Rosário. Na primeira por volta de 1765-1774; na segunda em 1881; na outra de 1930, registra a avenida São João alargada, com a Praça Antônio Prado e a nova Igreja do Rosário implantada no Largo do Paissandú. Em seguida imagens que ilustram dois momentos: o Largo do Rosário e a Praça Antônio Prado.

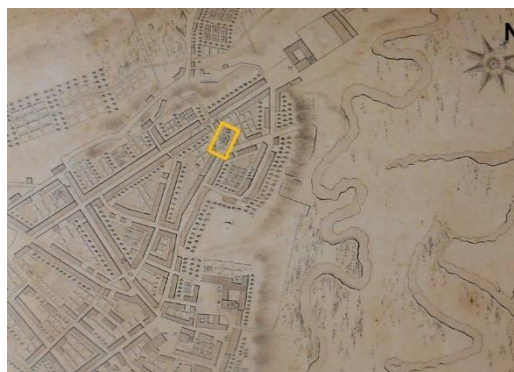


Imagem 2: Pormenor da Planta da Restauração, c.1765-1774. Fonte: Arquivo Histórico Militar, Rio de Janeiro. Em: REIS FILHO. 2004. p.66-67.

⁸ REIS FILHO, 2004.

⁹ HERRMANN, 1944.



Imagem 3: Pormenor da Planta realizada pela Companhia Cantareira de Água e Esgotos, em 1881.



Imagem 4: Pormenor da Planta Sara Brasil S. A., 1930.



Imagens 5 e 6: Igreja do Rosário, 1900. Praça Antônio Prado, 1916. Atenção ao edifício que tomou lugar da igreja. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16, disponível no acervo digital da BMA, <<http://www.docvirt.no-ip.com/demo/bma2/bma.htm>>.

Referências

Pouco são os estudos sobre as transformações e persistências na paisagem urbana a partir de logradouros paulistanos, como é o caso do presente. Dois trabalhos em especial devem ser adotados como referência de método de análise: do professor Jose Eduardo de Assis Lefevre¹⁰ – *De beco a avenida. A história da Rua São Luiz*, e a pesquisa realizada por esta mesma autora sobre a Rua São Bento, na oportunidade de desenvolvimento de pesquisa de mestrado. O primeiro, fruto da pesquisa de doutorado do historiador, arquiteto e urbanista, enfatiza a análise do espaço, dos edifícios e das funções abrigadas nesses edifícios, assim como as funções que são desenvolvidas no espaço público. O segundo uma dissertação que para escrever a “*Promenade na Rua São Bento*”, adotou a metodologia muito similar a desta pesquisa e da tese citada.

Embora o foco principal da pesquisa não seja a paisagem urbana¹¹, foi adotado o estudo de Gordon Cullen sobre sua apreciação sobre a reação emocional, voluntária ou não, nos seres humanos e como isto acontece. As categorias propostas por Cullen são: movimento, posição e conteúdo¹².

Foram considerados os conceitos propostos por Kevin Lynch, em *A imagem da Cidade*¹³, uma vez que este estudo trata de uma antiga rua que se tornou avenida,

¹⁰ A tese de doutorado *Entre o discurso e a Realidade. A Quem interessa o centro de São Paulo? A Rua São Luiz e sua evolução*, do professor José Eduardo de Assis LEFÈVRE, deu origem ao livro sobre a Rua São Luiz, publicado em 2006.

¹¹ Sobre esse tema ver MACHADO, 1981, p. 129 e 131.

¹² Movimento: “Quanto à ótica, proporcionando a visão sequencial pelo registro de cenas sucessivas decorrentes de um passeio na cidade, mostra a sucessão de acontecimentos fortuitos, que, pelo seu encadeamento possibilitam formas de emocionar o espectador”. Posição: “Quanto ao lugar, relativamente à posição que nosso corpo ocupa em relação ao meio que o cerca. Este relacionamento que ocorre tanto na escala do edifício quanto na escala do urbano, é que proporciona emoções no uso dos espaços”. Conteúdo: “Quanto ao conteúdo, categoria que inclui a construção em si da cidade: cor, escala, estilo, caráter, personalidade e unidade. Dependendo das peculiaridades de cada cidade poderemos eventualmente observar a história de sua constituição e de seus edifícios, relacionada com os vários grupos de trabalhadores que a construíram”. CULLEN, 1961, pp. 11-14.

¹³ *Vias ou sendas*: são os trajetos ou canais ao longo dos quais o observador se move. Podem ser canais, linhas férreas, eixos de trânsito, passeios, vielas, ruas ou avenidas. De maneira geral é o elemento principal, se considerar que os cidadãos observam a cidade ao se deslocar nessas sendas e os elementos se organizam e relacionam com o observador durante esse percurso. Limites: são os elementos lineares, fronteiras entre duas partes tais como a orla marítima, rios, montanhas, incidências topográficas ou um muro. São referências secundárias, barreiras consideradas penetráveis, mas não com muita facilidade. Bairros: são regiões urbanas reconhecíveis por alguma característica mental comum e identificável para o observador, esteja ele dentro ou fora. A maior parte das cidades se estrutura por bairros. Cruzamentos ou Nós: são locais estratégicos de uma cidade, nos quais o observador pode entrar e se deslocar. Podem ser esquinas, largos, ou pequenas praças, mas são momentos de mudança de uma estrutura para outra no percurso. Pontos focais caracterizam a imagem desses núcleos. Pontos marcantes ou marcos: são as referências onde o observador não entra, pois são externos. São representados por um objeto físico, tais como um grande edifício, uma torre, uma cúpula ou uma montanha. O movimento solar também pode ser considerado um marco. Em

ou seja, trata do espaço de um logradouro. No local aparece incidência topográfica devido a diferença de cotas do leito do Ribeirão Anhangabaú até o antigo Largo do Rosário (depois Praça Antônio Prado) e para a outra margem do rio o Largo Paissandú. Uma região com cruzamentos e nós, além de pontos marcantes. Muitas vezes o ponto de vista num determinado momento é o registro pretérito feito pelos fotógrafos.

O estudo da arquitetura de um pequeno fragmento da cidade de São Paulo mostra como as forças sociais e econômicas, refletidas na administração pública, no empresariado de comércio e serviços, nos investidores imobiliários e nos usuários, dignos cidadãos, direcionam as formas construídas e dão significado aos espaços urbanos.

O Brasil é um país jovem, imaturo, que ainda despreza o valor do patrimônio cultural material e imaterial. Trata centro histórico com “acento negativo” de “cidade museu”, um grande equívoco, pois, conforme a visão do historiador da arte Giulio Carlo Argan, deve ser considerado como um instrumento científico e didático na formação cultural; e resume: “numa palavra, o espaço da cidade é o espaço da história”¹⁴. Esta visão justifica a pesquisa realizada. Para isso utilizamos de outro conceito: o restauro urbano, que trata da valorização e preservação da memória coletiva.

No decorrer desta pesquisa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em convênio com a *Università degli studi di Firenze*, escutei muitas vezes do professor co-orientador Silvio Van Riel: “*A che cosa serve queste studio?*”. Ou seja, para que serve toda essa pesquisa que está realizando? Em resposta, é preciso elaborar o seguinte raciocínio: faz parte da metodologia do restauro urbano, ou mesmo do restauro de um único edifício, primeiro conhecer a história do objeto. Para isso faz-se, antes de tudo, o inventário dos imóveis envolvidos na área. Como uma metáfora à medicina, quando se tem o paciente, ao este entrar no consultório o que aquele faz? Consulta o prontuário, a ficha do paciente. Ora, após conhecer o contexto dos edifícios, a história do local, buscam-se documentos nos arquivos para serem estudados, analisados, pois esse material conta-nos fatos sobre os bens. Digamos que o diagnóstico está começado. Claro

escala menor como numa rua as fachadas dos imóveis, árvores ou o mobiliário urbano completam a imagem para o observador. Dependendo do ângulo em que se encontra o observador no espaço, a sua relação com os elementos acima muda completamente, ou seja, muda o ponto focal da imagem. A paisagem urbana é a composição dos elementos com o ponto de vista do observador num certo momento. LYNCH, 1988, p. 58, 59.

¹⁴ ARGAN, 1998, p. 82 e 113.

que na atualidade com a informação digitalizada, é possível ser feito também um escaneamento digital complementando as informações.

Prosseguindo a metodologia, este conhecimento é a base para desenvolver o projeto de restauro e plano de salvaguarda, preservação e conservação do patrimônio cultural em questão.

Bibliografia

As referências destacadas e comentadas aqui foram essenciais no percurso desta pesquisa.

O sociólogo francês François Ascher, no livro *Os novos princípios do urbanismo*, afirma que estamos vivendo a terceira modernidade, a eletricidade mudou o modo da expansão urbana, verticalmente com os elevadores, horizontalmente com os bondes, o telégrafo e o telefone, depois o motor a explosão. A coletividade está cada vez mais individualizada, racional, e diferenciada, o advento do computador e a velocidade da informação estão mudando os comportamentos sociais, desenvolvendo a sociedade hipertexto.

Fala o autor francês, ainda, de princípios de um novo urbanismo, o *neourbanismo*, que difere do *urbanismo* e do *paleourbanismo*. Faz uma revisão dos conceitos, e chega a uma noção de “patrimônio” tipicamente moderna. A contribuição desta obra nos revela que o período estudado é o *urbanismo* exatamente a segunda modernidade consequente da energia elétrica.

A socióloga Lucila Herrmann publicou na Revista do Arquivo Municipal, em 1944, um texto referente a um estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café (1935). Pertinente nesta análise, ela apresenta a primeira expansão do núcleo limitado pelos rios Tamanduateí e Anhangabaú, para oeste na planta de 1841 pela Ponte do Marechal. E com dados estatísticos demonstra o deslocamento da ocupação territorial do eixo sul, caminhos do mar, para o oeste, rumo Lapa. A radial por ela apontada é a Rua São João, que foi alargada como consequência da mudança do eixo.

As aulas proferidas pelo professor Carlos A. C. Lemos complementada com as leituras de seus textos muito contribuem nesta pesquisa. O *Álbum de Afonso* possui registros iconográficos preciosos. Para a compreensão das informações levantadas no acervo do AHSP, foi fundamental a leitura *A República ensina a morar (melhor)*.

Outros títulos como: *Alvenaria Burguesa; Casa Paulista; e Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo*; foram imprescindíveis. E abrindo o universo para o território nacional contribui a obra *Arquitetura brasileira*. Para tratar de Patrimônio Cultural material, e particularmente arquitetônico, adotamos a definição¹⁵ publicada em *O que é arquitetura. Da taipa ao concreto. Crônicas e ensaios sobre a memória da arquitetura e do urbanismo*; publicado em 2013, reúne vários textos por ele escrito e publicados em jornal nas décadas de 1970/80 sempre sobre a cidade de São Paulo. Outro texto deste autor, *A cidade dos fazendeiros. Quando a força do café interveio no Centro paulistano*, publicado em decorrência da exposição *O café*, de curadoria de Emanuel Araújo (2000), trata, em parte, do período desta pesquisa, elenca outras leis referentes às obras realizadas. E a recente publicação *História das cidades brasileiras*, mostra-nos um novo modo de ver a formação das cidades.

Nestor Goulart Reis Filho, em *São Paulo Vila Cidade Metrópole*, apresenta precioso estudo da cartografia e história da vila, cidade, metrópole paulistana. Sua hipótese, sobre os primeiros caminhos de expansão da cidade, foi verificada nesta pesquisa com relação à Rua São João. O trabalho das *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial*, conta com rico acervo de imagens relacionadas com a cartografia de todo o país e complementa a obra anterior. Outras obras deste autor também foram consultadas no decorrer do trabalho.

Resultado da pesquisa do doutorado da arquiteta Manoela Rossinetti Rufinoni, *Preservação e Restauro Urbano, intervenções em sítios históricos industriais*, aborda questões de preservação e interpretação do patrimônio urbano, parte de conceitos, aprofunda no espaço industrial como patrimônio urbano, e faz uma análise em um bairro de São Paulo. Esta investigação compartilha o conceito de restauro urbano que é um dos princípios desta pesquisa sobre um fragmento no centro histórico da cidade de São Paulo.

¹⁵ “Arquitetura seria, então, toda e qualquer intervenção no meio ambiente criando novos espaços, quase sempre com determinada intenção plástica, para atender a necessidades imediatas ou expectativas programadas, e caracterizada por aquilo que chamamos de partido. Partido seria uma consequência formal derivada de uma série de condicionantes ou determinantes; seria o resultado físico da intervenção. Os principais determinantes, ou condicionantes, do partido seriam:

- a. A técnica construtiva, segundo os recursos locais, tanto humanos como materiais, que inclui aquela intenção plástica, às vezes, subordinada aos estilos arquitetônicos.
 - b. O clima.
 - c. As condições físicas e topográficas do sítio onde se intervém.
 - d. O programa de necessidades, segundo os usos, costumes populares ou conveniências do empreendedor.
 - e. As condições financeiras do empreendedor dependendo do quadro econômico da sociedade.
 - f. A legislação regulamentadora e/ou as normas sociais e/ou as regras de funcionalidade”.
- LEMOS, 2003, p.40-41.

O arquiteto Hugo M. Segawa, em *Prelúdio da Metrópole*, apresenta-nos os diferentes planos urbanos do final da administração do prefeito Antonio Prado, 1910, além das propostas inovadoras de 1895 feitas por Adolfo Augusto Pinto. Apresenta os técnicos protagonistas: Jules Martin, Alexandre de Albuquerque, Victor da Silva Freire, Eugênio Guilhem, Samuel das Neves, Joseph Antoine Bouvard, Ramos de Azevedo, Arthur Saboya, Cristiano Stockler das Neves, Victor Dubugras. Os debates sobre melhoramentos para São Paulo conduzem os projetos apresentados em clima de muita polêmica nos anos de 1910 e 1911, na passagem da administração municipal de Antônio Prado para Raimundo Duprat. Dentre as ideias debatidas nesta ocasião destaca-se a implantação de avenidas largas, das quais a Rua São João foi a pioneira.

Outros pesquisadores também abordaram o tema das “*Melhorias para São Paulo*” cada um com seu foco específico; como José Geraldo Simões Junior, Candido Campos Malta, Maria Ruth Amaral de Sampaio, Maria Beatriz Portugal Albuquerque e Roseli Maria Martins D’Elboux.

Ler as obras do Benedito Lima de Toledo para quem estuda sobre São Paulo é fundamental, a começar com *São Paulo: três cidades em um século*, depois *Anhangabahú*, e *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. Complementando com a iconografia do *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862 – 1887*. Militão Augusto de Azevedo, publicado junto com os autores Boris Kossoy e Carlos A. C. Lemos, em 1981.

Cronologia e Estrutura da pesquisa

Tendo como referência a cronologia estudada em outras bibliografias e nos documentos pesquisados foi feita uma cronologia da Rua posterior Avenida São João. Tangenciando ciclos “econômicos”, foi considerada a obra do historiador Ernani Silva Bruno¹⁶, em “*História e Tradições da Cidade de São Paulo*”, que sistematizou a documentação disponível à época em que foi elaborada – 1954 – e descreveu com minúcia sobre a cidade. A primeira parte do ciclo compreende de 1554 a 1828, denominada “Arraial de Sertanistas”, tendo em vista que a vila de São Paulo era rural, com o pequeno povoado na colina margeada pelos rios Tamandateí e Anhangabaú, ponto de passagem para os tropeiros. A segunda parte “Burgo de Estudantes”, considera a instalação da primeira faculdade no Largo São Francisco, de Direito, que possibilitou algumas mudanças nos hábitos, como a

¹⁶ BRUNO, 1954.

presença de professores e estudantes, até a implantação das primeiras ferrovias, de 1828 a 1872. A terceira parte, de 1872 a 1918, trata da riqueza do ouro verde, na “Metrópole do Café”. A quarta parte, de 1918 a 1953, é denominada “São Paulo de agora”, visto que o livro foi editado em 1954, ano do IV Centenário da cidade.

Caracterizada pela técnica construtiva, o arquiteto Benedito Lima de Toledo, em “*São Paulo três cidades em um século*”¹⁷, classifica as três cidades: feita de taipa, até final do século XIX; reconstruída em tijolos, começo do século XX; e edificada em concreto armado, a partir principalmente da década de 1920.

Enquanto o sociólogo Nestor Goulart Reis Filho¹⁸ na publicação “*São Paulo Vila Cidade Metrópole*”, divide a história da cidade em sete partes: de 1554 a 1600, a construção da vila; de 1600 a 1711, de vila a cidade crescendo quase sem crescer; de 1711 a 1822, cidade colonial urbanismo em uma capitânia da coroa; de 1822 a 1889, a cidade no Império; de 1889 a 1930, metrópole do Café; de 1930 a 1960, Metrópole Industrial; de 1960 a 2004, da região metropolitana ao sistema metropolitano integrado.

Por fim foi adotada uma divisão baseada nos regimes políticos, Vila e Cidade Colonial; a cidade Imperial; e, de 1889 a 1930, a cidade da Primeira República; trata-se de um modo didático de se organizar, inclusive observando como as decisões políticas interferem no espaço público e privado.

Através do estudo da cartografia, lendo a implantação dos edifícios; complementado com a leitura dos Códigos de Posturas, foi observado que as regras legais determinaram direta ou indiretamente a arquitetura e as tipologias construtivas.

Considerando todo o levantamento, feito a pesquisa está estruturada em três partes. Na primeira parte, “*A Rua São João no contexto da história urbana paulistana*”, a proposta é conhecer o que o que havia antes, como surgiu o povoado paulistano que se tornou a caótica metrópole do século XXI. Trata da organização do espaço físico da cidade desde o período colonial, e passa pelo período Imperial, até a Primeira República, utilizando como referência as bases cartográficas da cidade. Está dividida em três capítulos.

1.1 – Ambiência da Rua São João na Cidade Colonial.

¹⁷ TOLEDO, 1981.

¹⁸ REIS FILHO, 2004.

1.2 - Século XIX: a cartografia da Cidade Imperial.

1.3 - Primeira República, de 1889 a 1930, e a cartografia.

Na segunda parte “*Conhecendo os edifícios da Rua São João com base na documentação*”, com base em fonte primária, ou seja, os documentos, desenhos do Arquivo Histórico, foi montado o quebra-cabeça com as informações existentes sobre um espaço físico que não existe mais, onde as edificações que ali existiram já foram substituídas por novas, como o fato da primeira intervenção moderna urbana que demoliu a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos para a abertura da Praça Antônio Prado.

Os demais edifícios não existem mais. Por ocasião das obras do alargamento da via, foram aos poucos sendo demolidos, apagando uma parte da memória urbana da Rua São João. Apenas um edifício do século XIX sobreviveu, o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, talvez pelo uso cultural e sua localização muito próxima ao Theatro Municipal, pois outros prédios com uso para teatro não resistiram. São dez capítulos, sendo o primeiro destinado a esclarecer um pouco sobre as tipologias e técnicas construtivas, e o Código de Posturas vigente durante o período que este trabalho abrange. Os demais capítulos são sobre as edificações que antecedem a obra de alargamento da via em questão, sendo o último desta parte sobre uso residencial nesta área central em transformação:

2.1 Arquitetura, tipologias, técnicas construtivas e o Código de Posturas da Cidade Imperial.

2.2 Chácara, sobrado da família Souza Barros (séc. XVIII).

2.3 Escola Americana, 1875.

2.4 A Ladeira São João, antiga Ladeira do Acu.

2.5 O Mercado São João, 1890 e 1898.

2.6 Polytheama, teatro Eldorado Paulista, Casino Paulista, Bijou Theatro, Bijou Salão.

2.7 Salão Steinway, Hotel Panorama, Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

2.8 Largo do Rosário virou Praça Antônio Prado.

2.9 Largo Paissandú: Teatro Carlos Gomes e a nova Igreja do Rosário.

2.10 Morar na Rua São João no começo do século XX (1906-10).

A terceira parte, “*O ‘boulevard’ São João e as novas edificações*”, começa buscando conhecer as ideias, os planos urbanos que provocaram a discussão dos

profissionais engenheiros e arquitetos, além dos capitalistas da cidade sobre melhorias no centro; fazendo uma análise do projeto implantado. Posteriormente, estuda os projetos arquitetônicos dos edifícios novos que foram construídos em ambos os lados do “*boulevard*”. E por fim, o primeiro “*boom*” da construção civil, decorrente das obras de alargamento da rua em questão, além de fatores externos como a Primeira Guerra Mundial. Está dividida em três capítulos:

3.1 Planos para São Paulo, 1910/11.

3.2 Arquitetura dos novos edifícios na Avenida São João.

3.2.1 Edifício “Dom José”, 1913.

3.2.2 Edifício Cassino Antarctica, 1914/16.

3.2.3 Edifício “Cotonifício Paulista”, 1915-16.

3.2.4 Edifício “Hotel Central”, 1918.

3.2.5 Edifício “Hotel Britânia”, 1920.

3.2.6 Edifício “Hotel Columbia Palace”, 1920.

3.2.7 Edifício “Casa Dhélonme”, 1920.

3.2.8 Edifícios do lado ímpar, 1920.

3.2.9 Edifício “Prédio dos Correios”, 1922.

3.2.10 Edifício antigo número 110, esquina Rua Ipiranga, 1922.

3.2.11 Edifício antigo número 14, 1922/25.

3.2.12 Edifício “Baraúna”, 1923.

3.2.13 Edifício “Zico” e o vizinho, 1924.

3.2.14 Edifício “Cinelândia Hotel”, 1924.

3.2.15 Edifício antigo número 85, 1925

3.2.16 Edifício antigo número 123, 1926/27.

3.2.17 Edifício antigo número 12, 1926.

3.2.18 Edifício “Prédio Oscar Rodrigues”, 1928.

3.2.19 Edifício “Prédio Martinelli”, 1924/29.

3.2.20 Edifício antigo número 12A, 1936.

3.3 O primeiro “boom” da construção civil.

Por fim, diante da velocidade das transformações urbanas da cidade de São Paulo, num fragmento de estudo e num curto período de tempo (para uma cidade), a reflexão final foi feita de modo a vislumbrar o que significou a Rua São João, na Capital do Estado de São Paulo no final do período estudado.

No final estão os anexos que foram as bases deste estudo. O primeiro anexo é o quadro com os dados cronológicos da Rua São João e a sua relação com a história da cidade de São Paulo. O segundo é o quadro, que foi elaborado com base nas informações do levantamento *in loco*, complementado com dados dos inventários realizados pelo Departamento do Patrimônio Histórico (DPH), das décadas de 1980 e 2012, além dos projetos pesquisados nos documentos originais do Arquivo Histórico São Paulo (AHSP). O terceiro anexo são as fichas cadastrais feitas para o inventário em 2013/14 de todos os imóveis ao longo da via em questão no trecho desta pesquisa.

PARTE 1 – A Rua São João no contexto da história urbana paulistana.

Paulicéia¹⁹

Francisco de Assis Vieira Bueno

*Teu imenso progresso, na verdade,
A mente, Paulicéia, me fascina;
Mas de ti quando pobre e pequenina,
Jamais há de ter fim minha saudade.*

*Quando era inda a beldade,
Sem dote²⁰, que isolada na colina,
Branquejava no meio da campina,
Passei em teu regaço a mocidade.*

*Hoje, de cada vez que te visito,
Ainda o meu passado favorito
É o sítio onde fica o lugar*

*Em que estava a casa apetecida,
Que no tempo melhor de minha vida
Foi minha habitação, meu doce lar.²¹*

¹⁹ A Cidade de São Paulo- Recordações Evocadas de Memória. Francisco de Assis Vieira Bueno. Em: MOURA, 1998, p.151.

²⁰ O governador Gomes Freire de Andrade chamou “formosa sem dote” a povoação de São Paulo, quando a viu em princípios do século XVIII.

²¹ Transcrito da parte literária da autobiografia do autor.

1.1 Ambiência da Rua São João na Cidade Colonial²².

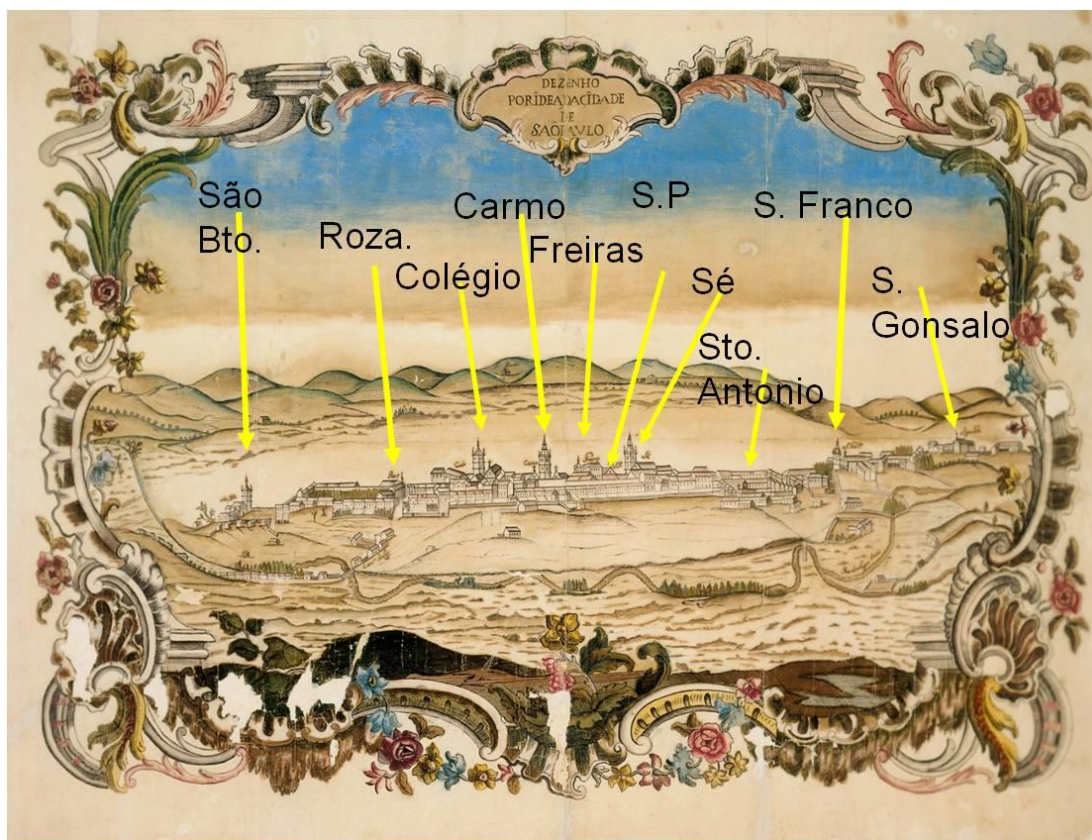


Imagem 7: Nesta imagem é possível ver os campanários das igrejas. A que nos interessa é a torre da igreja do Rosário, pois este é considerado o ponto inicial da Avenida São João neste trabalho. Denominado: “Dezenho por ideia da cidade de São Paulo”. Técnica: Bico-de-pena, e aquarela sobre papel. Autoria desconhecida, ca. 1765/1775. Fonte: Original na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Em: BUENO, 2011. REIS FILHO, 2000; 2004, p. 235.

²² De acordo com a Carta Régia de 11 de julho de 1711, a Vila de São Paulo foi elevada à categoria de cidade nesta data. Em 1748 foi extinta a Capitania de São Paulo, passou a ser integrada a comarca da Capitania do Rio de Janeiro, foi restabelecida em 1765. PORTO, 1992, p.19 e 23.

Os primeiros documentos estudados que fazem menção à Igreja do Rosário, ponto inicial da Rua São João, datam do século XVIII. No registro iconográfico da paisagem urbana da cidade, denominado “*Dezenho por ideia da cidade de São Paulo*”²³, é possível visualizar a colina da primeira ocupação colonial a partir da margem oposta do ribeirão Anhangabaú. Destacam-se as torres dos campanários das muitas igrejas. Ainda hoje os sinos tocam ao meio dia, porém a paisagem é outra. Tantos são os altos edifícios no entorno das igrejas que não se enxergam mais as torres.

A igreja do Rosário, situada no Largo de mesmo nome, nesta pesquisa é considerada o ponto inicial da Rua São João. Data de 1721 a capelinha segundo Leonardo Arroyo: “*Cremos que a existência dessa capela remonta a maior número de anos, ou seja, a 1721, uma capelinha assim meio oculta pelo lado do Anhangabaú considerado mais do que subúrbio naqueles anos, onde pretos e escravos se dedicavam a Nossa Senhora do Rosário*”²⁴. Segundo o arquiteto Carlos Lemos: “*Esta igreja definiu o traçado viário da região*”²⁵, pois era muito confuso ir do Colégio dos jesuítas aos Campos do Guaré (norte). À direita da igreja havia o caminho pela travessa do Rosário (atual Rua João Brícola), pelo qual se alcançava a Rua Boa Vista e então, descendo, chegava-se ao Porto Geral. Pela esquerda da igreja chegava-se à Rua São Bento, que, descendo pelos terrenos da lateral do convento, atravessando o Rio Tamandateí, permitia de alcançar o Guaré. E mais à esquerda da igreja estava a ladeira do Acu.

A partir de 1765 a província de São Paulo, foi governada por Morgado Mateus²⁶. Nesta ocasião a cidade possuía apenas dez ruas bem definidas: São Bento, Direita, Quitanda, da Cadeia (hoje José Bonifácio), Boa Vista, Carmo, São Gonçalo, do Pelourinho (depois da Esperança), Rosário (hoje XV de Novembro) e da Freira (hoje Senador Feijó). Havia muitos becos, travessas e trilhas. Existiam os largos do Rosário, de São Bento, de São Francisco e da Misericórdia; além dos pátios do Colégio e da Sé. Foi republicado pelo jornalista Lellis Vieira²⁷, o primeiro censo proporcionado pelo governador em 1765 na capitania de São Paulo. Contava a

²³ Desenho “*por idea*” a época, era um desenho feito de memória, com alguns traços feitos no local de observação e terminado no estúdio. BUENO, 2011. REIS FILHO, 2000; 2004, p.235.

²⁴ ARROYO, 1966, p.176.

²⁵ LEMOS, p. 160. Em: PORTA, 2004.

²⁶ Restabelecida a Capitania de São Paulo em 1765 foi nomeado para governador, com título de capitão-general o Luís Antônio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado Mateus. Desde a lei de 1759 que extinguiu a Companhia de Jesus em Portugal e seus domínios, os seus bens foram confiscados à Coroa, e em decorrência disso o antigo Colégio dos Jesuítas passou a ser a sede dos governos militares no período colonial. PORTO, 1992, pp.25-26.

²⁷ Lellis Vieira (1880-1949), *Documentos Interessantes*, tomo 69. Em: TAUNAY, 1951, p.103.

cidade de São Paulo com 392 fogos e uma população de 1.516 almas, sendo 649 homens e 867 mulheres. Esta estatística se refere as pessoas livres.

Nesta administração, foi demarcado o rocio da meia légua. O largo da Sé era o centro, os pontos cardeais onde foram colocados os marcos eram: a leste, Penha; a norte, Santana; a sul, Ipiranga; e a oeste Pinheiros²⁸.

O governador Cunha Menezes, em 1782, “*empenhou-se em promover o calçamento das ruas da cidade*”; e “*mandou abrir uma rua do canto da torre de São Bento até o convento da Luz*”. Era o caminho para o Guaré. Por atravessar a chácara do Procurador da Coroa Miguel Carlos Ayres de Carvalho, foi batizada Rua Miguel Carlos, também conhecida como Rua Nova de São Bento; depois se tornou a Rua da Constituição e é a atual Rua Florêncio de Abreu. Nesta gestão ainda foi retificado o leito do rio Tamanduateí e aterrada a várzea do Carmo conectando-se o centro com o incipiente bairro do Brás²⁹.

Durante o Governo do Marechal Jose Raimundo Chichorro da Gama Lobo, entre 1786 e 1787 foram abertas novas sendas. A abertura de uma via paralela a Rua São Bento, entre esta e o Vale do Anhangabaú, foi denominada Rua Nova São José (atual Líbero Badaró). Uma travessa entre essas duas ruas chamada Beco da Lapa.

Sobre o ribeirão do Anhangabaú, a ponte do Acu³⁰, em 1786, foi reedificada em pedra com aterrado nas cabeceiras. Esta construção foi generosidade do governador: “*despendendo nesta obra bastante dinheiro seu, por ver que a Câmara da cidade não podia com toda a despesa*”³¹. Ficou conhecida também como Ponte do Marechal, em sua homenagem. Começando depois da Ponte do Acu ou do Marechal, em 1786/88, foi aberta a Rua São João³².

Em 1788, assume a administração o Governador Bernardo Lorena, futuro Conde de Sarzedas. Dentre as suas contribuições para a cidade estiveram: a construção do chafariz da Misericórdia, para o abastecimento de água; a continuidade do calçamento das ruas; a construção da ponte sobre o Anhangabaú, conectando as ladeiras do Ouvidor e São Francisco com o Piques, que foi batizada como Ponte do

²⁸ PORTO, 1992, p.27.

²⁹ PORTO, 1992, p.29.

³⁰ Acu é abreviação de Yacuba (significa água venenosa; PORTO, 1992, p.30), nome do fio d’água que nascia na confluência da rua do Seminário (hoje Brigadeiro Tobias) com a ladeira de Santa Efigênia. PORTO, 1996, p.178.

³¹ TAUNAY, 1953, p.129.

³² REIS FILHO, 2004, p. 68 e 234.

Lorena; “o levantamento da primeira planta urbana”³³, com o primeiro plano para a cidade, o chamado “Um Plano para Guiar a Cidade e seu Crescimento”³⁴.

Será adotada neste trabalho como primeira base cartográfica, pela sua legibilidade da formação do tecido urbano paulistano, a planta que após minucioso estudo acredita-se ser de 1765/1774³⁵, de autoria atribuída ao engenheiro militar José Custódio de Sá e Faria, denominada como “*Planta da Restauração da Capitania*” ou “*Planta da Imperial Cidade de São Paulo*”. Observa-se que na leitura da *Planta da Restauração* citada, não constam as ruas abertas que foram citadas, assim como faltam as duas pontes: a do Marechal e a do Lorena, ambas atravessando o Ribeirão do Anhangabaú.

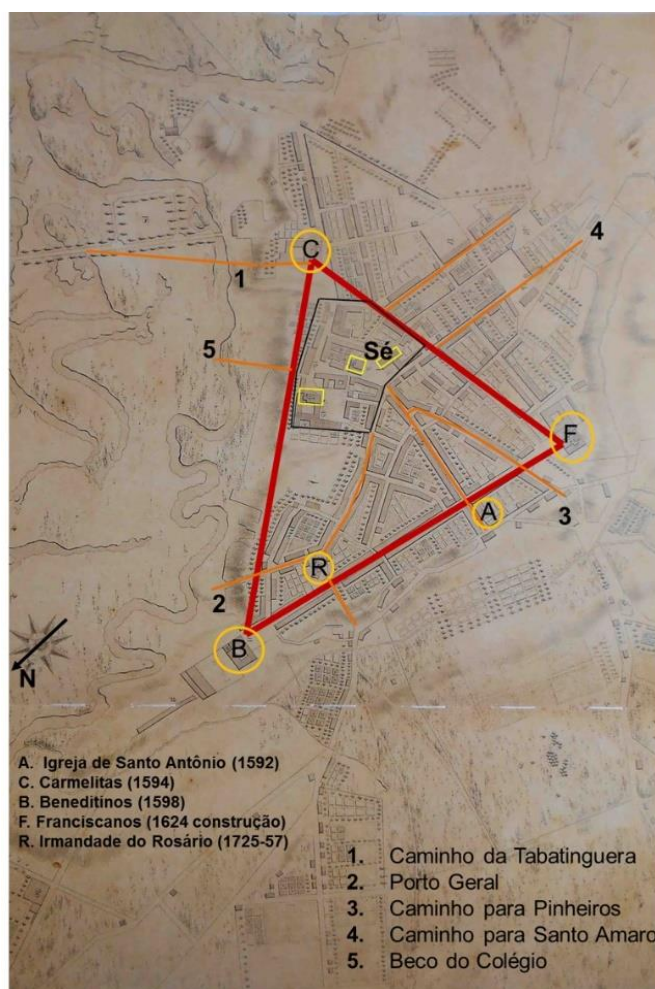


Imagem 8: *Planta da Restauração*, c.1765-1774. Fonte: Arquivo Histórico Militar, Rio de Janeiro. Em: REIS FILHO. 2004. p.66-67.

³³ TAUNAY, 1953, p.130

³⁴ Os desenhos não foram localizados. PORTO, 1992, p.30.

³⁵ REIS FILHO, 2004, p.234-235.

Nesta base cartográfica assinalamos a hipótese do professor Nestor Goulart Reis Filho, em preto está o suposto muro, do primeiro sítio da ocupação da vila, com o Pátio do Colégio e o Largo da Sé. Em laranja destacam-se os cinco caminhos das “saídas” da primitiva ocupação da Vila Piratininga: 1. Caminho da Tabatinguera, nome que significa em tupi, local onde se encontrava tabatinga ou argila; 2. Porto Geral; 3. Caminho para Pinheiros; 4. Caminho para Santo Amaro; 5. Beco do Pinto. A várzea do rio sinuoso por onde começam três caminhos (1, 2, e 5), é o Tamandateí. O caminho 3 está na várzea do Anhangabaú, na altura de onde seria a Ponte do Lorena.

Continuando a leitura desta base, apenas indicado sem número é a Ladeira do Acu, partindo do Largo do Rosário (indicado com a letra R) onde termina o traço laranja, seria a ponte do Marechal. Com a letra C, está o convento das carmelitas; com a letra B o mosteiro dos beneditinos; com a letra F o convento dos franciscanos; essas ordens religiosas estão nos vértices do denominado triângulo histórico. Entre os franciscanos e os beneditinos, paralela à várzea do ribeirão Anhangabaú, mas na colina está a rua São Bento. Neste desenho lêem-se os seis becos que partem desta via em direção ao ribeirão: das ladeiras de São Francisco, do ouvidor; da rua Direita, passando em frente da igreja de Santo Antônio; o futuro Beco da Lapa, a do Acu, e a que sai do Largo São Bento. A trilha que conecta as ladeiras na várzea também é bem clara. Aparece o estreito leito do ribeirão e na outra margem a hachura indica plantações.

O ponto de encontro das ladeiras na trilha tortuosa na várzea do ribeirão do Anhangabaú, antes de atravessá-lo era conhecido como Beco do Sapo. Deste ponto é onde havia a singela ponte do Acu. Após atravessar esta ponte, à esquerda havia a rua do Seminário, sentido bairro de Santa Ifigênia e o denominado caminho do Guará ou Guarepe, direção do bairro da Luz. Ambos permitiam o acesso a norte do sítio jesuítico, (atuais ruas do Seminário e Brigadeiro Tobias).

Esse traçado foi abandonado depois da reconstrução da Ponte do Marechal, que teve um grande aterro, ficando o Beco do Sapo com suas casas em nível bem inferior; e da abertura da rua São João. No desenho a lápis feito por Willian John Burchell, de 1827, com a vista da Vila de Piratininga em 1827, a partir da Ponte do Marechal para a colina, é possível ver no final da ponte o local onde fora o Beco do Sapo. Mais adiante, logo após a ladeira, observa-se a torre da igreja do Rosário, e à esquerda há outra torre, do mosteiro dos beneditinos.

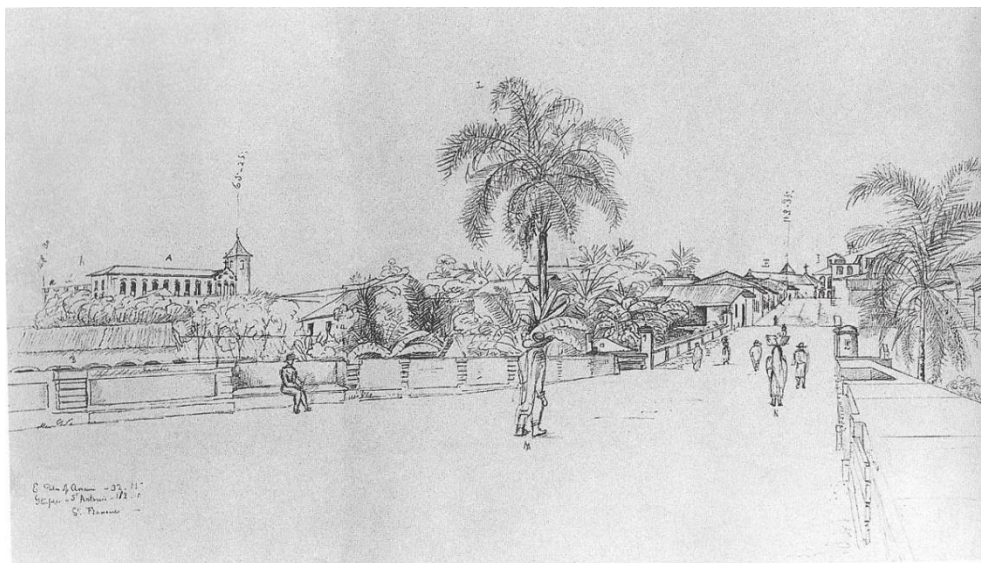


Imagem 9: Vista da Ponte do Marechal (antiga Ponte do Acu), sobre o rio Anhangabaú, aos fundos o campanário da Igreja do Rosário e à esquerda o Mosteiro de São Bento. Desenho à lápis, 1827, de Willian John Burchell³⁶. Em: Instituto Moreira Salles. São Paulo e suas imagens. p. 54.

O arquiteto Benedito Lima de Toledo considerou o núcleo central da cidade, o “triângulo”³⁷, a área “para dentro das pontes”, destaca palavras de Saint-Hilaire: “Existem em São Paulo três pontes principais, duas sobre o Hinhangabahú, e a terceira sobre o Tamandatahy. São construídas de pedra, muito pequenas, de um só arco, que mereciam ser apenas notadas em outro país que não fosse o Brasil; mas até o fim de 1819 eu não tinha visto, no interior do Brasil, qualquer outra construída com mais do que essas de São Paulo. A de Tamandatahy, denominada ponte do Ferrão – tem cerca de 37 passos de extensão, sobre 7 e largura, e possui parapeitos, com bancos de pedra. A ponte de Lorena, sobre o Hinhangabahú, terá 12 passos de largura por 25 de extensão; é quase plana, com parapeitos sem ornamentos. É essa ponte que estabelece comunicação entre a cidade e os caminhos que demandam Sorocaba e Jundiáí. A mais linda das três é a pela qual se vai da cidade propriamente dita ao bairro de Santa Ifigênia; tem cerca de 150 passos de extensão e dezesseis de largura; a metade da mesma que se encontra mais próxima da cidade estende-se em declive, a outra metade é quase plana; os parapeitos não deixam de ter certa elegância”³⁸.

O Ribeirão do Anhangabaú teve o nível de água elevado decorrente: “No dia 1º de janeiro de 1850 caiu a copiosíssima chuva, desde 5 horas da tarde até 11 da noite,

³⁶ Segundo Pedro Corrêa Lago, este desenho é de Willian John Burchell, mas uma cópia foi feita e cedida a Charles Landseer. LAGO, 2003, p.106 e 114.

³⁷ O denominado “triângulo” histórico é formado nos seus vértices pelas igrejas e conventos das ordens religiosas: Carmelitas, Beneditinos e Franciscanos.

³⁸ TOLEDO, 1981. p. 34.

que causou transbordamento dos tanques do Bexiga e Reúno³⁹, inundou muitas casas, destruiu 15 e danificou bastante 12, além da queda da ponte do Marechal, no final da Ladeira do Acu, faleceram três pessoas e muito foram os prejuízos públicos e particulares, descreveu Antonio Egydio de Martins⁴⁰. A reconstrução da ponte foi uma importante obra pública, executada em 1851-1853, com abóboda de alvenaria de tijolos, “a experiência até então mais ambiciosa do emprego da técnica da tijoleira”, segundo Eudes Campos⁴¹. Enquanto isso, os jornais publicavam críticas expressando opiniões contraditórias da sociedade paulistana, como:

“Havia no Ací [sic] uma belíssima ponte do tempo dos Aracatyts, de pedra de cantaria, garbosa, elegantemente construída, uma verdadeira obra d’arte.

*A inundação de 1850 levou essa ponte, e o progresso material construiu no lugar uma massa bruta, pezada, informe, irregular, brutal, estúpida, que faria vergonha ao mais ordinário pedreiro” (sic)*⁴².

A cidade ainda mantinha o casario com o costume de fazer as fundações sobre terra socada, o que acarretou inúmeros desabamentos, então, passou-se a adotar alicerces de pedra ou tijolo. Nas paredes de vedação interna, principalmente nas casas com mais de um pavimento, era comum o emprego de taipa de mão ou pau-a-pique. Observou Carlos Lemos que: “Nesse período obscuro da vida paulistana, de poucos recursos, raras construções e muito lamento, a arquitetura do casario não sofreu mudança alguma, continuando na mesmice dos grandes panos de taipa de pilão, furados de vez em quando por pequenas janelas e baixas portas de vergas sempre retas”⁴³.

Ernani Silva Bruno⁴⁴ nos relata: “Após a enchente, o engenheiro G. Wyzewski dirigiu ao poder municipal um ofício sugerindo o modo por que deviam ser edificadas as casas de maneira a se vencer ‘todo e qualquer contraste das águas pluviais’. Esse ofício dizia que na execução da taipa se tivesse mais cuidado; que

³⁹ Na nota escrita por Byron Gaspar, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, esclarece sobre os “tanques do Bexiga e Reúno”, “Reúno” era a antiga denominação do Tanque do Bexiga, cuja localização era nas proximidades do atual Viaduto Major Quedinho. O tanque tinha 11 metros de extensão, 3 de largura e 5,5 de profundidade, era formado pelas nascentes circundantes e as águas do Riacho Saracura. Foi dessecado e aterrado na primeira década do século XX, hoje é por onde passa a Avenida 23 de Maio.

⁴⁰ MARTINS, 2003. p.137-138.

⁴¹ CAMPOS, 1997. p.30.

⁴² Os melhoramentos materiais. O Doze de Maio. São Paulo, 8 de junho de 1863. p.3 e 4. In: CAMPOS, 1997. p.35.

⁴³ LEMOS, p. 161. Em: PORTA, 2004.

⁴⁴ BRUNO, 1954, p.474.

seu uso fosse reservado apenas para os muros dos cercados; e que se fosse empregado em casas, estas deveriam ter alicerces de alvenaria com tijolos ou pedras que chegassem ‘até o terreno vivo, e feitos conforme os preceitos da arte’; finalmente se a casa fosse de sobrado, o pavimento térreo se construísse de tijolos ou de pedra e cal. Essa sugestão, que visava a transformação dos métodos de construção e dos materiais usados tradicionalmente na cidade, partia provavelmente de um estrangeiro”.

Na várzea do Tamanduateí, foi construído o Mercado Municipal em 1860, na Rua Baixa de São Bento (atual rua 25 de Março). Enquanto, na várzea do Rio Anhangabaú foi aberta a Rua Formosa em 1865, fazendo limite com a Chácara do Barão de Itapetininga, conhecida pelas plantações de chá⁴⁵. Aleatoriamente as ruas eram abertas, edificações foram erguidas, pontes foram construídas e reconstruídas, e assim, foi o estabelecimento do povoado, depois vila e cidade de origem portuguesa sobre as terras indígenas.

Considerando as duas vertentes de morfologia urbana propostas pelo professor português Manuel C. Teixeira: uma menos regular, conhecida como vernácula, orgânica ou não planejada, caracterizada pela prevalência dos fatores civilizacionais, sem recursos técnicos especializados, com adaptação as características físicas do local de implantação. Nesta vertente, as ruas são os principais elementos estruturadores da cidade, que se implantam sobre as curvas de nível natural do terreno; os edifícios principais se localizam em pontos dominantes, como referência para a organização da cidade. A outra vertente possui morfologia mais regular, com padrões geométricos, na qual prevalecem fatores culturais, e é denominada de erudita ou planejada. Para as cidades de origem portuguesa, as duas vertentes se encontram articuladas⁴⁶; observamos isso explicitamente na ocupação do território, na formação urbana primitiva da cidade de São Paulo.

Uma análise sobre o desenvolvimento de São Paulo, em 1935, foi feita por Lucila Herrmann⁴⁷ sob o foco: *“Eixos centrais do desenvolvimento da vila colonial, suas expansões, as subseqüentes radiais, que consistiam em entradas e saídas para a circulação dos produtos (escoamento do ouro e tráfico do negro) e mobilidade das*

⁴⁵ TOLEDO, 1981, p.34.

⁴⁶ Sobre o desenho da cidade, a morfologia urbana portuguesa, incluindo algumas cidades brasileiras como Salvador, ver TEXEIRA, 2012.

⁴⁷ Desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café (1935), publicado em 1944 na Revista do Arquivo Municipal.

peças”. Ela também levanta a hipótese de cinco caminhos ou saídas da cidade, adotando a posição geográfica como referência:

NORDESTE: vale do Paraíba, sul de Minas e Rio de Janeiro;

NORTE: para os sertões do sul de Minas Gerais, via Sapucaí e Camanducaia, pela atual rua Florêncio de Abreu propiciando o aparecimento do futuro bairro da Luz;

NOROESTE: entradas para as minas de Goiás, através dos campos e cerrados de Campinas, pela rua São João Batista, saindo do Rosário dos Pretos;

SUDOESTE: a riqueza da pecuária dos campos de Sorocaba; atual Consolação;

SUL: do antigo caminho para o mar, trilha dos Tupiniquins, pelos brejos do Anhangabaú, do Lavapés, do Tamanduaté; caminho do mar pela atual Rua da Liberdade.

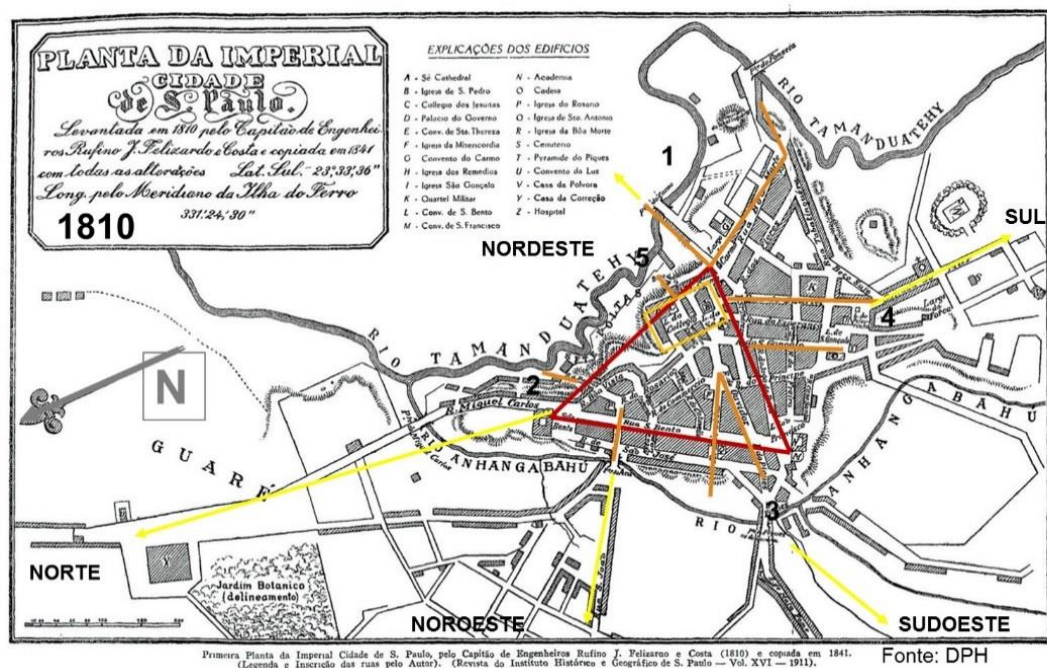


Imagem 10: *Planta da Imperial cidade de S. Paulo*, de 1810, assinalado em vermelho o “triângulo histórico”; em laranja os caminhos propostos por Reis Filho; e em amarelo os caminhos propostos por Herrmann. Fonte: Indicações feitas para estudo, pela autora, sobre base digitalizada do DPH.

Confrontando as hipóteses apontadas por Herrmann e Reis Filho podemos observar que ambos indicam cinco “saídas” da São Paulo de Piratininga, entretanto entre elas há uma notável diferença. Os caminhos 1 e 5 de Reis Filho, são para Herrmann a saída nordeste; o caminho 2 equivale à saída para o norte; o caminho 3 corresponde à saída sudoeste; o caminho 4 assemelha-se à saída sul. A diferença está no fato de que Herrmann considerou a saída para noroeste, ignorada por Reis Filho, a qual é justamente o objeto de estudo desta pesquisa: a Rua de

São João. Segundo Herrmann, esta saída se desenvolveu como consequência da economia cafeeira, depois da segunda metade do século XIX, como via de grande circulação para noroeste que propiciava o desenvolvimento da urbanização da cidade para essa direção.

Uma nova visão apresentada na década de 1950 para as saídas da cidade foi feita por Richard Morse⁴⁸: “...cinco estradas abriam-se em leque para o interior de São Paulo da seguinte maneira:

1) A nordeste, para o Rio de Janeiro, ao longo do Rio Paraíba. Neste vale, estreito e densamente povoado, nascia próspera a economia do café nos inícios do século XIX. Havia nele algumas saídas laterais – ao sul, para a costa, para a Serra do Mar, e ao norte, para Minas Gerais, pela Serra da Mantiqueira – mas o Rio de Janeiro e São Paulo, em duas extremidades, constituíam os escoadouros naturais.

2) Ao norte, para Minas Gerais, através de Atibaia e Bragança. Essa rota desenvolveu-se relativamente tarde, no período colonial, e teve apenas uma importância local.

3) A noroeste, via Jundiaí, para Campinas, a rival de São Paulo durante todo o século XIX, penetrando depois no império do café. Mais tarde, a estrada inglesa que partia de Santos seguiu esse eixo.

4) A oeste-noroeste, para Itu e Porto Feliz, de onde as Monções do século XVIII partiam pelo Tietê, em pirogas, em busca dos metais preciosos de Mato Grosso.

5) A oeste, para Sorocaba, e daí a sudoeste, para as províncias de gado...”

Observamos que ele considera saídas para oeste, e não elencou saída para o sul, em direção ao caminho do mar a partir de São Paulo.

A análise mais completa foi elaborada pelo arquiteto Carlos A. C. Lemos⁴⁹ que indica sete saídas: 1. Santos (sudeste); 2. Ibirapuera ou Santo Amaro (sul); 3. Aldeia de Pinheiros (sudoeste); 4. Nova para Jundiaí e Goiás, pela atual Avenida São João (oeste); 5. Campos do Guaré e Santana (norte); 6. Leste da cidade; 7. Mooca e Sudeste da cidade.

O arquiteto José Geraldo Simões Junior em sua pesquisa de doutorado abordou a mudança das portas da cidade de São Paulo em três momentos: a várzea do Carmo (leste), gênese da ocupação; com a instalação da ferrovia em 1867, a face se transfere para a região da Luz (norte); e decorrente da valorização e implantação do Parque do Anhangabaú, do Theatro Municipal, a face se voltou para a várzea do

⁴⁸ MORSE, 1970, p.42.

⁴⁹ LEMOS, Carlos A. C.; “Organização urbana e arquitetura em São Paulo dos tempos coloniais”. Texto publicado em PORTA, 2004, pp.174-177.

Anhangabaú (oeste). Houve uma inversão da frente e fundos da cidade: rio Tamandateí e ribeirão Anhangabaú.

Enfim, apesar das propostas aqui colocadas o assunto ainda não está esgotado. Os primitivos caminhos discutidos se confirmaram com o decorrer do tempo⁵⁰.

⁵⁰ Na atualidade as estradas saindo de São Paulo: Nordeste, Rodovia Presidente Dutra; Norte, Rodovia Fernão Dias; Noroeste, Rodovia Anhanguera; Sudoeste, Rodovia Regis Bittencourt; Sul, Rodovia Anchieta. Para mais profunda análise ver a pesquisa São Paulo Metrópole, MEYER; GROSTEIN; BIDERMAN, 2004.

1.2 Século XIX: a cartografia da Cidade Imperial.

A chegada da família Real⁵¹ ao Brasil em 1808, mudou os hábitos na colônia. Aportada em 1816 a Missão Artística Francesa, além de outras três expedições de viajantes que passaram por São Paulo⁵², produziu muitos registros iconográficos como desenhos, aquarelas documentando a fauna e flora, bem como paisagens do território. A partir de 1809, a Coroa passa a cobrar a “Décima Urbana”⁵³, o primeiro imposto predial estabelecido para as cidades brasileiras. Em 1822, deu-se a Independência e São Paulo tornou-se capital de uma província do Império. Pouco se alterou o tecido urbano da cidade até meados do século XIX. Foi o estabelecimento da Faculdade de Direito em 1827, no convento capuchino, que trouxe mudanças sociais e culturais. A implantação dos trilhos das ferrovias, e a circulação dos trens com mercadorias e passageiros despertaram a capital, e trouxeram transformações no desenho da cidade assim como na sociedade. O arquiteto Benedito Lima de Toledo descreve a cidade: *“Há um século a Imperial Cidade de São Paulo guardava ainda sua feição colonial. Todas as principais funções se concentravam num triângulo cujos vértices eram balizados pelos conventos de São Francisco, São Bento e Carmo. (...) Essa pequena colina triangular é quase plana, com altitudes variando de 750 a 760 metros, mas cercada por um forte desnível, cerca de 30 metros em relação aos cursos d’água que a delimitam. É uma acrópole que abrigou a cidade em seus três primeiros séculos de existência”*⁵⁴.

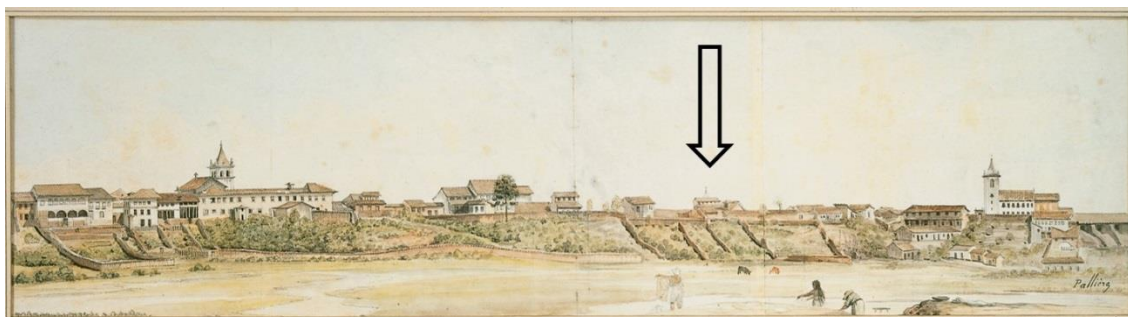


Imagem 11: Panorama da cidade de São Paulo, vista do Rio Tamanduateí, c. 1821-1822; de Arnaud Julien Pallière, aquarela sobre papel. Fonte: REIS FILHO, 2000. SP_01Bc; publicada em MOURA, 1998, p.158-159.

⁵¹ A família Real veio para o Brasil fugida das tropas Napoleônicas que invadiram Portugal.

⁵² Sobre as três expedições, ler “Até onde o olhar alcança”, de Carlos Eugênio Marcondes de Moura; em MOURA, 1998.

⁵³ Sobre a “Décima Urbana” a pesquisadora Beatriz Bueno, fez um minucioso estudo nas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro. BUENO, 2005.

⁵⁴ TOLEDO, 1981. p. 13.

A imagem (11) nos apresenta a paisagem vista da Várzea do Carmo acima feita por Arnaud Julien Pallière. À esquerda a torre da igreja do Colégio, e à direita o campanário da igreja dos beneditinos. Ao centro os fundos dos quintais da atual Rua Boa Vista e indicado a ponta da torre do campanário da Igreja do Rosário, onde se inicia a rua São João.

Por ocasião do IV centenário da cidade em 1954, foi reunido e publicado um conjunto de onze plantas da cidade de São Paulo do século XIX, que facilita o estudo da Rua São João, além de mostrar a sua relação com a formação urbana da cidade⁵⁵.

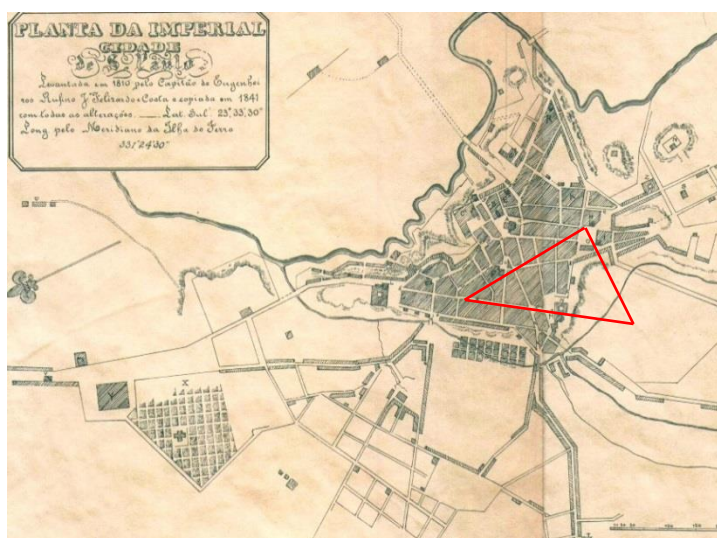


Imagem 12: Pormenor da *Planta da Imperial Cidade de São Paulo* levantada em 1810, pelo engenheiro Rufino José Felizardo e Costa e copiada em 1841. O triângulo em destaque é formado nos vértices pelas igrejas das três ordens religiosas: Beneditinos, Franciscanos e Carmelitas. FONTE: Publicação do IV Centenário.

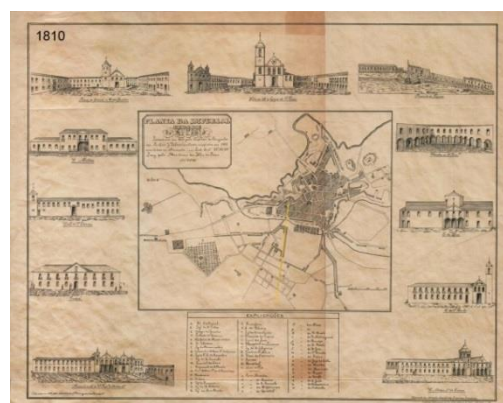
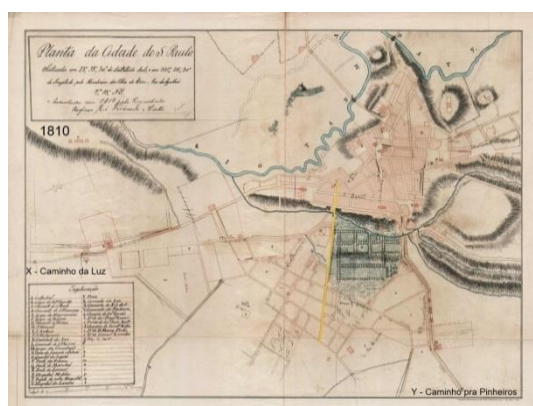


Imagem 13: 1810, *Planta da Cidade de São Paulo*, feita por Rufino José Felizardo e Costa.

Imagem 14: 1810, *Planta da Imperial Cidade de São Paulo*, feita por Rufino José Felizardo e Costa.

⁵⁵ Este conjunto de plantas publicadas na ocasião do IV centenário da cidade de São Paulo, foi estudado na pesquisa do mestrado sobre a Rua São Bento. SANTOS, 2008.

Nas plantas elaboradas por Rufino José Felizardo e Costa, em 1810, pode-se observar a ocupação do sítio primitivo entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú e seus afluentes: ribeirão do Iitororó (sob a Avenida 23 de Maio), córrego do Saracura (sob a Avenida 9 de Julho) e o córrego do Bexiga (sob as Ruas Humaitá e Japurá). A colina histórica está destacada segundo Aziz Nacib Ab'Saber “*por um rústico sistema de hachuras*”⁵⁶. As chácaras com plantação de Chá lindeiro ao Ribeirão Anhangabaú. Na segunda planta os principais edifícios civis e religiosos estão desenhados com a respectiva legenda e localização na planta.

Na aquarela (imagem 15) abaixo feita pelo artista Jean Baptiste Debret, em 1822, com vista a partir do Largo do Rosário para a ladeira e Rua de São João, observa-se a paisagem praticamente rural. Vê-se a ponte do Acu, e seguindo a Rua São João, no alto à direita destaca-se o sobrado do Comendador Luís Antônio de Souza Barros. A rua que se abre com casinhas a direita, do outro lado do Ribeirão Anhangabaú, é a Rua do Seminário. A esquerda, também do outro lado do Ribeirão Anhangabaú, vê-se a Chácara do Chá, de propriedade do Barão de Itapetininga. Os telhados sob a ladeira do Acu é o local que era conhecido como Beco do Sapo.

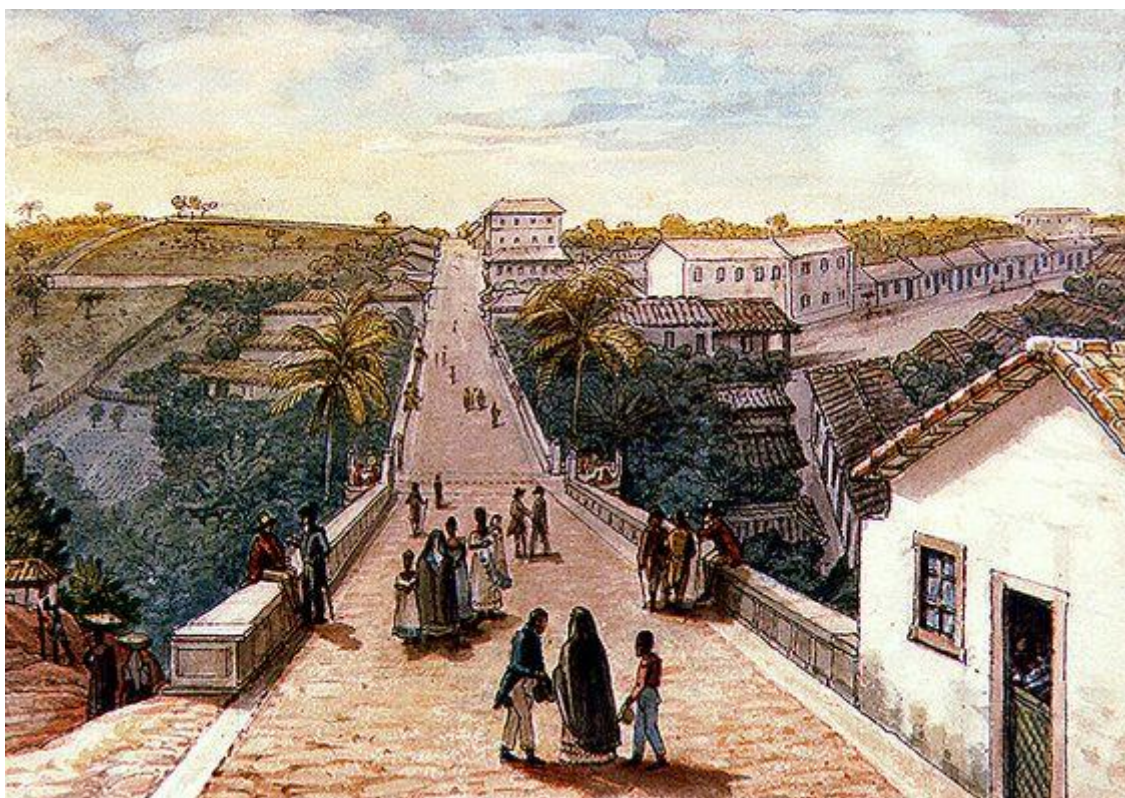


Imagem 15: Aquarela de Jean Baptiste Debret, feita em 1827, denominada “*Ponte de Santa Ifigênia, São Paulo*”. Porém retrata a ladeira e ponte do Acu vista do Largo do Rosário. Fonte: Coleção João Moreira Garcez.

⁵⁶ AB'SABER, 2004, p.120.

A chácara do Comendador Souza Barros, filho do Brigadeiro Luís Antônio, na Rua São João, pela iconografia (imagem 16) já existia em 1827. As chácaras seriam todas construídas de taipa de pilão, com características das casas rurais, com acabamento muito simples. A observação feita por Nestor Goulart Reis Filho resume com coerência: *“Um dos problemas mais graves para os habitantes da cidade, quando o número de seus moradores voltou a crescer, era o abastecimento domiciliar de água. As chácaras mencionadas tinham quase todas suas fontes privadas ou ficavam nas proximidades de bairros bem servidos. Morar em chácaras significava ter acesso a melhores condições de higiene. O segundo problema grave era o do transporte. Na época era feito em carros ou montarias individuais e, portanto, residir nas áreas centrais obrigava as pessoas de mais posses a alojar os animais em cocheiras, nos porões ou nos quintais de seus sobrados, o que acarretava uma série de inconvenientes. Os animais precisavam ser alimentados, de preferência com capim, sendo mais vantajoso e confortável morar em chácaras onde existissem os animais e carros que transportassem seus proprietários aos sobrados, do que depender da chegada desses trazidos por escravos ou empregados. As chácaras, bem como observou Naclério Homem (1996) tinham sempre suas áreas de pastagem, quer os proprietários nelas residissem ou não. Eram, portanto, uma forma de apoio técnico à circulação da população urbana. O terceiro problema das residências nas áreas já urbanizadas era a dificuldade de abastecimento com produtos de qualidade. As chácaras sempre ajudavam a garantir um suprimento adequado de alimentos”*⁵⁷.

Primeiras mudanças aconteceram no comportamento social após a decisão da Faculdade de Direito ser instalada no Mosteiro dos franciscanos. Segundo Ernani Silva Bruno: *“Foi a Academia de Direito que arrancou a capital da província do seu sono colonial”*. Muito pertinente a observação feita por Richard Morse: *“Os estudantes introduziram novas modas no vestuário. As caçadas, a natação, o flerte, as bebidas, as orgias, e o hábito de se reunirem para discussão e divertimento levaram a vida para as ruas, ao ar livre, criaram a necessidade de tavernas e livrarias, e inauguraram o sentimento da comunidade. E com esses, como com todos os estudantes, surgiu uma impetuosa e penetrante rajada de ceticismo:*

⁵⁷ Sobre este assunto ver páginas 88-91, REIS, 2004.

tradições, costumes, tabus, foram agudamente analisados pelos olhos da mocidade”⁵⁸.

Prosseguindo a análise sobre a cartografia do século XIX, duas plantas foram realizadas pelo engenheiro Carlos Abraão Bresser, uma datada de 1841, e a segunda com base em estudos é atribuída do período de 1841-47. As plantas são denominadas, respectivamente: a *Planta da Cidade de São Paulo*, e *Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios*⁵⁹. Ambas documentam a mancha da ocupação urbana com a presença do Jardim Botânico, posteriormente Jardim da Luz. A segunda delas, pode ser considerada a primeira planta cadastral realizada da cidade de São Paulo, pois apresenta os lotes com a projeção das edificações⁶⁰. Observa-se que a área do centro velho, considerando o triângulo formado nos vértices pelas três igrejas das ordens religiosas: beneditinos, carmelitas e franciscanos, já estava toda ocupada e bairros novos estavam sendo abertos, como a norte a região da Luz, e a Freguesia de Santa Iphigênia (sic.), a oeste a Consolação e a leste a Freguesia do *Braz* (sic.). No subúrbio da cidade aparece um pequeno trecho do Rio Tietê ao norte. No pormenor lêem-se os edifícios civis e religiosos destacados com nomenclatura indicativa. A Rua São João aparece pouco ocupada e pode-se ler Tanque do Zuniga, onde hoje é o Largo Paissandu.

A terceira foi elaborada pelo engenheiro militar José Jaques da Costa Ourique, em 1842, denominada *Carta da Capital de São Paulo*⁶¹. Ilustra com uma linha grossa o desenho de fortificações envolvendo o território ocupado. No canto esquerdo há uma observação sobre o desenho: “*Campos Bosques e Alagadiços do Rio Tiete e Tamanduatey*” (sic). Desta ocasião, 1839, foi feito um recenseamento para o Marechal Daniel Pedro Muller, na área do município havia 21.933 habitantes, sendo que 43% vivia na região urbana⁶².

⁵⁸ MORSE, Richard. In: BRUNO, 1954, p. 456.

⁵⁹ *Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios*, consta abaixo do título que foi feito por ordem do Exm^o Sr Prez^{te} o Marechal de Campo Manoel da Fonseca Lima e Silva.

⁶⁰ Planta adotada como cadastral na pesquisa de mestrado sobre a Rua São Bento. SANTOS, 2008. Também utilizada na pesquisa sobre a “Décima Urbana”, BUENO, 2005.

⁶¹ Lê-se junto ao título: *O Ex^{mo} Snr Barão de Caxias mandou executar pelo Engenheiro da Columna* (sic).

⁶² Revista do Arquivo Municipal 199, 1991, p. 25.

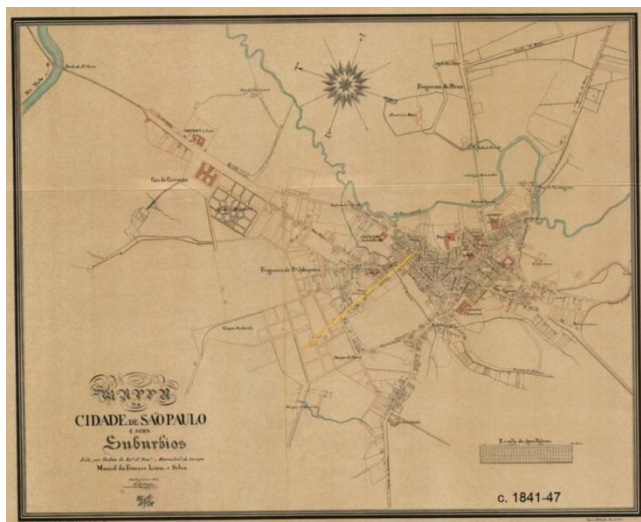
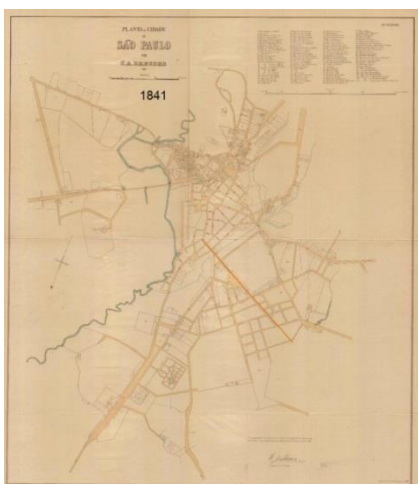


Imagem 16: 1841, *Planta da Cidade de São Paulo*, do engenheiro Carlos Abraão Bresser.

Imagem 17: *Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios*, atribuída 1841-47, feita pelo engenheiro Carlos Abraão Bresser.



Imagem 18: Pormenor do *Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios*, atribuída 1841-47, feita pelo engenheiro Carlos Abraão Bresser.



Imagem 19: 1842, *Carta da Capital de São Paulo*, do engenheiro militar José Jaques da Costa Ourique.

Em 1855 foi feito *Mapa da Imperial Cidade de São Paulo, levantada particularmente para as meus servisas (sic) geodésicos e hidráulicas*, de autoria de Carlos Rath. Este trabalho antecede a construção das ferrovias, realizado entre 1860 e 1867, com foco no abastecimento de água na cidade, por isso registra os cursos d'água com cotas. Nesta base, na direção sudoeste, aparece o primeiro cemitério da cidade, o Cemitério da Consolação.



Imagem 20: *Mapa da Imperial Cidade de São Paulo*, feita em 1855, por Carlos Rath.

Na *Planta da Cidade de São Paulo*, feita em 1868, também por Carlos Rath, é possível observar algumas mudanças na estrutura urbana como a presença do desenho do leito da ferrovia, *São Paulo Railway*, que conectava as cidades de Santos a Jundiaí e Campinas. Um trecho do Rio Tamanduateí já está retificado, e na várzea já aparece a Rua 25 de Março. Na margem do Anhangabaú onde havia as plantações de Chá, aparece pela primeira vez desenhado o traçado viário entre as ruas Formosa e Ypiranga (sic). Na legenda estão indicados os principais edifícios da cidade, com o número 50 está a Igreja do Rosário, ponto inicial da Rua São João. E o traçado desta rua já aparece se estendendo até a atual Rua General Osório.

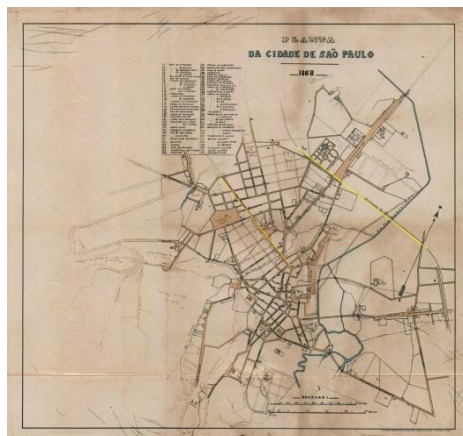


Imagem 21: *Planta da Cidade de São Paulo*; feita em 1868, por Carlos Rath.

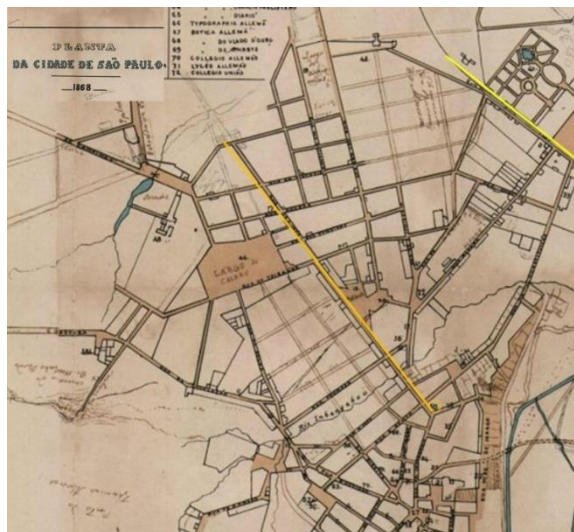


Imagem 22: Pormenor *Planta da Cidade de São Paulo*; feita em 1868, por Carlos Rath.

Foi o advento dos trilhos passando na cidade que realmente trouxe transformações físicas, sociais e econômicas. No campo da construção civil, o novo transporte permitiu que equipamentos e materiais importados como latrinas, colunas, escadas, cimento, etc. chegassem para ser comercializados na cidade. Foi o despertar da cidade pacata para o prenúncio da metrópole.

A primeira ferrovia fazia o percurso entre Santos e Jundiaí. Era a *São Paulo Railway*. Inaugurada em 1867, tinha como finalidade conectar o porto de Santos com o oeste paulista produtor agrícola, com destaque a agricultura cafeeira. No ano seguinte a Estação da Luz⁶³, em frente ao Jardim Público teve inaugurada a primeira sede. A Companhia Estrada de Ferro Sorocabana foi criada em 1870, e o primeiro trecho iniciou o transporte em 1875. Com trajeto muito diferente, a Estrada de Ferro Rio de Janeiro – São Paulo começou a funcionar em 1877.

Pertinente a análise feita por Carlos Eugênio Marcondes Moura:

“O trem era a velocidade, o barulho, a fumaça, a poluição no coração das cidades; trazia a informação, livros, jornais, revistas, companhias de teatro e de ópera, circos de fama, como o Chiarini, que no mesmo ano em que se inaugurou a estrada de ferro, armou toldo em pleno Largo São Bento, na capital paulistana, publicando nos jornais irresistível anúncio:

O circo é o passatempo mais agradável de todas as nações

O círculo é a última consolação dos hipocondríacos

⁶³ A Estação da Luz, sempre foi, e ainda é uma importante estação de passagem dos trens, não é estação final.

O círculo é o ideal das crianças, e a satisfação dos pais de família

O circo é onde vão as mais famosas senhoras de São Paulo

O círculo é o cúmulo das delícias terrestres

*O circo foi, é, e será o divertimento cosmopolitano*⁶⁴.

Por volta de 1870 a primeira linha de bonde urbano de tração animal, Luz – São Bento, passa a funcionar. No setor econômico, Diogo Paes de Barros inaugura na Rua Florêncio de Abreu a primeira fábrica de tecidos da cidade em 1872. A segunda indústria se instalou no Bom Retiro e era de propriedade de Luís Anhaia. A oligarquia cafeeira estava investindo na construção de fábricas. Como a Fábrica Santana, que produzia sacos de juta, pertencia ao Antônio Álvares Penteado. Para a fabricação de gelo e frigorífero foi criada por Joaquim Salles, a Companhia Antártica Paulista, no bairro da Água Branca. Posteriormente, foi adquirida por alemães e transformada em fábrica de cerveja. No mesmo bairro foi implantada a vidraria Santa Marina, de propriedade de Antônio Silva Prado e seu primo Elias Fausto Pacheco Jordão. É evidente que o capital inicial veio dos empresários paulistas, e alguns europeus, sobretudo alemães e italianos⁶⁵. Italianos como o primeiro Matarazzo (emigrado em 1882), que industrializou a banha de porco para uso culinário⁶⁶, e em 1890 instalou o moinho de trigo no bairro da Móoca, empregando cerca de setenta operários imigrantes⁶⁷. Ou como Rodolfo Crespi (emigrado em 1893) que industrializou o algodão para confecção de roupas. Ambos prosperaram.

A falência do Banco Mauá⁶⁸ em 1875 estimulou os capitalistas a investirem em empreendimentos imobiliários, como os novos loteamentos.

⁶⁴ MOURA, 1998, p.387.

⁶⁵ RICCA, 2003, p.77-78; BRUNO, 1954, p.1181.

⁶⁶ LEMOS, 1989, p.87.

⁶⁷ RICCA, 2003, p.146.

⁶⁸ MARTINS, 2003.

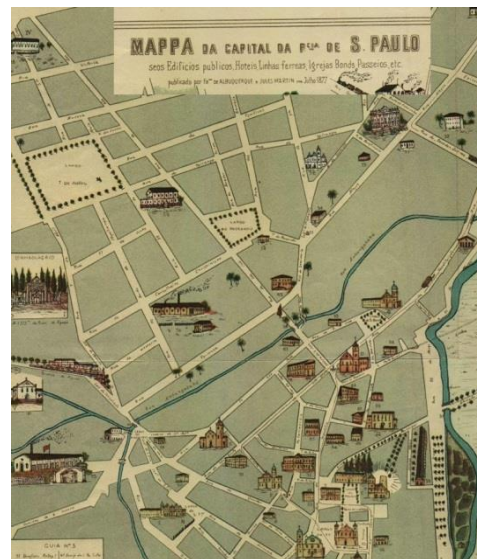
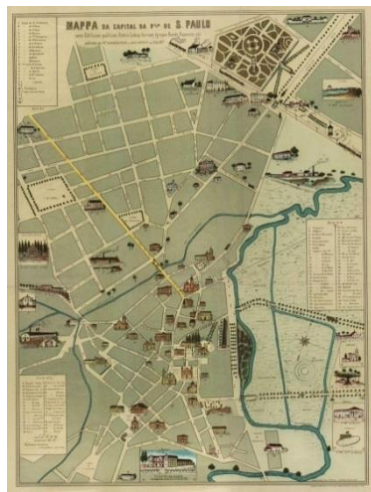


Imagem 23: *Mapa da Capital da província de São Paulo*, 1877, Jules Martin e Francisco de Albuquerque.

Imagem 24: Pormenor do *Mapa da Capital da província de São Paulo*, 1877, Jules Martin e Francisco de Albuquerque.

Feita pelo litógrafo Jules Martin e Francisco de Albuquerque, a base cartográfica: *Mappa da Capital da pcia. de São Paulo, seus Edifícios públicos, Hotéis, Linhas férreas, Igrejas, Bonds, Passeios, etc*, (sic), datada 1877, pode ser considerada um “guia turístico”⁶⁹ da cidade. Destacados estão os principais edifícios, dentre os quais hotéis, igrejas, etc. O *Hotel da Europa* situava-se na quadra lindeira ao Largo do Rosário. Na senda em questão numerado 80, com a letra D, a igreja do Rosário; a frente desta com número 8 o chafariz *7 de setembro*, data de sua inauguração em 1874; com indicação 63 a *Loja Piratininga* na margem do Rio Anhangabaú; número 36 a ponte do Acu; com número 45 o *Seminário da Glória*; indicado com 14 o chafariz do *Paysandú* (sic.); e já na rua do *Ypiranga* (sic.) o *Colégio Americano*, número 59.

Quanto ao percurso dos bondes de tração animal, transitam pela Rua São Bento e há uma linha que atravessa o Largo do Rosário em direção à rua de mesmo nome. Apresenta também indicação do início da arborização na cidade.

A última planta estudada da cidade ainda imperial foi elaborada em 1881. A Companhia Cantareira de Águas e Esgotos, tendo o engenheiro chefe Henry P. Joyner, preparou a base denominada *Planta da Cidade de São Paulo*, com a

⁶⁹ Conforme estudos realizados por Irineu Idoeta a escala desta planta é 1:3.500 não muito usual, porém atende a proposta de informações turísticas, com boa legenda e contribui para nossas pesquisas. IDOETA, 2004. Esta planta também está publicada no texto de Ricardo Gumbelton Daunt: *Diário da Princesa Isabel, excursão dos Condes d’Eu à Província de São Paulo em 1884*; em MOURA, 1998.

proposta de projetar a rede de abastecimento de água domiciliar. Pode-se adotar esta base como cadastral⁷⁰, pois no desenho aparecem os lotes com as edificações. Destacados em preto estão os edifícios públicos, igrejas e hospitais listados na legenda. A escala métrica e medições permitem concluir que esta base está na escala 1: 5.000.

A norte do centro aparece um meandro do Rio Tietê, e a indicação do aterrado da estrada para Santa Anna (sic.), a área do Campo da Luz indica o “Largo do Commercio da Luz” (sic.), próximo a Ponte Pequena, sentido centro os edifícios do Convento da Luz, Seminário Episcopal e a Casa de Correção (atualmente há apenas o muro com portão), além do desenho do Parque da Luz. Na rua Senador Florêncio de Abreu, que fazia a principal ligação do centro com a estação de trem, há indicado a fábrica de tecidos do Major Diogo de Barros. No dito “triângulo histórico” há indicado nessa planta o Teatro São José (onde hoje está a Catedral); e o Theatro Gymnasio (sic.) na rua Boa Vista, onde esta via foi estendida posteriormente.

A leste aparece a Estação do Norte da Estrada de Ferro Central do Brasil, a rua do Gasômetro, a rua do Braz, a Praça Concórdia, tudo com poucas edificações no entorno. No final da Ladeira da Tabatinguera, no encontro com a Rua do Hospício, uma ponte sobre o Rio Tamanduateí, que abre para duas vias tracejadas: a rua da Moóca e a rua do Conde D’Eu. Vê-se o desenho do leito do Ribeirão Lavapés.

Para a direção sul, esta base tem como limite o Largo e o começo da Rua da Liberdade. O Ribeirão Anhangabaú segue esta direção. Além destes aparece ainda os Ribeirões do Bexiga e Saracura.

A oeste, seguindo pela Rua da Consolação, o limite é o Reservatório de Distribuição. Já existia a Igreja da Consolação. A Rua São João aparece como um eixo a noroeste do centro, e termina na Rua de Dona Maria Thereza, um quarteirão adiante da Rua do General Ozório, e do Largo do Arouche. Algumas chácaras já aparecem loteadas como a do Arouche, e a do Barão de Itapetininga. Bairros como Bexiga, Santa Cecília, Bom Retiro, Canindé e Moóca ainda mantinham as características rurais; segundo a arquiteta Clara D’Alambert⁷¹, configurando ainda os “arredores da cidade” e não aparecem nesta base cartográfica.

⁷⁰ Segunda planta adotada como cadastral na pesquisa de mestrado sobre a Rua São Bento. SANTOS, 2008.

⁷¹ ALAMBERT, 1993, p.62.

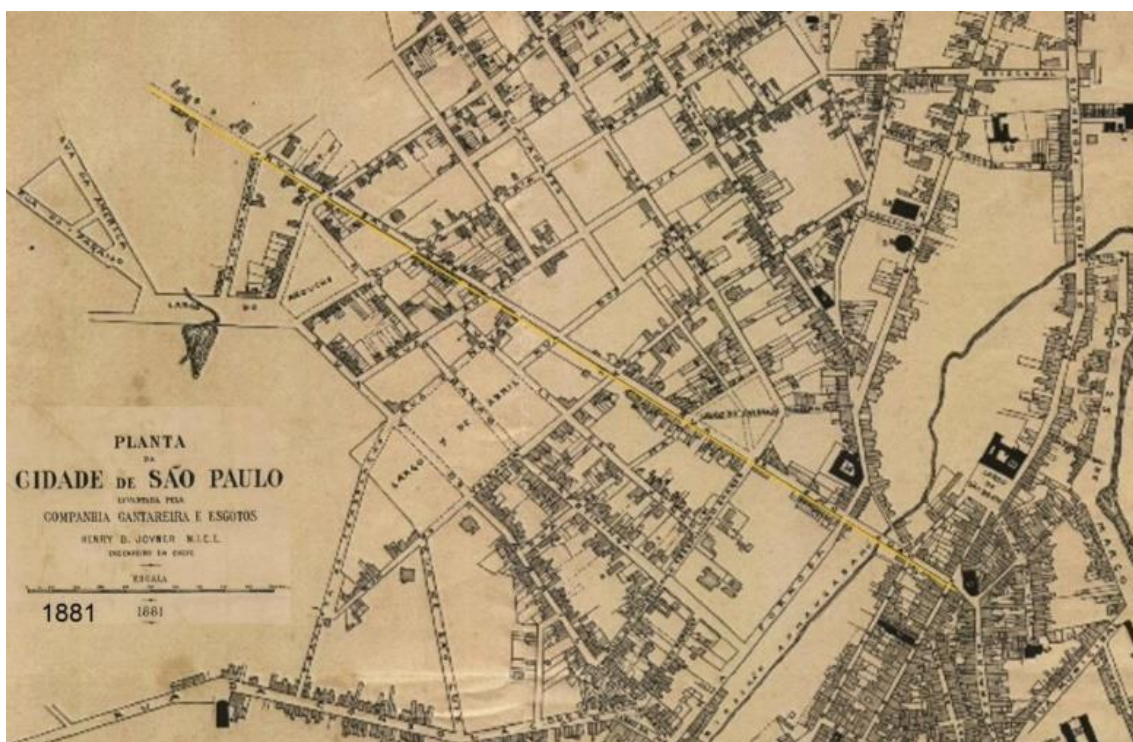


Imagem 25: *Planta da Cidade de São Paulo*, 1881, Companhia Cantareira e Esgotos.

Imagem 26: pormenor da *Planta da Cidade de São Paulo*, 1881, Companhia Cantareira e Esgotos.

Neste trabalho há uma informação que parece irrelevante, entretanto, é de suma importância para conhecer a história urbana. Trata-se da numeração das edificações, na cidade de São Paulo.

A primeira numeração dos imóveis ocorreu em 1886 e era sequencial. Vigorou até 1910, quando uma nova numeração também sequencial foi feita. Esta foi revisada em 1928, e somente na revisão de 1936 é que passou a vigorar a numeração métrica. Um caso é o imóvel construído em 1895, que persistiu às transformações urbanas na área de estudo: o Conservatório Dramático e Musical; hoje número 281, que pela equivalência era o número 97.

Além da cartografia que documenta a presença dos trilhos da ferrovia no desenho da cidade, há os registros iconográficos. Como as fotos realizadas por Militão de Azevedo em 1862 e depois em 1887; que nos mostra além dos trilhos dos bondes de tração animal no leito das vias, as tipologias construtivas das edificações na cidade. No último quartel do século XIX empresas de serviços públicos instalam-se na cidade como: a Companhia de Gás, 1872; a Companhia de Telégrafos Urbanos (telefônica), 1884; a Empresa Paulista de Eletricidade, 1888. A população da cidade, que em meados do século XIX era cerca de 30.000 moradores, chega a 1890 a 65 mil habitantes e no curto período de três anos dobra esta população, ou seja, em 1893 atinge 130.000 habitantes⁷².

Nesse ambiente com tantas transformações, às vésperas da abolição da escravidão e da proclamação da República, a cidade recebeu em novembro de 1884, a visita da herdeira da Coroa, Princesa Isabel, do Conde d'Eu e seus filhos. Ficaram hospedados no casarão do Conde de Três Rios, e conheceram estabelecimentos oficiais, religiosos, hospitais, associações beneficentes, colégios, teatros, instituições recreativas, além de passear no passeio público, o Jardim da Luz; e sair para pescaria com os meninos, num remanso, não muito distante da casa onde estavam hospedados. Por alguns dias, viajaram de trem pelo interior no roteiro de visitas; estiveram em Sorocaba, Ipanema, Capivari, Piracicaba, Itu, Salto do Tietê e antiga São Carlos, atual Campinas. Ao retornarem à capital, o Conde d'Eu estivera na Hospedaria dos Imigrantes, onde estes ficavam sem ônus por alguns dias, achou um local sujo e desconfortável, porém "*lá disseram que os*

⁷² LEMOS, 1999. p.15

*imigrantes se achavam muito satisfeitos de encontra-las, mas que raras vezes ficavam lá mais de uma noite, porque os fazendeiros logo os levavam*⁷³.

Até a metade do século XIX, a população era predominante de portugueses e seus descendentes no território que fora dos índios. Uma pequena parcela da população era de escravos africanos. A partir de 1850 movimentos pela abolição deflagraram pelo país. Em 1871 foi assinada a Lei do Ventre Livre⁷⁴. Franceses, alemães, holandeses, etc. imigravam aos poucos, alguns invadiram o país, participando da ocupação do território brasileiro. Após 1885 o Imperador D. Pedro II concedia reembolso das despesas de viagem para imigrantes italianos⁷⁵. O que foi “conveniente” para a Itália que após a segunda metade do século XIX, vivenciava uma forte crise econômica, culminando na unificação do país. Decorrente disso muitos italianos aportaram em Santos, subiram a serra de trem e estiveram na hospedaria dos imigrantes. Alguns ficaram na cidade de São Paulo, outros foram trabalhar nas fazendas do interior paulista onde prosperava com a lavoura de café. Poucos foram bem-sucedidos, como nos conta Warren Dean: *“fosse ou não Matarazzo típico do grupo imigrante, é evidente que sua geração dominou a indústria paulista até o princípio da década de 1930. Crespi, Siciliano, Pinotti, Gamba, Scarpa, Jafet e os demais haviam chegado ou dado seus primeiros passos na indústria no decênio que terminou em 1900”*⁷⁶.

Isso explica como a população cresceu⁷⁷ de modo tão desvairado no país, e indica que a imigração italiana fez toda a diferença na cidade e na província (hoje Estado) de São Paulo. As palavras de J. F. de Almeida Prado confirmam: *“As levas migratórias provenientes da recém-unificada península traziam consigo o lendário*

⁷³ Trecho de uma das cartas (p. 243). D. Isabel de Bragança, Condessa d’Eu, a herdeira do trono real. Dados que constam no *Diário da Princesa Isabel*, Excursão dos Condes d’Eu à Província de São Paulo, de Ricardo Gumbleton Daunt, em MOURA, 1998.

⁷⁴ Lei do Ventre Livre, tratava de todas crianças de mães escravas nascidas a partir da promulgação desta lei seriam livres.

⁷⁵ SALMONI; DEBENEDETTI, 2007, p.23

⁷⁶ DEAN, 1971.

⁷⁷ Fonte: <http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html>; acessado em 16-11-2016.

Nacionalidade	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22,778	6,698	33,859	29,339	61,723
Espanhóis	113,116	102,142	224,672	94,779	52,405
Italianos	510,533	537,784	196,521	86,320	70,177
Japoneses	NaN	NaN	11,868	20,398	110,191
Portugueses	170,621	155,542	384,672	201,252	233,650
Sírios e Turcos	96	7,124	45,803	20,400	20,400
Outros	66,524	42,820	109,222	51,493	164,586
Total	883,668	852,110	1,006,617	503,981	717,223

Sobre a imigração na cidade de São Paulo, Richard M. Morse, escreveu um capítulo: “Expansão econômica e imigrantes”, em Formação histórica de São Paulo. MORSE, 1970.

*‘capomastro’, fruto da velha cultura, o qual disseminou pela cidade edificações pela cidade no estilo pátrio trazido consigo na retina*⁷⁸.



Imagem 27: Vista da ladeira e Rua São João, à direita no alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros, c.1890. Fotografia Marc Ferrez⁷⁹. Fonte: IMS, p.74.

⁷⁸ Introdução escrita por J.F. de Almeida Prado, para o texto de DAUNT; em MOURA, 1998, p.231-232.

⁷⁹ Marc Ferrez, carioca nato em 1843, foi importante fotógrafo durante o século XIX e começo do XX. Faleceu no Rio de Janeiro em 1923. Ler em: <http://ims.com.br/ims/visite/exposicoes/marc-ferrez-mestre-da-fotografia-do-seculo-xix>.

1.3 Primeira República, de 1889 a 1930, e a cartografia.

Proclamada a República, a população⁸⁰ na cidade de São Paulo tinha 64.934 habitantes, em 1890; em 1900 passou a ter 239.820 habitantes; chegou a 1920 com 579.033 habitantes; e atingiu cerca de 950.000 habitantes, em 1930, o que causou problemas e novas demandas urbanas – lazer, cultura, ensino, áreas verdes, etc. –, até então desconhecidas, como o transporte coletivo e o saneamento.

A ocupação do núcleo primitivo foi iniciada pelo leste, ou seja, pelo Rio Tamandateí, o estabelecimento das ferrovias deu-se a norte. O lado oeste, voltado para o ribeirão do Anhangabaú era o “quintal dos fundos” da cidade. Segundo observação feita por Reis Filho sobre o início da República: *“Invertia-se, portanto, a polarização da cidade. O que havia sido a sua porta de entrada, local de habitação do governador e das famílias mais abastadas, na parte leste da colina, transformava-se agora em zona industrial. O lado oposto, que durante séculos foi considerado o quintal da cidade, o Vale do Anhangabaú, transformou-se no ponto central da cidade, no seu cartão de visitas, a partir do qual se tinha acesso, pela Avenida São João e pelos seus viadutos, aos bairros residenciais de alta renda”*⁸¹. Quebrar essa barreira viabilizou-se com a inauguração do Viaduto do Chá, em 1892. Conforme o arquiteto Hugo Segawa descreve:

“São Paulo no final do século XIX já assumia os ares da ‘Metrópole do Café’. Adormecida em seus três primeiros séculos de existência, a acanhada capital da Província despertou de sua sonolência colonial ao barulho do trem. A ferrovia anunciava o novo ritmo da cidade, e o tijolo, a nova maneira de construir.

⁸⁰ Fonte: IBGE, vários acessos 2013, 2014, 2015, 2016,

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/Brasil_tab_1_6.pdf:

Ano	Habitantes *IBGE
1872	31.385
1890	64.934
1900	239.820
1920	579.033
1940	1.326.261

⁸¹ REIS FILHO, 1994, p.46.

*Da substituição da taipa como sistema construtivo e a importação de materiais e técnicas, surge a nova cidade*⁸².

A decisão política da execução deste viaduto era adiada desde 1877, quando o litógrafo Jules Martin havia apresentado sua proposta à Câmara. Os proprietários dos imóveis a serem desapropriados eram, à margem da colina histórica, o Barão de Tatuí, e, do outro lado, o Barão de Itapetininga⁸³, que era o dono do Vale do Anhangabaú e a chácara do Chá. Após disputa judicial, com a movimentação política por “progresso”, somente em 1885 o projeto seria levado adiante. Foi realizado, pelo Engenheiro Bianchi, um levantamento da área da cabeceira do Viaduto do Chá, e, para as obras acontecerem, foram demolidas as casas de taipa de pilão. O engenheiro Adolpho Augusto Pinto, um dos primeiros moradores no bairro do Chá, escreveu: “... *trabalhei com empenho para a obra de ligação direta do bairro do Chá com o centro da cidade...*”⁸⁴. Em estrutura metálica o viaduto foi inaugurado em 1892.



Imagem 28: Vista da casa da Baronesa, foto tomada da Rua Direita, a ser demolida para abertura do Viaduto do Chá, 1862. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.

⁸² SEGAWA, 2000. p.21

⁸³ A Baronesa era viúva do Barão de Itapetininga e casou-se, segunda núpcias, com o Barão de Tatuí. CAMPOS, 2002, p.52.

⁸⁴ Sobre este engenheiro será abordado mais na Parte 3. PINTO, 1970, p.124.

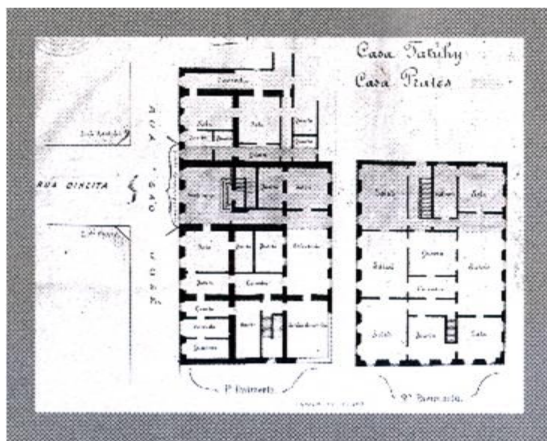


Imagem 29: No desenho acima, as plantas do primeiro e segundo pavimento, assinalado em um tom de cinza é a extensão da Rua Direita. Fonte: SEGAWA, 2000. p.14.

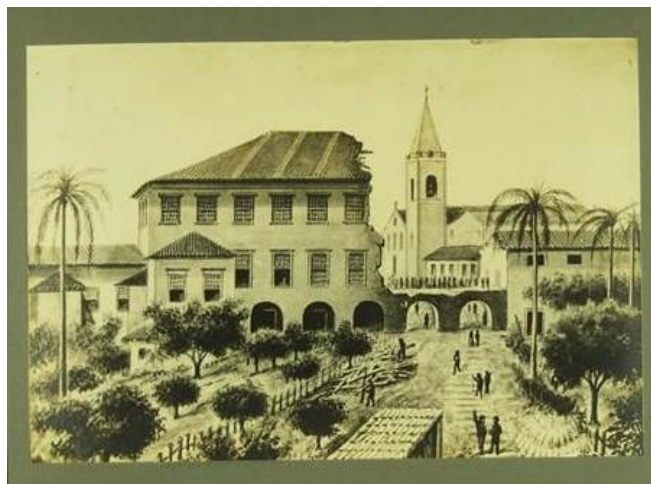


Imagem 30: Na imagem de 1888, observa-se parte da casa demolida, com a Igreja de Santo Antônio aos fundos, vista do Vale do Anhangabaú. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 31: Na imagem de 1888, observa-se parte da casa da Baronesa já demolida, com aos fundos do Vale do Anhangabaú. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.

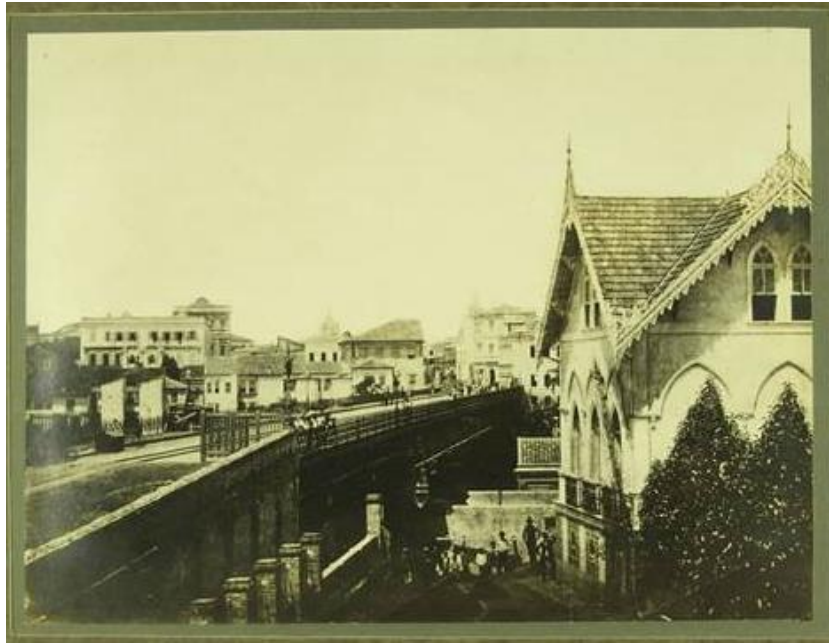


Imagem 32: Na imagem observa-se parte da casa da Baronesa demolida aos fundos. Viaduto do Chá em construção, em 1887. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 33: Dia da inauguração do Viaduto do Chá, em 1890. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 34: Vista do Viaduto do Chá em 1900. Foto Guilherme Gaensly. Fonte: Acervo BMA, 1900-1940, Cartões Postais.



Imagem 35: Vista do Viaduto do Chá em 1900. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.

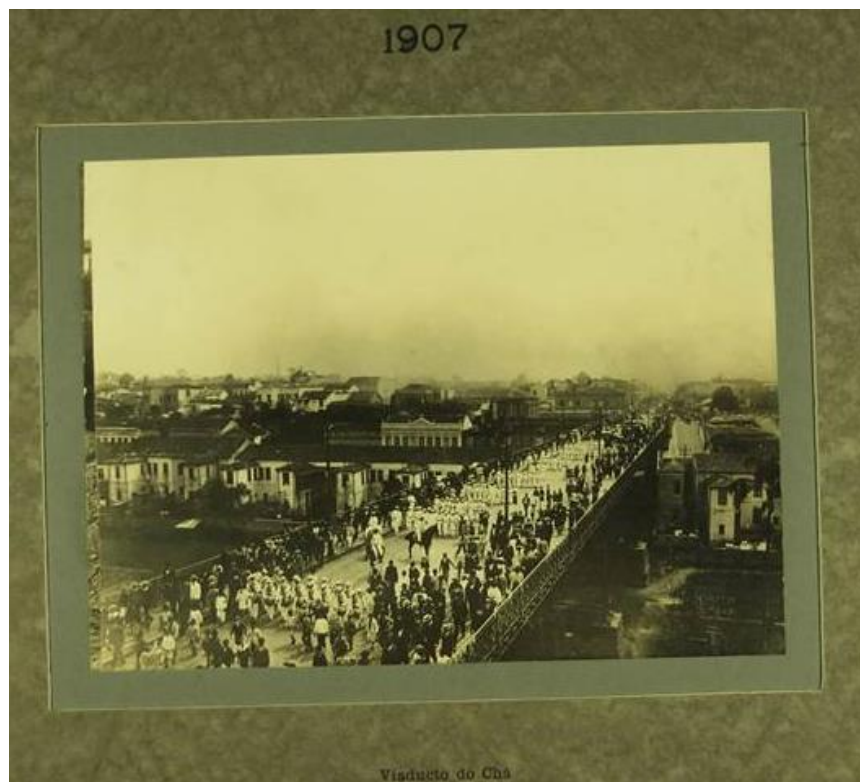


Imagem 36: Na imagem observa-se o Vale do Anhangabaú com o Viaduto do Chá em 1907. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 37: Na imagem observa-se a torre do campanário da Igreja de Santo Antônio aos fundos, na Rua Direita. Foto tomada da cabeceira do Viaduto do Chá, em 1916. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 38: Vista do Viaduto do chá, e Parque do Anhangabaú, tomada do Theatro Municipal em 1916. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 39: Vista do Viaduto do Chá em 1916, Parque do Anhangabaú em construção. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.

Nos primeiros anos da República a administração da cidade era feita por Intendências. No ano de 1898 a Câmara Municipal criou o cargo de prefeito municipal, separando o Poder Legislativo do Executivo⁸⁵. O primeiro prefeito da cidade foi Antônio Prado, do Partido Republicano Paulista (PRP). Sua administração se estendeu por seis mandatos consecutivos de 1898 a 1910. O que era a Intendência de Obras, tornou-se Diretoria de Obras⁸⁶ e contava com o trabalho dos engenheiros: Victor da Silva Freire (diretor), Eugênio Guilhem (vice-diretor), Joaquim Nébias, Luís Bianchi Bertoldi, Lucio Martins Rodrigues, Francisco Rodrigues, Ernesto Dias de Castro, João Ribeiro da Silva, Luis Pedrosa e Arthur Sabóia (auxiliar, pois ainda era estudante). Candido Malta Campos observou: “*Orientações racionalistas e progressistas, associadas à mentalidade dos engenheiros e seus programas de modernização, ganharam espaço na passagem para o período republicano*”⁸⁷.

Propostas urbanas foram discutidas nesse período, e intervenções foram realizadas como o ajardinamento do antigo Largo dos Curros sendo rebatizado como Praça da República. A ligação da rua São João entre os largos do Rosário e Paissandu melhorou, segundo o pensamento à ocasião. A Ponte do Marechal construída em 1820 desapareceu e o ribeirão do Anhangabaú foi coberto. A Companhia *Light* de eletricidade se estabelece na cidade em 1900, em 1901 implanta os Bondes Elétricos, e constrói as barragens da Billings em 1910. É a urbanização transformando a cidade.

As novas demandas da cidade passam a requerer novos edifícios, como a vida cultural, no final do século XIX. O teatro *Polytheama* e *Salão Bijou*, datam de 1892; o Teatro Santana (1899) é construído na Rua Boa Vista; dentre outros. A construção do Teatro Municipal começa em 1903 e é terminada somente em 1911 – enquanto no Rio de Janeiro, o Teatro Municipal tem sua construção iniciada em 1904 e é inaugurado em 1909, coroando a recém-aberta avenida Central. A ideia de “avenida central” já ecoava na Paulicéia, entretanto, sua viabilização era difícil tendo em vista a topografia da cidade e a falta de recursos⁸⁸.

Para o abastecimento de alimentos, a municipalidade inaugurou em 1890 o Mercado São João (vulgo Mercadinho)⁸⁹, no Vale do Anhangabaú. Entre 1920 e

⁸⁵ Sobre os organogramas da administração municipal desde o período colonial até 1954, ver a Revista do Arquivo Municipal, número 199; 1991.

⁸⁶ Ler maiores detalhes em CAMPOS, 2002, p.80-82.

⁸⁷ CAMPOS, 2002, p.57.

⁸⁸ Observação feita por Candido Malta Campos. CAMPOS, 2002, p.84.

⁸⁹ Sobre o Mercado São João será tratado mais adiante.

1930, foi iniciada a construção do grande mercado da Rua da Cantareira, o Mercado Municipal (conhecido como Mercadão) existente ainda hoje.

A cartografia revela a expansão da cidade. Do conjunto de plantas organizadas para o IV Centenário da Cidade, restam duas que foram elaboradas neste novo período. A planta elaborada em 1890, pelo litógrafo Jules Martin, por ter sido a primeira após a República, indica alteração no nome de alguns logradouros públicos, como o antigo Largo do Curros, agora renomeado como Praça da República.

Nesta base denominada *Planta da capital do Estado de S. Paulo e seus arrabaldes*, há indicação dos bairros Luz, Pary, Braz, Moóca, Cambucy, Glória, Liberdade, Bella Vista, Consolação, Santa Cecília, Campos Elyseos e Bom Retiro como envoltórios ao primeiro núcleo de ocupação, e limitadores da área urbana. A norte, aparece um meandro do Rio Tietê, e atravessando a ponte grande sobre este Rio, a Estrada de Bragança. Entre a Ponte Pequena e a Ponte Grande há indicado “aterrado de S^{ta} Anna”.

Consta o Viaduto do Chá, sobre o Ribeirão Anhangabahú, e está indicado tracejado o Viaduto Santa Efigênia. Apesar da construção ter sido iniciada apenas em 1906, “*grande viaduto, aterro ou aquilo que melhor convenha, que ligará o Largo de São Bento ao de Santa Efigênia, e ao mesmo tempo de uma linha de bondes a vapor ou por tração animal que irá servir o bairro mais florescente desta cidade, atravessando ruas importantíssimas e que até hoje não gozam desse confortável e cômodo melhoramento*” (Correio Paulistano, São Paulo, 13/outubro/1890)⁹⁰. Alguns edifícios destacados em preto nesta planta são igrejas, exceto o Mercado São João, na rua de mesmo nome. A Rua São João (linha assinalada em amarelo) estendia-se até a Alameda Nothmann neste desenho.

⁹⁰ SEGAWA, 2002. p.29

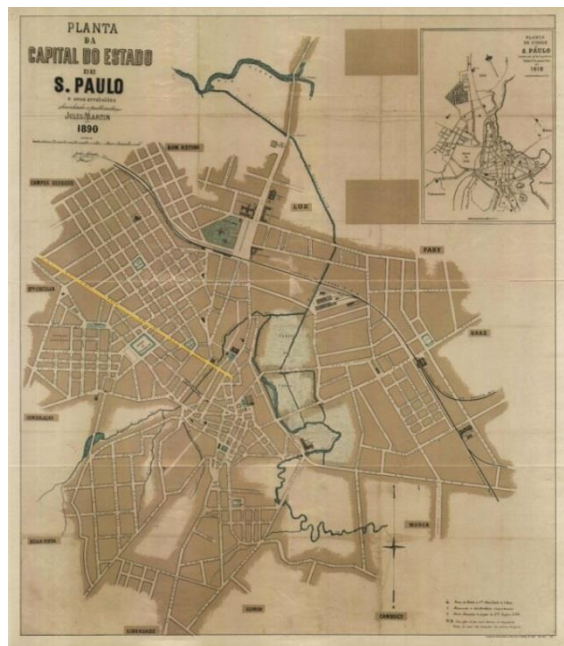


Imagem 40: *Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes*, 1890, Jules Martin.

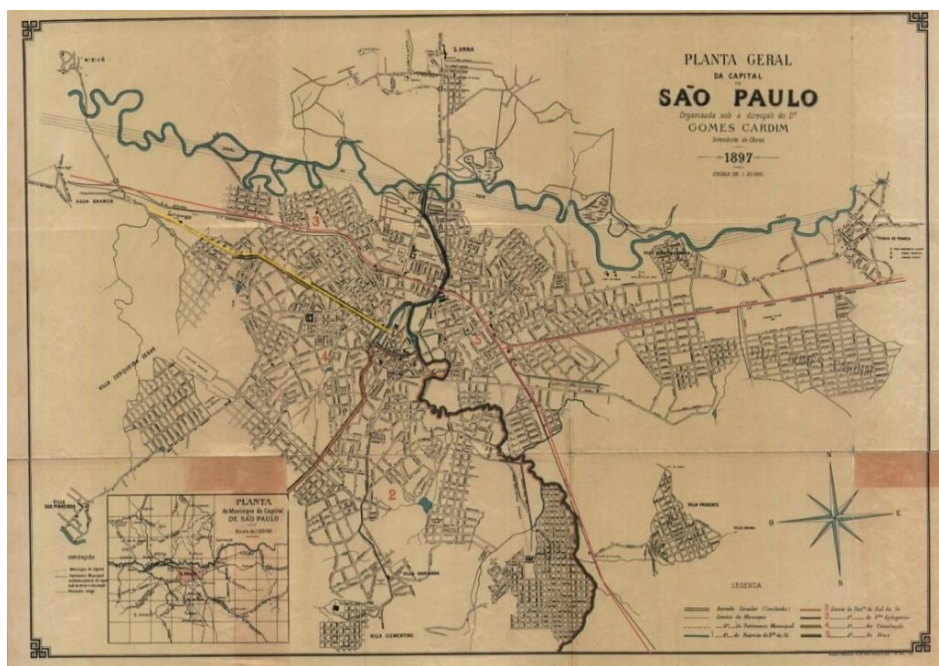


Imagem 41: *Planta Geral da Capital de São Paulo*, 1897, Gomes Cardim.

A planta elaborada por Gomes Cardim, em 1897, revela o crescimento da mancha urbana na cidade nos primeiros anos do novo regime político e administrativo no país. Denominada “*Planta Geral da Capital de São Paulo*”, na escala 1:20.000, apresenta o “cinturão de chácaras”⁹¹ loteado nos novos bairros. A leste, na margem do rio Tietê, aparece um pequeno núcleo chamado Penha da França (que depois

⁹¹ Sobre as chácaras loteadas ver mais em ALAMBERT, 1993, pp.61-62.

seguiu apenas com a denominação “Penha”), próximo à sexta parada da Estrada de Ferro Central do Brasil. Entre esta estação e a quinta parada, do outro lado da ferrovia aparece o novo loteamento denominado “Gomes Cardim”.

A sudeste os bairros Vila Prudente, e Ipiranga, com o Edifício do Monumento do Ipiranga, e em tracejado a avenida projetada que leva ao monumento. Para o sul aparece a Vila Mariana e, no limite do desenho, a Vila Clementino. Aparece a sudoeste, na colina, a Avenida Paulista e os primeiros arruamentos, dentre os quais o loteamento feito pelo engenheiro e empreendedor Joaquim Eugênio de Lima. A rua de Santo Amaro, terminava na Avenida Paulista e deste entroncamento partia a estrada do Caaguassu. Mais a oeste há a Avenida Rebouças que segue até a Villa dos Pinheiros, onde aparece desenhado um meandro do Rio Pinheiros. A oeste a Avenida Rebouças o loteamento Villa Cerqueira Cesar. O bairro de Higienópolis já está desenhado enquanto o bairro de Perdizes está apenas tracejado o traçado viário, e no futuro bairro do Pacaembu constam algumas ruas e o córrego. A Avenida Angélica aparece tracejada desde a Alameda Antônio Prado até a Rua Itatiaia. A rua São João estende-se nesta base até a Alameda Glette e Rua Martim Francisco.

Na faixa territorial entre a Rua São João e o leito do Rio Tietê, existe a linha da Estrada de Ferro Sorocabana, esta área estava toda loteada. Por fim, a norte, atravessando a ponte grande sobre o Rio Tietê, o pequeno núcleo de Santana aparece na planta, com a Rua Voluntários da Pátria, além da *tramway* da Cantareira, o colégio e Mosteiro de Sant’Anna (construído em taipa de pilão).



Imagem 42: Mosteiro de Sant’Anna, em 1910, observar a parede de taipa de pilão. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.



Imagem 43: *Mapa do Município da capital do Estado de São Paulo de acordo com a Lei Nº 771 de 1901 (sic.)*. Fonte: Acervo do DPH.

A escala das bases cartográficas passa a ser outra a partir de agora, pois a escala da cidade também mudou. Na base feita em 1901, denominada: “*Mapa do Município da capital do Estado de São Paulo*”⁹², aparecem os limites físicos do território da capital, e os municípios vizinhos, como Santo Amaro e São Bernardo ao sul. Enfatizada está a mancha urbana ocupada, com os eixos estruturadores da futura metrópole, as ferrovias e o leito dos rios. Em destaque, os núcleos dos “*Districtos de Paz*” como a sul: Villa Marianna (sic.); a leste: Penha, São Miguel; a norte: Sant’Anna (sic.); a noroeste: Nossa Senhora do Ó. A oeste está indicado V. Leopoldina e Pinheiros.

Com a construção da represa Guarapiranga em Santo Amaro, em 1907, os paulistas passaram a praticar o esporte da vela. Os primeiros clubes destinados a modalidades como o remo, natação e ginástica, foram fundados às margens dos Rios Pinheiros e Tietê: Regatas São Paulo, o Espéria, o Germânia (atual Esporte Clube Pinheiros), etc.

⁹² Lei Nº 771 de 1901.

Continuando a leitura da cartografia, uma planta atribuída a 1911, denominada *Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo*⁹³, foi editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estab. Graphico Weisflog Irmãos, em São Paulo.

No pormenor desta planta atribuída a 1911, observa-se uma linha vermelha com o percurso dos bondes, os lotes dos imóveis com numeração, e a representação dos edifícios principais. A igreja do Rosário encontra-se em novo endereço, no Largo do Paisandu (sic.), e no local está a Praça Antônio Prado, com o edifício Martinico. Aparecem, entre as Ruas do Seminário e Formosa, os edifícios do *Polytheama*, o *Salão Bijou*, o Mercado São João, no quarteirão seguinte o Conservatório Dramático e Musical. Quase na esquina com a Rua Dom José de Barros, em frente ao Largo do Paisandu (sic.), há um imóvel destacado, mas é ilegível a grafia. Na esquina com a Rua Ypiranga (sic.), enfatizada encontra-se a Escola Americana⁹⁴. Mais adiante entre as ruas General Ozório e Duque de Caxias aparece o *Grupo Escolar de São João* (sic), além de outros edifícios como o Theatro Municipal.

O percurso dos bondes nesta planta mostra-nos que esses transitavam pela Praça Antônio Prado, seguiam pela Rua São João com os cruzamentos das ruas São Bento e Libero Badaró, prosseguiram e faziam contorno na altura do Mercadinho (sic.), entram na Rua Dom José de Barros e seguindo pela Rua Barão de Itapetininga, contornavam a Praça da República e seguiam apenas cruzando a Rua de São João na altura da rua dos Timbiras e da Rua Aurora. A Alameda Barão de Limeira e a Rua Conselheiro Nébias ainda não estavam prolongadas.

⁹³ Esta planta utilizada na pesquisa pertence ao acervo do Museu Paulista/USP, coleção Aguirra. Sobre este acervo ler PIRES, 2003.

⁹⁴ Sobre a Escola Americana, Igreja do Rosário, no Largo do Rosário, a Praça Antônio Prado, o Edifício Martinico Prado; *Polytheama*, o *Salão Bijou*, e a nova Igreja do Rosário no Largo Paissandú falaremos mais adiante.

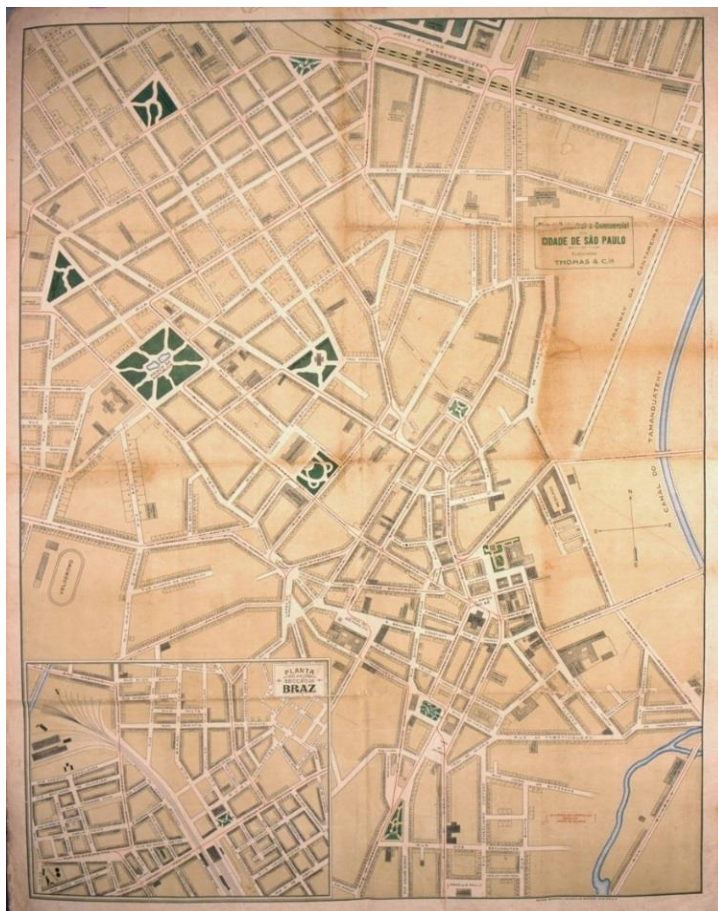


Imagem 44: *Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo*, atribuída a 1911, editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estab. Graphico Weissflog Irmãos, São Paulo. Fonte: Coleção Aguirra, Museu Paulista/USP.



Imagem 45: Pormenor da área de estudo na *Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo*, atribuída a 1911, editada por Thomas & Cia e Impressa no Estab. Gráfico Weissflog Irmãos. FONTE: Acervo do Museu Paulista.



Imagem 46: *Planta da cidade de São Paulo*, levantada pela Divisão Cadastral da 2ª. Secção da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal, edição provisória, 1916.

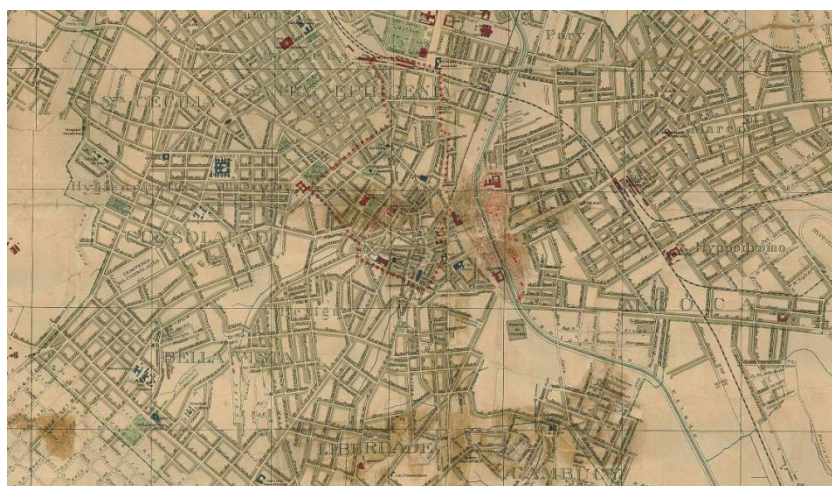


Imagem 47: Pormenor da *Planta da cidade de São Paulo*, levantada pela Divisão Cadastral da 2ª. Secção da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal, edição provisória, 1916.

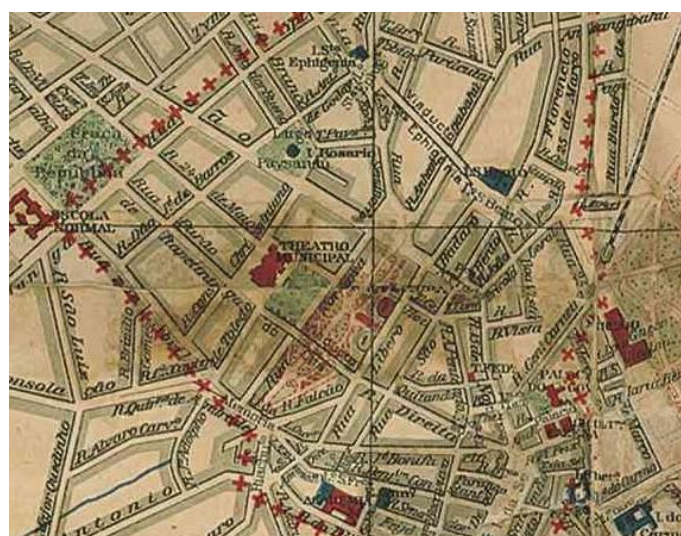


Imagem 48: Pormenor da *Planta da cidade de São Paulo*, levantada pela Divisão Cadastral da 2ª. Secção da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal, edição provisória, 1916.

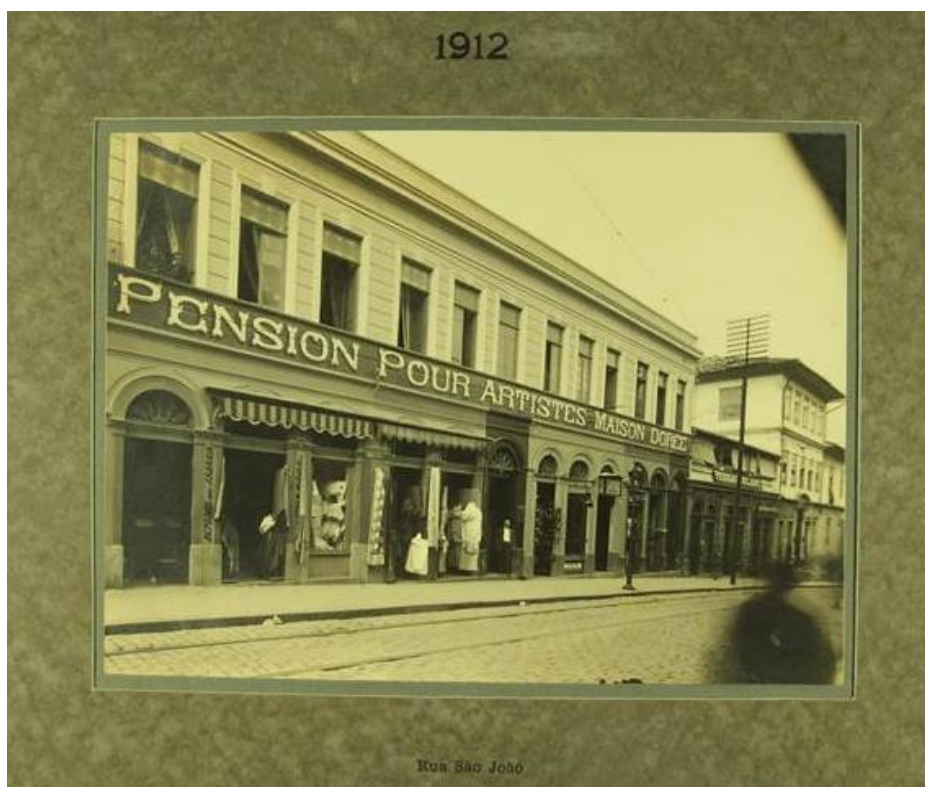


Imagem 49: Vista da Rua São João em 1912. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.



Imagem 50: Vista da Avenida São João em 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.

A Planta da Cidade de São Paulo, levantada pela Divisão Cadastral da 2ª. Secção da Directoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal, edição provisória, foi aprovada pelo Acto n. 972, de 24 de agosto de 1916, na escala 1: 20.000. Na legenda lê-se vermelho para edifícios públicos; azul para Igrejas, Capellas, Hospitales e Collegios, indicações dos limites: central, urbano, suburbano. Ruas com e sem construções, *Vallos* (sic.), Rios e córregos e Estradas de Ferro.

Os bairros no entorno da área central já estão mais consolidados, aparecem mais ruas com as edificações. A norte o bairro Santanna (sic.) com a nova penitenciária. Destacam-se a Estação da Luz, o Jardim da Luz, o *Gymnasio Seminario* (sic.), a Penitenciaria, a Escola Polytecnica, o Quartel e o Hospital Militar. Vizinho ao bairro da Luz, aparecem os bairros do Pary, e do Braz, indo a leste, o *hypodromo*, Móoca, Belenzinho, Tatuapé, Penha e Villa Gomes Cardim, acompanhando a Estrada de Ferro Central do Brasil sentido Rio de Janeiro. No sentido oposto há Bom Retiro, Barra Funda, Perdizes, Villa Pompeia, Água Branca, Lapa e na outra margem do Rio Tietê, o bairro da Nossa Senhora do Ó.

No extremo oeste encontra-se o bairro do Butantan, além de Pinheiros e Villa Cerqueira Cesar. O primeiro bairro jardins já está implantado – o traçado viário com representação das áreas já ajardinadas, mas ainda sem construções. O mesmo ocorre nos bairros Villa Clementino e Ypiranga. A Villa Marianna, apresenta mais ruas com construções, assim como a Aclimação e o Cambucy. Liberdade, Bella Vista, Bexiga, Consolação, Hygienópolis, Villa Buarque, Santa Cecília, Santa Ephigenia, Campos Elyzeos são os bairros mais centrais.

Na várzea do Tamanduateí, já existe o rio canalizado, e a Avenida do Estado, na altura da Rua da Móoca conta com uma edificação grande indicada como Fábrica de Tecidos, adiante do Quartel. O Palácio das Indústrias já consta no Parque D. Pedro II.

O *Viacduto Santa Ephigenia* (sic.) aparece concluído, ligando o Largo de mesmo nome ao Largo São Bento. O Vale do Anhangabau está representado o Parque proposto por Bouvard⁹⁵, com alguns dos palacetes construídos. A Rua São João ainda não está alargada, porém aparece a Praça Antônio Prado no começo da via, na altura da Rua Libero Badaró até o Anhangabaú, ainda existia o quarteirão do lado par da rua. A área do Mercadinho São Joao está vazia. Todavia é uma rua representada com construções, está destacado no Largo Paissandu a nova Igreja do Rosário.

⁹⁵ Sobre o Plano Bouvard, será abordado no capítulo da PARTE 3.



Imagem 51: Cartão Postal, c. 1922. Fonte: LEMOS, 2000, p.103.



Imagem 52: 1930, *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, executado pela empresa SARA BRASIL S/A, escala: 1:5.000; folha 51.

A base cartográfica realizada em 1930 é a última referência adotada neste trabalho. Em escala 1:5.000, a área em estudo encontra-se na folha 51. Na escala 1:2000, são duas folhas: folha 51/7 e folha 51/8. Nesta planta destacam-se alguns edifícios: a Igreja do Rosário, no Largo Paissandu; a Delegacia Fiscal; o Prédio dos Correios e Telégrafos; e na quadra onde situa-se o Conservatório (sem destaque), destacado está o Quartel General da 2ª. Região Militar. Além do Theatro Municipal.

A via de estudo pela primeira vez aparece desenhada com a largura da Avenida São João. Dentro do leito aparece o percurso do trilho dos bondes, que passava pela Avenida São João, a partir do cruzamento com a Rua Libero Badaró. Há o contorno na Praça do Correio, onde estava a escultura de Giuseppe Verdi, pois este é um entroncamento dos percursos vindos da Rua Anhangabaú, Rua do Seminário e Rua Formosa. Há uma saída para a Rua Conselheiro Crispiniano e outra no sentido contrário pela Rua Antônio de Godoy. O trajeto atravessa a Rua Ipiranga, e na bifurcação com a Rua Barão de Limeira, prolongada, na altura da Praça Júlio de Mesquita, e segue pelas duas vias.

Conforme pesquisa dos professores Maria Lucia Bressan Pinheiro e José Eduardo de Assis Lefèvre: *“a Avenida São João era apenas uma dentre várias elegantes artérias e logradouros centrais... Mas eram características exclusivas da São João a sua posição geográfica decididamente posicionada para oeste, e a largueza de suas dimensões, o que lhe dava uma grande importância viária na ligação com os bairros de Santa Cecília, Perdizes, Lapa e com as estradas para o interior do Estado, em direção a Jundiaí e Campinas. A medida que a rua São João foi sendo alargada e estendida, a nova avenida foi substituindo o antigo acesso à estrada de Campinas pelas ruas da Palha ou Sete de Abril, do Arouche, das Palmeiras. A avenida São João se consolidou a partir de então como a principal ligação com a zona oeste, concentrando a circulação de bondes, ônibus e automóveis particulares”*⁹⁶. Este estudo confirma a magnitude do alargamento da Rua São João.

⁹⁶ LEFÈVRE; PINHEIRO, 2002, p. 5.



Imagem 53: Pormenor da área de estudo na Planta SARA Brasil, 1930 *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, executado pela empresa SARA BRASIL S/A, pelo *methodo Nistri de aerofotogrametria de acordo com o contracto lavrado em virtude da Lei No. 3203 de 1928*, quando Prefeito o Dr. Dr. José Pires do Rio, sendo Director de Obras o engenheiro Arthur Saboya (sic). FONTE: Acervo do D.P.H. – Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo.



Imagem 54: Vista da Avenida São João em 1928, fotografado desconhecido. Fonte: IMS, p.150.

PARTE 2- Conhecendo os edifícios da Rua São João com base nos documentos.

Rua S. João⁹⁷

Uma das mais extensas de S. Paulo. Começa no largo do Rosário e termina na alameda Glette.

Tem cerca de dous quilômetros de extensão. É estreita, começando em ladeira, algum tanto íngreme, forma em seguida uma depressão, alteando-se pouco depois e prolongando-se dahi até o seu termo por uma superfície mais ou menos plana.

São-lhe transversaes as ruas Libero Badaró, Seminário, Formosa, Conselheiro Chrispiniano, largo de Paysandú, ruas Onze de Junho, Ipiranga, Timbyras, travessa Aurora, ruas Aurora, Victoria, General Osorio, Maria Thereza, Duque de Caxias, Helvetia e a alameda Glette.

⁹⁷ PINTO, 1979, p.235.



Imagem 55: Foto da Rua São João, em direção ao Largo do Paissandú, c. 1908. Fonte: BECHERINI, 2009, p.172.

Esta imagem feita pelo fotógrafo Aurélio Becherini⁹⁸ nos apresenta a Rua São João, cuja qual vamos conhecer nesta parte II um pouco sobre os edifícios nela implantados. A foto foi tomada na esquina com a Rua Líbero Badaró, olhando para o Vale do Anhangabaú, a parte baixa da Ladeira São João. A nossa direita o lado par, do outro lado do Vale, o sobrado que se destaca é da família Souza Barros; na altura onde está o bonde entrando à direita seria o local do Mercado São João. À esquerda, ou seja, do lado ímpar, a edificação alta na subida do outro lado do vale é o prédio do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Mais adiante estaria o Teatro Carlos Gomes e na esquina com a Rua Ypiranga a Escola Americana. Onde está o bonde subindo, em direção do fotografo, a edificação térrea com platibanda arrematada por um frontão em arco pleno é o Theatro Bijou, vizinho do Polytheama.

⁹⁸ FERNANDES Jr.; GARCIA; MARTINS, 2009.

2.1 Arquitetura, tipologias, técnicas construtivas, e o Código de Posturas da Cidade Imperial.

Este capítulo não tem pretensão de aprofundar nenhuma técnica construtiva, apenas elucidar as que foram adotadas e visa esclarecer um pouco sobre as tipologias que foram utilizadas na cidade de São Paulo. Desde a fundação da vila, a matéria prima existente em abundância era o barro dos rios, logo a técnica construtiva da taipa de pilão, de origem mourisca, foi muito utilizada pelos portugueses e espanhóis, conhecida como *pisé* pelos franceses e italianos foi adotada até meados do século XIX. Segundo o arquiteto Carlos Lemos: “Desde as obras da primeira igreja dos jesuítas, comandadas pelo Padre Afonso Brás, a taipa de pilão passou a ser a marca da ‘paulistaneidade’”⁹⁹.

A taipa de pilão¹⁰⁰ era executada sobre fundações de pedra, consiste em duas formas de madeira, com dimensões que variam em torno de 1,00 metro de altura por 3,00 a 4,00 de comprimento, colocadas paralelas com um vão que varia de 0,60 a 1,00 metro de largura, travadas com agulhas de madeira. O espaço entre os taipais é preenchido com o barro úmido até a altura de 20 centímetros, e depois é comprimido com o pilão. Quando seco os taipais são removidos e remontados de modo a dar continuidade na parede lateralmente. Após a primeira fiada pronta, prossegue para a segunda, e assim o pano da parede vai se erguendo. Os orifícios que ficam na parede após a retirada das agulhas são denominados cabodás. O processo é muito similar ao uso do concreto atualmente. Apresenta qualidades como matéria prima de baixo custo, excelente isolamento acústico e térmico, principalmente em áreas quentes. Apesar de boa resistência se não for protegido das intempéries, como revestimento a base de cal e o uso de largos beirais, é facilmente degradado pela água.

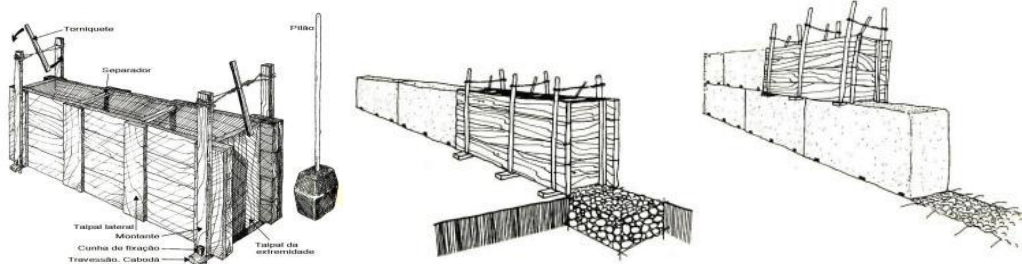


Imagem 56: Execução da taipa de pilão. Fonte: BARDOU, 1981, p. 19-20.

⁹⁹ A taipa-de-pilão foi “trazida para São Paulo pelo Padre Afonso Brás, construtor da primeira igreja do Colégio dos jesuítas” p.149. LEMOS, p. 152. Em: PORTA, 2004.

¹⁰⁰ Sobre a técnica construtiva da taipa de pilão, ver MAYUME, 2008.

Derivantes das técnicas com barro também foram muito adotadas como: *Pau-a-pique*, *taipa de sebe*, *taipa de mão*, *barro armado* ou *taipa de sopapo*. Consiste em executar uma trama de paus roliços verticais e horizontais, amarrando com folhas, e fixando as verticais no solo, para posteriormente preencher com barro os vãos, utilizando as próprias mãos. Técnica mais utilizada em paredes internas.



Imagem 57: Detalhe de uma parede de taipa-de-mão ou pau-a-pique. Foto da autora, Joanópolis, 2013.

Com essas técnicas foram executadas as primeiras edificações na vila, caracterizando a tipologia construtiva com muitas casas térreas, outras denominadas “falsa”, e alguns sobrados. A casa tipo “falsa” não é térrea nem sobrado, possui meio pavimento com uma pequena janela. As envasaduras eram sempre tinham menor largura que altura, era mais fácil executar. As vergas até meados do século XVIII eram retas. Após o terremoto em Lisboa, Portugal, é que passou a ser utilizada as vergas arqueadas simples, com ou sem ornatos, e sobrevergas¹⁰¹.

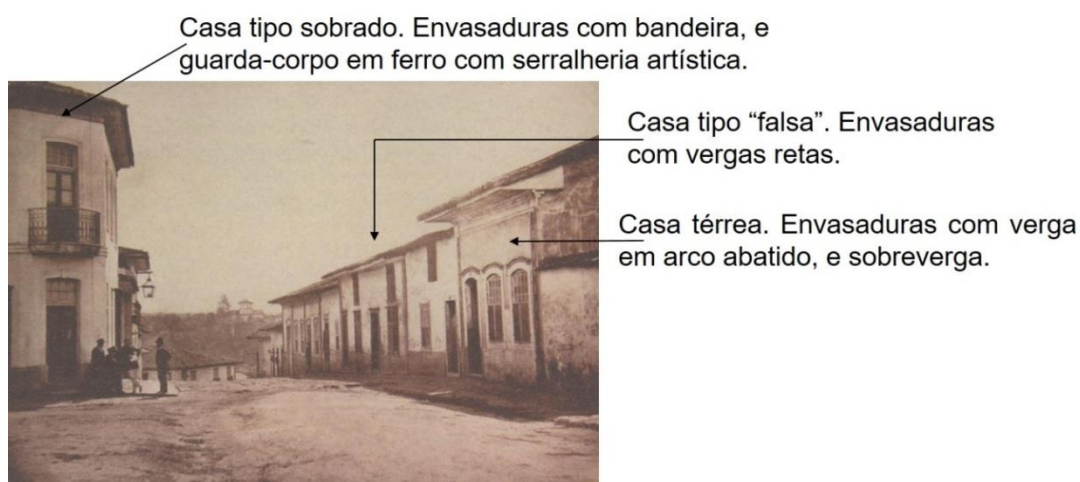


Imagem 58: Imagem que ilustra as tipologias construtivas das edificações feitas em taipa de pilão (*pisê*). Vista da Ladeira de São Francisco. Foto feita por Militão de Azevedo em 1862. Fonte: DPH.

¹⁰¹ Segundo Lemos foi a “modernização pombalina”, introduzida pelo governador-geral João da Costa Ferreira. LEMOS, 1989, p.28.

O arquiteto Benedito Lima de Toledo¹⁰² cita a descrição feita da arquitetura pelo naturalista francês Augusto de Saint-Hilaire: "*As casas, construídas de taipa muito sólida, são todas brancas e cobertas de telhas côncavas; nenhuma delas apresenta a grandeza e magnificência, mas há um grande número que, além de andar térreo, tem um segundo andar e fazem-se notar pelo aspecto de alegria e de limpeza. Os telhados não avançam desmesuradamente além das casas, mas têm bastante extensão para dar sombra e garantir as paredes contra as chuvas. As janelas não se fecham umas contra as outras, como é comum no Rio de Janeiro. As das casas de um andar possuem quase todas vidraças e são guarnecidas de balcões e postigos pintados de verde. As outras casas têm venezianas que se erguem de baixo para cima, formadas de travessas de madeira cruzada obliquamente*".

Nas pinturas realizadas pelos artistas viajantes desta época, observa-se que às rótulas estavam presentes em quase todas as edificações, nos sobrados era comum o uso de muxarabis, ou balcões de madeira, escreveu Paulo César Garcez Marins. O que era muito pertinente às condições climáticas com a qualidade de "*ver sem ser visto*", de acordo com a definição do dicionário da arquitetura brasileira de Corona e Lemos¹⁰³. Assinada a carta régia¹⁰⁴ em 1808 que decretava abertura dos Portos às nações amigas, os produtos da Revolução Industrial como os novos produtos de acabamentos importados começaram a chegar na construção civil, como as vidraças, gradis de ferro e cortinas. "*O novo padrão de acabamento incluía a remoção dos muxarabis e a instalação de portas externas envidraçadas, sendo algumas com "bandeiras" na parte superior. Os peitoris de madeira eram substituídos por outros com gradis de ferro. Alguns tinham abacaxis ou pinhas de vidro nas extremidades e armações metálicas, fixando os gradis às paredes, entre as portas, com arcos para suportar luminárias em dias de festa*"¹⁰⁵. Todavia, ainda na década de 1860/1870, nos registros fotográficos feitos por Militão de Azevedo, vê-se a presença de muitos sobrados com muxarabis e outros com balcões de madeira.

¹⁰² TOLEDO, 1981. p.22

¹⁰³ CORONA; LEMOS, 1972. p.415

¹⁰⁴ http://www2.camara.leg.br/legin/fed/carreg_sn/antioresa1824/cartaregia-35757-28-janeiro-1808-539177-publicacaooriginal-37144-pe.html

¹⁰⁵ MARINS, 2001.



Imagem 59: Interior de uma residência. Observar a espessura da parede de “taipa de pilão” (*pisè*), as “conversadeiras” ao longo das janelas, protegida pela rótula (treliça) de madeira. Desenho de Thomas Ender, “Uma sala de estar em São Paulo”, 1817, lápis aquarelado. Fonte: *kupferstichkabinett der Akademie der bildenden künste*, Viena, Áustria. Em LAGO, 2003, p.36.



Imagem 60: Exemplo de um muxarabi. Foto da autora, Jerusalém, 2016.

A técnica construtiva em alvenaria de tijolos na cidade de São Paulo demorou a ser adotada, enquanto outras cidades brasileiras já utilizavam com certa regularidade. “O ideal de progresso e riqueza material e a europeização do gosto da elite paulistana impulsionaram a transformação de estilos e programas e a alteração da técnica construtiva, consubstanciadas no surgimento de um novo partido arquitetônico em São Paulo. A alvenaria de tijolos permitiu a superação da imagem colonial e retrógrada da capital, representada pelas construções tradicionais de taipa

*de pilão*¹⁰⁶. Na pesquisa das Atas da Câmara Municipal, da fundação da cidade até 1875, a arquiteta Clara d'Alambert constatou que o tijolo era um material usado esporadicamente em obras na cidade tais como: calçamento, pontes, encanamentos; para fogões e lareiras; como revestimento de pisos internos. As construções com tijolos para um edifício, seja este térreo, sobrado ou com mais pavimentos, popularizou-se na capital apenas após o último quartel do século XIX. Contribuiu também a presença dos imigrantes como mão de obra, principalmente os italianos, que introduziram elementos decorativos, ornatos nas novas fachadas, renovando a fisionomia da cidade no que ficou conhecido como ecletismo.

O arquiteto Carlos A. C. Lemos¹⁰⁷ esclarece que “o *‘ecletismo’ brasileiro nada tinha a ver, de modo direto, com o ecletismo filosófico que tolerava a coexistência de modos de pensar diferentes, conciliando correntes e comportamentos*”. Prossegue: “o *ecletismo nos estilos chegou de chofre, sem maiores especulações, ninguém sabendo que o nome fora aplicado à convivência do neoclássico com o neogótico, cuja validade havia sido discutida. Na verdade, somente se aliou essa miscelânea estilística, que invadiu nossas cidades a partir do último quartel do século XIX, com o progresso, com a abundância, com a liberdade de escolha, como se a obediência a um só estilo fosse sinal de atraso próprio de outras épocas*”. Famílias abonadas financeiramente contratavam engenheiros e arquitetos para desenvolverem projetos, contudo o ecletismo se popularizou, sendo absorvido pelas camadas menos favorecidas economicamente.

Tido como o primeiro Código de Posturas da Câmara Municipal da Imperial¹⁰⁸ Cidade de São Paulo, em 1875, foi elaborado para organizar, disciplinar a construção dos edifícios particulares na cidade. Foi revisado em 1886, sintetizamos algumas considerações que foram relevantes no cotidiano à época da cidade, e que esclarecem os documentos estudados do Arquivo Histórico.

A primeira parte é a que mais nos interessa, sob o título: I Policia Administrativa, trata do alinhamento, abertura de ruas, calçamento, edificação e reedificação das casas e da concessão de terrenos.

O artigo primeiro determina que todas as ruas ou travessas a serem abertas na cidade deveriam ter largura de 13 metros e 22 centímetros, e as praças e largos deveriam ser o mais quadrado possível. Sintetizando o conteúdo dos demais artigos, os arruadores seriam nomeados pela Câmara Municipal. Todo edifício a ser

¹⁰⁶ ALAMBERT, 1993, p. 63.

¹⁰⁷ LEMOS, 1979, pp.103-128.

¹⁰⁸ Resolução número 62 em 31 de maio de 1875, do governo do Dr. João Theodoro.

construído na Cidade deverá seguir o alinhamento determinado pelo arruador, caso contrário será multado e obrigado a demolir da obra. O mesmo para edificações que já existissem fora dos alinhamentos, quando fossem reconstruídas, deveria seguir o novo alinhamento. Por isso dentro da documentação levantada no Arquivo Histórico São Paulo – AHSP a quantidade de solicitações de alinhamento é enorme.

O nono artigo aborda de forma sutil a boa convivência: “*O dono do prédio mais alto que o do vizinho lateral, será obrigado a encascar, rebocar e cair a parede do outão desse lado, forrar, com taboa a beira do telhado e emboçar a primeira camada de telhas*”. Caso não o fizesse multa e reparação. Outro artigo trata da licença para colocar andaimes e prazo para retirá-los de 24 horas da obra acabada. Assim sucede também para o depósito de materiais que deveria deixar espaço suficiente para a circulação do público e passagem de carros. O artigo quatorze determina a proibição de construir dentro da cidade ou em outras povoações qualquer “puxado” mesmo que no interior dos quintais, sujeito a multa e a obrigação de destruir. Foi abordado o item dos coletores das águas pluviais. Era vetada a construção de sótãos da cumieira para a frente.

O artigo dezessete trata dos passeios públicos: “*Os proprietários de predios ou terrenos nas ruas da Capital, são obrigados a calçar as frentes de suas propriedades ou terrenos, com pedra de cantaria lavrada, na largura, que estiver marcada pela Camara, seguindo o nivelamento da rua, no prazo de 6 meses depois de collocadas pela Camara as respectivas guias*” (sic.). Sobre os terrenos era obrigado a mantê-los fechados com muros de dois metros de altura no mínimo, rebocados, caiados e cobertos de telha. Lembrando que esses eram feitos de taipa de pilão.

Os artigos 20 a 23 trata da concessão das “datas de terrenos” do patrimônio, o valor do registro, a restrição de uma data por vez, além de ser permitido uma segunda após a primeira edificação estar acabada, os terrenos não poderiam exceder 15 metros de frente e 35 metros de fundo. Somente as datas fora das povoações poderiam ter 80 metros de fundo, desde que não prejudicassem a servidão pública. Havia caducidade para edificar com o prejuízo de perder a data.

Outra restrição é a proibição em casas térreas, ou no pavimento inferior dos sobrados de postigos, cancelas, portas e janelas de abrir para fora, sendo inteiramente proibidas as rótulas e sacadas de madeira. Outra determinação era que todas as frentes e outões das casas da cidade, bem como os fundos para

outras ruas deveriam ser caiados durante o segundo trimestre de cada ano civil, assim como as portas, janelas e batentes da edificação.

A numeração deveria ser em fundo preto e estar na verga da porta principal de cada prédio. Era feita de modo sequencial, um lado par e outro ímpar. E caso entre uma casa e outra venha edificar-se uma nova, o número desta seria o número do prédio à direita e mais uma letra do alfabeto.

Os demais títulos são: II, sobre edifícios ruinosos, escavações e princípios na vizinhança das povoações. III, sobre a limpeza e desobstrução das ruas e praças, conservação das calçadas e outras disposições em benefício dos habitantes, ou para aformoseamento da cidade e povoações do município. IV, sobre estradas, caminhos e plantações de árvores, extinção de formigueiros e criação de gado; V, da higiene e salubridade pública; VI, das fábricas, oficinas, curtumes e outras; VII, dos hospitais, casas de saúde, moléstias contagiosas e divagação de loucos; VIII, polícia sanitária; IX, sobre cemitérios e enterramentos; X, do matadouro público, seu asseio e economia, açougues públicos e condução de carnes verdes; XI, sobre a polícia dos mercados, casas de negócio e pesca; XII, sobre teatros, bailes, divertimentos públicos, entrudo, jogos proibidos e armas de defesa; XIII, sobre vagabundos, embusteiros, tiradores de esmolos, rifas e mascates; XIV, sobre os diversos meios de manter a segurança, comodidade e tranquilidade pública; XV, do sossego público, injurias e ofensas à moral pública. E por fim, sob o título XVI Disposições Gerais.

Na versão revisada em 1886, foi anexada ao município da capital a freguesia da Penha de Franca com as divisas que tinha. Foi introduzido um artigo (11º.) com determinação do gabarito e o pé direito para os diferentes pavimentos, assim como as dimensões exteriores das portas e janelas que fossem abertas: Para o 1º. Pavimento terá 5 metros. Para o 2º. Pavimento terá 4,88 metros. Para o terceiro terá 4,56 metros. Ao todo 14,44 metros. Essas alturas eram as mínimas podendo variar para um edifício de até três pavimentos até 17 metros a altura total. Para as janelas deveriam ter 2,20 metros sobre 1,10 metros de largura desconsiderando ombreiras, vergas e peitoris. As vergas das portas tinham que acompanhar o nível das janelas. O soalho do térreo devia ficar ao menos à 0,50 metro superior ao terreno. Os donos infratores incorreriam com multas e a obrigação de demolir. Os mestres que as dirigissem sofreria oito dias de prisão.

Foi introduzido o artigo (20º) que proibia a construção de cortiços, salvo algumas condições: os terrenos ter mais de quinze metros de largura; deveria conservar o

espaço entre cada linha de cortiços de pelo menos cinco metros; no caso do cortiço ser uma só peça ter no mínimo cinco metros quadrados de área; todos deverão ter portas e janelas com largura de noventa centímetros a um metro e o dobro correspondente altura; a altura do chão à cimalha poderá variar de quatro a quatro e meio metros; todos deverão ter pelo menos vinte centímetros de elevação do solo, sendo esse espaço completo e livremente ventilado; em áreas inundáveis era exigido aterro num perímetro de seis metros de cada lado das construções.

Aparece alguns novos títulos, dentre os quais o XX, dos criados e das amas de leite. Trata de fazer a inscrição no livro da Secretaria da Polícia de dados pessoais como: nome, idade, naturalidade, filiação, estado, cor, classe de ocupação e mais características que pudessem ser características de identidade. Bastava apresentar-se na citada Secretaria e declarar que desejava a inscrição como criado, provando com atestado de pessoa abandonada, a sua conduta e condição de livre, exceto se reconhecidamente livre ou estrangeiro. O inscrito recebia uma caderneta com 30 folhas numeradas e rubricadas para o registro do trabalho.

No final consta o Padrão Municipal com seis capítulos específicos de regulamentação edilícia, e sintetiza o conteúdo dos Códigos. Os capítulos são: I. Alinhamento; II. Calçamento dos passeios; III. Abertura das ruas por particulares; IV. Construções e Reconstruções: especifica que não poderão ser recuadas as edificações no perímetro do centro, entretanto fora deste perímetro deverão ter recuos superior a quatro metros, vetava a construções de edificações tipo *Chalet* dentro do perímetro do comércio; V. Prescrições para as novas construções ou reconstruções:

“As casas térreas terão 5 metros de altura mínima contados da soleira à grande cornija de coroamento e as paredes da frente 30 centímetros de espessura.

Os edifícios de maior número de pavimentos deverão ter os limites seguintes:

- 1º. pavimento 5,00 m
- 2º. pavimento 4,80 m
- 3º. pavimento 4,50 m

Neste caso as paredes das frentes deverão ter 15 centímetros de acréscimo na espessura para cada pavimento, sendo as do 1º. de maior espessura.

São admitidos os pavimentos em sobreloja com o limite mínimo de 2,50 m de altura contados do soalho ao forro. São também permitidos os tetos à *la mansard* e suas aberturas peculiares. Sobre dimensões de aberturas dever-se-ão observar no mínimo os seguintes limites:

- Portas	3,20 X 1,30 m
- Janelas de peitoril	2,20 X 1,10 m
- Janelas-portas	3,20 X 1,30 m

Portas denominadas *porte cochère*, e portões de 2 metros de largura e 3,20 m a 4 metros de altura. Na mansardas, sobrelojas e embasamentos serão praticadas aberturas convenientes. O soalho deve ficar pelo menos 50 centímetros acima do solo.

Quanto à saliência de molduras, pilastras, balcões, etc., serão observados no máximo os seguintes limites:

Para embasamento	0,15 m.
Para pilastras	0,15 m.
Sacadas do 1º. Pavimento	0,30 m.
Sacadas de balcão do 2º. Pavimento	1,00 m.
Sacadas de balcão do 3º. Pavimento	1,80 m.
Cornijas de molduras do embasamento	0,15 m.
Grande cornija de coroamento para casa de um só pav.	0,40 m.
Grande cornija de coroamento para casa de dois ou mais pav.	0,55 m.

Estes limites em certos casos ainda poderão ser alterados a juízo do engenheiro da Câmara, conforme a construção.

Nas casas de um só pavimento, as sacadas de saliência superior a 15 centímetros, somente poderão ser feitas se estiverem à altura maior de 3 metros acima do passeio. Todas as construções que se fizerem em canto de rua ou de praça, deverão ter os mesmos cortados em ângulos de 45 graus, ou dispostos em curva simétrica. Em qualquer caso, porém, a corda nunca terá menos de 2,50 m de extensão.

A primeira construção que for feita num dos cantos servirá de padrão para as outras construções ou reconstruções das edificações dos cantos opostos. Este padrão refere-se unicamente à disposição dos cantos.

Qualquer que seja, porém, a forma do canto, cortado em 45 graus ou arredondado, o vão será sempre preenchido por janela, porta ou outros motivos decorativos. É, porém, permitido construir-se um edifício em qualquer dos estilos arquitetônicos, ainda que se afaste das prescrições do “Padrão Municipal”: em tal caso, porém, o proprietário ou construtor apresentará o plano completo da obra a executar-se, à Câmara, que autorizará a construção, fazendo observações ou correções que julgar convenientes”.

Por fim o Código trata no capítulo VI, sobre Cortiços, Casas de Operários e Cubículos, e elenca dezessete diretrizes e a exigência da visita do fiscal quando o proprietário entender por pronta a obra, e antes de ser entregue ao público.

Complementando o apresentado, em 1893¹⁰⁹, passa a ser obrigatório a apresentação de desenhos dos projetos a serem analisados pelos técnicos da municipalidade antes de ser deferido o alinhamento do lote. Neste ano, decorrente da ampliação da rede de abastecimento de água e esgotos, foram desativados os chafarizes públicos e foi criada a Repartição de Águas e Esgotos¹¹⁰.

Durante o Império, as decisões e gestão municipal era competência da Câmara Municipal. Nos primeiros anos da República algumas mudanças ocorreram também no organograma municipal, foram instituídas as Intendências administrativas. A partir de 1898¹¹¹, o legislativo se separa do executivo, surge o cargo e função do Prefeito. Nos primeiros anos republicanos, houve um período de adaptação à nova administração municipal com mais autonomia. Enquanto isso as atribuições entre município e Estado estavam se ajustando, como no caso dos serviços de abastecimento de águas e esgotos que ficaram sob cuidado do Estado, e o transporte coletivo urbano dos bondes sob gestão do município¹¹². Estes dois códigos¹¹³ foram a base e referência para as legislações posteriores como o primeiro Código Sanitário¹¹⁴ do Estado de 1894, e na cidade o Código de Obras Arthur Saboya¹¹⁵ de 1929.

A expansão da cidade era inevitável, no entorno imediato do centro as chácaras¹¹⁶ foram loteadas, ou seja, abriram os bairros. Os bairros para elite: Santa Ifigênia; Campos Elíseos, com ruas retas e regulares, e amplos lotes, empreendimento dos alemães Frederico Glette e Victor Nothmann; mais tarde Higienópolis, etc. Outros bairros, foram abertos próximos as ferrovias, seguindo os novos padrões de higiene, como a Vila Economizadora; a Vila Fabril Maria Zélia, etc.

¹⁰⁹ Lei n. 38, de 24 de maio de 1893, dispõe sobre a obrigatoriedade de apresentação de plantas.

¹¹⁰ CAMPOS, 2002, p.61.

¹¹¹ Lei n. 374, de 29/11/1898. Organiza o Poder Executivo que será exercido por um único vereador, sob a denominação de Prefeito Municipal. O Serviço Municipal será dividido pelo Prefeito em quatro seções: Justiça, Política e Higiene, Obras e Finanças (Tesouro Municipal).

¹¹² Na metrópole paulistana ainda hoje as atribuições se confundem. No sistema de transporte público, as linhas de ônibus são geridas pelo município, enquanto o sistema de metrô é tarefa do Estado.

¹¹³ Este Código foi abordado na pesquisa de Heloísa Barbuy sobre o comércio, no período 1860 – 1914, nas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro; ver BARBUY, 2006. Foi utilizado na pesquisa de mestrado sobre a Rua São Bento, SANTOS, 2008. Outrossim, o professor Benedito Lima de Toledo faz comentários na sua clássica publicação “*São Paulo três cidades em um século*”.

¹¹⁴ Decreto 233, de 2 de março de 1894.

¹¹⁵ Lei n. 3.427/1929. E o Ato n. 663/1930, que aprova a consolidação do Código de Obras Arthur Saboya.

¹¹⁶ MACEDO, Silvio Soares. Higienópolis e arredores. Processo de mutação de paisagem urbana. São Paulo: Pini/EDUSP, 1987, p. 27.

Quanto à implantação das novas edificações nos bairros novos, com recuos frontal e laterais, não mais no alinhamento e geminadas, transforma a ocupação, melhora a ventilação e insolação nos cômodos. Introduce-se os jardins. As residências abandonam a velha taipa e passam a ser construídas com alvenaria de tijolos, conseqüentemente mudanças na tipologia¹¹⁷. Entretanto nos edifícios comerciais no centro mantem-se a implantação no alinhamento determinado pela municipalidade, sem recuos laterais, e sim recuos aos fundos. Criando vazios dentro dos quarteirões.

Dentre as notáveis inovações na tipologia, nas novas edificações desaparecem os beirais, o escoamento das águas pluviais passa a utilizar calhas escondidas atrás das platibandas. As envasaduras com vergas curvas, ou retas, são ornadas e muitas ainda com sobrevergas também decoradas. Materiais de construção importados¹¹⁸ como as telhas Marselha, o mármore italiano, louças sanitárias, pinho de Riga para o tabuamento dos pisos, guarda corpos e outros elementos decorativos em ferro fundido foram inseridos nos novos edifícios. Somente com a Primeira Guerra é que a indústria da construção passou a produzir alguns materiais no país, mas mesmo assim, o cimento só começou a ser produzido aqui depois de 1926¹¹⁹.

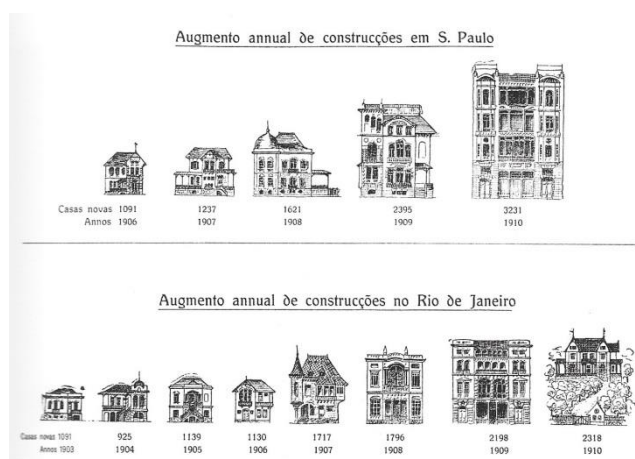


Imagem 61: Gráfico elaborado em 1911 por Vitor da Silva Freire, então Diretor de Obras. Número de novas construções nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo, relacionado por ano. Publicação original na Revista de Engenharia, vol. 1, n. 1, p.25, 10/7/1911. Fonte: FISHER, 2005, p.39.

A relação das novas construções nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, com base em dados precisos para fundamentar esta tabela, foi elaborada pelo

¹¹⁷ Referente a implantação da edificação no lote e tipologias, consultar REIS FILHO, 1970.

¹¹⁸ ALAMBERT, 1993, p.59.

¹¹⁹ Este assunto será abordado mais adiante quando nos referimos ao concreto armado.

engenheiro Vitor da Silva Freire.¹²⁰ O então professor da Politécnica e diretor de Obras da prefeitura de São Paulo, fez essa relação sabendo do grande crescimento populacional que teve a cidade do Rio de Janeiro, assim como na capital paulistana, porém em menor porcentagem.¹²¹ De qualquer maneira, em ambas as cidades houve uma discrepância na relação do crescimento populacional com o crescimento construtivo. Aqui registrado os dados estatísticos oficiais, que nos leva a crer que a construção clandestina, ou informal, já acontecia.

Os projetos passam a ser assinados por profissionais estrangeiros imigrados, ou pelos jovens recém-formados que retornavam do exterior com diplomas de arquiteto, ou dos diplomados a partir de 1899 na Politécnica¹²² de São Paulo. Dentre eles estavam: Guilherme Von Eye; Francisco Paula Souza, estudou engenharia em Zurich na Alemanha; Francisco de Paula Ramos de Azevedo que cursou a Universidade de Gand na Bélgica; Ricardo Severo; Vitor da Silva Freire, Eugênio Guilhem; Sá Rocha; Luis Asson; Domiziano Rossi; Felisberto Ranzini; Giulio Micheli; Francisco da Silva Telles, Claudio Rossi, Francisco Regnani; Tommaso Gaudenzio Bezzi; Victor Dubugras; Maximiliano Hehl; George Krug; Francesco Nataroberto; Alexandre Albuquerque; Samuel Augusto das Neves; Augusto de Toledo; Hippolyto Gustavo Pujol Jr; Guilherme Winter; Carlos Eckman, Augusto Fried; Cristiano Stockler das Neves; Otaviano Pereira Mendes; etc. Alguns projetos destes profissionais, ou parecer como técnico da municipalidade, conheceremos mais adiante.

A substituição da técnica construtiva, a taipa de pilão, pela alvenaria de tijolos e a introdução do concreto armado permitiram novos tipos de edificações. Enquanto São Paulo construía com a taipa de pilão, em países como a França e Inglaterra nas décadas de 1830 e 1840 estavam construindo cisternas com blocos de concreto. Na Alemanha em 1855 começou a funcionar a primeira fábrica de cimento. A primeira grande obra de concreto armado em grande escala no Estado de São Paulo, foi a construção do Porto de Santos iniciada em 1888 e inaugurada em 1892. Nesta ocasião, sob coordenação do engenheiro Saturnino de Brito, a Comissão de Saneamento, foi implantado o projeto dos canais de drenagem para

¹²⁰ Sobre esta relação ver capítulo 2.3 Distribuição das tipologias pelo espaço da cidade e o tratamento diferenciado nas áreas em crescimento; da tese de doutoramento de Jorge Lody. LODY, 2015.

¹²¹ Fonte: IBGE – Censos.

	1890	1900	1920
São Paulo	64.934 hab.	239.820 hab.	579.033 hab.
Rio de Janeiro	522.651 hab.	811.443 hab.	1.157.873 hab.

¹²² Sobre os técnicos professores e formados na Politécnica, ler FICHER, 2005.

as águas pluviais, com pontes, abertura de ruas, praças e jardins da cidade de Santos, que tiveram as obras concluídas em 1907¹²³. Apesar do cimento ser importado, foi desenvolvido, de 1899 a 1926, na Escola Politécnica de São Paulo o laboratório de resistência dos materiais. O qual publicou em 1905, o resultado dos trabalhos no Manual de Resistência dos Materiais. A primeira fábrica de cimento bem-sucedida, a Companhia de Cimento Portland Perus foi inaugurada em 1926. Para o ferro da execução do concreto armado, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira foi instalada em 1921¹²⁴.

O primeiro edifício de concreto armado na cidade que constam registros data de 1908. Projetado pelo engenheiro italiano Francesco Nataroberto, no lote com frente de 26.40 metros, na ocasião recebia o endereço para rua Direita número 53 – 55, vizinho à Igreja de Santo Antônio, na esquina conhecida como “quatro cantos”. Uma edificação com térreo mais dois pavimentos, destinado a lojas comerciais. Sobre essa obra Candido Malta Campos e José Geraldo Simões Júnior¹²⁵ escreveram:

“A construção de arranha-céus, iniciada nessa época, trouxe, bem no seu início, a difusão do uso do concreto armado, que foi pioneiramente aplicado, em 1909, edificação de três pavimentos, na esquina das ruas Direita e São Bento. Contou logo em seguida, com incentivo da legislação urbanística, a qual estabelecia que nas ruas mais centrais as novas construções ou reconstruções deveriam ter no mínimo três andares. Ao lado dessas novas construções restavam, no entanto outras, velhas, deterioradas, que já constituíam verdadeiros cortiços”.

O professor engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza (1843-1917) um dos fundadores da Escola Politécnica em 1894, teve como assistente e chefe do Gabinete de Resistência dos Materiais o engenheiro, ex-aluno formado em 1905, Hippolyto Gustavo Pujol Jr. Pujol se associou ao engenheiro formado em 1903 Augusto de Toledo e juntos projetaram e construíram, em 1912, o Edifício Guinle¹²⁶, com 32 metros de altura, era na ocasião o mais alto da cidade, ficou denominado o “bisavô dos arranha-céus”. Construído em concreto armado, com dez andares e

¹²³ GITAHY, 1994.

¹²⁴ O relato sobre o Gabinete dos Materiais de Construção, ver GITAHY, 1994.

¹²⁵ Sobre este edifício ler SANTOS, 2008, p.381-382. CAMPOS; SIMÕES JÚNIOR, 2006, p.20.

¹²⁶ O prédio é endereçado à Rua Direita, número 7 (atual 49). Sobre este engenheiro e suas obras, incluindo esta, ver FICHER, 2005, pp.119-126. CARAM, 2001. LODY, 2015, pp.116-118.

vãos de doze metros entre os pilares.

Transformando a paisagem urbana do triângulo histórico, o Edifício Sampaio Moreira¹²⁷, projetado por Samuel das Neves e Cristiano Stockler Neves, em 1924, ficou conhecido como o “avô dos arranha-céus”, com porão, térreo e mais catorze pavimentos; tem 50 metros de altura. Foi o primeiro edifício na cidade a ter o *roof garden* destinado a salão de chá, porém não chegou a ser utilizado¹²⁸. No ano seguinte o edifício Palacete Santa Helena implantado entre as Praças da Sé e Clóvis Beviláqua, foi inaugurado¹²⁹. E finalmente o chamado “pai dos arranha-céus”¹³⁰, o Prédio Martinelli¹³¹, com 130 metros de altura, terminou de ser construído em 1929.

Em suma, no período deste estudo (1890-1930) as transformações na cidade de São Paulo foram muitas. Das técnicas construtivas em taipa de pilão, passa a ser utilizado o concreto armado. Além do crescimento populacional, a mudança das relações de mão de obra, a grande presença dos imigrantes, dos ‘*capomastro*’ aos graduados. A enorme quantidade de importação de materiais construtivos. E sobretudo a presença das novas regulamentações – Código de Posturas – com a necessidade de deferimento da municipalidade, seja a Intendência ou a Diretoria de Obras. Tudo influenciou na arquitetura e tipologia dos edifícios, monumentais ou não, construídos na capital paulistana.

¹²⁷ Prédio endereçado na antiga Rua São José, atual rua Líbero Badaró, número 346.

¹²⁸ HOMEM, 1984, pp.50-51.

¹²⁹ O programa arquitetônico do edifício foi inovador pois incluía diversos usos: comércio, escritórios, lazer com cinema e teatro. Sobre este prédio ver: CAMPOS; SIMÕES Jr., 2006.

¹³⁰ “Bisavô dos arranha-céus”; “Avô dos arranha-céus”; e “Pai dos arranha-céus” são expressões utilizadas pelo professor Benedito Lima de Toledo.

¹³¹ Sobre o Prédio Martinelli, será abordado com mais informações na Parte 3 desta pesquisa, pois este encontra-se endereçado à Avenida São João.

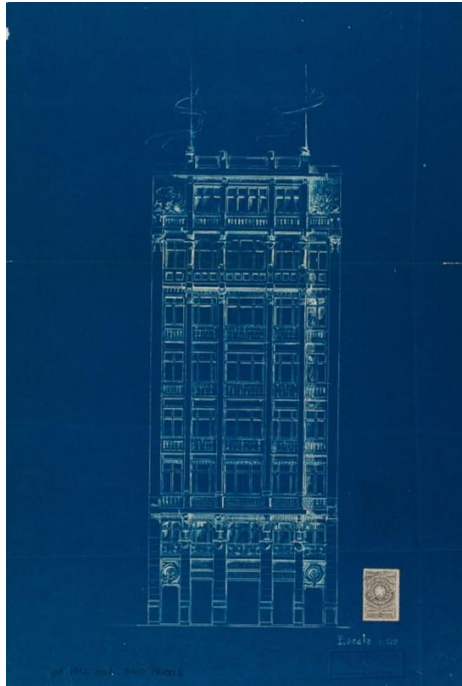


Imagem 62: Desenho original da fachada do Edifício Guinle, à rua Direita. Fonte: PMSP/AHSP/OP1912_001.560.

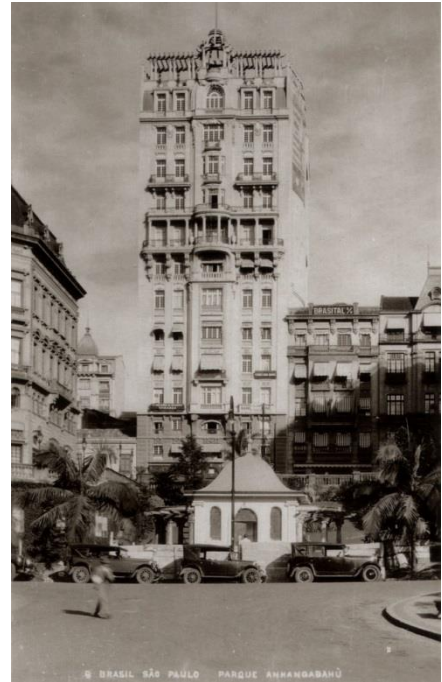


Imagem 63: Cartão Postal em destaque o Edifício Sampaio Moreira, à rua Líbero Badaró. Fonte: Coleção Particular.



Imagem 64: Edifício Santa Helena, foto feita por Celso Breves Neves, década 1920. Acervo particular.

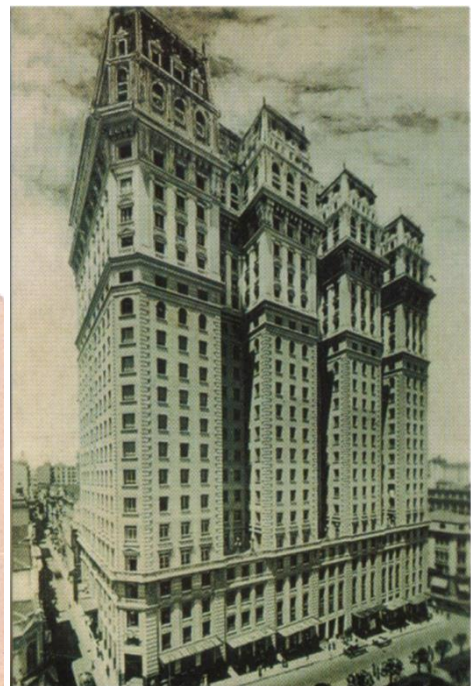


Imagem 65: Cartão Postal em destaque o Prédio Martinelli, c. 1940. Fonte: Imprensa Oficial.

2.2 Chácara, sobrado da família Souza Barros (SÉC. XVIII)



Imagem 66: A casa do Comendador Luís Antônio de Souza Barros na antiga Rua São João, construída em fins do século XVIII, foto feita em 1912. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.



Imagem 67: Na planta de 1810, está indicado em vermelho, o local do sobrado da família Souza Barros.

Há grande influência das famílias do interior na formação da sociedade que viveu na capital. De Itu veio a família Paes de Barros; de Sorocaba a família Aguiar; Silva Prado de Jundiáí, e outras descritas por Eudes Campos: “...Francisco Antonio de Souza, reinol com direito a brasão de armas, que fez fortuna comerciando com o Mato Grosso; seu irmão, o Brigadeiro Luís Antônio, que se tendo dedicado também a especulações mercantes naquela região tornou-se dono de inúmeros engenhos, constituindo a maior fortuna da época, e o Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, tio do futuro Barão de Iguape (Antônio da Silva Prado, pai de D. Veridiana, filiado ao Partido Conservador) e um dos maiores “capitalistas” de seu tempo em São Paulo, que enriquecera com seu pai homônimo, português, e também militar, no comércio de tecidos e ainda na compra de ouro em Mato Grosso, fazendo-se depois grande latifundiário”¹³².

“Na Rua de São João, no grande prédio de sobrado n. 54, residiu o dignitário Luís Antonio de Sousa Barros, falecido a 9 de março de 1887, na idade de 78 anos”¹³³.

O dignitário era filho do Brigadeiro Luís Antonio de Sousa e irmão do Coronel Francisco Antonio de Sousa Queiroz (Barão de Sousa Queiroz), que administrou como vice-presidente, a Província de São Paulo desde 1835; e do Comendador Vicente de Souza Queiroz (Barão de Limeira), que em 1864 recusou, por motivos de saúde, a nomeação para presidente de São Paulo pelo governo imperial.

Nascida em 1851, Maria Paes de Barros¹³⁴, filha do Comendador Luiz Antônio de Souza Barros, no livro *No tempo de dantes*, assim descreve a vida na Vila de Piratininga: “A cidade, no entanto, conservava hábitos um tanto feudais e aparência medieval. Nas ruas tristes, com passeios tão estreitos que apenas davam para duas pessoas lado a lado, não se viam senão casas baixas e pequeninas, habitadas por profissionais de vários ofícios: sapateiros, latoeiros, caldeireiros. E, qual conta disjuntiva naquele sombrio rosário, aqui e ali um vasto casarão, grave e

¹³² Eudes Campos, trabalhou no Arquivo Histórico São Paulo, pesquisador do Período Imperial, escreveu artigos para a Revista do Arquivo. CAMPOS, 1997. p.8.

¹³³ O dignitário nasceu em 1809, teu pai já havia a casa à Rua São João, estima-se que esta foi construída no final do século XVIII. Nos registros iconográficos do primeiro quartel do século XIX, há presença do sobrado da família. MARTINS, 2003, p.168-169.

¹³⁴ Maria de Souza Barros, filha primogênita entre dez irmãos, do segundo casamento de Luís Antônio de Souza Barros com Felicíssima de Campos, era neta do Brigadeiro Luís Antônio. Seu pai era um prestigioso político, proprietário de terras, engenhos e cafezais no interior paulista. Recebeu uma rigorosa educação, com influência alemã. Casou-se com um primo, o coronel Antônio Paes de Barros. Assume o nome de Maria Paes de Barros, escreveu *História do Brasil*, que segundo uma neta talvez não tenha sido muito aceita por criticar os jesuítas. E *No Tempo de Dantes*, aos 94 anos, que reconstituiu o *modus vivendi* de uma família de prestígio social. Segundo Miriam Lifchitz Moreira Leite, no prefácio feito para a publicação em *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX*, Maria foi uma ativista política, não era propriamente socialista, e sim uma nacionalista que se norteou na União Soviética pós Primeira Guerra, com a possibilidade de a transformação melhorar a vida dos homens (MOURA, 1998). BARROS, 1998. p.2.

soturno, residência de família mais abastada, com suas janelas de rótulas, sempre cerradas... Talvez que, por trás dessas gelosias, espreitassem uns belos olhos negros, procurando divisar algum passeante...

Uma cidade sem atrativos culturais, transeuntes apenas circulavam para cumprir os afazeres, senhoras de mantilha retornando da missa, conta-nos Maria Paes de Barros que apenas três sages rodavam a cidade sendo uma do bispo, outra da Marquesa de Santos e a outra do Comendador Luiz Antônio Souza Barros, bem diferente das movimentadas cidades do Rio de Janeiro e Salvador.

Um sobrado grande situado na época *“um tanto fora da cidade”*¹³⁵ na rua São João, era a casa do Comendador Luis Antônio de Souza Barros, no primeiro andar havia cômodo para os pais, e no superior sala de estudos, além de dormitórios para as crianças. Havia uma grande sala de estar, uma sala de costura, uma para as refeições, que de costume eram servidas cedo: almoço, às 9:00, às 14:00 o jantar e às 20:00 o chá à luz de velas. No quintal uma fonte abundante, cuja água servia um pequeno tanque de posse das lavadeiras. Sobre a rotina: *“Levantavam-se muito cedo tanto a família como os escravos. Era numeroso o pessoal de serviço. Havia dez ou doze raparigas de quarto, mucamas, serventes, engomadeiras, costureiras. No pavimento térreo habitavam três ou quatro mulheres casadas, que se ocupavam da lavagem da roupa e outros serviços externos. Como todas as necessidades da família eram supridas em casa, os maridos destas trabalhavam em diferentes ofícios: um era sapateiro, fornecendo calçados para todos os domésticos..., outro era jardineiro, outro padeiro, dois eram cozinheiros – e havia o mulato Joaquim, cocheiro de confiança. Todos eles serviam excepcionalmente como pajens”*.¹³⁶

Esta é a descrição da vida num sobrado patriarcal na cidade de São Paulo, não tão grande quanto o descrito por Daniel Parish Kidder e Gilberto Freyre¹³⁷ em *Sobrados e Mucambos* no Recife, entretanto o *modus vivendi* é bastante similar. A riqueza oriunda do engenho, e das plantações de café, sustentavam as famílias fidalgas com a *“máquina de morar”* movida a energia escrava.

¹³⁵ BARROS, 1998. p.9

¹³⁶ Idem, p.19

¹³⁷ Daniel Parish Kidder (1815-1891) in FREYRE, 2006. p.311.



Imagem 68: Reconstituição digital aproximada da casa do Comendador Souza Barros, tal como se apresentava por volta de 1862. Baseada em antiga documentação iconográfica, desenho do arquiteto Eudes Campos. Fonte: CAMPOS, 2007.

Dentre a documentação consultada existente sobre esse período do final do século XIX, foi localizada uma solicitação de 1880 sendo o requerente, *Luís Antonio de Souza Barros*, que assina¹³⁸, “*pleiteando pintar a frente de seu prédio sito a rua São João ... conceder a licença para colocar andaimes na frente do mesmo prédio pagando... as respectivas licenças. Nestes termos pede o deferimento. São Paulo 24 de abril de 1880*”. Este é o único documento até a presente data que assevera a bibliografia estudada.

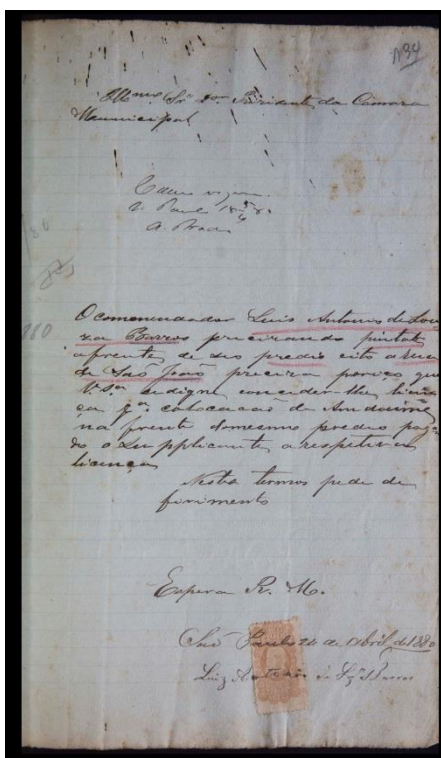


Imagem 69: Da coleção Obras Particulares que pertence ao acervo do Arquivo Histórico São Paulo. Nos livros encadernados com as solicitações feitas por munícipes, esta é a folha em que o requerente é Luís Antonio de Souza Barros, em 1880. Fonte: AHSP_OPA 20, fl.134, 1880.

¹³⁸ AHSP_OPA 20, fl.134, 1880.



Imagem 70: Pormenor indicando o local de onde foi tomada a foto, e o lote do sobrado da família Souza Barros. Fonte: *Planta da Cidade de São Paulo*, 1881, Companhia Cantareira e Esgotos.

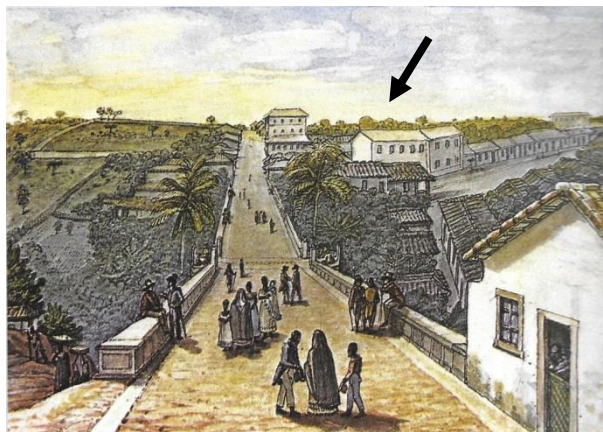


Imagem 71: Aquarela de Jean Baptiste Debret feita em sua primeira viagem à São Paulo. Denominada: "Ponte de Santa Ifigênia, São Paulo", em 1827. Na verdade, retrata a vista da ladeira, a Ponte do Marechal (Ponte do Acu) e depois da ponte a Rua São João. À direita no alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros. Fonte: Aquarela sobre papel, 1827. Coleção João Moreira Garcez, São Paulo, Brasil.



Imagem 72: Vista da ladeira e Rua São João, à direita no alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros, em 1887. Foto de Militão de Azevedo. Fonte: Biblioteca Mario de Andrade, Álbum comparativo da cidade de S. Paulo 1862-1887.



Imagem 73: Vista da ladeira e Rua São João, à direita no alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros, c.1890. Foto de Marc Ferrez. Fonte: Instituto Moreira Salles, p.74.

No levantamento da iconografia encontramos alguns registros que nos revelam na paisagem urbana da cidade de São Paulo, do outro lado do Ribeirão do Anhangabaú o sobrado da família Souza Barros em três datas diferentes: 1827, 1887, e 1890 respectivamente. Para situar o local de onde foram feitos os registros iconográficos, adotamos um pormenor do trecho em estudo, na base cartográfica *Planta da Cidade de São Paulo*, de 1881, realizada pela Companhia Cantareira e Esgotos, está assinalado o ângulo de visualização das imagens.

Na primeira imagem, uma aquarela, o sobrado se destaca numa paisagem rural. Na segunda, a rua já está ocupada por edificações térreas. Na esquina onde foi feita a foto, a nossa direita, uma edificação com dois pavimentos mais o porão, que tira partido da inclinação da ladeira São João. A nossa esquerda o prédio onde funcionava o *Hotel Itália Brazil*.

Na terceira imagem, o sobrado da família permanece visível na paisagem, cercado de vegetação alta, seguindo o olhar na direção ao local onde foi tomada a foto, no lado direito na parte baixa vê-se o Mercado São João, mais adiante um novo sobrado, e na esquina o bonde de tração animal saindo da antiga Rua São José e ingressando na Rua São João, observa-se muitos transeuntes circulando no leito carroçável.

Nas edificações do lado ímpar da Rua São João, na esquina com a Rua Formosa n.75, quase em frente ao Mercado, funcionou a sociedade alemã *Germânia*¹³⁹, por muitos anos. Sociedade fundada em 1868, para recreio, canto e propagação de conhecimentos gerais e úteis, principalmente de conhecimentos industriais, por meio de jornais, discursos e uma biblioteca. Enfim, pelas imagens apresentadas de 1827, 1887, e 1890, observa-se o casarão da família Souza Barros que na ocasião das obras de alargamento foi demolido dando espaço a nova avenida e uma nova edificação. O que foi constatado através dos documentos consultados, para o endereço cujo qual foi feita a solicitação por Luís Antonio de Souza Barros, em 1880, coincide com a solicitação feita em Dr. José de Souza Queiroz em 1924 para um prédio¹⁴⁰.



Imagem 74: 1887, foto Militão de Azevedo. Fonte: IMS – Instituto Moreira Salles.

¹³⁹ A família segundo a memorialista teve influência de professores alemães em casa. Observa-se que a sociedade *Germânia* era muito próxima. MARTINS, 2003, p.168-169.

¹⁴⁰ Sobre este prédio será abordado na Parte 3.

2.3 Escola Americana (1875)

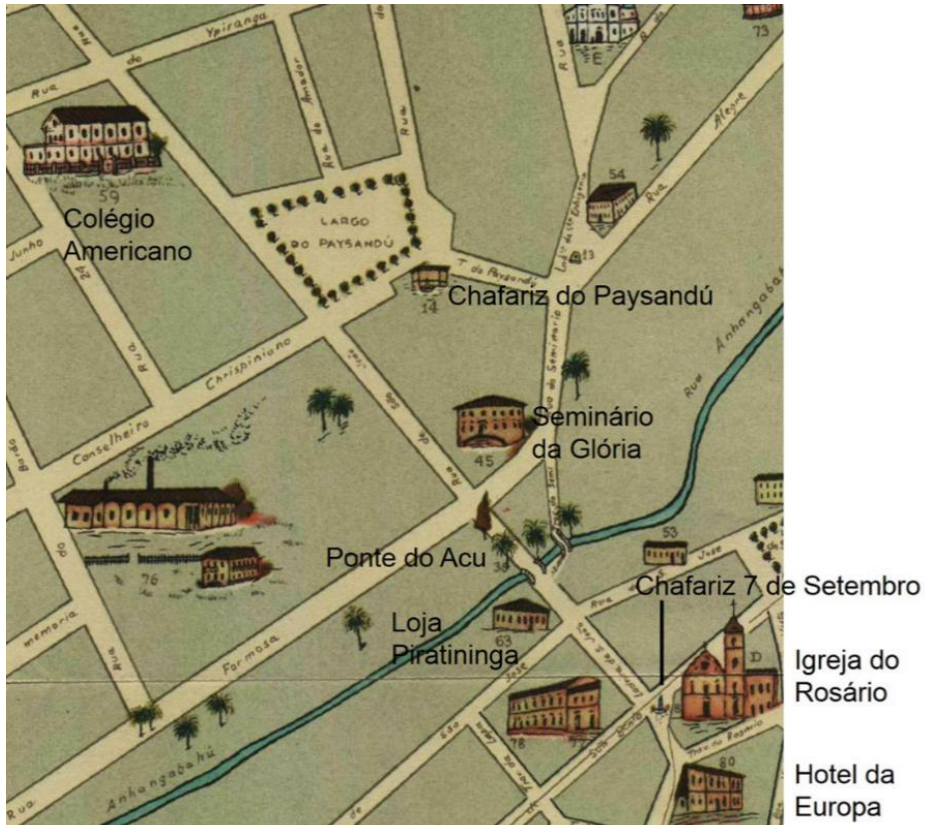


Imagem 75: Pormenor com as indicações da área de estudo no *Mapa da Capital da província de São Paulo*, 1877. Elaborada por Jules Martin e Francisco de Albuquerque.

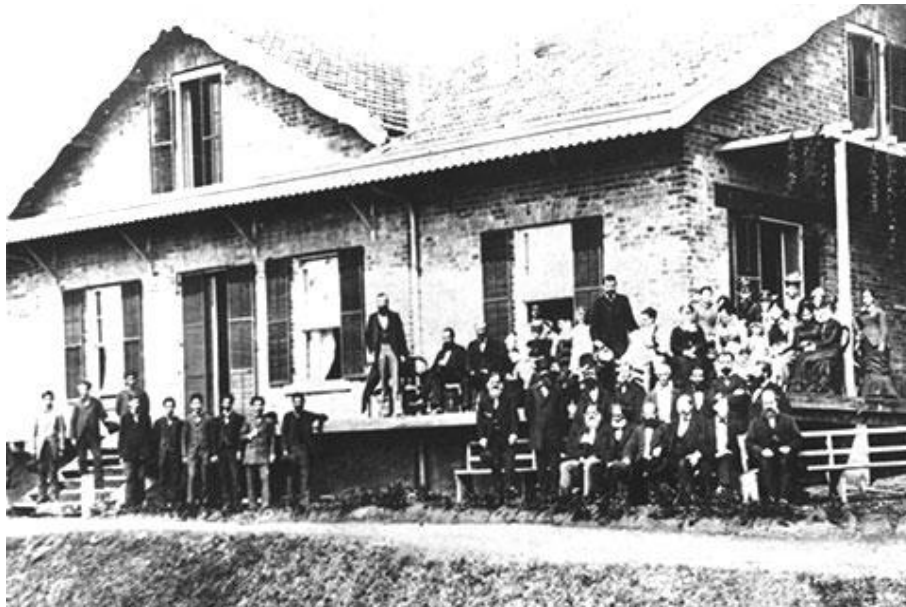


Imagem 76: 1876, Escola Americana, esquina das ruas de São João com de Ypiranga.

Endereçado na Rua São João n.139, funcionou a Escola Americana. Na base cartográfica publicada em 1877 aparecia indicado o prédio. Para o sobredito citado, no ano de 1898, o proprietário Manuel dos Reis Pinto da Rocha requer aumentar o prédio, apresenta desenho em escala 1:100, das plantas: rez-do-chão e do 1º andar, um corte e fachada. O parecer do técnico municipal foi favorável com um adendo:

“Não ha inconveniente em conceder-se a licença para augm^{to}. do edificio da Escola Americana na Rua São João nº 139, visto haver espaço.

O pavimento superior não satisfaz o que exige o padrão Municipal, quanto a altura do pé direito e janellas, mas visto o destino do mesmo para rouparia de uma escola, sou de parecer que pode ser deferido. (sic.)

S. Paulo 28-11-98.

Carlos Milano”¹⁴¹.

Na planta do *rez-do-chão* lê-se o acesso independente à esquerda para o 1º andar, a rouparia, um salão grande medindo toda a área do prédio com frente de 13.40m X 6.40m. No mais distribui-se uma cozinha medindo 4.00m X 6.40m com acesso para a despensa e um quarto independente medindo 2.00m X 3.10m na quina do prédio. A fachada é composta em ritmo de seis envasaduras alinhadas térreo com superior, todas arrematadas em arco com sobreverga decorativa. No 1º andar todas são janelas, enquanto no térreo as envasaduras possuem um ritmo, mas a distribuição é: uma porta, uma janela, outra porta, outra janela e mais duas portas. O corte nos apresenta o telhado de duas águas com tesoura de madeira.

Antonio Egydio Martins nos conta que: *“Fora das escolas era quase impossível que o saber se transmitisse, pois quase não havia livros, sobretudo no quinhentismo e no seiscentismo. Ao longo do setecentismo devem ter se formado e se enriquecido um pouco as ‘livrarias’ dos conventos, fundando-se apenas no fim do primeiro quartel oitocentista uma biblioteca pública”*. Esta (1825) era no convento dos capuchinos, onde foi instalada a Faculdade de Direito (1827). Nesta ocasião, foi estabelecida a primeira oficina tipográfica; e em 1827 surgiu o primeiro jornal impresso na cidade: *O Farol Paulistano*. A Escola Normal¹⁴² foi criada apenas em 1846.

Jorge Americano escreveu sobre as escolas primárias: *“Já me referi noutra ponto deste livro a Escola-Modelo ‘Caetano de Campos’*. A outra Escola-Modelo era a

¹⁴¹ AHSP_OPA 216, fls. 87-90, 1898.

¹⁴² Lei provincial n. 34, de 1846. Sobre o ensino ler MARTINS, 2003, p.255 e 305.

'Prudente de Moraes', na Avenida Tiradentes. Além delas, o ensino primário ministrava-se nos diversos grupos escolares e na Escola Americana¹⁴³.

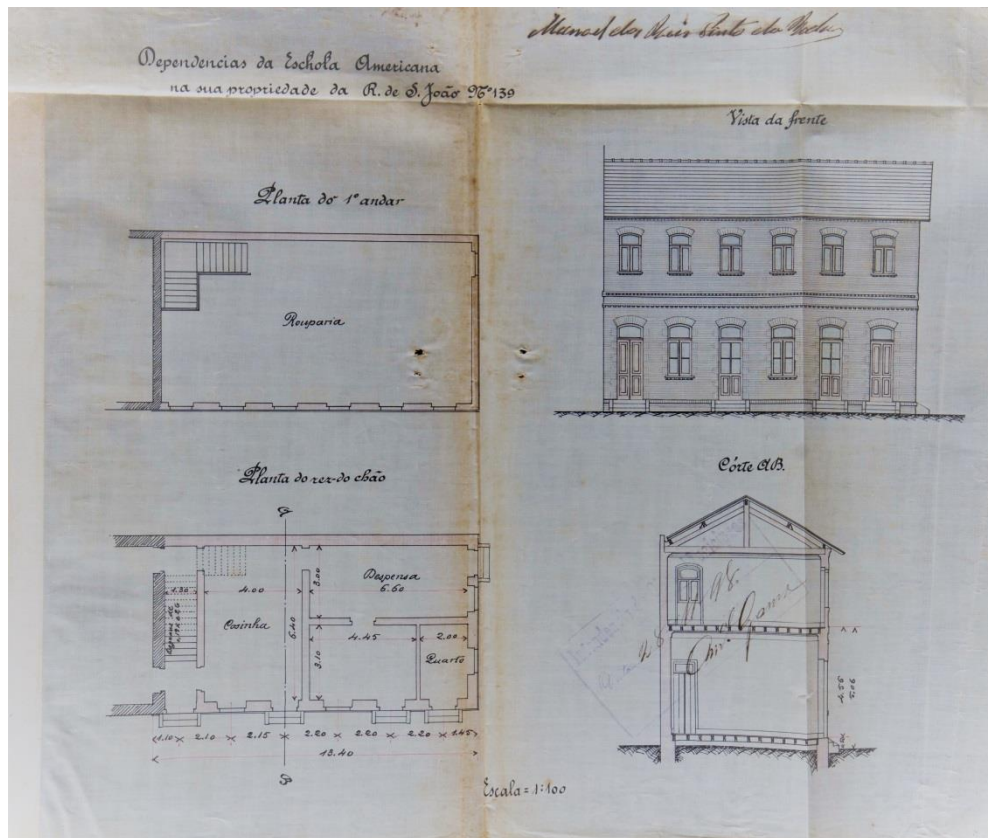


Imagem 77: Desenho para a Escola Americana. Fonte: AHSP_OPA 216, 1898.

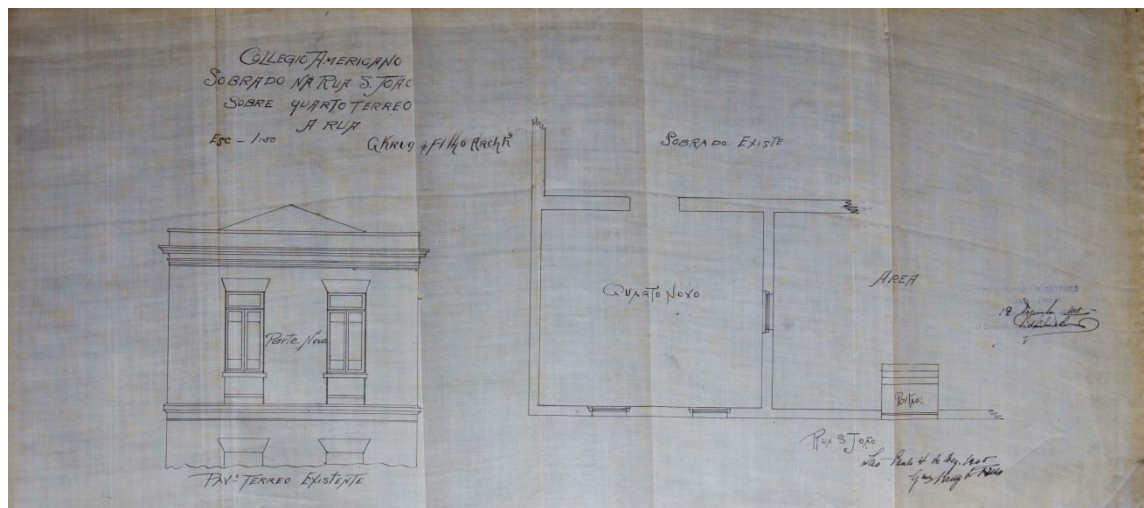


Imagem 78: Collegio Americano, sobrado na Rua S. João. Fonte: AHSP_OPA 424, fl. 20-21_1905.

¹⁴³ AMERICANO, 2004, p.373.

Com intuito educacional, o casal de missionários George e Mary Chamberlain, norte-americano e protestante, veio para o Brasil em 1869. Residindo na Rua Visconde de Congonhas do Campo, começou a ensinar na sala de jantar de sua casa¹⁴⁴. Com apoio da Igreja Presbiteriana, em 1872, as aulas mudaram para a Rua Nova de São José (atual Rua Líbero Badaró). Em busca de uma sede maior, a escola e igreja, em 1875, mudaram para a Rua São João na esquina com a Rua Ypiranga.

Em 1905, Guilherme Krug & Filho¹⁴⁵, Architectos e Construtores:

“...vem pedir à V. Ex^a se digne mandar aprovar as plantas juntas, para a construção do accrescimo de um andar superior, sobre o pavimento térreo existente, no Edifício Eschola Americana, sita a Rua de São João, esquina da Rua Ypiranga, na parte que se acha no alinhamento da Rua de São João, e por ser de justiça. (sic)

*E.R.D.
São Paulo, 4 de
dezembro 1905.
G^{me} Kruf F^o.”¹⁴⁶*

O desenho para: “*Collegio Americano, sobrado na Rua S. João*”. Apresenta a fachada em escala 1:50, e foi apresentado apenas a parte a ser construída, ou seja, o acréscimo com a reforma.

A Escola Americana, foi inovadora na sociedade católica que frequentava as escolas dos conventos, como dos jesuítas no Pátio do Colégio. Após um tempo passou a chamar-se *Mackenzie College*. Um novo e maior prédio foi construído para o curso de engenharia, no bairro de Higienópolis que estava sendo aberto. Encontramos para a rua D. Veridiana o *Projecto para o edifício do Mackenzie*

¹⁴⁴ BRUNO, 1954, p.399; 410 e 1270.

¹⁴⁵ Wilhelm Gustav Heinrich [Guilherme] Krug (Cassel, Alemanha, 1835 – São Paulo, 1907); imigrou da Alemanha e instalou-se na cidade de Campinas em 1852. Por alguns anos mudou-se para os Estados Unidos, ali casou com a norte-americana Amélia Catarina Baley Krug (Independence, MO, EUA, 1838 – São Paulo, 1915). Guilherme Krug e família em 1875 restabeleceram-se em Campinas, onde ele trabalhou como construtor. Mudaram para São Paulo em 1889, por causa da epidemia de febre amarela. Georg Krug (Fresno, CA, EUA, 1860 – São Paulo, 1919) formado em arquitetura pelo *Institute of Fine Arts* da Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia. Sócio do pai na firma Guilherme Krug & Filho, em 1892 construíram o Hospital Samaritano na rua Conselheiro Brotero quando o bairro de Higienópolis estava sendo aberto. FICHER, 2005, p.87-88.

¹⁴⁶ AHSP_OPA 424, fls. 120-123, 1905.

*College*¹⁴⁷, de 1894. Enfim em 1896, iniciam as aulas da Faculdade de Engenharia Mackenzie¹⁴⁸.



Imagem 79: Vista do *Collegio Americano*, à Rua São João. Fonte: NUNES, 2005, p.12.



Imagem 80: Projeto do *Mackenzie College*, à Rua D. Veridiana. Desenho de 1894. Fonte: AHSP_1894_OPA 73, fl. 109.

¹⁴⁷ AHSP_OPA 73, fl. 108, 1894.

¹⁴⁸ Sobre o Edifício Mackenzie, e sua restauração ver NUNES, 2005.

2. 4 A Ladeira São João, antiga Ladeira do Acu.

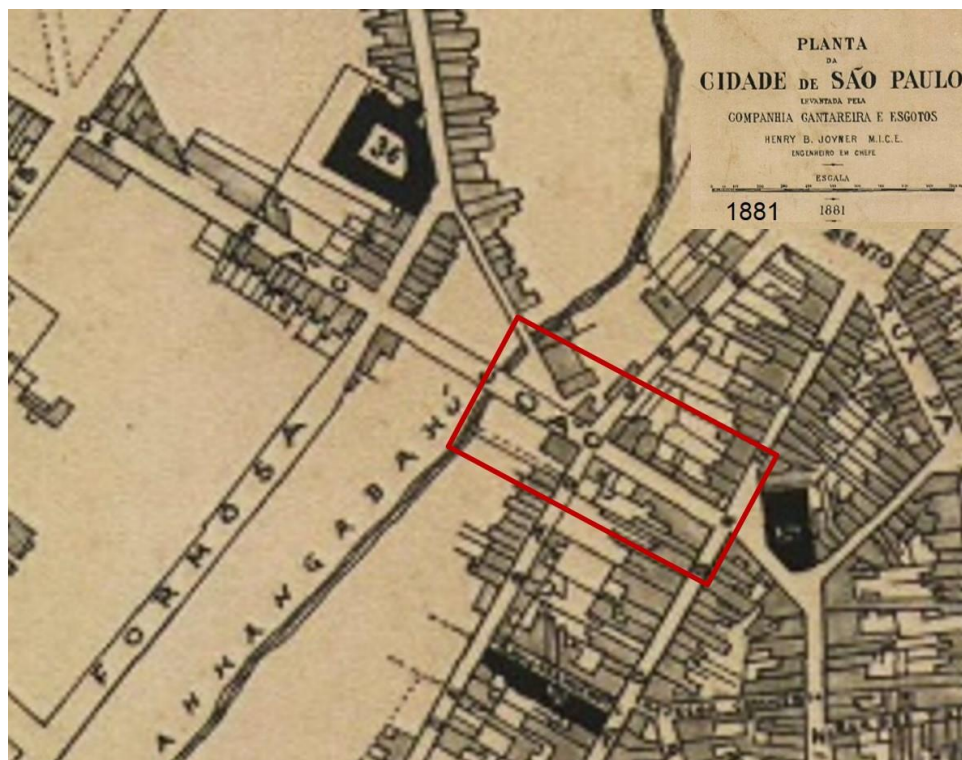


Imagem 81: Pormenor da *Planta da Cidade de São Paulo*, assinalado está a área da Ladeira São João. Base cartográfica realizada pela Companhia Cantareira e Esgotos, em 1881.

Em uma conversa caseira, sobre São Paulo mais antigo, Jorge Americano conta-nos um pouco:

“... - Veja. O Dicionário de Bouillet diz que em 1840 tinha uns 20 mil habitantes segundo uns e 40 mil segundo outros. Quando nós viemos de Pindamonhangaba para cá em 1880 eu tinha 15 anos. São Paulo era muito maior que Pindamonhangaba, mas era horrível. Você lembra de uma portinha que havia no Largo do Rosário, em frente a ferraria?

- Que ferraria?

- Uma forja de ferreiro para ferrar cavalos, não lembra?

- A Ladeira de São João chamava Ladeira do Acu, e descia dando no alagadiço do Anhangabaú...”¹⁴⁹

A Ladeira de São João, uma área de difícil ocupação, é a descida íngreme da colina da ocupação inicial da cidade em direção ao Ribeirão do Anhangabaú.

¹⁴⁹ AMERICANO, 2004, p.91.

Destacamos algumas singelas, porém corriqueiras, solicitações feitas pelos cidadãos para conhecermos como era este espaço. Confrontamos com imagens de modo a completar a ambiência pretérita. Onde era tido como Beco do Sapo, no ano de 1882 um cidadão italiano¹⁵⁰ faz uma solicitação para a construção de um novo prédio na Ladeira de São João, inclusive salientando a necessidade de higiene e salubridade perto do rio.

“Ilmo Sr. Presidente e Vereadores da Camara Municipal da Capital

Polleone Bonadoni cidadão italiano, residente n’esta cidade em o Beco do Sapo vem respeitosamente à presença... edificar um prédio com arcos sobre o Rio Anhangabahú tendo de frente para a Ladeira de S. João dez metros e vinte ditos laterais.

O supplicante junta uma planta da projectada edificação afim de que V.Sr. possam melhor liberar.

Conven fazer sentir que a construção do prédio pelo supplicante trará grandes vantagens à higgiene e salubridade publicas visto que desde que esteja edificada a casa cessará o despejo de materiais fecais e toda sorte de imundícies que cotidianamente son lançadas ao referido Rio.

O supplicante certo da justiça que preside aos actos de V.S. pede deferimento.

São Paulo, 30 de dezembro 1882.

(assina) Bonadoni Poleone”

O desenho apresentado da planta de um galpão, com detalhe da tesoura do telhado de duas águas. Inclui duas fachadas, uma lateral com um detalhe esquemático da fundação e mostra cinco janelas de vidraças com vergas retas. A outra fachada é a principal com o caimento das duas águas do telhado detalhes do acabamento, um adorno na cumeeira. Possui cinco envasaduras de portas com verga plana, portas de vidro, bandeira sobre essas, e contraverga de adorno em ambas as portas. Simulando um frontão triangular, uma janela central. Um desenho requintado dentre tudo o que foi investigado para a época.

Na documentação consultada, observamos inúmeros pedidos de alinhamento. Muita demanda de troca de janelas por portas-balcão, as vezes abertura de janelas, sempre a solicitação cita no alinhamento. Construções, reformas muito simples, mas com desenhos cuidadosos. Nos desenhos muitas vezes aparece um corte com parte da edificação. Dentre as solicitações estudadas, o primeiro desenho que aparece para a Rua São João data de 1893, trata-se de uma fachada para a reforma em uma edificação térrea, o interessado Diodato Lemme escreve:

¹⁵⁰ AHSP_OPA21 fl. 167, 1882.

“O abaixo assignado desejando abrir uma janela no muro do seu prédio sito a Rua São João n 23 vem nos requerer a necessária licença na forma da lei”.

O primeiro parecer do técnico da prefeitura requeria:

“planta demonstrando a reforma que pretendia fazer, assim como executar aquelle serviço de uma vez so afim de ficar solidamente feito. Sem esta exigência não deve ser permitido a requisição do requerente”.

O desenho foi anexado e o parecer final foi: *dado definitivo alinhamento na forma da lei*¹⁵¹.

Essas são demandas da realidade cotidiana que os técnicos da prefeitura tinham. Também de 1893, consta um desenho endereçado a Rua de São João, número 182, é para o Sr. Luiz Augusto da Silva, com a anotação:

“Planta de um sobrado a fazer-se com a parte velha (pavimento térreo) sito a Rua de São João nº 182 do Sr. Luiz Augusto da Silva (casa de operários) Escala 1:100”;

E uma nota:

“As janelas terão altura 2.20 m”.

O imóvel é para uso residencial no térreo consta o corredor de acesso, com duas janelas para a Rua São João a sala de visitas, dois cômodos com indicação um de dormitório e outro de quarto, mas que faz passagem para a Sala de Jantar aos fundos, e mais um quarto. No primeiro pavimento consta o corredor onde termina a escada, uma sala de visitas e um quarto, ambos com janelas para a Rua São João e um grande escritório. Não aparece cozinha e banheiros nesta edificação, provavelmente eram fora e no quintal aos fundos do lote. A fachada possui três envasaduras no térreo, sendo uma porta e duas janelas todas com vergas retas, alinhadas com três janelas do pavimento superior com vergas retas e sobrevergas triangulares decorativas. A edificação é arrematada nas laterais com falsas colunas que figuram sustentar o entablamento da platibanda reta sem adornos.

¹⁵¹ AHSP_OPA 56, fls. 163-164, 1893.

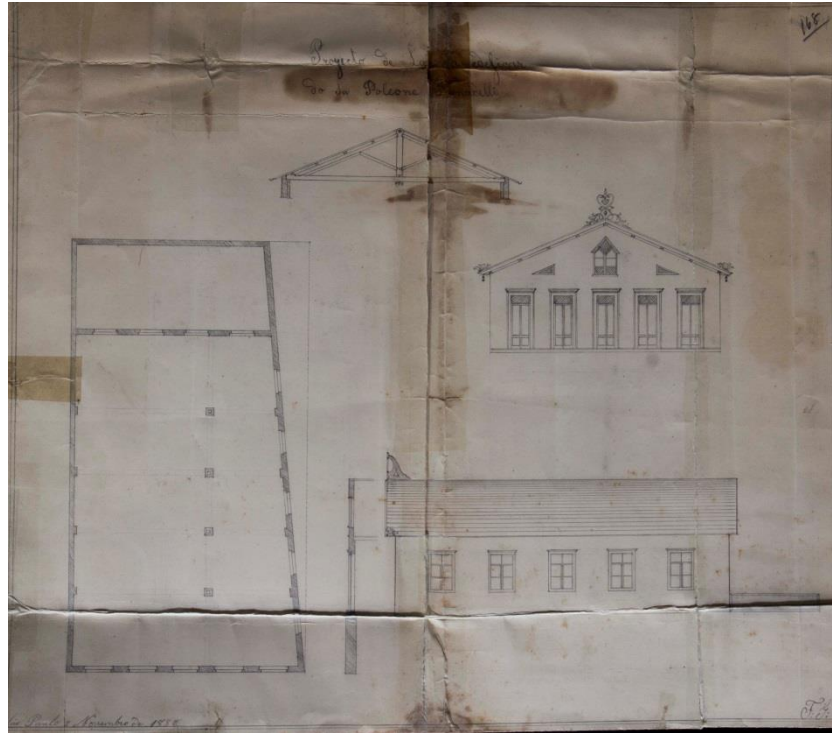


Imagem 82: Desenho para Sr. Poleone Bonadoni. Fonte: AHSP, OPA 21, fl. 168, 1882.

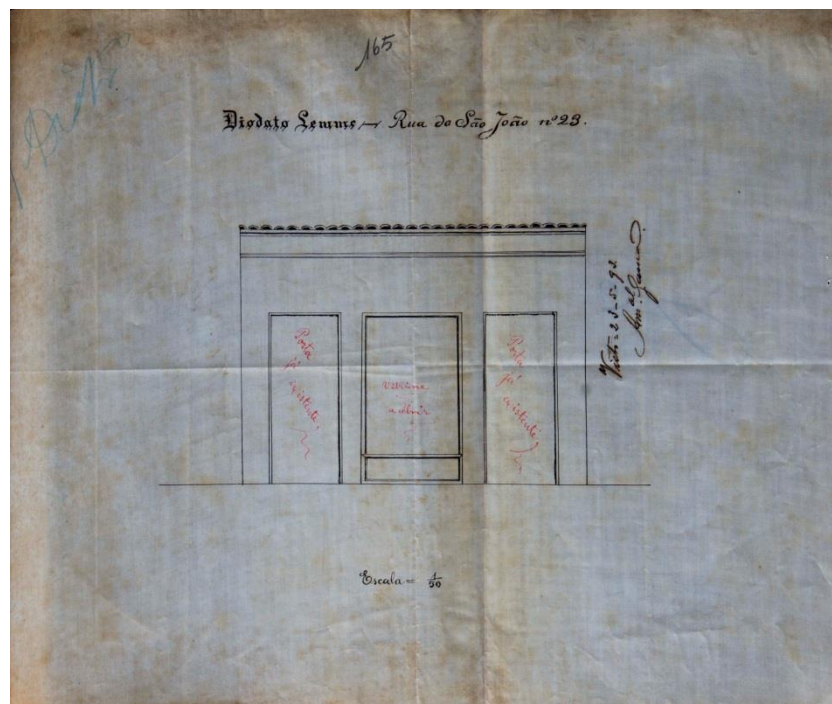


Imagem 83: Desenho para reforma da edificação térrea. Fonte: AHSP, OPA 56, fl. 165, 1893.

No ano de 1894 encontramos duas solicitações interessantes, feitas pelo empreiteiro com desenhos realizados por alguma outra pessoa. O primeiro refere-se à construção de um novo prédio, que no piso superior tem um salão para o jogo de bilhar:

“O abaixo assinado vem por meio deste requerimento pedir a Va. As. Que se digini mandar despachar as plantas incluzas a este requerimento, para a construção de um prédio a rua São João Nº 37 e ao mesmo tempo vem pedir o respectivo alinhamento. São Paulo 27 de julho de 1894”¹⁵².

Na prancha consta os desenhos das plantas dos dois pavimentos, sendo no andar térreo o armazém e no segundo andar para a frente do lote um ambiente com legenda *salão para club*, onde termina a escada uma passagem com claraboia e aos fundos está indicado *biliars*. A fachada é composta de três envasaduras no térreo com porta balcão, com bandeira, a do centro em arco abatido e as duas laterais com arco pleno. Alinhadas a essas no superior estão três janelas com vergas retas, com contravergas também retas como adorno. Como arremate superior há um entablamento e a platibanda reta simples.



Imagem 84: Planta de um sobrado, à Rua São João 182. Fonte: AHSP, OPA 14 – papéis avulsos, 1893.

¹⁵² AHSP_OPA 70, fls. 125-127, 1894.



Imagem 85: Construção de um novo prédio na Rua São João, 37. Fonte: AHSP, OPA 70, fl. 127, 1894.

O segundo consta:

“Nunzio da Divitir desejando reconstruir um armazém de marcenaria e Colchoaria e mais a construção de um sobrado, na Rua S. João, 27, conforme as posturas da Camara e a planta junta, vem respeitosamente pedir a Va As a necessária licença. São Paulo 2 de março 1894”¹⁵³.

A prancha com desenhos possui planta dos dois pavimentos e a fachada. A numeração consta corrigida na solicitação, mas nos desenhos continuam com o número 26. Na legenda consta a indicação das tintas: preta, partes existentes a conservar e vermelha, a construir ou reconstruir. Na planta do térreo, nos fundos do lote aparece indicado *alpendre (galpão) já existente para depósito de colchões*. No “pateo” (sic.), ou seja, quintal tem uma latrina e é onde está a escada de acesso ao superior que termina em uma pequena varanda. A fachada esclarece que o pavimento superior é a construir. No térreo possui duas portas balcão arrematadas com bandeira em arco pleno. Alinhadas estão as duas janelas com vergas retas do superior. Ambas possuem falsa sobrevergas retas adornadas. O arremate superior é feito com um entablamento simples e a platibanda. Não possui planta de cobertura.

¹⁵³ AHSP_OPA 70, fl 137-139, 1894.

Nesse cenário de pequenas reformas foi onde a obra de grande impacto urbano na cidade de São Paulo à época aconteceu.

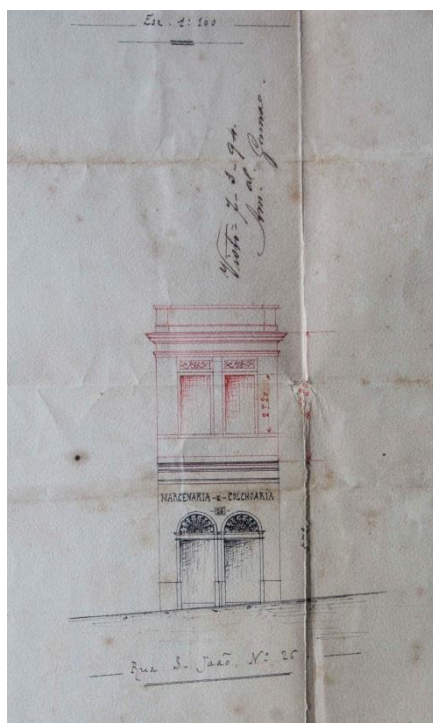


Imagem 86: Reforma de um armazém, ampliando o pavimento superior. Na legenda em vermelho é a construir. Fonte: AHSP, OPA 70, fl. 139, 1894.



Imagem 87: Vista da Ladeira de São João, na esquina com a Rua São Bento, em 1914. Onde está o Café Brandão é hoje o Prédio Martinelli. Fonte: BMA, Álbum Casa Duprat, vol.1, 1862-1887-1914.

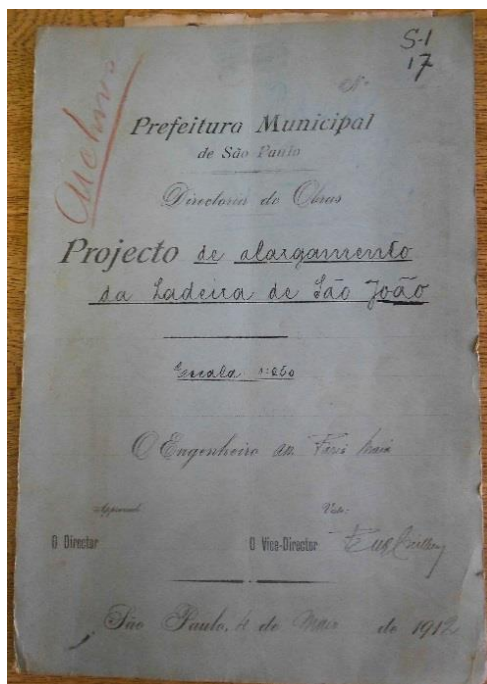


Imagem 88: Capa do Processo do *Projecto de alargamento da Ladeira de São João*, de 1912, no acervo da SIURB. Foto da autora.

O primeiro trecho a ser alargado foi a Ladeira São João, ou seja, o trecho entre a recém aberta Praça Antônio Prado e a Rua Líbero Badaró, na planta¹⁵⁴ consultada a Rua São João possuía 11,01 metros de largura e os desenhos explicitam que a largura passou à 30,00 metros. Na capa do processo sem número consta a assinatura do vice-diretor engenheiro Guilhem. Observa-se os imóveis a serem desapropriados, estão todos assinalados no lado par da via em questão.

As informações relevantes destes desenhos referem-se aos lotes com o nome dos seus respectivos proprietários que foram desapropriados. Lê-se três imóveis e o respectivo proprietário dos lotes com frente para a Praça Antônio Prado, são eles: Alberto Rodrigues, A = 247.617²; a Confeitaria Castellões, A = 194.090²; aos fundos deste também do Sr. Alberto Rodrigues, A = 78.845²; e vizinho parte do Banco Hypothecario, com área total 398.385², a área total desapropriada com frente para a Praça Antônio Prado foi A = 179.37m². Neste quarteirão com frente para a ladeira São João, os lotes 8, 10, e 12 foram totalmente desapropriados; os lotes 14, 16, 18 e 20, 22, foram em parte desapropriados. Esta quadra da ladeira limita-se na Rua Libero Badaró. Observar a imagem de 1904 e confrontá-la com a planta, explicita quais foram os bens desapropriados e posteriormente demolidos com frente para a Praça Antônio Prado.

¹⁵⁴ A planta estudada pertence ao acervo da Secretaria de Infraestrutura Urbana e Obras – SIURB.

Na quadra entre a Rua Líbero Badaró e o Vale do Anhangabaú, alguns lotes voltados e para a rua Líbero Badaró, dentre os quais parte do lote numerado 117 e 115, os lotes numerados 113 e 111 inteiros; com frente para Ladeira São João os números 24 e 30, e outros com frente par o Anhangabaú, 4 e 6.

As obras de alargamento no primeiro trecho foram realizadas em 1913 e 1914. Em seguida o ajardinamento do Vale do Anhangabaú, em 1916. Segundo o professor José Eduardo de Assis Lefèvre¹⁵⁵: “...consolidou a sua importância como eixo de ligação na direção oeste, por onde circulávamos bondes elétricos, bem como eixo de implantação de hotéis, restaurantes e cinemas”. Enfim este quarteirão do lado par situado lindeiro ao Vale do Anhangabaú foi alargado, e ali havia uma bifurcação para a Rua São João e a Rua do Seminário.



Imagem 89: Planta da área de alargamento da Ladeira São João. Consta o nome dos proprietários, a área dos lotes, e a área a ser desapropriada de cada lote. Fonte: SIURB.

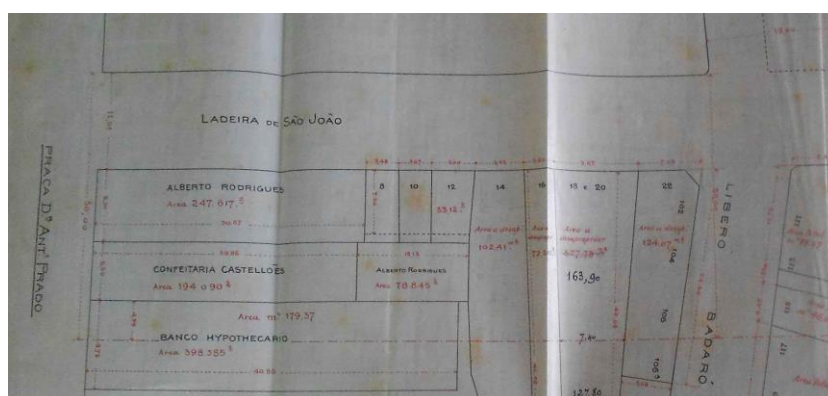


Imagem 90: Pormenor da planta acima, no trecho entre a Praça Antônio Prado e a Rua Líbero Badaró. Fonte: SIURB.

¹⁵⁵ LEFÈVRE, 2003, p. 959.

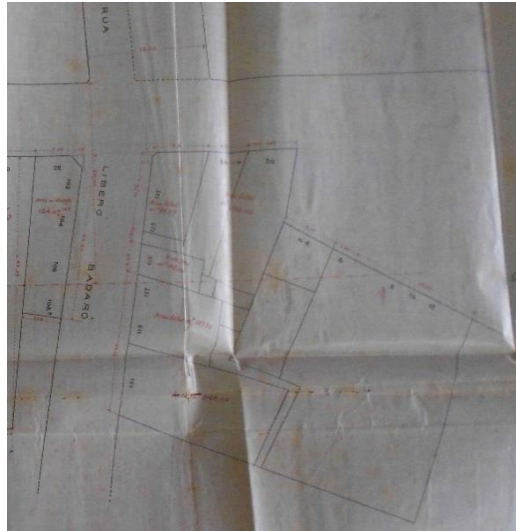


Imagem 91: Pormenor da planta acima, no trecho entre a Rua Líbero Badaró e o Ribeirão Anhangabaú. Fonte: SIURB.



Imagem 92: Ladeira São João em 1911. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.



Imagem 93: Avenida São João em 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.



Imagem 94: Vista da Ladeira São João durante as obras de alargamento desta via em 1910. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.



Imagem 95: Vista do canteiro de obras durante o alargamento da Ladeira São João, em 1913. BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.



Imagem 96 e Imagem 97: Vistas da Ladeira e Rua São João, na esquina com a Rua Líbero Badaró, c.1910-1911. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.



Imagem 98 e Imagem 99: Vistas da Ladeira e Avenida São João, na esquina com a Rua Líbero Badaró em 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.

2.5 O Mercado São João, 1890 e 1898.

Como dito anteriormente novas demandas sucediam na cidade de São Paulo. Para suprir o abastecimento de alimentos foi construído em estrutura metálica, de 1886 a 1890 o Mercado São João. Implantado à Rua São João, na planície do Anhangabaú, no sopé da Rua do Seminário conforme podemos visualizar na *Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes*, desenhada e publicada por Jules Martin.

Segundo descrição de Antônio Egydio de Martins: “*Próximo ao princípio da Rua Formosa está o Mercado São João, que foi construído no local em que, antes, existiram pequenos e antigos prédios térreos, situados na Rua do Seminário e pertencentes à Santa Casa de Misericórdia e que confinavam: de um lado com a Rua São João e, de outro lado, com o Beco do Sapo e, pelos fundos, com o Rio Anhangabaú, sendo esses pequenos prédios desapropriados, em fins de 1886, pela Câmara Municipal, pela quantia de 28 contos e mandados demolir para ser feito o atual Mercado de São João, cuja inauguração teve lugar em 30 de junho de 1890, importando as respectivas obras em cerca de 1000 contos de réis*”¹⁵⁶.



Imagem 100: Assinalado em vermelho o Mercado São João, no pormenor da *Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes*, desenhada e publicada por Jules Martin em 1890.

¹⁵⁶ MARTINS, 2003, p. 168-169.

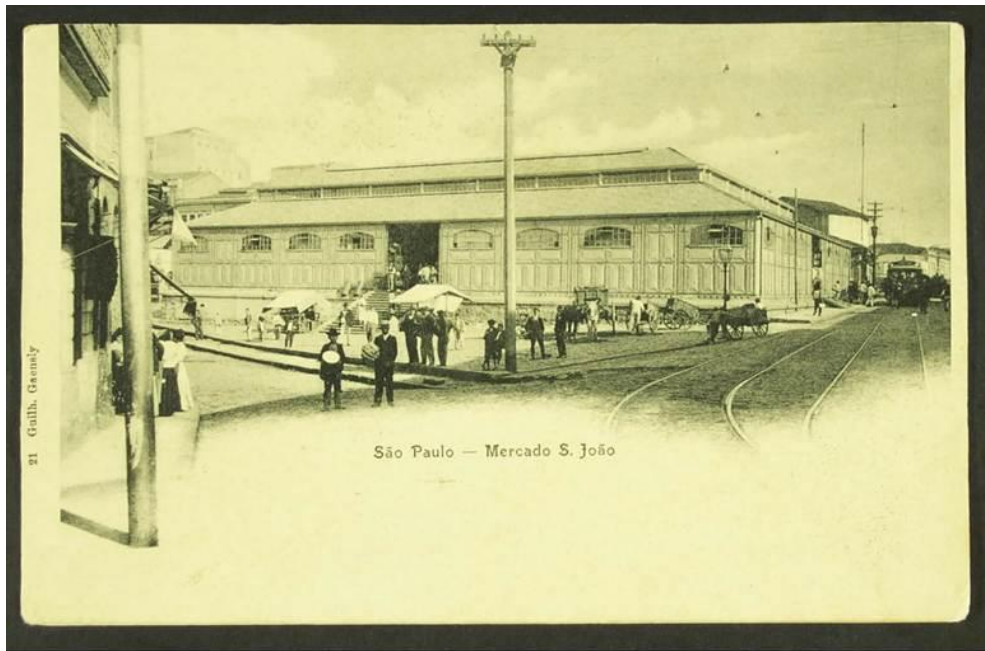


Imagem 101: Vista do Mercado São João de quem vem pela Rua do Seminário. A Rua São João está aos fundos da edificação. Fonte: BMA, coleção Cartões Postais, 1900-1940.



Imagem 102: Mercado São João em estrutura metálica, 1908. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.

Imagem 103: Mercado São João, visto da Rua do Seminário. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.

Observando as imagens pesquisadas do começo do século XX, vê-se uma edificação de um único pavimento, com diferença de duas alturas no pé direito. Nas fachadas observa-se que os vãos, as aberturas externas, são poucos e pequenos. Predominando os cheios sobre vazios. Construído em estrutura modular metálica importada. Não foi localizado no Arquivo Histórico de São Paulo registros gráficos desta edificação. Entretanto pelo desenho da implantação na cartografia observa-se que a planta o edifício é um quadrado, com cerca de 50 metros de lado, e um outro

quadrado interno menor, ou seja, configurando um pátio interno. O acesso era feito por uma entrada central a cada fachada do edifício.

Sobre os mercados escreveu Jorge Americano¹⁵⁷: “*Quem saísse da Praça Antônio Prado descendo a Ladeira de São João, passava por uma fila de engraxates, à beira da calçada. Uma cadeira de braços, assento de palhinha, à qual ficava preso, aberto, o guarda-sol de lona. Um suporte para o pé do freguês, o caixotinho com a graxa, escovas, panos de lustrar e um vidro de água, outro caixotinho onde se sentava o engraxate, e duas pequenas almofadas, para quando preferisse ajoelhar-se; revistas, nos braços da cadeira. Preço: graxa, um tostão, com um vintém de gorjeta, pomada, 200 réis, com 50 réis de gorjeta.*

A graxa desapareceu. Era uma coisa preta, pastosa, dissolvida em água. Sobrou a pomada (sempre estrangeira).

Vamos descendo a ladeira. No lugar que é hoje fronteiro ao Correio, a Rua São João (10 metros de largura) tinha, do lado esquerdo o Teatro Politeama (paredes e telhado de folhas de Flandres) e do lado direito o ‘Mercadinho’ (paredes e telhado de folhas de Flandres).

O mercadinho era quadrado, 50 metros por 50, uma entrada central em cada face.

Havia frutas, cereais, legumes, verduras, linguiças, frangos, toda pequena produção das chácaras dos arredores da cidade, e um setor de peixe, vindo de Santos. Nada de artigos que não fossem comestíveis, a não ser as cestinhas e peneiras tecidas em taquara e os potes e maringas de barro. Nos comestíveis, bacalhau seco, mas não produtos enlatados”.

Todavia, na investigação do acervo de Obras Públicas foi localizado os originais do projeto¹⁵⁸ para um novo edifício do Mercado São João, datado novembro de 1898. O projeto está assinado por *Dubugras*¹⁵⁹ & *Heuszler architectos*¹⁶⁰. A área do prédio que seria construído era maior, para isso foi feito um estudo de desapropriação de lotes na área do entorno do Mercado São João existente.

¹⁵⁷ Crônica escrita por Jorge Americano (1891-1969) das memórias de sua infância e juventude. Advogado e promotor público, foi professor e reitor da Universidade de São Paulo-USP. AMERICANO, 2004, pp. 101-102.

¹⁵⁸ Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João, 1898.

¹⁵⁹ Victor Dubugras (Sarthe-França, 1868 – Teresópolis-RJ-Brasil, 1933) arquiteto, trabalhou em Buenos Aires com o arquiteto Tamburini (Teatro Colón). Em 1890 mudou-se para São Paulo. Cidade que trabalhou no Departamento de Obras Públicas do Estado (D.O.P.) antes de ter escritório. Dentre seus projetos destaca-se a Estação Ferroviária Mayrink. No final da década de 1920 mudou-se para o Rio de Janeiro. Sobre este profissional ver: REIS FILHO, 2005; e FICHER, 2005, pp.75-83.

¹⁶⁰ O arquiteto alemão *Heuszle*, não se sabe ao certo quem é. Ver mais FICHER, 2005, p.170.



Imagem 104: Planta com os lotes a serem desapropriados para o que seria o novo Mercado São João.
Fonte: Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João, 1898.

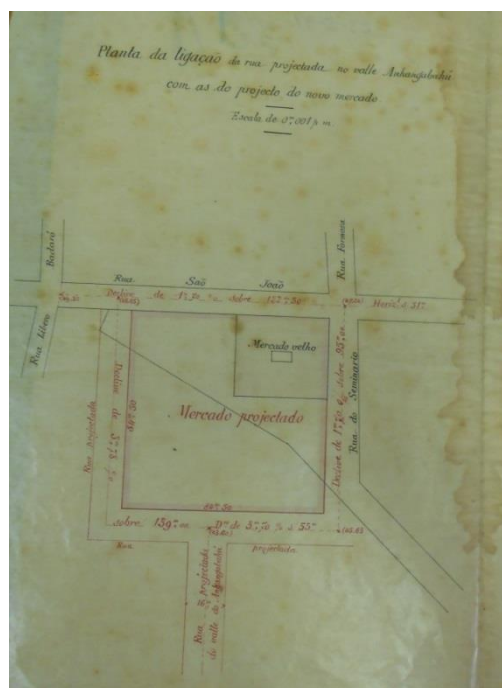


Imagem 105: Desenho de implantação do Mercado projetado, informando a planta do Mercado velho.
Fonte: Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João, 1898.

Nas plantas, em escala 1:100, do edifício lê-se a distribuição dos espaços comerciais em torno de um pátio central quadrado, que resolve a circulação horizontal como em um claustro. Nos quatro cantos do quadrado há torres de distribuição e circulação vertical dos cinco pavimentos propostos. Na metade de cada lado do quadrado, encontram-se outras quatro torres secundárias de circulação vertical.

A fachada é eclética, com influência neogótica, apresenta um ritmo horizontal em módulos. Esses módulos são divididos numa composição de três vãos, e nos andares superiores possuem colunas encimadas com três arcos plenos. As torres de circulação secundárias definem os eixos de simetria da fachada. E nos quatro cantos, as torres são destacadas da volumetria do edifício.

Sobre o neogótico, Reis Filho¹⁶¹ fez a observação em relação aos projetos de Victor Dubugras: *“No projeto de seus colegas, o neogótico era resolvido quase sempre como se fosse apenas um novo repertório de elementos decorativos. Para Dubugras, seguindo os preceitos do francês Viollet-le-Duc, as soluções tinham caráter evidentemente construtivo”*. Mais adiante: *“O Eclétismo em Dubugras correspondia a uma postura fundamentalmente experimental, voltada para a pesquisa da lógica dos processos construtivos e dos materiais, mais que a uma preocupação formal e decorativa. Em sua arquitetura, a forma decorria da construção”*. Não vamos aprofundar sobre os projetos deste profissional, mas nos poucos desenhos do projeto para o novo mercado, pudemos constatar que é um projeto funcional, e priorizava a circulação dentro do prédio de cinco pavimentos.

Enfim, este projeto não foi executado apesar das casinhas terem sido todas demolidas. A edificação do “velho” Mercado São João também foi a baixo em 1914. A estrutura metálica, segundo os professores Lefèvre e Pinheiro¹⁶², era similar a estrutura da estação de trem da cidade de Bananal, poderia ter sido remontada em outro endereço e ainda hoje seria muito apreciada.

A área aberta na várzea do Anhangabaú posteriormente foi tratada com paisagismo e neste local passou a ser a Praça do Correio. Espaço que abrigou a escultura de Giuseppe Verdi, de autoria de Amadeo Zani, oferecido pela colônia italiana. O novo Mercado Municipal foi construído de 1928 a 1933 à Rua da Cantareira, na várzea do Rio Tamandateí, projetado por Francisco de Paula Ramos de Azevedo.

¹⁶¹ REIS FILHO, 2005, p. 19 e 20.

¹⁶² O texto aborda a Avenida São João, em toda a sua extensão, incluindo o Elevado Costa e Silva, vulgo Minhocão, no período posterior ao presente estudo, com foco na deterioração dos edifícios ao longo desta via. LEFÈVRE; PINHEIRO, 2002, p. 4-6. Outro artigo sobre este assunto foi publicado LEFÈVRE, 2003. Sobre o transporte coletivo ver também a pesquisa do professor Lefèvre, 1985.



Imagem 106: Fachada. Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João, 1898.

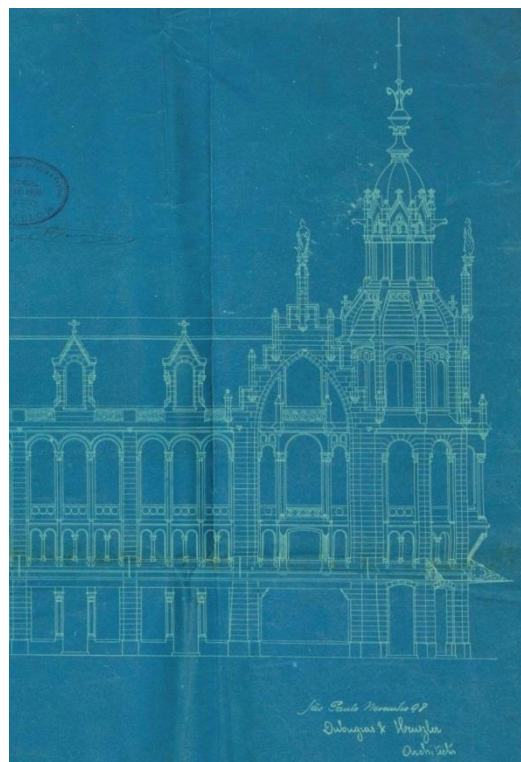


Imagem 107: Pormenor da fachada do projeto do novo Mercado São João, 1898.

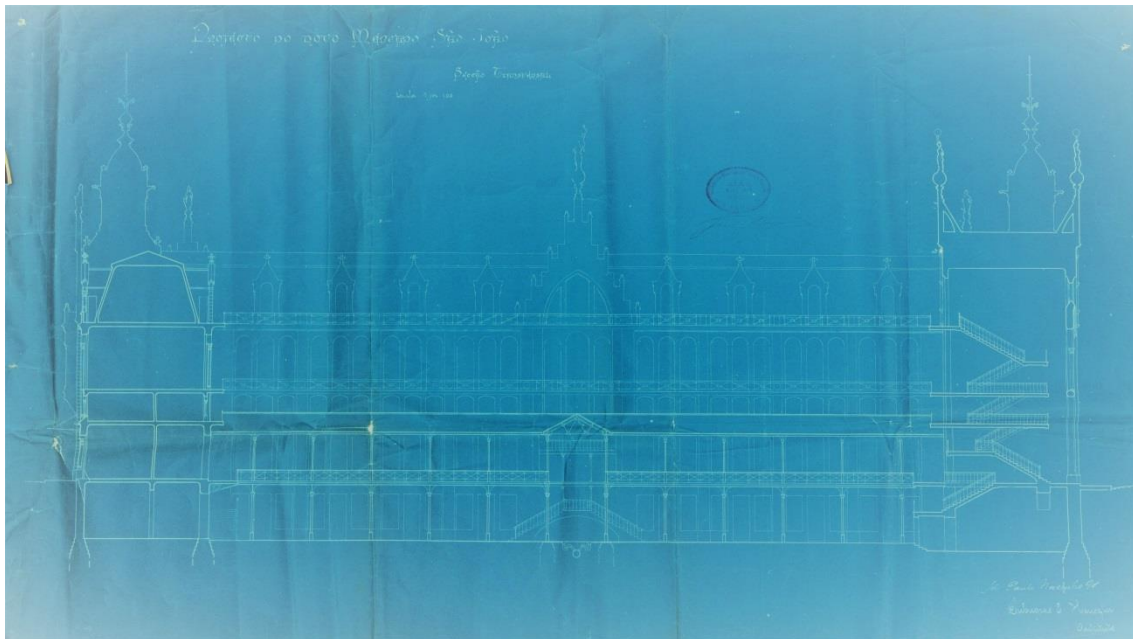


Imagem 108: Corte. Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João, 1898.

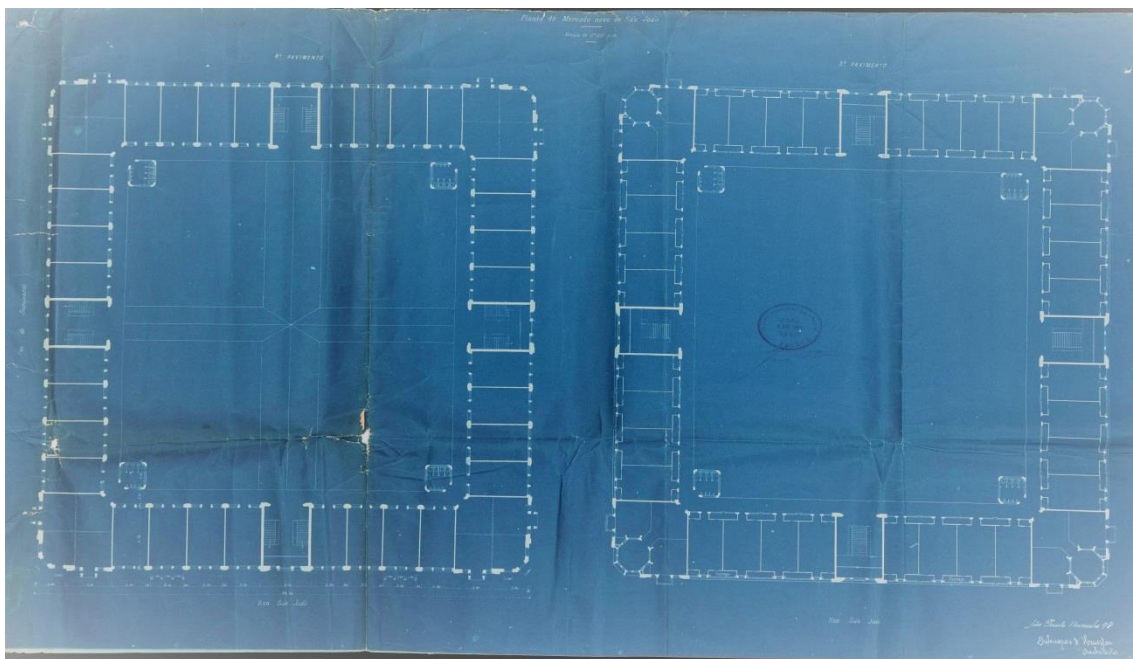


Imagem 109: Plantas. Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João.



Imagem 110: Obras de alargamento da Rua São João, em 1914. Vê-se o local onde era o Mercado São João, recém demolido. Fonte: BMA, álbum Casa Duprat, vol.1, 1862-1887-1914.



Imagem 111: Cartão Postal com a vista aérea da Praça do Correio que tomou o lugar do Mercado São João. Década de 1920. Fonte: Acervo particular.

2.6 Polytheama, teatro Eldorado Paulista, Casino Paulista, Bijou Theatro, Bijou Salão.

Antes de começar este capítulo, polytheama¹⁶³ significa um espaço com muitas funções como: teatro para vários gêneros de representação, salão dançante, cinema, o que nos dias de hoje chamamos de um espaço multi-uso. Iremos conhecer o espaço Polytheama, que era vizinho a outra edificação onde funcionou o Eldorado Paulista, Casino Paulista, depois Salão Bijou, da cidade de São Paulo.

Na cidade de São Paulo, mesmo sendo retardatária na vida cultural, ainda no período colonial existiu a Casa de Ópera por volta de 1763, na Rua São Bento; posteriormente no Largo do Palácio funcionou a segunda Casa de Ópera¹⁶⁴ por volta de 1795 (demolida em 1870). Outros teatros como Teatro Bатуíra, Teatro São José, Teatro Apollo, Teatro Minerva, funcionaram na cidade na ocasião da abertura do Polytheama Nacional, endereçado à Rua São João, 23.

A crônica de Jorge Americano sobre teatros resume: “*Surgiram por esse tempo o Teatro Apolo, o Santana, na Rua Boa Vista. Também o Politeama, na Ladeira de São João e pegado o Cassino Paulista, onde foi depois o Bijou Théâtre, o cinema Central, e em seguida a Delegacia Fiscal do Tesouro Federal. Demolida, ficou a Avenida Anhangabaú, e se fez aí a passagem inferior do cruzamento com a Avenida São João*”¹⁶⁵.

Situava-se na várzea do Rio Anahangabaú, do lado oposto do Mercado São João. O terreno era de propriedade da Companhia Antártica Paulista. Consta na pesquisa de Elisabeth Azevedo para o endereço Rua de São João 67, o Cabaré do Sapo Morto, de 1897¹⁶⁶, mas deste bem não localizamos nenhuma informação gráfica ou iconográfica.

O *Polytheama* e o *Salão Bijou* estão desenhados claramente na base cartográfica atribuída a 1911, denominada “*Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo*”¹⁶⁷, foi feito um pormenor para destacar as edificações. As quais também podem ser vistas em registros iconográficos do começo do século XX.

¹⁶³ Sobre a grafia constam nos documentos diversos modos de escrever: Polytheama, Politeama, Politeama. Será adotada a mais frequente, ou seja, Polytheama; salvo quando forem feitas citações.

¹⁶⁴ Sobre o tema teatro, ver o texto da historiadora Elisabeth R. Azevedo: O teatro em São Paulo (1554-1954), em PORTA, 2004, pp.523-583.

¹⁶⁵ AMERICANO, 2004, p.216.

¹⁶⁶ AZEVEDO. Em: PORTA, 2004, p.576.

¹⁶⁷ Coleção Aguirra, Museu Paulista/USP, planta editada por *Thomas & Cia. E Impressa no Estab. Graphico Weissflog Irmãos*, adotada pela pesquisadora na dissertação de Mestrado.

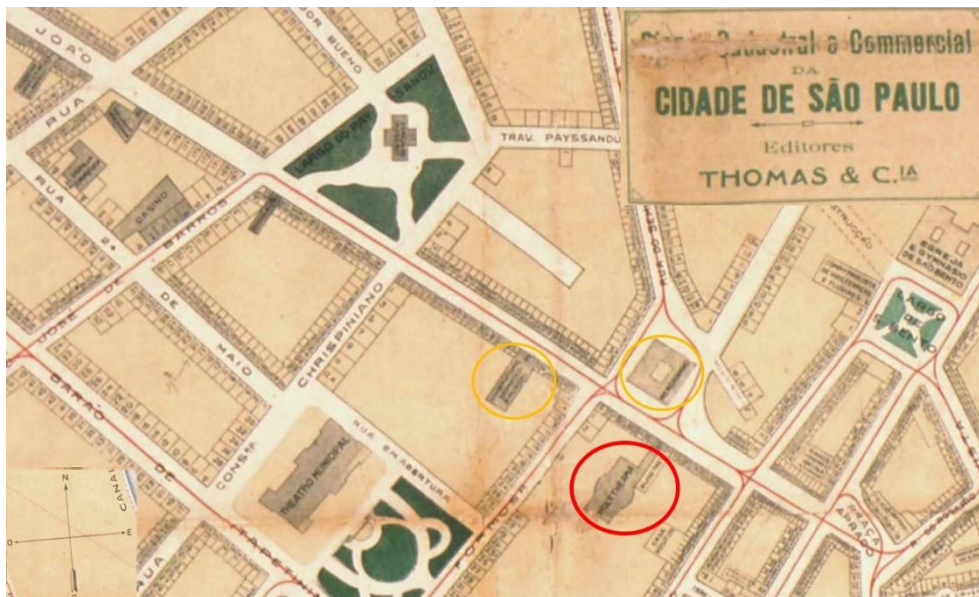


Imagem 112: Pormenor da *Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo*, atribuída a 1911, destacado em vermelho o Polytheama e Salão Bijou, editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estab. Graphico Weissflog Irmãos, São Paulo. Fonte: Coleção Aguirra, Museu Paulista/USP.

O espaço do Polytheama é um grande barracão, construído em madeira e com telhas de zinco. Pela planta se faz a leitura clara da plateia distribuída no círculo e no retângulo o palco sem aparato cênico, com os camarins distribuídos em “L” atrás do palco. Não há espaço para orquestra, nem proscênio.

Dentre os documentos localizados sobre esses prédios, constam alguns desenhos originais destes edifícios, que passaram a ser exigidos a partir de 1893. Em julho de 1897, o Intendente de Polícia e Hygiene em vistoria ao barracão observou que estavam “fazendo uma cochina, atraz de seu Botequim do Poletiana” (sic.) e exigiu “por de acordo com o padrão estabelecido”¹⁶⁸ pela lei municipal vigente à ocasião. E a “cochina” foi demolida.

No ano seguinte¹⁶⁹, em 16 de maio, o escritório Fried & Ekman, apresentou desenhos para construir um Salão Provisório no terreno do Polytheama e pedia despacho para ali montar um boliche (fl.114). Na prancha lê-se “Projeto para Salão Eldorado Paulista”, os desenhos apresentados estão em escala 1:100. No dia 25 de maio de 1898, a obra foi embargada por falta de plantas (fl. 113 e 118). Apesar de já constarem desenhos anterior à data do embargo, o escritório contratado apresentou um novo desenho para a fachada contemplando a entrada do Polytheama no mesmo alinhamento.

¹⁶⁸ O barracão foi interditado, para atender as demandas dos Códigos. AHSP_O.PA 180, fl.44-45, 1897.

¹⁶⁹ AHSP_O.PA 216, fl.99-153, 1898.

A fachada da edificação térrea, possui composição simétrica. Ao centro possui três portas de acesso com vergas retas. E outras duas, uma a cada lateral, arrematadas em arco pleno. O acabamento é em argamassa raspada, com bossagem simulando pedras. Entre as envasaduras há pilastras, as duas centrais adornadas com capitéis, as duas laterais as envasaduras centrais, apoiam a arquitrave do entablamento. O coroamento possui um frontão central triangular, abrindo horizontalmente para os dois lados e arrematado com pináculos. O tímpano deste frontão há um ornato em arco abatido que se alinha à divisão tripartida das envasaduras centrais. Confrontando a fachada com imagens aéreas de outros ângulos vemos que o telhado possui de duas águas.

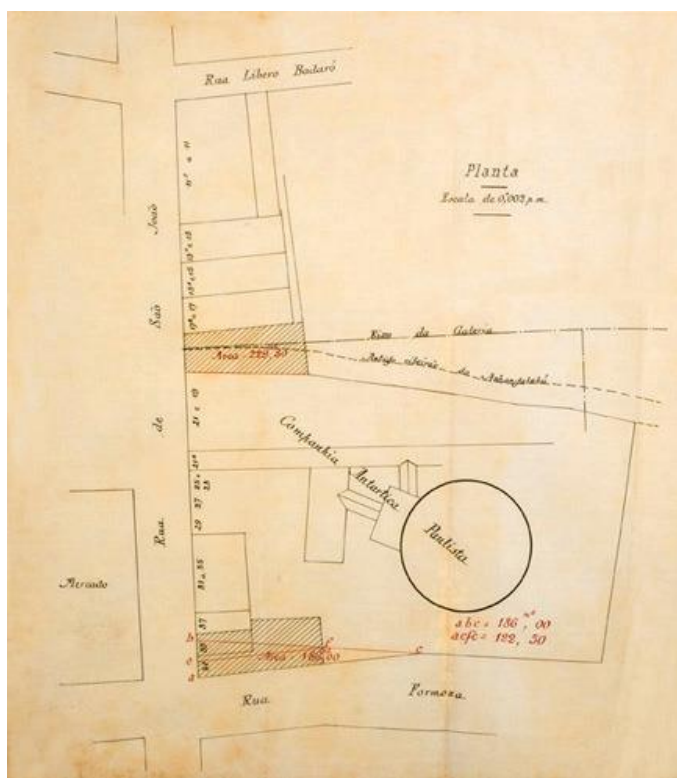


Imagem 113: Implantação. Fonte: AHSP, Coleção de Plantas da Cidade de São Paulo, Mapoteca 2, 1898.

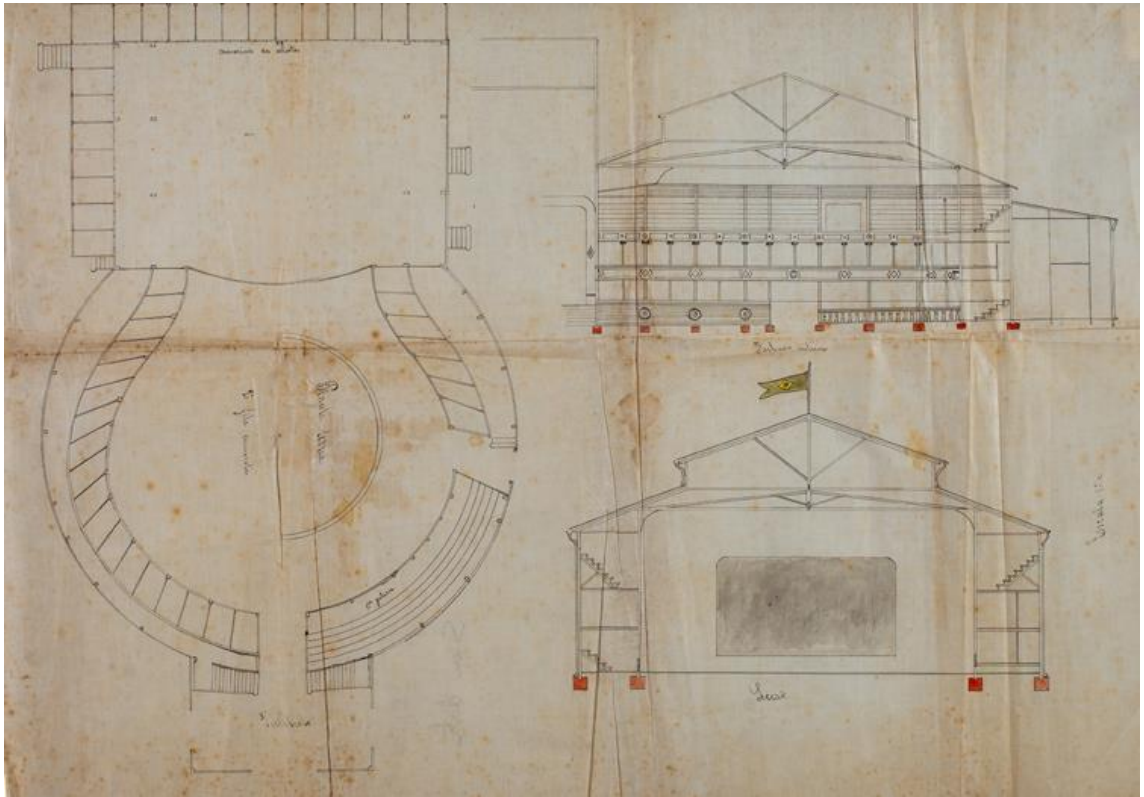


Imagem 114: Desenhos originais. Planta e dois cortes. Fonte: AHSP, Coleção de Plantas da Cidade de São Paulo, Mapoteca 2: Número 229, notação: VILE 4, 1898.

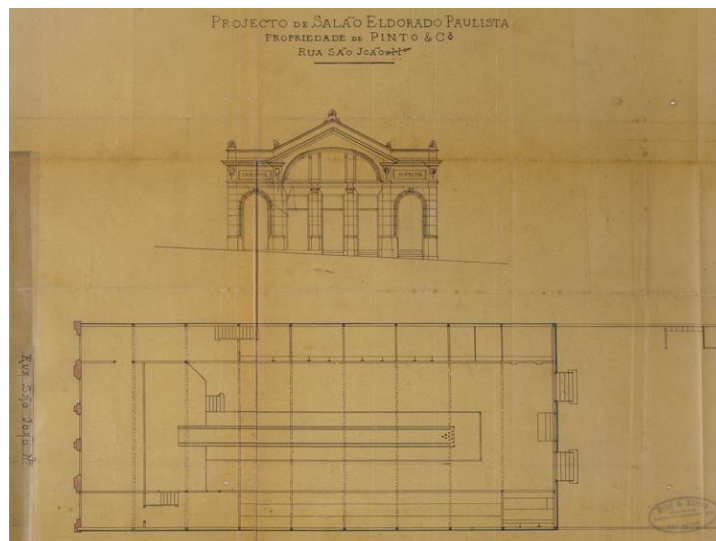


Imagem 115: Fachada e planta para o Eldorado Paulista. Fonte: AHSP, O.PA 216, fl.116, 1898.

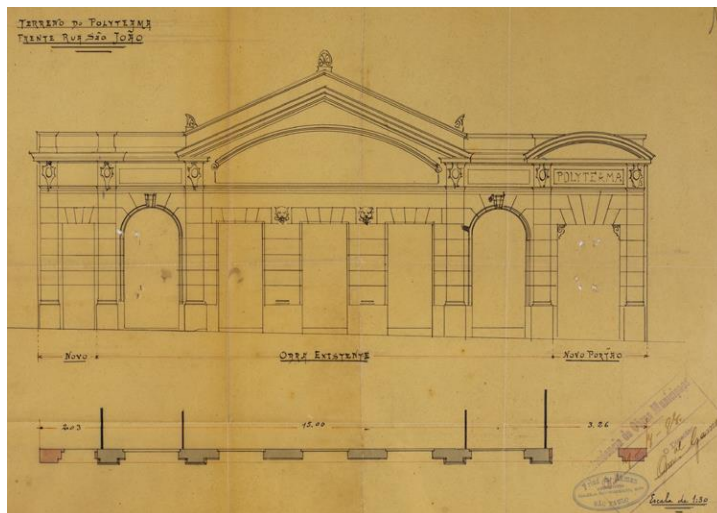


Imagem 116: Fachada do Eldorado Paulista, com o acréscimo do acesso ao Polytheama. Fonte: AHSP, O.PA 216, fl.123, 1898.

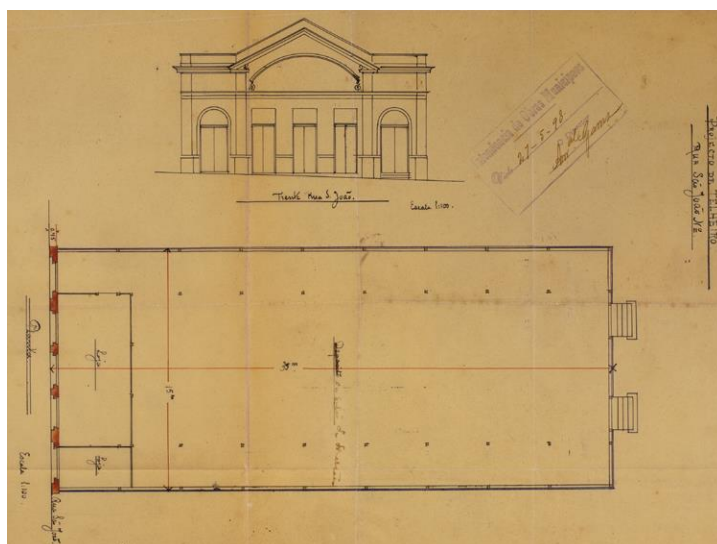


Imagem 117: Fachada e planta para o Eldorado Paulista. Fonte: AHSP, O.PA 216, fl.124, 1898.

Em junho de 1898, nova vistoria foi realizada no barracão em construção junto ao Polytheama. O proprietário do barracão e arrendatário do terreno Sr. Francisco de Salvo foi notificado, e teve o prazo de 15 dias para manifestação. Em outubro prossegue com a seguinte solicitação inicial e anexa desenho:

“O abaixo assignado desejando construir um barracão de madeira junto ao botequim do Polytheama para bilhar, vem respeitosamente pedir a appração da planta que ajunta em duplicata, bem assim a respectiva licença.

P. Deferimento.

São Paulo 13 de outubro de 1898.

*Ass: Francisco de Salvo*¹⁷⁰.

¹⁷⁰ AHSP_1898_O.PA 216, fl.105.

Foi feita vistoria pelo auxiliar técnico que informou haver espaço no terreno para a construção do barraco de madeira. Na sequência o técnico Carlos Milanese escreveu no parecer: “*Visto ser construção não prevista do padrão municipal, sou de parecer que pode ser deferida*”.

Logo em seguida o mesmo Sr. Francisco de Salvo requer alvará de licença para construir a parede externa dos camarotes para os artistas no Polytheama, junto apresenta plantas. Conforme parecer do técnico Pedro D. Santos: “... *não haver inconveniente em conceder-se a licença...*”

A fachada teve duas alterações, uma é uma “falsa” porta na lateral esquerda de quem olha o prédio. E a outra é uma nova porta com verga reta de acesso ao Polytheama na lateral direita de quem olha o prédio. Enobrecendo este acesso, há um ornato como um pequeno frontão em arco abatido. Esta é a fachada do *Casino Paulista*, que em outra reforma passou a ser o *Bijou Theatre*.

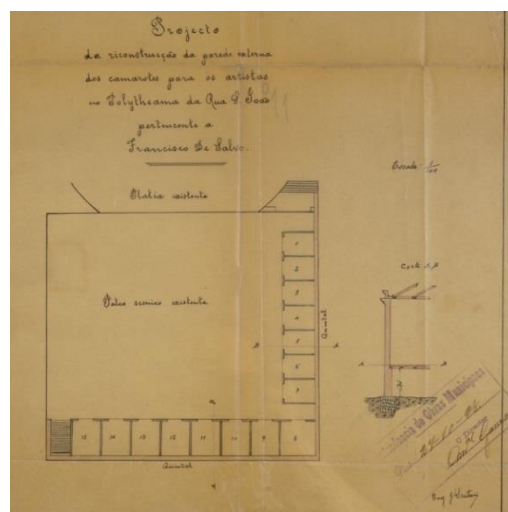
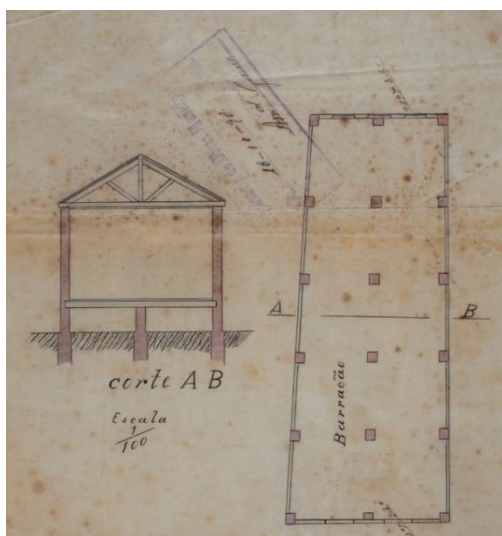


Imagem 118 e Imagem 119: Primeiro desenho, barracão para bilhar anexo a solicitação. E segundo desenho, trata do muro para os camarins dos artistas. Fonte: AHSP, O.PA 216, fl.106 e 111, respectivamente, 1898.



Imagem 120 e Imagem 121: À esquerda, Polytheama, portão para a Rua Formosa em 1908. À direita, Polytheama, vista dos fundos para a Rua Formosa. 1908. Fonte: Biblioteca Municipal Mário de Andrade, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.



Imagem 122: Vista da Rua Formosa na esquina com a Rua São João. Fonte: Biblioteca Municipal Mário de Andrade, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.

Neste prédio funcionou o *Eldorado Paulista* até dezembro de 1901, em janeiro de 1902 passou a ser o *Casino Paulista*. Elisabeth Azevedo comentou: “*Parece não ter havido nenhuma reforma de monta ou mudança importante na propriedade e administração da nova casa. Como acontecia com o Eldorado Paulista, o Cassino era um desdobramento, um complemento, do Teatro Politeama seu vizinho, ambos de propriedade da Companhia Antártica Paulista*”¹⁷¹.

O Casino foi vendido e fechado em 1904. Por um curto período de tempo após uma reforma, a qual não encontramos nenhum documento, funcionou no edifício uma pista de patinação: *Art-Nouveau Rink*. Após um ano fechado, em 1906, reabriu como *Éden Teatro*. Posteriormente, outra reforma e reinaugurado em 1907 com o nome de *Bijou Theatre*, foi o primeiro cinema com endereço fixo na capital. Mais tarde ao lado foi aberto outro cinema o *Bijou Salão*. Ambos os cinemas *Bijou* foram

¹⁷¹ Apud. AMADO, 2016, p. 172.

demolidos em 1914 em ocasião das obras de melhoramentos do Anhangabaú¹⁷². Neste mesmo ano o vizinho, o Polytheama foi condenado por um incêndio¹⁷³ (Imagem 128). Em suma, o edifício projetado por Fried & Ekman viveu 16 anos¹⁷⁴, no terreno além de novas obras urbanas, foi construído o novo prédio da Companhia Antarctica que será tema de outro capítulo da parte III.

Tomando como referência três imagens de 1908 publicadas no Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo até o ano de 1916¹⁷⁵, ambas foram tomadas da Rua Formosa. Uma de um acesso secundário; outra dos fundos do teatro, a área do palco e camarins; e a outra na esquina com a Rua São João. (Imagens: 120, 121 e 122).

Em fotos feitas por Guilherme Gaensly em 1902, inclusive que se tornaram cartão postal, vemos a fachada do prédio para a Rua São João, com a presença de muitos transeuntes e do bonde elétrico. (Imagem 123)

Segundo a imagem de 1912, feita por Aurélio Becherini observa-se as fachadas do Bijou Salão e o vizinho Bijou Theatre, ambos no lado ímpar desta via (Imagem 127).



Imagem 123: Rua São João, com o edifício do Casino Paulista, na altura onde estão os bondes. 1902, foto de Guilherme Gaensly. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

¹⁷² Obras do Plano Bouvard, que será abordada mais adiante.

¹⁷³ AZEVEDO. Em: PORTA, 2004, p.578.

¹⁷⁴ Sobre os teatros em São Paulo ver a pesquisa de Marina R. Amado. E sobre salas de cinema em São Paulo a pesquisa de Lícia Mara A. de Oliveira.

¹⁷⁵ organizado pelo Exmo Sr. Dr. Washington Luiz Pereira de Souza, prefeito municipal, pertencente ao Acervo Biblioteca Mário de Andrade.



Imagem 124: Vista do Polytheama, o barracão cilíndrico é a plateia, à esquerda o cubo coberto com telha de amianto em duas águas é o palco e camarins. No primeiro plano o barracão com telhado de duas águas é o Theatro Bijou, que faz frente para a Rua São João. Fonte: Acervo Fundação e Energia, em AMADO, 2016, p.105.

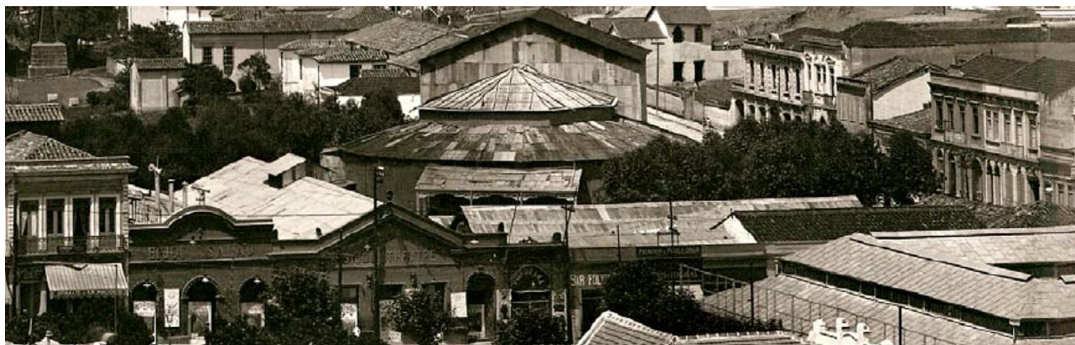


Imagem 125: Vista aérea do Polytheama, Bijou Theatre e Bijou Salão na Rua São João. Foto de Vincenzo Pastore¹⁷⁶. Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles; em AMADO, 2016, p. 105.

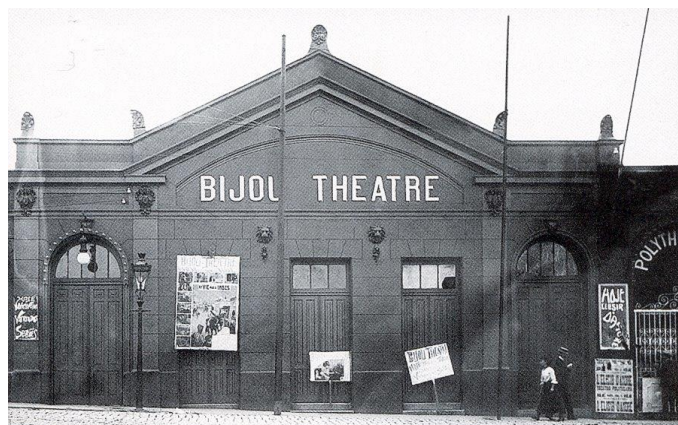


Imagem 126: Fachada do Bijou Theatre. FONTE: Imagem extraída de Fotos antigas da cidade de São Paulo: < http://2.bp.blogspot.com/-11_MqWTZQqI/UKEst4BLZcl/AAAAAAAAAJOA/dySP9JtSnpg/s1600/FOTO-Bijou-theatre.jpg>.

¹⁷⁶ Fotógrafo profissional italiano que chegou em São Paulo em 1894, e abriu seu estúdio. Fonte: www.ims.com.br/ims/explore/artista/vincenzo-pastore.



Imagem 127: *Bijou*, na Ladeira São João, 1912. Foto de Aurélio Becherini. Fonte: BECHERINI, 2009, p.171.



*Um interessante aspecto do fogo quando incendava o tradicional teatro Polytheama, destruído
há poucos dias, nesta capital*

Imagem 128: Incêndio no teatro Polytheama em 1914. Fonte: A Cigarra, (15): 37, 31/12/1914. Em: <http://www.arquiamigos.org.br/bases/cine.htm>.

2.7 Salão Steinway, Hotel Panorama, Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

O “Salão Steinway”, construído em 1895, depois reformado em 1898 tornou-se o Hotel Panorama, e após outra reforma em 1906 passa a ser a sede definitiva Conservatório Dramático Musical de São Paulo¹⁷⁷. Esta edificação se destaca na historiografia da Rua São João por ser o único edifício remanescente do século XIX.

O edifício é endereçado Rua São João número 95, atual 269. Assim como outros edifícios com uso cultural e lazer estiveram implantados na mesma Rua como os teatros *Polythema*, *Bijou*, *Moulin Rouge* antes denominado Carlos Gomes, endereço muito próximo do Theatro Municipal inaugurado apenas em 1911.

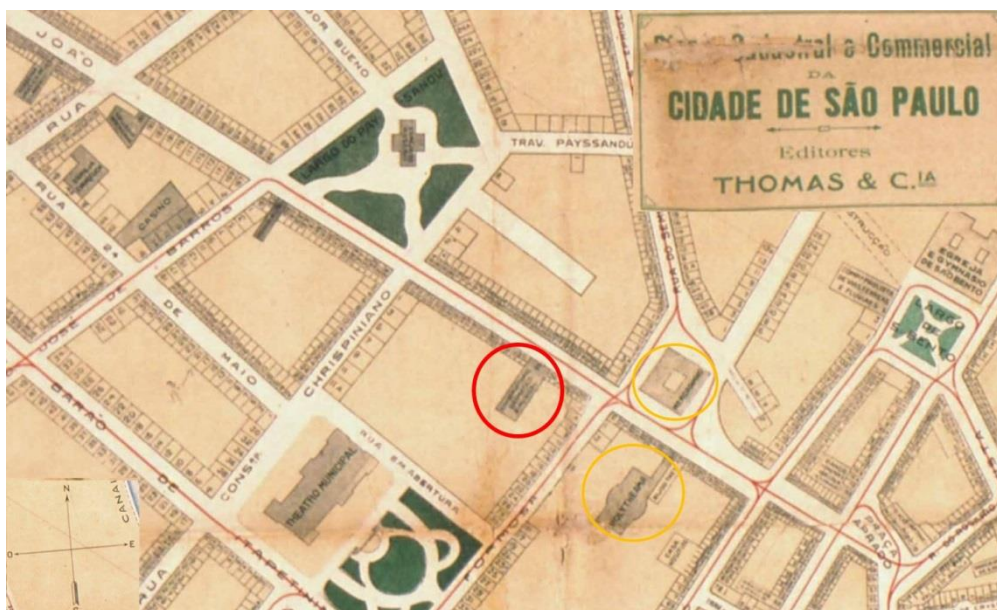


Imagem 129: Pormenor da *Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo*, atribuída a 1911, destacado em vermelho o prédio da loja Steinway, depois Hotel Panorama e por fim sede do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estab. Graphico Weissflog Irmãos, São Paulo. Fonte: Coleção Aguirra, Museu Paulista/USP.

¹⁷⁷ Segundo a historiadora Elisabeth R. Azevedo, o Conservatório foi fundado pela colônia de italianos, teve sua sede antes endereçada à Rua Brigadeiro Tobias. PORTA, 2004, p.578.

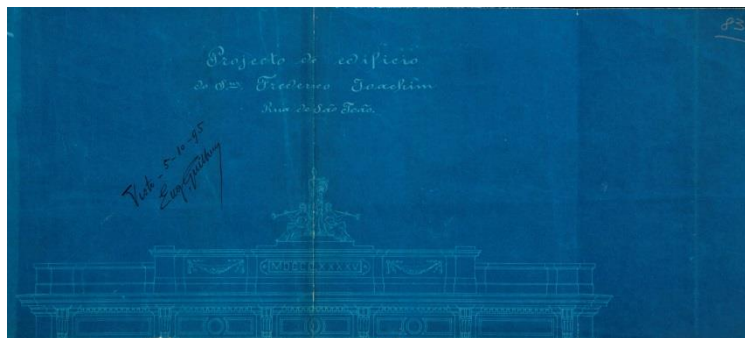


Imagem 130: Detalhe da fachada principal do prédio onde funcionou o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Visto datado 5-10-95, com a assinatura do engenheiro Guilhem. Fonte: AHSP, OPA 94, fl. 83, 1895.

A construção do prédio em alvenaria de tijolos teve a primeira solicitação de alinhamento à Intendência Municipal em outubro de 1895. Frederico Joachim é o empreendedor que assina o pedido.¹⁷⁸ Na mesma folha consta o parecer favorável do técnico da prefeitura:

*“Dê-se o alinhamento em termos.
5-10-95
Eng. Guilhem”.*

Há o desenho da fachada¹⁷⁹ em escala 1:50, com assinatura no canto inferior a esquerda de Guilherme Von Eÿe *architecto* (sic.), sendo esta a mesma existente hoje. Em escala 1:100, com os desenhos em papel prussiato, estão as três plantas¹⁸⁰ do edifício. Há o porão; o térreo, onde funcionava a loja de venda de pianos; e o primeiro andar, onde se encontrava uma sala de espetáculos.

A fachada eclética deste edifício, faz referência a arquitetura neoclássica, visto a simetria na composição dos elementos artísticos, assim como das envasaduras. Quando construído, década de 1890, o Código de Posturas já determinava o afastamento do solo por razões de salubridade, deste modo há a presença do porão, que se observa a inclinação da rua nas diferentes alturas das envasaduras. No pavimento térreo, o acesso é feito por uma escada central para a porta principal recuada, criando um pequeno alpendre, que nos remete à *galilé* ou *nartex* das igrejas. No alinhamento da rua aparece o conjunto balaustrado de guarda corpo do alpendre e duas janelas, uma a cada lateral do corpo central, arrematadas em arco pleno. Para o alpendre há a porta central e outras duas janelas. Todas as envasaduras do térreo são alinhadas com as do piso superior, composto por três

¹⁷⁸ AHSP_OPA 94, fl.82, 1895.

¹⁷⁹ Idem, fl. 83.

¹⁸⁰ Ibidem, fl. 84.

portas centrais para o balcão e duas janelas uma a cada lateral. Todas as vergas no superior são em arco pleno com sobrevergas decoradas no centro. O balcão central possui guarda corpo balaustrado similar ao do piso inferior. As cinco envasaduras no superior são espaçadas com seis falsas colunas com capitel decorado compondo uma arquitrave decorada na argamassa. O friso possui um simples adorno nas métopas, e seis “tríglicos” respectivamente sobre os capiteis fingindo sustentar a cornija.

A platibanda oculta o telhado com calha coletora das águas pluviais, possui pouca decoração e no centro uma escritura em algarismos romanos indica o ano 1886, sobreposta à ela, no eixo central, estão três elementos escultóricos remetentes a música.

Frederico Joachim era representante dos pianos Rudolph Ibach Sohn desde 1891, e posteriormente da Steinway¹⁸¹. O edifício foi construído para abrigar o seu estabelecimento comercial, tendo no térreo a loja para exposição e venda dos pianos e no primeiro andar o auditório, que foi batizado como “Salão Steinway” com a realização de muitos concertos.



Imagem 131: Elevação em escala: 1:50, apresentada a intendência municipal. No canto inferior esquerdo assina: *Guilherme Von Eÿe* architecto (sic.). Fonte: AHSP, OPA 94, fl. 83, 1895.

¹⁸¹ NOSEK, 2013, p.14 e 15.

Três anos mais tarde, 1898, o mesmo Sr. Joachim apresenta projeto para transformar em hotel o edifício na rua S. João n. 45 (anotado a lápis 61), conforme os documentos¹⁸² encontrados. O desenho está na escala: 1:100, em papel manteiga e nanquim, na legenda num tom rosado indica: à construir. No corte A-B apresentado há o subsolo com pé direito 2.30m, o térreo com 5.30m, o primeiro pavimento com 4.80m, e indicado a construir o segundo piso com 4.20m. Possui planta baixa da adega (piso inferior), pavimento térreo, com o acesso central e duas salas laterais e a construir os quartos nos fundos; primeiro andar, com o “salão e orchestra” e mais quartos aos fundos, e um segundo andar com mais quartos. A área dos quartos é um volume anexo aos fundos do edifício existente, voltada para um pátio central, para onde as janelas se abrem, e a circulação era feita pela divisa do lote. “A parte projetada está de acordo com o padrão municipal¹⁸³” deste modo foi deferido pela Intendência de Obras Municipais.

O luxuoso hotel chamava “Joachim’s”, com um terraço no último pavimento que permitia uma vista panorâmica da cidade. Ao vender o edifício o hotel foi renomeado “Panorama”, entretanto a sala de concertos sempre esteve ativa.

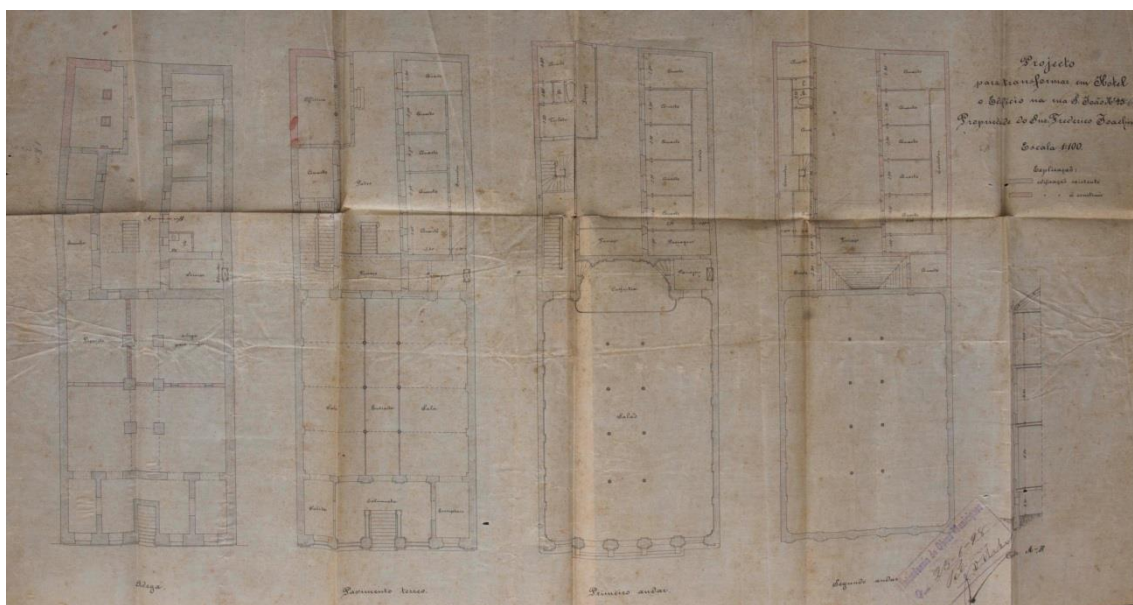


Imagem 132: Desenho das plantas da reforma, acréscimo de um anexo aos fundos para adaptação do prédio para Hotel. Fonte: AHSP, OPA 216, 1898.

¹⁸² Obras Particulares 216, fl. 112, 1898.

¹⁸³ AHSP, Obras Particulares 216, 1898, fl. 112.

O Conservatório.

São Paulo na virada do século XIX para o XX efervescia, a presença da São Paulo Light & Power, o bonde elétrico, a economia em ascensão, a política “republicana”, a cultura com novos teatros, uma fase de empreendimentos. Nesta dinâmica deu-se a iniciativa de promover ensino para futuros artistas, surge então em fevereiro de 1906 o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo¹⁸⁴, idealizado por João Gomes de Araújo e Pedro Augusto Gomes Cardim, inspirado no Conservatório Francês. A primeira diretoria eleita era composta pelo presidente Antônio de Lacerda Franco, o tesoureiro Carlos de Campos e o diretor-secretário Gomes Cardim.

Para começar as atividades foi alugada a antiga casa da Marquesa de Santos à rua Brigadeiro Tobias, esquina com a rua Santa Ifigênia, edifício que funcionou a Escola de Pharmacia, numa pomposa solenidade foi inaugurado no dia 15 de março.

Em 1909 houve a mudança da sede, foi adquirido por 160 contos o edifício na Rua São João, construído pelo Sr. Frederico Joachim, que havia vendido para o Sr. Luis Landró. A diretoria conseguiu uma verba junto ao governo de 100 contos de réis apesar de haver recursos próprios. Este edifício era onde funcionava o “Salão Steinway”, um local tradicional de concertos na cidade, já possuía instalações convenientes, além de ser próximo ao Teatro Municipal que estava em obras.

No Arquivo Histórico há os desenhos do projeto modificativo de 1909¹⁸⁵, consta no memorial descritivo:

“...a saber:

A parede da Sala do 2º. Andar do lado da área será construída em tijolos perfurados com 0.15 de espessura, esta parede descança (sic.) sobre a do 1º. Andar, a qual é suportada por uma viga de ferro Double T de 0.22 X 0.10, as outras paredes, como as da Sala do 3º. Andar serão de tijolos comuns com 0.15 de espessura”.

Na folha seguinte:

“Ilmo Exmo Sr Prefeito Municipal S.Paulo

O abaixo assignado sollicita a aprovação das plantas juntas referente a modificações exclusivamente internas a fazer-se no prédio a rua S. João ex Hotel Panorama, ultimamente adquirido pelo Conservatório Dramático e Musical onde será installado o mesmo Instituto.

¹⁸⁴ AZEVEDO, p.3.

¹⁸⁵ AHSP, Papéis Avulsos, volume 2057, fl. 39-46, 1909.

S.Paulo, 27 de maio de 1909.

B. Morelli¹⁸⁶

Constam os carimbos:

SERRARIA E CARPINTARIA MECHANICA
– B. MORELLI –
ESCRITORIO TÉCNICO – CONSTRUÇÕES
R.S. Bento, 47 – S. PAULO

e:

PREFEITURA MUNICIPAL
ALVARÁ N. 1173
DIRECTORIA DE OBRAS

Os desenhos estão em papel prussiato, em escala 1:100, com o título: Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, prédio existente. A reforma, realizada pela Serraria e Carpintaria Mechanica B. Morelli, Escritório Técnico, Construções, deu-se na adaptação dos quartos do hotel transformados em salas de aula, do edifício anexo aos fundos.

Na imagem feita por Aurélio Becherini, c. 1908, vê-se o prédio do Steinway com o anexo aos fundos sem recuo entre as edificações ainda na Rua São João. Em outra imagem, do Álbum de fotos do prefeito Washington Luiz¹⁸⁶, assinalamos a fachada do prédio na Avenida São João.

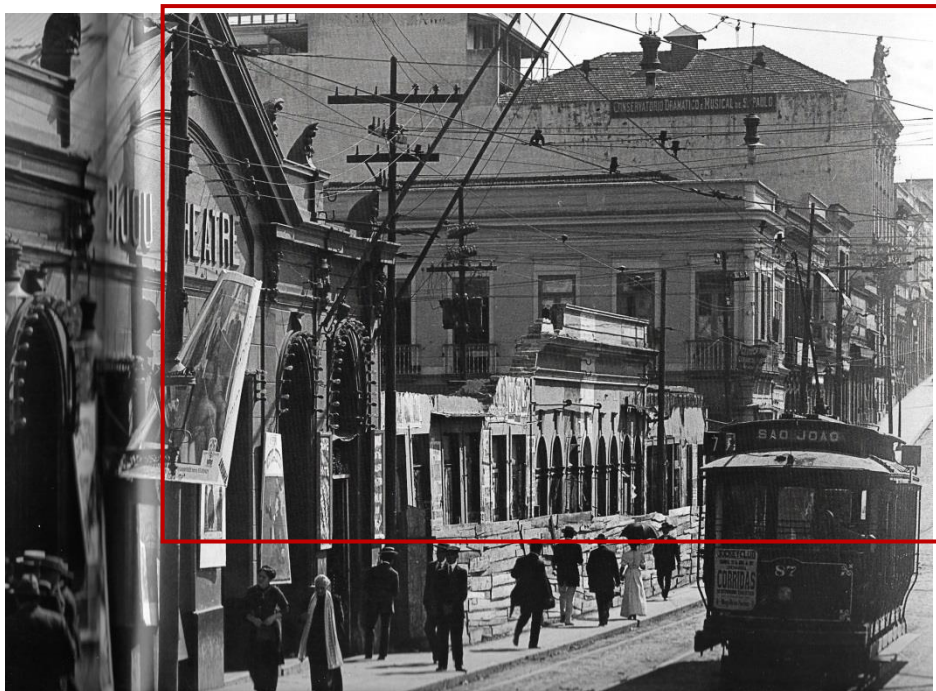


Imagem 133: Observar a edificação aos fundos com o discreto letreiro 'Conservatório Dramático e Musical de São Paulo'. Sem recuo aos fundos estava o bloco das salas de aulas. Foto: Aurélio Becherini, c. 1908. Fonte: BECHERINI, 2009, p.171.

¹⁸⁶ BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.

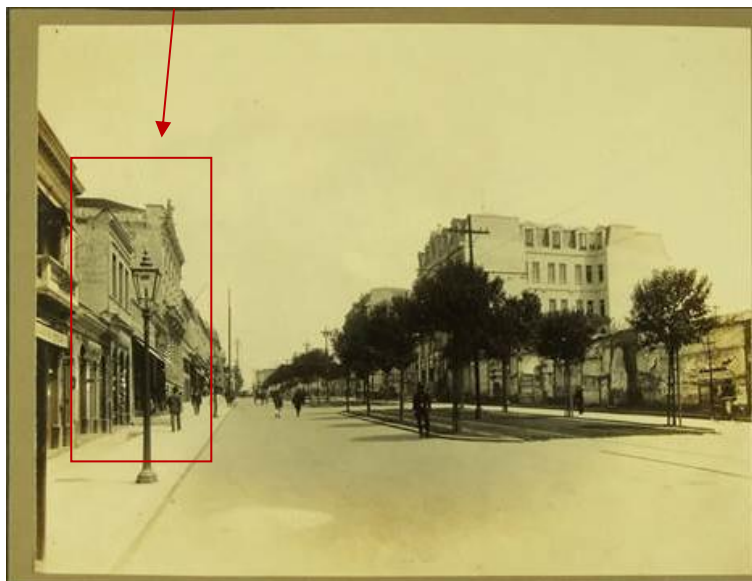


Imagem 134: Vista da Avenida São João, em 1916. A esquerda a edificação assinalada é onde funcionava o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.



Imagem 135: Plantas da reforma do prédio em 1909. Fonte: AHSP, Papéis Avulsos, volume 2057, 1909.

Ainda no período desta pesquisa, foi protocolado, em 1930, um processo com o assunto: aprovação de planta.

“O abaixo-assinado, Senador Antonio de Lacerda Franco, Director Presidente do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, desejando aumentar e reformar o prédio onde funciona esse estabelecimento de ensino artístico, memorial descritivo e cálculos juntos, serviço esse a cargo dos engenheiros J.M.Malheiros & Cia, vem submeter o referido projecto a aprovação da Prefeitura, pedindo que seja expedido o respectivo alvará de construção e ao mesmo tempo pede os favores da Lei 3305 de abril de 1929, isentando dos emolumentos.

Sendo de justiça,

*P. deferimento*¹⁸⁷.

O projeto está em papel prussiato, em escala 1:100 as plantas, a fachada principal e os cortes em 1:50. No decorrer deste houve comunicações referentes ao alinhamento, pois uma vez que a reforma seria grande e teria um reforço estrutural, colunas foram acrescentadas na fachada alterando o recuo. O interessado apresentou um desenho esclarecendo o alinhamento, e o alvará 837- série 3 foi concedido. Haveria acréscimo de área com aumento da altura do edifício, o programa tinha: Porão; 1º. Pavimento – acesso; 2º. Pavimento – Salão; 3º. Pavimento – Balcão; 4º. Pavimento – mais doze Salas de aula; 5º. Pavimento – mais doze Salas de aula. Enfim esse projeto de reforma não foi executado.

Na década de 1980, um projeto de restauro envolvendo técnicos do Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo, e da EMURB – Empresa de Urbanização de São Paulo, atual SP Urbanismo, foi feito para o prédio do Conservatório, com alteração no anexo dos fundos para uma torre de circulação vertical. Em meados da década de 2000, a Secretaria Municipal de Cultura desenvolveu um projeto denominado Praça das Artes de requalificação do quarteirão onde está implantado o prédio em questão. A edificação foi contemplada com um novo restauro¹⁸⁸, o qual independente de sua qualidade foi feito.

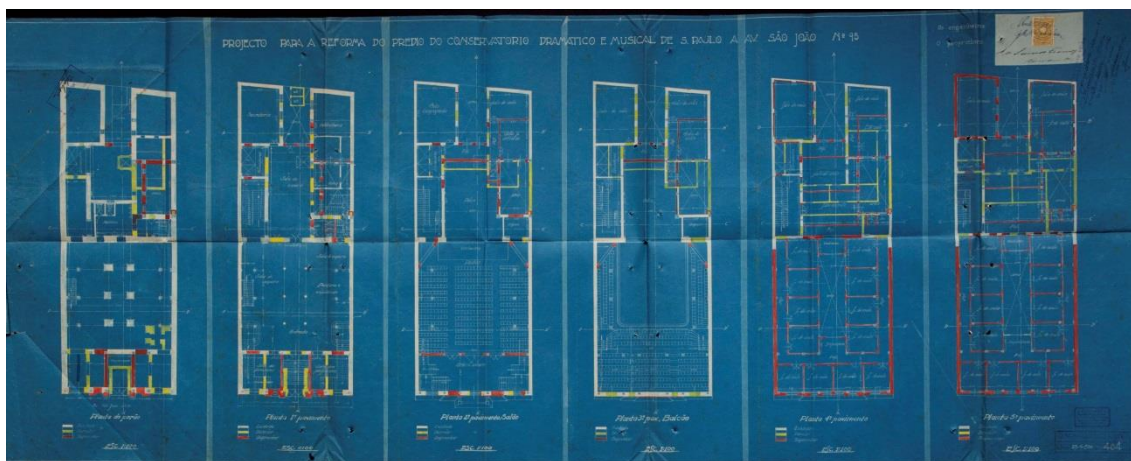


Imagem 136: Plantas do projeto de reforma em 1930, obra não executada, escala: 1:50. FONTE: AHSP, 1930.

¹⁸⁷ AHSP, CAIXA-PMS-DOV (Departamento de Obras e Viação), Edifício Particular, Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, reforma Rua São João, 95. 1930.

¹⁸⁸Sobre este edifício ver: SANTOS, Regina Helena Vieira. *O Conservatório Dramático e Musical da cidade de São Paulo*. Belo Horizonte/MG, UFMG, 2013. Disponível em: <<http://usp-br.academia.edu/ReginaHelenaVieiraSantos>>.



Imagem 137: Fachada Principal proposta, escala: 1:50, em 1930, obra não executada. FONTE: AHSP, 1930.



Imagem 138: Vista da Avenida São João para a Praça das Artes. Foto: Brasil Arquitetura, 2012.



Imagem 139: Fachada década de 1940. Observar o toldo no subsolo. Fonte: Acervo DPH.

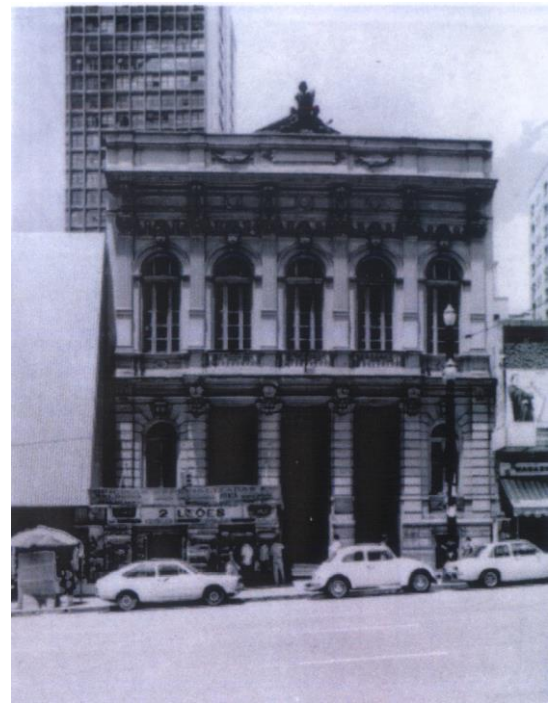


Imagem 140: Fachada na década de 1980, antes da obra. Observar os vãos do térreo. Fonte: Acervo DPH.



Imagem 141: Fachada do Conservatório em 2006. Fonte: Acervo DPH.



Imagem 142: Fachada do Conservatório em dezembro de 2012. Foto da autora.

2.8 Largo do Rosário virou Praça Antônio Prado.

*Largo do Rosário*¹⁸⁹

É o cérebro e o coração de S. Paulo; é o ponto em que estacionam os bonds, que dahi tomam direções diferentes.

Pena é que seja tão estreito, concorrendo para isso a Igreja do Rosario.

Nelle ficam, além de outras casas commerciaes, a confeitaria Castellões e o café O Ponto, que são as duas casas onde se reúne, principalmente á tarde e á noite, a – elite de S. Paulo.

No largo formam-se diversos e compactos grupos: em uns discute-se politica, apreciam-se os acontecimentos do dia, hostilisa-se e defende-se o governo; em outros trata-se da pessima situação financeira do paiz, da baixa do café e do cambio, da débacle da lavoura e dos meios de melhorar tão afflictiva situação em outros conversa-se sobre a condenação de Dreyfus, cobrindo-se o tribunal que o julgou dos mais acres apodos, sobre a heroicidade dos Boers; em outros conversa-se em assumptos por mais realistas.

No café O Ponto e no Castellões ha uma barulheira infernal, fallando-se quasi todas as línguas, principalmente a italiana. No O Ponto reúnem-se mais italianos, no Castellões brasileiros, alemães e francezes. A animação nesse largo prolonga-se até ás 10 horas da noite, em que os grupos se dispersam, procurando cada qual as suas habitações, onde vae repousar das fadigas e dos labores do dia.

¹⁸⁹ PINTO, 1979, p.258.

Os gritos dos pequenos que apregoam os jornaes vão escasseando, os bonds diminuem as suas viagens e a cidade adquire aquella confortável calma que produz o somno.

Fica compreendido entre as ruas de S. Bento, Quinze de Novembro, Rozario e S. João.



Imagem 143: Vista da antiga Rua do Rosário para a fachada principal da Igreja de mesmo nome.
Fonte: Acervo particular.

Largo do Rosário, com um dos chafarizes que abastecia a cidade e a igreja edificada em taipa de pilão (*pisè*), técnica construtiva utilizada também nas demais edificações de um ou no máximo dois pisos do entorno. O terreno foi concedido à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em 1721, a construção da igreja começou em 1725 e foi concluída trinta e dois anos depois. Na Planta da Restauração, atribuída a 1765-1774, tida como a primeira planta da cidade de São Paulo, está indicado a igreja. No pormenor desta planta a destacamos.

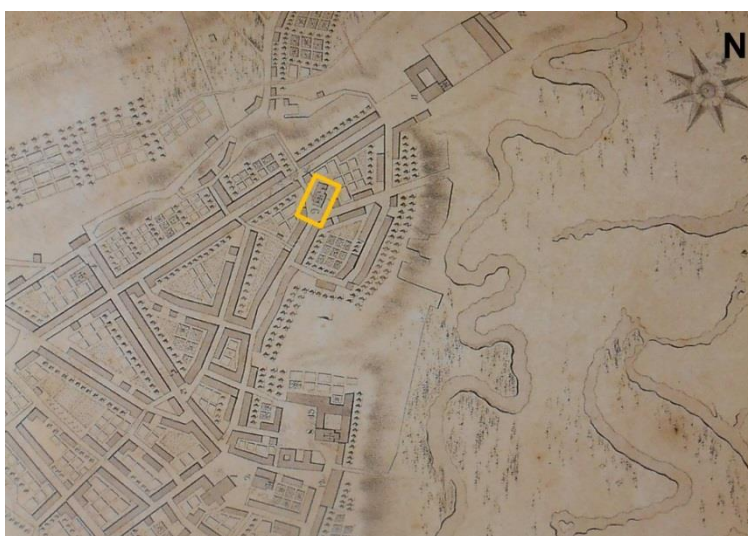


Imagem 144: Pormenor da Planta da Restauração, c.1765-1774. Fonte: Arquivo Histórico Militar, Rio de Janeiro, em: REIS FILHO. 2004. p.66-67. Imagem 145: Pormenor da planta de 1810. Assinalado, em ambas, o Largo do Rosário com a igreja.

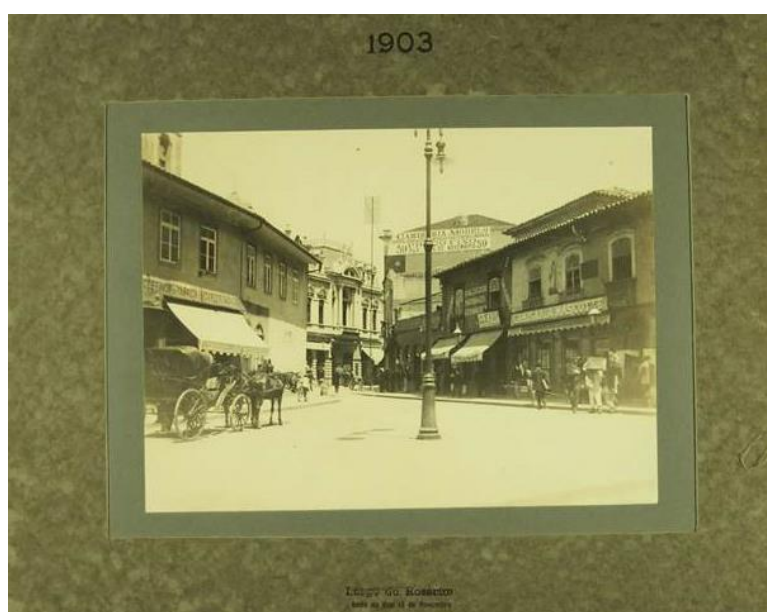


Imagem 146: Largo do Rosário, em 1903, à esquerda a lateral da Igreja do Rosário. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.

Poucos são os registros relacionados à antiga igreja implantada no século XVIII, a imagem¹⁹⁰ do começo do século XX, de autoria desconhecida, apresenta-nos a igreja no cenário com a presença dos trilhos e edificações altas, contemporâneas à primeira ocupação do sítio. A fachada barroca possui duas portas, uma de acesso para a nave central e outra de acesso à torre do campanário. Na parte superior, sobre a porta principal, há três janelas com vergas arqueadas, com ornato e sobrevergas; uma quarta janela semelhante está alinhada com o acesso à torre do sino.

A fachada é arrematada por duas pilastras falsas, que terminam respectivamente com dois pináculos. No vão encontra-se o frontão liso, arrematado com uma composição de volutas, e ao centro se abre um óculo simples. A torre do campanário possui mais um pavimento com uma janela de verga arqueada, outro andar onde está o sino, e a cobertura apoiada na base quadrada com quatro pináculos nos vértices.

Sobre esta edificação Alfredo Moreira Pinto¹⁹¹ nos conta:

“Foi começada com capital de 10.000 cruzados grangeados por esmolas pedidas nas Minas Geraes pelo ermitão Domingos de Mello Tavares, o qual foi nomeado administrador perpetuo das obras da egreja por Provisão do Bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe datada de 5 de novembro de 1745.

Cerca de 10 annos antes já existia uma pequena e pobre capella, sustentada pelos devotos e nella foi creada a irmandade de N. S. do Rosario dos homens pretos.

Fica situada no largo do seu nome, formando um ângulo. A frente fica voltada para a rua Quinze de Novembro. Tem quatro janelas, uma torre do lado esquerdo, abaixo da qual ha uma janela, e duas portas.

Na face voltada para o largo do Rosario ha uma porta, que dá entrada para a sachristia, e acima dela uma janela.

O seu interior é feio e muito enegrecido.

Tem a capella-mór com seis tribunas e um altar com um painel de N. S. do Rosarioe aos lados S. Roque e Santo Antonio.

¹⁹⁰ Imagem do acervo pessoal da pesquisadora.

¹⁹¹ PINTO, 1979, pp.36-37.

No corpo da igreja há quatro tribunas, dous púlpitos e dous altares: em um ficam o Bom Jesus da Prisão, Santa Iphigenia e Santo Estebão; em outro o Sagrado Coração de Jesus.

Á esquerda da igreja fica a capella do Bom Jesus da Pedra Fria e á direita a sachristia com um altar de N. S. das Dores”.

Tomando como referência a documentação levantada no Arquivo Histórico São Paulo – AHSP das solicitações referentes às obras particulares realizadas no Largo do Rosário e confrontando com imagens buscamos conhecer qual a conformação urbana deste espaço no momento anterior a abertura da Praça.

Endereçado Largo do Rosário em 1893 consta a solicitação¹⁹² de um “*projecto d’uma casa*” para os Senhores P. Brielmayer e C. Castellões, possui desenhos das plantas e cortes além da fachada. Consta dois pavimentos sendo no térreo três portas com vergas retas e bandeira em arco pleno, no superior três janelas balcão com vergas retas alinhadas com o piso inferior, adornadas na argamassa raspada e com guarda corpo balaustrado. Possui entablamento e platibanda decorada com balaústres, ao centro um frontão em arco pleno e pináculos. Esta edificação bem em frente ao centro do largo, alinhada com a Rua São Bento, era onde funcionou a *Leiteria Castellões*.

Desta mesma ocasião constam desenhos¹⁹³ de plantas e fachadas para duas residências térreas endereçadas neste largo. Ambas possuem um corredor pelo acesso principal, muitos cômodos, dentre os quais quartos, sala de visitas com alcovas voltadas para esta, sala de jantar, “*cosinha*” (sic.), despensa e banheiro. As fachadas possuem um portão lateral grande decorado, uma porta de acesso e sequência de janelas. Em uma a sequência começa com duas janelas, a porta de acesso, outras sete janelas, e o portão lateral à direita. Todas as envasaduras possuem verga reta com bandeira em arco pleno e uma sobreverga reta. A outra possui o portão à esquerda, uma sequência de sete janelas, a porta de acesso e mais três janelas. Todas as envasaduras possuem verga reta, e a porta em arco

¹⁹² AHSP, Papéis Avulsos, coleção Obras Particulares 13 (OPA 13), 1893.

¹⁹³ AHSP, Papéis Avulsos, coleção Obras Particulares 13 (OPA 13), s/d.

pleno. Mas não foi possível identificar se foram edificadas e a localização exata.

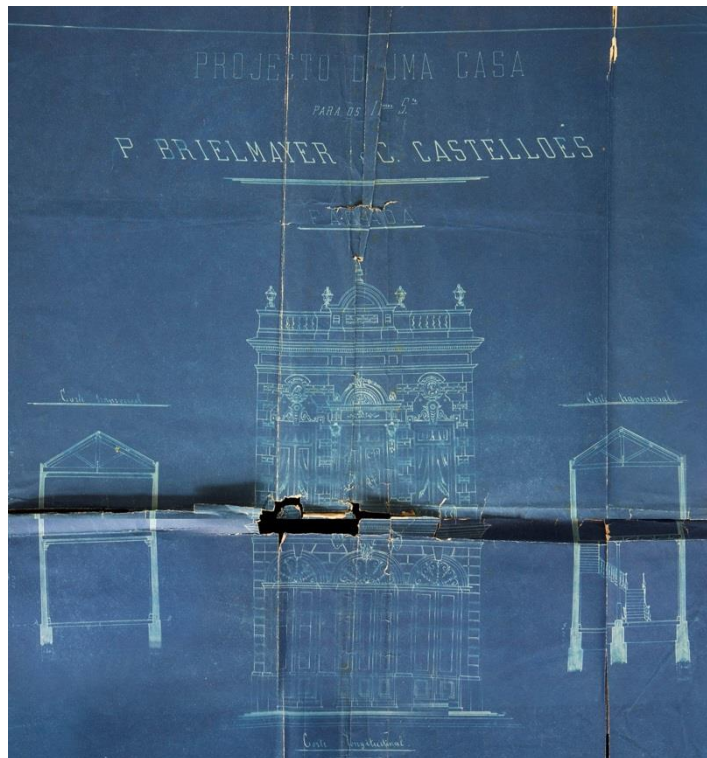


Imagem 147: Pormenor da prancha, fachada do “projeto de uma casa” para os Srs P. Brielmayer e C. Castelões. Fonte: AHSP, Papéis Avulsos, OPA 13, s/d.

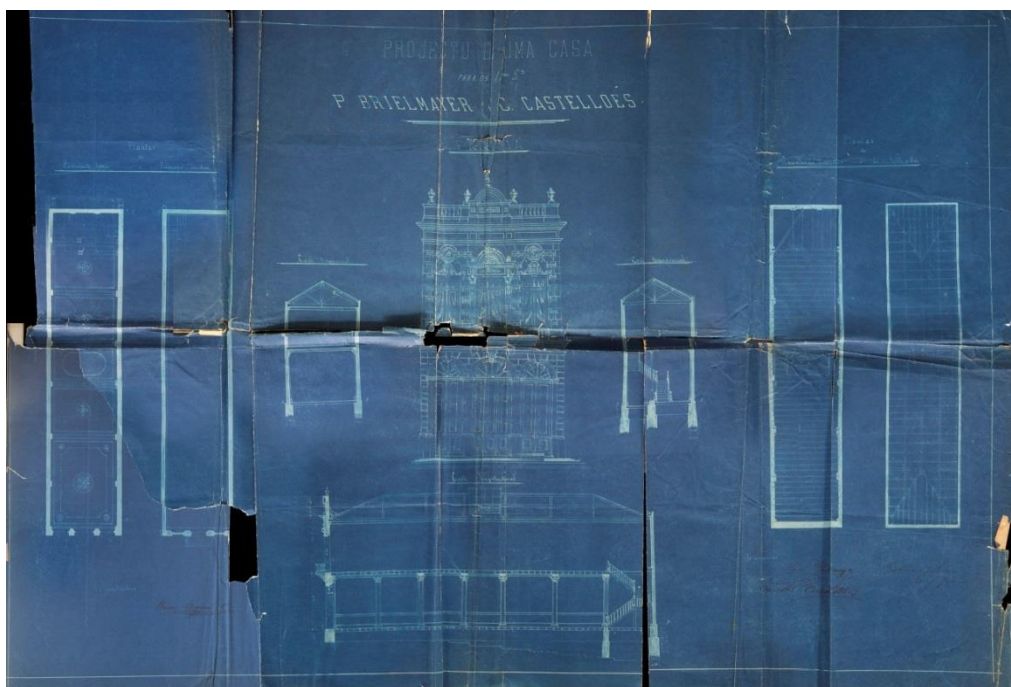


Imagem 148: Prancha com os desenhos do “projeto de uma casa” para os Srs P. Brielmayer e C. Castelões. Fonte: AHSP, Papéis Avulsos, OPA 13, s/d.



Imagem 149: Cartão Postal, um dos pontos emblemáticos na ocasião. Largo do Rosário, 1904. Observar que a foto abaixo é a mesma. Foto de Guilherme Gaensly. Fonte: BMA, Cartões Postais, 1900-1940.



1904, Largo do Rosário, observar a *Confeitaria Castellões* a esquerda bem em frente ao Largo. E do outro lado a *Brasserie Paulista*. foto: Guilherme Gaensly.

FONTE: Biblioteca Mario de Andrade, livro 1862-1910-16, Washington Luiz, volume 2.

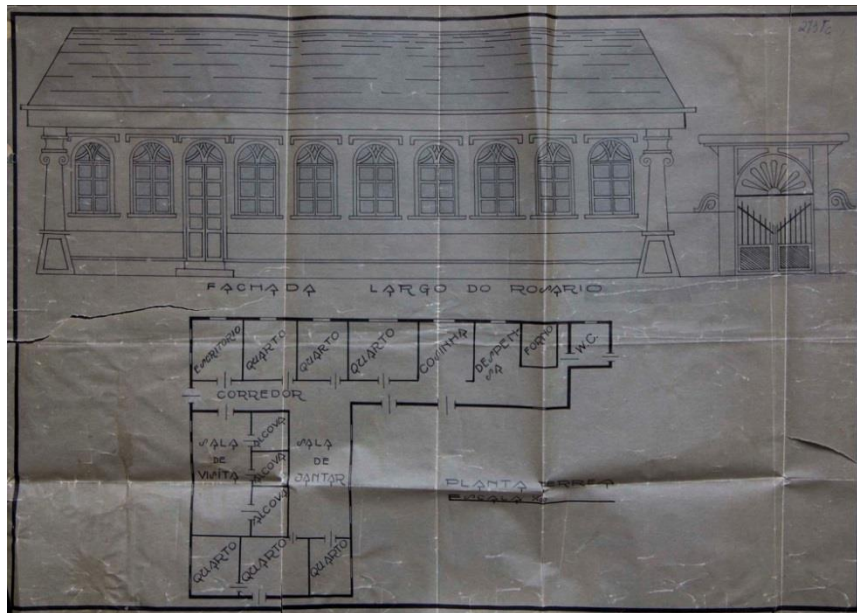


Imagem 150: Fachada e planta da residência.

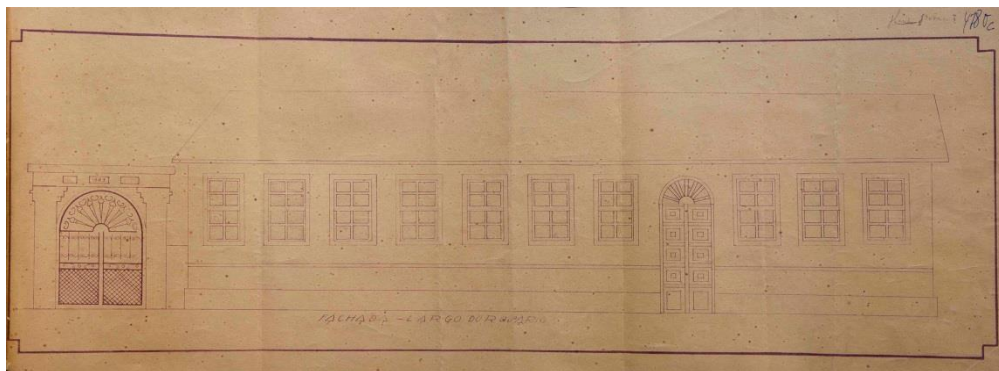


Imagem 151: Fachada residência.

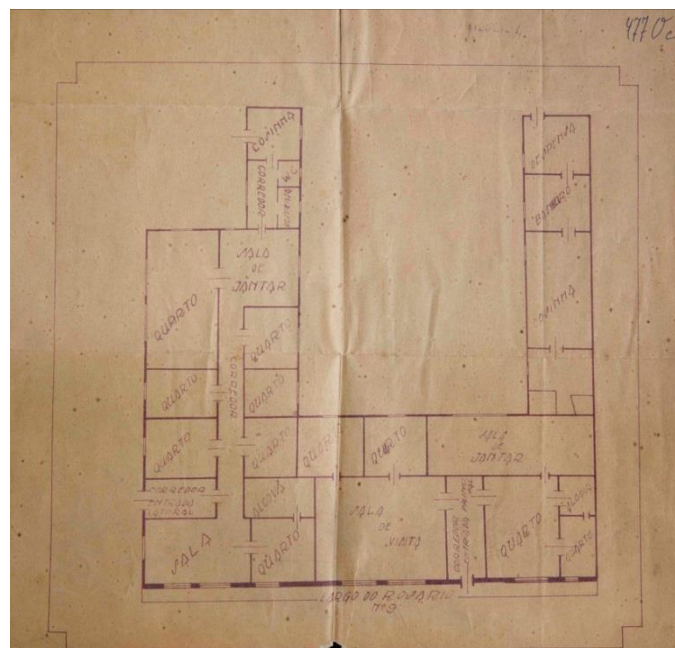


Imagem 152: Planta da residência.

As primeiras tímidas intervenções legais¹⁹⁴ no centro estavam ocorrendo no começo do século XX, como calçar as ruas do triângulo: Direita, São Bento e 15 de Novembro, e o Largo do Rosário. Tanto para a área pública como obras particulares.

Vizinho a igreja do Rosário, em 1901¹⁹⁵, consta a edificação da loja *Brasserie Paulista*. Os empreiteiros de obras Rossi e Brenni “*que tendo que fazer algumas modificações no interno do prédio do Largo do Rozario N. 3⁴ para os Ilm^{os} S^{rs} Fasano & Fazzini vem por este pedir a licença...*” Apresentam desenhos, plantas do térreo e superior, no desenho aparece indicado a igreja.

Os mesmos solicitam construir um terraço nos fundos da *Confeitaria Castellões, do Largo do Rozario desta Capital* (sic), pedem também para abrir portas de comunicação com o terraço. Além de querer “*exoneração de multa imposta pelo fiscal, por terem iniciado algumas obras de preparo*”. Conforme parecer do técnico da prefeitura Flavio Lacaye: “*não há inconveniente algum, em ser concedida a licença solicitada, pelos requerentes*”; foi encaminhado para o diretor que concedeu o alvará.

¹⁹⁴ 1900, Lei n. 481/1900. Autoriza o prefeito a mandar calçar as ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro e o Largo do Rosário.

¹⁹⁵ AHSP, OPA 310, fls. 235-245, 1901.

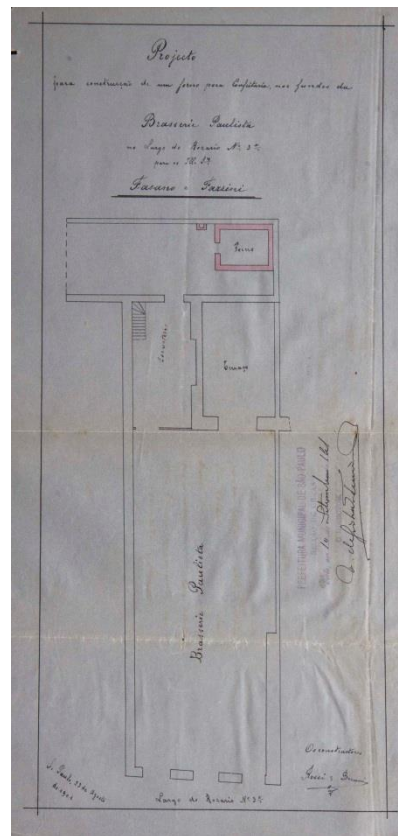
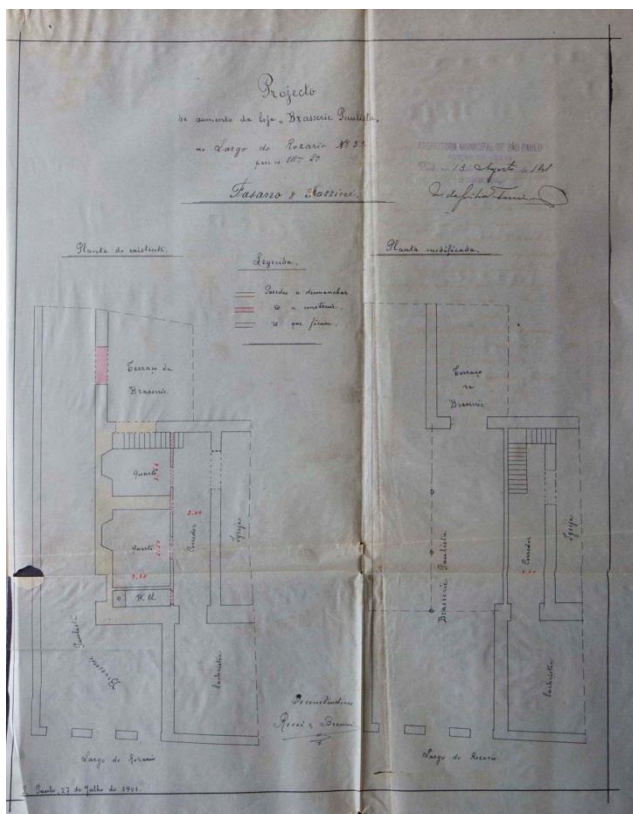


Imagem 153 e Imagem 154: Desenhos da *Brasserie Paulista*. Fonte: AHSP, OPA 310, fl. 241 e fl. 244, 1901.

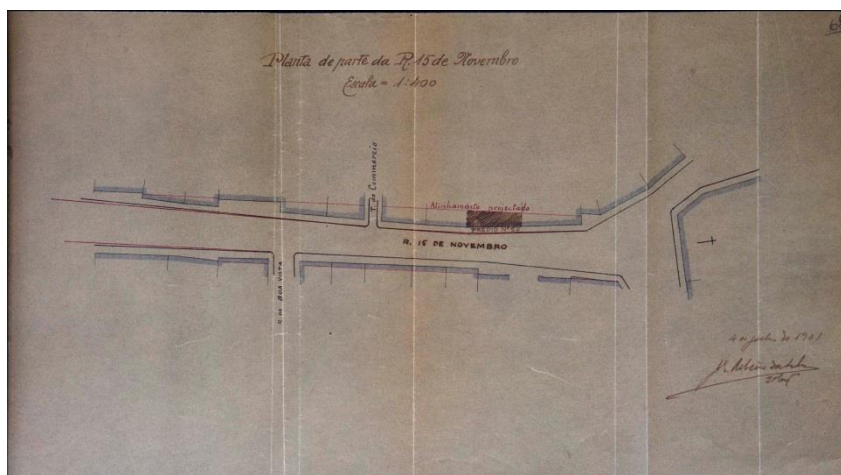


Imagem 155: Desenho de parte da Rua 15 de Novembro, com a proposta do novo alinhamento. Neste desenho consta a indicação da Igreja do Rosário. Fonte: AHSP, OPA 310, fls. 67-68, 1901.

Já em 1901 algumas ruas, como a Rua do Grande Hotel¹⁹⁶, antigo Beco da Lapa (atual Rua Miguel Couto), que conecta a Rua São Bento com à Rua São José (atual Rua Libero Badaró); estavam sendo realinhadas quando novas construções ou reformas fossem feitas, um desses casos está na Rua

¹⁹⁶ AHSP, OPA 312, 1901.

15 de novembro¹⁹⁷, que indica o novo alinhamento e a presença da igreja do Rosário.

Nesta ocasião foi regulamentada a lei¹⁹⁸ de verificação de alinhamentos. Assim determina o artigo primeiro: “*quando as paredes da frente de qualquer prédio em construção estiverem à altura de um metro acima do nível do passeio, o proprietário ou construtor é obrigado a avisar a Diretoria de Obras para esta proceder a verificação do alinhamento*”.

Do lado ímpar, oposto à igreja, em 1903 o proprietário do lote com frente 23.12 metros para o Largo, mais 14.82 metros para o começo da Ladeira São João, mais 8.53 metros para a Rua São Bento, o Conde de São Joaquim¹⁹⁹ solicita edificar um prédio adequado ao novo alinhamento e apresenta desenhos da fachada e plantas em papel prussiato. A edificação eclética na fachada para o Largo enfatiza com um frontão triangular o acesso independente para o pavimento superior composto dos ambientes: dois salões um para cada lado do final da escada, dois “*wc*”, um depósito, no centro separando os salões, uma rouparia, uma *officina*, e com as janelas para a Rua São Bento um escritório, além de um gabinete de prova. O pavimento térreo possui cinco salas independentes com “*wc*” cada uma, sendo a maior voltada para a esquina. Conforme a pesquisa de doutorado de Heloisa Barbuy²⁰⁰, sobre os estabelecimentos comerciais nas ruas do triângulo no começo do século XX, no piso superior funcionava a *Alfaiataria Carvalho*, e em uma das lojas do térreo a *Casa Norder*. A *Confeitaria Castellões*, ocupou o endereço do prestigiado *Café Java*, à Rua São Bento, 71, alinhado à Rua citada, em frente ao Largo. Vizinho no número 73, funcionava a oficina de costura *Au bom Marchè*, no prédio denominado Casa Mathias; ambos imóveis demolidos para a abertura da Praça. Do lado oposto do largo existiu a citada *Brasserie Paulista*.

Tendo em vista que a prefeitura ansiava uma reforma de melhoria no Largo do Rosário, pois era rota dos bondes, e tido como ponto de encontro na cidade segundo Ernani Silva Bruno²⁰¹, negociações com os proprietários dos

¹⁹⁷ Lei n. 521 de 11 de junho de 1901. *Adopta o plano de alinhamento da rua Quinze de Novembro, organizado pela extincta comissão de melhoramentos da municipalidade.* (sic)

¹⁹⁸ Lei n. 722 de 26 de março de 1904. Regula a verificação de alinhamentos.

¹⁹⁹ AHSP, OPA 366 fls. 97-100, 1903.

²⁰⁰ BARBUY, 2006, p. 181,

²⁰¹ BRUNO, 1954.

imóveis do lado par começaram a ser feitas em 1902²⁰². No ano²⁰³ seguinte terrenos e prédios que fossem necessários para o aumento do Largo foram declarados de utilidade pública. Neste mesmo ano foi aprovado o acordo²⁰⁴ feito entre a prefeitura e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. No artigo primeiro da lei consta a permissão para adquirir o edifício da igreja e outras dependências mencionadas no acordo mediante indenização por parte da Câmara (*duzentos e cinquenta contos de réis*) e uma área de terreno no Largo do *Paysandú* (sic) destinada exclusivamente à construção de uma nova igreja pela irmandade citada. O segundo artigo autoriza o prefeito a despender a quantia indicada, assim como a entrega da pequena área de terreno como indenização, saindo a despesa da verba das desapropriações do orçamento em vigor. Além de permitir fazer operações de crédito ou transposições de verba se fossem necessárias.

Do mesmo modo, para a intervenção proposta no ano de 1904 o prédio da Rua do Rosário 1, 3 e 3^a foi declarado de utilidade pública²⁰⁵ e posteriormente foi aprovado o acordo²⁰⁶ com os proprietários e usufrutuários. Como houve sobra de terreno adquirido, a área foi vendida em hasta pública²⁰⁷.

Enfim, a igreja do Rosário é demolida, foi reconstruída²⁰⁸ no terreno concedido pela Câmara no Largo do Paissandu. O arquiteto Candido Malta Campos²⁰⁹ sintetizou de forma genérica o ocorrido: “*Ao mesmo tempo, buscava-se regularizar os espaços do centro da cidade sob novos critérios de qualidade estética. A partir de 1901, a rua Quinze de Novembro, a mais*

²⁰² Lei n. 613/1902. Autoriza o prefeito a entrar em acordo com o proprietário do prédio sito à Rua São Bento, esquina do Largo do Rosário.

²⁰³ Lei n. 670/1903. Declara de utilidade pública os terrenos e prédios necessários ao aumento do Largo do Rosário.

²⁰⁴ Lei n. 698/1903. Aprova o acordo feito entre a Prefeitura e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

²⁰⁵ Lei n. 715/1904. Declara de utilidade pública o prédio da Rua do Rosário 1, 3 e 3A.

²⁰⁶ Lei n. 736/1904. Aprova o acordo feito com os proprietários e usufrutuários do prédio da Rua do Rosário 1, 3 e 3A.

²⁰⁷ Lei n. 757/1904. Autoriza o prefeito a vender em hasta pública as sobras do terreno adquirido a o aumento do Largo do Rosário.

²⁰⁸ Sobre a construção da nova Igreja do Rosário dos Homens Negros será abordada em outro capítulo.

²⁰⁹ CAMPOS, 2002, p. 83.

elegante via comercial da cidade, foi alargada. O largo do Rosário (atual Praça Antônio Prado), situado na desembocadura daquela rua em direção aos novos bairros ‘nobres’ do quadrante Oeste, foi ampliado e regularizado geometricamente entre 1903 e 1906. Para tanto foi demolida a antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, pólo de atração da comunidade negra, transferida para o largo do Paissandu, também remodelado e ajardinado. Livre desse ‘estigma’, a praça assumiu o papel de coração da vida social e empresarial de São Paulo. No lugar da igreja o irmão do prefeito, Martinho Prado Júnior, ergueu o Prédio Martinico, o mais alto da cidade com seus cinco andares, ocupado pela sede da Light e pela redação do jornal O Estado de S. Paulo”.



Imagem 156: Vista da Praça Antônio Prado em 1916, para a Rua São Bento. Observar o prédio do Castelões à direita. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.

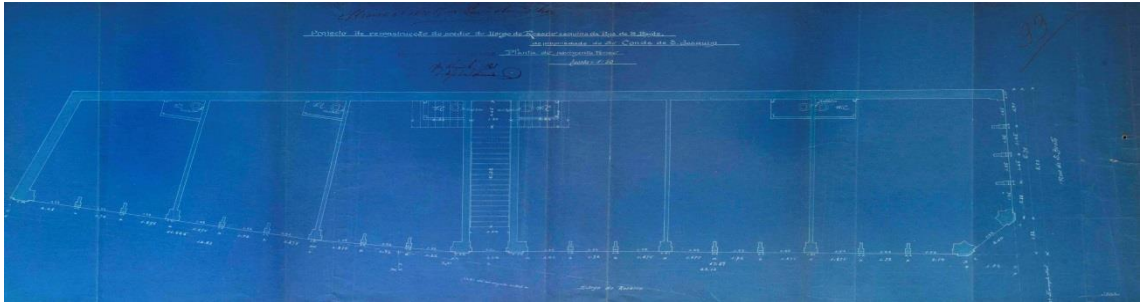


Imagem 157: Planta piso térreo. Fonte: AHSP, OPA 366 fls. 99, 1903.

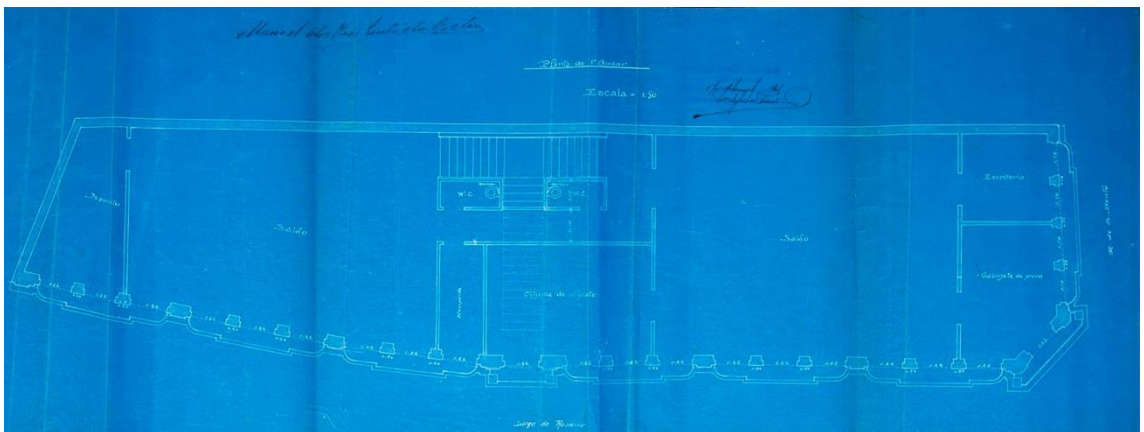


Imagem 158: Pavimento Superior. Fonte: AHSP, OPA 366 fls. 98, 1903.

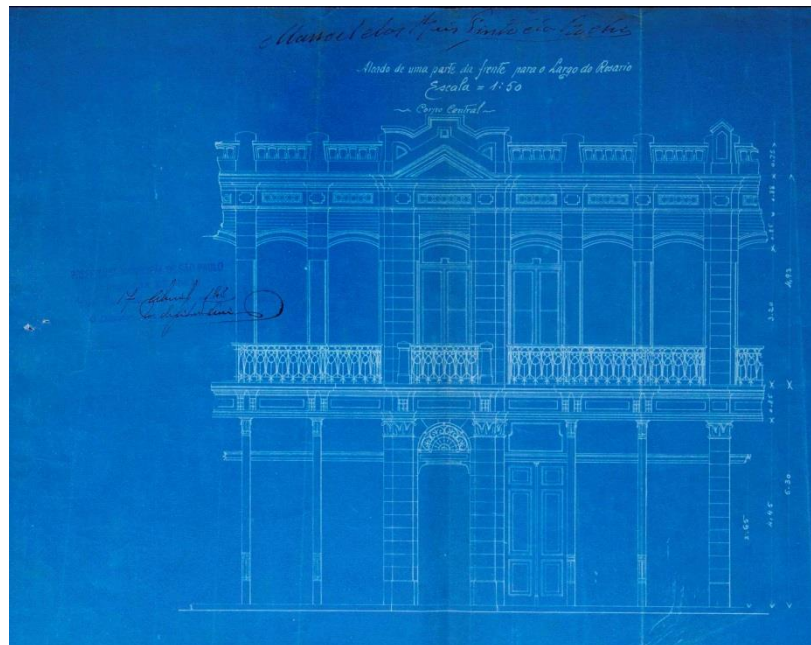


Imagem 159: Fachada detalhe do acesso independente ao piso superior. Fonte: AHSP, OPA 366 fls. 100, 1903.



Imagem 160: Vista da Praça Antônio Prado em 1910. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 161: Vista da Praça Antônio Prado, observar o prédio do Castelões à esquerda. O prédio aos fundos em construção. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.

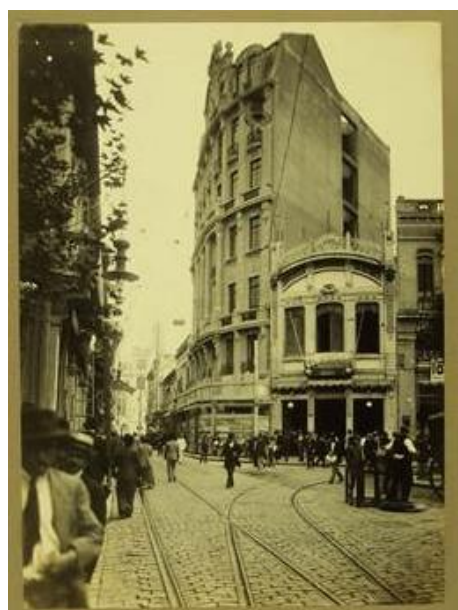


Imagem 162: Vista da Praça Antônio Prado em 1916, observar o prédio aos fundos com a obra concluída. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 163: Cartão Postal. Praça Antônio Prado. Observar que é a mesma imagem abaixo. Foto Guilherme Gaensly. Fonte: <https://sambahistorica.files.wordpress.com/2015/07/sc3a9rie-b-n-8-prac3a7a-antonio-prado-quilherme-gaensly-dcp.jpg>

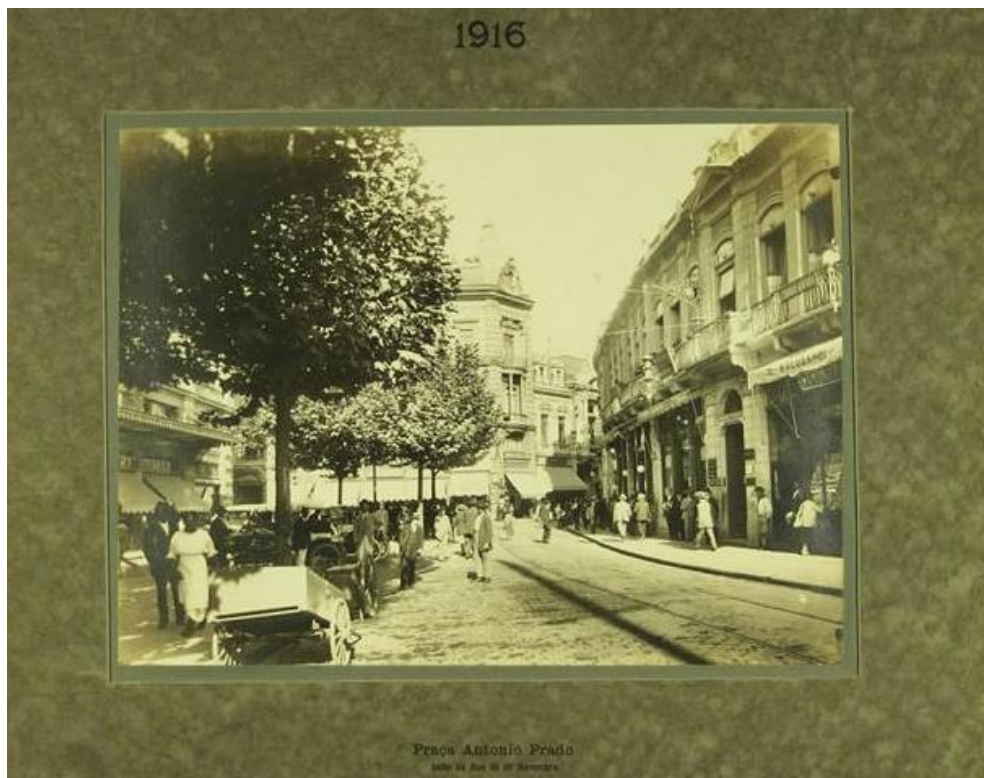


Imagem 164: Vista da Praça Antônio Prado em 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.

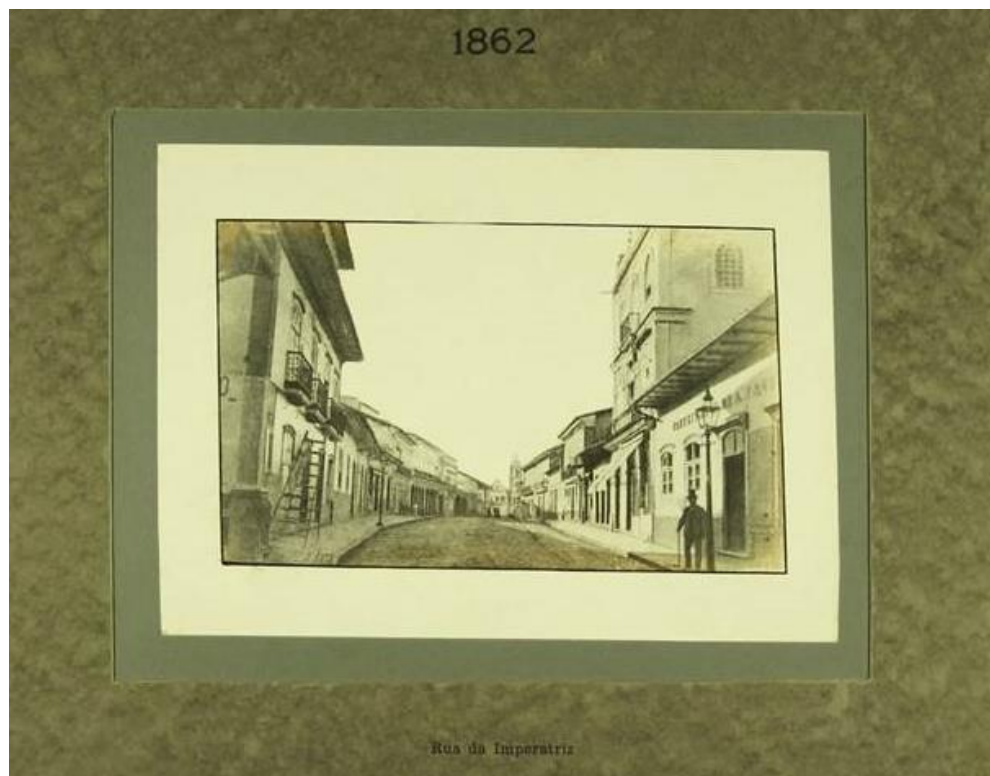


Imagem 165: Vista da Rua da Imperatriz para o Largo e Igreja do Rosário em 1862. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.

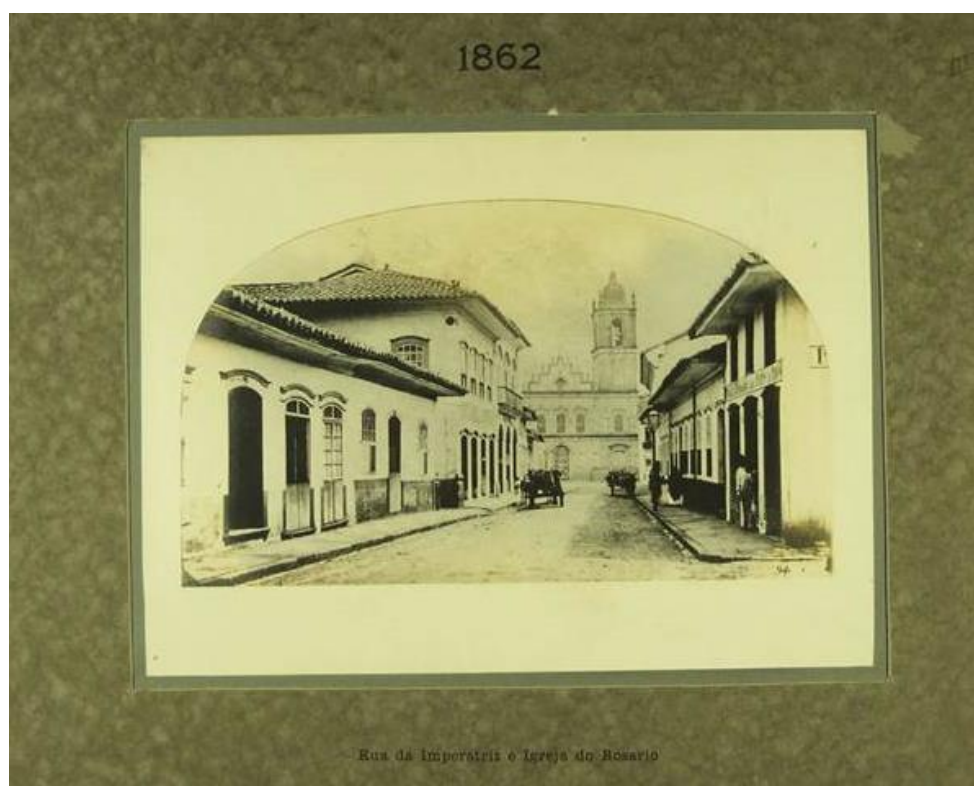


Imagem 166: Vista da Rua da Imperatriz para o Largo e Igreja do Rosário em 1862. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.

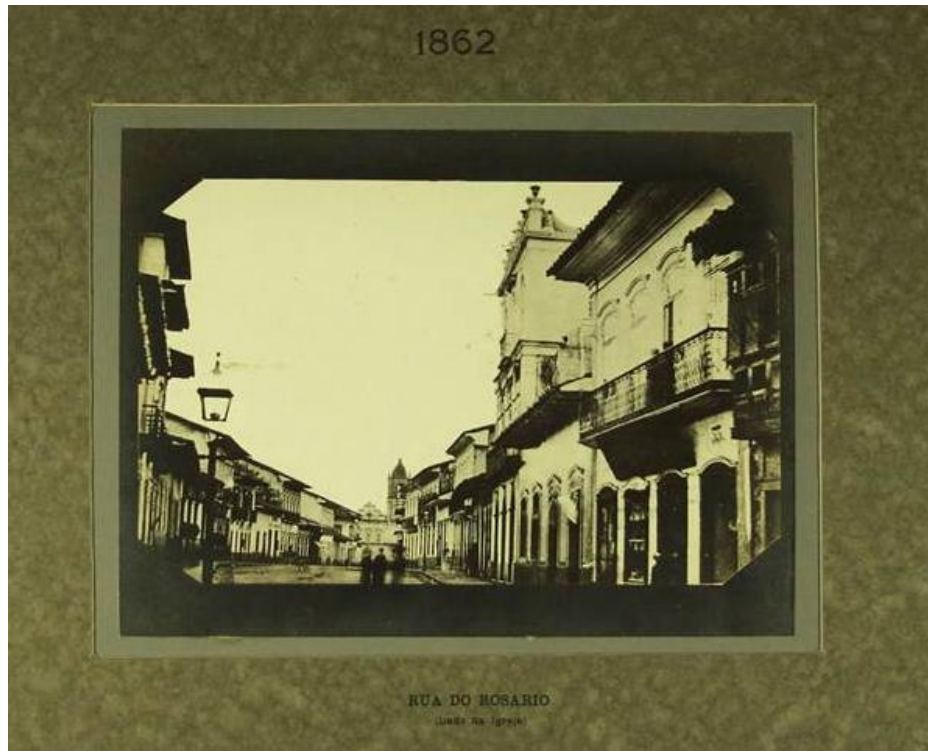


Imagem 167: Rua do Rosário, aos fundos a igreja do Rosário, em 1862. Fonte: BMA, álbum Casa Duprat, vol.1, 1862-1887-1914.

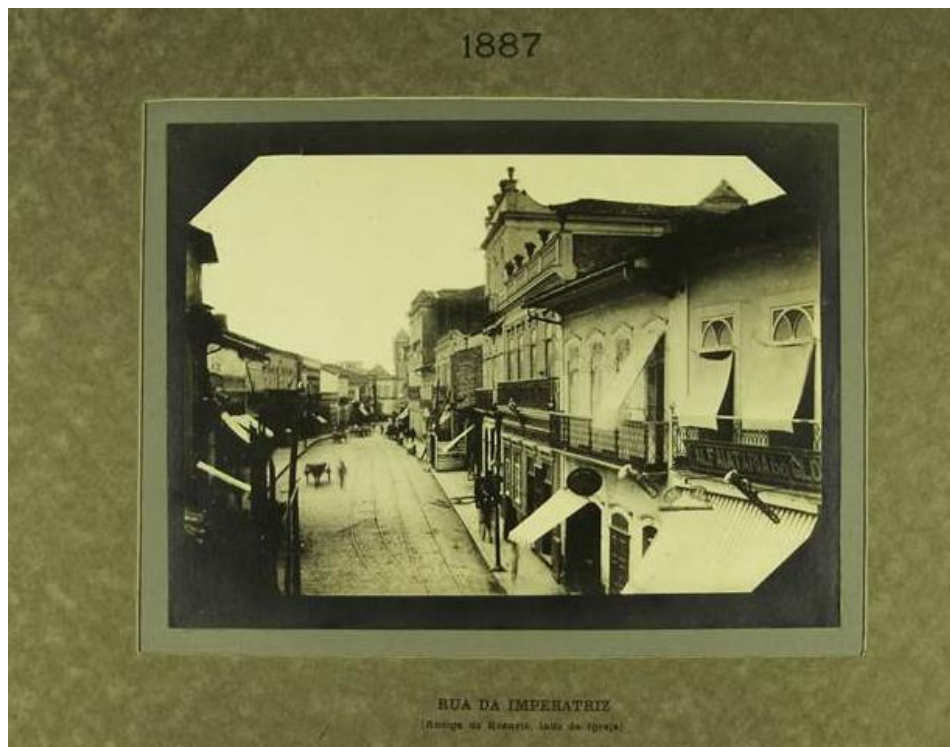


Imagem 168: Rua da Imperatriz, aos fundos a igreja do Rosário, em 1887. Fonte: BMA, álbum Casa Duprat, vol.1, 1862-1887-1914.

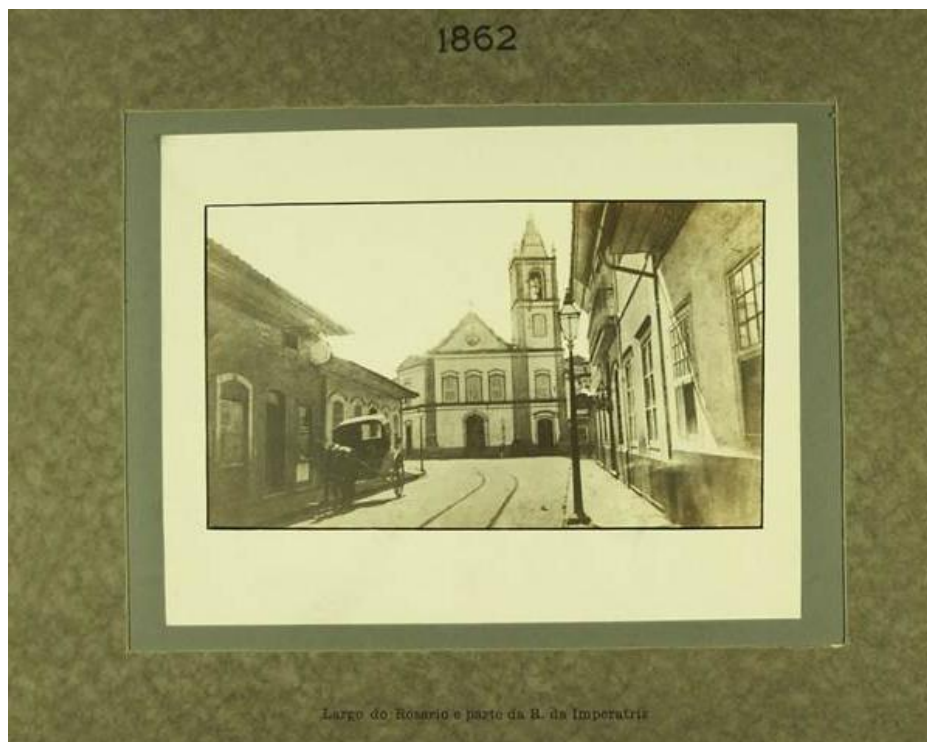


Imagem 169: Vista do Largo e Igreja do Rosário em 1862. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 170: Vista da Praça Antônio Prado, a partir da Rua 15 de Novembro, em 1916. O edifício aos fundos é o "Martinico Prado". Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.



Imagem 171: Vista da Praça Antônio Prado. Em destaque no centro da foto o edifício “Martinico Prado”. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.

A abertura da nova Praça Antônio Prado, com largura de 30 metros, foi a primeira obra urbana significativa na cidade. Dos primeiros anos do século XX, as novas construções particulares eram realizadas em alvenaria de tijolos, dentro do novo alinhamento, e atendendo ao gosto eclético à época.

O antigo Largo do Rosário, após as obras de reurbanização foi rebatizado em 1905 de Praça Antônio Prado²¹⁰, nome do prefeito que propiciou esta obra. Segundo Ernani Silva Bruno esta praça passou a ser o coração da cidade, por ali circulavam todas as linhas de bondes. Faz referência ao álbum publicado por Jules Martin em 1905, pois nas confeitarias se reuniam os “*rapazes elegantes da cidade*”. E cita José Agudo que em 1912, no livro fixando cenas da vida paulistana, escreveu:

“Os passeios laterais e a tradicional Ilha dos Prontos, no centro, estavam literalmente obstruídos de gente. Uns esperavam seus bondes, outros esperavam a possibilidade aleatória de um convite para o vermute ou a farmácia, e alguns não esperavam nada, mas matavam o tempo em ver o que nada tinha de vistoso”²¹¹.

²¹⁰ Lei n. 799/1905. Dá a denominação de Praça Antônio Prado ao Largo do Rosário.

²¹¹ BRUNO, 1954, p. 1003-1004.

No terreno da família Prado, quase no mesmo local onde existiu a igreja, no terreno de Martinho Prado Junior, do lado par (atual 48) da nova praça foi projetado e construído pelo escritório Francisco Paula Ramos de Azevedo & Cia, um edifício com térreo, mais três pavimentos de alto pé direito, denominado “Martinico Prado” também foi conhecido como “Casa Martinico”. Data de 1904 o projeto, e a conclusão da obra em 1906. Foi o primeiro edifício com uso exclusivamente para escritórios com lojas comerciais no térreo. Parte deste prédio, em 1907, acomodou a sede da empresa canadense de energia *Light*. Além de ser a sede dos escritórios do jornal “O Estado de São Paulo”.

A fachada original é eclética, na vista para a nova praça, possui um corpo central que distribui cinco largas envasaduras de janelas com vergas arqueadas nos segundo e terceiro pavimento; nas duas laterais possui cada uma, um corpo com ritmo de envasaduras diferente a cada piso, sendo no primeiro uma larga janela com verga arqueada e no terceiro três estreitas com verga em arco pleno. Falsas colunas simulam sustentar o entablamento adornado entre o terceiro e quarto piso. O quarto pavimento segue o ritmo das envasaduras dos pisos inferiores, entretanto todas as vergas são retas, um novo entablamento faz o arremate que tem a platibanda fazendo a distinção entre os três corpos. Sendo os dois laterais terminados em dois pequenos frontões em arco com tímpano decorado e pináculos a cada extremidade; enquanto o corpo central possui uma espécie de frontão independente com forma diferenciada. No piso térreo as envasaduras seguem o ritmo das superiores, são todas portas balcão abertas para a praça.

Nos anos de 1929-30, o edifício passou por uma grande reforma para ser sede do banco americano National City Bank of New York (atual Citibank) ocasião da consolidação do setor financeiro nesta área da cidade.

Nesta reforma a fachada foi muito alterada, perdeu feições ecléticas de influência neoclássica e ganhou novos elementos Art-Déco. As envasaduras foram mantidas, entretanto os acabamentos foram alterados. No térreo, as falsas pilastras receberam revestimento de granito rusticado. As portas balcões foram fechadas, mantendo-se apenas uma porta central, para a praça, de acesso; esta é encimada por um par de águias esculpidas em granito. Os demais pavimentos apresentam acabamento em argamassa pigmentada em tom semelhante ao do granito do térreo. Entre o terceiro e quarto pavimento retomam-se as pilastras estilizadas, pintadas de branco. As esquadrias são todas recentes, constituídas de caixilhos de alumínio e panos de vidro.

Na década de 1980 passou por uma nova reformulação interna, inclusive inserção de pavimentos no subsolo, para a instalação da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) que permanece neste endereço.

O impacto da abertura da Praça Antônio Prado, e a remodelação do Largo do Paissandu, foram importantes para a assimilação do eixo na rua São João. Complementando²¹² com a obra que aterrou o córrego do Anhangabaú, e a demolição da ponte do Acu construída em 1820 por Daniel Pedro Muller, melhorou a conexão do centro velho com os novos bairros a oeste.



Imagem 172: O edifício “Martinico Prado”. Fonte: Acervo particular.



Imagem 173: Vista da “Ladeira São Joao”, já alargada, o primeiro prédio à esquerda de quem olha a imagem é o Palacete Martinico Prado, cartão postal. Fonte: Acervo particular.

²¹² CAMPOS, 2002, p.84.

2.9 Largo Paissandú: Teatro Carlos Gomes e a nova Igreja do Rosário.

*Paissandú*²¹³

[...] Ao velho Garibaldi, as explicações foram inúteis. Paissandú para ele, a sua 'sege', o bucéfalo... e a garoa...

Efetivamente, quem conheceu São Paulo de há cinco lustros, observou que à porta do 'Moulin Rouge', onde hoje está o Cine Avenida, quase à esquina, jazia estacionado, dia e noite, sob o sol e a chuva, o títburi do Garibaldi, o velho italiano, alto, corado, chapéu de abas largas, com aquela lisa espessa barba branca, quase pela cinta, aureolando o rosto grandalhão. A barba individualizava e caracterizava o Garibaldi, na sombra mortiça do lampião, a duzentos metros de distância. Daí o apelidaram-no – Garibaldi. [...]

[...] Garibaldi não tinha conta corrente, mas se a tivesse, a coluna do 'haver', por certo, teria a altura do prédio Martinelli...

Paissandú, entretanto, Paissaandú que determinou a homenagem, que caracterizou o largo, não é o que viveu, perdidamente, na rota de um quarto de século, é o Paissandú que vibra indelével, na glória dos brasileiros, pelas reais conquistas do seu patrimônio histórico.

A evocação, pois, dessa praça pública, onde num contraste consolador se alteia a Igreja do Rosário, transplantada do largo que teve o seu nome – justamente para perpetuar a tradição da cidade – constitui a afirmação positiva do nosso heroísmo passado nas contínuas lutas com os vizinhos do Prata.

Paissandú! As gerações se sucederam pronunciando este nome. [...]

Aí está o que Paissandú nos ensina na história nacional e o que nos evoca na sua fase sentimental e boêmia, perpetuado pelos paulistas naquele largo encantadoramente localizado no coração da cidade.

Quanto a sua nomenclatura há o seguinte: segundo o Dic. Histórico de São Paulo, 'o nome primitivo do atual Largo do Paissandú era – Praça das Alagoas – denominação popular originada da circunstância de se constituírem as diversas nascentes formadoras do riacho Yacuba, em outras tantas pequenas lagoas'. 'A mais volumosa dessas lagoas, receptáculo das demais vertentes, passou a chamar-se – Tanque do Zunega – a partir de 1870, denominação que, com o correr do tempo, estendeu-se ao largo, relegando ao esquecimento a de Alagoas'

²¹³ Paissandú é o nome de uma cidade uruguaia. Palco de um cerco brasileiro em 1864 durante a Guerra do Paraguai.

*Efetivamente, o Tanque do Zunega ou Zuniga, nesse largo, existiu e as plantas da época o registram. A vertente dali partia, desaguando no Anhangabaú. Tudo desapareceu, pela drenagem do terreno, aterros e canalização do Rio Anhangabaú*²¹⁴.



Imagem 174: Cartão-postal destacando o arco luminoso do anúncio do teatro. Fonte: GERODETTI, João Emílio e CORNEJO, Carlos. Lembranças de São Paulo, p.98.

Do outro lado do Vale do Anhangabaú, enquanto sucedia a abertura da Praça Antônio Prado, o Largo do Paissandú foi remodelado com novos jardins. Em 1906 foi inaugurado o Teatro Carlos Gomes, endereçado no número 115 (atual 331). Diante da documentação, para este endereço, em 1906 consta no desenho:

“Modificação da Galeria do Theatro Carlos Gomes sito na Rua São João N.º 115.

Propriedade dos S^{rs}. Nascimento de Pinto e C^{ia}.

Conformamo-nos com o despacho do Exmo Sr. Dr. Prefeito mantendo em vez das galerias uma fila de cadeiras e pequenas mezas.

São Paulo, 23 de agosto de 1906.

*Nascimento Pinto*²¹⁵.

Esse teatro foi inaugurado com o nome de Carlos Gomes, posteriormente passou a ser chamado de *Moulin Rouge*²¹⁶, por volta de 1911 voltou ao primeiro nome.

²¹⁴ MOURA, 1943, pp.73-76.

²¹⁵ AHSP: OP_001.496, 1906.

²¹⁶ *Moulin Rouge*, palavra de origem francesa, assim como, *Bijou*. São demonstrações de “*afrancesamento*” na sociedade da época.

Depois conhecido como Teatro Variedades²¹⁷. E após outra reforma foi reaberto em 1918 com a denominação de Theatro Avenida, conforme foi constado pelos anúncios feitos no jornal da época a sua localização não é muito precisa. Pela numeração encontra-se quase na esquina da Rua Conselheiro Crispiniano, conforme desenho do corte do acervo da SIURB. Entretanto em uma das solicitações de modificação, no desenho aparece um acesso secundário pela Rua 11 de Junho, que é a posteriormente denominada Rua Dom José. Pela publicidade encontra-se no *Largo Paysandú*. Na base cartográfica de 1911 que enfatiza edifícios culturais, religiosos, de uso coletivo, ilegível tem assinalado um imóvel quase na esquina com a Rua Dom José, recém prolongada até a Avenida São João.

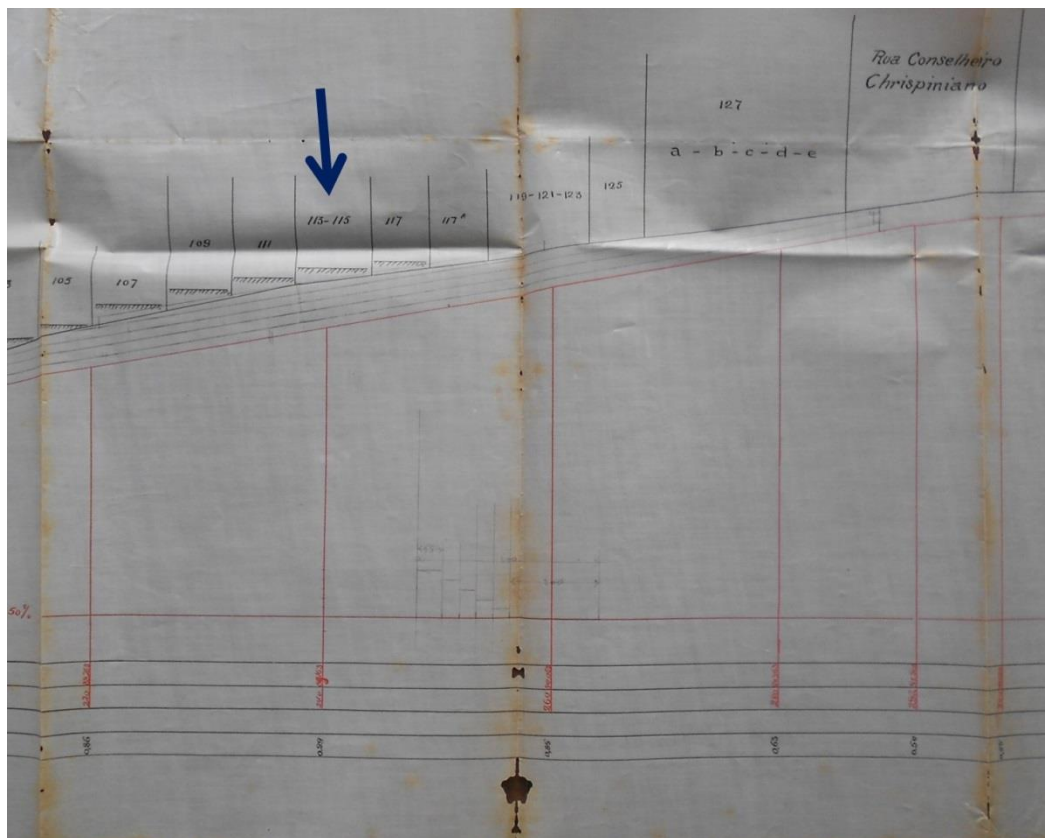


Imagem 175: Pormenor do desenho do corte do terreno da Rua São João, do processo de pavimentação da via. Fonte: SIURB.

²¹⁷ Segundo Elisabeth R. Azevedo. PORTA, 2004, p.578.

Moulin Rouge
EX-CARLOS GOMES
LARGO DO PAYSANDU'
Empresa Paschoal Segredo
Tournée Seguin de l'Amérique du Sud
HOJE
Quinta-feira, 30 de agosto
Estreia Estreia
35 artistas de fama universal
As maiores atrações da época
Programa excepcional!
Orquestra de câmara
sob a direção de
A. LRAL.
Preços: Frisas
Camarotes
Cadeiras

Theatro Carlos Gomes
Antigo Moulin Rouge
Largo Paysandú
COMPANHIA THEATRAL PAULISTA
DIREÇÃO DO ACTOR SERRA
Da qual faz parte a actriz Pepa Ruiz e actor Machado
Orchestra dirigida pelo maestro LEAL
HOJE Sexta-feira, 6 de janeiro de 1911 HOJE
EXTRE'A
Com a popular revista de costumes paulistanos de Souza Bastos em 3 actos e 21 quadros
Tim-Tim por Tim-Tim
Os celebres 18 papéis serão desempenhados pela sua creatura a actriz Pepa Ruiz.
Tambem parte Machado, Antonio Serra, C. Nazareth, Asdrubal Miranda, Prado, Jaime de Melo, Octavio, Souza, Castro, Almeida.
As artistas: Julieta Pinto, Victoria Cesana, Evira Benvenuti, Martha Lora, Marcolino Gomes, Alice Gomes, Colinda Galdas, Victoria, Sotira Riera, Maria Silva, Antônia, Alina, Anália Furtado.
Corpo de coros, secunarios, Adereçes imho como na primitiva.
PREÇOS POPULARES
Frisas com entradas . . . 15000
Camarotes com entradas . . . 17500
Cadeiras de 1.ª classe . . . 3500
Cadeiras de 2.ª classe . . . 2500
Cadeiras . . . 1500
A empresa Theatral Paulista é a primeira companhia de este genero que se organizou em São Paulo, e seu fim principal proporcionar ao publico de São Pau a representação de peças nacionaes, e especialmente paulistas.
Pela modicidade dos seus preços, e por do seu programma, ella espera merecer a benevolença preferença do publico paulistano.

THEATRO AVENIDA
Av. S. João, 191 (Largo Paysandú) — Tel. Cid. 2040
HOJE 7 de Dezembro HOJE
A's 8 horas e 3/4
Suberba Inauguração dos espectaculos "chicos" de
CAFÉ CONCERTO
Orchestra de 10 professores dirigida pelo maestro BELLIARDI
Escolhido programma de
CANÇONETAS e VARIEDADES
em que tomam parte os seguintes numeros
10 CACHORROS SAIADOS apresentados por Mr. Golf —
Sorella Florida — Ophelia — Minna Sauri — La Pa-
raguaya — Villy — Sylvia Martins — La Sivilanin —
Henriqueta Moretti — Lina Palmeri — Rino Van-
di — Tereza Rosa — Odette Camargo — Dianin —
Iullia Conti — Florentin, etc. etc.
— BAR NA PLATEA — TODA COMMODIDADE —
SERVIÇO ESMERADO
Preços: Frisas com 5 entradas, 15000; camarotes,
idem, 12500; poltrona distincta, 3500 — Entrada ge-
ral, com direito a assento, 2500 — Geral, 500.
Bilhetes à venda durante o dia no Café XV, rua 15
Na proxima semana — IMPORTANTES ESTREAS
Amanha — 1.ª grandiosa matinee familiar dedicada
ao mundo infantil.

Imagens 176, 177, e 178: Artigos publicados no jornal: O Estado de S. Paulo, 1/9/1906; 6/1/1911; 7/12/1918, p.11; respectivamente. Observar que em 1906, já se chamava *Moulin Rouge*; em 1911, volta a ser o *Teatro Carlos Gomes*, ex *Moulin Rouge*. E em 1918, inauguração do Café-concerto, no *Theatro Avenida*.

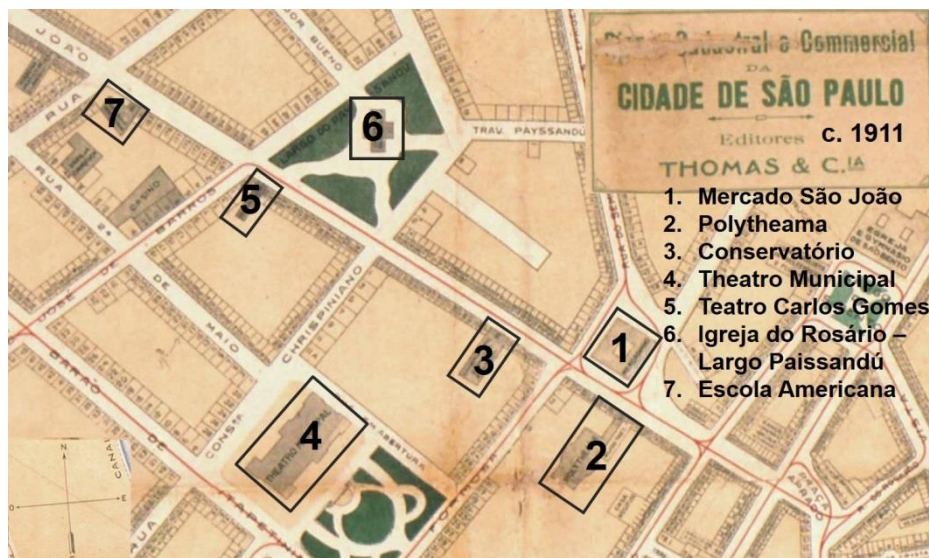


Imagem 179: Destacado os edifícios de uso coletivo. Planta Acervo Aguirra, atribuída a 1911.

No material localizado no acervo das Obras Particulares, na caixa²¹⁸ encontramos bons desenhos. Na planta do térreo vê-se o foyer voltado para a Rua São João com as escadas de acesso para a sala de espetáculos. A plateia está distribuída em forma de ferradura centralizada com o palco. Os camarins estão situados à direita de quem olha o prédio, assim como um acesso secundário que leva direto aos camarins, e às escadas para a galeria no piso superior. Com certa dificuldade lê-se que este acesso é para a Rua 11 de junho. Na planta do superior, denominada “dos camarotes”, esses estão distribuídos acompanhando a forma do piso inferior em

²¹⁸ AHSP_OPA cx 12, 1906.

ferradura, e sob o foyer há um salão. Na lateral da prancha aparecem dois cortes esquemáticos da edificação.

A fachada do prédio, desenhada na escala 1:50, vê-se no térreo possui três portas balcão com vergas em arco pleno centralizadas no eixo da edificação. Pelo desenho apresenta um barrado com cerca de 1,00 metro de altura. No pavimento superior, há três janelas também com vergas em arco pleno, e guarda-corpos balaustrados, porém os vãos são mais estreitos que do piso inferior, todavia os respectivos eixos estão alinhados, determinando simetria. A edificação possui platibanda com um simples frontão central em arco pleno ao centro, e dois pequenos recortes uma a cada lateral com balaústres. Nas folhas da solicitação aparece o carimbo do engenheiro e empreiteiro Eduardo M. Gonçalves.

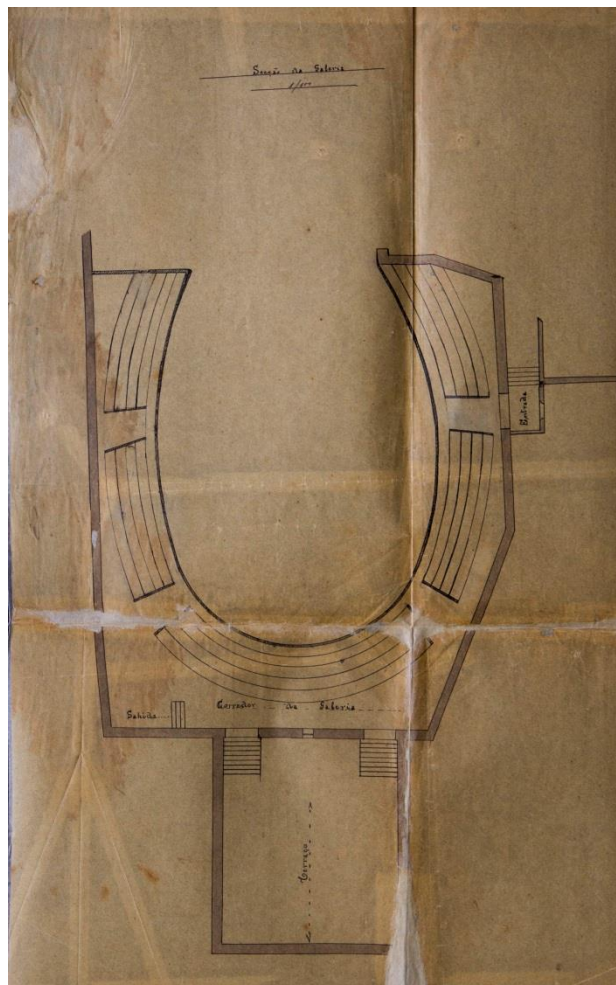


Imagem 180: Planta do teatro à Rua São João, 115. Fonte: OP 1906_001.496; disponível no site: www.projetosirca.com.br/site, acesso em 2014; ou AHSP, OP cx 12, 1906.

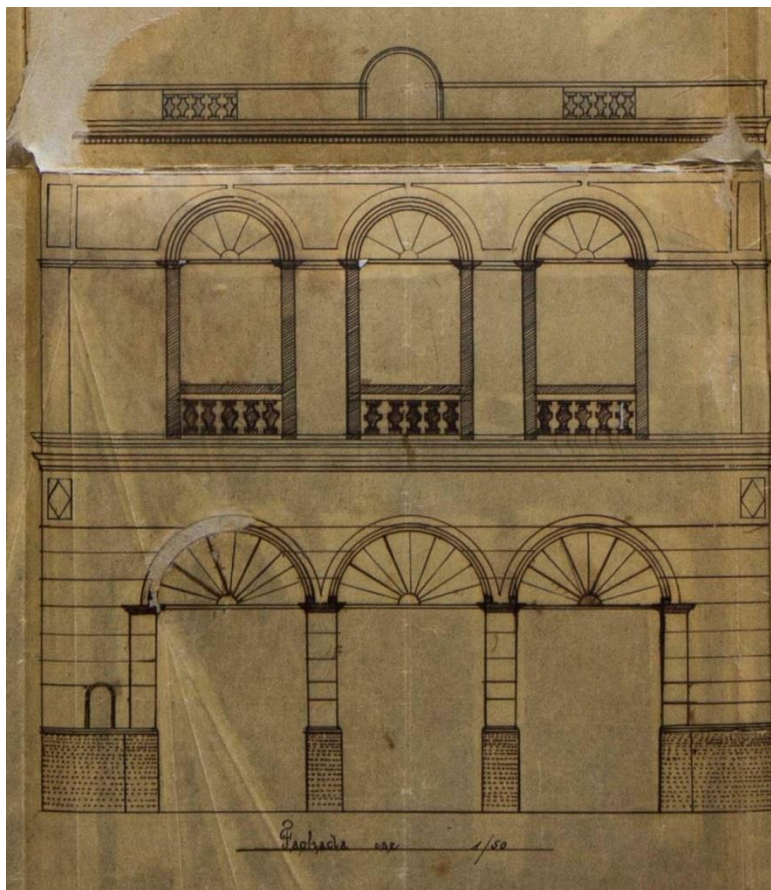


Imagem 181: Fachada, Rua São João, 115. Fonte: AHSP, OP cx 12, 1906.

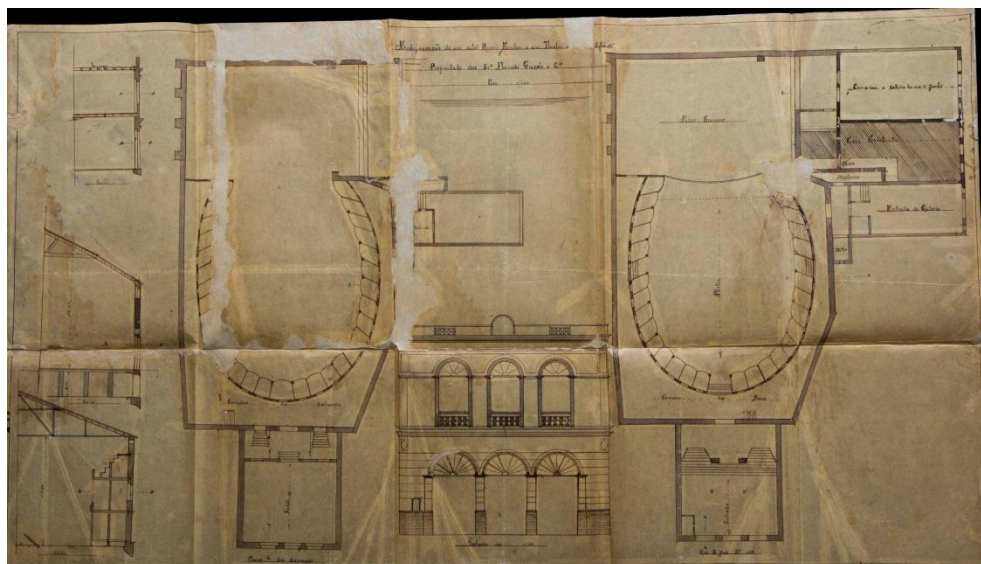


Imagem 182: Desenhos do teatro à Rua São João, 115. Fonte: AHSP, OP cx 12, 1906.



Imagem 183: Cartão-postal com a fachada do *Moulin Rouge*. Fonte: GERODETTI, João Emílio e CORNEJO, Carlos. Lembranças de São Paulo, p.135.

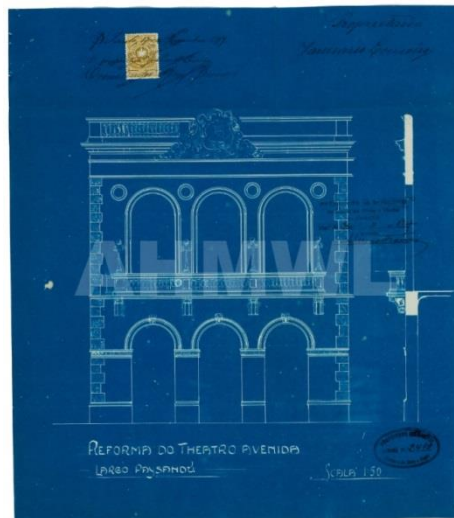


Imagem 184: Desenho da nova fachada proposta em 1917. Fonte: AHSP, OPA caixa S3, 1917; disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/bases/cine3p/img/AHMWL2822.jpg>>

Nas mudanças de nome, também ocorreram mudanças de proprietários e administradores. Conseqüentemente sucederam algumas reformas. Foram localizados desenhos para a pesquisa sobre “Salas de cinemas em São Paulo” publicada na Revista do Arquivo Histórico. Data de 1917 os desenhos em papel prussiato, para a fachada há intervenção no frontão da platibanda, além de alguma ornamentação. Nas plantas as alterações são pequenas. A grande reforma, está na criação de um bar e terraço na cobertura. Para isso foi apresentado desenhos de vigamento com cálculo, e consta para a cobertura desenho de tesouras.

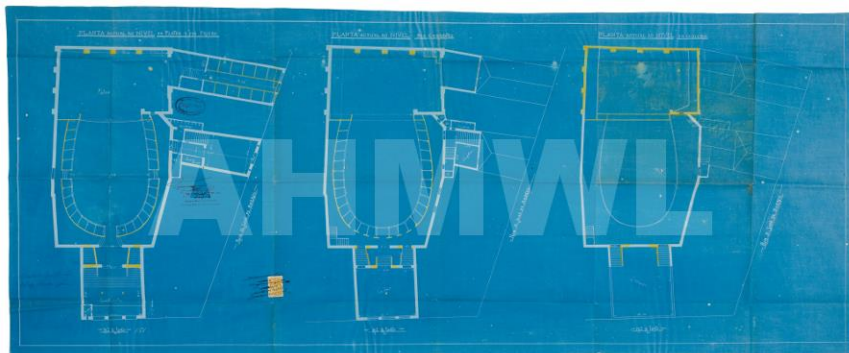


Imagem 185: Desenho das plantas da reforma em 1917. Fonte: AHSP, OPA caixa S3, 1917; disponível em: <<http://www.arquiamicos.org.br/bases/cine3p/img/AHMWL2828.jpg>>

Mais adiante, no Largo do Payssandú (antigo Tanque do Zuniga), no terreno cedido pela municipalidade à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, foi construída a nova igreja entre 1904 e 1906.

Edificação com grande visibilidade, isolada no centro do Largo Paissandu. Construída em alvenaria de tijolos sobre alto porão, possui planta centralizada. Com acesso elevado do nível do Largo, atravessa um pequeno nártex, que se situa sob a torre centralizada do campanário. Então, se ingressa na nave central por sob o coro. A planta é quadrada, com o altar mor e dois laterais onde se encontram dois retábulos de madeira.

Na nave central possui dois púlpitos. Decorada com afrescos, rica em elemento decorativos, possui imagens da igreja velha. Piso em ladrilho hidráulico. Igreja com fachada característica eclética. O acabamento original é argamassa raspada, entretanto recebeu várias demãos de tinta látex, o que a descaracteriza um pouco.



Imagem 186: Planta cadastral da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros. Fonte: PMSP.



Imagem 187 e Imagem 188: Vista da Rua e depois Avenida São João, foto feita no Largo Paissandu para a Rua Conselheiro Crispiniano. 1910 e 1916, observar na segunda imagem à esquerda o Edifício Cotonifício Paulista. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.



Imagem 189: Cartão Postal. Fonte: Acervo Particular.



Imagem 190: Vista aérea do Largo Paissandú, ao centro a nova Igreja do Rosário. O Edifício Cottonificio Paulista, 1195-16, aparece na lateral direita da imagem. Fonte: Acervo Particular.



Imagem 191: Fachada principal da Igreja do Rosário, em 2015, no Largo do Paissandú. Foto: Chico Saragiotto.



Imagem 192: Vista da Igreja do Rosário, no Largo Paissandú, 2015. Foto feita da janela do sétimo andar do prédio da Galeria Oido, por Chico Saragiotto.

2.10 Morar na Rua São João no começo do século XX.

Este capítulo trata do modo de morar na Rua São João no começo do século XX. Adotamos um conceito de morar, para isso utilizamos o dicionário da Arquitetura Brasileira de Corona & Lemos²¹⁹, é “*parte da cozinha onde se acende o fogo. O fogão. A laje horizontal da base da lareira na qual se acende o fogo. Superfície ladrilhada do forno, onde se põe o pão para cozer. A casa, a habitação, em sentido figurado*”. Saindo do sentido figurado e adentrando no verbo morar, residir, habitar é viver nos espaços arquitetônicos. Estes espaços são utilizados por pessoas, muitas vezes famílias.

A família do século XXI possui hábitos e costumes diversos dos das famílias de um século atrás. A humanidade está sempre inovando, pesquisas técnicas e científicas sempre estão sendo realizadas. Vivemos a terceira modernidade segundo o sociólogo francês François Ascher²²⁰, a primeira foi a industrialização em meados do século XIX. A segunda com a eletricidade libertou o crescimento das cidades, verticalmente com a criação dos elevadores, e horizontalmente com a implantação dos bondes, o telégrafo e o telefone. Segundo o sociólogo: “*O advento do quarteto carro-geladeira-aspirador-máquina de lavar constituiu o âmago das transformações urbanas, tornando possível o trabalho assalariado, a compra semanal e a ampliação dos deslocamentos*”. A terceira responde a uma sociedade cada dia mais racional, mais individualizada e mais diferenciada. O novo advento está na velocidade da informação, e para isso o instrumento é o computador.

Consequentemente o programa de necessidades residencial se alterou. A dinâmica da casa era outra, os materiais construtivos e as respectivas técnicas foram se adequando como consequência da disponibilidade muitas vezes, outras vezes inovando. O ambiente considerando o clima, o terreno, a topografia, muitas vezes define um partido arquitetônico, mas geralmente a implantação apenas acontece, sem nada justificar, ou sequer atende a normas existentes, reguladoras. Em outras palavras, o modo de morar reflete as relações sociais e econômicas da sociedade.

Os registros feitos pelos viajantes no Brasil deixaram importantes informações. O norte americano Daniel Parish Kidder²²¹ em missão no nordeste brasileiro por

²¹⁹ CORONA; LEMOS, 1972. p.296.

²²⁰ ASCHER, 2010. p.27.

²²¹ Daniel Kidder (1815-1891) in FREYRE, 2006. p.311.

(<https://archive.org/details/sketchesresiden07kiddgoog> e <https://archive.org/details/brazilbrazilians00kidduoft> acesso 28-07-2016)

alguns anos das décadas de 1830 e 1940, em Recife conheceu a casa de seis andares e escreveu: “de um estilo desconhecido nos outros pontos do Brasil”. “Este estilo de casa era típico da habitação dos recifenses mais ricos – os comissários de açúcar e os fidalgos do comércio. No andar térreo, ficavam o armazém e a senzala; no segundo, o escritório; no terceiro e no quarto, a sala de visitas e os quartos de dormir; no quinto, as salas de jantar; no sexto, a cozinha. E ainda por cima desse sexto andar havia um mirante, ou cocoruto, de onde se podia observar a cidade, admirar a vista dos arredores, gozar o azul do mar e o verde dos mamoeiros, tomar fresco”, assim descreve Gilberto Freyre²²² em *Sobrados e Mucambos*, e ainda complementa que, Kidder observou que a vantagem da cozinha ser no alto era para a fumaça e os cheiros da comida não incomodarem a família nos cômodos de baixo, enquanto a desvantagem era o transporte dos materiais de cozinha e água, mas que a quantidade de negros era tanta que estes “se acotovelavam dentro da casa”²²³.

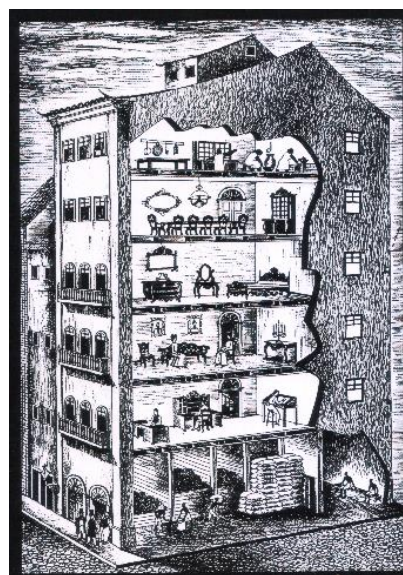


Imagem 193: Desenho, de Lula Cardoso Ayres, do interior de um sobrado patriarcal urbano do meado do século XIX. Fonte: *Sobrados e Mucambos*. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.

Em contraposição aos sobrados, a moradia dos negros libertos era nos “quartinhos”, conforme descreve Eudes Campos²²⁴, minúsculas moradias de um só cômodo, contíguas, feitas de paú-a-pique ou taipa e cobertas com meia-água de sapé, modelo de construção proibido na área urbanizada da cidade. “*Formando talvez correres semelhantes aos das senzalas, às quais os antigos escravos estavam habituados, essas construções paupérrimas de chão de terra batida e*

²²² Idem, p.311.

²²³ Ibidem, p.311.

²²⁴ CAMPOS, op. Cit. p.481

desguarnecidas do essencial, disporiam decerto em cada unidade duma única porta, podendo estar até mesmo desprovidas de janelas. Na cidade, os negros residiam também em casas coletivas, em que já se haviam transformados os pardieiros paulistanos, mas alguns deles deviam morar ainda naquelas casas térreas de baixíssimo pé-direito que vemos em fotografias do período e que sabemos ter existido nas vizinhanças da igreja do Rosário. Digno ainda de menção é o caso do africano livre de nome Procópio que possuía uma quitanda no Lavapés em 1865: o modesto negócio funcionava na parte da frente da casa, repartida, além do comércio, em varanda, sala e cozinha. Quanto aos negros fugitivos, açoitavam-se nos matos dos arredores da cidade, onde erguiam para se abrigar simples choças cobertas de folhas”.

Ao chegarem os imigrantes também procuraram moradias simples, chegando a disputar os pardieiros com os negros. Oportunidade para os capitalistas especuladores construírem os cortiços, que segundo definição da palavra é casa de abelhas com seus vários alvéolos, uma metáfora as fileiras de cubículos com entradas voltadas para um pátio comum, também conhecidas como estalagem, talvez por reproduzir a implantação das albergarias dos tropeiros e viajantes.

O primeiro Código de Posturas²²⁵ data de 1875, e uma das regulamentações era a proibição das rótulas. Este foi revisto em 1886 e mesmo sendo a cidade conhecida como “dos fazendeiros”, a nova versão já usa a expressão “casa de operários”. Das novas exigências salientamos que o porão passa a ser obrigatório em todas as construções com altura mínima de 0.50 metros, para afastar o soalho da umidade, entretanto para os cortiços a altura poderia ser 0.20 metros, certa demagogia na opinião de Carlos Lemos²²⁶, pois o que é bom para a classe média também o é para o proletariado. Dentre as regras continua: *“Telhados contínuos só em pequenos grupos de duas ou três casas de aluguel de um mesmo proprietário. Alvenaria de tijolos definindo arcabouço padronizado que poderia receber decoração estilística segundo a vontade ou gosto do empreiteiro, quase sempre italiano. Foi a chegada do Ecletismo”.*

Desta ocasião, a utilização da madeira aparelhada mecanicamente, além dos ornatos delicados, propiciou a construção dos pitorescos chalés que começavam a povoar algumas ruas da cidade e arredores. Ladrilhos hidráulicos, dentre outros elementos cerâmicos como colunas, pilastras, capitéis, entablamentos, ornatos,

²²⁵ Maiores detalhes ver na PARTE I.

²²⁶ LEMOS, 1999. p.22 e 23.

etc., passam a ser fabricados em olarias da região do Bom Retiro. Pois as olarias existentes até então fabricavam mais telhas e tijolo para ladrilhar.

Decorrente da cessão do tráfico negreiro em meados do século XIX, a respectiva abolição, e a sucessiva Proclamação da República. A cidade imperial vivenciava intensas transformações sociais e políticas. A mentalidade da elite paulistana dividia-se em progressistas *versus* conservadores.

Tais transformações trouxeram mudanças também nos programas das residências, *“... com a abolição da escravatura, a ‘máquina brasileira de morar’, a casa antiga, foi aos poucos deixando de funcionar, tornando-se mesmo inabitável devido ao desconforto. É que ela dependia essencialmente da presença dessa mistura de coisa, de bicho e de gente, que era o escravo: havia negro para tudo – desde os negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto, era água corrente no quarto, quente e fria, era interruptor de luz e da campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático e abanava que nem ventilador. Era ele que fazia a casa funcionar”*, assim escreveu o arquiteto Lucio Costa²²⁷.

Os imóveis a serem aqui estudados, são decorrentes das mudanças que estavam acontecendo na cidade, não existem mais pois foram todos demolidos, a referência adotada são os desenhos existentes no Arquivo Histórico São Paulo – AHSP, da coleção de Obras Particulares²²⁸, no período de 1906 a 1910, que foram digitalizados recentemente criando um banco de dados chamado SIRCA. Este acervo é composto de uma ficha para cada solicitação realizada, muitas com imagens dos desenhos apresentados, outras não.

Ao notar que eram poucas as solicitações, cerca de vinte, no recorte da pesquisa do Largo do Rosário (atual Praça Antônio Prado), a atual Avenida Ipiranga, detectou-se uma amostra pequena e difícil para classificar os programas residenciais, decidiu-se estudar todos os requerimentos deste período para a Rua São João. São cerca de 70 fichas, dentre as quais 59 possuem boas imagens da documentação original digitalizada. Nesta amostragem foi feita a leitura de todos os desenhos e encontrado desde pequenas reformas a projetos completos de residências.

²²⁷ COSTA, 1980. p.47

²²⁸ Obras Particulares: disponível em www.projetosirca.com.br/site.

Será adotada para a classificação dos imóveis deste trabalho a pesquisa inédita realizada no arquivo citado e publicado em *A República ensina a morar (melhor)*, do professor Carlos Lemos. Consta de um levantamento sobre “*mais de três mil projetos residenciais aprovados entre 1892 e 1907*”²²⁹, dos quais foram sorteados cerca de 320 exemplares e com os dados estudados determinou-se sete tipologias.

São elas:

- Cortiços (CO) engloba toda forma de habitação promíscua em que as latrinas e os tanques de lavagem de roupa forem de uso comunitário. Podem ser as unidades residenciais de até três cômodos isolados, porém com WC e tanque compartilhados por todos os moradores.

- Casas operárias (OP) são as pequenas moradias com até três cômodos, além do WC de uso exclusivo da família, uma casa que atende o código de 1886.

- Casas da classe média baixa (CB) são todas as residências de quatro acomodações e instalações sanitárias. São plantas “oficiais” com “sala, quarto, cozinha e WC”.

- Casas da classe média propriamente dita (CM) são as casas com qualquer número de quartos, com duas salas, sendo uma de receber, às vezes batizada de “gabinete”, e a sala de jantar também chamada de “varanda”, fora a cozinha, tem sempre ao lado instalações sanitárias completas, incluindo banho.

- Casas da alta classe média (CA) são edificações quase sempre no alinhamento e com jardim lateral, raramente assobradada. Possuem qualquer número de dormitórios, mais sala de visitas, “gabinete”, com feição de escritório, sala de jantar, copa-cozinha e quarto de empregada. Também pode aparecer uma despensa e um quarto de engomar.

- Palacetes (PL) feita para os ricos, caracteriza o “morar à francesa”²³⁰. Uma casa isolada no meio do lote, o que permite luz e ar direto em todos os cômodos. A planta permite independência dos usos: serviços, repouso e estar. Sempre em dois pavimentos.

²²⁹ LEMOS, 1999. p.11

²³⁰ Entende-se a residência implantada no meio do lote, ou seja, com afastamento de todas as divisas e do alinhamento da rua, com ar e luz diretos em todos os cômodos. Distingue-se pela independência entre as zonas de serviço, repouso e estar. Sobre este assunto ver *Alvenaria Burguesa*, e a *República nos ensina a morar (melhor)*, de Carlos A.C.Lemos.

- Soluções mistas (MS) são os exemplares em que o estabelecimento comercial, no térreo, é provido de residência anexa, atrás ou no pavimento superior.

Separar os imóveis dentre as categorias citadas com precisão é uma tarefa nem sempre fácil. A começar pelas legendas dos desenhos estudados, muitas vezes não aparecem, outras não é muito nítida a grafia.

É comum a presença de um cômodo interno, fazendo a transição entre a cozinha e os quartos, com a denominação de varanda. Segundo Lemos²³¹: “A própria expressão ‘varanda’ comparece nos primitivos inventários para designar área de permanência da família”. A “cosinha” em todas as plantas aparece com esta grafia. O WC ou latrina sempre está fora da casa, muitas vezes isolado no fundo do quintal, outras vezes é o cômodo ao lado da cozinha, porém com acesso externo, e sempre ao lado do tanque. Dentro da casa lê-se na legenda ‘quarto para banho’ e às vezes ‘banheiro’, mas independe da privada externa.

Dos 59 requerimentos estudados exceto um, o imóvel situado no número 11, Theatro Carlos Gomes²³², que em janeiro de 1906 o construtor José Hans solicitou modificação na Galeria, os demais são todos referentes às residências.

Destes, vinte e um solicitam reformas, tais como: acréscimo de latrina, ou cozinha, ajuste na escada, algum serviço na fachada ou uma intervenção no telhado. Como exemplo, David D. Ferreira²³³, apresentou um desenho para a fachada do pequeno imóvel térreo número 276, com duas portas balcão, arrematadas com verga reta, e presença da platibanda simples. Os adornos lineares eram feitos no acabamento da argamassa (imagem abaixo). Enquanto um “puchado”²³⁴ a construir foi apresentado pelo Sr. Manoel de Souza Barros²³⁵, em setembro de 1909, para o número 14, consta de uma planta com um quarto, uma sala de jantar, cozinha e banho, no pequeno cômodo anexo a edificação existente.

²³¹ LEMOS, 1999. p.24

²³² AHSP_OP_001.496, 1906. Projeto tratado no capítulo anterior.

²³³ AHSP_OP_002.160, 1909.

²³⁴ Grafia presente no documento original.

²³⁵ AHSP_OP_1909_002.153



Imagem 194: Imóvel número 276. Fonte: AHSP_OP_1909_002.160_sirca.

No lote da esquina com o Largo Paissandú, Samuel das Neves²³⁶, em agosto de 1907, entra com um projeto de reforma de um comércio com residência térrea. Na frente para a Rua São João há a confeitaria. Neste desenho aparece em amarelo paredes a serem demolidas e em vermelho a serem erguidas. A latrina existente dentro do imóvel está marcada de amarelo, e nos fundos do terreno aparece outra, com um destaque em vermelho e interpreta-se como sendo nova ou a ser reformada. O armazém recebe uma parede divisória da confeitaria, ficando com um acesso independente para o Largo Paissandu. A padaria aumenta a área em detrimento da diminuição do escritório. Há um quarto de dormir, uma sala de jantar e cozinha. No desenho do perfil observa-se o acréscimo de uma platibanda, e consta o pé direito de 4.50 metros. Não possui desenho de fachada.

Predominam os requerimentos para edificações residenciais com comércio, ou armazém como aparece normalmente indicado. Em observação do professor Lemos: *“Os programas comerciais cada vez mais variados foram, aos poucos, provocando adaptações, até onde possível, nas velhas construções de taipa, que tiveram seus interiores de pau-a-pique arrasados e sujeitos a novos usos. Velhas fachadas tiveram seus beirais arrancados e substituídos por platibandas decoradas e guarnecidas de vasos, estátuas e pinhas de porcelana. Novos armazéns de tijolos*

²³⁶ AHSP_OP_001.443, 1907.

foram feitos abrigando pequenas indústrias. A cidade que crescia ia inventando coisas²³⁷.

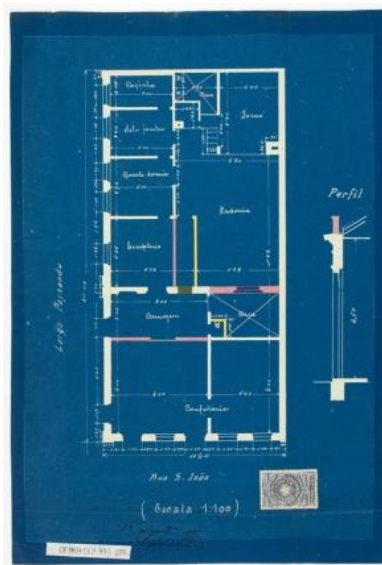


Imagem 195: Samuel das Neves, 1907, rua São João esquina com Largo Paissandu. Fonte: AHSP_OP_1907_001.443 (circa).

São dezoito os requerimentos para soluções mistas, algumas para duas ou três pequenas residências térreas (com até quatro cômodos e latrina externa) e armazém para a rua, outras com comércio no térreo e residência no superior ou atrás.

Há um desenho para os imóveis de uso misto que chama a atenção, pois é para um lote com 17.15 metros de frente, e 36.20 de profundidade, no qual foi requerido²³⁸ um projeto para três armazéns no térreo e três moradias no superior com entradas e quintal nos fundos do lote independentes. O programa do térreo consta do armazém com aproximadamente 5.0 X 21.0 metros, uma área aberta para uso do armazém, e encerra com dois escritórios e um WC. Aos fundos há os três quintais para serventia das moradias de cima. A moradia tem uma sala de visitas na frente, três dormitórios, uma sala de jantar, um corredor que os conecta ao passadiço para o quarto de banho e WC, quarto da criada, dispensa, cozinha e a escada para o quintal. Todos os cômodos possuem ventilação e iluminação natural.

²³⁷ LEMOS, 1989, p.53.

²³⁸ AHSP_OP_002.157 A e B, 1909.

Victor Dubugras, a 20 de agosto de 1908, solicita para o Sr. José Lotufo²³⁹, a Rua São João, 160, 162, 164, 166, 168 e 170, um projeto para uma edificação composta de cinco residências assobradadas e geminadas provavelmente para aluguel e dois espaços comerciais. Ao rez do chão os dois imóveis do centro possuem comércio para a Rua e residência para os fundos do lote. Com um acesso independente, a porta central, conecta para o pavimento superior que é uma unidade residencial com duas salas, escritório, copa, cozinha e três quartos e escadas para um terraço na cobertura. Nas duas laterais há em cada uma, duas residências no térreo, com sala de visitas, jantar, copa, cozinha, um quarto, e no piso de cima há mais dois quartos, um ambiente legendado como toailete e um bom terraço. Este é o único desenho que apresenta pela representação gráfica o vaso sanitário no piso superior, além de seis que aparecem no térreo, entretanto sempre nos fundos e próximos a cozinha. A fachada possui uma composição das envasaduras para janelas em harmonia com as portas de acesso, todas as vergas são retas, compondo um ritmo interessante com o guarda corpo dos terraços.

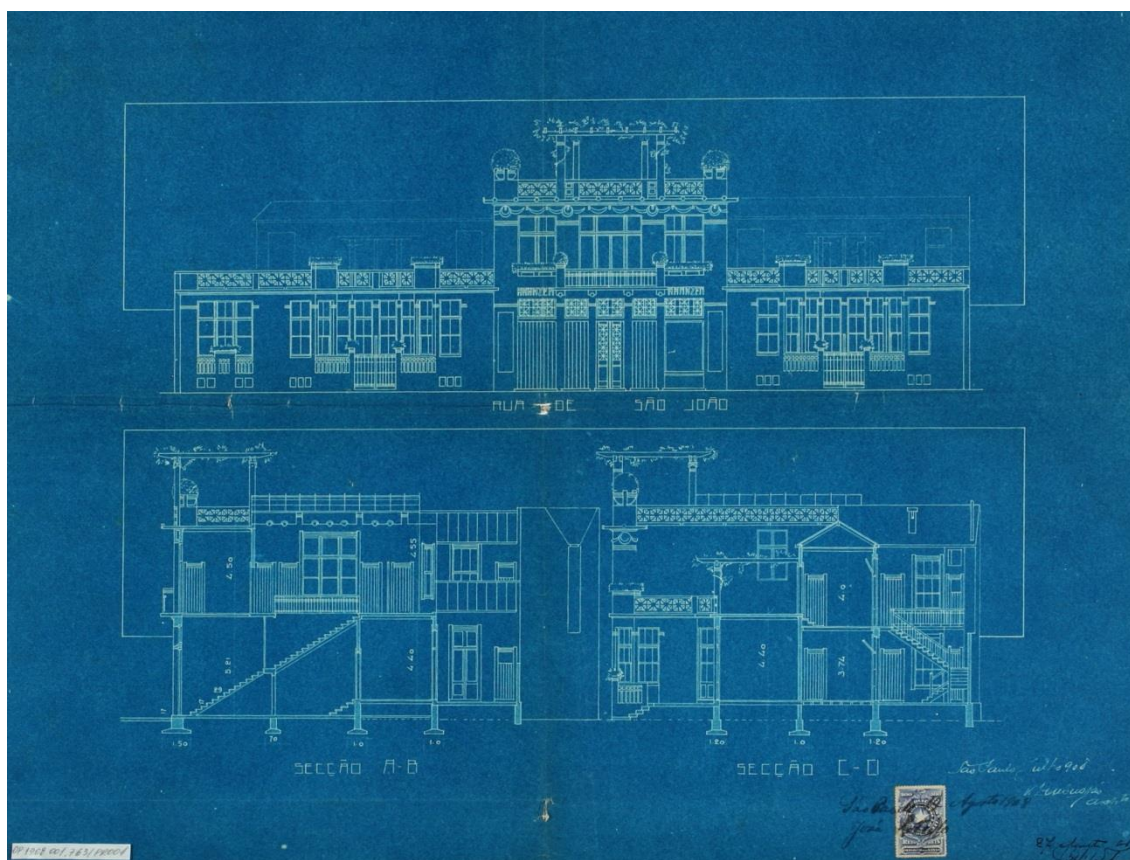


Imagem 196: Fachada do projeto de Victor Dubugras. Fonte: AHSP_OP_1908_001.763 (sirca).

²³⁹ AHSP_OP_001.763, 1908.

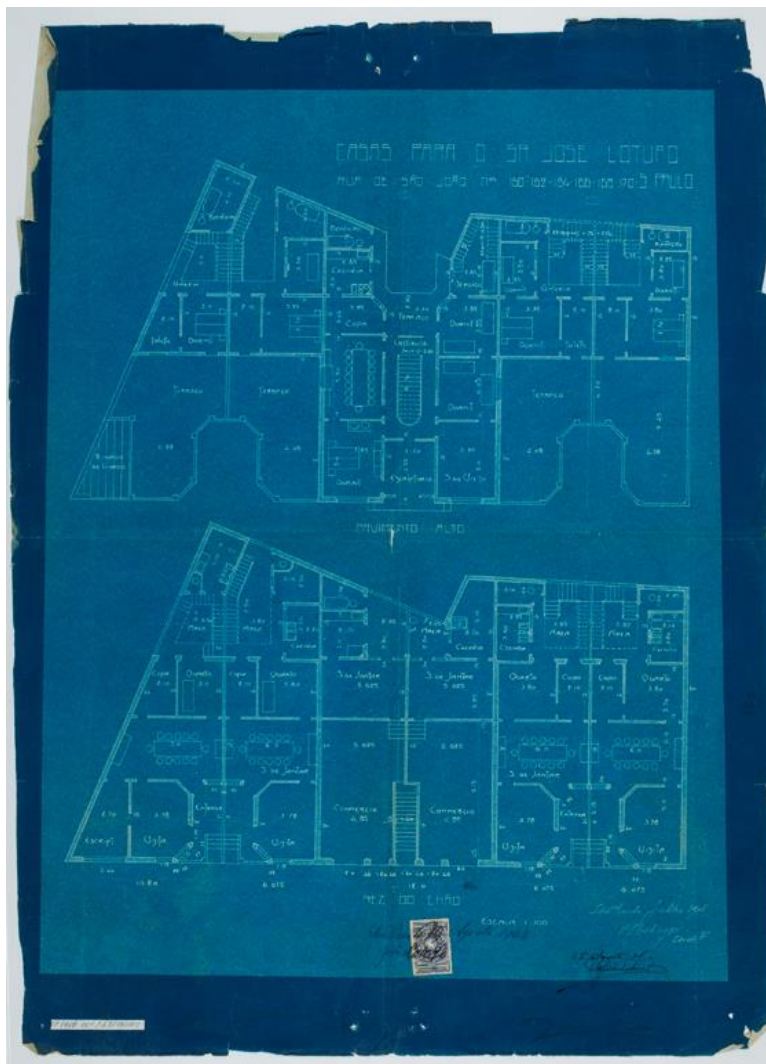


Imagem 197: Corte do projeto de Victor Dubugras. Fonte: AHSP_OP_1908_001.763 (sirca).

Outro requerimento que merece destaque foi feito por Raphael Giorgi²⁴⁰ e ²⁴¹, apresenta um desenho sem legenda referente à Rua São João, 59, de propriedade do Dr. Cesário Bastos. Consta de um sobrado com fachada e planta simétrica. No térreo são sete portas, sendo as duas dos limites do lote acesso ao piso superior. As duas consecutivas acesso a dois armazéns, e as três do meio acesso a outro armazém. O piso superior possui para cada escada de acesso sete cômodos. Os desenhos estão bem claros, porém não possui identificação dos ambientes. Na fachada há uma composição das envasaduras do térreo com as do piso superior. A edificação é arrematada nas duas laterais, cada uma com duas falsas colunas que incorporam as envasaduras das extremidades, e se estendem até a platibanda, que possui um adorno semicircular com um simples círculo ao centro trabalhado na argamassa raspada do revestimento.

²⁴⁰ AHSP_OP__001.759a, 1908.

²⁴¹ AHSP_OP_001.759b, 1908.

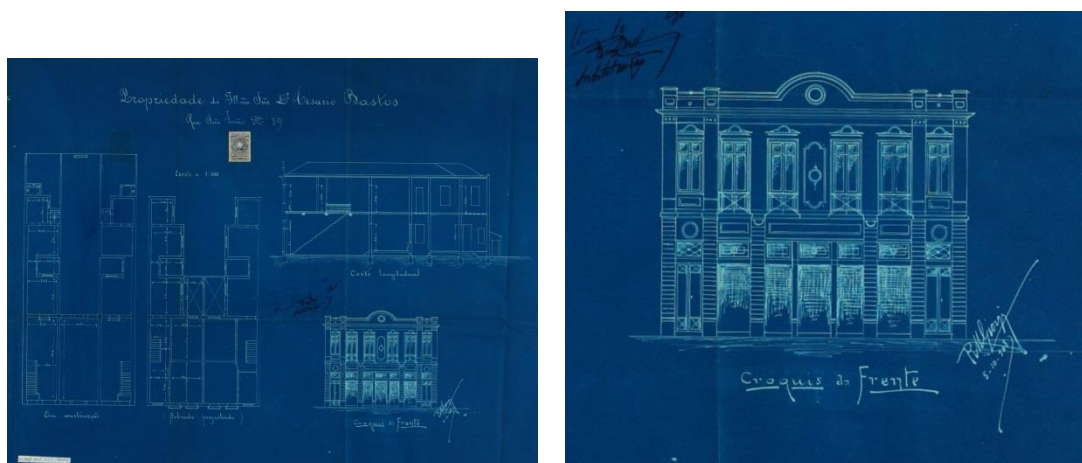


Imagem 198: Prancha com os desenhos para a propriedade do Ilmo Sr. Dr. Cesario Bastos. Pormenor da fachada à Rua São João, 59. Fonte: AHSP_OP_1908_001.759 A e B (circa).

Nesta leitura das plantas observam-se três pedidos para casas operárias (OP), duas de classe média baixa (CB) e várias de classe média propriamente dita (CM). A maior parte foi construída para aluguel. Como exemplo de casa operária foi escolhido um desenho para a Rua São João, mas sem o número da edificação, é visivelmente claro os dois cômodos, cozinha, latrina. No título aparece: “Planta de duas casas operárias”, propriedade de Paula Bécq²⁴².

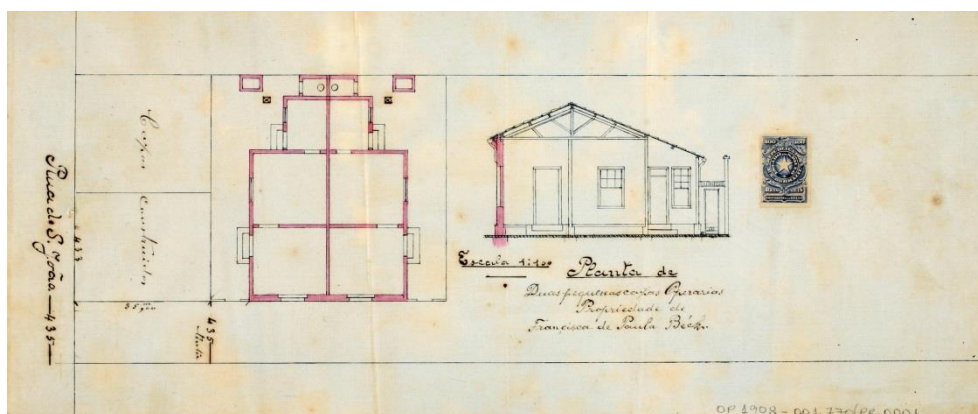


Imagem 199: Desenho de duas casas operárias. Fonte: OP_1908_001.770.

Casas operárias para aluguel foram solicitadas por Joaquim Ribeiro²⁴³ em terreno próprio. O projeto de construção de cinco unidades habitacionais no mesmo lote com acesso por um corredor paralelo à divisa do lote, como uma “rua” interna. O programa consta de um pequeno quintal individual onde é o acesso, neste está o banheiro, sobe cinco degraus e entra na cozinha, e logo acessa a sala, e por sua

²⁴² AHSP_OP_001.770, 1908.

²⁴³ AHSP_OP_001.460, 1907.

vez o quarto. Somente a casa da frente possui um cômodo maior com três janelas para a Rua São João.

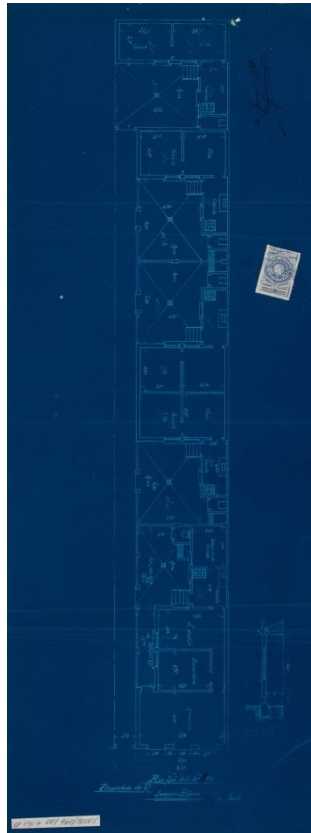


Imagem 200: Cinco casas encarreiradas num mesmo lote. Fonte: AHSP_OP_1907_001.460 (circa).

Um exemplar típico de classe média baixa foi apresentado por Francisco de Paula Ramos de Azevedo²⁴⁴ é um projeto para quatro pequenos imóveis térreos e geminados, típicas de classe média baixa. Pela planta, sem legenda, lê-se um cômodo grande com duas portas para a Rua São João, três cômodos ligados por um corredor lateral, um menor aos fundos característico de uma cozinha e um bem pequeno típico de uma latrina, ambos para o quintal. Observa-se ritmo e simetria na fachada. Todas as envasaduras são arrematadas com arco pleno. Há presença da platibanda sem adorno.

²⁴⁴ AHSP_OP_001.455, 1907.



Imagens 201 e 202: Elevação e planta, respectivamente, da solicitação feita por Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Fonte: AHSP_OP_1907_001.455 (circa).

Dez solicitações são referentes a casas geminadas de classe média, às vezes duas num mesmo lote. Todas são térreas com porão, possuem no mínimo duas salas, sendo uma de receber, e outra de jantar, cozinha interna e banheiro externo; a menor delas possui um dormitório, há seis casas com dois e algumas com três quartos. Os cômodos são todos encarreirados com aberturas para o exterior, às vezes aparece um pátio interno. A circulação horizontal é feita por um corredor lateral (ver organograma), e praticamente todas ocupam a largura do lote, conforme o exemplar da imagem.

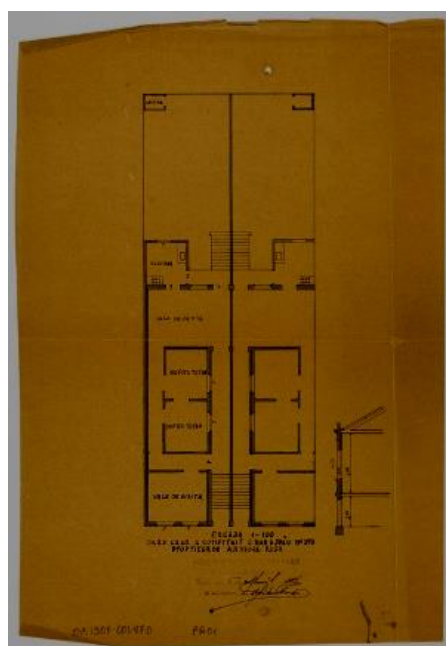
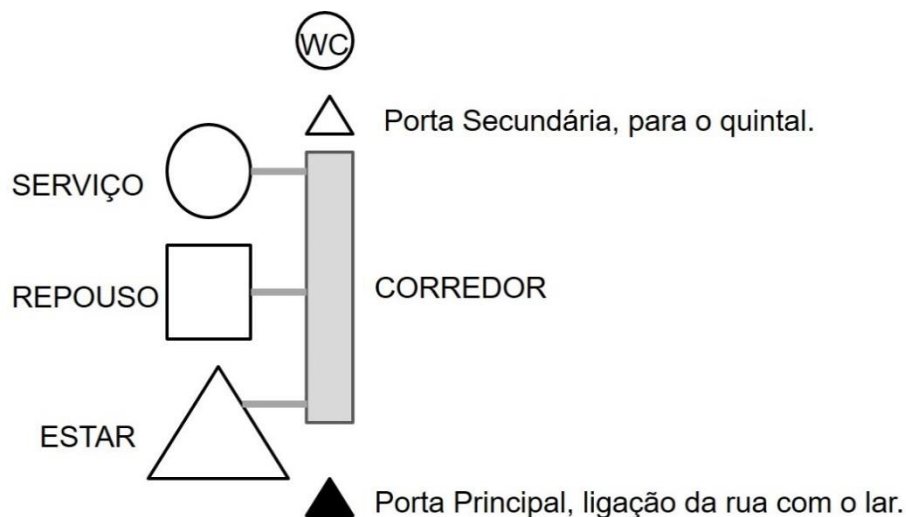


Imagem 203: Rua São João, 393. Um exemplar do desenho de casa geminada. Fonte: AHSP_OP_1907_001.470 (circa).



Organograma de uma casa geminada.

Legenda:

- Serviço são as áreas onde se desenvolvem as atividades domésticas.
- Repouso são os quartos, local de descanso.
- Estar compreende os cômodos de acolher pessoas que não são da família, e onde acontece o lazer dos moradores.

Imagem 204: Organograma de uma casa geminada. Elaborado pela autora, com referência em LEMOS, 1999.

Continuando a classificação dos imóveis resta-nos quatro, sendo três para a classe média propriamente dita, como duas solicitações feitas por Francisco Cordis, sendo uma para o número 357²⁴⁵, a edificação com recuos em todos os lados, porém o desenho não apresenta legenda o que dificulta a compreensão da leitura da planta. E a outra para o número 361²⁴⁶, para uma casa térrea com porão de 2 metros de altura, e a casa com 4.5 metros de pé direito respectivamente conforme o corte. A planta possui acesso central ao lote, à esquerda sala de visitas, à direita o gabinete, atravessa a sala de jantar e chega a um corredor de distribuição não linear, com três dormitórios à direita e à esquerda as áreas úmidas: banheiro e cozinha.

Para a propriedade de Francisco de Almeida Prado, José Pucci²⁴⁷, apresenta um desenho para um lote grande, sendo uma casa maior na frente e três aos fundos provavelmente para aluguel, com acesso independente pela direita do lote à Rua São João, 108. A casa da frente, com acesso à esquerda do lote, chega à sala de visitas, e por um corredor distribuem-se o gabinete, quatro quartos, sala de jantar,

²⁴⁵ AHSP_OP_001.465, 1907.

²⁴⁶ AHSP_OP_001.466, 1907.

²⁴⁷ AHSP_OP_002.370, 1910.

dispensa, banheiro, cozinha e dois quartos para criada, há um WC e tanque nos fundos do quintal. Todos os ambientes possuem iluminação e ventilação natural. As três casas no fundo do lote, possuem um programa mais simples, com dois quartos, sala de jantar, um pequeno cômodo não identificado, WC e cozinha. Este modelo caracteriza a casa da família de classe média na frente e três menores para aluguel nos fundos do lote.

Por fim, o único exemplar de classe média alta desta pesquisa foi requerido por Thomas Ferrari²⁴⁸, com um projeto de uma residência à Rua São João na esquina com a Rua Helvetia. Lendo a planta o acesso é feito pela Rua São João por uma escada, à esquerda encontra-se o escritório, e à direita a sala de visitas que encaminha a sala de jantar, também acessada direto pela entrada principal. Desta sala de jantar há um quarto à esquerda, um à direita e acesso ao corredor que faz a distribuição para mais quatro quartos, um banheiro, a copa que faz passagem para a cozinha e para a dispensa. Não ficam claras as alturas dos pés direitos do porão e casa no corte. O banheiro como sempre é o cômodo ao lado da cozinha.

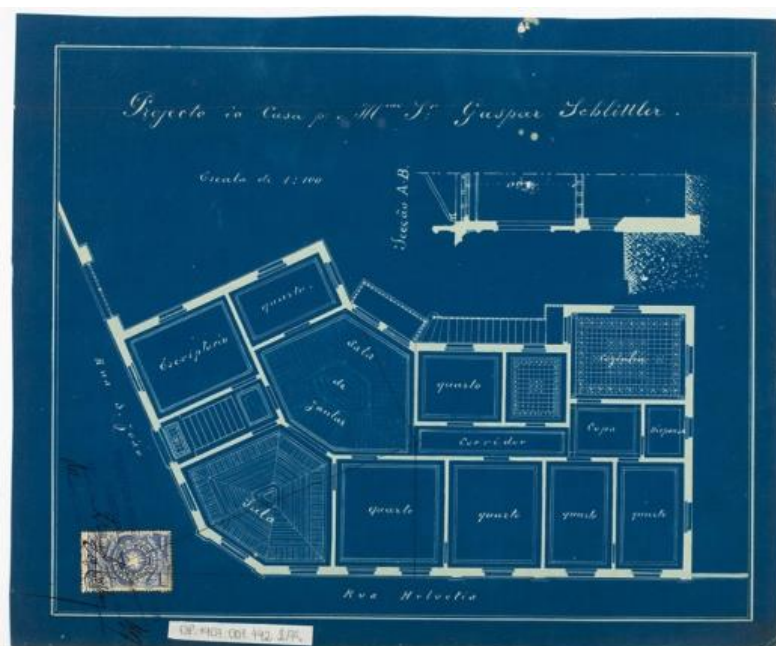


Imagem 205: Thomas Ferrari, 1907, rua São João esquina com rua Helvetia. Fonte: AHSP_OP_1907_001.442 (circa).

Conclui-se com esse levantamento que a área urbana da Vila de Piratininga do Império não extrapolava a colina do triângulo cujos vértices eram as três ordens religiosas. No mais era ocupada por chácaras que foram sendo loteadas. A abolição permitiu que os homens livres fossem em busca de moradias, nem sempre

²⁴⁸ AHSP_OP_001.442, 1907.

salubres, enquanto imigrantes também chegavam com a mesma necessidade. Foi um surto populacional simultâneo à falta de habitação.

Uma fase oportuna para capitalistas investirem na construção dos cortiços, casas operárias, ou de classe média para aluguel. A classe média também constrói para alugar, como mais uma fonte de renda, em seu terreno. Muitas vezes só residências, outras vezes anexos ao local de trabalho, como os armazéns no térreo.

A energia escrava substituída pela elétrica que por sua vez mudou o cotidiano dos lares. Primeiro a iluminação, permitindo refeições, especialmente o jantar, até mais tarde. Pós o período de estudo deste trabalho, a introdução dos aparelhos eletrodomésticos na rotina das famílias, mudando hábitos como a participação da mulher em atividades fora de casa.

No estudo feito para a Rua São João, fica clara a demanda de moradia que havia no período de 1906 a 1910. Houve 58 solicitações residenciais, destas 36.0% foram para as reformas, 31.0% para uso misto, residências com comércio, 5.5% para casas operárias, 3.5% de classe média baixa, 22.0% para a classe média propriamente dita, sendo a maior parte geminada e apenas 2.0%, ou seja, uma única solicitação para classe média alta. Nesta via não tivemos nenhum cortiço, pois esta na área central, assim como não constatou nenhum requerimento para palacete.

Quanto ao grande número de solicitações de reformas, pode-se observar que eram para o cumprimento das exigências de salubridade do Código. Em todas as solicitações há presença do WC ou latrina individual para cada imóvel, sempre no lado externo e próximo ao tanque, às vezes no fundo do lote, outras vezes, colada a cozinha. Uma necessidade de custo da obra, pois as tubulações eram importadas e caras.

Os ambientes de todas as casas, independente da classificação, são todos com abertura para o exterior. Muitas vezes há a presença de pátios internos para cumprir as exigências de ventilação e iluminação natural. Há a presença de porão, mas nem sempre com altura útil para algum uso, das plantas estudadas apenas uma apresentava planta de porão, mas mesmo assim para depósito.

Sobre às técnicas construtivas, entende-se que o tijolo era o material fundamental da construção, há presença da madeira para esquadrias, piso e forro. Nos desenhos que apresentam o corte, podemos ver telhados de uma água voltados

para o interior do lote. Não consta nenhuma planta de cobertura nos desenhos estudados. Poucos apresentaram as fachadas.

Salienta-se que nem todos os processos apresentavam a numeração das edificações. Mas de qualquer modo para alargar a via todos os imóveis do lado par foram desapropriados, e demolidos. Enquanto os do lado ímpar, exceto o número 97 (atual 281) edificação do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, que preserva ainda características originais, os demais continuaram sujeitos as transformações urbanas da metrópole.

Importante observar que nenhuma casa apresenta capela no programa, o hábito de ir as igrejas prevalece, o que é muito peculiar numa sociedade bastante católica. Concluímos que as transformações nos lares continuam e como comentou o professor Carlos Lemos em aula, a família era aquela que se reunia uma vez por semana para assistir a missa juntos e hoje, na primeira década do século XXI, é aquela que possui a mesma chave da fechadura.



Imagem 206: Desenho de uma solicitação típica da ocasião, 1893. Casa à Rua São João, 21. Fonte: AHSP_OPA 56, 1893.

PARTE 3 – O *boulevard* São João e as novas edificações.

*“A parede pintada da Pensione Milanese se enquadra
em minha janela
Vejo uma fatia da avenida São João
Bondes carros bondes
Bombom-bondes bondes
Mulas amarelas atreladas a três puxam carrocinhas vazias
Em cima pimenteiras da avenida sobressai o anúncio
gigante da Casa Tokio
O sol verte verniz”.*
Blaise Cendrars



Imagem 207: Vista do Boulevard São João, final da década de 1920. Cartão Postal Foto: Prugner.
Fonte: Acervo Particular.



Imagem 208: Vista do Boulevard São João tomada da torre do campanário da Igreja do Rosário no Largo Paissandú, PANORAMA. Foto Bayer, s.d. Fonte: Acervo Particular.

Um poema²⁴⁹ e dois cartões postais, sem data certa, mas com certeza da década de 1920. Os cartões nos apresentam a Avenida São João, de dois diferentes ângulos convergentes da área deste estudo, sendo cada um praticamente em cada extremidade. No cartão de cima a foto foi feita na esquina da Avenida São João com a Rua Líbero Badaró, no final da Ladeira São João para o sentido bairro, a oeste. A nossa direita o lado par, recém-alargado, com edificações construídas no novo alinhamento. Logo após a parte plana do Vale do Anhangabaú, o Prédio do Correio. À esquerda, ou seja, do lado ímpar, o edifício com um discreto avanço curvo do alinhamento é o prédio da Companhia Antarctica, depois Delegacia Fiscal. O cartão abaixo, identificado como “Panorama”, o registro fotográfico deve ter sido feito da torre do campanário da nova Igreja do Rosário no Largo do Paissandú, ou seja, olhando para o leste. O lado par está agora à esquerda nossa, o primeiro edifício é o “Cotonifício Paulista”. Este trecho da avenida é arborizado no canteiro central, por onde circulam os bondes. A nossa direita, lado ímpar, a primeira edificação a se destacar na volumetria da fachada da quadra é o prédio do Conservatório. Mais adiante visto do outro ângulo o prédio da Companhia Antarctica. Esta foto é anterior a 1924, pois onde emergiria o prédio Martinelli, ainda há edificações baixas. Nesta parte da pesquisa vamos conhecer os edifícios que caracterizam a ambiência do “*boulevard*” São João.

²⁴⁹ Blaise Cendrars, pseudônimo de Frédéric Louis Sauser (1887, Suíça; 1961, França) poeta que esteve no Brasil na década de 1920, inclusive participou da Semana de Arte de 22. O poema citado é: *Paisagem*. Em: CENDRAR, 1976, p.63.

3.1 Planos para São Paulo, 1910 – 1911.

Este capítulo propõe apresentar as propostas de melhoramentos, os planos e projetos urbanos para a capital republicana. “*Paris, o resto é paisagem*”²⁵⁰; palavras do prefeito, à época, Antônio Prado. Fazendeiro, capitalista, republicano, membro da alta elite paulistana. Na ocasião Paris era a meca para a alta sociedade brasileira. A Europa era a referência além da fazenda, como escreveu Maria Cecília Naclério Homem: “*la-se para lá a negócios, estudos, lazer, tratamentos médicos, e mesmo para morar*”²⁵¹.

As ideias – republicanas – de melhoramentos urbanos para a cidade de São Paulo esboçadas em 1890 pelo engenheiro Adolpho Augusto Pinto²⁵² foram publicadas no jornal “Correio Paulistano”, intituladas como “Melhorias Municipais”. Em 24 de janeiro de 1890: “*passamos hoje a tratar de obras de melhoramentos que, É corrente que um dos vícios de nosso systema administrativo..., tem sido o empreendimento de obras sem methodo, sem systema, principalmente no ramo dos melhoramentos materiaes [...] ..., a maneira por que se costuma deliberar e levar a efeito a execução de suas obras – fragmentariamente, sem conexão de qualquer espécie, como se se tratasse de pulverizar orçamentos antes que de applical-os com sabia economia e proveito real.*

É tempo de mudar de rumo, de banir de vez a rotina e o empirismo, substituindo-os pela sciencia, pelo methodo, sobretudo quando, com o desenvolvimento das respectivas funções constitucionais, se desenvolveram também os meios de acção do governo municipal, e, por outro lado, tanto há que fazer em cidade que expande-se como S. Paulo e cujas necessidades se multiplicam em progressão crescente.

Não é fácil tarefa a organização de completo plano de obras e melhoramentos, systematisado conforme as necessidades e conveniências actuaes da capital.”²⁵³

²⁵⁰ Em RICCA, 2003, p.104.

²⁵¹ HOMEM, 2010, p.53.

²⁵² Adolpho Augusto Pinto (1856, Itu – 1930, São Paulo) terminou o curso de engenharia civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1879. Trabalhou na Companhia Cantareira de Esgotos, depois na São Paulo Railway e na Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Escreveu no jornal “A província de São Paulo” e posteriormente no “Correio Paulistano” vários artigos intitulados “Melhoramentos Municipais”. Publicou os livros: em 1881 “*O novo abastecimento d’água de S. Paulo*”; em 1890 “*Melhoramentos*”; 1893 “*Viajando*”; em 1894 “*O Cais de Santos*”; 1901 “*Questões econômicas*”; e em 1903 “*História da Viação Pública*”. Ver mais em PINTO, 1970, pp. 123-126. PINTO, 1977. RICCA, 2003, p.81-83. SEGAWA, 2000, pp.41-52. SIMÕES Jr., 2004.

²⁵³ Correio Paulistano, “Melhoramentos Municipais”, artigo publicado em 24 de janeiro de 1890, edição 10015.

Na ocasião em que o presidente do Estado era Campos Salles (1896-1897) houve intenção de organizar a exposição nacional²⁵⁴ na cidade de São Paulo. Um modo de promover a Paulicéia sempre oculta atrás da capital nacional, Rio de Janeiro. Foi montada uma comissão para promover tal exposição, a qual Adolpho Augusto Pinto era membro, dentre as deliberações ficou resolvido que seria elaborado um “*plano preliminar de melhoramentos da cidade*”²⁵⁵, sob tutela do engenheiro Pinto. Entretanto, decorrente da epidemia de febre amarela que ocorreu nessa época no Estado, esse plano foi adiado.

Este plano possuía as seguintes diretrizes: a construção de um viaduto da Rua Boa Vista ao Largo do Palácio (Pátio do Colégio), completado pela abertura de duas vias transversais: o prolongamento das ruas da Quitanda até a Rua 15 de Novembro, e do cotovelo da Rua Boa Vista (atual rua 3 de Dezembro) até a Rua 25 de Março. A despesa para esse conjunto de obras, em 1895, era insignificante segundo o engenheiro Pinto e haveria “*imensa utilidade para a estética e a circulação do centro da cidade*”²⁵⁶. Este viaduto não foi executado à ocasião, entretanto foi localizado no AHSP desenho para o viaduto assinado pelo engenheiro Cowner²⁵⁷.

Outra ideia era a abertura da Praça do Patriarca, em frente à Igreja de Santo Antônio, grande ponto de convergência de vias públicas com linhas importantes de bondes que conectam o centro com os bairros, com a ideia de fazer a volta no próprio largo. Não foi executada na ocasião, e quando Adolpho Pinto escreveu em 1929, no livro *Minha Vida*: “*Se a Praça do Patriarca tivesse sido aberta há trinta anos, quantos milhares de contos não teriam sido poupados aos cofres municipais!*”²⁵⁸.

Nos artigos publicados no Correio Paulistano era abordado o tema limpeza pública, coleta do lixo doméstico, o escoamento das águas pluviais. Foi publicado sugestão de salubridade nas várzeas do Tamanduateí e do Anhangabaú. A ideia de

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_05&pasta=ano%20189&pesq=melhoramentos%20municipais>.

²⁵⁴ Com certeza inspirado na “Exposição Universal” como a de Londres realizada em 1851, na cidade de Viena em 1873, e na de Paris em 1889. A exposição nacional era o evento em que cada Estado apresentava sobre a cultura, produtos e indústrias. Sempre foi realizada na capital do Império, no Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX (1861, 1866, 1873, 1875).

²⁵⁵ PINTO, 1970, p.125.

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ SEGAWA, 1979, pp.28-32.

²⁵⁸ Ibidem.

cobertura do Anhangabaú era para haver comunicação em nível entre os bairros da cidade. Ele defendia a arborização e saneamento.

As ideias de melhorias urbanas na capital paulistana, assim como em outras cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro com o empreendimento do prefeito Pereira Passos (1903-1906), seguem os padrões das grandes capitais europeias e americanas, que eram as referências de ‘cidades civilizadas’. Sem sombra de dúvida a grande inspiração, mas não a única, era a cidade de Paris, da administração, de 1851 a 1870, do prefeito Georges Eugène Haussmann²⁵⁹, durante o Segundo Império francês sob tutela de Napoleão III.

Paris nesta ocasião tinha duas leis avançadas: uma sobre expropriação de 1840 e a lei sanitária de 1850. Segundo Leonardo Benevolo: “*permitem realizar um programa urbanístico coerente num tempo bastante curto: assim, a nova Paris demonstra o sucesso da gestão pós-liberal, e se torna o modelo reconhecido por todas as cidades do mundo, da metade do século XIX em diante*”²⁶⁰. Assim sucederam as aberturas de novas ruas e avenidas, com a demolição das edificações do tecido urbano medieval existente. Contudo abrangia os conjuntos habitacionais da periferia; considerava os novos serviços públicos como o aqueduto, o esgoto, rede de transporte, e iluminação a gás. Além de escolas, hospitais, quartéis, prisões, e principalmente os parques públicos. Houve também mudança na estrutura administrativa. O plano custou muito, porém a população de Paris de 1.200.000 quase duplica para dois milhões de habitantes nesse período, e a Comuna (prefeitura) de Paris passa a arrecadar dez vezes mais²⁶¹. O plano contemplou além da abertura das avenidas, rede de galerias de saneamento, a introdução da nova tipologia edilícia.

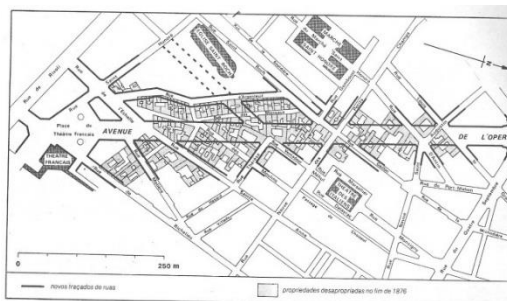
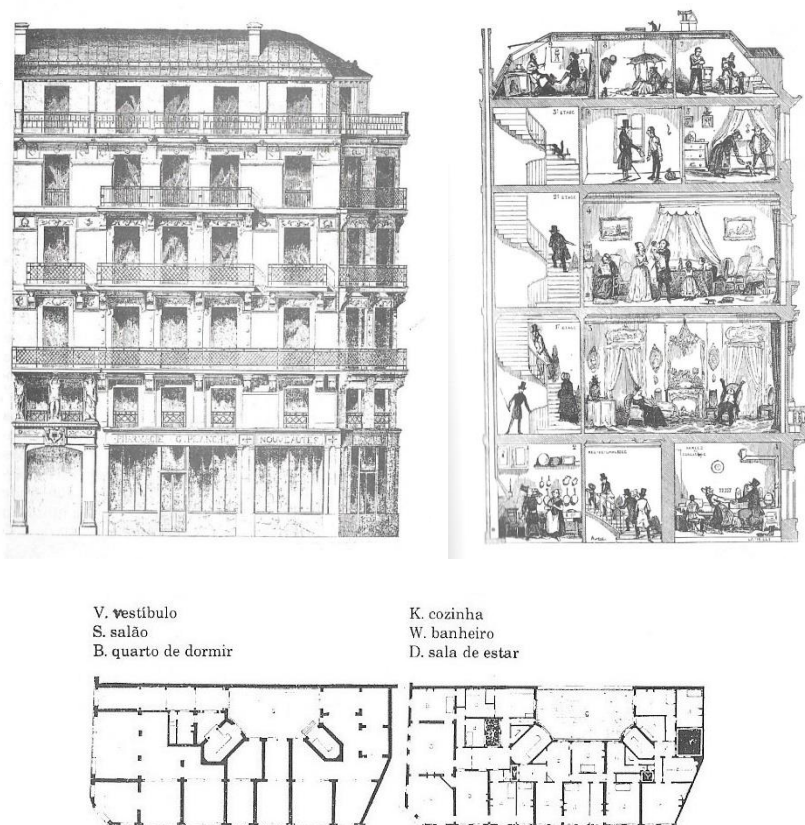


Imagem 209: Desenho da abertura da *Rue de Rennes*, Paris, conforme proposta do prefeito Haussman. Fonte: BENEVOLO, 2005, p.591.

²⁵⁹ Georges-Eugène-Haussmann, nascido em Paris em 1809, faleceu na mesma cidade em 1891, foi nomeado prefeito de Paris de 1853 a 1870, por Napoleão III.

²⁶⁰ BENEVOLO, 2005, p. 589.

²⁶¹ Ver mais em BENEVOLO. 2005, pp. 573-614.



Imagens 210, 211, 212: Um típico palácio parisiense, construído na época de Haussmann (de uma revista inglesa de 1858); Uma fachada; um corte que mostra as condições dos inquilinos. No térreo a família do porteiro. No primeiro andar a família dos ricos burgueses; a família media burguesa vive mais apertada no segundo andar; os pequenos burgueses no terceiro andar; e os pobres, os artistas, e velhos nos sótãos; e o gato no telhado. As duas plantas que apresentam o andar térreo, destinado a comércio (lojas) e um dos pavimentos, com três apartamentos “burgueses”. Fonte: BENEVOLO, 2005.

Outras cidades europeias²⁶² também passavam por intervenções: Anspach em Bruxelas de 1867 a 1871; o arranjo do “anel” de Viena em 1859²⁶³; em 1859 a ampliação de Barcelona com o projeto de Idelfonso Cerda, em Florença o “*piano regolatore di ampliamento dela citta*” elaborado por Giuseppe Poggi em 1865 que demoliu a muralha.

Londres, entre 1848 (ano que foi votada a primeira lei sanitária) e 1865, passou por obras de saneamento, que introduziu o novo sistema de coletores ao longo do Tamisa, com o projeto de Joseph Bazalgette; e em 1863 começa a construir a rede ferroviária metropolitana.

²⁶² BENEVOLO, 1987, p.113; 2005, p.567.

²⁶³ O conselho municipal em 1893, decidiu realizar um concurso de “*zur Erlangung von Entwürfen für einen Generalregulierungsplan über das gesamte Gemeindegebiet von Wien*” (projetos para um plano geral para regulamentar toda a área municipal de Viena), o vencedor foi Otto Wagner. O projeto tinha premissas muito diferentes das defendida por Camillo Sitte, quem publicou “*Der Städtebau nach seinen künstlerischen Grundsätzen*” (A construção de cidades segundo seus princípios artísticos). Ler mais em Schorske, 1988.

Na América, cidades como Chicago, a Ilha de Manhattan, etc. Há também referências na Ásia, como as cidades de Xangai e Pequim na China. Cabe lembrar que cada cidade tinha o seu contexto cultural, político e histórico.

São Paulo, dentro da sua realidade, a partir do último quartel do século XIX, passa a ter leis sobre alinhamento das vias além do Código de Posturas²⁶⁴. Conseqüentemente todas as edificações novas ou que passassem por reformas deviam seguir o novo alinhamento²⁶⁵. Conforme foi observado nos documentos existentes e consultados havia grande número de solicitações de particulares com este motivo.

Nos primeiros anos do século XX, foi nomeado Diretor de Obras da prefeitura o engenheiro Victor da Silva Freire²⁶⁶, quem estabelecia arborização sistemática das ruas. Para isso criou um viveiro de mudas anexo ao Jardim da Luz. Uma das áreas ajardinadas, de 1902 a 1904, de grande impacto foi a Praça da República.

Augusto Carlos da Silva Telles²⁶⁷, vereador, engenheiro formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1878, propunha o alargamento da Rua Líbero Badaró como um eixo de ligação norte-sul, na visão dele seria a avenida central. Para isso seria necessária a demolição das casas do lado ímpar, que margeiam o Vale do Anhangabaú, para ter um tratamento paisagístico. Também indicou o prolongamento da Rua Anhangabaú, lindeira à encosta leste do Ribeirão Anhangabaú, entre o Acu e o Piques. Na outra encosta, entre a Rua Formosa e o teatro, a proposta era um parque. Toda essa preocupação se dava em virtude da ambientação do já em construção: Teatro Municipal, que possuía uma implantação não enaltecida para o edifício projetado. Em 1907, publicou o folheto *Melhoramentos de São Paulo*. Sobre os problemas de circulação na cidade, endossou a proposta de Adolpho Augusto Pinto para a abertura da Praça em frente à Igreja de Santo Antônio; e sugeriu desafogar os entroncamentos das Ruas São João com a São Bento; da São João com a Líbero Badaró; e da XV de Novembro com Tesouro.

²⁶⁴ Código de Posturas Municipal de 1875, 1889. Código Sanitário do Estado 1894. Ambos comentados na Parte 2 desta pesquisa.

²⁶⁵ Lei n. 722 de 26 de março de 1904. Regula a verificação de alinhamentos.

²⁶⁶ Victor da Silva Freire Junior (1869, Lisboa-Portugal – 1951, São Paulo) cursou a Escola Politécnica de Lisboa de 1885 a 1888, depois a *École de Ponts et Chaussées* de Paris de 1889 a 1891. Foi professor na Escola Politécnica de São Paulo por quase quarenta anos. Foi diretor da Diretoria de Obras Municipais de São Paulo durante 26 anos. Publicou muitos estudos das distintas áreas de conhecimento como urbanística, tecnologia, o ensino da engenharia, regulamentação da profissão e “*A cidade salubre*” que seguramente influenciou uma geração de engenheiros. ALBUQUERQUE, 2006, p.43. Ler mais em SIMÕES JUNIOR, 2004, pp.168-174.

²⁶⁷ Ver RICCA Jr., 2003, pp. 105-107.

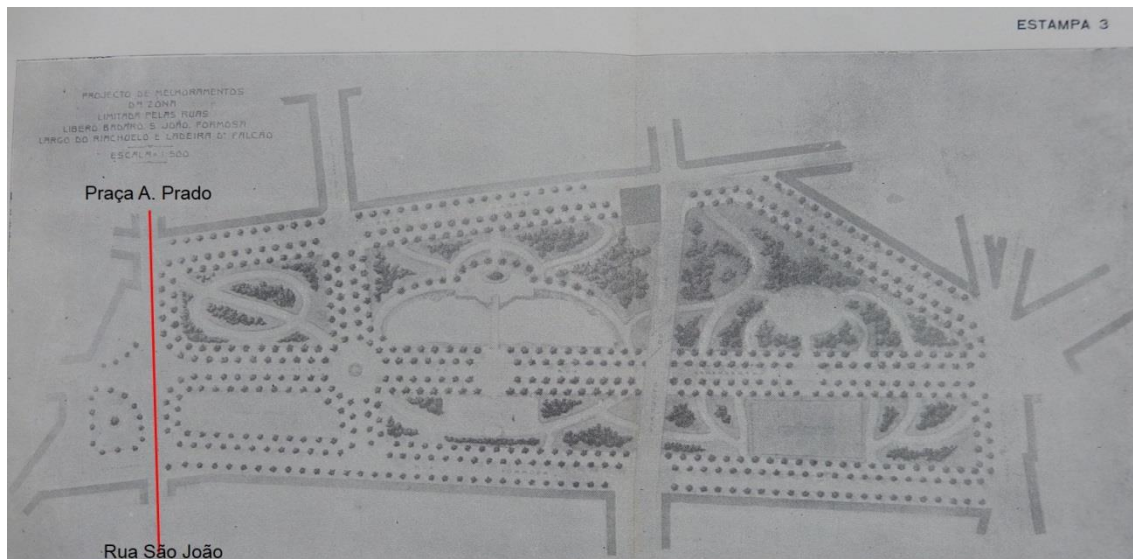


Imagem 213: Estampa 3, Planta da transformação do Vale do Anhangabaú (*Directoria de Obras Municipaes*, 1907) em destaque a Rua São João. Aprovada pela Lei 1.331, de 6 de junho de 1910, conhecida pelo nome do vereador que a propôs, Ex. Sr. Dr. Augusto Carlos da Silva Telles. Fonte: Relatório de 1911, apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.

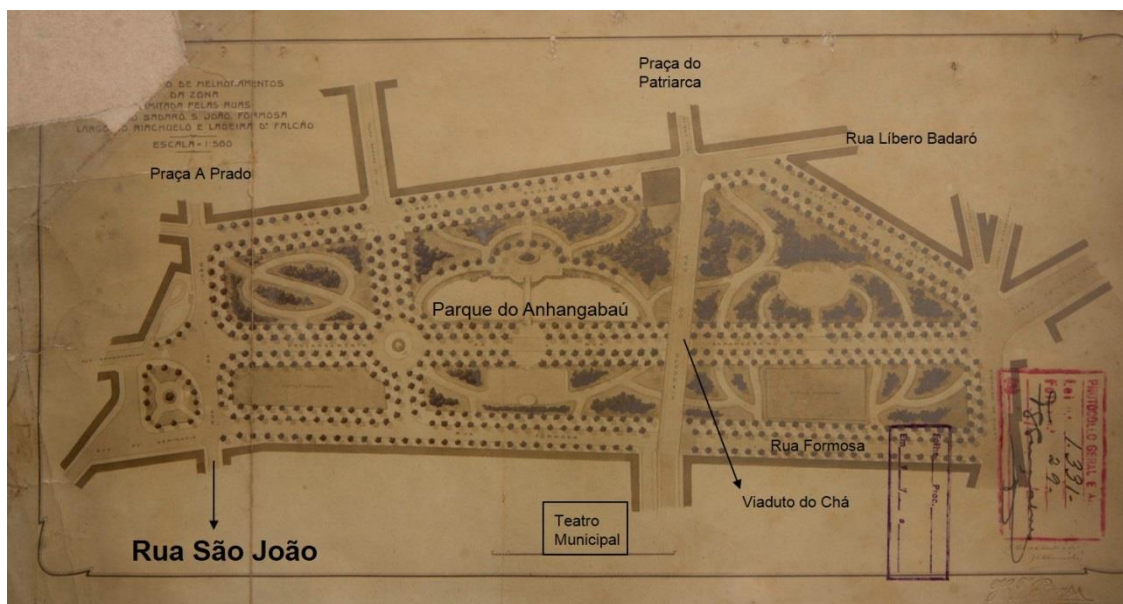


Imagem 214: Projecto de Melhoramentos da zona limitada pelas ruas Líbero Badaró S. João, Formosa, Largo do Riachuelo e Ladeira Dr. Falcão. Desenho original, em escala 1:500. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.

Todas as propostas eram de alto custo, pois incluía muitas desapropriações de terrenos com alto valor. Em 1910, foi criada uma comissão com representantes da Câmara Municipal, do Estado para equacionar os custos e viabilizar as obras inclusive contemplando empréstimos no exterior. Enquanto isso três projetos foram elaborados: o primeiro por um grupo de capitalistas; o segundo encomendado pelo

prefeito Antônio Prado a Diretoria de Obras; o terceiro encomendado pela Secretaria da Agricultura do Estado.

O primeiro, do grupo de capitalistas paulistanos (Srs. Conde Prates, Plínio da Silva Prado, José Paulino Nogueira, José Martiniano Rodrigues Alves, Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Arnaldo Vieira de Carvalho, Nicolau de Souza Queiroz, Barão de Bocaina, Horácio Belfort Sabino, Sylvio Campos) foi proposto ao poder legislativo do Estado e à Câmara Municipal, um projeto²⁶⁸ de remodelação da cidade, à maneira de Haussman. Elaborado, no final de 1910, pelo arquiteto-engenheiro formado pela escola Politécnica Alexandre de Albuquerque²⁶⁹. Esta proposta “preservava o centro”, e ousava com “*Três grandes avenidas*” na cidade nova que se cruzariam numa praça circular, inspirada na *étoile* parisiense. Segundo descrição do autor do projeto: “*A avenida principal partirá da atual praça Antônio Prado, em direção aos Campos Elíseos; a segunda ligará o Teatro Municipal e a estação da Luz e Sorocabana; e a terceira facilitará a comunicação do novo viaduto Santa Ifigênia com o largo do Arouche. A idéia de construir essas três avenidas se harmoniza perfeitamente com os diversos projetos sugeridos em várias épocas, como sejam o alargamento da rua Líbero Badaró, a construção de uma ponte entre o Teatro Municipal e a travessa do Grande Hotel*” (sic.)²⁷⁰.

Contemplava viabilidade econômica com empréstimo internacional, deixando a cargo do governo o prolongamento das redes de águas e esgotos, além da iluminação pública. Elencando como as obras prioritárias para capital: o alargamento da Rua São João, formando uma avenida com a largura da Praça Antônio Prado, até a altura da Rua Formosa; contemplava o alargamento do leito e elevação do nível da Rua Libero Badaró. Prolongamento da Avenida Brigadeiro Luis Antônio até a Praça Antônio Prado. Abertura de uma praça em frente à Igreja de Santo Antônio. Prolongamento da Rua Boa Vista até o Pátio do Colégio, por

²⁶⁸ Relatório de 1911 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. São Paulo, Casa Vanorden, 1912.

²⁶⁹ Alexandre Albuquerque (1880, São Paulo – 1940, São Paulo), em 1887 em parceria com o litógrafo francês realizaram o *Mapa da Província de São Paulo*. Estudou no Colégio Militar do Rio de Janeiro, retornou definitivo para São Paulo, quando decidiu cursar a Escola Politécnica de São Paulo. Concluiu o curso como engenheiro-arquiteto e civil com distinção em 1905. Instituição que depois veio a ser professor. Organizou em 1916 o livro “*Insolação*”. Em 1926, assume o primeiro mandato de vereador da Câmara Municipal, e era diretor da Escola de Belas-Artes fundada em 1925. Após ter tido vários sócios, associou-se a Nicolau Henrique Longo (Engenheiro Civil Politécnico, 1919), e constituíram a firma de projetos e construções Albuquerque & Longo. Dentre as várias obras realizadas pela firma há uma na Avenida São João no lado ímpar que conheceremos mais adiante. E talvez a mais emblemática das obras seja o prédio da Caixa Econômica Federal na Praça da Sé, concluído em 1938, ornado no embasamento com colunata jônica em granito preto. Sobre este ilustre profissional ver a dissertação de ALBUQUERQUE, 2006; e FICHER, 2005, pp.99-113.

²⁷⁰ Albuquerque, 1910, pp. 8-10. Em ALBUQUERQUE, 2006, p.66.

meio de um viaduto. Alargar e prolongar até a Rua 15 de novembro a Rua do Grande Hotel (atual Rua Miguel Couto).

Este projeto ficou conhecido como: “*As grandes avenidas para São Paulo*” ou “*As Três Grandes Avenidas*”. Observa-se pouca interferência no triângulo, apesar de ser invasiva a ideia do prolongamento da Avenida Brigadeiro Luis Antônio. Destaca-se na proposta a expansão para um novo núcleo urbano além do Vale do Anhangabaú.

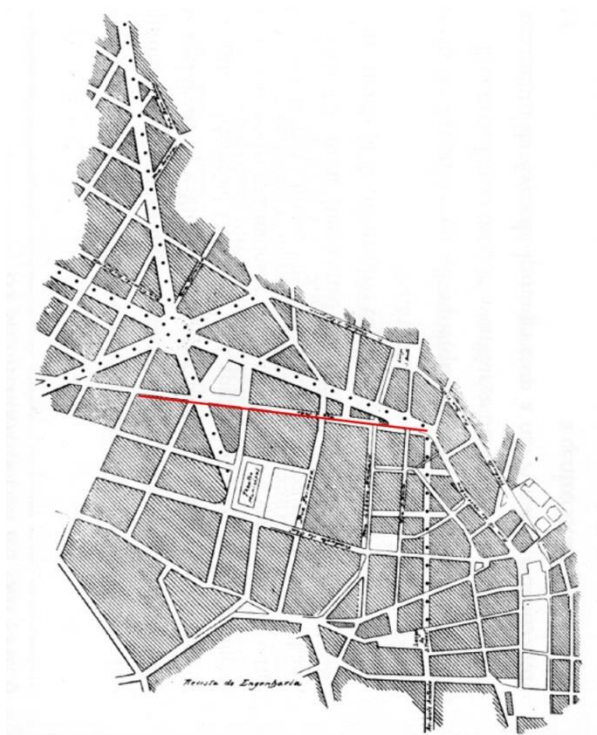


Imagem 215: Anteprojeto elaborado por Alexandre Albuquerque, em destaque a Rua São João. Publicado na Revista de Engenharia, 1911.

O segundo projeto, na transição da administração do prefeito Antônio da Silva Prado para Raymundo Duprat, foi solicitado para a Diretoria de Obras Públicas Municipais. Elaborado sob supervisão do diretor de obras e do vice-diretor, engenheiros Victor da Silva Freire e Eugênio Guilhem²⁷¹ respectivamente. No relatório apresentado à Câmara, Victor Freire escreveu:

“A rua S. João, alargada até 40 metros e conservando como está o lado ímpar, seria constituída do seguinte modo: no centro, um viaducto de alvenaria com 14 metros de largura, ligando diretamente a praça Antonio Prado com o largo do Paysandú; marginalmente, de cada lado do viaducto, duas ruas de 13 metros acompanhando a

²⁷¹ Eugenio Guilhem, engenheiro era o Vice-diretor de obras da Prefeitura de São Paulo.

*depressão do terreno, em condições topográficas análogas às actuaes, com a vantagem, entretanto, de não terem edificações senão de um lado, visto o viaducto ocupar as margens opostas*²⁷² (sic.).

Este projeto foi nomeado como Projeto Freire-Guilheim. Propunha a construção de um viaduto ligando a Praça Antônio Prado ao Largo do Paissandú, aproveitando a topografia (descrito acima), sobre a Rua São João.

O alargamento da rua Libero Badaró com jardim à flanco, para o Vale. Alargar a travessa do Grande Hotel (hoje Rua Miguel Couto) para facilitar o acesso do Triângulo aos jardins do Anhangabaú.

Abertura da Praça em frente à igreja Santo Antônio. Construção do Viaduto Boa Vista. Demolições dos quarteirões atrás da antiga igreja da Sé para construção de novos edifícios cívicos. Esta proposta contempla as ideias apresentadas em 1906 pelo vereador Silva Telles, e anteriormente pelo engenheiro Adolpho Augusto Pinto. É fruto amadurecido de uma relação de obras pontuais indispensáveis com o intuito de melhorar o trânsito na “cidade”. Observa-se a formação de um anel viário no entorno do triângulo, com fácil acesso a Praça Cívica.

Em conferencia²⁷³ proferida pelo engenheiro Freire, faz referência ao movimento da rua principal (*Konigstrasse*) da cidade alemã de Nuremberg, que visitou em 1900. Uma via irregular, que apresenta aos visitantes imprevistos encantadores, pelo pitoresco ou pelo jogo de luz e sombra, numa cidade com 300.000 habitantes, tanto industrial como comercial.

²⁷² Relatório de 1911 apresentado à Câmara Municipal de São Paulo pelo Prefeito Raymundo Duprat. São Paulo: Casa Vanorden, 1912, p.9.

²⁷³ A transcrição da conferência proferida pelo engenheiro Victor da Silva Freire no *Gremio Polytechnico* em 15 de fevereiro de 1911 foi publicada na Revista de Engenharia n. 37.



Imagem 216: Estampa 1, Planta Geral das modificações do Centro: *Projecto da Directoria de Obras Municipaes*, sendo prefeito Exmo. Sr. Dr. Antonio da Silva Prado, 5 de dezembro de 1910. Fonte: Relatório de 1911 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.



Imagem 217: Pormenor da Estampa 1, focando a Rua São João e a proposta. A linha vermelha encontra-se no alinhamento do lado ímpar. Lê-se com duas linhas pretas paralelas a proposta do viaduto conectando a Praça Antônio Prado com o Largo Paissandu, uma forma de manter a cota de nível, 1910. Fonte: Relatório de 1911, apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.

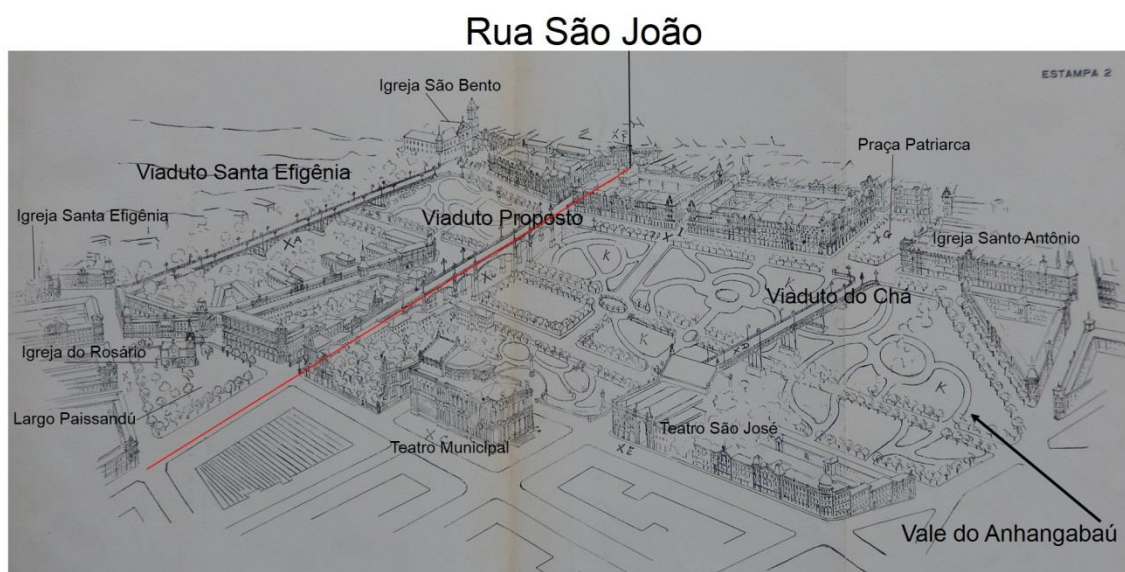


Imagem 218: Estampa 2, com as indicações. Perspectiva da transformação do Vale do Anhangabaú. *Projecto da Directoria de Obras Municipaes*, sendo prefeito Exmo. Sr. Dr. Antônio da Silva Prado, 5 de dezembro de 1910. Fonte: Relatório de 1911 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP. Publicado na Revista de Engenharia n. 33, 1911.

O terceiro projeto foi promovido pela Secretaria da Agricultura do Governo do Estado, que assumia nesta ocasião a responsabilidade dos serviços de águas e esgotos municipal, e viria emprestar uma quantia à municipalidade. Por isso interveio nas questões de urbanização, sendo assim contratou o escritório do engenheiro Samuel das Neves²⁷⁴ para então elaborá-lo.

O projeto foi batizado como Samuel das Neves, era o que teria maior impacto no triângulo. Contemplava uma nova avenida em diagonal favorecendo o percurso entre o “centro” e a Avenida Brigadeiro Luis Antônio. Esta via terminaria no encontro das ruas Álvares Penteado e Quitanda. Complementada com o prolongamento da Rua da Quitanda até o Viaduto Boa Vista. Ou seja, também considerava a construção do Viaduto Boa Vista.

Propunha a construção de uma ponte pênsil ligando o Largo do Ouvidor com a rua Xavier de Toledo, por sobre o Lago da Memória, seria um novo eixo além da colina histórica. Alargamento da rua Líbero Badaró de 6,00 m (seis) para 18,00 m (dezoito metros), desde o Viaduto Santa Efigênia até o novo viaduto proposto. Considerando o novo alinhamento da rua Líbero Badaró, a construção de prédios entre essa via e

²⁷⁴ Samuel das Neves, baiano, engenheiro formado na Escola Imperial de Agronomia da Vila de São Francisco em 1882. Chega a capital paulistana em 1892. Pouco depois abriu seu *Escritório Técnico de Construções*. Ler mais em SAMPAIO, 1996.

o Vale do Anhangabaú, deveriam ter duas frentes. Alargamento e prolongamento da Rua do Grande Hotel (hoje Miguel Couto) para estabelecer melhor comunicação entre a Rua São Bento e o Anhangabaú.

Outra ideia relevante foi a abertura de uma avenida com jardins laterais no Vale do Anhangabaú, da rua São João até o Largo da Memória, prevendo-se o seu prolongamento para o norte até o rio Tietê, na Ponte Grande, e para o sul até a Avenida Paulista, concepção do eixo Tiradentes-Prestes Maia-Nove de Julho;

Também contemplava a abertura de uma praça defronte à Igreja de Santo Antônio (a Praça do Patriarca) onde se construiria um majestoso edifício de diversos andares que ocuparia toda a testada entre a rua Líbero Badaró e São Bento, sendo o térreo em arcaria aberta, como uma galeria no térreo que serviria também de abrigo aos passageiros dos bondes que circulassem nesta praça. Em relação à rua São João, a ideia era a construção de um viaduto ligando a Praça Antônio Prado até o Largo Paissandú.

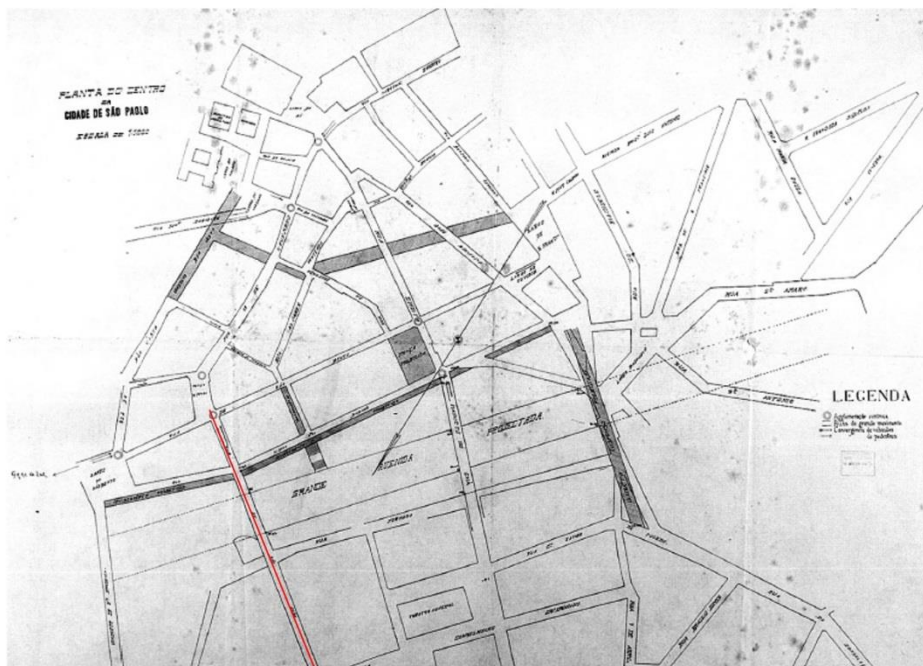


Imagem 219: Projeto Samuel das Neves, o que está hachurado no desenho são as ideias propostas. A rua São João está destacada com a linha vermelha. Desenho na Biblioteca da FAU-USP.



Imagem 220: Estudo do projeto Samuel das Neves, o que está hachurado no desenho são as ideias propostas. A rua São João está destacada com a linha vermelha. Desenho na Biblioteca da FAU-USP.

Fazendo análise sobre as três propostas, foi observado que todos os projetos consideram a obra iniciada do Viaduto Santa Ifigênia e contemplam:

- Alargamento da Rua Libero Badaró, com algumas especificidades;
- A abertura da Praça em frente à Igreja de Santo Antônio, hoje Praça do Patriarca, com adequação ao contorno dos bondes;
- Construção do Viaduto Boa Vista;

Por fim e objeto deste estudo, um tratamento (alargamento e/ou viaduto) para a Rua São João.

Nas três sugestões, aparecem ideias que interferem invasivamente no centro e outras o preservam mais. O jogo de interesses econômicos e políticos por causa das desapropriações e a valorização dos terrenos nas áreas lindeiras às intervenções urbanas, sem sombra de dúvida, causaram inúmeras e polêmicas discussões.

Sendo assim, no começo de 1911, com diplomacia a Câmara Municipal chamou o arquiteto francês Joseph Antoine Bouvard, que estava aposentado do cargo de

diretor dos serviços de arquitetura, jardins e viação de Paris, havia trabalhado com o urbanista Adolphe Alphand grande colaborador de Haussmann, e no seu curriculum havia contribuído nos planos de melhoramentos do traçado de Buenos Aires. Numa estadia de 40 dias na capital paulista, ele elaborou e apresentou um relatório²⁷⁵.

Segundo o próprio Bouvard o relatório constituía um programa de ação no presente e para o futuro, e salientava a importância de ser implantado logo. Enfatizava-se a conservação e criação de espaços livres, de áreas com vegetação, e reservatórios de ar. Já alertava sobre o crescimento populacional, a densidade demográfica alta e aumento de construções, o que conseqüentemente iria requerer áreas livres, praças e parques públicos.

Apresentou documentos gráficos²⁷⁶ como a Planta Geral da Cidade, e Plantas com as propostas para as áreas centrais. Dentre elas o Parque do Anhangabaú (na Várzea deste ribeirão), na área compreendida entre as ruas Líbero Badaró e Formosa. O Parque Dom Pedro II, na Várzea do Carmo (Rio Tamanduateí). A área para a nova catedral e centro cívico.

No traçado viário propôs o prolongamento da Rua Dom José de Barros até a Rua São João, na altura do Largo Paissandú, abrindo assim uma artéria coligando o centro novo as estações ferroviárias.

Estas diretrizes configuraram a área central das décadas de 1920 e 1930 em “seus melhores momentos”. Pois havia um equilíbrio entre espaços livres, espaços de lazer, áreas verdes e área construída, ou seja, entre a paisagem natural e a paisagem urbana.

²⁷⁵ Este Relatório encontra-se no AHSP – Arquivo Histórico São Paulo disponível para consulta.

²⁷⁶ Este material resultou no Processo 34.460/1911 e Lei 1582/1912 arquivado no AHSP, Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis na Caixa LEG. 28.

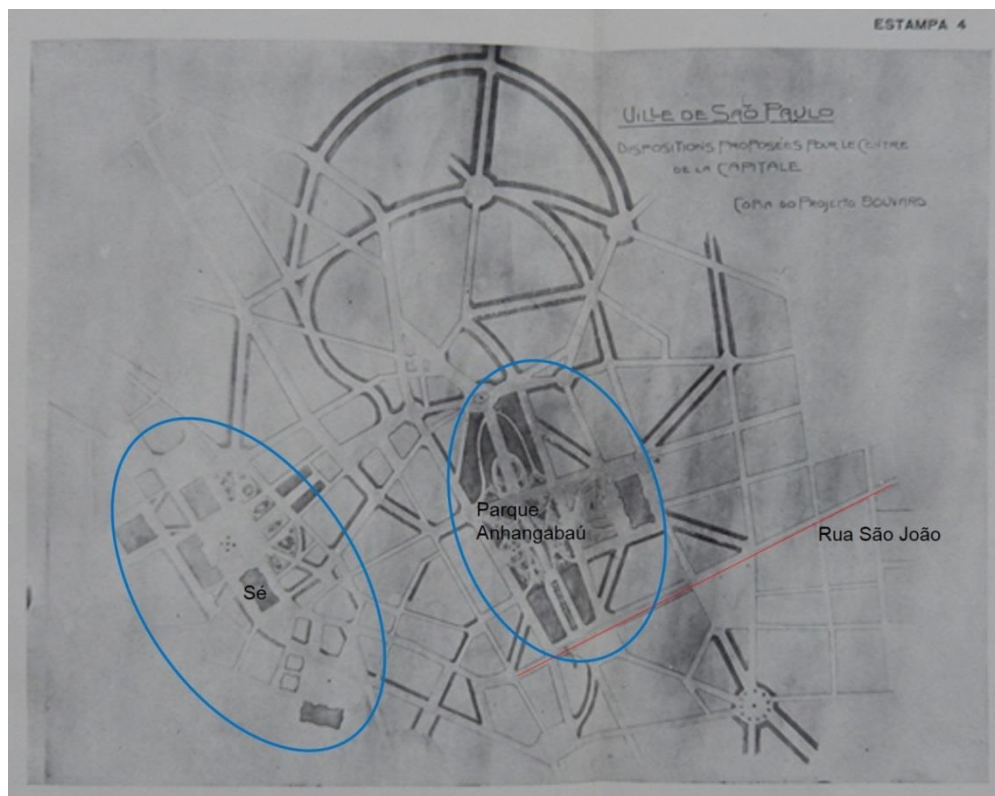


Imagem 221: Estampa 4, Planta do conjunto das modificações previstas no centro da cidade por Bouvard. Fonte: Relatório de 1911, apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.

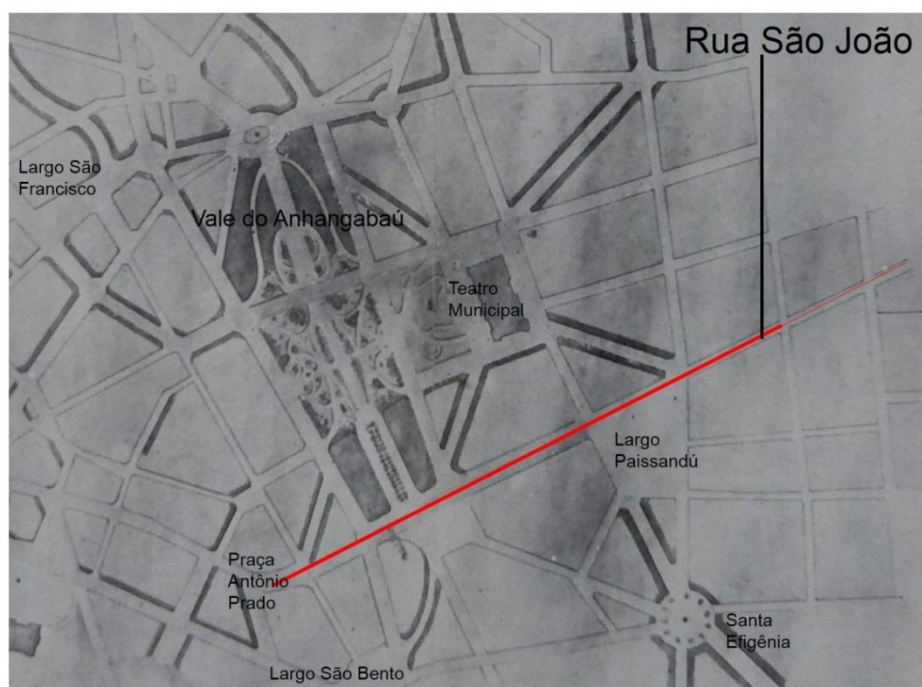


Imagem 222: Pormenor da Estampa 4, com algumas indicações. Fonte: Relatório de 1911, apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.

Todos os planos apresentados aqui foram publicados à época, entretanto os estudos para os Melhoramentos no Centro contam com lei²⁷⁷ publicada em 1910, e Processo²⁷⁸ Municipal de 1908, o qual o interessado é a Câmara Municipal de São Paulo – CMSP. Constam desenhos para a Várzea do Anhangabaú, circunscrita no perímetro das ruas Líbero Badaró, São João, Formosa, Largo do Riachuelo e Ladeira Dr. Falcão. Além do projeto do parque nessa área, apresenta o perfil do terreno, assim como a planta cadastral com os proprietários da área.



Imagem 223: Capa do Processo 1907. “Projecto de Melhoramentos da zona limitada pelas ruas Líbero Badaró, S. João, Formosa, Largo Riachuelo e Ladeira Dr. Falcao. Desenhos e Orçamentos. Perfis”. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.

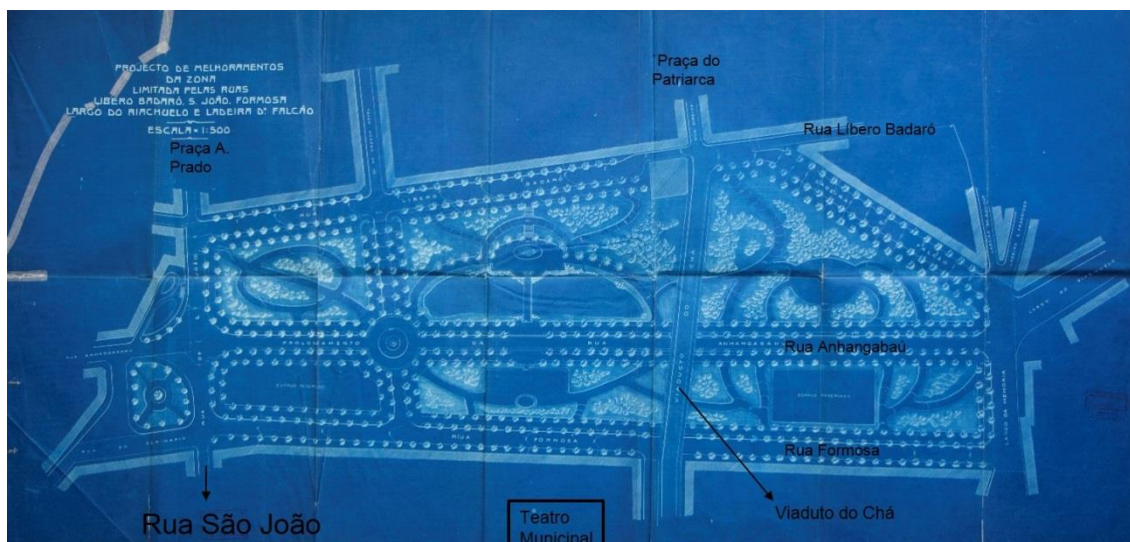


Imagem 224: Planta de Melhoramentos da zona limitada pelas Ruas Líbero Badaró, S. João, Formosa, Largo do Riachuelo e Ladeira Dr. Falcão. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.

²⁷⁷ Lei Municipal 1.331/1910, que aprova o Plano de Melhoramentos da zona denominada pelo Viaduto do Chá.

²⁷⁸ Processo Municipal n. 13.472/1908. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.

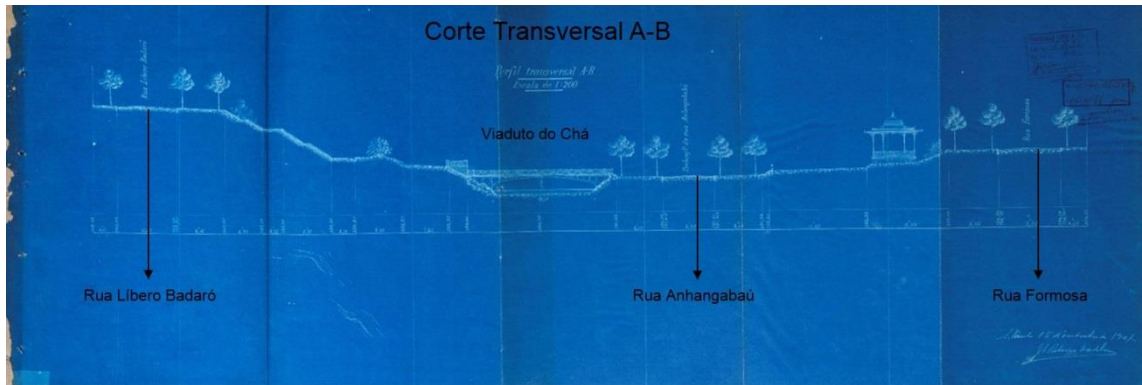


Imagem 225: Corte Transversal A-B. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.

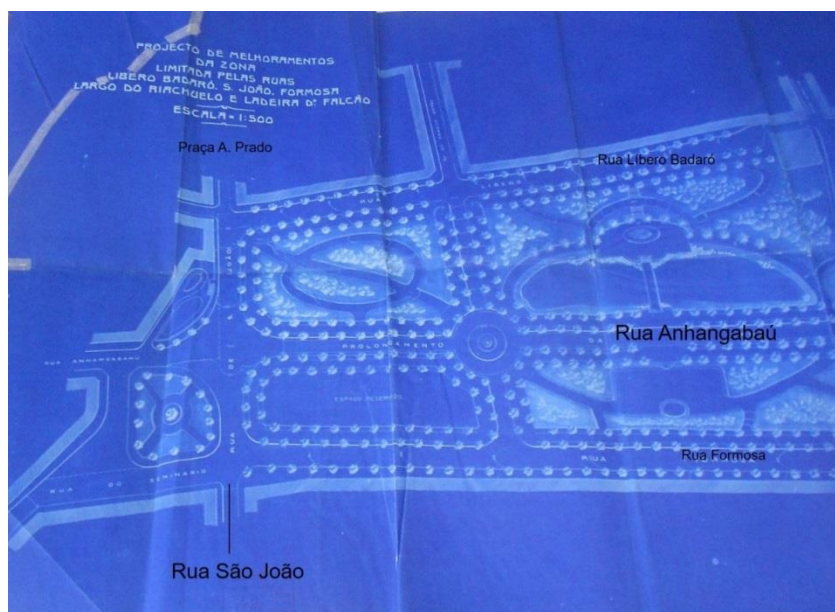


Imagem 226: Pormenor da Planta de Melhoramentos, Rua São João. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.



Imagem 227: Planta Cadastral para as desapropriações. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.

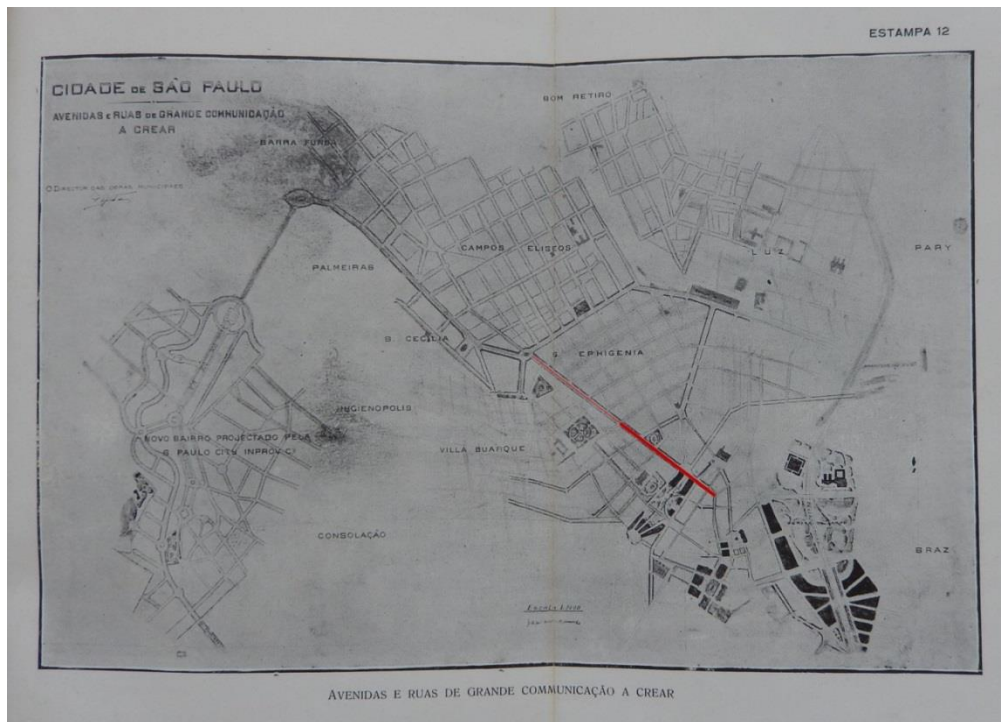


Imagem 228: Estampa 12, Avenidas e Ruas de grande comunicação a “criar”(sic.), 1911, proposta pela Diretoria de Obras Municipais, sobre tutela do engenheiro Victor da Silva Freire. Fonte: Relatório de 1911 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.

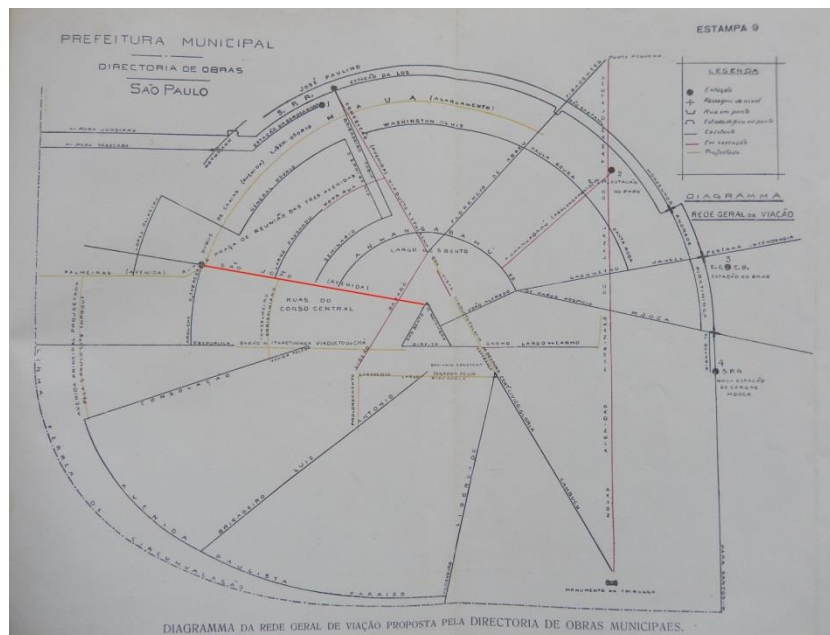


Imagem 229: Estampa 9: DIAGRAMA da Rede Geral de Viação, 1911, proposta pela Diretoria de Obras Municipais, sobre tutela do engenheiro Victor da Silva Freire. Fonte: Relatório de 1911 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.

No ano de 1911, no relatório apresentado ao prefeito Raimundo Duprat dentre as estampas anexas, a número 12 apresenta o traçado a futura Avenida São João. A estampa 9 mostra o diagrama viário proposto para a cidade de São Paulo, elaborado pela *Directoria de Obras* da Prefeitura Municipal que foi anexo ao processo referente à Lei nº 1.596, de 27 de setembro de 1912, a qual cria a Avenida São João. Este diagrama foi feito pela equipe coordenada pelo engenheiro Vitor da Silva Freire, para o estudo da circulação na cidade. Partindo deste diagrama, posteriormente foi reelaborado pelos, então, engenheiros da prefeitura Ulhôa Cintra e Prestes Maia em 1924 com o nome de “Schema theorico”²⁷⁹ de São Paulo. É o prelúdio do Plano de Avenidas²⁸⁰, elaborado anos depois pelo engenheiro, formado na Politécnica e depois professor, Prestes Maia²⁸¹.



Imagem 230: Ilustração do “Plano de Avenidas”, 1930, observar ao centro a Avenida Colombo, que seria o novo nome para a Avenida São João. TOLEDO, 1996, p.178-179.

²⁷⁹ MAIA, 1930, p.51 (figura 36).

²⁸⁰ No “Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo”, a Avenida São João seria rebatizada como Avenida Colombo: “Como praticamente São João e Água Branca constituíram uma única artéria, pensou bem a Prefeitura em dar-lhes um só nome e feliz (Avenida Colombo), que já figura em nossas plantas”. MAIA, 1930, p.11 e 97. A proposta da cidade radio concêntrica, no esquema circular, apresenta a relação raio/população: $r = 6 \text{ km} / 1,5 \text{ milhões de habitantes}$; $r = 12 \text{ km} / 3,5 \text{ milhões de habitantes}$; $r = 20 \text{ km} / 7,0 \text{ milhões de habitantes}$; um dado que foi extrapolado. MAIA, 1930, p. 172.

²⁸¹ Francisco Prestes Maia (1896, Amparo/SP; 1965, São Paulo/SP) diplomou-se em engenharia civil na Politécnica de São Paulo em 1917. Em 1918 começou a trabalhar na prefeitura na Diretoria de Obras Públicas, e abriu uma firma de negócios imobiliários. A partir de 1924 passou a integrar o corpo docente da Politécnica. Elaborou o “Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo”, conhecido como “Plano de Avenidas”. Durante o Estado Novo, assumiu a prefeitura de 1938 a 1941. Ler mais em FICHER, 2005, p.154-166.

Não foi por um acaso que o engenheiro Victor da Silva Freire na sua conferência criticou com propriedade o prolongamento da Avenida Brigadeiro Luis Antônio invadindo o centro assim como outros rasgos, para ele era claro a necessidade de preservar o centro. Mesmo tendo sido muito criticado o *Ringstrasse* de Viena, por Camillo Sitte²⁸², este anel preservou o tecido urbano medieval da capital austríaca. Para Freire era fundamental o estudo do plano do conjunto, e não dispensável o lado estético, assim como para Sitte.

Ainda em seu depoimento dizia, endossando o que Camillo Sitte criticava, ser um erro adotar os processos empregados em Paris, pois as necessidades políticas locais, a época *Hausmaniana*, adotou as famosas rotundas, e ruas largas e compridas, pela facilidade de policiar. Ou seja, repetir em outros locais tais soluções, como na cidade de São Paulo, sem formação medieval, não fazia sentido.

Refletindo sobre as quatro propostas o que foi realizado? O Viaduto Santa Ifigênia foi concluído, e faz parte da paisagem do Anhangabaú. A rua Líbero Badaró foi alargada, os lotes voltados com fundos para o Vale do Anhangabaú, foram desapropriados. As novas edificações foram construídas com duas frentes: uma para a rua Líbero Badaró e outra para o Vale do Anhangabaú, o parque. As novas edificações já não fazem mais parte da paisagem, foram demolidas e deram espaço para novos edifícios modernos e bem mais altos pós Segunda Guerra Mundial.

A praça proposta em frente à igreja de Santo Antônio foi aberta, é a atual Praça do Patriarca²⁸³. O viaduto ligando a Rua Boa Vista com o Largo do Palácio, antigo e atual Pátio do Colégio²⁸⁴, foi feito; é o Viaduto Boa Vista²⁸⁵. A praça Cívica, teve demolições, novas construções da década de 1920, como o Edifício Santa Helena. Depois novas demolições, e novas construções, ou seja, é a atual Praça da Sé com a Catedral, o Palácio da Justiça, porém a sede administrativa não foi construída.

E a via de circulação antiga Rua São João? Esta teve o leito alargado com 30 metros, novas edificações foram construídas no novo alinhamento seguindo o padrão urbano proposto. Por onde passavam os bondes de tração animal, foram

²⁸² Camillo Sitte, nasceu em 1843 na cidade de Viena na Austria, local onde morreu em 1903. Era arquiteto e historiador. Escreveu "*Der Städtebau nach seinen künstlerischen Grundsätzen*" (Construções da cidade segundo seus princípios artísticos). Propunha reavaliar as cidades a partir dos espaços existentes.

²⁸³ Praça do Patriarca foi aberta na década de 1920.

²⁸⁴ Largo do Palácio. É o sítio de formação da cidade de São Paulo, era o Pátio do Colégio. O edifício do Palácio do Governo que havia ali, foi demolido em ocasião de novas obras e existe uma construção falsa da Igreja e Convento dos jesuítas.

²⁸⁵ Viaduto Boa Vista, projeto Oswaldo Arthur Bratke, inaugurado em 1930.

substituídos pelos trilhos de bondes elétricos no canteiro central arborizado se tornaram parte do sistema de transportes públicos. Algumas praças compunham este novo percurso. Não foi executado nenhum viaduto da Praça Antônio Prado para o Largo do Rosário. Em suma, das propostas feitas por Adolpho Augusto Pinto ao Relatório Bouvard, as ideias foram as mesmas, amadurecidas e grande parte executadas.

Todas as ideias, independentemente de sua autoria, falharam em alguns itens, principalmente ignoraram o tema habitacional para o contingente populacional. A cidade crescia, novos bairros e muitas construções surgiam na periferia do centro, de modo clandestino. Segundo Nicolau Sevckenko: *“A área total da cidade era submetida a uma tal prática especulativa, sem qualquer regulamentação, que, além de tolher a ação administrativa da autoridade pública – via de regra, aliás, conivente com ela –, tornava desconexos entre si os vários bairros e setores do município, ao mesmo tempo que centralizava o comércio e serviços, criando dificuldades extremas de transportes e saturação dos fluxos, já por si agravados pela topografia acidentada, pelos rios, alagados e trilhos ferroviários”*²⁸⁶.

O equilíbrio da paisagem natural e urbana das décadas de 1920 e 1930, no pós segunda guerra mundial, com o processo de verticalização e renovação urbana desequilibrou totalmente a ambiência patrocinada pelo capital gerado do ouro verde. O arquiteto Carlos A. C. Lemos escreveu uma observação: *“O amor que os fazendeiros de café e todos os seus comparsas dedicavam à cidade foi esquecido, no clima da renovação urbana surgido no início do processo de verticalização que ocorre logo depois do armistício da Segunda Guerra, em 1945. Deu-se a febre dos condomínios e toda a área envoltória do centro histórico foi tomada pelas novas construções em altura”*²⁸⁷.

O tempo passou, mas as ideias *“Haussonianas”* ainda prevalecem com frequência nas propostas de planejamento urbano da capital paulistana. Independente de quando e como foi realizado o traçado urbano de São Paulo, todas as propostas que sucederam este período da velha República, até hoje, infelizmente priorizaram sempre muitas demolições. Enquanto cidades como Viena, já em 1893, realizou o concurso de projetos para um plano geral para regulamentar toda a área municipal²⁸⁸; ou seja, projeto urbano além do núcleo medieval.

²⁸⁶ SEVCENKO, 2014, p.109.

²⁸⁷ LEMOS. Em: ARAÚJO, 2000. p.111.

²⁸⁸ SCHORSKE, 1990, p.88.

Enfim, sobre os planos elaborados nesse período de 1910-1911, durante as administrações dos prefeitos Antonio Prado e Raimundo Duprat, as palavras que melhor podem sintetizar estão nos relatórios do Prefeito Duprat apresentados à Câmara Municipal de São Paulo, referente aos anos de 1912 e 1913, no final de seu mandato:

“Avenida São João

Em 1908, quando exerci interinamente o lugar de Prefeito, mandei estudar pela Directoria de Obras o alargamento da rua S. João, de modo a constituir essa natural via de comunicação do centro da cidade com os mais importantes bairros de S. Paulo uma grande avenida de 40 metros de largura, extendendo-se até ao Parque Antarctica, na Avenida Água Branca.

Nas suas ‘Botas e Informações’, ‘O Estado de S. Paulo’ de 17 de julho de 1908, assim noticiou tão importante melhoramento:

‘O Sr. Raymundo Duprat, Prefeito interino, vae mandar estudar e brevemente submeterá á Camara, o projecto de uma grande avenida, que, partindo da praça Antonio Prado, se extenderá até as proximidades do Parque Antarctica.

Essa avenida formar-se-á pelo alargamento da rua de São João, lado direito, em toda sua extensão, além do seu natural prolongamento, cortando as alamedas Glette e Nothmann, ruas Pyrineus, Lopes de Oliveira, Cardoso Ferrão, Conselheiro Brotero e outras, em demanda daquele Parque de Água Branca.

A desapropriação mais custosa será dos predios que ficam entre a Praça Antonio Prado e o largo do Mercadinho de S. João, havendo neste ponto, como no largo Paysandú, considerável porção de terreno municipal a aproveitar neste alargamento.

Deste ponto em diante, raros são os predios de valor, sendo maior o numero de casas térreas e antigas a exigir reedificação.

O lado esquerdo da rua de S. João será conservado no seu actual alinhamento, dando-se as desapropriações somente no lado direito e em uma faixa de 15 a 20 metros, mais ou menos.

O pensamento do Sr. Prefeito interino é estabelecer desde já o plano de construção da avenida, de modo a ser observados nos novos alinhamentos que forem concedidos, fazendo-se as desapropriações á medida dos recursos financeiros da Municipalidade, em diversos exercicios, e por acordo com os proprietarios.

Deste modo a Municipalidade poderá vender a sobra dos terrenos que adquirir e que serão valorizados pela nova avenida, a exemplo do que se fez com os terrenos da Avenida Central, do Rio.

Não há actualmente em S. Paulo rua mais extensa e que partindo da parte mais central da cidade, se possa ainda estender como a de São João, cortando os bairros mais bem edificados.

Outro qualquer projecto de avenida central seria por demais dispendioso e difficilmente serviria uma zona mais importante e populosa.

Basta dizer que o alargamento da rua de S. João custará talvez menos que a projectada avenida Anhangabahú, sob o Viaducto do Chá, entre as ruas Líbero Badaró e Formosa, representando, entretanto, um melhoramento mais sensível e de resultados muito mais apreciáveis, quer pelo lado esthetico, quer pela facilidade das novas comunicações, ventilação da cidade, etc'.

Retirando-me da Prefeitura, após alguns mezes de exercício, esses estudos não continuaram, e abandonada estava decerto a idéa desse melhoramento, que reputo o mais importante da administração que hoje finda.

A Camara, considerando que a compra estava plenamente justificada pela necessidade inadiável de levar efeito a abertura da avenida approvou o meu acto pela lei n. 1.395, de 23 de março de 1911.

Adquiridos na sua maior parte os prédios situados nesse trecho, submeti á Camara o projecto da avenida, com 30 metros de largura, desde a praça Antonio Prado até a rua Lopes de Oliveira.

A Camara, depois de o ter estudado detidamente, aprovou-o pela lei n. 1.596, de 27 de setembro de 1912, na qual ficou estabelecido que na nova avenida não serão permittidas construcções de menos de 3 andares e sem fachada approvada pela Prefeitura.

Também por esta lei foram approvados os prolongamentos da rua Conselheiro Nebias, da alameda Barão de Limeira e da rua Barão de Campinas até a avenida S. João.

Os predios desapropriados para esses melhoramentos constam do capitulo – 'Acquisições de immoveis'²⁸⁹.

²⁸⁹ RELATÓRIO, 1914, pp.21-22.

3.2 Arquitetura dos novos edifícios na Avenida São João.

Este capítulo é resultado de uma busca no Arquivo Histórico São Paulo – AHSP dos projetos originais aprovados pela municipalidade. Há mais desenhos para os imóveis situados no lado par, o lado que houve as desapropriações, as consequentes demolições para receber as novas edificações no novo alinhamento. Há também algumas solicitações para o lado ímpar. Tratamos apenas das obras regulares, pois o vulto de crescimento que a cidade teve, com certeza muitas construções e abertura de novos bairros periféricos foram feitos de modo informal, ou seja, clandestino.

Dentre o volume de documentos e desenhos estudados foi possível averiguar em muitos a autoria dos projetos, alguns de técnicos renomados como o arquiteto português Ricardo Severo, o engenheiro formado na Politécnica Alexandre Albuquerque, e de muitos técnicos como Domiziano Rossi, Felisberto Ranzini, que trabalhavam no Escritório Técnico Ramos de Azevedo; algumas vezes o próprio engenheiro-arquiteto Francisco Ramos de Azevedo é quem assina. Chama a atenção a quantidade de nomes italianos como Giulio Micheli, Francisco Regnani, Marquesini, Luiz Asson e Giuseppe Martinelli que faziam solicitações²⁹⁰.

A construção contava com materiais de construção importado²⁹¹. Bem como a mão-de-obra nos contou Ernani Silva Bruno²⁹² era maciça de italianos, sendo três quartos de italianos, os demais imigrantes alemães, espanhóis e portugueses; e cem por cento dos mestres de obras eram italianos. Segundo o professor Carlos Lemos: *“A par de novos partidos, nova ornamentação, novos estilos. Era o ecletismo. (...) Era o apelo à imaginação. Era a recriação. Era o século XIX, cuja a produção material aprendemos a não respeitar por não ter ela, vamos dizer, uma autenticidade nacional – tudo vinha de fora, tudo era copiado ou feito pelo imigrante. Coisas sem Valor”*²⁹³. Em 1984, o arquiteto Luiz Alberto do Prado Passaglia, então técnico do Departamento do Patrimônio Histórico da capital, ao realizar levantamentos, inventários, quando a preservação de imóveis em “estilo eclético” era o tema de discussão, escreveu na sua dissertação: *“...o conceito ecletismo tem sido utilizado pelos nossos historiadores, no sentido de um juízo de valor negativo, reportando-se à determinada arquitetura da segunda metade do século XIX e, mais intensamente, no seu último quartel, até as décadas de 1930-40,*

²⁹⁰ Rino Levi solicitou em 1936 a construção do Cine ART-Palácio, endereçado à Avenida São João, 135-137 (atual 407-417).

²⁹¹ Esse tema foi abordado na Parte I.

²⁹² BRUNO, 1954, p.948.

²⁹³ LEMOS, 1989, p.50.

*deixando de deter-se no sentido de perceber a natureza e os correspondentes limites da transposição e assimilação de traços culturais de significativa população imigrada*²⁹⁴.

É denominado eclético o estilo adotado nas novas construções feitas a partir da segunda metade do século XIX. Em São Paulo, no nosso entender, predominou até a década de 1930. Porém apesar de um pouco de academicismo, havia muito de pastiche. Segundo sátira de Monteiro Lobato era o “Carnaval Arquetônico”; e para Alcântara Machado: *“São Paulo [...] é uma batida arquetônica. Tem todos os estilos possíveis e impossíveis. E todos eles brigando com o ambiente. Quer os edifícios públicos quer as casas as casas particulares aberram do solo em que levantam”*. Prossegue dizendo que: *“A preocupação dos governantes e governados é derrubar para fazer maior e mais bonito. O que é muito louvável sem dúvida. A questão porém é que esse bonito é sempre importado. Daí o desastre estético-urbano. Lembrem-se de construir uma catedral. Está certo. Mas a quem encomendam o projeto? A um alemão. E o alemão já sabe surge com uma coisa em estilo gótico. E essa coisa é aceita e está sendo feita*²⁹⁵ (sic.). A falta de identidade cultural nacional, a influência desmedida da imigração, a obstinação pela importação de produtos e gostos sem critério e muitas vezes sem necessidade era doentio, e ainda hoje o é. O fenômeno acontecia na Europa segundo ironia de Nikolaus Pevsner: *“... já nos começos do século XIX, o baile de máscaras da arquitetura se encontrava em toda a animação: clássico, gótico, italianizante e inglês antigo. Ao chegar 1840, os livros de modelos para construtores e para os clientes incluem muito mais estilos: Tudor, renascimento francês, renascimento veneziano e outros. Isto significa, evidentemente, que ao longo de todo o século XIX foram empregados todos estes estilos*²⁹⁶.

Não é tema deste trabalho a discussão do estilo arquetônico, porém era o gosto à época, era o que se construía na área de estudo. Nossa análise focou as fachadas, lembrando que é composta de um embasamento, o corpo principal e o coroamento. As envasaduras determinam a modenatura. Nas fachadas, na vertical elas são alinhadas, e na horizontal são tratadas como sequências. Muitas vezes aparece bossagem²⁹⁷ entre elas. Dentre os desenhos encontrados anexos às solicitações

²⁹⁴ PASSAGLIA, 1984, p.35.

²⁹⁵ Ambas as citações estão SEVCENKO, 2014, p.118-119.

²⁹⁶ PEVSNER, *Perspectiva da Arquitetura Européia*, p. 328. Em PASSAGLIA, 1984, p.34.

²⁹⁷ Conforme o Dicionário da Arquitetura Brasileira, escrito pelos dos arquitetos Corona & Lemos; BOSSAGEM: Saliência sobre uma superfície. Almofada saliente. Pedra ou tijolo saliente numa parede.

feitas por particulares²⁹⁸, alguns possuem o conjunto com fachadas, cortes e plantas, outros não.

Isto posto, resta-nos conhecer o patrimônio cultural deste período, os edifícios novos construídos na recém-alargada Avenida São João.

²⁹⁸ O acervo consultado no AHSP, neste capítulo, se refere às Obras Particulares. Adotamos a abreviatura utilizada na catalogação deste acervo. AHSP_OPA_número_ CxS7, 1920 (Arquivo Histórico São Paulo_Obras Particulares_caixa número, ano), decorrente da quantidade de desenhos este material encontra-se em caixas, não mais encadernados em livros por ano; porém a organização permanece pelo nome das vias, neste caso: São João.

3.2.1 Edifício “Dom José”, 1913.

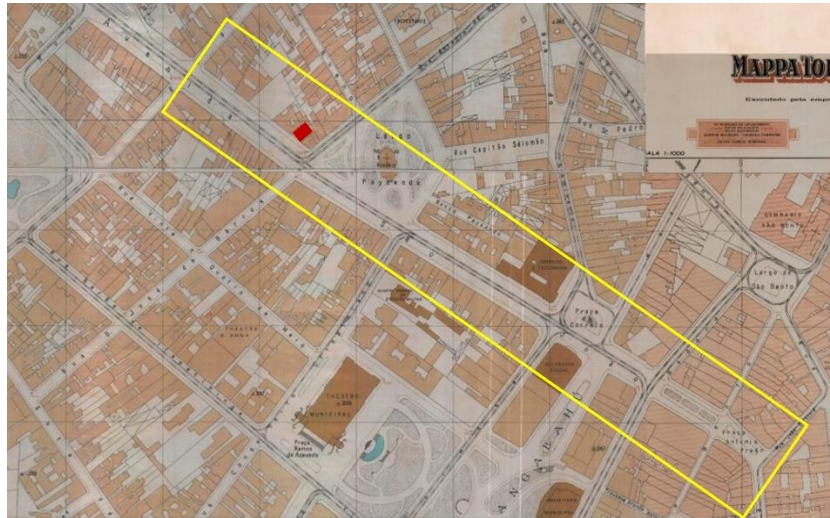


Imagem 231: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 232: Foto da autora, 2015.

O primeiro prédio, a ser construído dentro do novo alinhamento e da lei²⁹⁹ que determinava também a altura das novas edificações foi o “Hotel Dom José” – endereçado Avenida São João, 92 (atual 524) – não foi identificada a autoria do projeto nem da construção da construção, entretanto, na fachada tem-se inscrito o ano 1913. O edifício supõe-se ser projeto para um hotel com térreo mais três pavimentos, com espaço para lojas comerciais no embasamento.

Atualmente, no piso térreo funciona um estabelecimento comercial com intervenções que descaracterizam a edificação. Quando foi iniciada esta pesquisa, nos demais pavimentos, funcionava o hotel com acesso feito pela porta na lateral. Porém em 2016 o prédio foi ocupado por movimento de moradia.

Na fachada eclética, destaca-se o acesso lateral para os pavimentos superiores, e em seu alinhamento tem-se uma sequência vertical de portas-janelas, que compõem harmoniosamente com mais dois blocos de duas portas-janelas; entremeadas com colunas decorativas com base, fuste e capitel; determinando o ritmo da fachada. Tais colunas possuem a base no primeiro piso e o fuste se alonga com capitel inspirado no estilo dórico até a altura correspondente a linha entre o segundo e terceiro piso. Desta linha, surge uma nova base que subdivide em duas colunas mais estreitas, com caneluras e arrematadas respectivamente com capiteis decorados com cabeça de leão. Um entablamento com tríglifos arremata este pano da fachada, sustentando a platibanda adornada em sincronia com o ritmo do conjunto. As envasaduras do primeiro e terceiro piso possuem vergas retas, enquanto no segundo piso as vergas são em arco pleno. O edifício foi construído em alvenaria de tijolos, o material das esquadrias é madeira, os guarda-corpos são em ferro.

O imóvel no começo de 2016 estava conservado, com poucas descaracterizações. No decorrer do ano a fachada recebeu muitas pichações.



Imagem 233: Foto feita setembro, 2016, pela autora.

²⁹⁹ Lei n. 1596/1912, que aprovou o alargamento da Rua São João para 30 metros, desde a Praça Antônio Prado até a Rua Lopes de Oliveira no entroncamento com a Rua das Palmeiras (Artigo 1º). Só eram permitidas novas edificações com mais de três andares e fachadas aprovadas na prefeitura (Artigo 3º). Neste trabalho nos ateremos à primeira fase do alargamento da via, que foi até o entroncamento com a Rua Ipiranga. A rua Ipiranga posteriormente também foi alargada.

3.2.2 Edifício “Casino Antarctica”, 1914/16.

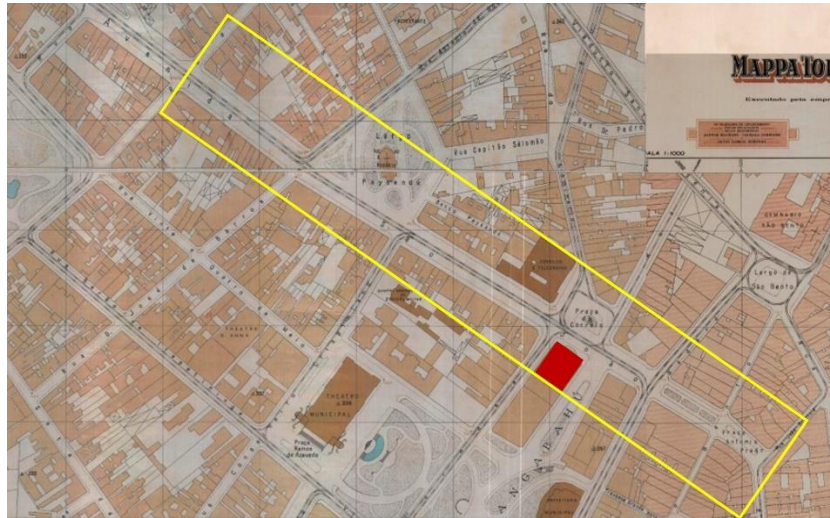


Imagem 234: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 235: Em construção o prédio do Casino Antarctica, 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.



Imagem 236: Prédio do Casino Antarctica em construção, 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.



Imagem 237: Prédio do Casino Antarctica, 1919. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1887-94-1919.



Imagem 238: Prédio da Collectoria Federal. Fonte: sd-edific3adcio-da-delegacia-fiscal-collectoria-federal-ebay.



Imagem 239: Prédio da Collectoria Federal. Fonte: Coleção Particular.



Imagem 240: Foto da plateia do Casino em 1925. Fonte: A Cigarra, (266): 58, dez.1925.

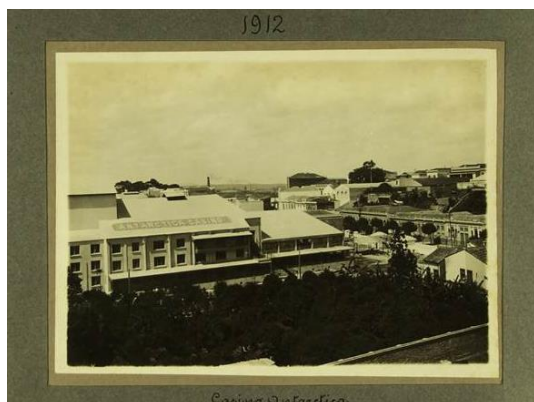


Imagem 241: Prédio do Casino Antarctica. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-94-1919.

Imagem 242: Prédio do Casino Antarctica. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-94-1919.



Imagem 243: Prédio do Casino Antarctica. Fonte: PONTES, José Alfredo Vidigal. São Paulo de Piratininga, p.171.³⁰⁰

- - CASINO ANTARCTICA - -
 Empresa Theatral Brasileira
 Sede em São Paulo
 Concessionária da SOUTH AMERICAN TOUR para o Brasil

HOJE - - Sexta-feira, 5 de Dezembro de 1913 - - HOJE
 às 8 3/4 da noite
SOLENE INAUGURAÇÃO
 - DO -
- CASINO ANTARCTICA -
 RUA ANHANGABABU - com 7 importações estranhas, 7

Surpreendente programma ESTREAS

TRIO LYONS, Fantomima extric-Acrobacia
IRMANOS VIVES, Cantantes internacionais
MARCELLE DE LYS, Chanteuse franceza
OS MARCELLI'S, Equilibristas sobre escada livre
LA VALORITO, Coupletista hespanhola
GREGORI, Melodista dactor comico
SOLO - O HOMEM BEBADO

<p>ANITA DI LANDA Estrela italiana</p> <p>Cav. G. DE MARCO, parodista excentrico italiano Os Frascos, trapezistas comicos</p> <p>Trio N'ente equilibristas de força LILLIANE - Divetta italiana</p> <p>La Firna - coupletista e bailo hes. Trio Guerra, acrobatas e saltarinos</p> <p>La Violeta; bailles hespanhoes</p>	<p>Jene cillo, cantante excentrica fran.</p> <p>Ougro and Moe Fuller, Equilibristas sobre arame</p> <p>La bella Elena, bailles hespanhos Clarita de Lillo, cantora italiana</p> <p>The Morley's, dançadores excentricos Dora Marston, cantante italiana</p> <p>Ella Ninos, cantante internacional Pena La Morrita, Cantante e bailles hespanhoes</p>
---	--

Preços do espectáculo:
 Tribuna (posse) 12\$000; Cam 10\$000; Cadeiras de primeira 8\$000; Ingressos 2\$000; Galeria 1\$000

Os Bilhetes acham-se a venda na Charuteria Mimi, rua 15 de Novembro.

Imagem 244: Anúncio de abertura. Fonte: O Estado de S. Paulo, 5/12/1913, p.17.

³⁰⁰ <<http://www.arquiamigos.org.br/bases/cine.htm>>

Em 1914 o Mercado São João situado no Vale do Anhangabaú foi demolido para abertura da Praça do Correio, que recebeu a escultura Giuseppe Verdi, de autoria de Amadeo Zani, oferecido pela colônia italiana. A Praça do Correio foi um espaço importante na cidade, pois era ponto inicial de várias linhas de bondes, o transporte coletivo à época, enquanto a Avenida São João era o trajeto em direção aos bairros a oeste do centro como a Lapa.

“Na ata da assembleia da Companhia Antarctica publicada em janeiro de 1913, anunciava-se um empréstimo de Rs 6.000\$000 (seis mil contos de réis) para fazer frente a diversas obras nas fábricas da Mooca e Água Branca; depósitos na rua Brigadeiro Tobias e Anhangabaú; o Cassino Antarctica na rua de São João e Formosa; projetos futuros para o Politeama e um novo Bijou Theatre. O Cassino Antarctica, pelo relatório publicado em 7/3/1913, estaria destinado a teatro, variedades e music-hall. Anúncio do Diário Popular informava que o teatro teria 32 frisas, 750 cadeiras, 500 gerais e 2 frisas nobres. Embora dotado de aparelhagem para projeções cinematográficas, elas foram esparsas ao longo do tempo. A importância anunciada para o financiamento das obras foi contratada no Brazilianisch Bank für Deutschland, com juros de 8 por cento ao ano e carência de três anos”³⁰¹.

No lote em frente à Praça do Correio, com projeto assinado pelo arquiteto Alexandre Albuquerque³⁰² em 1913. Construído pelos engenheiros Hippolyto Gustavo Pujol e Guilherme Winter³⁰³, entre 1915 e 1916. O edifício eclético para uso cultural, endereço onde era o Cassino Antarctica foi concluído em 1918. Depois nesta edificação funcionou o Cine Central, e posteriormente aí se instalou a Delegacia Fiscal.

A área era de propriedade da Companhia Antarctica, que iniciou a obra sem a devida autorização e foi notificada pelo engenheiro José Sá Rocha: *“A Cia. Antarctica já está iniciando as obras do teatro que substituirá o Politeama, sem ter obtido a devida licença. Isso seria o de menos se por ventura se tratasse de qualquer outro local. Mas na rua Formosa e na rua de S. João, o caso muda de figura. Há até projeto de melhoramentos importantes e retificação de alinhamento*

³⁰¹ SOUZA, José Inácio de Melo. Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica da cidade de São Paulo (1895-1929), em: <<http://www.arquiamicos.org.br/bases/cine3p/historico/00295.pdf>>

³⁰² Assinatura consta nos desenhos localizados no AHSP_série cinemas_OPA_cx 08. Alexandre Albuquerque assina como “Director-Architecto” da *Companhia Paulista de Construções*. Ver também: ALBUQUERQUE, 2006, p. 123.

³⁰³ REIS FILHO, 2005, p. 60-61.

em ambas as ruas. [...] O muro já construído na rua Formosa vem dificultar a regularização dessa rua de acordo com a planta aprovada para o projeto de melhoramento e creio mesmo que poderá ainda a vir prejudicar a entrada da nova Avenida Anhangabaú, com prejuízo da estética. Parece-me pois que tais obras devam ser embargadas [...]”. Dia 14 de outubro, o fiscal municipal José da Silva embargou a obra e aplicou a multa de Rs 30\$000 (trinta mil réis). A empresa de cervejas Antarctica não cumpriu o embargo, dando continuidade à construção, que sucedeu em embargo judicial. Após os tramites de aprovação foi emitido o alvará de construção (nº. 696), em 17/2/1914, para a obra no local onde funcionaram os Teatros *Bijou* e *Polytheama*. Segundo informações que consta nos documentos do AHSP, a obra não deve ter sido bem construída, pois pelos pareceres do engenheiro Arthur Saboya as fundações tiveram movimentação, comprometendo o edifício. A Companhia Antarctica Paulista entrou com processo para reconstrução do Cassino em 2/10/1917, solicitando a modificação do telhado e substituição das colunas da sala de espetáculos por outras em concreto armado. Assim sucedeu-se a reforma aprovada pela municipalidade.

O edifício possui planta retangular, implantado no centro do Vale do Anhangabaú, um local de extrema visibilidade. A fachada principal é faceada para a Avenida São João, simétrica ao eixo da Praça do Correio, possui um corpo central marcado por três envasaduras alinhadas arrematadas com um frontão. Este engloba o terceiro pavimento e a mansarda, com jogo de janelas e bossagem adornada no eixo central superior. Na altura do primeiro e segundo pisos, quatro colunas intermeiam as janelas recuadas, e sustentam a falsa arquitrave encimada por um guarda-corpo balaustrado, compondo uma espécie de “loggia”. No térreo e sobreloja, quatro colunas mais baixas sustentam a arquitrave sob guarda-corpo balaustrado e são encimadas com três arcos plenos. Os corpos laterais possuem sequência de três envasaduras mais estreitas que as do corpo principal, e nos dois chanfros do edifício são arredondados com três estreitas envasaduras, e no segundo e terceiro pavimentos complementado com guarda corpo em ferro com serralheria artesanal. A cobertura com jogo de mansardas é alta. O ritmo de cheios e vazios deste edifício eclético é extremamente harmonioso.

Ao final do período estudado nesta pesquisa, a edificação estava ali como vemos na planta de 1930. Posteriormente, em 1948, foi demolido por ocasião de novas obras de reurbanização, para dar continuidade à Avenida Anhangabaú (depois Avenida Prestes Maia, atualmente é calçada)³⁰⁴.

³⁰⁴ PORTO, 1996, p.179



Imagem 245: Vista do Parque Anhangabaú, com o Prédio do Casino Antarctica bem ao centro. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-94-1919.



Imagem 246: Vista da Rua Anhangabaú, com o Prédio do Casino Antarctica em obras à direita. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-1919.



Imagem 247: Vista da Rua Anhangabaú, com o Prédio do Casino Antarctica aos fundos, à direita. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-1919.

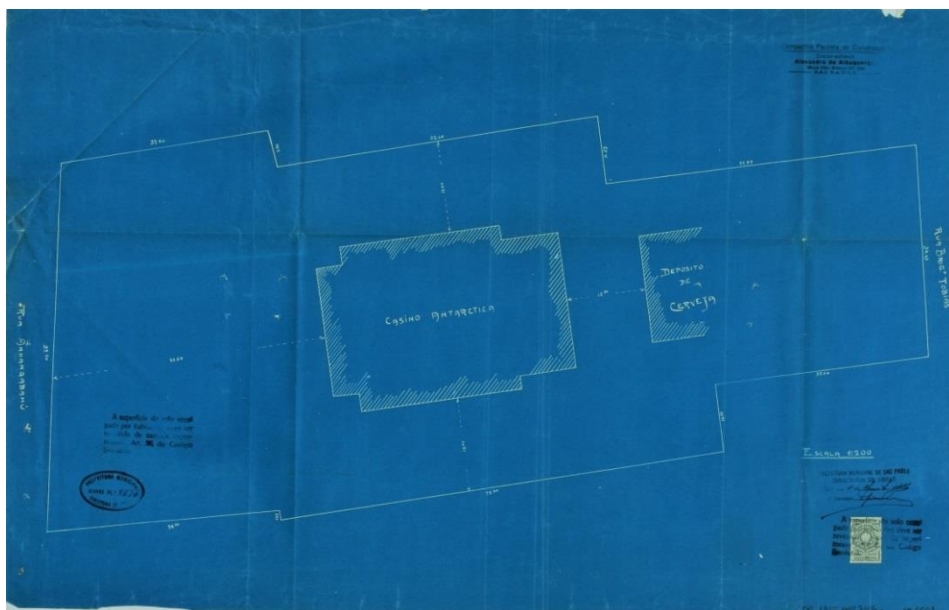


Imagem 248: Planta de implantação do "Casino Antarctica". Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.



Imagem 249: Pormenor do autor do projeto. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.

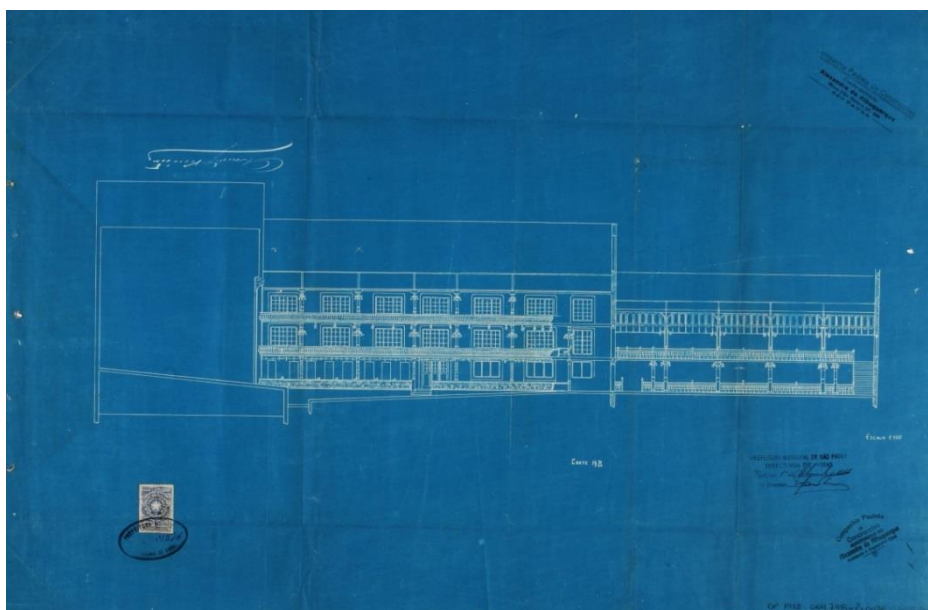


Imagem 250: Corte longitudinal do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.

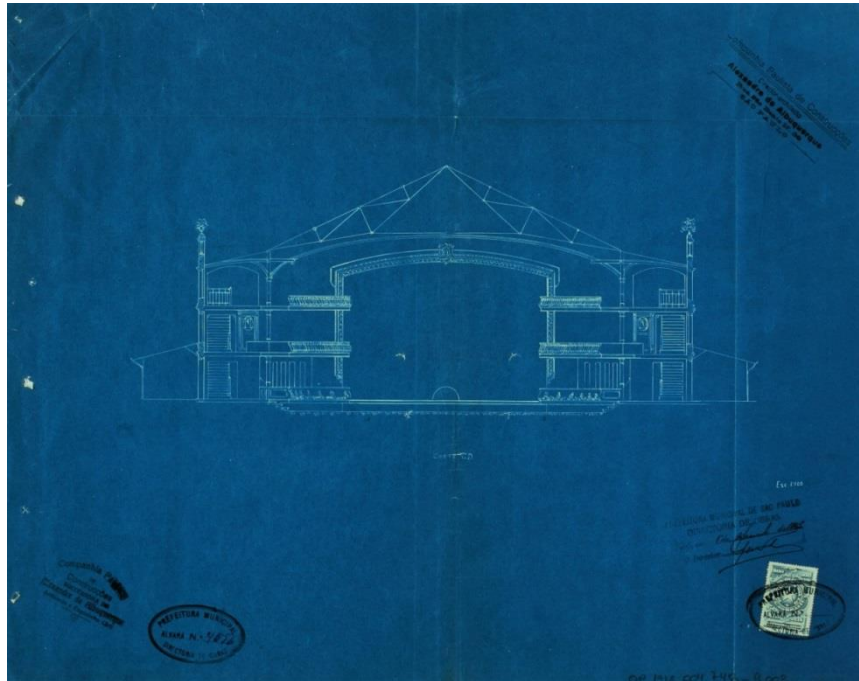


Imagem 251: Corte transversal do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.



Imagem 252: Corte transversal do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.

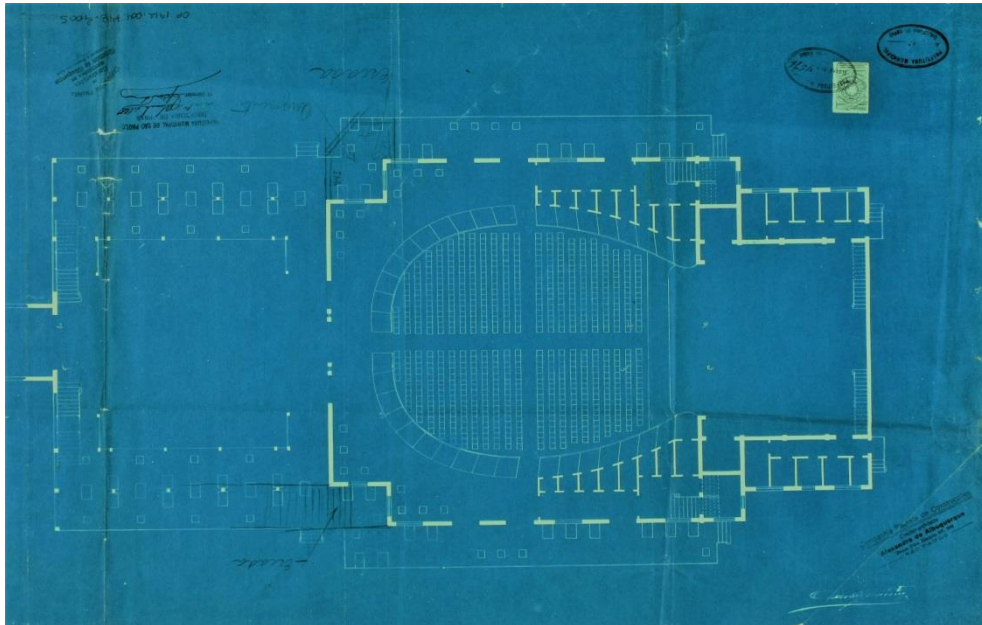


Imagem 253: Planta do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.

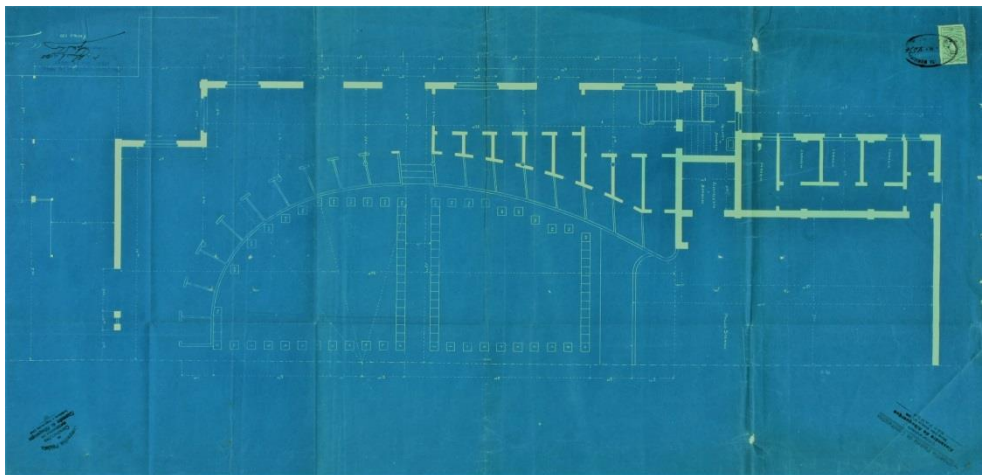


Imagem 254: Planta do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinema, Caixa 08, 1912.

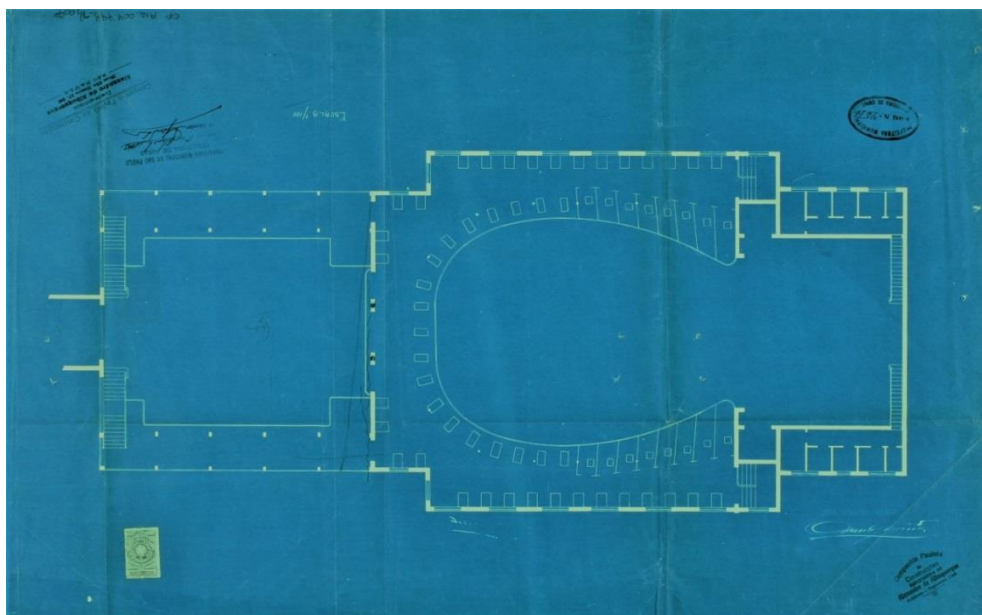


Imagem 255: Planta do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.

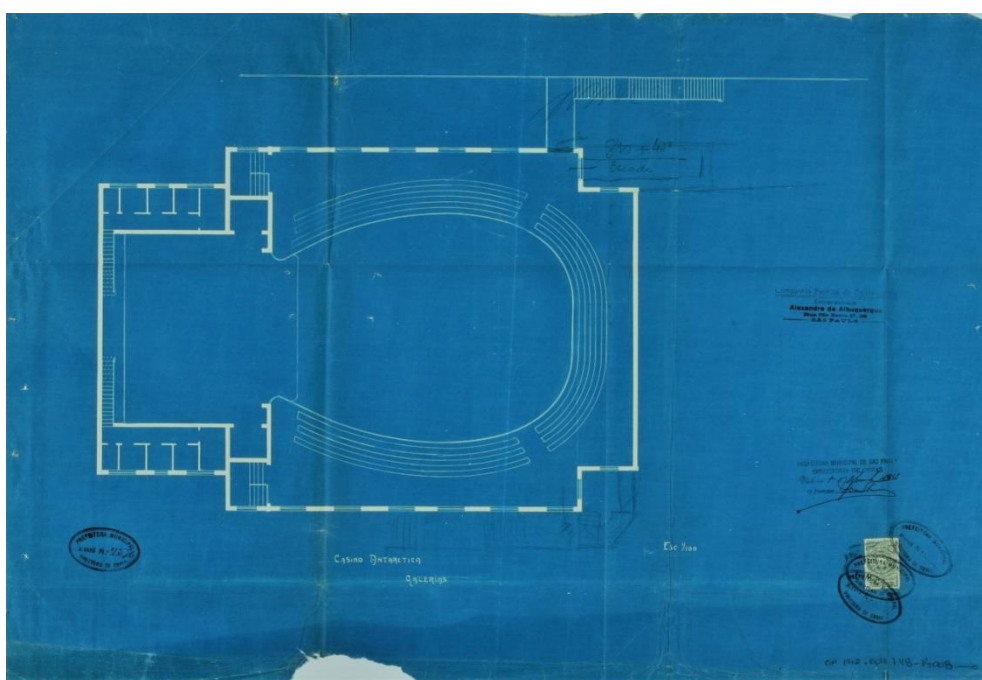


Imagem 256: Planta do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.

3.2.3 Edifício “Cotonifício Paulista”, 1915/16.



Imagem 257: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 258: O edifício a direita é o “Cotonifício Paulista”, 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz v.2, 1862-1900-16.



Imagem 259: Fachada do edifício “Cotonifício Paulista”. Foto da autora, 2015.

No lote da esquina da Rua São João com o Largo Paissandú, em 1898, Guilherme Ratham fez solicitação a municipalidade para “construir uma casa”, há desenhos do projeto. A solicitação foi deferida. Anos depois este lote encontrava-se na listagem a ser desapropriados, para a abertura da Avenida São João. E a esquina passou a abrigar o prédio “Cotonifício Paulista”.

O Edifício “Cotonifício Paulista”, situado à Avenida São João-36 (atual 340), na esquina com o Largo Paissandú, foi construído em 1915/1916. O terreno era de propriedade da Sociedade Previdência de Pensões e Pecúlios. O projeto está assinado pelo engenheiro Giulio Michelli e provavelmente a construção também foi feita sob sua responsabilidade. O prédio possui térreo, mais três pavimentos, e ático. O projeto original constava térreo comercial e os três pavimentos para apartamentos residenciais. Quando o prédio já estava em construção, foi encontrado um projeto modificativo para a cobertura, que solicitava a inclusão de mansarda, datado de 1916. Consta a descrição da estrutura a ser adotada no último pavimento, onde as vigas mestras “I” em aço seriam apoiadas em pilares de concreto armado.

Posteriormente o edifício passou a ser de propriedade da Sociedade Anônima Cotonifício Paulista, cuja inscrição está em relevo na fachada. É sabido que por um período aí funcionou o Hotel Municipal.

Edifício eclético, revestido em argamassa raspada, possui duas fachadas uma para o Largo Paissandu e outra para a Avenida São João, é arrematado com chanfro na

esquina. O térreo é ainda utilizado para pequenos estabelecimentos comerciais, inclusive danificando as características originais do edifício, quebrando a harmonia do conjunto. O acesso aos pavimentos superiores é feito pelo centro do edifício, na fachada voltada para a Avenida São João. Este acesso conduz as escadas e elevador, ou seja, o espaço de distribuição dos apartamentos nos três andares tipos superiores.

O acesso está enfatizando o centro da fachada, com uma composição de três envasaduras com vergas retas em ambos os pavimentos. No primeiro piso há um entablamento com arco pleno ao centro, como se estivesse coroando a porta principal a distância. São quatro alinhamentos de envasaduras a cada lado com respectivas mansardas. O chanfro possui uma decoração também no primeiro piso, a janela em verga reta possui uma contra verga em arco abatido com duas volutas ao centro, a base é interrompida onde aparece escrito em relevo “PROPRIEDADE DO COTONIFÍCIO PAULISTA SA”. Para o Largo Paissandu, a fachada apresenta três alinhamentos de envasaduras com vergas retas. Todas as esquadrias são de veneziana de madeira, e possuem folha interna de vidraça emoldurada com madeira. As janelas balcões possuem guarda-corpos de ferro.

Pelas plantas consultadas em cada pavimento havia dois apartamentos com muitos quartos (três e quatro), sala de jantar, sala de visitas, cozinha e banheiro completo. Isso resulta em apenas seis unidades residenciais mais a mansarda.

O edifício hoje, em 2016, encontra-se com estado de conservação médio, isento de descaracterizações nas fachadas, e totalmente passível de restauro e reutilização.



Imagem 260: Detalhe da fachada. Foto da autora, 2016.



Imagem 261: Fachada do edifício “Cotonificio Paulista”. Foto da autora, 2015.

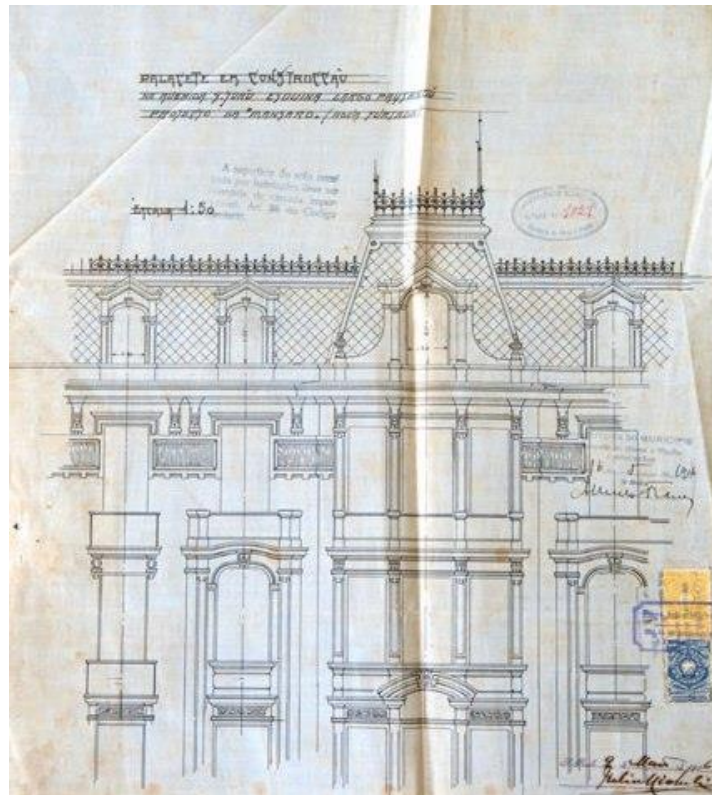


Imagem 262: Desenho do detalhe da mansarda da fachada. Fonte: AHSP, OPA, Caixa 54, Doc35A, 1916.

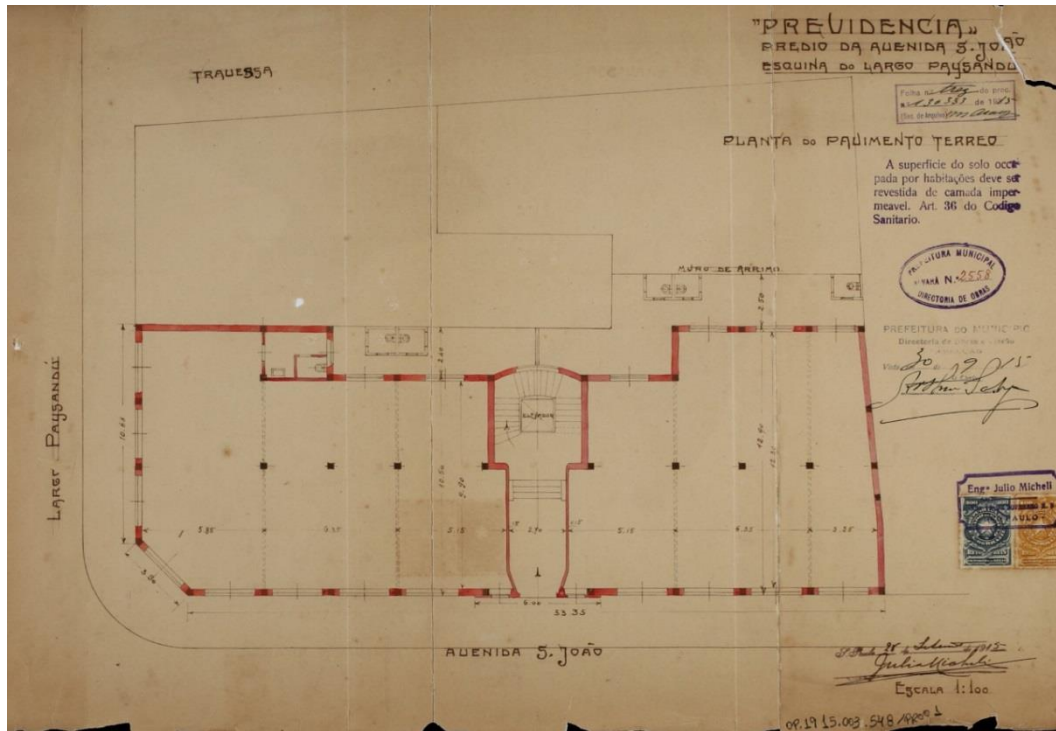


Imagem 263: Planta pavimento térreo. Fonte: AHSP, OPA, Caixa 416, 1915.

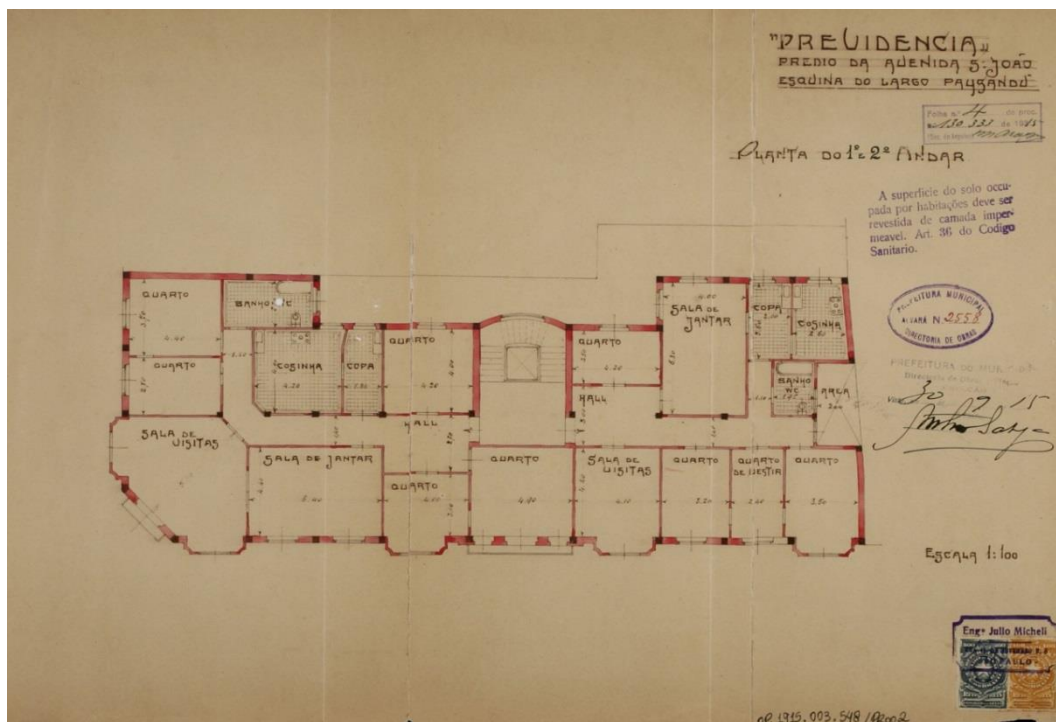


Imagem 264: Planta do 1º e 2º pavimento. Fonte: AHSP, OPA, Caixa 416, 1915.

3.2.4 Edifício “Hotel Central”, 1918.



Imagem 265: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 266: Fachada para a Avenida São João do “Hotel Central”. Foto da autora, 2015.

Concluído em 1918, o Edifício “Hotel Central”, endereçado Avenida São João, número 28 (atual 284), teve projeto e execução da obra sobre autoria e responsabilidade do Escritório Ramos de Azevedo³⁰⁵, para o cliente Sr. Antônio de Pádua Salles. Segundo a arquiteta Sylvia Ficher o projeto foi elaborado por Domiziano Rossi³⁰⁶. Prédio com fachada eclética, ao gosto à época, possui térreo mais três pavimentos e ático. O edifício faz frente secundária para a viela sem saída aos fundos (Rua Abelardo Pinto).

Construído em concreto armado e alvenaria de tijolos e inteiro revestido com argamassa raspada. As esquadrias exceto as do térreo são venezianas de madeira, com folhas internas de vidro emoldurado na madeira. No térreo a porta principal é decorada feita de ferro, é o acesso aos demais pavimentos. As outras envasaduras são para estabelecimento comerciais, sendo portas balcão largas com adorno em ferro na parte superior em sintonia com o acesso principal ao edifício.

A composição do acesso principal determina o eixo central do edifício. O acesso possui envasadura da porta emoldurada em verga de arco pleno, apoiada sobre as ombreiras decorada na argamassa e sobreposição de ornatos em estuque. Nos três pavimentos superiores as envasaduras estão alinhadas e ambas possuem sacada, com consolo e guarda-corpo ricamente adornados e a mansarda está destacada das demais.

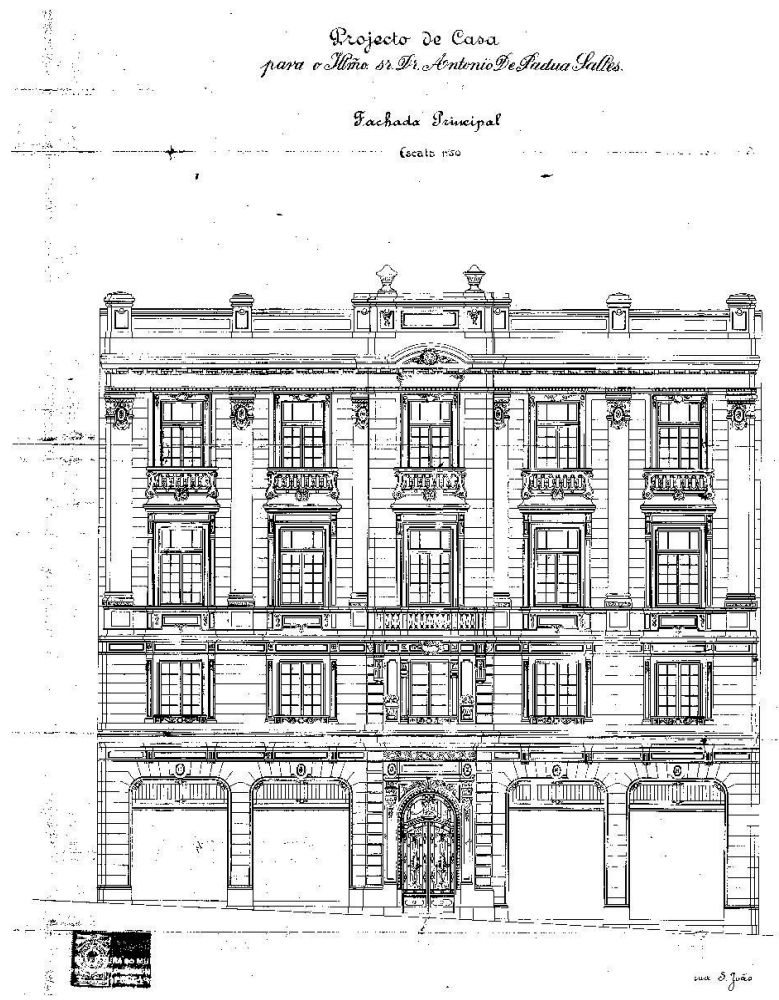
Simetricamente, dois alinhamentos de envasaduras compõem o corpo central, com todas as vergas retas, as do terceiro pavimento todas possuem sacada e coroando o edifício emergem as mansardas. O prédio encontra-se caracterizado, porém mal conservado.

³⁰⁵ Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851, São Paulo-SP; 1928, Guarujá-SP) graduou-se na Universidade de Gante (Gent) em 1878 na Bélgica. Foi professor na Politécnica em São Paulo e proprietário do Escritório Técnico Ramos de Azevedo. Sobre este profissional ler: FICHER, 2005, pp.51-69; CARVALHO, 2000.

³⁰⁶ Domiziano Rossi (1865, Itália; 1920, São Paulo/SP) graduado em Gênova. Em 1894 foi contratado para lecionar “Desenho à mão livre” na Escola Politécnica, lecionou depois no Liceu de Artes e Ofícios. Trabalhou no Escritório Técnico Ramos de Azevedo, onde desenvolveu com Claudio Rossi o projeto do Theatro Municipal. Dentre os projetos e obras que desenvolveu, destaca-se o Palácio das Indústrias no Parque Dom Pedro em São Paulo (de 1911 a 1924). Ler mais em FICHER, 2005, pp. 69-74.

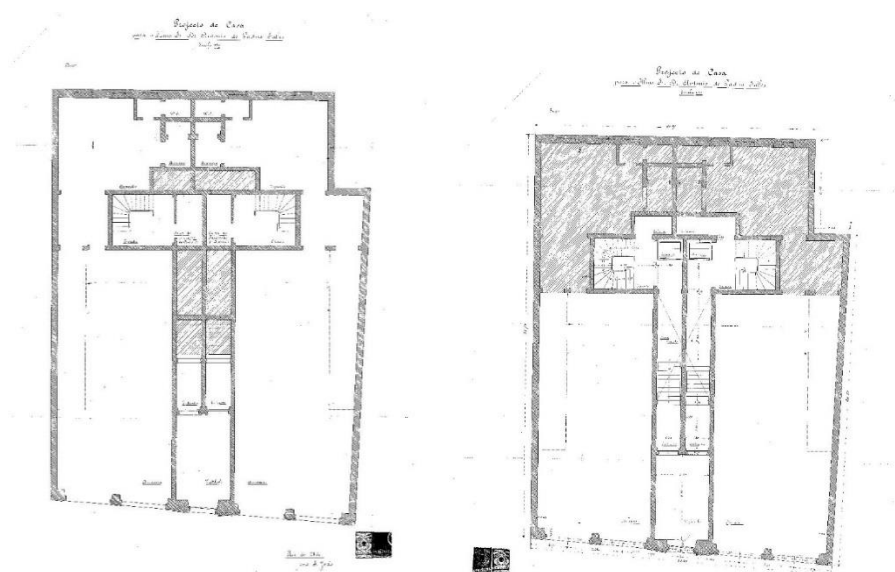


Imagem 267: Detalhe da porta de acesso principal. Foto da autora.

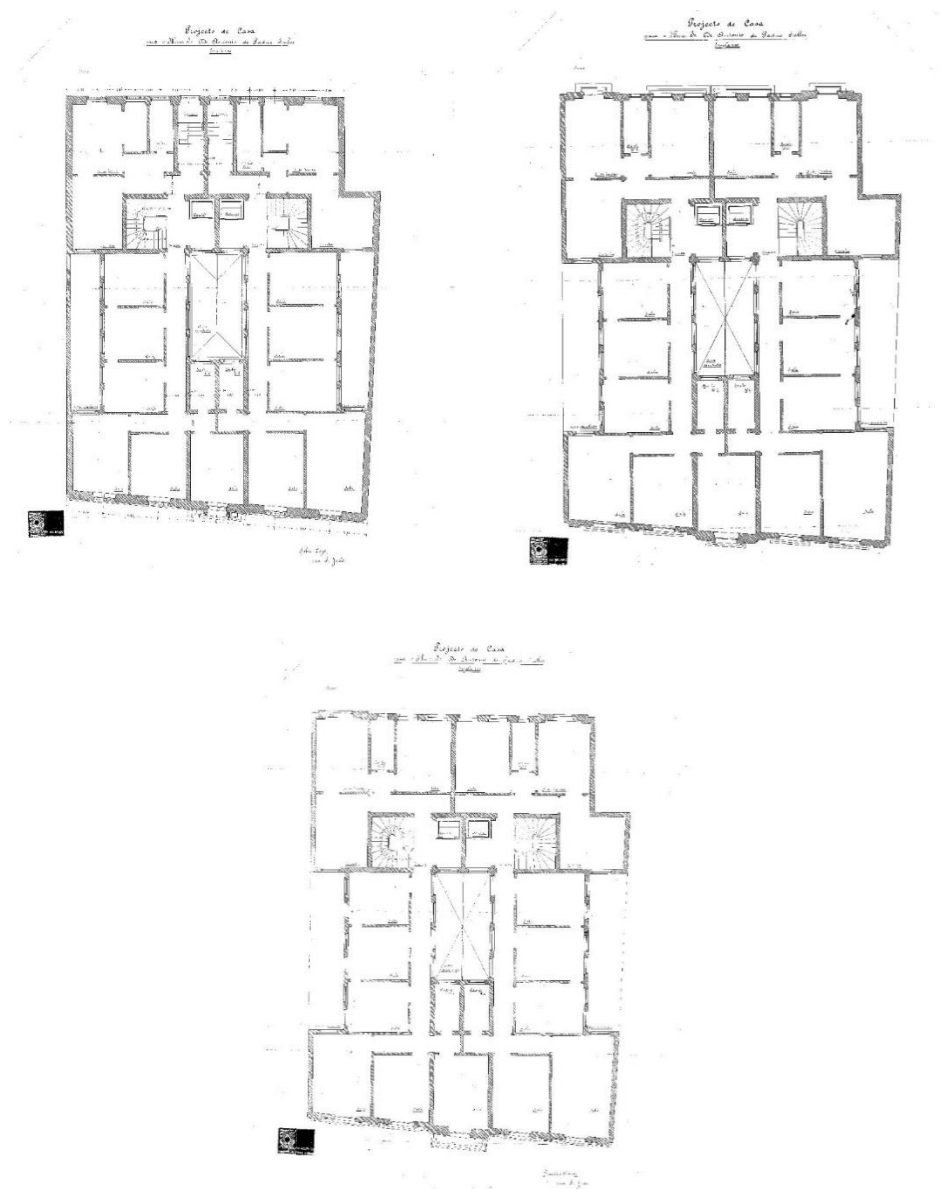




Imagens 268 e 269: Fachadas do Edifício "Hotel Central". Fonte: AHSP, Caixa S7, 1920.



Imagens 270 e 271: Plantas dos pavimentos do edifício "Hotel Central". Fonte: Inventário DPH/FAU-USP, 2012, número 68. AHSP, Caixa S7, 1920.



Imagens 272, 273, 274: Plantas dos pavimentos do edifício “Hotel Central”. Fonte: Inventário DPH/FAU-USP, 2012, número 68. AHSP, Caixa S7, 1920.

3.2.5 Edifício “Hotel Britânia”, 1920.



Imagem 275: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 276: Fachada do prédio do “Hotel Britânia”. Foto da autora, 2015.

Para o mesmo cliente Sr. Antônio de Pádua Salles, o Escritório Ramos de Azevedo projetou e executou a obra, terminando em 1920, do Edifício “Hotel Britânia”, endereçado à Avenida São João, número 30 (atual 300), vizinho do Edifício “Hotel Central” com quem compõe unidade de vizinhança e harmonia na paisagem visual.

Com duas fachadas ecléticas, sendo a secundária para a Rua Abelardo Pinto, e a principal com térreo, sobreloja, mais dois pavimentos e ático, para a recém alargada Avenida São João.

A fachada foi elaborada seguindo o ritmo da fachada do edifício vizinho, o “Hotel Central”, por ter frente menor, o acesso é lateral também com porta de ferro adornada, arrematada com verga em arco pleno, nesse alinhamento destaca-se o corpo central e a mansarda, e na lateral para quem olha o edifício mais dois alinhamentos de envasaduras com vergas todas retas, deste modo, o “Hotel Britânia” complementa a fachada do conjunto. Atualmente o prédio encontra-se caracterizado, e seu estado de conservação é médio. A fachada foi pintada sobre a argamassa raspada, possui algumas pichações.



Imagem 277: Fachada principal. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.



Imagem 278: Fachada posterior. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

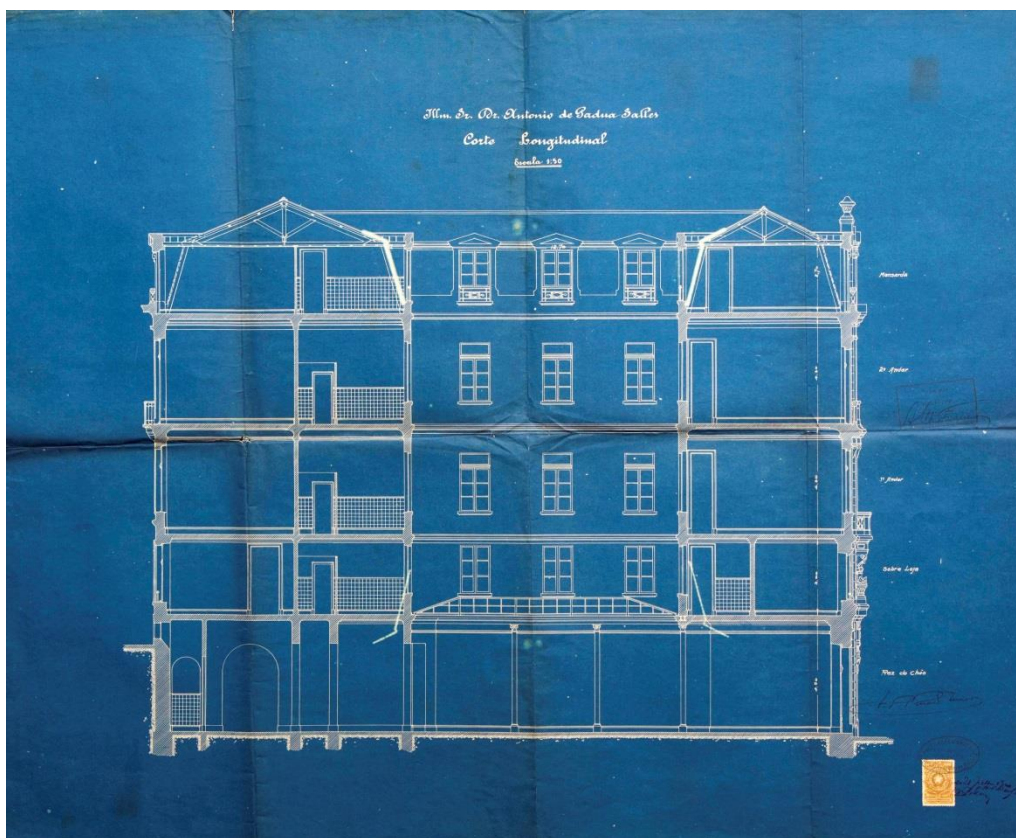


Imagem 279: Corte longitudinal. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

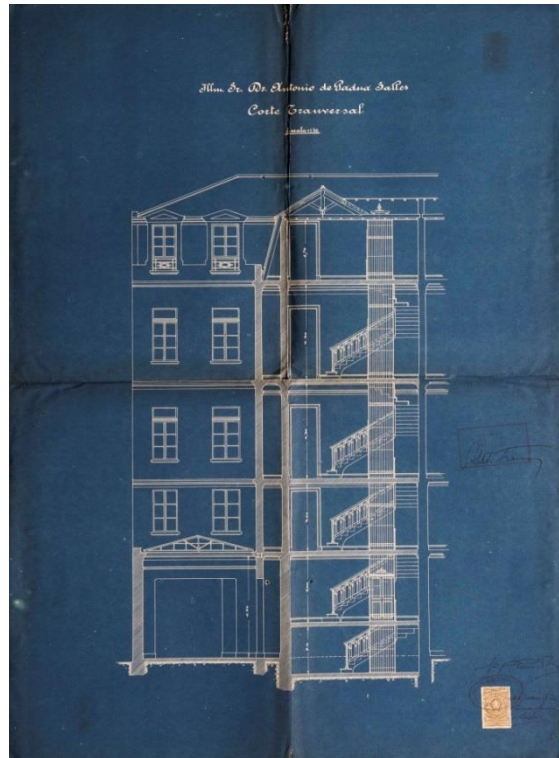


Imagem 280: Corte transversal. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

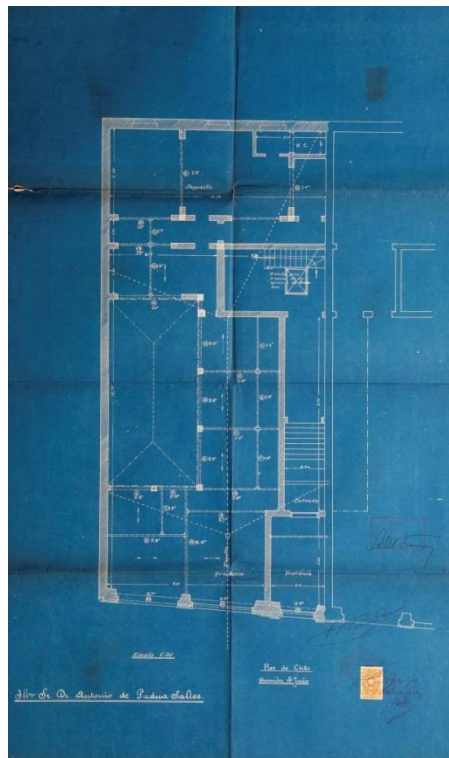


Imagem 281: Planta do pavimento: *Rez do Chão*. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

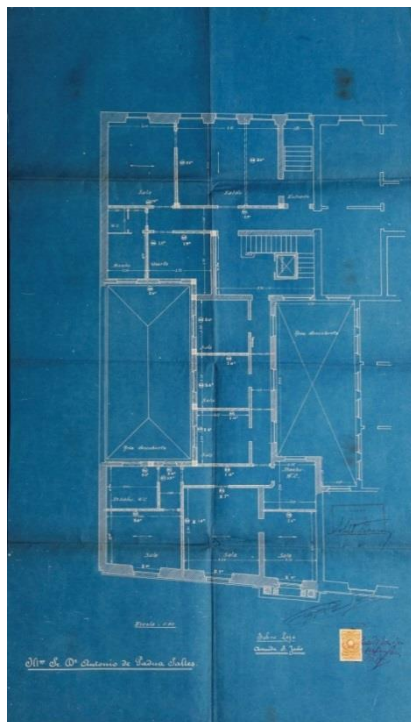


Imagem 282: Planta do pavimento: *Sobre Loja*. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

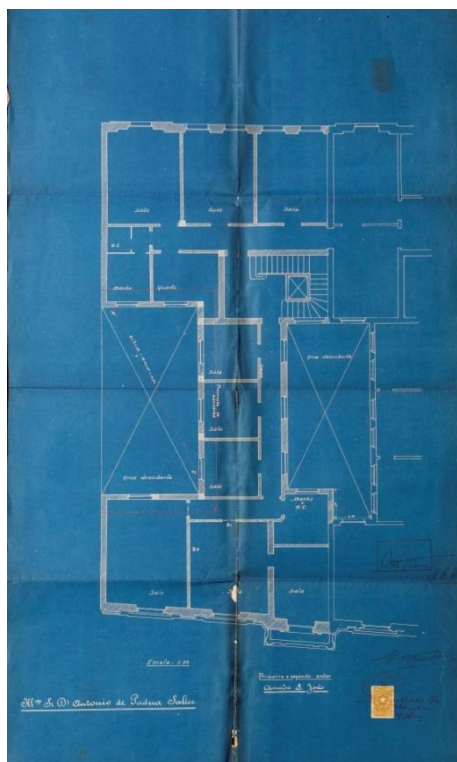


Imagem 283: Planta do pavimento: *Primeiro e Segundo andar*. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

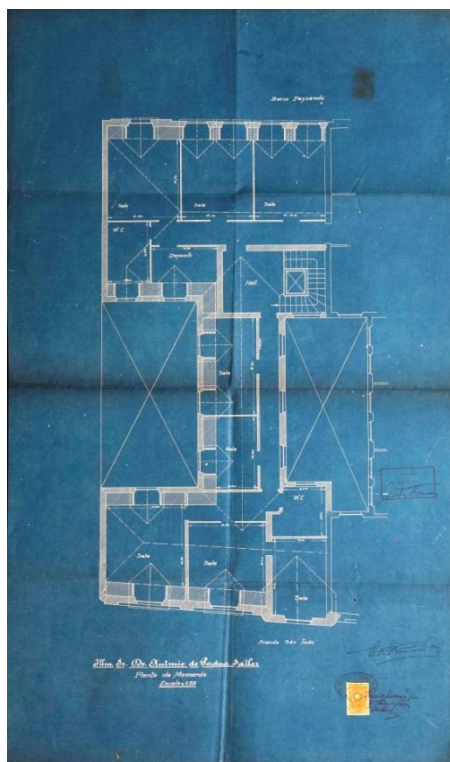


Imagem 284: Planta do pavimento: *Mansarda*. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

3.2.6 Edifício “Hotel Columbia Palace”, 1920.



Imagem 285: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 286: Fachada do “Hotel Columbia Palace”. Foto da autora, 2016.

Outro edifício para fins hoteleiro na Avenida São João, número 104 (atual 578-582), foi projetado e executado pelo Escritório Ramos de Azevedo, data de 1920. O “Hotel Columbia Palace” possui térreo, sobreloja, mais quatro pavimentos e ático.

A fachada é simétrica, entretanto o acesso aos pavimentos superiores é feito pela porta da lateral direita de quem olha o edifício. O embasamento consta de cinco envasaduras, sendo uma de acesso e as demais para estabelecimentos comerciais, seguindo este alinhamento, tem-se as janelas das sobrelojas. A presença de sacada com quatro consolos duplos e guarda-corpo balaustrado, destaca as três janelas centrais das laterais, no primeiro andar. Destaque que determina o ritmo vertical até o quarto pavimento que é entablado com tríglifos, na passagem para o quinto piso, que por sua vez é coroado com platibanda lisa que possui um frontão decorado ao centro arrematados com dois pináculos nas extremidades.

As esquadrias são com vergas retas, exceto as do quarto pavimento. As venezianas são de madeira e as folhas internas com vidro e madeira. As janelas centrais são de ferro, esquadrias basculantes. Há presença de elementos decorativos feitos em estuque que harmonizam a composição eclética da fachada.

O prédio possui a fachada caracterizada, porém com muitas pichações. Atualmente está ocupado por movimento de moradia.



Imagem 287: Detalhe da fachada, ornamento em argamassa. Foto da autora, 2016.

3.2.7 Edifício “Casa Dhelomè”, 1920.



Imagem 288: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 289: Fachada para a Avenida São João. Foto da autora, 2015.

No quarteirão também conhecido como Ladeira São João, o lote do lado par que faz esquina com a Rua Líbero Badaró, após desapropriações, passou a ser de propriedade do Sr. Daniel Dhélonme.

O proprietário, em 1920, solicita a construção da “Casa Dhélonme”, no endereço Avenida São João, número 12T (atual 98), que teria quatro depósitos no térreo e nos demais pavimentos salas para escritórios. Com duas fachadas o projeto e construção foi de responsabilidade do Escritório Técnico Companhia Iniciadora Predial.

O acesso principal é feito pela Rua Líbero Badaró, para o “hall” de distribuição vertical com dois elevadores além das escadas, na fachada a envasadura é encimada por um frontão e a porta é de ferro em serralheria artística e vidro. Este eixo de acesso possui um tratamento diferenciado na fachada, as envasaduras são dispostas com uma diferença do alinhamento dos demais pavimentos, e entre o quinto e sexto piso é arrematada com um arco pleno. Deste eixo para a fachada do bloco voltado para a Rua Líbero Badaró, a disposição das janelas marca um ritmo diferenciado, mas em sintonia com o bloco do outro lado do eixo que faz frente para a Avenida São João.

Esse bloco com fachada para a avenida, incluindo o chanfro, tem um jogo de sacadas entre o segundo e terceiro pisos, quarto e quinto pisos que dão um leve movimento a fachada eclética. Alguns com guarda-corpo balaustrado, outros em ferro com serralheria artística. Entre o terceiro e quarto pavimento entre os eixos das esquadrias há bossagem ornada. No segundo pavimento algumas janelas possuem contraverga triangular como frontão, já no quarto pavimento algumas janelas possuem contraverga em arco abatido. Entre o quinto e sexto andar há entablamento contínuo, as envasaduras do sexto piso são todas com vergas retas, na cobertura há terraço, e atualmente heliporto.

O prédio é revestido com argamassa raspada, as esquadrias são de madeira e vidro. Encontra-se caracterizado, muito bem conservado, foi bem restaurado.



Imagem 290: Fachada do edifício “Casa Dhélonne”. Foto da autora, 2016.



Imagem 291: Fachada Rua Líbero Badaró. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.



Imagem 292: Fachada Avenida São João. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

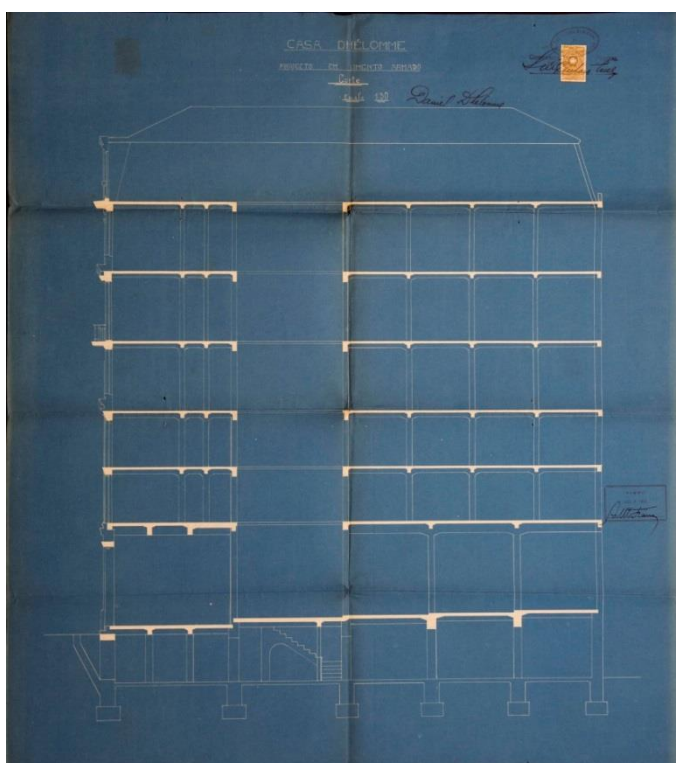


Imagem 293: Corte longitudinal. Na legenda da folha: *Projecto em cimento armado*. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

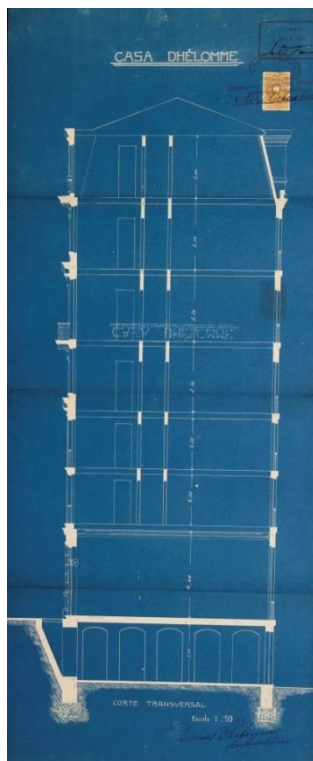


Imagem 294: Corte transversal. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

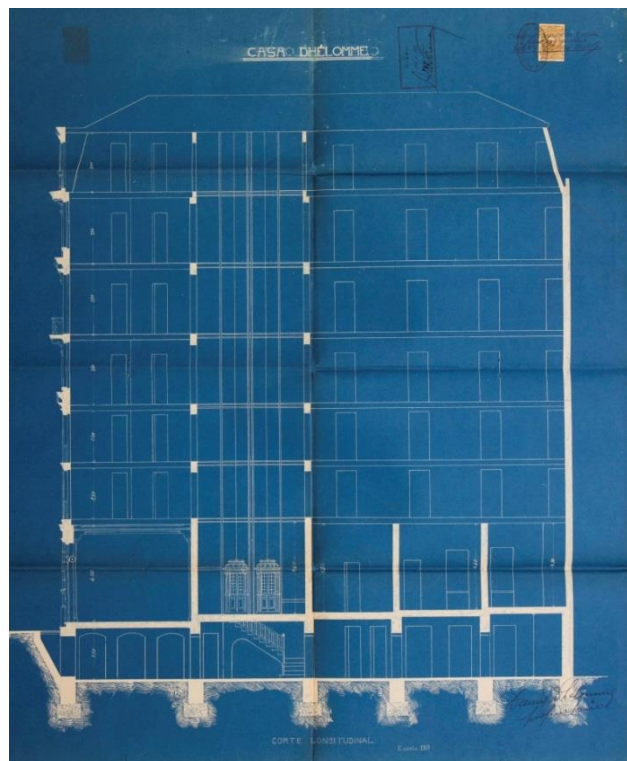


Imagem 295: Corte longitudinal. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

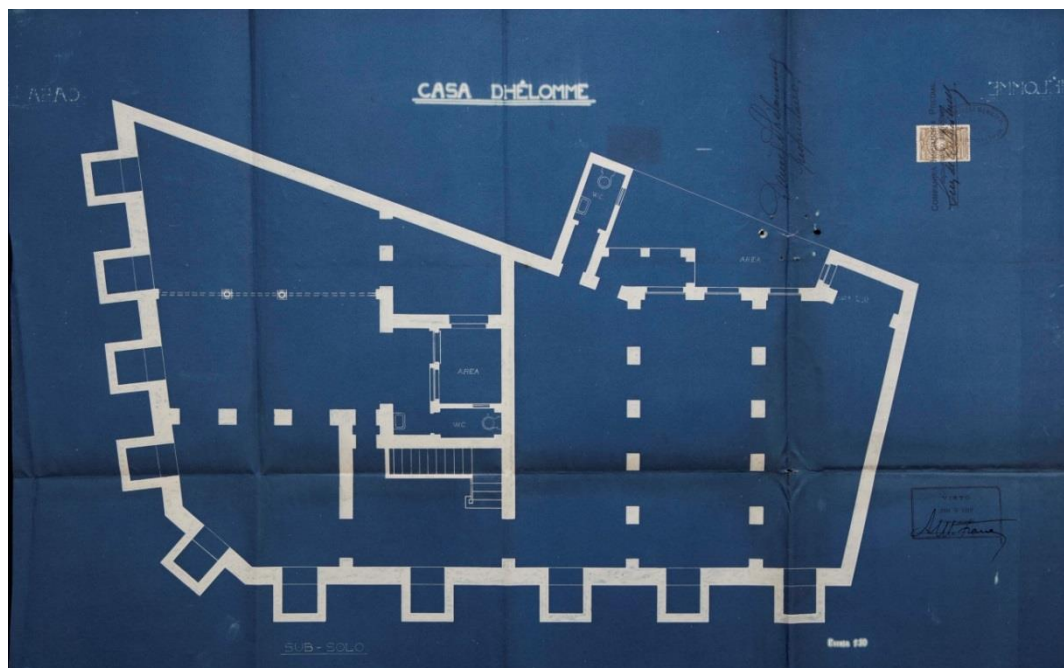


Imagem 296: Planta do pavimento: *Sub-solo*. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

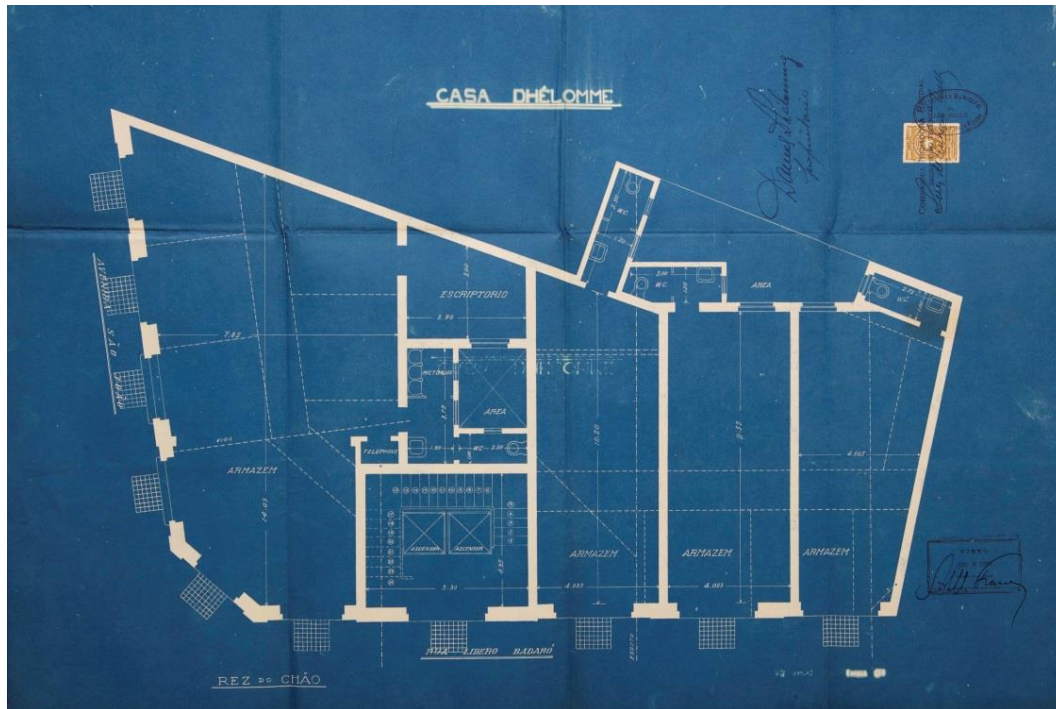


Imagem 297: Planta do pavimento: *Rez do chão*. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

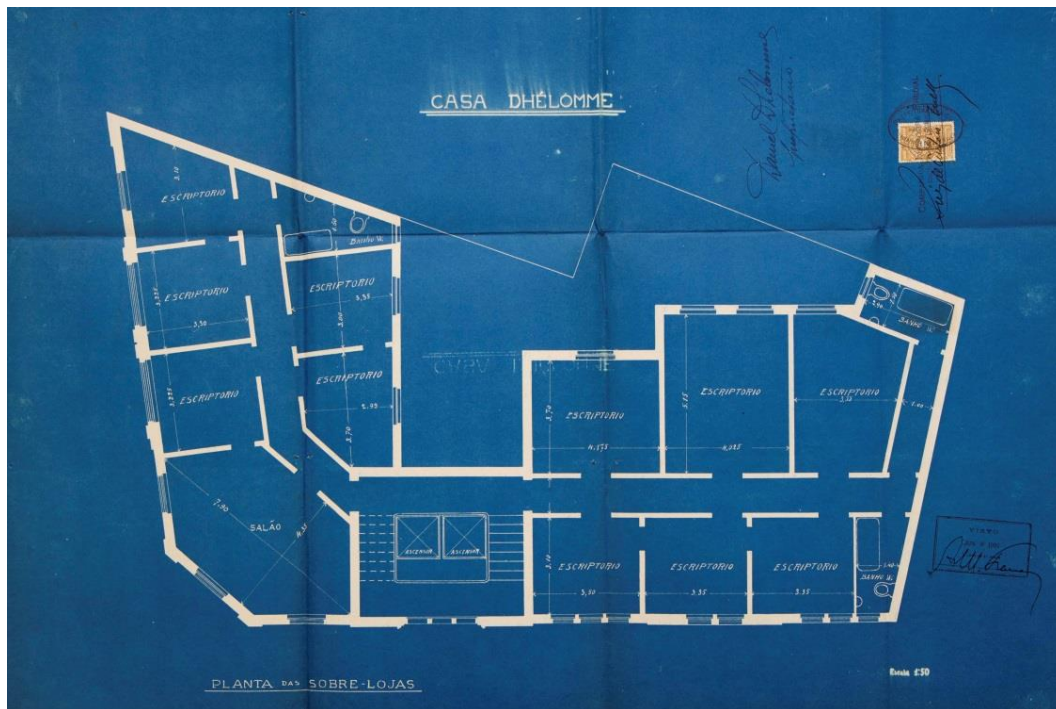


Imagem 298: Planta do pavimento: *Sobre-lojas*. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

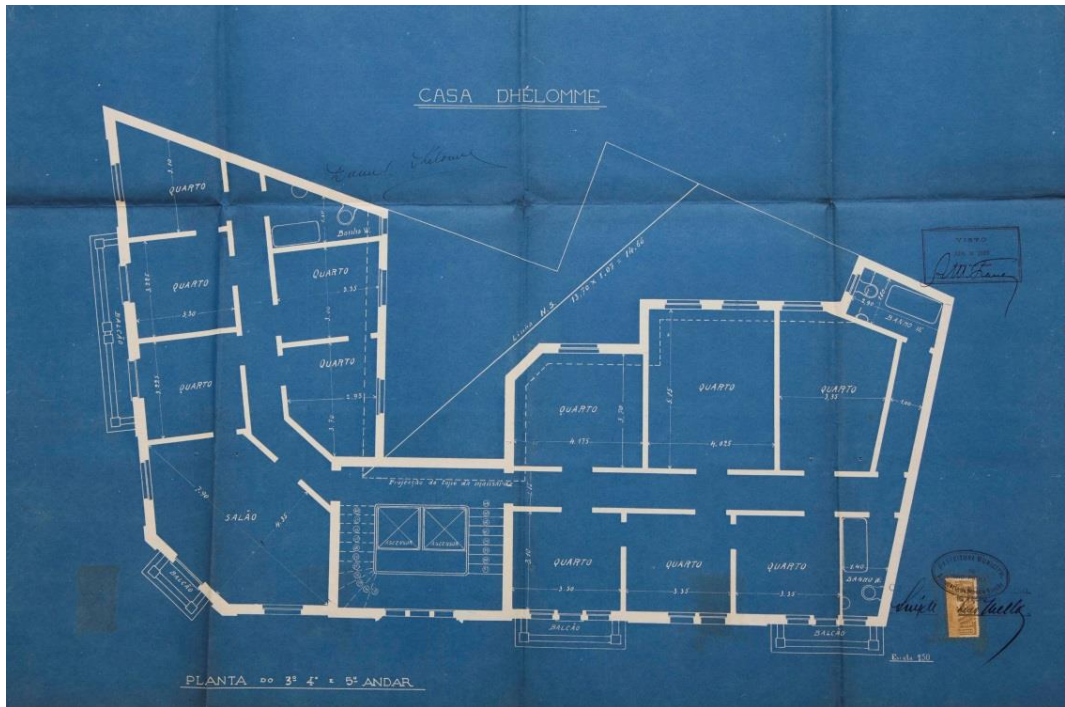


Imagem 299: Planta do pavimento: 3º 4º e 5º andar. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

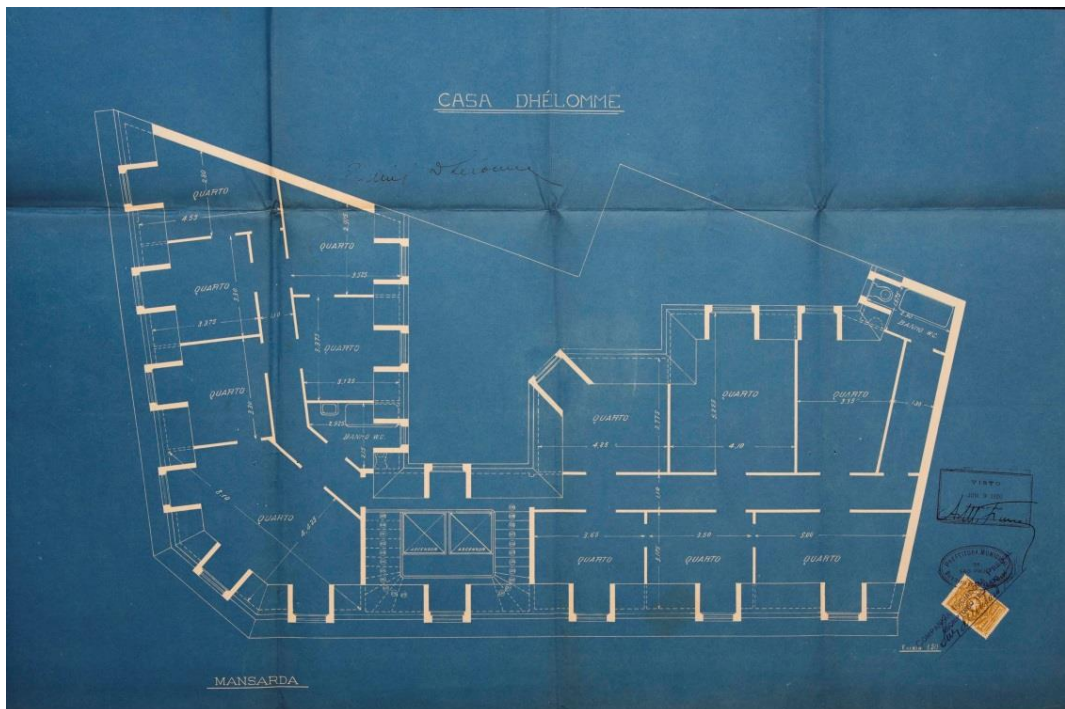


Imagem 300: Planta do pavimento: Mansarda. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

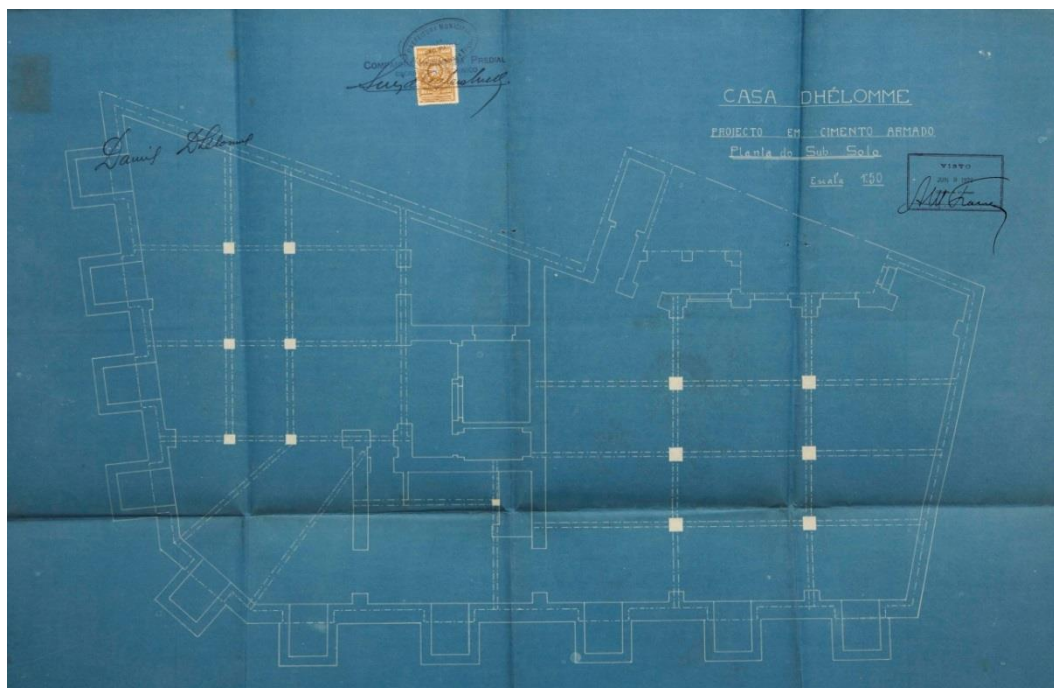


Imagem 301: Planta do pavimento: *Projecto em cimento armado. Sub-solo*. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

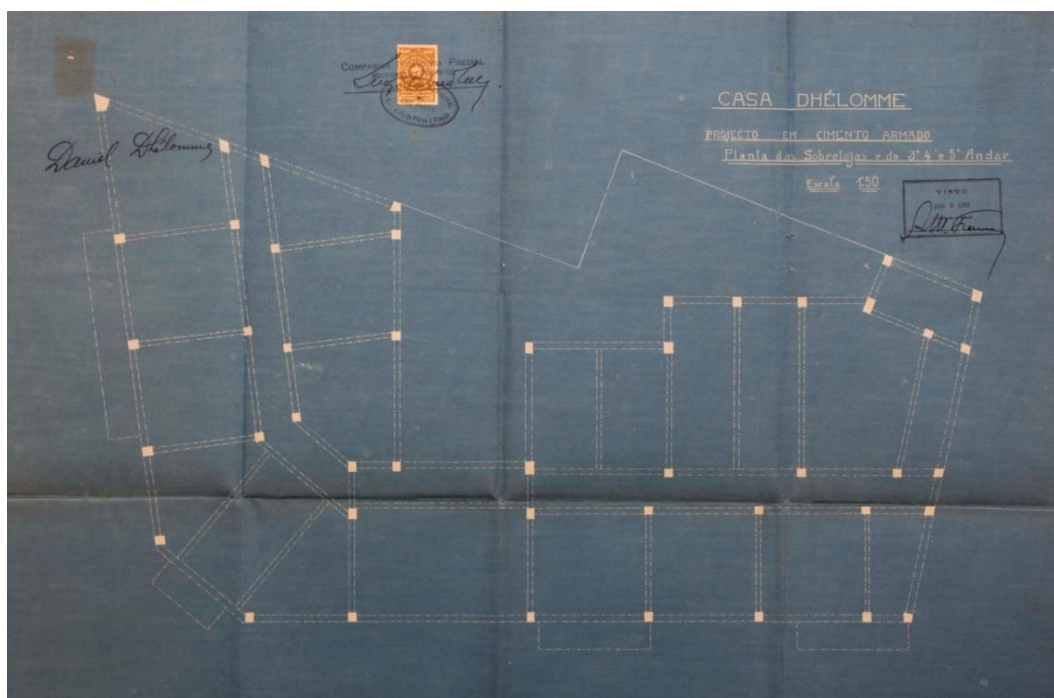


Imagem 302: Planta da estrutura dos demais pavimentos. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

3.2.8 Edifícios do lado ímpar, 1920.



Imagem 303: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.

Na busca realizada no Arquivo Histórico, muitos livros foram consultados, e nesse levantamento os registros foram feitos para posterior estudo e análise dos projetos na área de estudo. Muitas solicitações, em 1920, para os imóveis situados do lado ímpar também ocorreram, sendo algumas no mínimo curiosas³⁰⁷. Sendo assim, foram organizados os desenhos pela ordem da numeração antiga do maior para o menor, e por fim um imóvel com registro iconográfico.

A começar com uma edificação endereçada Avenida São João, número 183 (atual 577), neste endereço foi localizado desenhos que nos esclarecem sobre as envasaduras. Pois estas possivelmente são as mesmas do edifício que se situa neste endereço, entretanto, a edificação muito descaracterizada além de estar muito degradada. Todos os adornos que haviam na fachada eclética foram removidos, as esquadrias de vidro e madeira foram substituídas. Um dano, uma perda para a memória paulistana.

Para o imóvel endereção sob o número 175:

“Manoel Martins de Freitas, desejando alargar uma porta em seu prédio sito à Rua S. João no 175, e de acordo com a planta junta; requer à V. S. se digne mandal-a aprovar e expedir-lhe a necessária licença.

D.Deferimento”.

³⁰⁷ AHSP_OPA Cx S7, 1920.

“Nota do material a empregar no alargamento de uma porta à Rua S. João nº 175, propriedade do Sr. Manoel Martins de Freitas.

1º. Paredes com argamassa de cal e areia e revestimento da mesma argamassa; alvenaria de tijolos.

2º. Vigas de ferro de acordo com o calculo, para sustentar o peso da parede.

3º. Porta de aço, ondulada”.

Consta o cálculo das vigas de aço assinado por Vicente Branco.

A solicitação para o vizinho, número 173:

“Diz Felizberto Pedroso que desejando reformar a frente do prédio sito na Av. São João nº 173, de acordo com as plantas e memorial junto, vem respeitosamente pedir a V. Excia. se digne de conceder-lhe a necessária licença.

Nestes termos.

Pede deferimento.

E. R. Mercê.

S.Paulo, 27 de outubro de 1920

Felizberto Pedroso”.

No Memorial descritivo da obra:

“Para a reforma da frente do predio sito na Av. São João nº 173.

Serão tirados os peitoris actuaes das janelas existentes, para serem transformados uma em porta de 1 m, 10 X 4 ms de altura e duas vetrinas de 3,10 X 1,10. A porta de entrada será de almofada, pintada a óleo a três demãos. As vedrinas serão também pintadas a óleo a três demãos.

O proprietário e construtor.

Felisberto Pedroso”.

O desenho da edificação térrea no papel prussiato é muito detalhado, em escala 1:50.

No imóvel endereçado *Rua de São João*, sob número 167, esquina da Rua D. José de Barros:

“O abaixo assinado desejando levantar uma platibanda no Prédio da Av. São João 167 vem comunicar a V. Ex. que precisa de andaime.

Del.Cima Michell”.

Lendo os documentos, o alvará está assinado pelo técnico municipal A. Mello Franco, e pelo chefe da 2ª. Secção Técnica, o Engenheiro Arthur Saboya.

O interessado Carlos Trappeggia, entra com processo para a Rua São João, número 157, com o assunto: *construção de um tabique com grade de ferro em uma loja*, apresenta desenho da planta da edificação assinalado o local da intervenção, e detalhe em escala 1:20.

No endereço onde hoje está a Galeria Olido, construída na década de 1950, era endereçado os antigos números 151 e 153, que no ano de 1920 teve uma solicitação de projeto com desenhos para o Dr. Carlos Niemeyer, um edifício com térreo, sobreloja mais quatro pavimentos tipo. A fachada era pouco rebuscada de ornatos. No ano seguinte para o mesmo interessado consta os desenhos de um edifício com a fachada mais elaborada e menos um pavimento. Enfim não podemos afirmar se eram edifícios vizinhos, ou o que de fato foi construído. No levantamento iconográfico não foi encontrado nenhum registro deste quarteirão.

Os irmãos D’Alessio e Micheli, para o endereço Rua São João, número 147 entram com uma solicitação, a qual o assunto é: instalação de duas vitrines em uma casa de calçados. Não consta desenhos.

No imóvel vizinho, com vários desenhos em papel prussiato:

“Diz Del Cima Micheli, construtor, que tendo feito alterações na construção da Avenida São João Nº 141, vem por meio deste pedir a V. Ex. a substituição das referidas plantas, pagando o que for de lei.

P. Deferimento.

Del Cima Michell”.

Um edifício, também da década de 1920, no lado ímpar, o qual apenas encontramos registros iconográficos que nos apresenta a fachada eclética. Possui térreo mais três pavimentos e mansarda. Está situado do outro lado do Vale do Anhangabaú, na esquina com a Rua Libero Badaró. Atualmente, nesta mesma

esquina encontra-se um edifício com a mesma volumetria, entretanto com panos de vidros possivelmente sobrepostos a fachada original, o descaracterizando por inteiro. Um dano possivelmente reversível, mas assim outra vez danifica-se a memória urbana.

Contudo, o lado ímpar com certa timidez, mesmo sem ter passado por um “arrasa quarteirão” observa-se que também passou por alterações nas edificações, algumas pequenas outras maiores, não vem ao caso, o que nos interessa é a vivacidade, em 1920, do impacto urbano causado pelo alargamento da Rua São João.



Imagem 304: Fachada original, pormenor do desenho. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

Imagem 305: Edificação endereçada Avenida São João, número 183 (atual 577). Foto da autora.

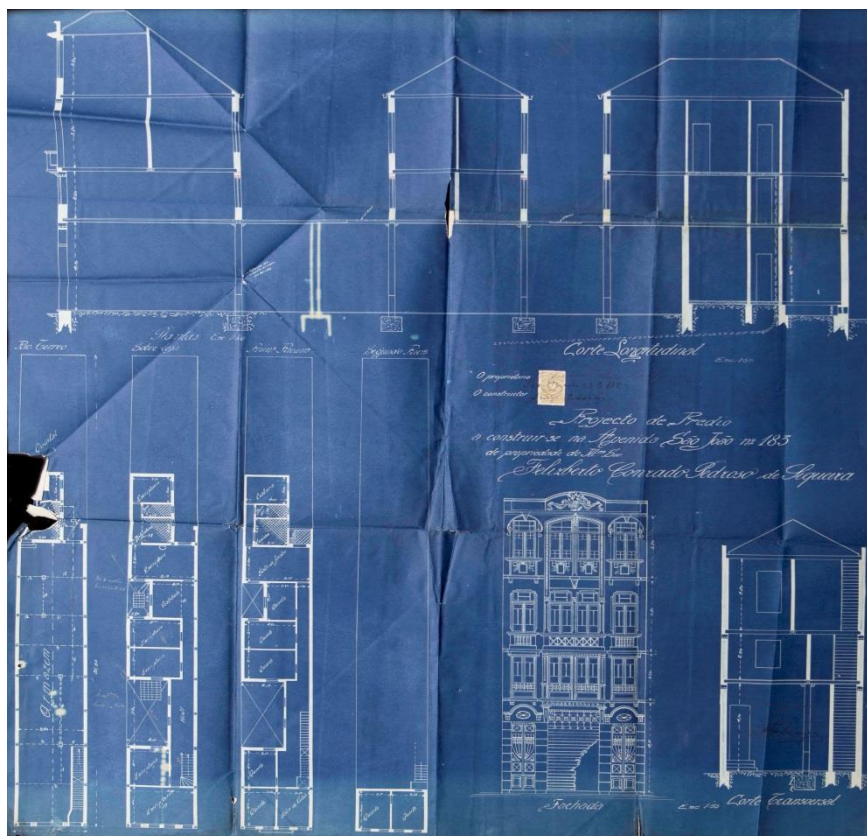


Imagem 306: Desenho original do projeto para o edifício antigo número 183. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

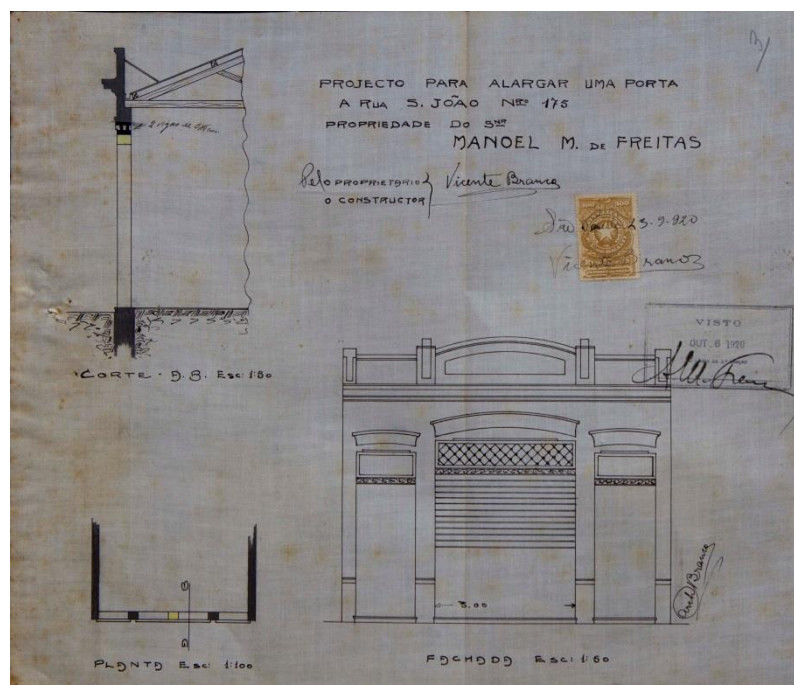


Imagem 307: Desenho original: Projecto para alargar uma porta a Rua S. João número 175. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

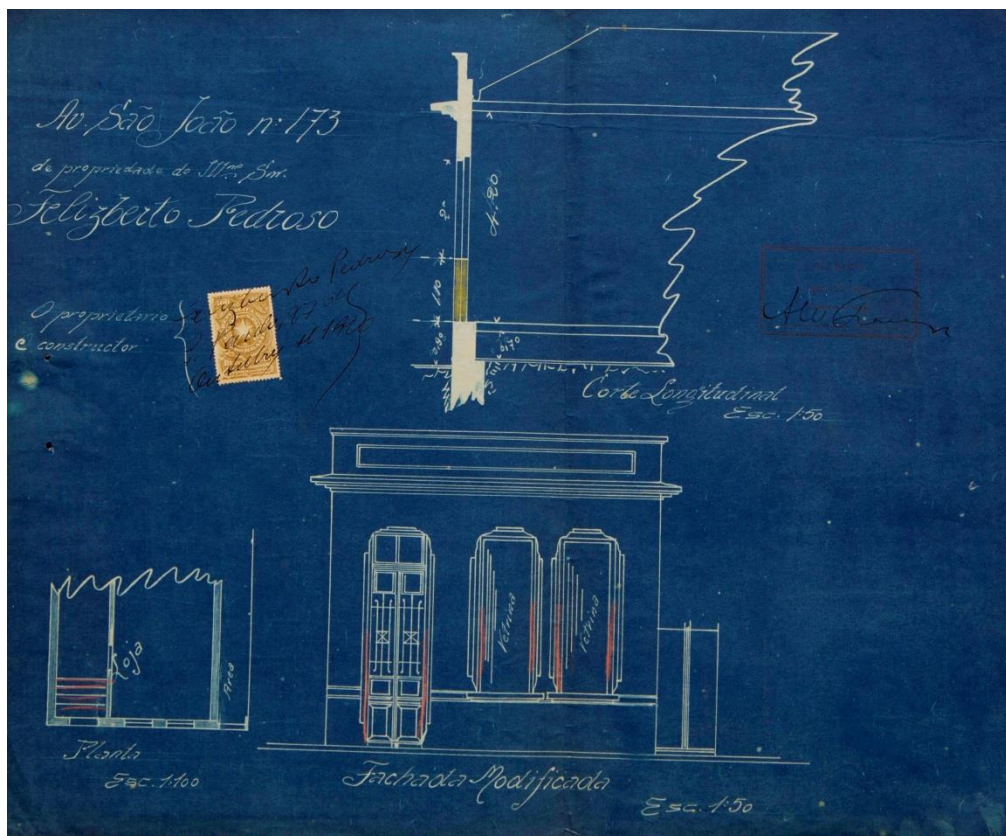


Imagem 308: Desenho original para modificação na fachada do imóvel à Av. São João, 173. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.

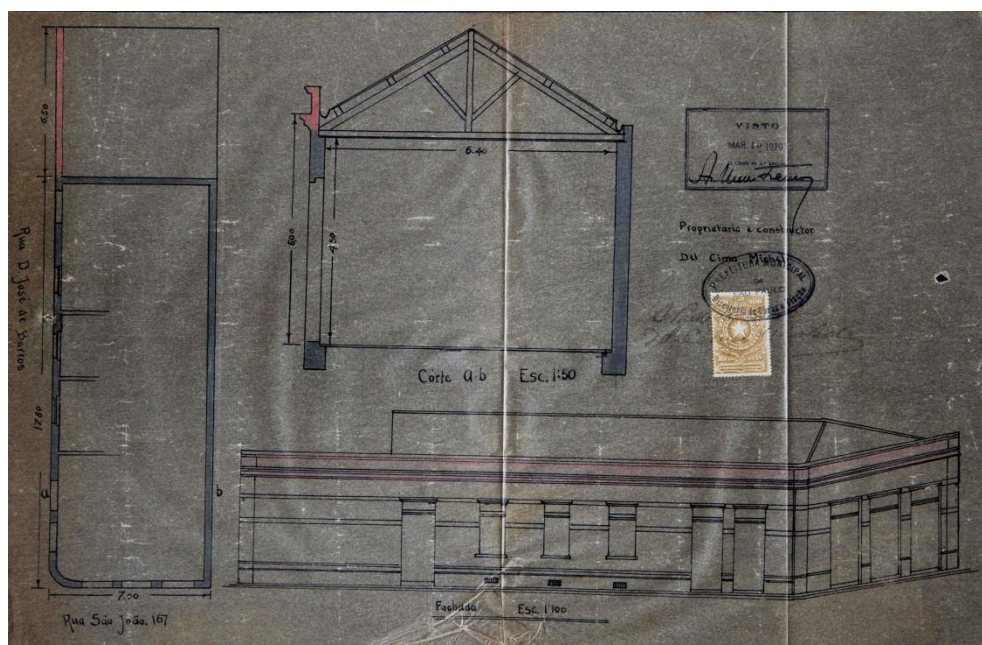
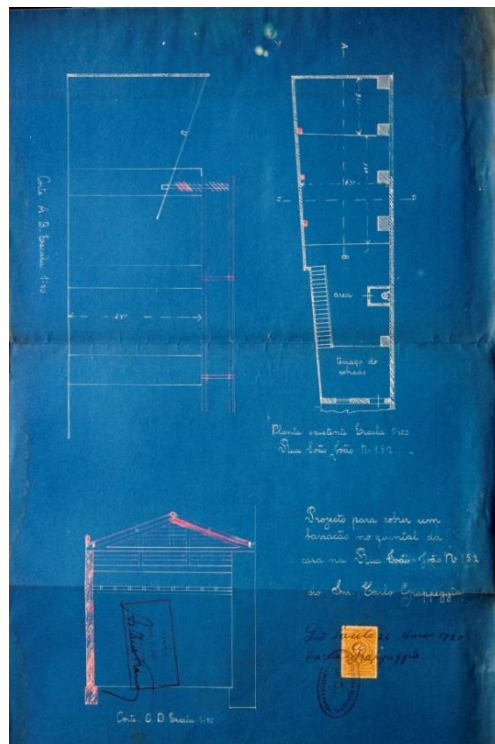
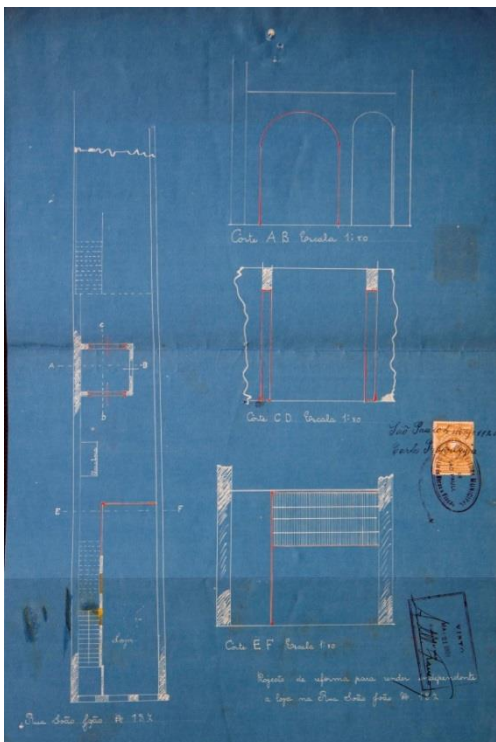
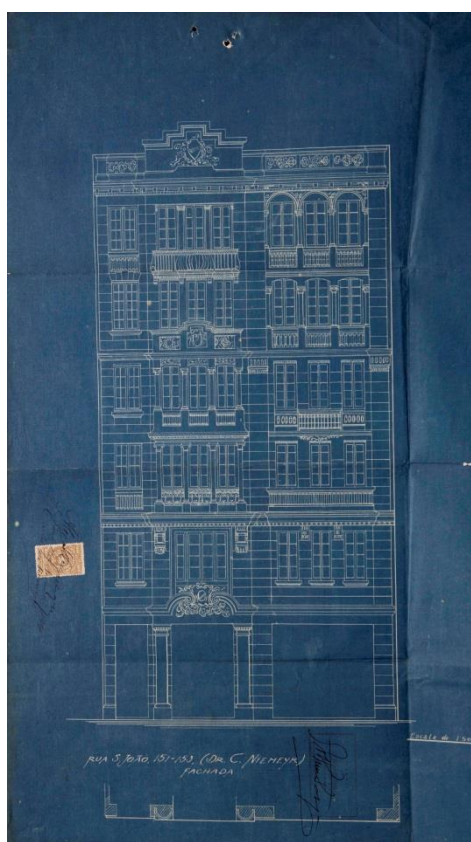


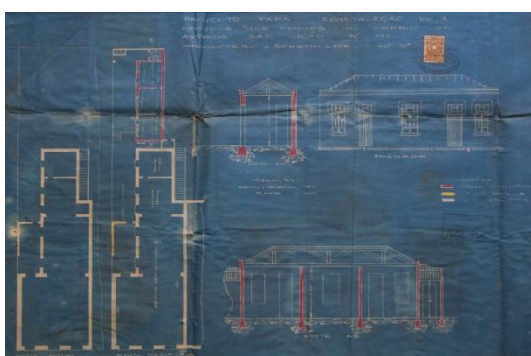
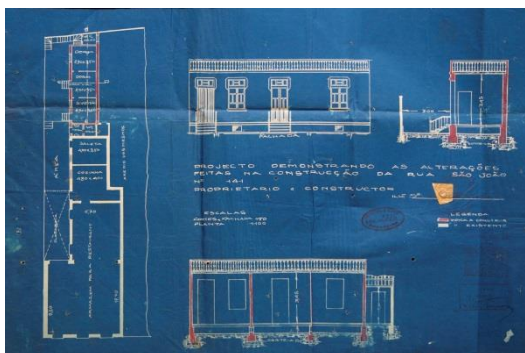
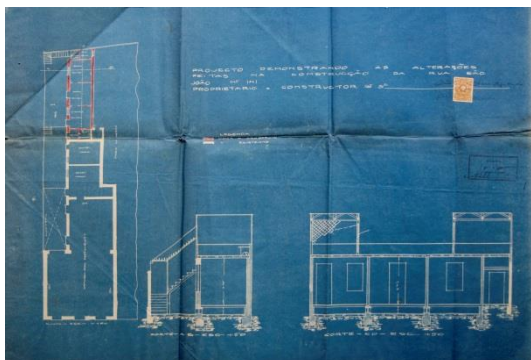
Imagem 309: Desenho original para a Rua São João, 167. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.



Imagens 310 e 311: Desenho original para reforma à Rua São João, 157. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.



Imagens 312 e 313: Endereçada onde hoje está a Galeria Olido, antigo número 151-153. Fonte: AHSP, OPA, Caixas S7/S8, 1920/1921.



Imagens 314, 315, 316, e 317: Desenhos Originais para reforma à Rua São João, 141. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.



Imagem 318: Esquina Avenida São João com Rua Líbero Badaró, foto tomada na década de 1970. Fonte: SALMONI e DEBENEDETTI, 2007, p.12.



Imagem 319: Cartão Postal, c. década 1920. Imagem 320: Pormenor do cartão postal focando o lado ímpar da Avenida São João. Fonte: Acervo Particular.

3.2.9 Edifício “Prédio dos Correios”, 1922.

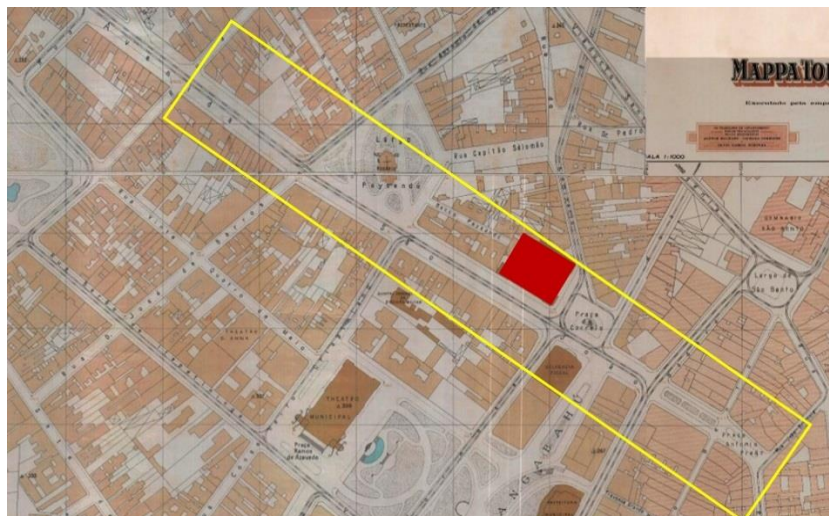


Imagem 321: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 322: Cartão Postal. Praça do Correio, à direita o monumento a Giuseppe Verdi, meado da década de 1920. Fonte: Sampa Histórica.



Imagem 323: Fachada para a Praça do Correio. S/d.

No quarteirão e vizinho dos hotéis Central e Britânia, na esquina para o Vale do Anhangabaú, em 1922 foi inaugurado o Prédio dos Correios e Telégrafos. Projetado por Domiziano Rossi e Felisberto Ranzini³⁰⁸, e a obra executada pelo Escritório Ramos de Azevedo.

Uma diferença na topografia do terreno permite o térreo voltado para o Vale do Anhangabaú e mezanino voltado para o acesso pela Avenida São João, com mais três pavimentos, a edificação tem fachadas ecléticas. A fachada principal é voltada para o Vale, onde era a Praça dos Correios.

O embasamento do edifício trata do térreo e mezanino, ou seja, dos acessos, tanto pela Avenida São João como o pelo Vale do Anhangabaú (Praça do Correio). A maior parte das envasaduras é arrematada com arco pleno, e no elemento da pedra chave aparece o adorno em estuque, as demais envasaduras estão alinhadas num corpo de três janelas, as vergas são retas, estão localizadas nas extremidades, e no chanfro do edifício. Sendo assim determinam o ritmo dos cheios e vazios desta grande edificação.

No corpo central as janelas são com vergas retas no primeiro e segundo pavimentos, as que compõem os corpos das extremidades possuem contravergas. Pilastras decorativas aparecem entre as janelas, e são interrompidas horizontalmente pelo entablamento entre o segundo e terceiro piso. No terceiro

³⁰⁸ Felisberto Ranzini (1881, Itália; 1976, São Paulo/SP) trabalhou no Escritório Técnico Ramos de Azevedo, contribuiu em grandes projetos como o Palácio da Justiça (1920 a 1933); o Mercado Municipal; e em projetos “menores” como a Residência Ernesto Dias de Castro (atual Casa das Rosas) na Avenida Paulista. Continuou sua atividade no escritório F.P. Ramos de Azevedo, Severo & Villares. Foi professor no Liceu de Artes e Ofícios. Ver mais em FICHER, 2005, pp.200-204.

pavimento todas as janelas possuem vergas em arco pleno intercaladas com falsas pilastras que possuem caneluras no fuste e adorno nos capitéis.

E o coroamento é feito por um entablamento contínuo, e platibanda balaustrada. Possui seis elementos com frontões independentes, sendo quatro nos arremates laterais e dois ao centro de cada fachada. Para a avenida São João, em baixo relevo encontra-se escrito TELEGRAFO, enquanto o frontão central para a Praça do Correio, possui um relógio.

Este prédio foi objeto do Concurso nacional de arquitetura para reciclagem do prédio da agência central dos Correios em São Paulo em 1997³⁰⁹. Foram entregues 172 projetos para análise da comissão julgadora composta pelos arquitetos: Abrahão Sanovicz, Antonio Carlos Sant'Anna, Carlos Lemos, Paulo Bastos, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Maria Aparecida Segre (ECT) e Antônio Luiz Winter (ECT); coordenados pelo arquiteto Cesar Bergström Lourenço. A proposta do concurso era restauro do edifício e adequação do prédio para um novo centro cultural no centro. A obra de restauro foi feita e o centro cultural viabilizado. Foi mantida uma agência dos Correios. Atualmente o prédio encontra-se bem conservado e caracterizado.



Imagem 324: Fachada lateral da Av. São João. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.

³⁰⁹ Sobre o concurso ler os artigos publicados nas revistas: AU, n. 71, p.24-25, 1997; e PROJETO, n. 207, p.58-63, 1997.

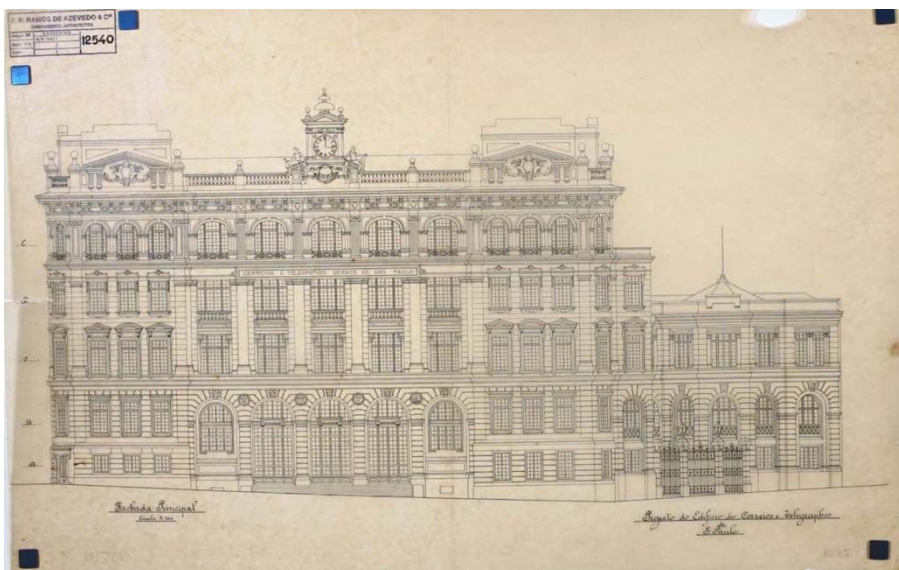


Imagem 325: Fachada principal, do Parque do Anhangabaú. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.



Imagem 326: Fachada lateral da Praça Pedro Lessa. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.

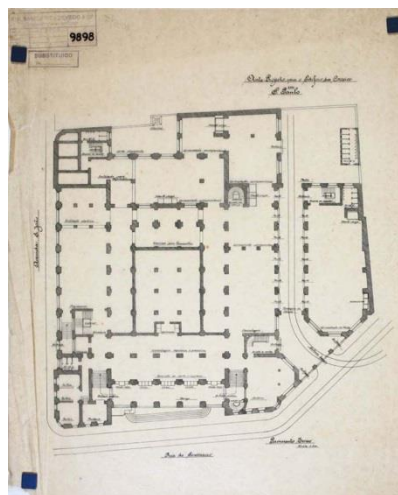


Imagem 327: Planta do pavimento térreo. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.

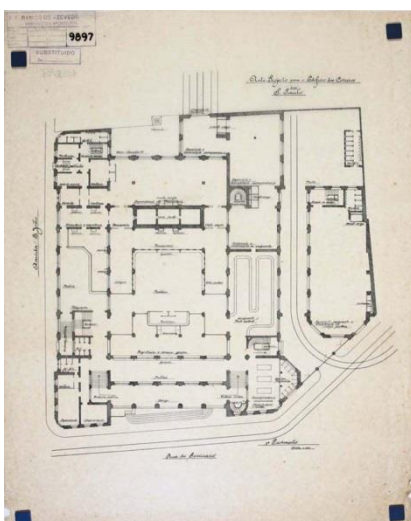


Imagem 328: Planta do 1º pavimento. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.

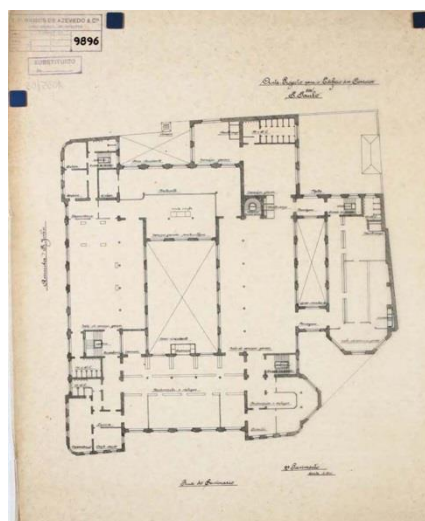


Imagem 329: Planta do 2º pavimento. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.

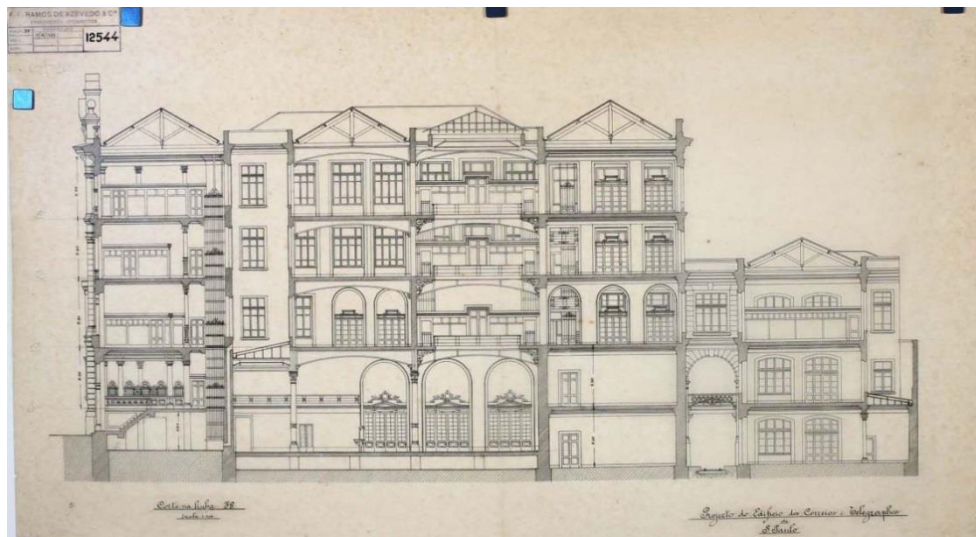


Imagem 330: Corte F – G. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.

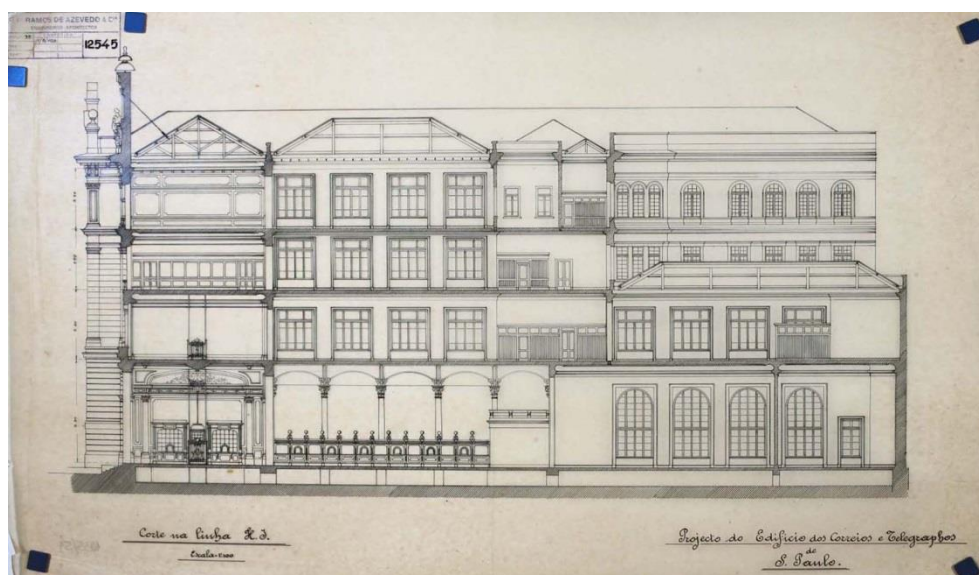
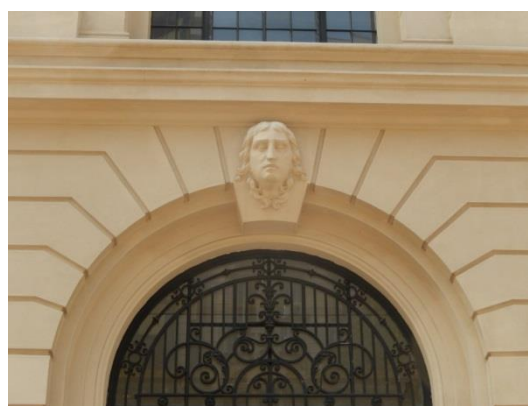
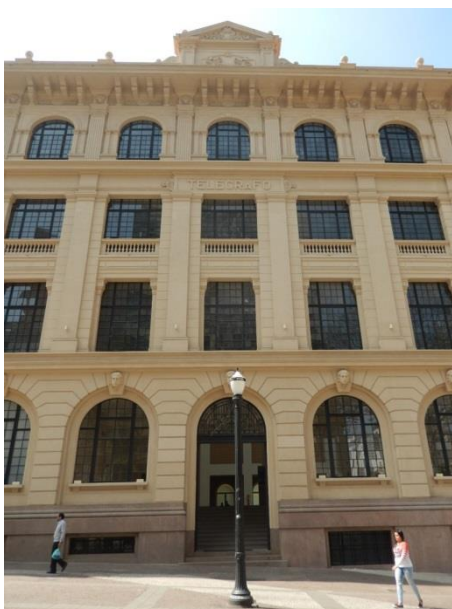


Imagem 331: Corte H – I. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.



Imagem 332: Fachadas do “Prédio dos Correios”. Vista da esquina da Avenida São João com a Praça dos Correios. Foto da autora, 2016.



Imagens 333 e 334: Detalhes da fachada do “Prédio dos Correios”. Foto da autora, 2016.



Imagens 335 e 336: Detalhes da fachada do “Prédio dos Correios”. Foto da autora, 2016.

3.2.10 Edifício antigo número 110, esquina Rua Ipiranga, 1922.



Imagem 337: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 338: Fachada da esquina da Avenida São João com a Avenida Ipiranga. Foto da autora, 2015.

Projetado e construído pela Companhia Iniciadora Predial, em 1922, o imóvel endereçado a Avenida São João, número 110-128 (atual 620), para o Sr. Alfredo Laudisio, na esquina com a antiga Rua Ypiranga. Uma pequena edificação em concreto armado e alvenaria de tijolos, revestida em argamassa raspada.

Consta na documentação, que a frente para a Avenida São João possui 15 metros, 3,5 metros para o chanfro, e 8 metros para a Rua Ypiranga. As áreas dos pavimentos correspondem 135 m² para o térreo (loja), 118 m² para o primeiro, e 110 m² para o segundo e 110 m² para o terceiro. Além dos desenhos e memorial descritivo a solicitação está assinada por Ricardo Severo.

“O abaixo assinado tendo sido encarregado da construção de um prédio de 4 pavimentos e porão, na Avenida São João n.º. 128 (tinta) esquina da Rua Ypiranga, vem submeter á aprovação de V. Excia. os desenhos de planta, alçada e corte, assim como o memorial descritivo das obras e requer o respectivo alvará de licença e alinhamento, na extensão de 14,35 metros na Avenida São João e 7,90 metros na Rua Ypiranga.

Nesses termos. P. Deferimento,

Ricardo Severo

Com carimbo: Companhia Iniciadora Predial³¹⁰.

O edifício com subsolo, no térreo foi projetado para ser armazém. Os outros três pavimentos foram projetados para apartamentos residenciais. A fachada possui no térreo envasaduras para portas comerciais. O acesso aos pavimentos superiores é feito pela antiga Rua Ypiranga. Há um ritmo entre as fachadas para as avenidas e o chanfro.

Para a Avenida São João são quatro sequências de envasaduras, todas com vergas retas. Sendo duas delas com um leve avanço ao alinhamento, como uma espécie de *bay window*. Esta composição se repete na fachada para a Avenida Ipiranga, em composição com o chanfro e a sequência sobre o acesso. Nesta sequência há apenas uma alta envasadura central com verga reta, bossagem decorada, e uma envasadura menor arrematada em arco pleno, distinguindo-se das demais esquadrias do edifício. No terceiro piso os guarda-corpos são todos em ferro com serralheria artística. O coroamento possui cimbalha e platibanda continuas com dois

³¹⁰ AHSP_OP cx S6, 1922.

pontos em destaque, equivalente as sequencias com as “*bay windows*”, com um “frontão” em arco abatido e adorno circular no eixo central do tímpano. Nos desenhos originais estudados, do AHSP, o coroamento era sem frontão. Esta modificação deve ter sido feita em alguma posterior reforma.

Atualmente o prédio é utilizado para fins comerciais, está com as características arquitetônicas preservadas, bem conservadas, porém com alguns danos patológicos.



Imagem 339: Desenho da Fachada sobre a Avenida São João. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.

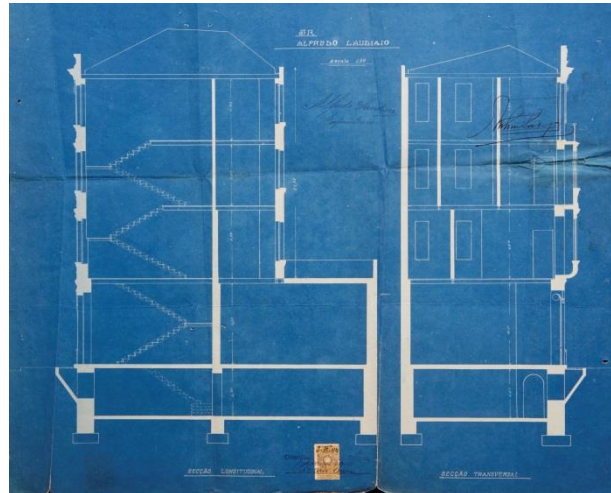
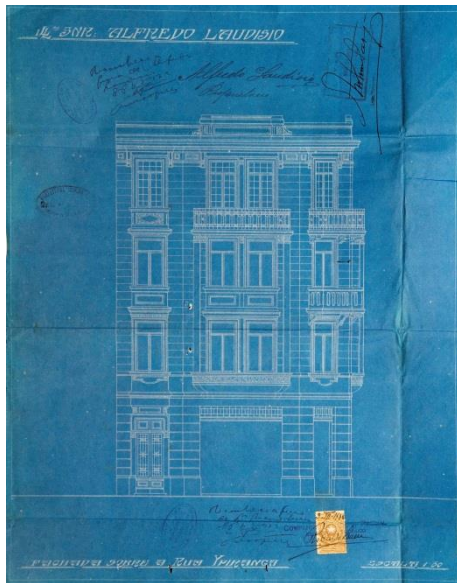


Imagem 340: Desenho da Fachada sobre a Rua Ypiranga. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.

Imagem 341: Cortes Longitudinal e Transversal. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.

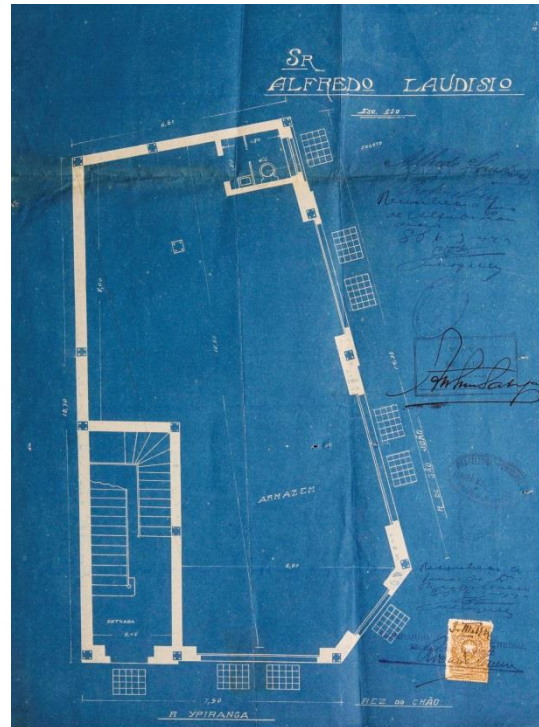
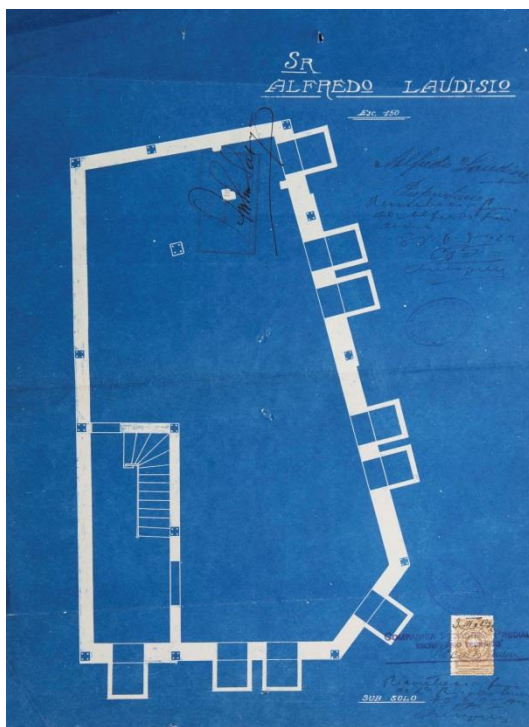


Imagem 342: Planta do Sub-solo. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.

Imagem 343: Planta do Rez do chão. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.

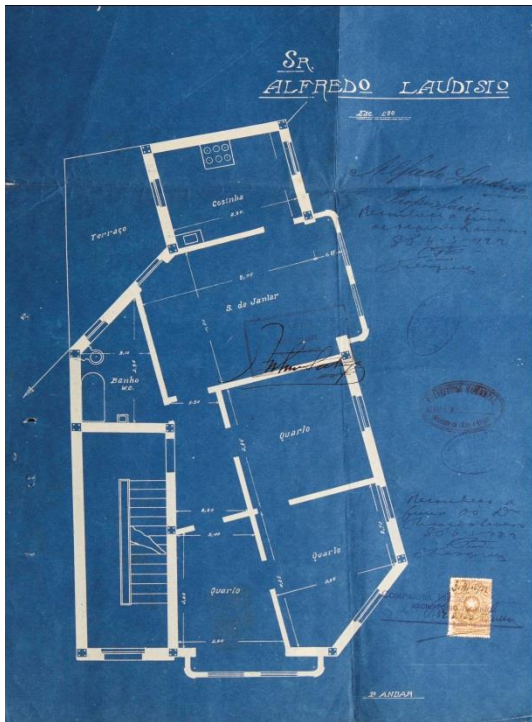


Imagem 344: Planta 1º andar. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.

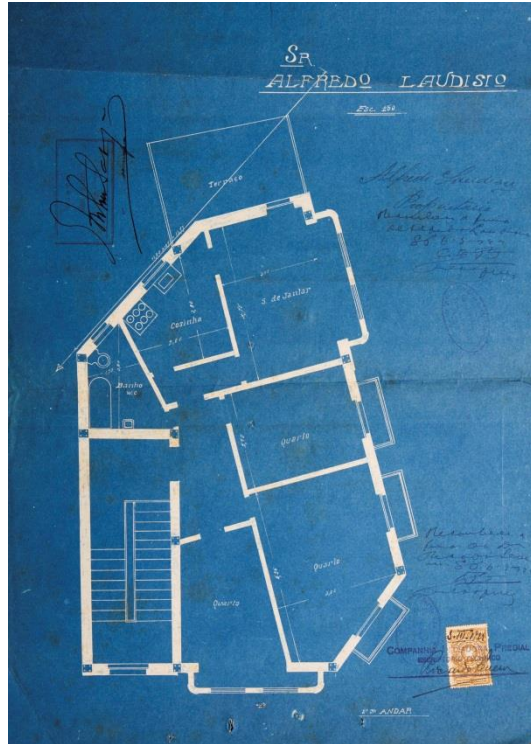


Imagem 345: Planta 2º e 3º Andar. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.



Imagem 346: Fachada para a Avenida Ipiranga. Imagem 347: Fachada para a Avenida São João. Foto da autora, 2016.

3.2.11 Edifício antigo número 14, 1922/25.



Imagem 348: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 349: Fachada para a Avenida São João. Foto da autora, 2015.

Resultante das desapropriações para o alargamento da Rua São João, o lote com planta em forma de um triângulo escaleno, de propriedade de Daniel Dhelomme, em 1922, sob o escritório Engenheiros Architectos F. P. Ramos de Azevedo & C.^a solicitou:

“Os abaixo assignados, encarregados da construção de um prédio à Av. São João em o terreno situado a 11,50 do prédio da esquina da Rua Líbero Badaró (lado par de ambas vias públicas) de acordo com as plantas, cortes e memorial juntos requerem de V. Exa. o necessário alvará de construcção” (sic.).

Além dos desenhos, consta o memorial descritivo:

“Predio com porão, pavimento térreo, sobre loja e 2 andares conforme indicam as plantas, cortes e fachadas juntos.

Os pavimentos de sobre loja e andares se prolongam em bay-window satisfazendo os arts. 89 e seguintes do actual Padrão Minicipal. A architectura da fachada não póde satisfazer in totum o paragrapho 2º do art. 100 devido á forte declividade do trecho da Avenida, o que impede a concordância das linhas horizontaes, tendo comtudo observado o que prescreve a letra (b) do mesmo paragrapho.

A estrutura do prédio será em concreto armado com muros em alvenaria de tijolos.

Pavimentos dos gabinetes sanitarios em ladrilhos de grez cerâmico. Barras de azulejos com 1,50 de altura nos muros dos mesmos.

Cobertura em chapa galvanizada. Calhas e condutores do mesmo material.

Caixilhos com vidros em todas as aberturas”.

Estudando os desenhos, lê-se nas plantas e cortes a distribuição da circulação vertical situada na parte mais estreita do triângulo. Os lados do triângulo medem: para a frente 12,20 m²; à esquerda 5,80 m² e à direita 11,80 m². O primeiro projeto apresentado possuía porão, térreo, sobreloja, mais dois pavimentos tipo, o projeto executado possui quatro pavimentos tipo.

O térreo possui estabelecimento comercial, e locado ao centro o acesso para o subsolo e para os pavimentos superiores. Da sobreloja ao quarto pavimento o

resultado da *bay-window* na fachada ficou elegante, além de ter melhorado muito a circulação vertical. Todos os andares possuem apenas um escritório, a área útil em torno de 45 m².

A fachada possui uma composição eclética simétrica com destaque no eixo central da *bay-window*, e a cada lado mais um eixo de envasaduras, com três aberturas que possuem composição diversificadas, e todas vedadas com caixilharia de vidros. Entre os pavimentos apresentam-se bossagens com temas diferenciados. Coroando o edifício tem-se a cimalha e a platibanda.

Foi concluído em 1925, atualmente suas características arquitetônicas e decorativas estão preservadas, entretanto mal conservadas, com leves descaracterizações.



Imagens 350 e 351: Ornatos da fachada. Fotos da autora.



Imagem 352: Fachada principal. Foto da autora, 2016.

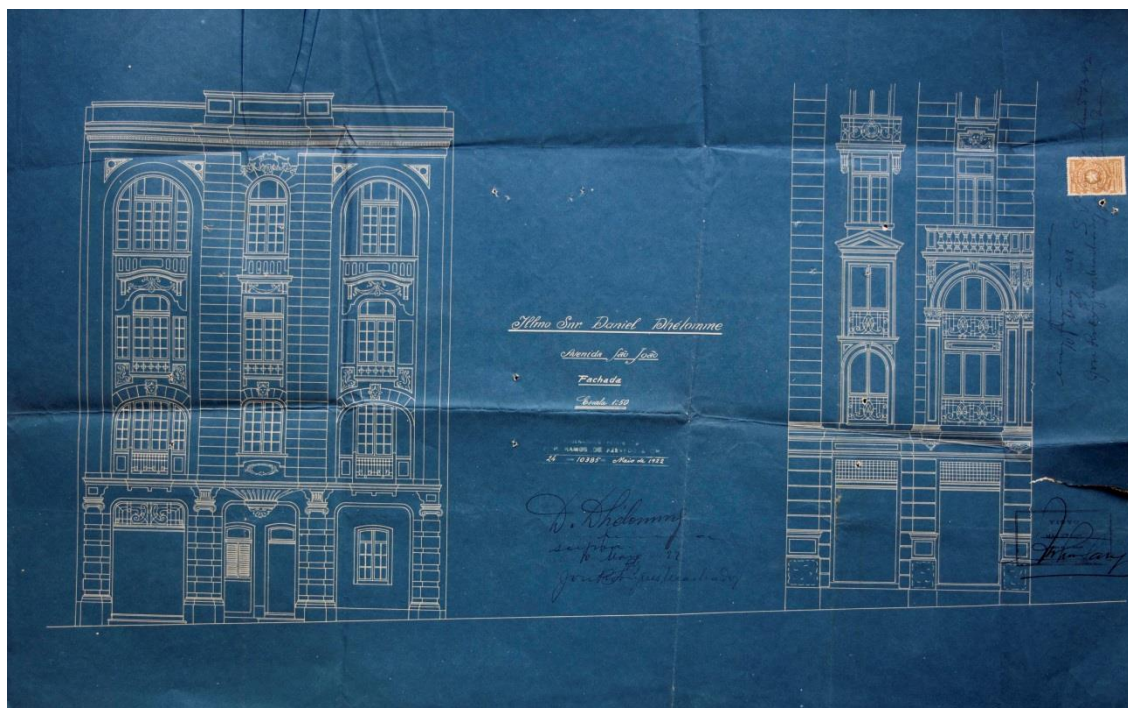


Imagem 353: Desenho original da Fachada. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.

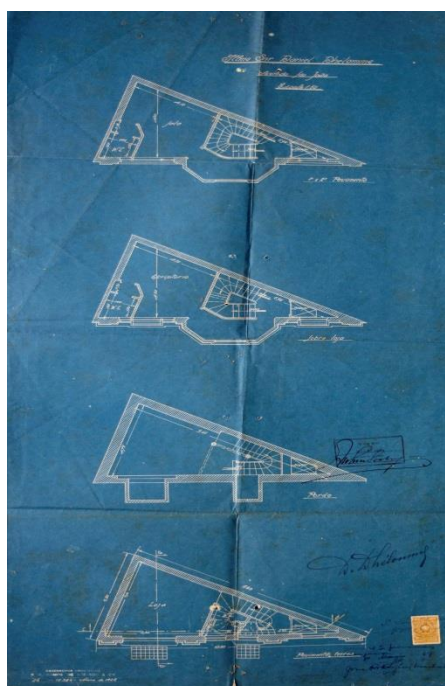


Imagem 354: Desenho original das plantas: porão, pavimento térreo, sobre-loja, 1º e 2º pavimentos. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.

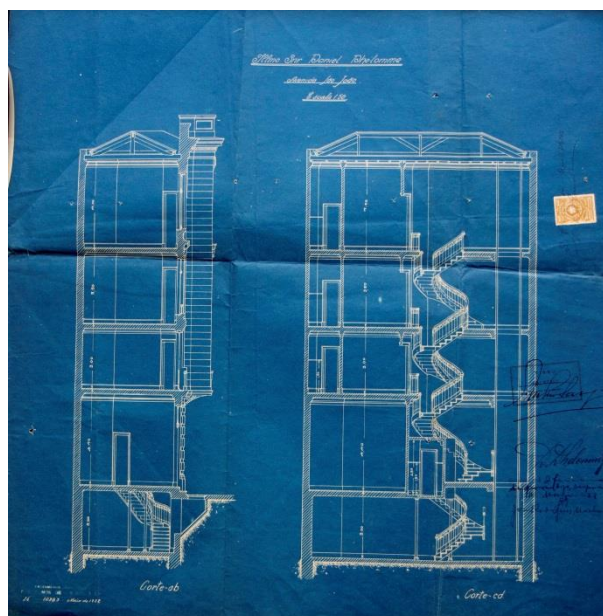


Imagem 355: Desenho original dos cortes: ab e cd. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.

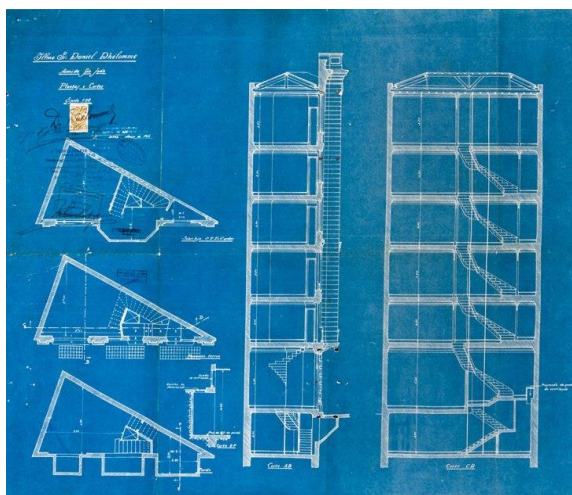
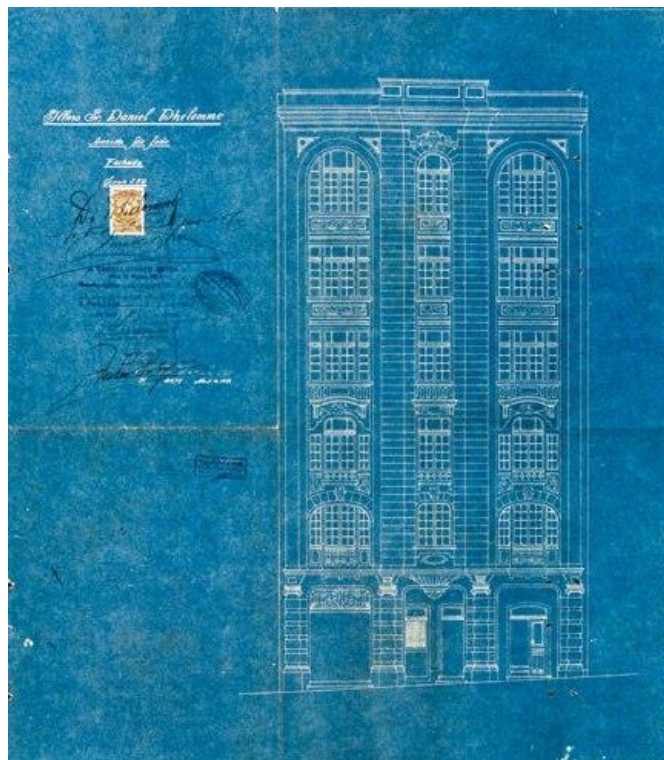


Imagem 356: Desenho original da fachada executada. Desenho das plantas da edificação executada.
Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922. DPH/FAU-USP Inventário 2012.

3.2.12 Edifício “Baraúna”, 1923.

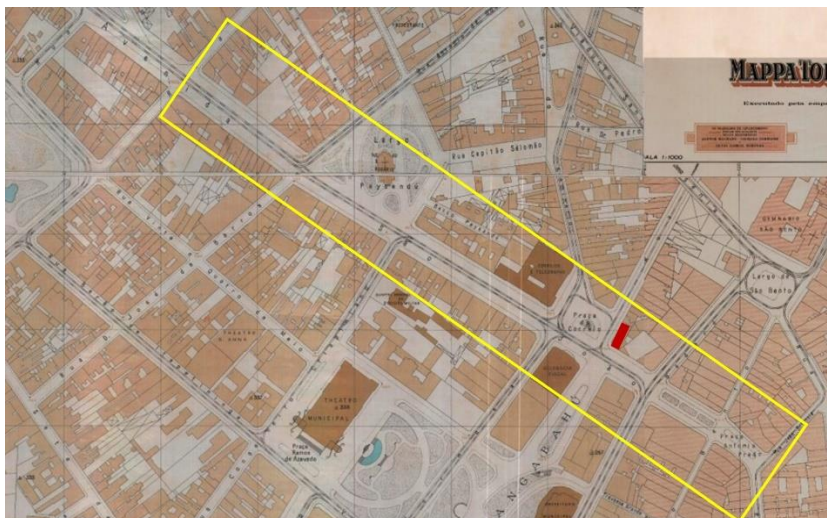


Imagem 357: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 358: Praça do Correio, à esquerda monumento a Giuseppe Verdi, c. 1926, por Theodor Preising. Em: IMS. São Paulo e suas imagens. p. 120.



Imagem 359: Vistas das fachadas para o Vale do Anhangabaú e para a Avenida São João. Imagem 360: Vista do quarteirão em que se situa o edifício Baraúna. Fotos da autora, 2015.

Em 1923, assinado pelo arquiteto Ricardo Severo há a solicitação:

“O abaixo assinado, tendo de construir para a Santa Casa de Misericórdia da Capital um prédio de sobrado, situado á Avenida de S. João, esquina da praça dos Correios, vem submeter a apreciação de V. Excia. os desenhos de plantas, fachadas e córtes solicitando o necessário alvará de licença, bem como licença para andaime na extensão de 9,00 mts. Na Avenida de S. João, 3,50 de canto e 31,10 na praça dos Correios.

N'estes termos.

*P. Deferimento”*³¹¹

Denominado “Edifício Baraúna”, foi construído em concreto armado e alvenaria de tijolos, revestido com argamassa raspada. As esquadrias são de madeira e vidro. O pavimento térreo é todo comercial, considerando o porão que decorrente da topografia faz frente voltada para o Vale do Anhangabaú.

Estudando as plantas originais a circulação vertical está resolvida com dois acessos independentes, um pela Avenida São João, número 16 (atual 126) e o outro pelo

³¹¹ AHSP, OPA_cx 141 S7, 1923, inclusive os desenhos.

Vale do Anhangabaú (Praça do Correio), ambos no limite do terreno com a edificação vizinha. Para a ventilação do ar e iluminação de todos os ambientes, há um poço interno. O porão é acessado pelas escadas, é um grande espaço único. O piso *rez do chão* considera a cota do acesso pela Avenida São João. Projetado para ser armazém, há muitos anos é o Restaurante Guanabara. O piso da sobreloja possui salas de escritório, banheiros, “loggia”, e interessante é a grafia “*ascensor*” para o elevador. O primeiro andar em planta é igual a sobreloja. No segundo andar, os ambientes são para jogo de mesa, bilhar, um deles medindo 8,00 m por 5,60 m com a denominação “*baccarat*”, e nos cômodos voltados para a Avenida, “*restaurant*”, “*buffet*”, além da “*cosinha*” e “*toillete*” e “*wc*” (sic.)³¹². No terceiro piso próximo ao acesso da Avenida há o hall de distribuição para banheiros, um cômodo para guarda-roupa, uma sala voltada para o chanfro, um grande salão com palco que acessa o terraço cobertura de parte do edifício. O ático faz pé direito duplo para o salão, proporcionando balcão em todo o entorno voltado para o palco; além de banheiro, uma sala para secretaria e outra para diretoria (no chanfro).

A composição da fachada é neocolonial³¹³, lembrando que o imóvel é de esquina, no embasamento as envasaduras são todas para comércio, sendo a primeira a direita de quem olha da Avenida São João, o acesso para os pisos superiores com verga em arco pleno. O outro acesso, no Vale do Anhangabaú, também possui verga em arco pleno e sobreverga com bossagem adornada. Entre o térreo e o piso da sobreloja há entablamento contínuo distinguindo o corpo. No andar da sobreloja entre as janelas e o entablamento há almofadas decorativas. No primeiro e terceiro pavimento no chanfro há presença de muxarabie em madeira. Algumas das envasaduras possuem guarda corpo em ferro com serralheria artística. As esquadrias são em madeira e vidro. Entre o terceiro e quarto pavimento há um simples entablamento contínuo. O quarto pavimento possui área construída menor que os demais, devido ao recuo para o interior do lote, que é utilizado como um terraço. Nos vãos das janelas deste pavimento, e na pequena varanda há presença dos balcões com pequenos arcos sobrepostos considerados um detalhe característico do Neocolonial³¹⁴.

³¹² *Baccarat* é um jogo italiano com cartas de cassino. As grafias estão entre aspas pois assim se encontram nos desenhos.

³¹³ Conforme o Dicionário da Arquitetura Brasileira, de Corona & Lemos, p. 337, neocolonial foi o movimento artístico que visava o renascimento e a respectiva estilização das características arquitetônicas das construções brasileiras do tempo da Colônia. Dentre os precursores está o arquiteto português Ricardo Severo. Desse movimento perdurou o gosto pelos estudos teóricos, não perpetuou o desejo de uma nova arquitetura brasileira, muito saudosista e pouco racional.

³¹⁴ Detalhe provavelmente criado e utilizado pelo arquiteto Victor Dubugras, que pode ser considerado como um elemento típico do Neocolonial. REIS FILHO, 2005, p.82.

O coroamento é com cimalha e platibanda, tendo esta um acabamento diferenciado no chanfro e um destacado frontão adornado com volutas no eixo central da fachada para o Vale do Anhangabaú. Este eixo corresponde ao vão da “loggia” nos pisos da sobre loja e primeiro.

O arquiteto português Ricardo Severo³¹⁵ foi um teórico e prático do neocolonial no Brasil, um profissional ativo no período que se refere este estudo, tanto para projetos comerciais como para residenciais da elite.



Imagem 361: Fachada para o Vale do Anhangabaú. Foto da autora, 2016.

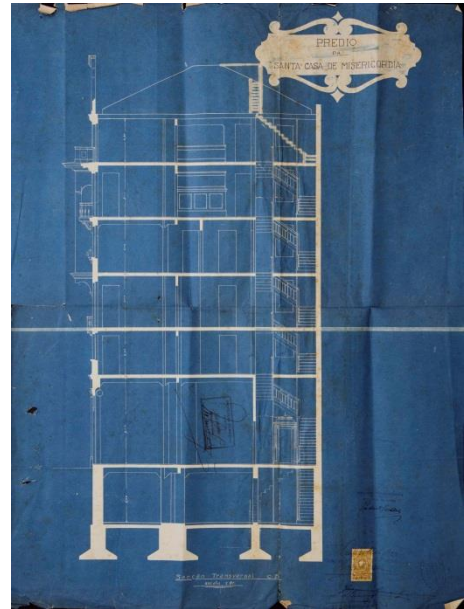
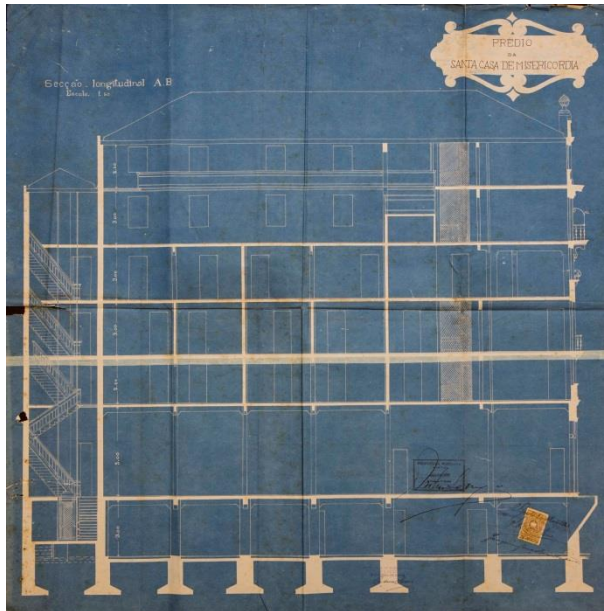
³¹⁵ Ricardo Severo da Fonseca Costa nasceu em 1869 na cidade de Lisboa, em 1890 formou-se em Engenharia Civil de Obras Públicas, e no ano seguinte em Engenharia Civil de Minas, ambos na Academia Politécnica do Porto. Sobre este profissional ler MELLO, 2007 e PINHEIRO, 2011.



Imagem 362: Desenho da fachada para o Vale do Anhangabaú. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.



Imagem 363: Desenho da fachada para a Avenida São João. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.



Imagens 364 e 365: Desenho dos cortes. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.

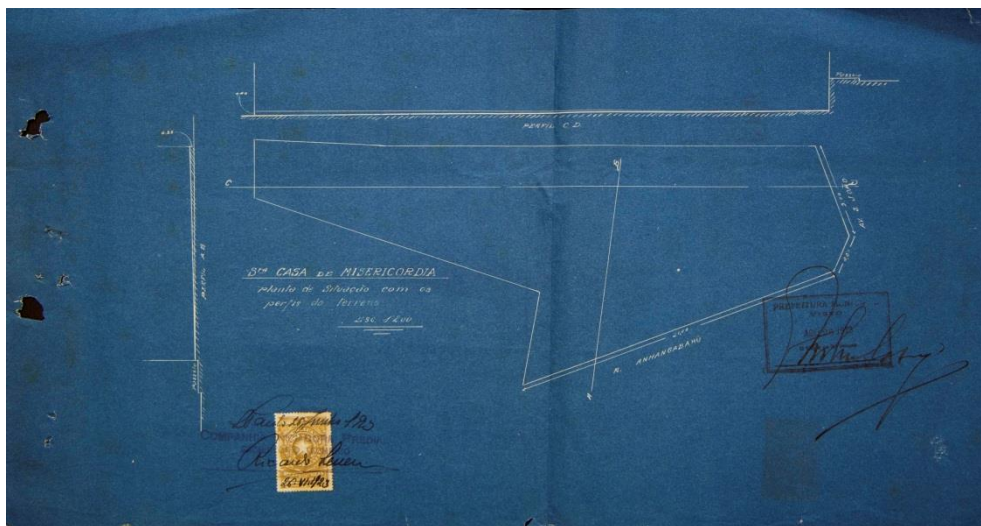


Imagem 366: Desenho da planta de implantação. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.

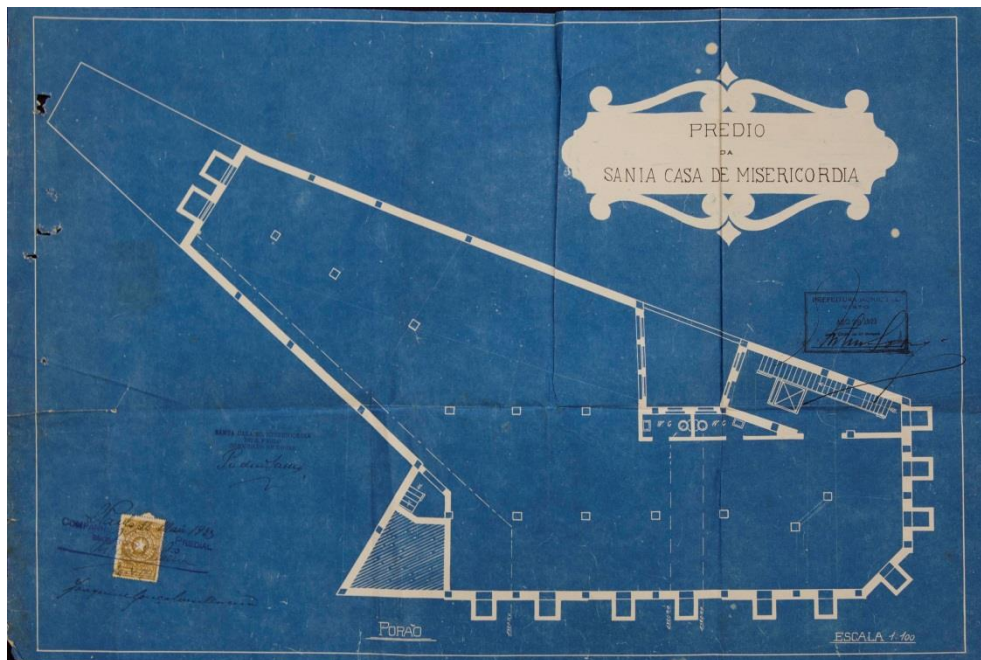


Imagem 367: Desenho da planta do *Porão*. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.

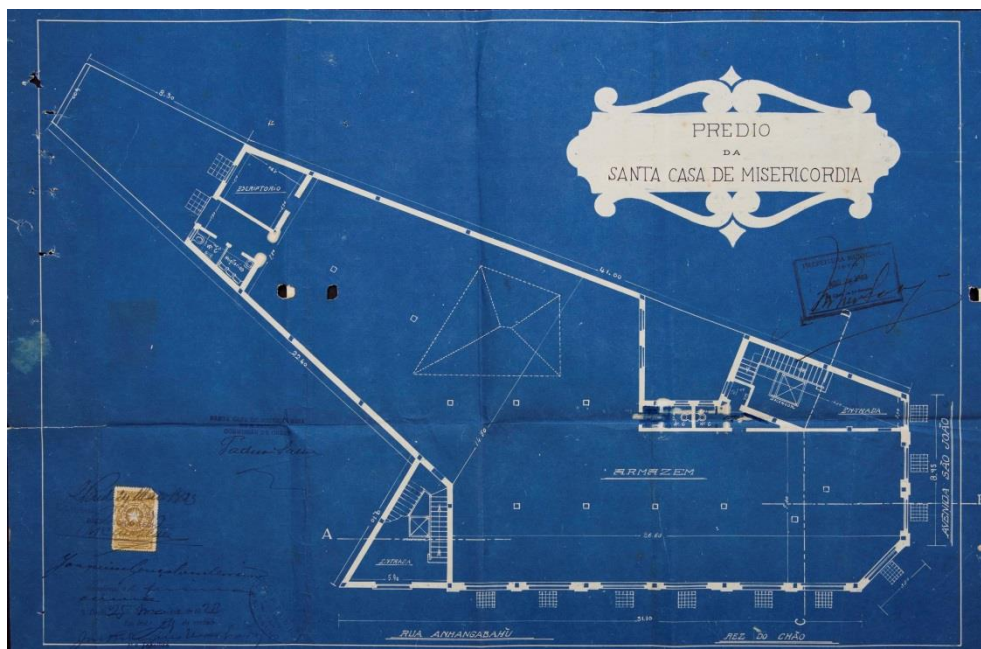


Imagem 368: Desenho da planta do *Rés do Chão*. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.

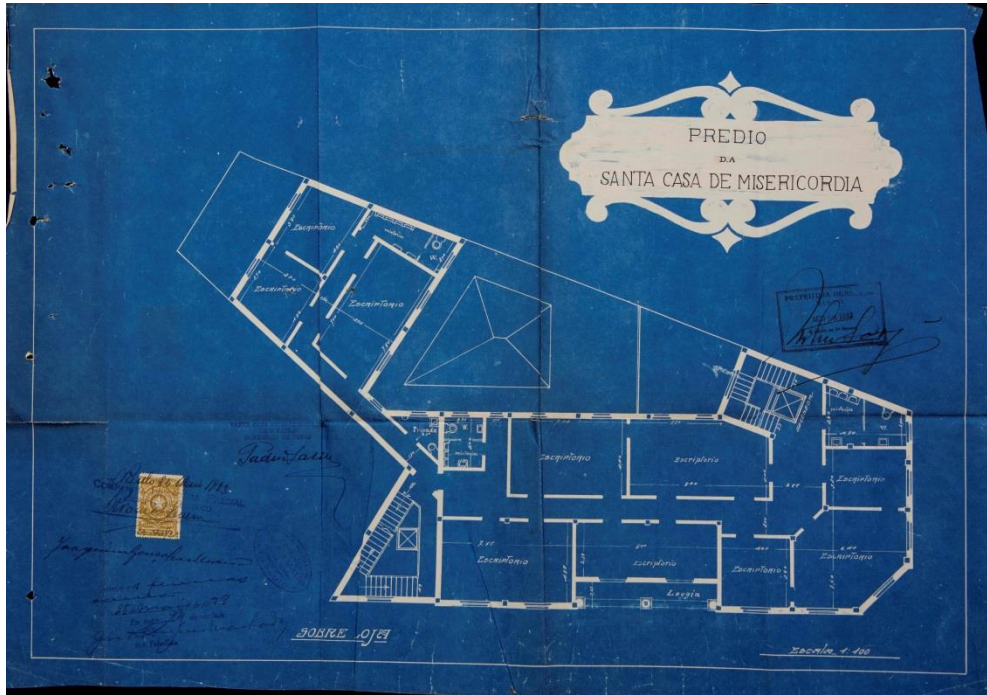


Imagem 369: Desenho da planta do piso *Sobrelouja*. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.

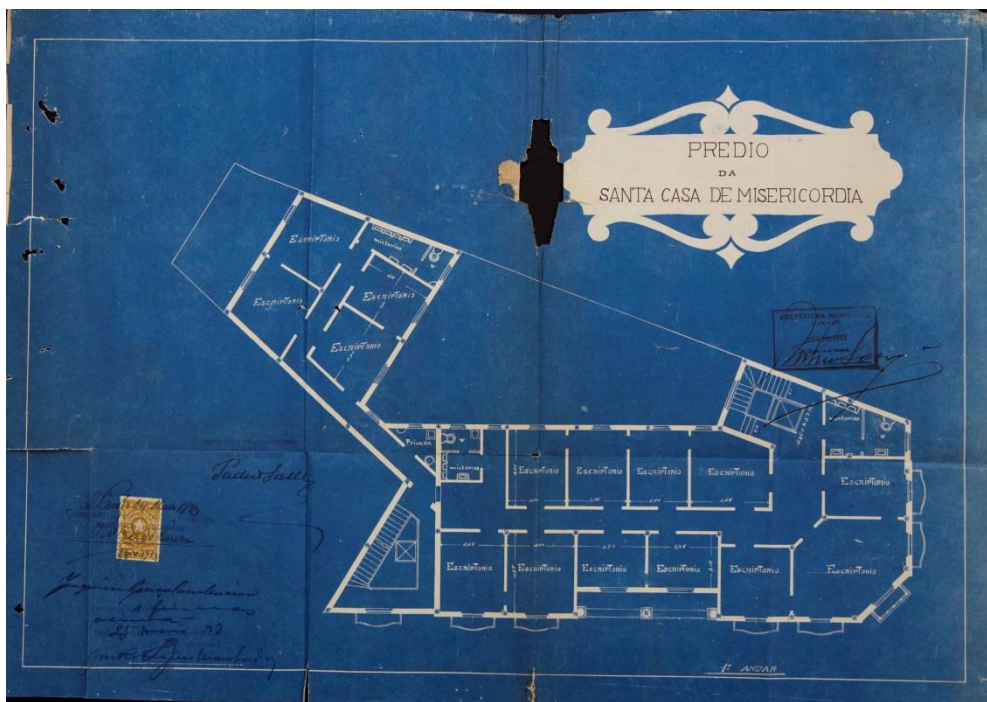


Imagem 370: Desenho da planta do 1º andar. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.

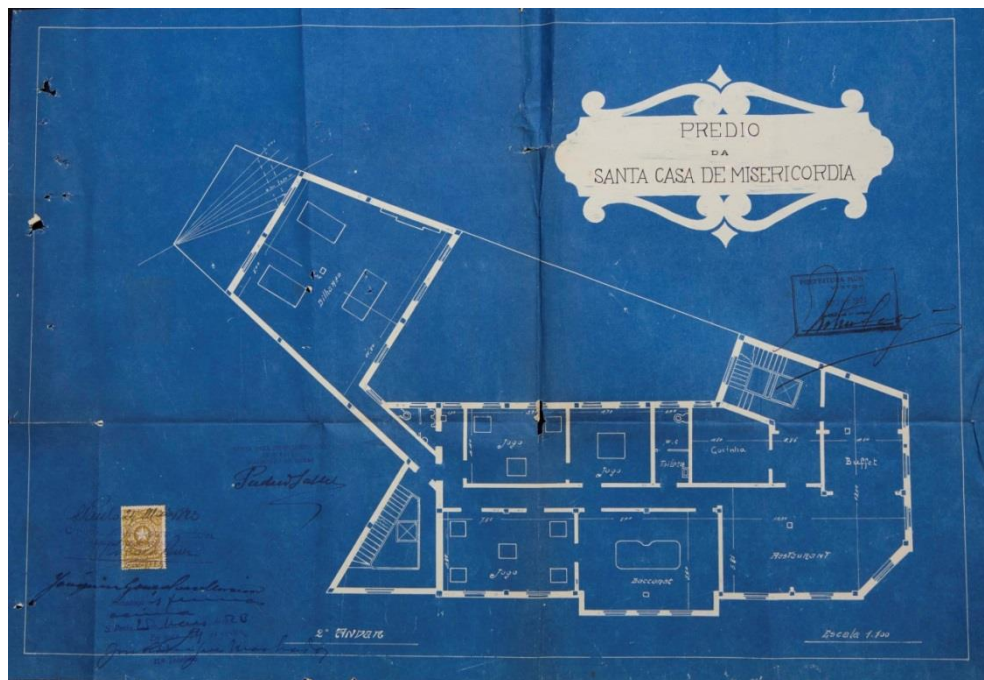


Imagem 371: Desenho da planta do 2º andar. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.

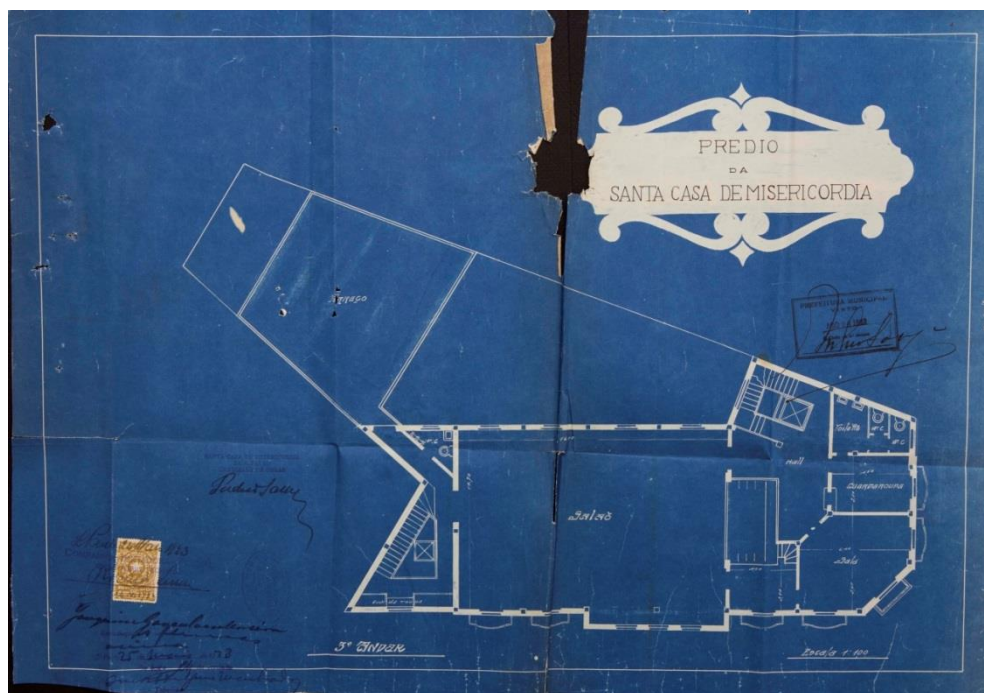


Imagem 372: Desenho da planta do 3º andar. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.

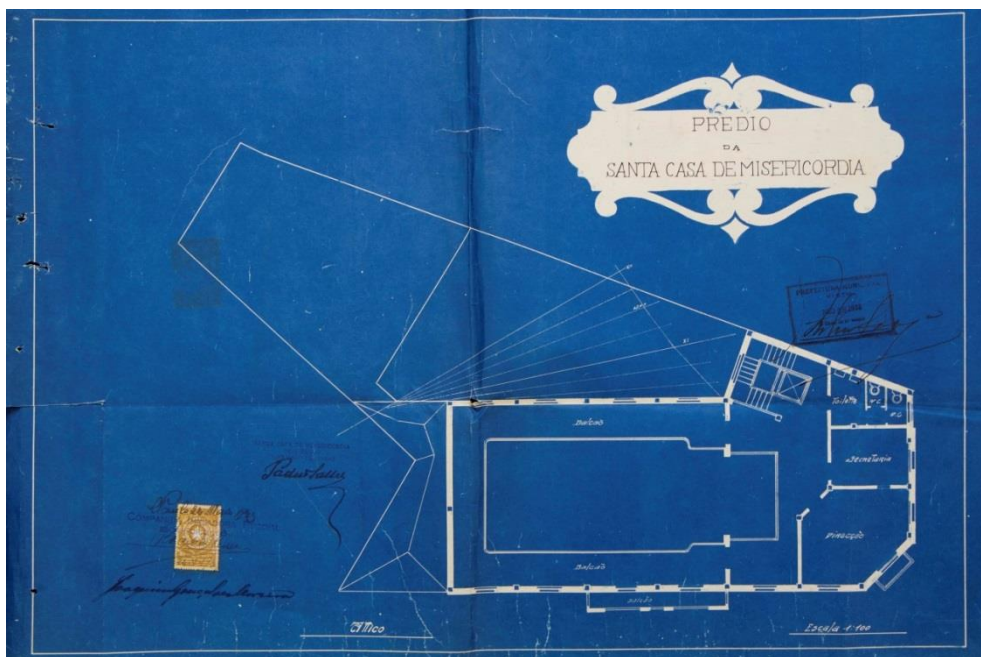


Imagem 373: Desenho da planta do *Ático*. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.

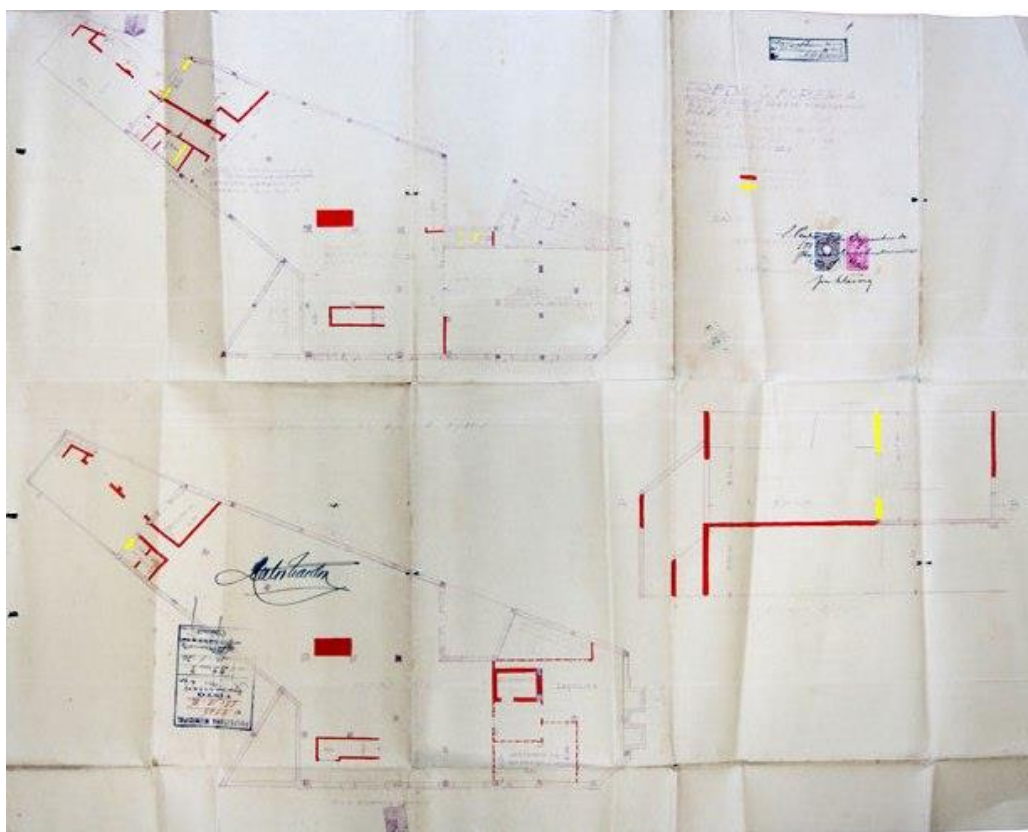


Imagem 374: Desenho das plantas do *andar tipo*, reforma feita em 1935. Fonte: Processo Administrativo: 1985-0.014.429-7, inventário DPH/FAU-USP/2012.

3.2.13 Edifício “Zico” e o vizinho, 1924.

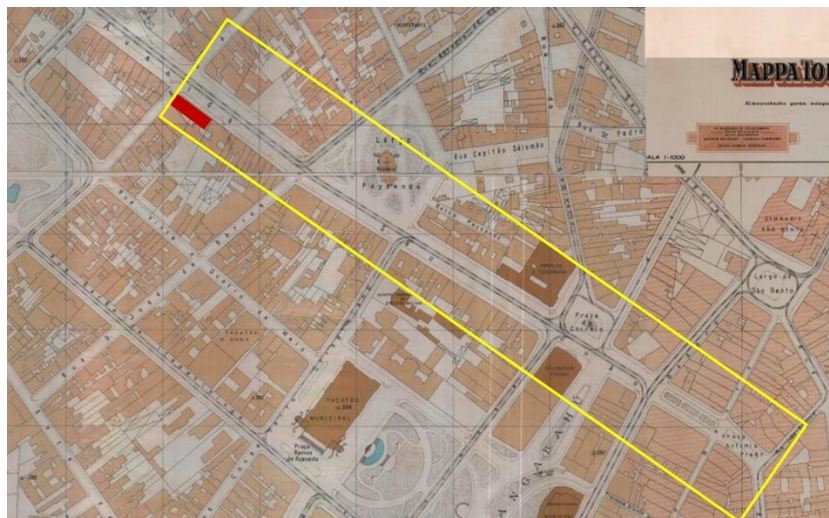


Imagem 375: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 376: Fachada do edifício. Fonte: Revista Ilustração Brasileira, n. 109, ano X, setembro 1929.

No lado ímpar da Avenida São João na esquina com o lado par da Avenida Ipiranga, no endereço onde funcionou a Escola Americana³¹⁶, final do século XIX, depois Escola Presbiteriana Mackenzie, dois edifícios foram projetados e construídos pela Sociedade Commercial e Constructora Ltda. O antigo número 187 (atual 605) foi concluído em 1924, era de propriedade de Antônio Caldeira, e o segundo denominado *Edifício Zico* foi concluído em 1925, era de propriedade de Oscar Ferreira.

Ambos, exemplares ecléticos, possuem piso térreo, sobreloja, mais quatro pavimentos e ático. A fachada é uma composição única. Possui um ritmo de envasaduras que é sutilmente quebrado com o avanço de um volume, do primeiro pavimento até o ático, sustentado por mísulas e arrematados com um frontão em arco pleno.

O embasamento corresponde ao térreo comercial e sobreloja, na altura do primeiro piso uma sacada balaustrada contínua o distingue do corpo. Onde todas as janelas são de vergas retas, feitas com veneziana de madeira e vidraça com madeira interna. No terceiro pavimento há sacada com guarda-corpo em ferro, pelo desenho em toda a extensão da fachada, atualmente só no prédio com a face voltada para a Avenida São João. Entre o terceiro e quarto pavimento aparece o entablamento com guarda-corpo balaustrado contínuo, e o ático arremata o edifício com janelas no alinhamento.

Este edifício escapou das obras de alargamento do lado ímpar da Rua Ipiranga, que sucederam em 1938³¹⁷. Consta no arquivo desenhos de reforma para instalação de elevadores realizada no prédio em 1940, para o proprietário Conde Adriano Crespi.

Atualmente as fachadas dos prédios estão com suas características arquitetônicas preservadas e conservadas. O revestimento em argamassa raspada recebeu demão de pintura, um dano recuperável.

³¹⁶ Escola Americana, 1877, capítulo da Parte 2.

³¹⁷ Ato n. 1.470, referente ao “Plano de Melhoramentos Urbanos”, juntamente com os das ruas São Luís e Dr. Vieira de Carvalho, passando todas à categoria de avenida. Posteriormente, o Decreto-Lei n. 41/1940, confirma as alterações da Avenida Ipiranga e estabelece as normas para suas novas construções.

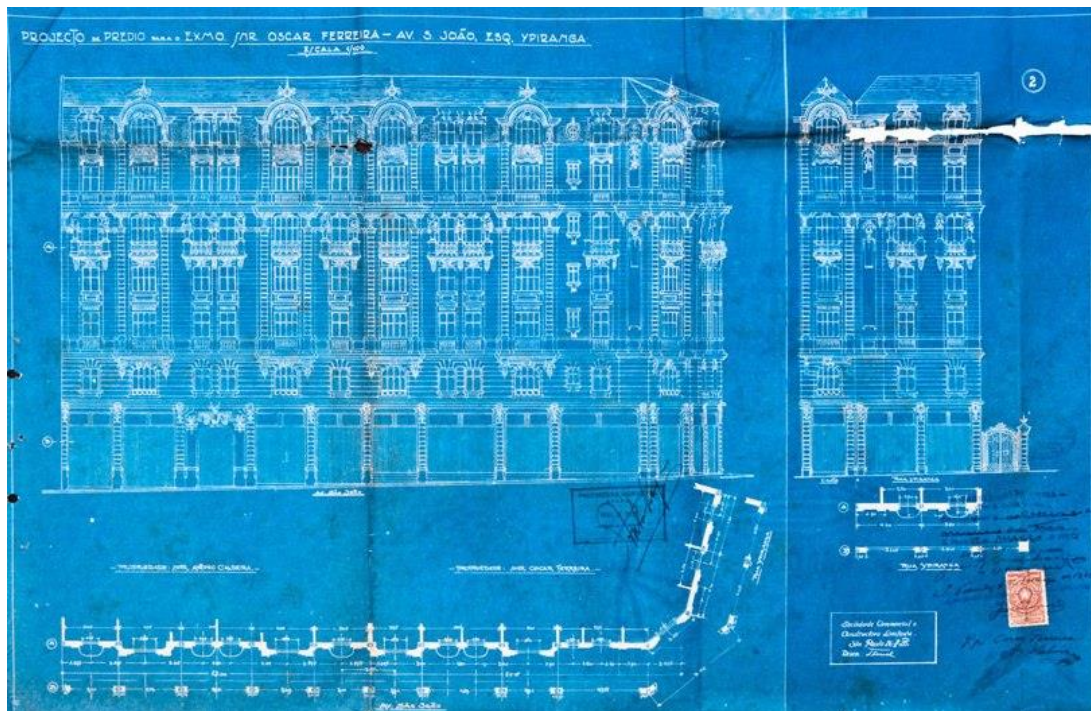


Imagem 377: Desenhos Originais da fachada do Edifício Zico e o vizinho, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

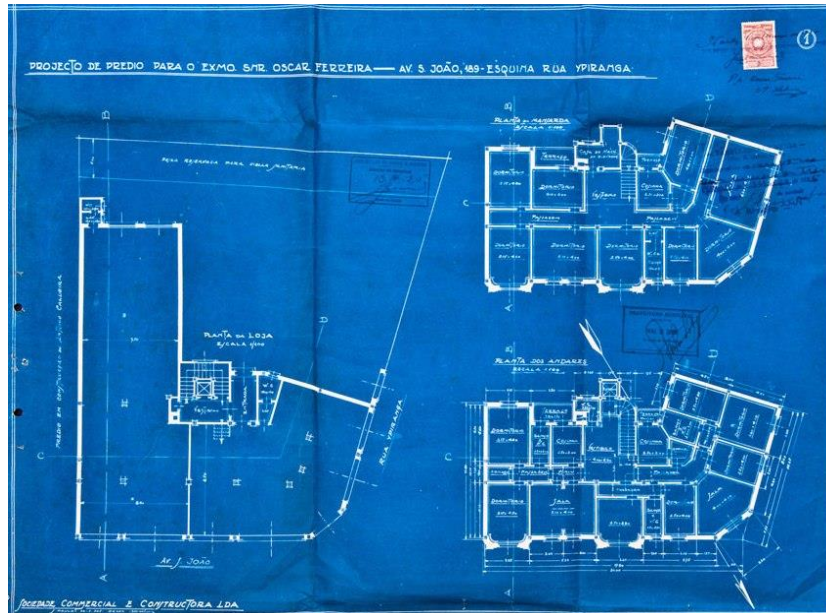


Imagem 378: Desenhos originais, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

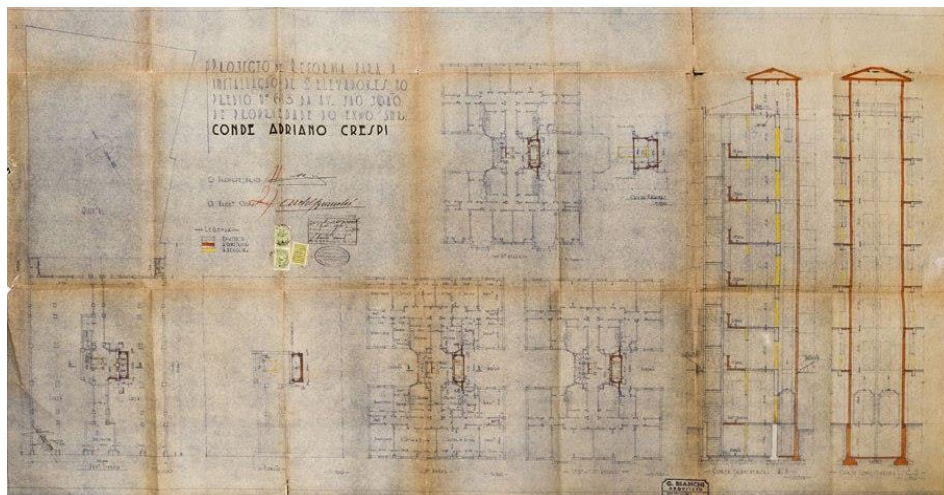


Imagem 379: Desenhos da reforma feita em 1940. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.



Imagem 380: Vista das fachadas na esquina da Avenida São João com a Avenida Ipiranga. Foto da autora, 2015.



Imagem 381: Detalhe superior da fachada. Foto da autora, 2016.

3.2.14 Edifício “Cinelândia Hotel”, 1924.



Imagem 382: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 383: Fachada principal. Foto da autora, 2015.

Endereçado Avenida São João, número 94 (atual 526), no endereço que em 1880 o Comendador Luiz Antonio de Souza Barros havia feito uma solicitação³¹⁸, Dr. José de Souza Queiroz (na planta) em 1924 assina a solicitação de licença para construir um prédio. O projeto e provavelmente a execução foi de Francisco Regnani.

O Edifício “Cinelândia Hotel”, no térreo é todo comercial, com o acesso à circulação vertical no eixo central, determinando também eixo de simetria. Este eixo central alinha duas envasaduras, destacadas das outras seis, sendo três a cada lado. O corpo principal é composto por seis pavimentos tipo. As janelas são com vergas retas exceto no sexto pavimento. Neste piso, no alinhamento central das duas envasaduras, estas são arrematadas com verga meio arco pleno, como arremate deste alinhamento. Há um ritmo estabelecido pelos guarda-corpos, sendo as envasaduras centrais do conjunto e as centrais de cada lateral com a presença deles. Todos são balaustrados, exceto no sexto andar que é em ferro trabalhado com serralheria artesanal. O revestimento original é argamassa raspada, e as esquadrias são de madeira e vidro. O coroamento é feito com um entablamento contínuo fazendo a distinção para os dois últimos pisos, arrematado por platibanda lisa que tem um pequeno detalhe ao centro.

Confrontando o desenho encontrado no Arquivo Histórico de São Paulo com o edifício *in loco* observamos que foi acrescido um piso e na platibanda era proposto um frontão central, provavelmente esta alteração foi executada em alguma reforma. Este edifício passou por reforma recente, encontra-se caracterizado e conservado, entretanto com algumas pequenas alterações.

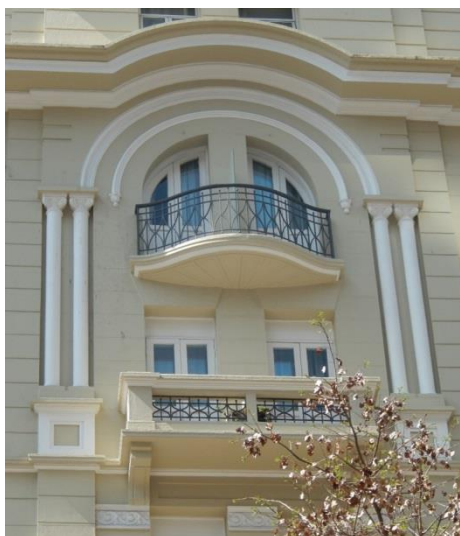


Imagem 384: Detalhe do alinhamento central da fachada. Foto da autora, 2016.

³¹⁸ Sobre este tema ver o capítulo XX na Parte 2 deste trabalho.

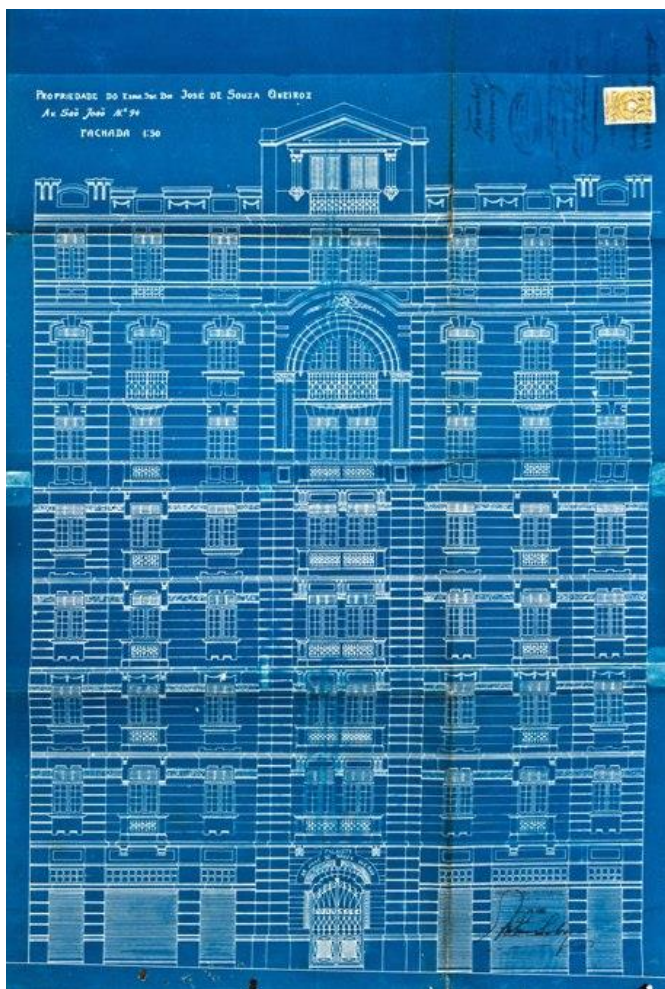


Imagem 385: Desenho original da fachada, 1924. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.



Imagem 386: Desenhos originais, 1924. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

3.2.15 Edifício antigo número 85, 1925.

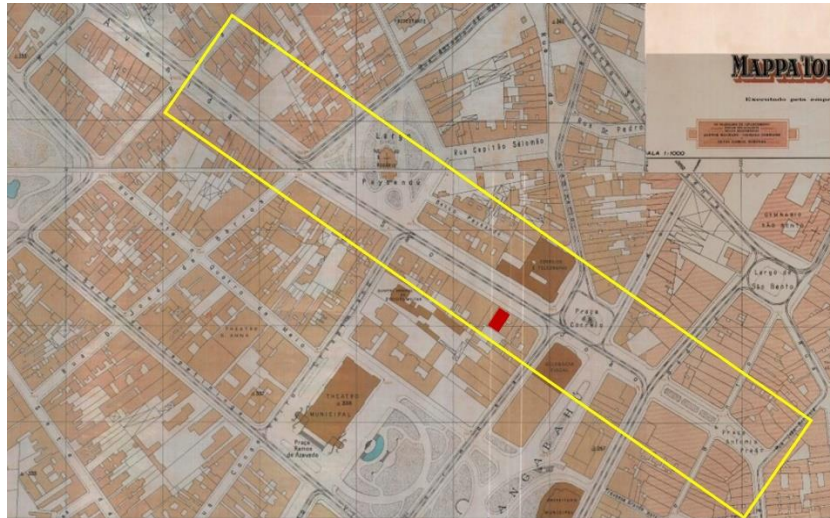


Imagem 387: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 388: Fachada para a Avenida São João. Foto da autora, 2015.

Do lado ímpar, endereçado Avenida São João, números 85 e 87 (atual 235), foi construído um edifício com térreo, seis pavimentos e ático. A empresa que o projetou, e provavelmente o construiu foi Albuquerque & Longo. Segundo consta no inventário³¹⁹ de 2012 do Departamento do Patrimônio Histórico, os proprietários do imóvel era o Dr. João Baptista de Souza e o Conde Lara³²⁰.

A fachada do edifício é característica do ecletismo em voga na cidade paulistana. Construção em concreto armado e alvenaria de tijolos, revestida com argamassa raspada. Com acesso central no térreo para os pavimentos superiores, e dois espaços comerciais, apresenta composição simétrica. Distinguindo horizontalmente o embasamento, com térreo e sobreloja, do corpo há uma sacada contínua balaustrada apoiada em consolos. São cinco eixos de envasaduras, com ritmo determinado pelo eixo central, que corresponde em planta a distribuição da circulação vertical e os escritórios a cada pavimento. Todas as janelas possuem vergas retas, no segundo piso ambas com sobrevergas triangulares como pequenos frontões. As esquadrias são todas de vidro e madeira. Entre o primeiro e segundo pavimento há bossagens ornadas. Há entablamento contínuo entre o quinto e sexto pavimento, sendo este último com envasaduras em arco abatido. A cimalha e a platibanda coroam o edifício.

O edifício está caracterizado, contudo a conservação não preza pelas técnicas e materiais apropriados.



Imagem 389: Detalhe da fachada. Foto da autora, 2016.

³¹⁹ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

³²⁰ Antônio de Toledo Lara, que atuava como empreendedor do segmento imobiliário.

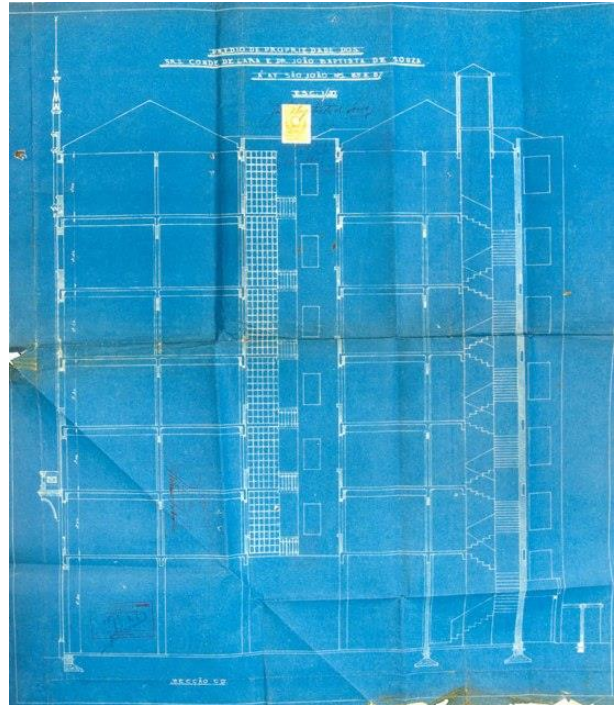


Imagem 390: Desenho original da fachada, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

Imagem 391: Desenhos original, corte, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

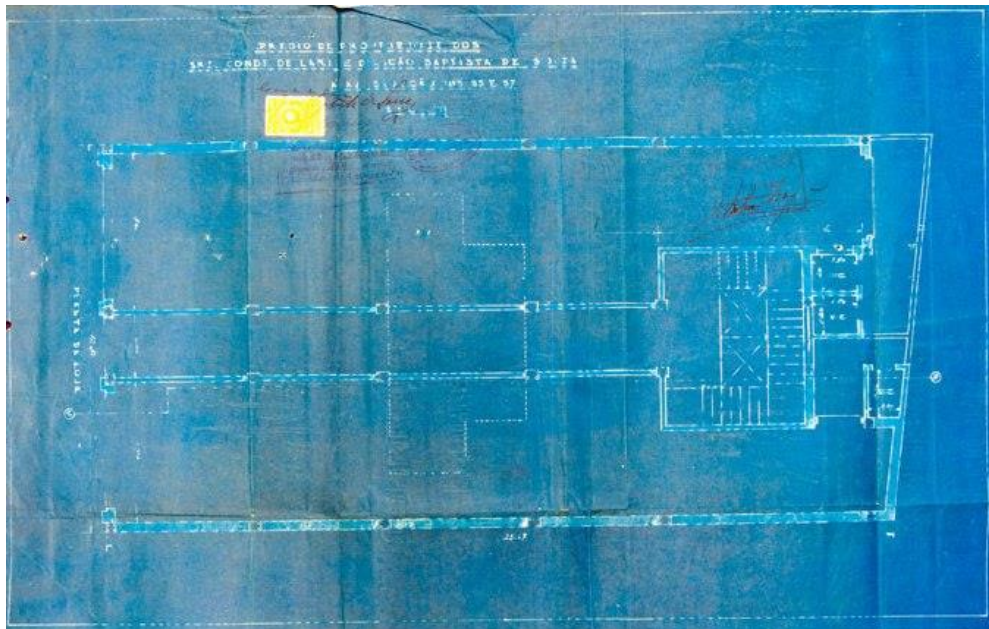


Imagem 392: Desenho original, planta do edifício, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.



Imagem 393: Fachada. Foto da autora, 2016.

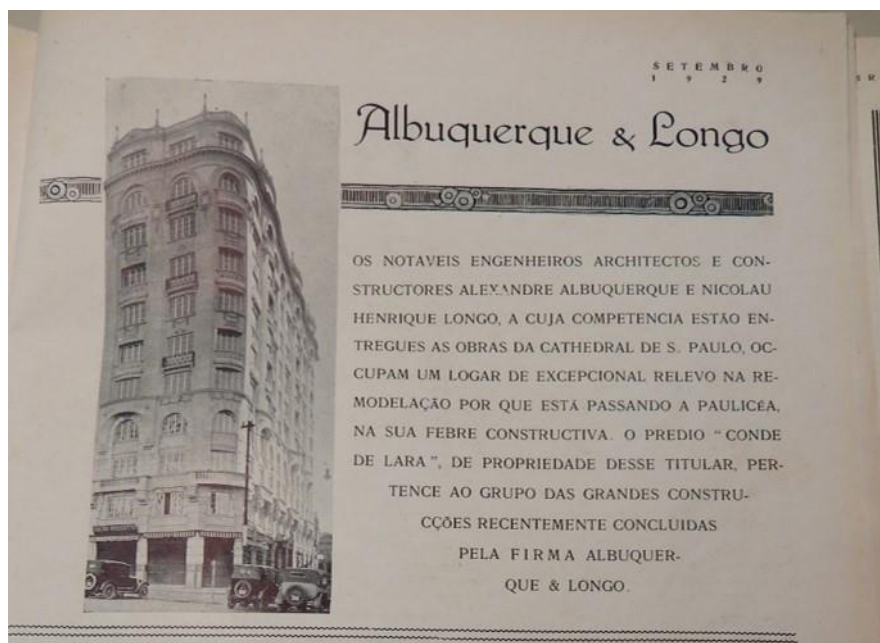


Imagem 394: Anúncio da firma Albuquerque & Longo. Fonte: Revista Ilustração Brasileira, n. 109, anno X, setembro 1929.

3.2.16 Edifício antigo Número 123, 1926-27.

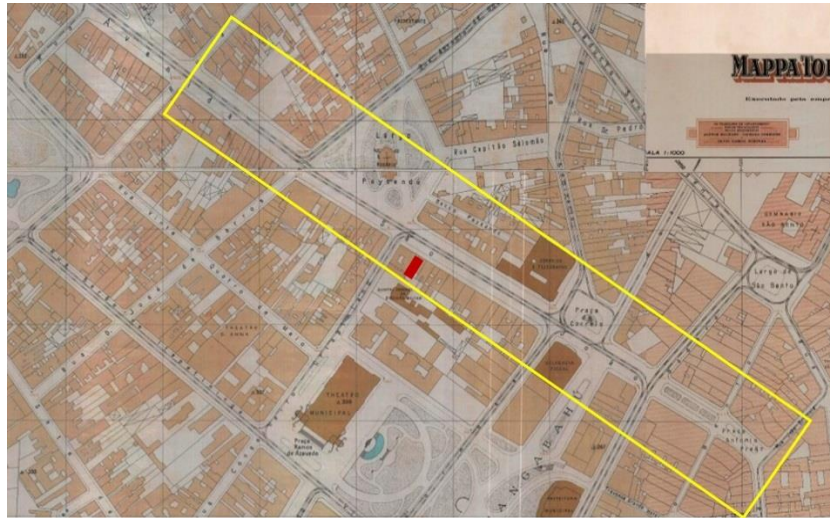


Imagem 395: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagens 396 e 397: Fachada. Foto da autora, 2015.

No mesmo quarteirão onde está situado o Conservatório Dramático e Musical da Cidade de São Paulo, onde existiu o Teatro Carlos Gomes, e vizinho a este, ou seja, Avenida São João, número 123 (atual 345), em 1926/1927 na propriedade de João Padula, foi solicitado a construção de um edifício. Projeto de A. Marchesini, tem o acesso aos pavimentos superiores a esquerda de quem olha da Avenida, onde situa-se a circulação vertical. Para os pisos térreo e sobreloja era previsto restaurante, no primeiro pavimento um salão, no segundo pavimento dois apartamentos residenciais, no terceiro e quarto piso mais um apartamento residencial a cada. A obra foi de responsabilidade de José Minozzi.

O ritmo da fachada eclética é determinado por um volume central saliente do primeiro ao terceiro pavimento, sendo no primeiro a envasadura com verga em arco pleno, e nos demais pisos uma pequena “loggia”, coroado por um guarda-corpo balaustrado da varanda do quarto piso. No alinhamento da edificação, entre a sobreloja e o primeiro piso foi utilizado entre as esquadrias almofadas decoradas, as janelas do primeiro piso são com vergas retas. No segundo e terceiro piso há sacada com guarda-corpo de ferro com serralheria artesanal, as janelas também são com vergas retas. No vão entre o terceiro e quarto piso aparecem almofadas adornadas e as janelas do quarto piso são com vergas em arco plano, como se estivessem arrematando as sequências das envasaduras. Todas as esquadrias são com vidro e madeira. O entablamento é contínuo, com platibanda balaustrada arrematada com dois pináculos nas laterais. Na cobertura há terraço, e nos desenhos originais pode-se ver um gazebo.

As características arquitetônicas da fachada deste edifício encontram-se originais, exceto no piso da sobreloja. O estado de conservação é ruim no momento (2016).

Vizinho a este imóvel, endereçado Avenida São João, número 127, na esquina com a Rua Conselheiro Crispiniano, em 1922, foi localizada a solicitação para a construção de um pequeno armazém³²¹. Neste endereço, desde a década de 1950 há um edifício.

³²¹ AHSP_OP_cx S6, 1922.



Imagem 398: Desenho original, plantas do edifício e fachada, 1927. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

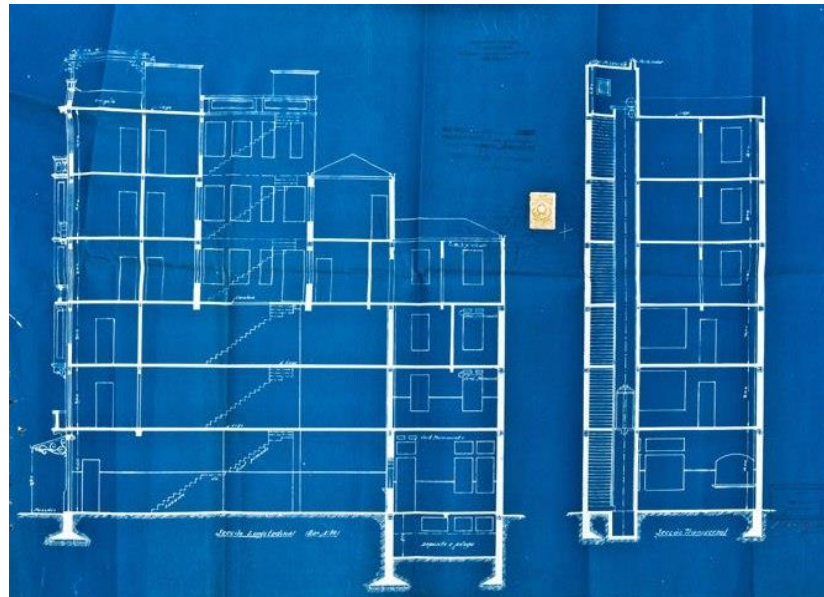


Imagem 399: Desenho original, cortes longitudinal e transversal do edifício, 1927. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

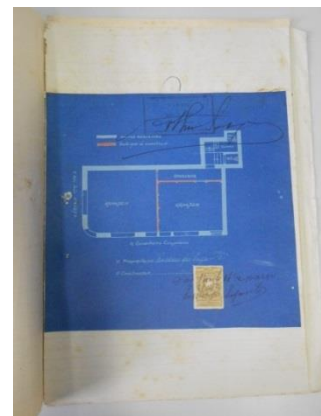


Imagem 400: Foto feita em janeiro de 2015, pela autora. Imagem 401: Avenida São João, 127. Fonte: AHSP, OPA, caixa S6, 1922.

3.2.17 Edifício antigo número 12, 1926.



Imagem 402: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 403: Fachada do edifício antigo número 12. Foto da autora, 2015.



Imagens 404: Detalhe da fachada. Foto da autora, 2016.

Em 1926, foi apresentado desenhos das plantas, cortes e fachada para “projecto de uma casa a construir-se na Avenida São João, 12” (atual 102-104), do proprietário Sr. Dr. José Pucci, pelo construtor Luiz Asson. Ao ler os desenhos em papel prussiato observa-se que o prédio era para uso comercial e serviços.

O lote, fruto das desapropriações, resultou com frente pequena e grande profundidade. O edifício ocupa o lote inteiro, com uma pequena área de iluminação e ventilação nos fundos. O acesso aos pavimentos superiores e ao subsolo é feito pela lateral esquerda, para quem olha o edifício. No térreo, além do acesso, há um estabelecimento comercial. Da sobreloja para os demais pavimentos a circulação vertical é feita por escadas locadas num hall de distribuição aos fundos da edificação.

A composição eclética da fachada divide o corpo com o piso da sobreloja e o primeiro pavimento, dos andares superiores. Nesta faixa as envasaduras são largas, com guarda-corpo em ferro artístico. As janelas são de vidro e madeira, e compoendo o conjunto a sobreloja possui verga reta enquanto o primeiro piso verga em arco abatido. Arrematando nas laterais duas falsas pilastras com capitéis decorados, apoia a arquitrave em arco abatido completando esse tema.

No segundo pavimento uma sacada com três consolos e guarda-corpo balaustrado sobressai discretamente do alinhamento. O terceiro e quarto pavimento também possuem largas envasaduras com guarda-corpos em ferro artístico. Duas pilastras falsas aparecem arrematando esses três pavimentos nas laterais, com a arquitrave arredondada nos cantos.

O coroamento, possui a cimalha apoiada em cinco mísulas, e a platibanda balaustrada possui ao centro uma espécie de frontão, em arco pleno, e decoração no falso tímpano em estuque.

O prédio mantém suas características arquitetônicas decorativas da época de sua construção, porém sua conservação é média.

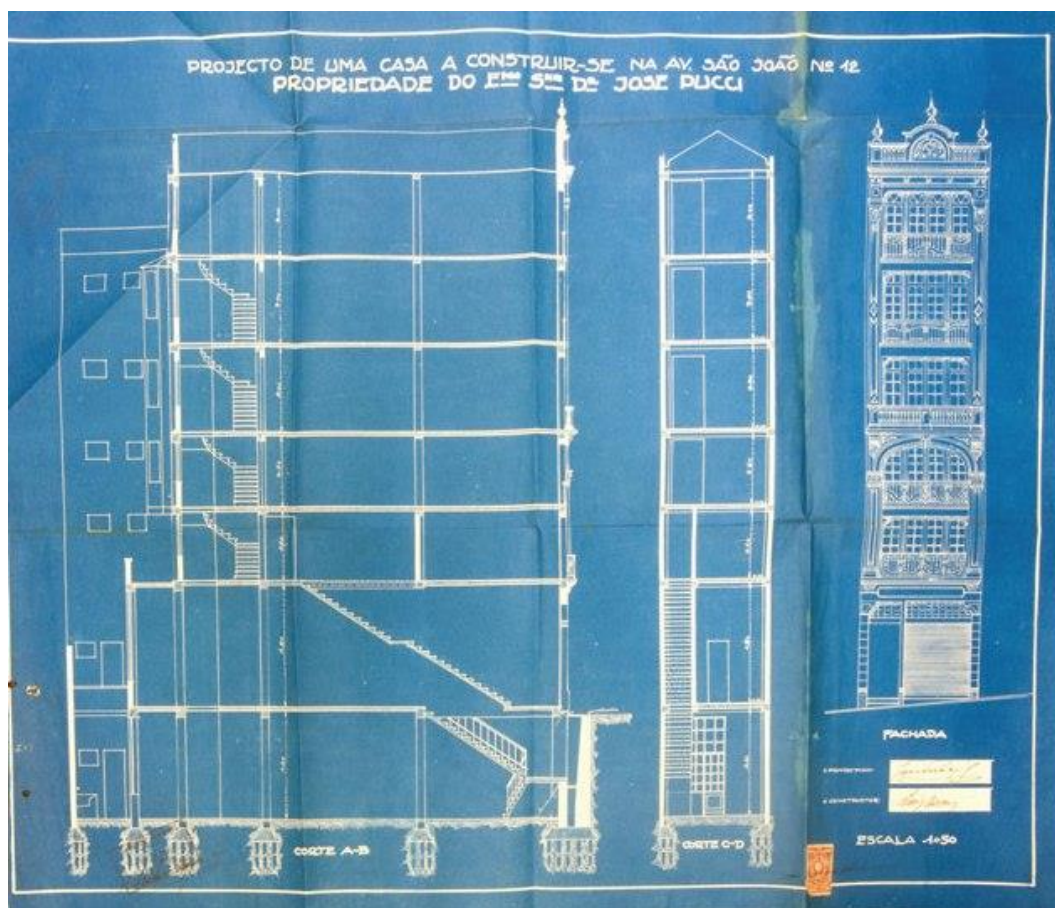


Imagem 405: Desenho original, cortes e fachada do edifício, 1926. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

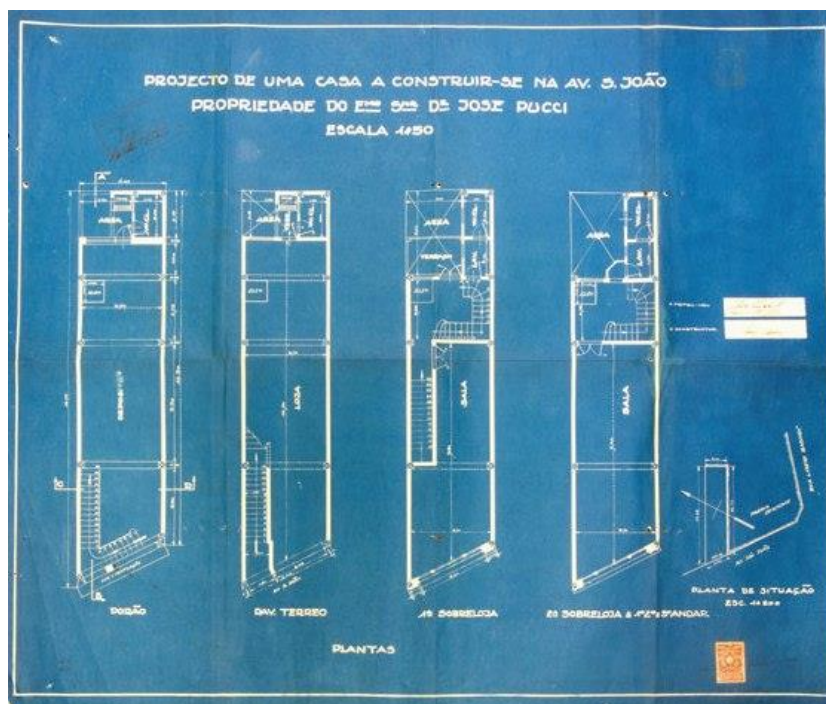


Imagem 406: Desenho original, plantas do edifício, 1926. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

3.2.18 Edifício “Prédio Oscar Rodrigues”, 1928.



Imagem 407: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.

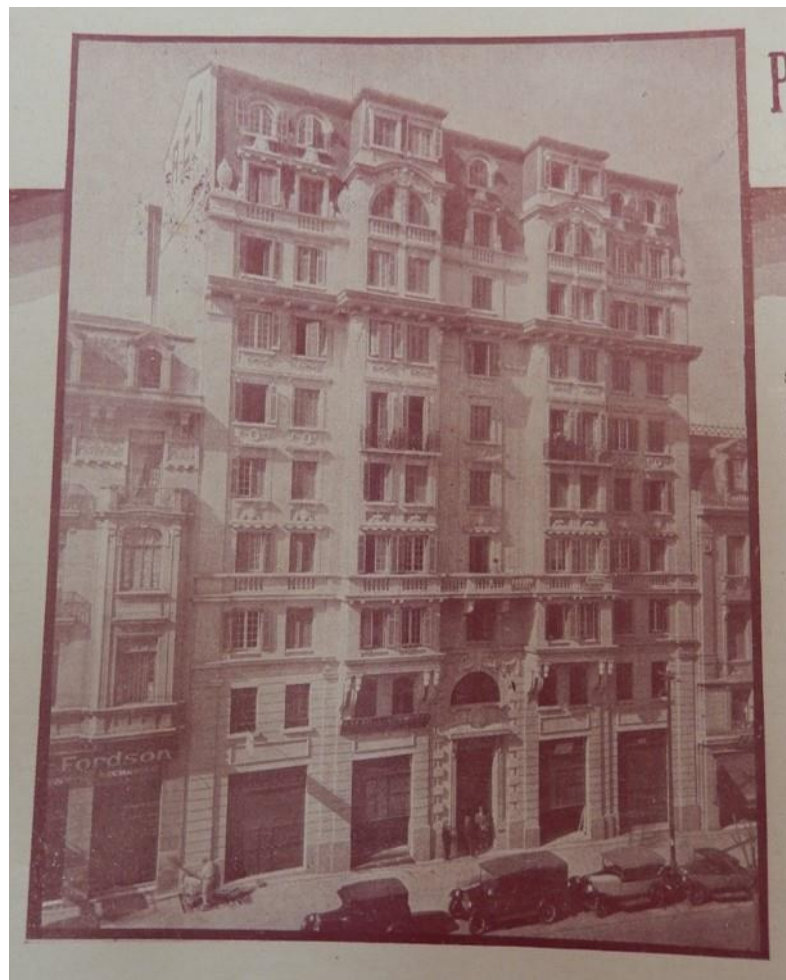


Imagem 408: Fachada do edifício “Prédio Oscar Rodrigues”. Fonte: Revista Ilustração Brasileira, n. 109, anno X, setembro 1929.

Retornando ao quarteirão onde se situam o Prédio do Correio e Telégrafo, os hotéis “Central” e “Britânia” e o Edifício “Cotonifício Paulista”, vizinho a este havia um lote vago remanescente, em 1928, foi ocupado com a construção do “Prédio Oscar Rodrigues”. Endereçado Avenida São João, número 32 (atual 314), foi construído com térreo, sobreloja, mais sete pavimentos e ático; pela empresa Monteiro, Heinsfurter & Rabinovitch.

O edifício é composto por dois blocos paralelos a Avenida, organizados pela circulação vertical (escadas e dois elevadores), e dois poços de ventilação, resultando o desenho da planta um H. Possui duas fachadas, sendo a secundária para a Rua Abelardo Pinto. A fachada principal, para a Avenida São João, possui no embasamento as lojas comerciais do térreo e as sobrelojas, além do acesso social para os pavimentos superiores. No alinhamento da porta social, está o eixo de simetria do ritmo da fachada. Tendo para cada lado mais dois conjuntos de envasaduras salientes do alinhamento e outros dois conjuntos no alinhamento.

No embasamento está o pavimento térreo com lojas comerciais e as sobrelojas. A porta de acesso para os pavimentos superiores é ornada feita de ferro com serralheria artesanal. A janela da sobreloja no mesmo alinhamento é um arco pleno, que simula uma bandeira. Sobreposto há ornatos delicados com tema de folhas e frutos.

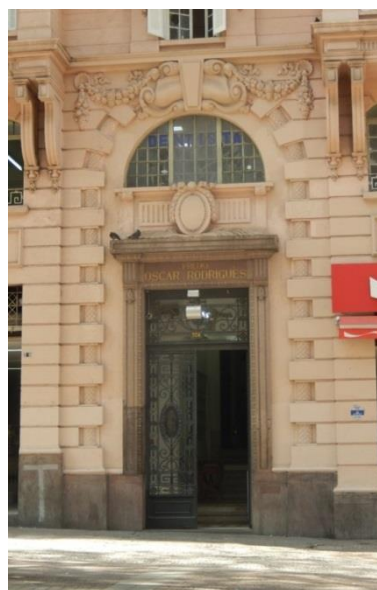
No corpo central o primeiro pavimento recebe um entablamento com guarda corpo balaustrado que o separa dos demais quatro pavimentos tipos. Entre o quinto e sexto pavimento há cimalha contínua, estabelecendo o coroamento. O sétimo pavimento possui envasaduras diferenciadas e nos dois volumes salientes possui bossagem adornada. O ático é encapsulado pela cobertura e as aberturas são mansardas.

Observa-se que por ser um projeto tardio em relação aos demais do quarteirão, este possui mais pavimentos. Entretanto não se furtou da construção em concreto armado e alvenaria de tijolos, esquadrias venezianas em madeira, e as folhas internas com vidro emoldurado na madeira.

Atualmente encontra-se totalmente caracterizado, e conservado.



Imagem 409: Fachada. Foto da autora, 2016.



Imagens 410 e 411: Detalhes da fachada. Fotos da autora, 2016.

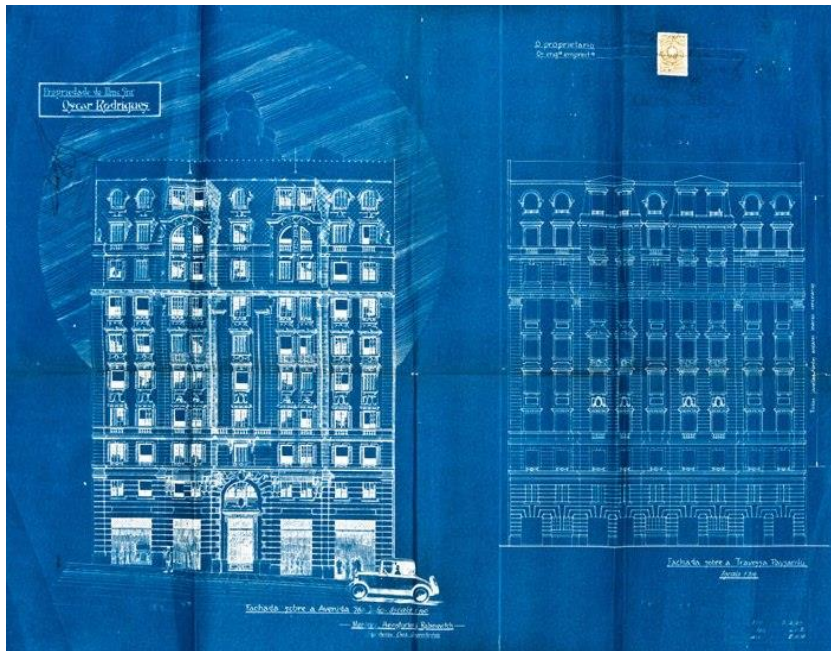


Imagem 412: Desenho original, fachada do edifício, 1928. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

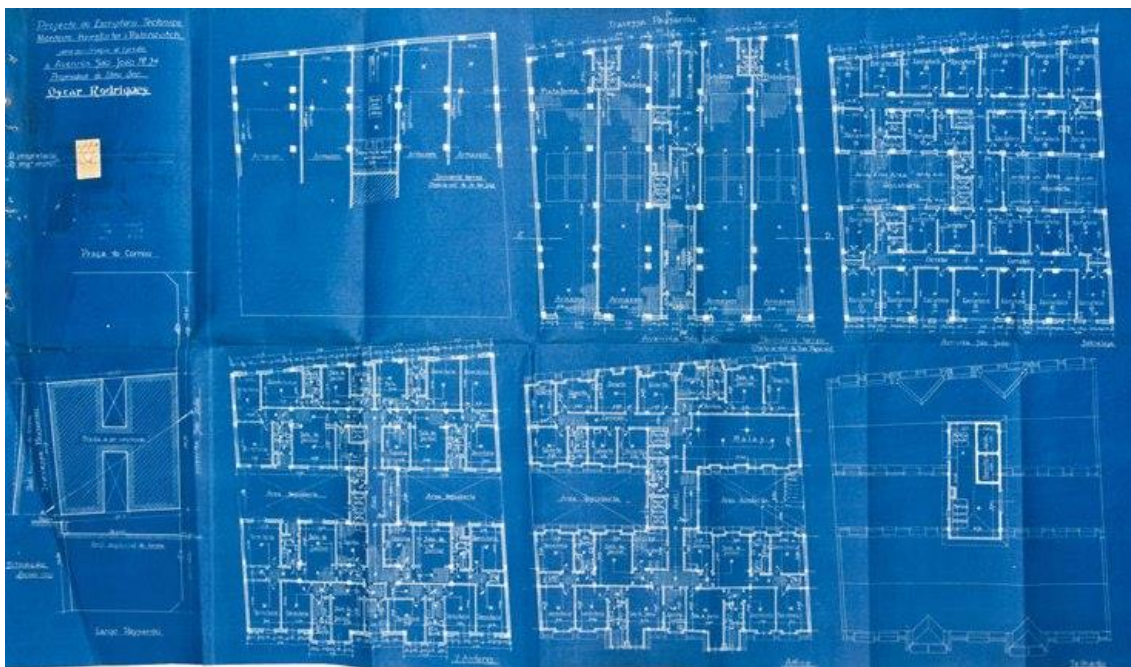


Imagem 413: Desenho original, plantas do edifício, 1928. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

3.2.19 Edifício “Prédio Martinelli”, 1924-29.

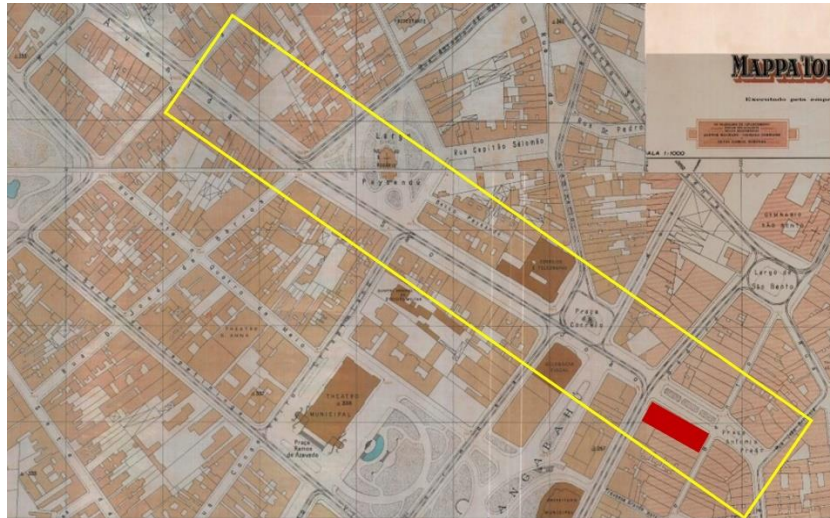


Imagem 414: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 415: Fachada do “Prédio Martinelli”. Foto de Chico Saragiotto, 2012.



Imagem 416: Vista da Rua Libero Badaró na esquina com a Ladeira São João, em 1897. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-1919.



Imagem 417: Vista da Rua Libero Badaró na esquina com a Ladeira São João, em 1919. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-1919.



Imagem 418: Vista aérea da Ladeira São João, na esquina da Rua Líbero Badaró, durante a construção do prédio Martinelli, c. segunda metade da década de 1920. Na legenda do Cartão Postal aparece: “Nova York da Sul America”. Fonte: BMA, Cartões Postais, 1900-1940.

Rompendo com as “regras”, impactando na paisagem, causando impacto foi construído o prédio Martinelli. Um imigrante italiano bem-sucedido, tipo *self made man*, o mestre de obras que se tornou empresário. Edifício com influência norte americana dos “*skycrapers*”, contrariando a formação de Giuseppe Martinelli³²². Nascido em Luca, na Itália, estudou *Scuola Popolare di Belli Arti*³²³, uma cidade medieval conservada dentro da muralha. Empresto a citação feita pelo arquiteto Jorge Ricca³²⁴:

*“Eles ergueram a Torre de Babel bem na Praça Antônio Prado
[...] sem perturbar a geometria rigorosa do ciclópico arranha-céu!”*

Menotti Del Picchia

A imagem da esquina das Ruas São Bento com a Rua São João de onde era o Café Brandão, foi feita por Afonso Antonio de Freitas³²⁵ consta a seguinte observação: “*Rua de S. Bento esq. da lad. de S. João – Predio ainda existente, construído em 1814*”. A anotação continua, mas com uma nova grafia: “*Já não existe: foi demolido em 1925 para em seu local ser levantado o sobrado de 21 andares*”.



*Rua de S. Bento esq. da lad. de S. João – Predio ainda
da existente, construído em 1814. – Já não existe, foi demolido
em 1925 para em seu local ser levantado um sobrado de 21 andares*



Imagem 419: À esquerda a esquina com o Café Brandão, a direita o prédio Martinelli emergindo na paisagem. Fonte: LEMOS, 2001, p.54-55.

O terreno já estava escolhido para o imigrante realizar um sonho, segundo Maria Cecília Naclério Homem. O primeiro projeto foi elaborado em 1923 pelo arquiteto húngaro Willian Filinger, formado na Academia de Belas Artes de Viena. Concebido

³²² Chegou no Rio de Janeiro em 1889. Sobre a vida de Giuseppe Martinelli, ver HOMEM, 1984, pp.53-66.

³²³ Esta escola é o atual *Instituto di Arte A. Passaglia*, localizado na *Piazza del Giglio*, em Luca, Itália. Em HOMEM, 1984, p.15.

³²⁴ RICCA, 2003, p.171.

³²⁵ Afonso Antonio de Freitas, nasceu em São Paulo em 1868.

inicialmente para ter 12 andares³²⁶, para resolver a ventilação e insolação o partido arquitetônico adota quatro corpos. Para a execução da obra foi contratada a firma Amaral & Simões Engenheiros. As primeiras alterações do projeto se deram na quantidade de pavimentos passando a ser 14 e em seguida 18. O cimento para a execução desta obra era importado por uma das empresas de Martinelli. Desde as fundações em solo argiloso e muito úmido, a obra envolveu soluções custosas. A firma construtora faliu em 1926. Martinelli assumiu a construção com assessoria do engenheiro formado na Politécnica Amleto Nipote, o engenheiro João Müller, o mestre de obras Tafaél Tognatti, e o seu sobrinho o engenheiro-arquiteto Italo Martinelli³²⁷

O Edifício Sampaio Moreira ficou pronto com seus 14 pavimentos, apesar de estar na mesma Rua Líbero Badaró que o prédio em obras, parecia ser mais alto, pois sua localização é no aclave da rua. Sendo assim o imigrante empreendedor decidiu aumentar a quantidade de pavimentos em 1928. Para isso um novo desenho assinado pelo engenheiro José de Freitas conta com 20 andares. Sucederam-se paralisação, multa, embargo da obra. Quem estava respondendo pelas obras era o próprio Martinelli e Italo Martinelli. A polêmica foi instaurada na cidade quando o prefeito Sr. Pires do Rio anunciou: “*O Martinelli não se embarga!*”³²⁸. Após, perícias técnicas, a obra prosseguiu e o prédio chegou aos 25 pavimentos ao contar da porta central da Avenida São João. Entretanto, Giuseppe Martinelli decidiu fazer sua residência na laje de cobertura e o prédio passou a ter os 30 pavimentos almejados. O “palacete” se assemelhava com uma edificação na cota da rua. Pois está assentada sobre o porão; os quartos com terraço eram no segundo andar da casa, equivalente ao 28º andar; no 29º um grande cômodo com pequenos balcões; e um pequeno terraço no 30º para hastear as bandeiras do Brasil e da Itália. Enfim, o Comendador com sua esposa e a sogra mudaram em 1929. Sem festa foi dada assim como a data de inauguração do prédio.

Um dos fatores que permitiram a alteração do gabarito foi a legislação³²⁹, que em 1920 passou a permitir alteração na altura dos edifícios. Para vias com nove metros de largura de leito carroçável, o prédio no alinhamento poderia ter no máximo cinco metros de altura. Se a via tivesse de nove a doze metros de largura, o edifício no alinhamento poderia ter altura até duas vezes e meia a largura da rua. E nas vias com mais de 12 metros de largura, o edifício no alinhamento poderia ter até três

³²⁶ HOMEM, 1984.

³²⁷ Italo Martinelli, sobrinho de Giuseppe Martinelli, formado pela Politécnica do Mackenzie.

³²⁸ HOMEM, 1984, p.74.

³²⁹ Lei n. 2332, de 9 de novembro de 1920.

vezes a largura da rua. Lembrando que a recente alargada Avenida São João passou a ter 30 metros de largura, a altura do edifício poderia ser até 90 metros.

O escritor Guilherme de Almeida³³⁰ em seu pseudônimo urbano, nos conta na crônica um pouco sobre o prédio Martinelli, e faz uma crítica ao cor-de-rosa da fachada:

O célebre arranha-céu

Sexta feira, 10 de agosto de 1928.

Volta a baila o prédio Martinelli. E volta, desta vez, para receber de mim um violento shake-hands, alegre e sincero.

O belo gigante resolveu (desculpável pretensão minha) ouvir os meus conselhos obscuros e humildes: raspou de sua altiva fachada todo aquele ‘fingimento-tijolinho’ que o estava infamando. E, agora, começa a apresentar uma cara limpa, ligeiramente corada, enrubescida ainda de vergonha pelas suas primitivas irreflexões.

Ali, na Praça Antônio Prado, à hora em que se espia o resultado do ‘bicho’ ou se mastigam empadas e vols-au-vent à porta da Brasserie, tenho ouvido vários comentários ao rubro Golias. Nenhum deles, porém, pelo absurdo de seus conceitos, merece sequer ligeiro registro. Citei apenas um, para que o leitor, por ele, avalie o resto... Dois suspeitos fortes e lustrosos, de chapéu na nuca, examinam cuidadosamente o prédio e discutem. Aproximo-me com receio e ouço isto:

- Se fosse meu, eu suprimiria apenas o andar térreo... Depois, venderia o terreno, que deve estar muito valorizado, e alugaria os outros andares...

Estas cousas a gente deve desprezar.

Para mim, o único defeito que o arranha-céu Martinelli está apresentando, neste momento é a pintura. Já que se raspam os tijolinhos vermelhos, não há motivo para conservar-se, na fachada, aquele cor-de-rosa, inexplicável e inconveniente. Está fora do espírito moderno. Um cinzento, ou um ‘ocre’ discreto seriam preferíveis. Esse cor-de-rosa de pó-de-arroz é muito ‘almofadinha’ para um arranha-céu. Conheço um rapaz sírio, elegantíssimo – o belo Brummel da rua 25 de Março – que tem um terno de casemira bois-de-rose. Está muito bem. Mas, entre um ‘almofadinha’ e um edifício de vinte e quatro andares existe uma certa diferença.

URBANO

O “Prédio Martinelli”, apelidado como “pai dos arranha-céus”, concluído em 1929, ainda para os padrões atuais, impressiona com seus 30 andares, 105-130 metros

³³⁰ Guilherme de Almeida, 1890-1969. Em ALMEIDA, 2004, pp.429-430.

de altura³³¹. Projetado no terreno com área aproximada de 2 mil m², possui 46.123 m² de área construída. A circulação vertical é feita por 12 elevadores suíços, da marca Schindler. Equipado com 510 telefones automáticos desde a execução do projeto. Assustador são os números, a começar pelas 2.000 janelas e 1057 degraus. Sintetizando em 1.267 dependências - entre elas 60 salões, 960 salas, 247 apartamentos - atualmente tudo transformado em espaços de escritório. Foi o pioneiro no programa de uso misto: escritórios, comércio, apartamentos, restaurantes, cassino, *night club*, o antigo Cine Rosário, e o Hotel São Bento.

Originalmente, o edifício era dividido em três partes, sendo que na Rua Líbero Badaró (considerado também 1º subsolo) localizava-se o setor residencial do edifício, voltado para a área nobre da cidade. Na Rua São Bento ficava a área comercial e na Avenida São João o Hotel São Bento. No 2º subsolo está locada a caixa d'água com capacidade para 400.000 litros, as bombas de recalque, caldeiras, incinerador, caixa dos elevadores, as casas de força, e algumas pequenas oficinas. Em planta ocupa o lote todo, seguindo o alinhamento das três vias em que faz frente, e para ventilação e iluminação possui os poços internos.

Abrigou o Cine Rosário, que tinha acesso pela Rua São Bento, segundo o arquiteto Jorge Ricca³³²: *“tinha camarotes, frisas e poltronas estofadas de couro. Revestido em mármore de Carrara e decorado a pó de ouro, tinha cabeças de animais em bronze e lustres tchecos, e encantou Otávio Gabus Mendes, da Cinearte”*. Na presença do prefeito Pires do Rio o cinema foi inaugurado em 1929, com a presença da orquestra regida pelo maestro Gabriel Migliori, e a estreia do filme falado: O Pagão.

As fachadas foram desenhadas e executadas pelos franco-brasileiros Robert e Raoul Lacombe³³³, que também foram responsáveis pela fachada do prédio Sampaio Moreira. *“Robert Lacombe elaborou o projeto original da fachada e da decoração, tanto externa quanto interna, embora tivesse seguido muitas vezes as determinações do Comendador. Em 1929, realizou o ‘coroamento’ do Prédio com ardósia e mansardas falsas, abrangendo dois andares, 24º e o 25º. Neste colocou luzernas elípticas ornamentadas por molduras de chapas metálicas. Na fachada cor-de-rosa destacam-se também ‘cimalhas’, ‘primadas’, ‘cartelas’ e balaustradas de reboco cinza. Tudo isso atesta as várias influências de estilos sofridas por Martinelli*

³³¹ A altura deste prédio tendo a Rua Líbero Badaró como cota de referência é 130 metros, enquanto se a cota de referência for a Rua São Bento a altura é 105 metros. Isso incluindo a residência na cobertura.

³³² RICCA, 2003, p. 174.

³³³ Raoul Lacombe ex-aluno do Liceu de Artes e Ofícios, assim como Domingos Laudari, especializado em ornamentos e esculturas de gesso. E Pisanelli, serralheiro.

na construção do seu *Prédio*” descrição feita por Maria Cecília Naclério Homem³³⁴. Para a execução das atividades instalaram um atelier no 4º andar e depois no 19º. Uma das grandes atividades realizadas pela equipe foram os 40 quilômetros de molduras de gesso decorados com folhas de arabescos.

Tendo em vista a grande diferença de cota entre as ruas São Bento e Libero Badaró, o embasamento articula essa diferença com um entablamento contínuo com tríglifos e uma espécie de sacada com guarda-corpo balaustrado. Na parte inferior emoldurando o embasamento foi utilizado o granito vermelho.

O corpo do edifício possui 15 pavimentos. Todas as esquadrias são de madeira (pinho de Riga) e com verga reta. Algumas apresentam contra verga decorada. O coroamento possui mais três pavimentos inseridos na grande e falsa mansarda. Na cobertura do edifício há a “Villa” ou “Palacete”, ou seja, a residência encomendada por Giuseppe.

Os revestimentos internos são de alta qualidade como o piso em mármore de Carrara em todas as escadas. Os forros são decorados com as molduras de gesso. Os espelhos e papéis de parede são belgas. As louças sanitárias (originais) e as ferragens são de origem inglesa. Os ladrilhos são alemães. A decoração *art-deco* de alguns salões foi feita pelo pintor italiano Sercelli.

O acesso principal e os dois secundários possuem porta artística de ferro, e os demais estabelecimentos comerciais do térreo preservam as portas de rolar em ferro. O “foyer” do acesso pela Avenida São João ainda preserva o lustre de cristal. O revestimento da fachada, é feito com tijolo e recoberto com massa cor-de-rosa. Em depoimento feito por Raoul Lacombe quem executou o revestimento da fachada foi a família Fallani. A argamassa era composta de vidro moído, cristal de rocha, areias muito puras e mica; proporcionando reflexos especiais à exposição do sol. Há uma suposição de três tonalidades, resultado da mistura de pó-de-sapato ao cimento. No último restauro, os resultados do laboratório atestaram que a argamassa raspada com tonalidade rosada é decorrente da mistura de Sílica, Dolomita, cal, cimento branco, pigmentos inorgânicos e mica na massa³³⁵.

Por conta da crise causada pela quebra da Bolsa de Valores de New York, Giuseppe foi obrigado a vender o edifício, que foi comprado pelo Governo Italiano, em 1934. Em decorrência da II Guerra Mundial, foi confiscado pelo Governo Brasileiro. Em 1944 foi a leilão, e passou a ter vários proprietários, em convenção tornou-se condomínio. Nessa época, recebeu o nome de Edifício América.

³³⁴ HOMEM, 1984, p.84.

³³⁵ Para o restauro das fachadas na parte do coroamento, foi retirado amostra do material e encaminhado para laboratório técnico. Este trabalho foi realizado pelo Estúdio Sarasá.

Durante as décadas de 1960 e 1970, passou por um período de decadência, com usos diversificados. Em 1975, na gestão do Prefeito Olavo Setúbal, foi objeto da Lei Municipal n. 8255, de 26 de maio, que objetivava sua recuperação. Por meio de diversos decretos municipais, as unidades do edifício foram declaradas de utilidade pública para fins de desapropriação

O Escritório Técnico J. C. de Figueiredo Ferraz era responsabilizado pela requalificação. Com duas frentes: uma de restauro idealizada pelo arquiteto Bernardo José Castello Branco e outra de reciclagem de autoria do arquiteto Edith Gonçalves. Após a obra concluída, o Martinelli foi reinaugurado, em 1979, como sede de diversos órgãos da Prefeitura Municipal de São Paulo.

A observação feita na década de 1980 pelo engenheiro Italo Martilnelli, é que não valeu a pena a construção rompendo com a altura, para ele a metrópole do café, mais baixa e harmoniosa era também mais bela³³⁶.

Enfim, atualmente o comércio no térreo é ativo, várias secretarias do município de São Paulo funcionam nos muitos pisos, e na cobertura o terraço, com piso de ladrilho hidráulico, possui visuais da paisagem urbana paulistana privilegiada, é aberto à visitação. O prédio encontra-se conservado e isento de descaracterizações.

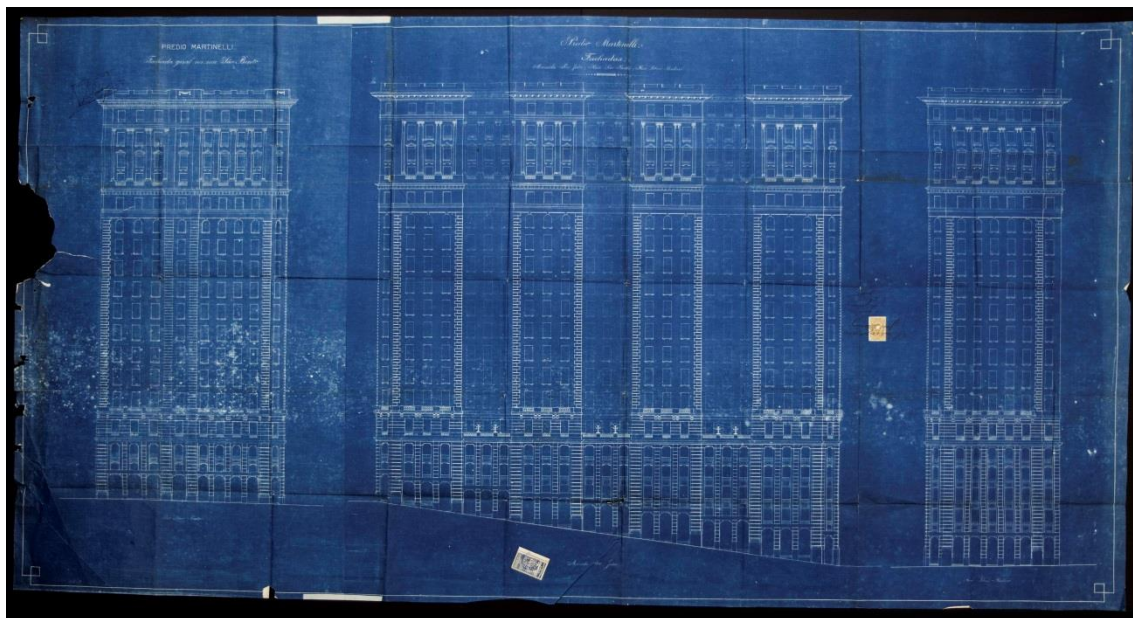


Imagem 420: Desenho das três fachadas: Rua São Bento; Avenida São João; Rua Líbero Badaró.

³³⁶ HOMEM, 1984, p.152.



Imagem 421: Fachada do Prédio Martinelli para a Avenida São João. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.

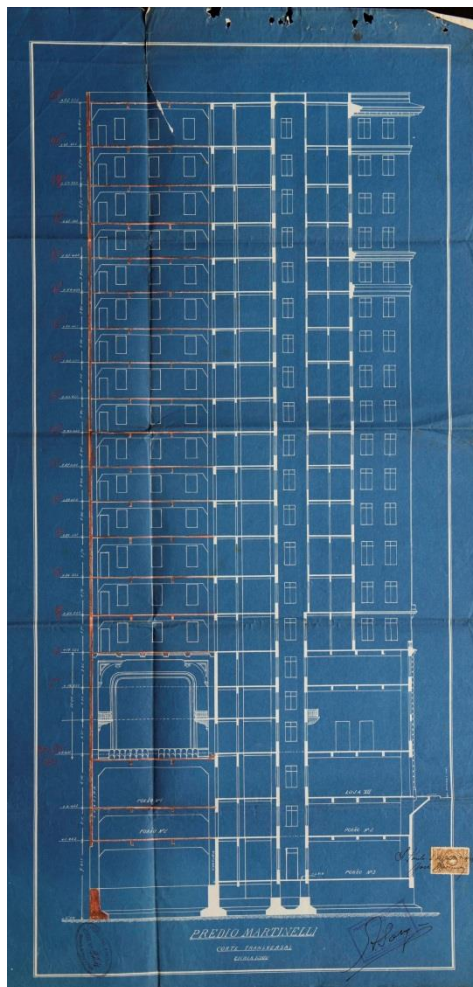


Imagem 422: Desenho do corte do Prédio Martinelli. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.

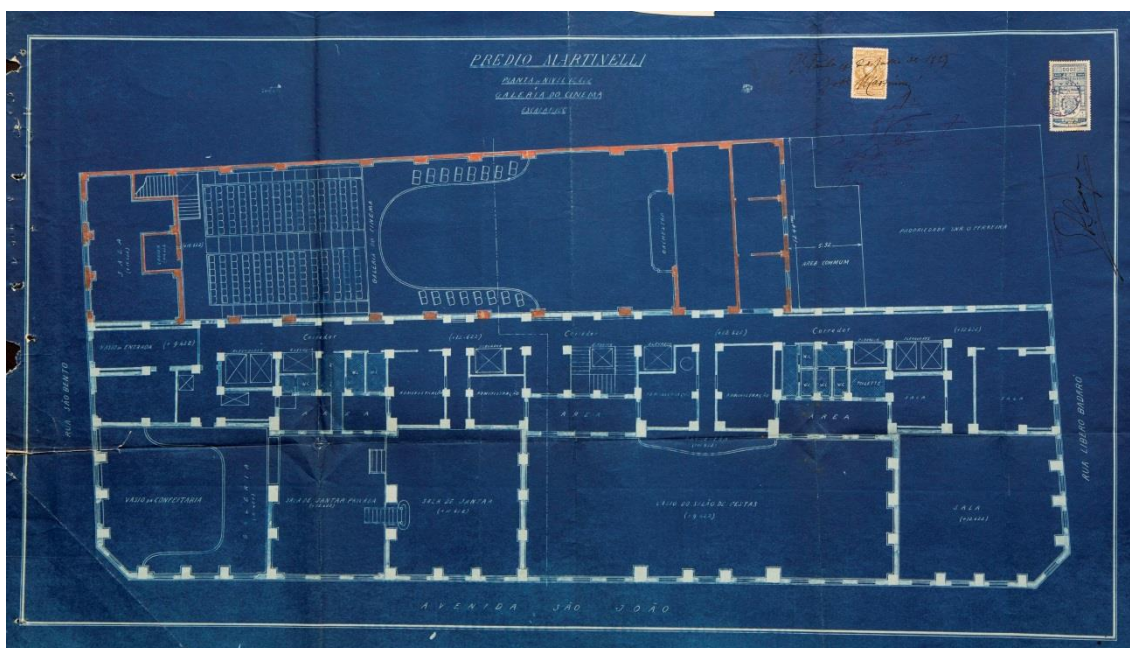


Imagem 423: Planta Nível 12.622. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.

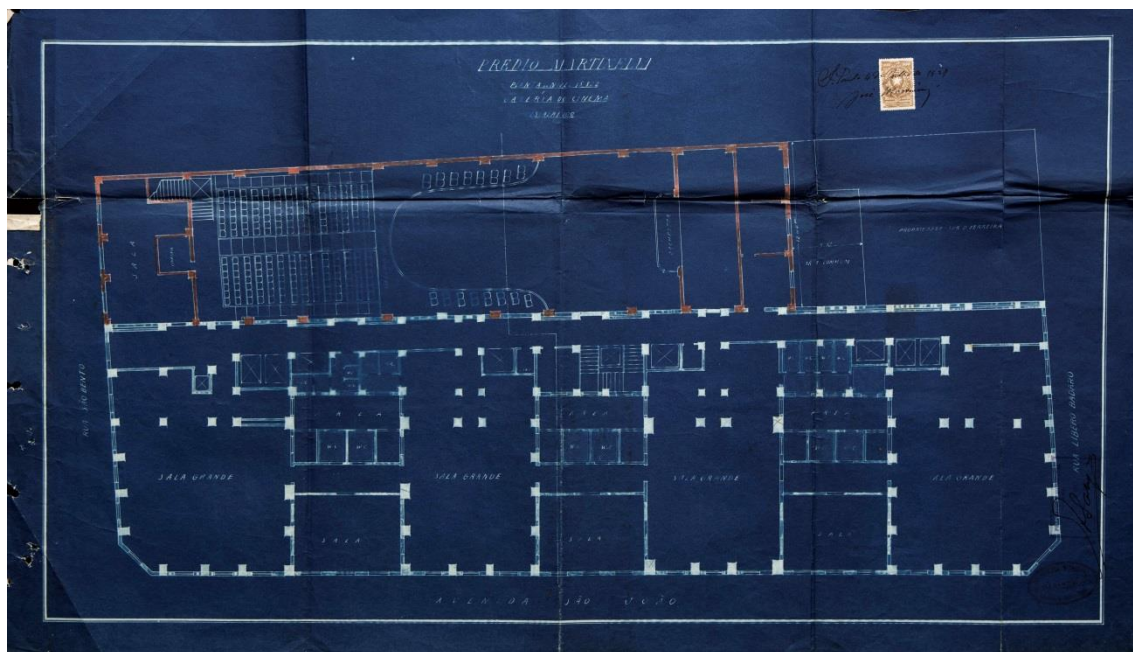


Imagem 424: Planta Nível 15.822, Galeria do Cinema. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.

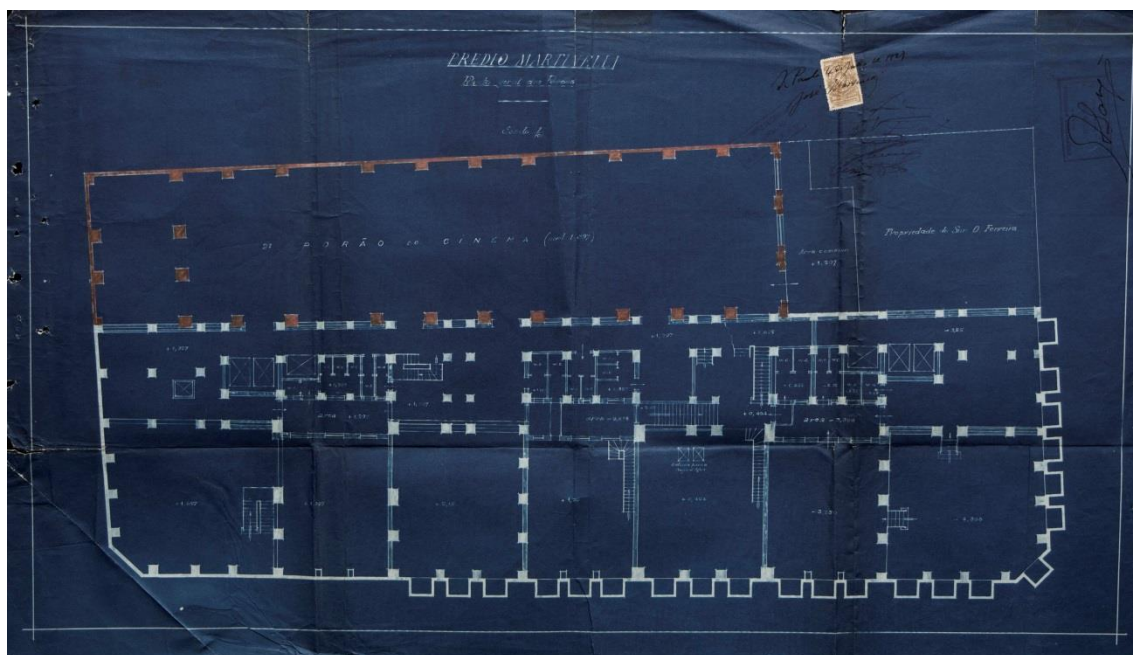


Imagem 425: Planta nível 15.397, porão do cinema. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.

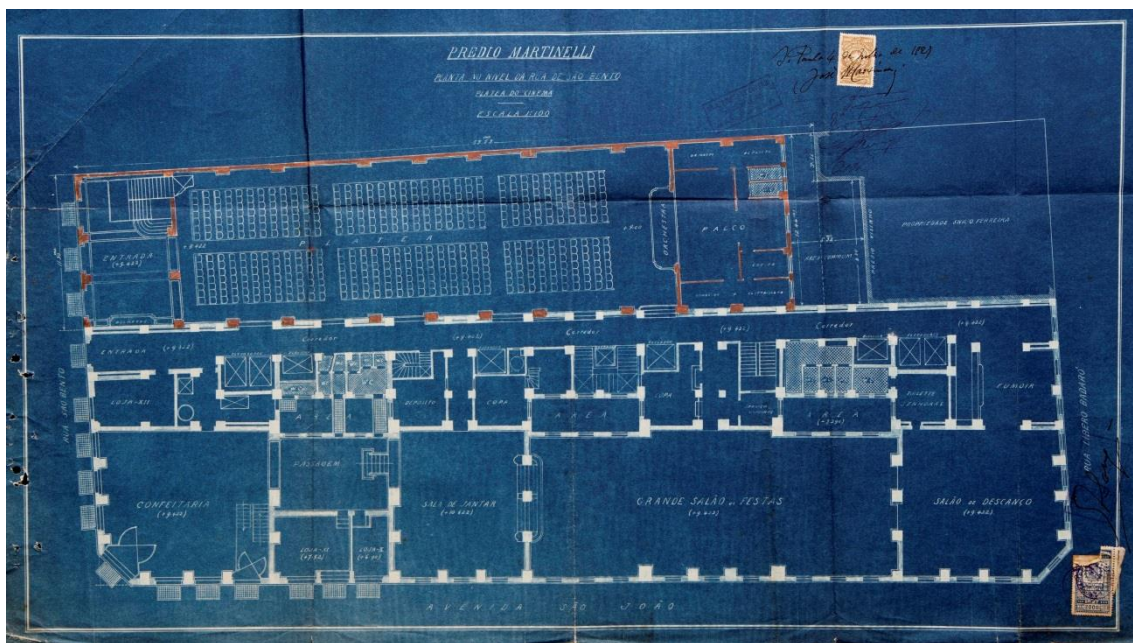


Imagem 426: Planta Platea do Cinema, Grande Salão de Festas, nível São Bento. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.

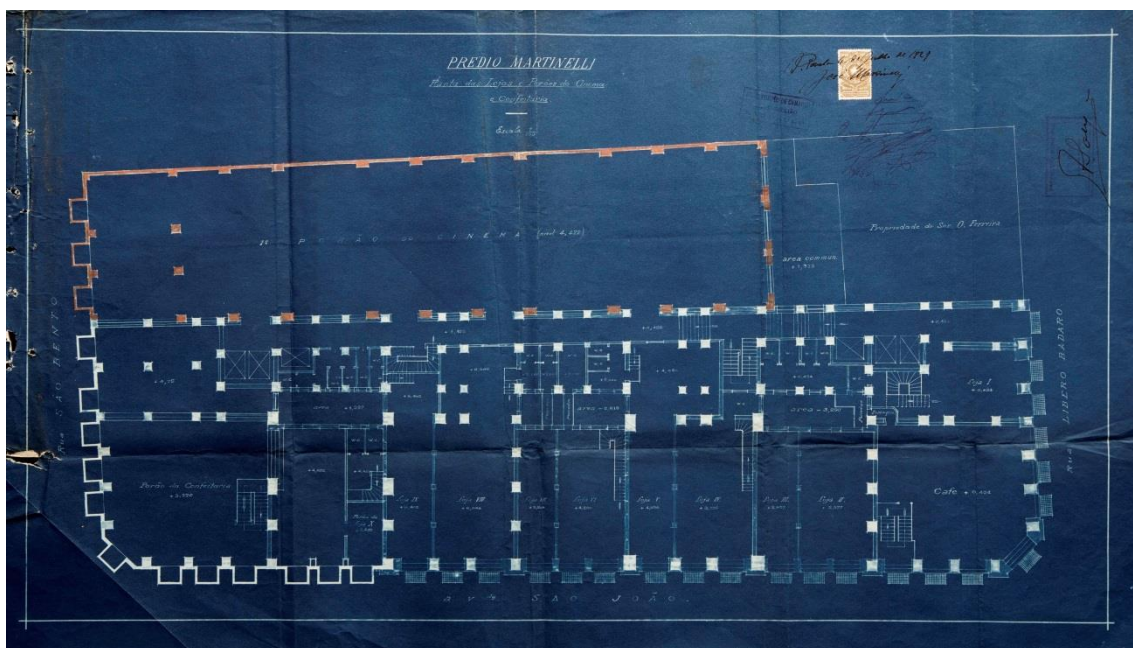


Imagem 427: Planta das lojas, porões do cinema e Confeitaria. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.

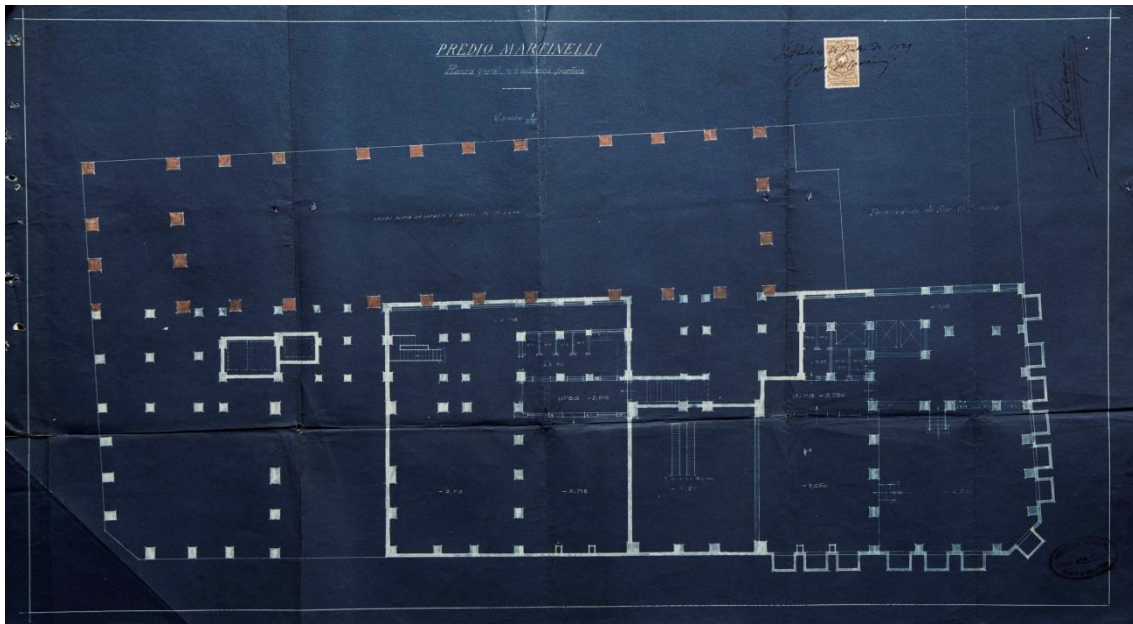


Imagem 428: Planta Geral dos porões. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.



Imagem 429: Detalhe da fachada do "Prédio Martinelli". Foto tirada pela autora em 2006.

3.2.20 Edifício antigo número 12A, 1936.



Imagem 430: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.



Imagem 431: Foto da autora, 2015.

Por fim o edifício que arremata o trecho deste estudo, evidenciando o modelo “*boulevard*” adotado como obra urbana moderna na cidade de São Paulo no período da Primeira República Brasileira (1890-1930), foi concluído em 1936 o prédio endereçado Avenida São João, número 12^a (atual 108). O prédio foi construído pela empresa A. Salfati & M. Buchignani,

O lote resultante deste quarteirão é amplo para os fundos, com pequena frente para a Avenida São João, o que permitiu um projeto interessante. O edifício possui térreo comercial mais quatro pavimentos, o acesso aos pisos superiores é na lateral esquerda de quem olha para o prédio.

Na fachada eclética, pelos desenhos e documentos iconográficos, o embasamento sempre teve uma porta larga ocupando praticamente a frente toda. Uma sacada com consolos e guarda-corpo balaustrado distingue o corpo composto de três sequências de envasaduras alinhadas, com vergas retas no primeiro, segundo e terceiro pavimento. Entre os pavimentos há bossagem, almofada saliente decorada. Duas falsas colunas lisas com capitel simples entre as envasaduras enfatizam a verticalidade deste corpo. Uma nova sacada com consolos e guarda-corpo balaustrado identifica o quarto pavimento que mantém as três envasaduras, porém ambas com verga em arco pleno. O coroamento é feito por um entablamento único e a platibanda. O edifício é arrematado por duas pilastras nas laterais, interrompidas entre o terceiro e quarto pavimento.

O revestimento externo é em argamassa raspada, as esquadrias são de vidro e madeira. O prédio encontra-se caracterizado, com poucos danos, porém com média conservação.



Imagem 432: Pormenor da fachada destacando a bossagem. Foto da autora, 2016.



Imagem 433: Fachada do Edifício antigo número 12A. Foto da autora.

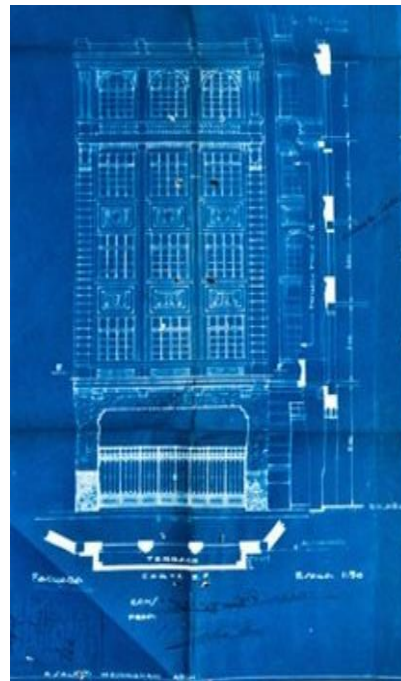


Imagem 434: Desenho da fachada do Edifício antigo número 12A. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

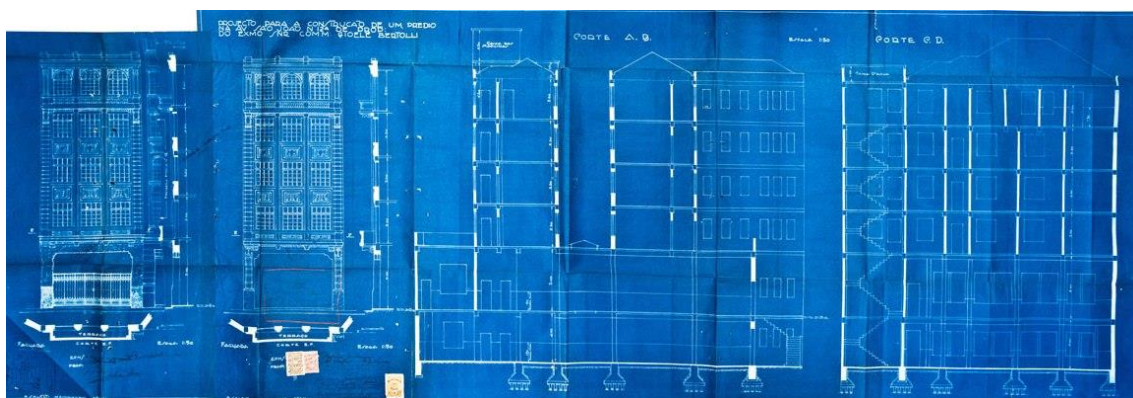


Imagem 435: Desenho da fachada e cortes AB, e CD, do Edifício antigo número 12A. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

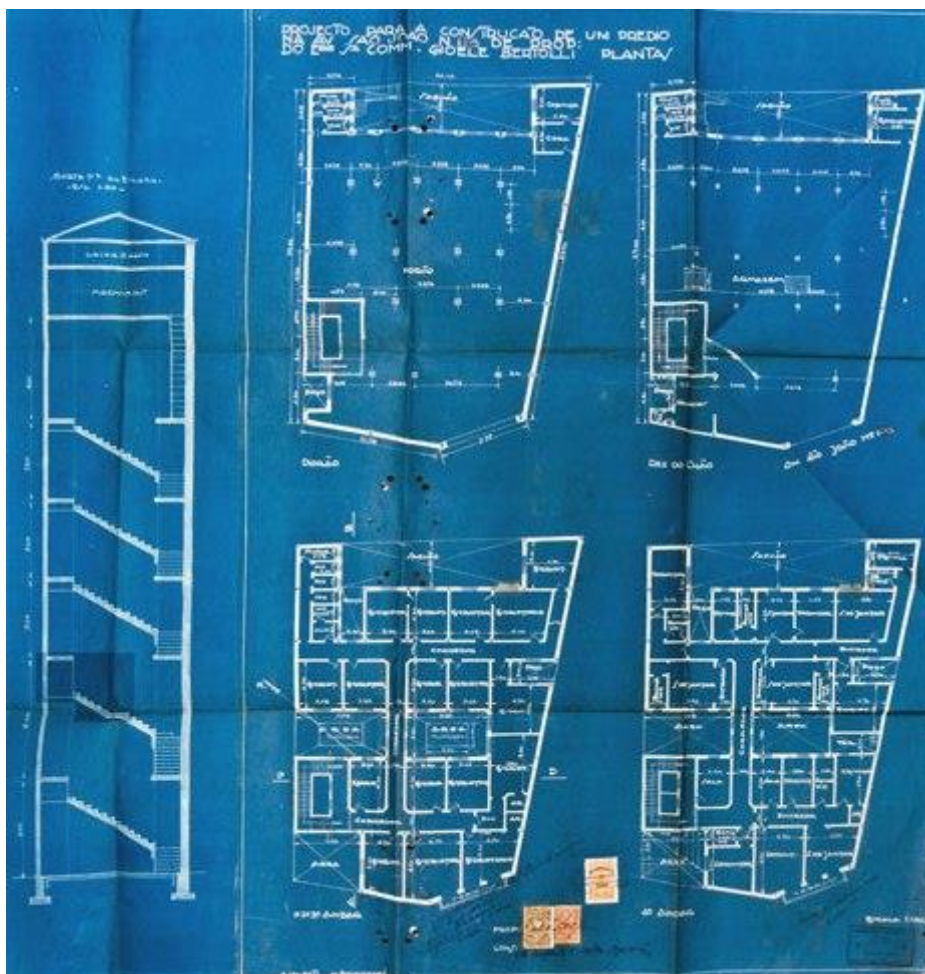


Imagem 436: Desenho das plantas e corte do Edifício antigo número 12A. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.

Enfim, conhecemos os edifícios construídos no período do estudo (1890-1930) e constatamos o que havia na Rua São João. O impacto, causado pela nova arquitetura implantada seguindo o alinhamento proposto pelo alargamento da via, na paisagem urbana paulistana do começo da década de 1930. De certo modo, um espaço com arquitetura eclética que durou praticamente o período entre as duas Guerras Mundiais.

3.3 O primeiro “boom” da construção civil paulistana.

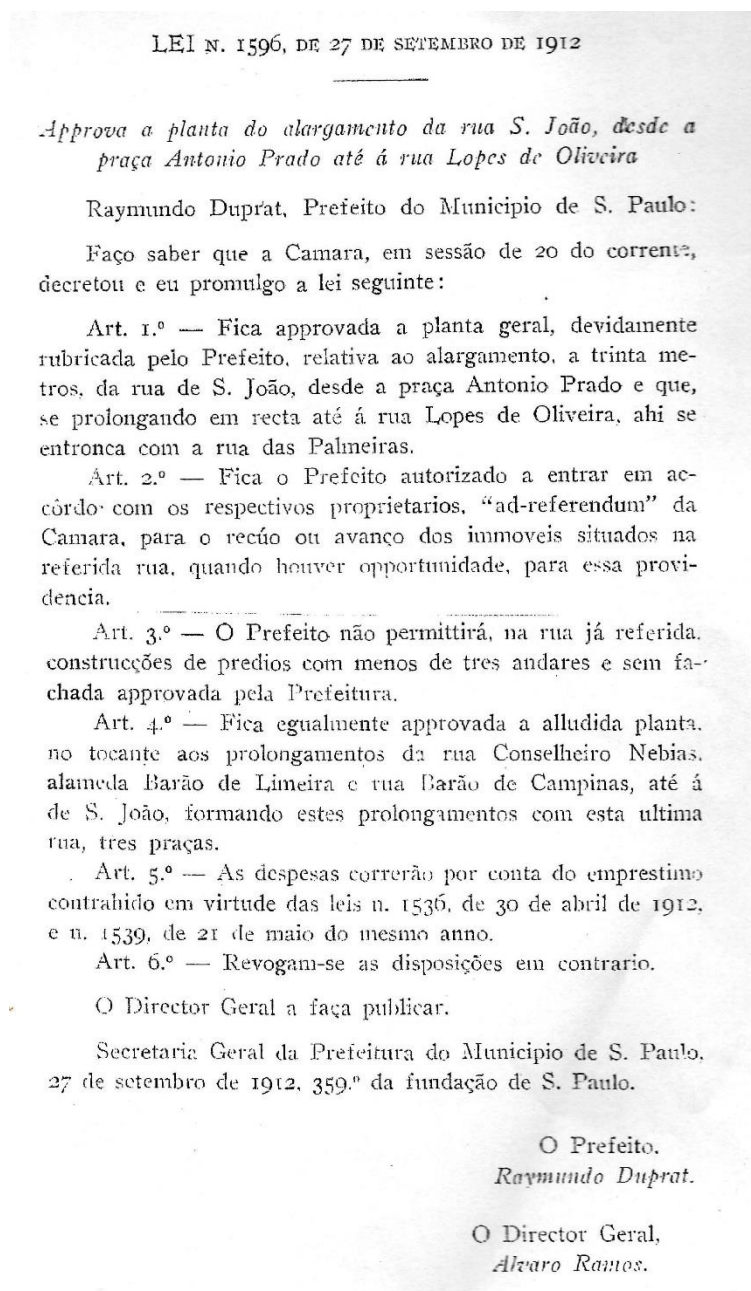


Imagem 437: Lei n. 1596/1912, “*Approva a planta do alargamento da rua S. João, desde a praça Antonio Prado até a rua Lopes de Oliveira*” (sic.).



Imagem 438: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo. Fonte: SARA BRASIL, 1930.

Conhecer todos esses projetos arquitetônicos decorrentes do alargamento da Rua São João aponta para o primeiro “boom” da construção civil na cidade de São Paulo. A Lei³³⁷ que aprovou o alargamento foi publicada em 1912. Para viabilizar está demanda os imóveis situados do lado par da via foram desapropriados, demolidos para serem reconstruídos no novo alinhamento, atendendo o novo padrão edilício.

Alguns fatos contribuíram como a alavancada da economia interna pela produção cafeeira, também conhecida como a riqueza do ouro verde. O crescimento populacional, oriundo principalmente da imigração, com certeza estimulou a construção. Oportunidades para profissionais como os *capomaestri*, arquitetos e engenheiros trabalharem sobravam na cidade.

Duas escolas técnico-profissionais foram instaladas em 1911 no Brás³³⁸ o que contribuiu para a especialização da mão de obra. Novos escritórios técnicos como Ramos de Azevedo e Cia, passam a atuar.

A conseqüente expansão urbana para uma nova área do território da cidade iniciada com construção do Viaduto do Chá, inaugurado em 1894, na opinião do arquiteto Hugo Segawa³³⁹. A abertura da Praça Antônio Prado³⁴⁰, em 1904 a 1906,

³³⁷ Lei n. 1596/1912, “*Approva a planta do alargamento da rua S. João, desde a praça Antonio Prado até a rua Lopes de Oliveira*” (sic.).

³³⁸ BRUNO, 1954, pp. 1270-1271.

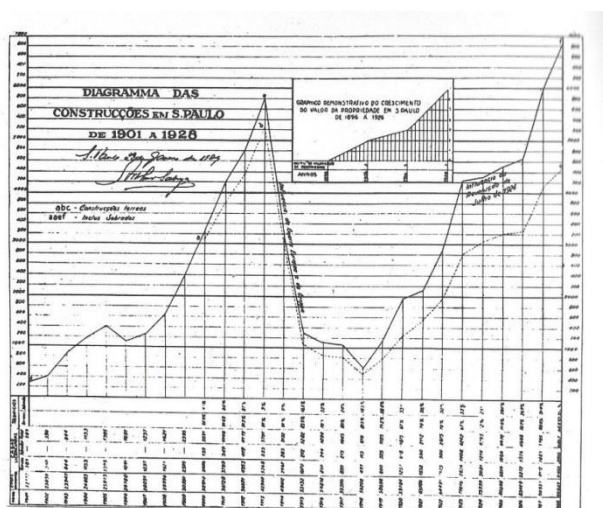
³³⁹ SEGAWA, 2004, p. 21.

foi a primeira obra urbana de “modernização” que propõe a desapropriação de uma área, a demolição das construções existentes para abertura de praças, ruas, e novas construções seguindo novos padrões pré-estabelecidos, que denominamos de modelo “arrasa quarteirões” realizado na cidade. A observação feita por Caio Prado Jr³⁴¹ complementa o que aqui é estudado:

“A paulicéia de ruas estreitas e casas modestas, que cabia no triângulo, existiu até a primeira Grande Guerra — era a sede de um São Paulo agrícola, do café, que imperava uma forte aristocracia territorial: gente que tinha mais orgulho da fazenda que da cidade, e quando pensava em cidade era Paris”.

Após publicada a lei citada, sucederam as desapropriações, demolições e novas construções. Este processo de alargamento da Rua São João iniciou-se em 1912, ou seja, no período da Primeira República (1889-1930), e antes da Primeira Guerra Mundial, porém prorrogou-se por muitos anos.

Durante a primeira guerra mundial, lembrando que os materiais de construção eram importados, houve muita dificuldade para a comercialização dos produtos. Um gráfico elaborado pelo engenheiro Arthur Saboya, indica a quantidade de construções na cidade a partir de 1901. Este gráfico registra uma curva acentuada ascendente de crescimento no número de construções, que foi interrompido abruptamente em 1914, só sendo retomado a partir de 1918 quando terminou a guerra³⁴².



O “diagrama” do engenheiro Arthur Saboya.

Imagem 439: Gráfico elaborado pelo engenheiro Arthur Saboya. Fonte: Revista Illustrada Brasileira (sic.), n. 109, 1929. Também publicado em LEMOS, 1989, p.164.

³⁴⁰ Ver na parte 2.

³⁴¹ BRUNO, 1954, pp. 1315-1316.

³⁴² LEMOS, “A cidade dos fazendeiros”, texto publicado em ARAÚJO, 2000, p.102.

A arquitetura aqui construída a denominamos “*eclética*”, porém muitas vezes a miscelânea é tão grande que se confunde com um pasticho. A cidade parecia uma colcha de retalhos para Maria Cecília Naclério Homem. Ou conforme comentou Alessandro D’Atri em visita a cidade em 1925: “*muito de Paris, pouco de Roma moderna, algumas impressões de Londres e Bruxelas, as linhas retas de Turim e, nos bairros populares, muito de Nápoles*”³⁴³.

A base cartográfica que nos apresenta a situação fundiária em 1930³⁴⁴, coincide com o atual cadastro dos lotes, quadras e setores fiscais utilizados pela municipalidade. Adotamos esta base por ser representativa do final do período deste estudo. No pormenor está anotado as datas dos edifícios no recorte de estudo. Concentramos esta análise no fragmento das desapropriações dos imóveis da Rua São João do antigo Largo do Rosário, Praça Antônio Prado (1906), até o entroncamento com a atual Avenida Ipiranga.

Atualmente, existe 56 lotes, começamos o levantamento das edificações existentes fazendo as fichas de inventário de cada uma delas. Detectamos que na prática são 52 lotes, pois do lado ímpar há duas unificações. Enquanto, do lado par alargado, com exceção da quadra entre as ruas São Bento e Libero Badaró³⁴⁵, a situação fundiária permanece a mesma com vinte lotes.

Diante dos vinte lotes do lado par alargado e reedificado, uma das edificações corresponde a nova Igreja do Rosário endereçada no Largo Paissandu, concluída em 1906; outro edifício deste mesmo ano é o “Martinico Prado”³⁴⁶. Dentre as demais edificações, três foram reconstruídas respectivamente no lote existente. Houve uma unificação de lotes entre as ruas São Bento e Líbero Badaró. Enfim, no lado par, posterior ao período deste estudo foram construídos quatro novos edifícios na década de 1950³⁴⁷.

³⁴³ D’ATRI, Alessandro. *L’Etat de São Paulo et le renouvellement économique de l’Europe*. Paris: V. Allard, Chantelard e Cie., 1926, p.189. Em: HOMEM, 1984, p.25.

³⁴⁴ Planta SARA BRASIL, 1930 *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, executado pela empresa SARA BRASIL S/A, pelo methodo Nistri de aerofotogrametria de acordo com o contracto lavrado em virtude da Lei No. 3203 de 1928, quando Prefeito o Dr. Dr. José Pires do Rio, sendo Director de Obras o engenheiro Arthur Saboya (sic.). FONTE: Acervo do D.P.H. – Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo.

³⁴⁵ Está exceção corresponde à unificação de lotes para a construção do Edifício “Banco do Brasil”, *Art-déco*, inaugurado em 1955.

³⁴⁶ Ambos edifícios apresentados na Parte 2.

³⁴⁷ Edifícios sem interesse nesse estudo, tendo em vista que nos concentramos até 1930, quando termina o período político da Primeira República.

O lado ímpar teve pouca alteração fundiária e preserva a única edificação do século XIX, o prédio do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo³⁴⁸. Possui cinco edifícios construídos na década de 1920, dos quais o Prédio Martinelli, que são relevantes nesse estudo. Dentre as demais edificações muitas estão deterioradas, ou descaracterizadas. Há algumas das décadas de 1950-1960 como um edifício projetado pelo arquiteto Oscar Niemayer. E os recentes edifícios que fazem parte do projeto de requalificação urbana denominado “Praça das Artes”³⁴⁹.

Sintetizando são dezesseis edifícios do lado par dentre os vinte existentes no trecho da pesquisa que foram construídos no período deste estudo decorrente das obras de abertura da Avenida São João. Furto-me das palavras de um viajante que Ernani Silva Bruno³⁵⁰ cita:

“Aqueles que andam pelas ruas, que olham e gritam, compram e vendem sentem que aí está o centro de uma metrópole moderna, internacional, de uma cidade de comércio e indústria”. E ainda acrescenta: “Nessas ruas estreitas, de edifícios altos, os homens correm e se acotovelam como em qualquer capital da Europa”.

Sobre o material e a técnica construtiva, o arquiteto Benedito Lima de Toledo³⁵¹ sintetiza com muita coerência São Paulo em três tempos: a taipa; o tijolo; e o concreto. Neste estudo constatamos que a velha taipa de pilão foi de fato substituída pela alvenaria de tijolos. A introdução do concreto nas construções permitiu maiores alturas, agregado posteriormente ao uso dos elevadores. Quanto a tipologia edilícia com certeza a influência é europeia.

Os estudos feitos pela socióloga Lucila Herrmann³⁵² em 1935 sobre o desenvolvimento de São Paulo pela radial do café, ela analisou a mudança do eixo sul “Caminho do Mar” para o noroeste “atual Avenida São João”. Nesse trabalho ela apresenta dados importantes como os valores empreendidos nas desapropriações na Avenida São João (tabela e gráfico A). De 1911 a 1913, foram os anos que teve maior área desapropriada, e o valor do metro quadrado era o mais alto. Coincidentemente no período da Primeira Guerra Mundial foram os anos que menos houve desapropriações. O valor do metro quadrado de 1914 a 1916 caiu vertiginosamente, depois entre 1917 e 1919 voltou a subir. Ocorreu uma retomada das desapropriações de 1920 a 1922, inclusive com aumento do valor do

³⁴⁸ Sobre este edifício ler mais na Parte 2.

³⁴⁹ Citado na Parte 2.

³⁵⁰ BRUNO, 1954, p. 1319.

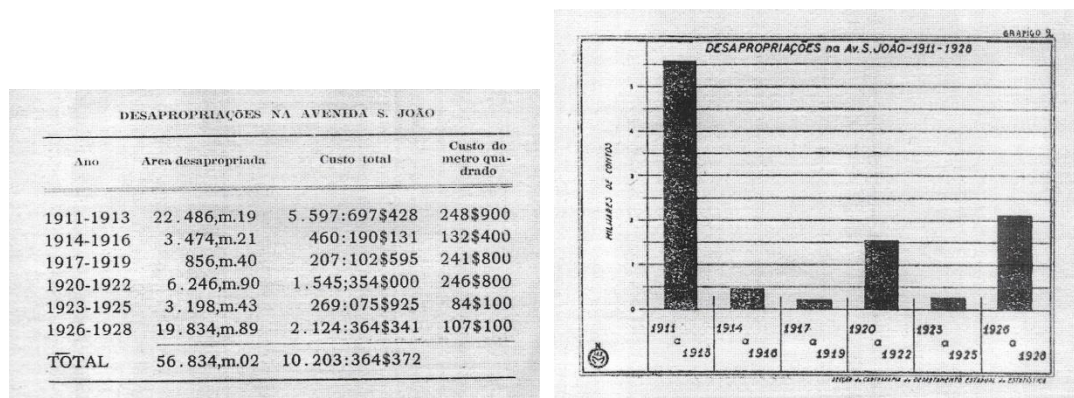
³⁵¹ TOLEDO, 1981.

³⁵² HERRMANN, 1944.

metro quadrado. Entre 1923 e 1925 o valor do metro quadrado chegou a atingir o menor preço. Novamente um grande investimento foi feito entre 1926 a 1928.

Na tabela (B) que relaciona os valores gastos com desapropriações em diversas áreas da cidade, entre 1926 e 1930, a Avenida São João foi recordista a frente dos gastos no centro e na avenida Anhangabaú. As duas tabelas (C e D) ilustram o valor de locação e do metro quadrado do imóvel na Avenida São João e no Caminho do Mar, enquanto o gráfico (E) apresenta os valores médios de locação. Com esses dados em mãos ao fazer comparação de valores entre os trechos de duas radiais: São João-Água Branca e Caminho do Mar fica explícito a valorização que teve a Avenida São João no trecho deste estudo.

Enfim está provada a hipótese do deslocamento do eixo leste da ocupação de São Paulo, pelo Rio Tamandateí, para um novo eixo a este do centro, que se desenvolveu como consequência da economia cafeeira depois da segunda metade do século XIX, circulando e propiciando o desenvolvimento da urbanização da cidade para essa direção, inclusive com a grande valorização fundiária.



Imagens 440 e 441: Tabela e gráfico A: Volume das desapropriações em relação ao capital pago na Avenida São João, no período de 1911 a 1928, segundo pesquisa feita por Lucila Herrmann.

TRECHOS DA CIDADE	IMPORTANCIA
Avenida S. João	10.065:025\$000
Centro da cidade	8.012:109\$000
Avenida Anhangabaú	6.327:555\$000
Canalização do Tietê	4.260:195\$250
Ladeira do Carmo	2.208:432\$028
Ruas Couto Magalhães e 25 de Março	1.369:527\$500
Av. Agua-Branca, Pompeia, Pacaembú	854:162\$833
Parque Ibirapuéra, Avenida Itooró	1.503:057\$000
Varias	1.954:027\$987
TOTAL	34.867:884\$987

(ver gráfico n.º 1)

Imagem 442: Tabela (B) com valores gastos com desapropriações no período de 1926 a 1930, segundo pesquisa feita por Lucila Herrmann.

Valores imobiliários das áreas: S. João: Lapa	Média dos valores locativos	Preço do metro quadrado
Avenida S. João até a rua Libero	45:000\$000	3:000\$000
Avenida S. João até ao Largo Paissandú	71:000\$000	1:500\$000
Praça Marechal Deodoro	11:350\$000	260\$000
Rua das Palmeiras	11:150\$000	140\$000
Avenida Agua-Branca	5:500\$000	100\$000
Lapa		
rua Carlos Vicari	4:550\$000	100\$000
rua Guacurús	3:350\$000	100\$000
rua Trindade	2:950\$000	50\$000

VALORES IMOBILIÁRIOS DO CAMINHO DO MAR		
Áreas da cidade	Valor locativo	Preço do metro quadrado
Rua Tabatinguera		120\$000
Avenida do Estado	7:070\$000	12\$000
Avenida D. Pedro II	4:100\$000	50\$000
Rua Bom Pastor	3:900\$000	45\$000

(ver gráfico n.º 3)

Imagens 443 e 444: As duas tabelas (C e D) ilustram o valor do metro quadrado do imóvel na Avenida São João e no Caminho do Mar, segundo pesquisa feita por Lucila Herrmann.

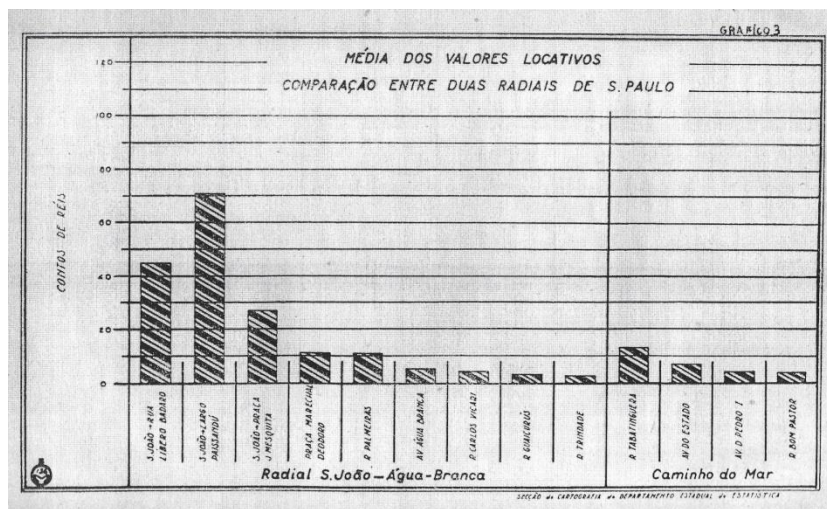


Imagem 445: Gráfico (E) dos valores médios de locação. Comparação de valores entre os trechos de duas radiais: São João-Água Branca e Caminho do Mar, segundo pesquisa feita por Lucila Herrmann.

E comparando com a hipótese levantada pelo arquiteto José Geraldo Simões Jr., da inversão da polaridade na estrutura urbana da cidade em três momentos: o primeiro de 1554 a 1867 voltado para o Rio Tamanduateí (leste); o segundo de 1867 a 1892 em torno das ferrovias e da Estação da Luz (norte); o terceiro de 1892 a 1917 com as obras de melhoramentos na várzea do Ribeirão Anhangabaú (oeste).

Concluimos que a opção do alargamento da Rua São João afirmou a ocupação territorial para a direção oeste do sitio primitivo e conseqüentemente a valorização imobiliária, aliada a arquitetura das novas edificações. Não foi por acaso que ocorreu a mudança do foco da cidade: de fundos para o Anhangabaú, este ribeirão passou a ser a frente. A construção do Teatro Municipal, inaugurado em 1911, foi projeto âncora para toda esta valorização. Valorização também inspiradora para os artistas que participaram da semana de Arte de 22³⁵³ como Anita Mafalti (Tropical,

³⁵³ RICCA, 2003, pp. 160-162.

1917), Tarsila do Amaral e Zina Aita que registraram o parque do Anhangabaú, dentre outros, os escritores Oswald e Mario de Andrade.

Sentados num banco da América folhuda

O cow-boy e a menina

Mas um sujeito de meias brancas

Passa depressa

No viaduto de ferro

Oswald de Andrade³⁵⁴

TRISTURA

“Une rose dans les ténèbres”. Mallarmé

Profundo. Imundo meu coração...

Olha o edifício: Matadouros da Continental.

Os vícios viciaram-me na bajulação sem sacrifícios...

Minha alma corcunda como a avenida São João...

E dizem que polichinelos são alegres!

Eu nunca em guizos nos meus interiores arlequinais!...

Paulicéia, minha noiva... Há matrimônios assim...

Ninguém os assistirá nos jamais!

As permanências de ser um na febre!

Nunca nos encontramos...

Mas há rendez-vous na meia noite do Armenoville...

E tivemos uma filha, uma só...

Batismos do sr. Cura Bruma;

água-benta das garoas monótonas...

Registrei-a no Cartório da Consolação...

Chamei-a Solitude das Plebes...

Pobres cabelos cortados da nossa monja!

Mário de Andrade³⁵⁵

³⁵⁴ Oswald de Andrade em RICCA, 2003, p.162.

³⁵⁵ ANDRADE, 1955, p.46.

ANHANGABAÚ (1922)

*Parques do Anhangabaú nos fogaréus da aurora...
Oh larguezas dos meus itinerários!...
Estátuas de bronze nu correndo eternamente,
num parado desde pelas velocidades...*

*O carvalho votivo escondido nos orgulhos
do bicho de mármore parido no Salon...
Prurido de estesias perfumando rosais
o esqueleto trêmulo do morcego...
Nada de poesia, nada de alegrias!...*

*E o contraste boçal do lavrador
Que sem amor afia a foice...*

*Estes meus parques do Anhangabaú ou de Paris,
onde as tuas águas, onde as mágoas dos teus sapos?
"Meu pai foi rei!
- Foi. – Não foi. – Foi. – Não foi.
Onde as tuas bananeiras?
Onde o teu rio frio encanecido pelos nevoeiros,
Contando histórias aos sacis?...*

*Meu querido palimpsesto sem valor!
Crônica em mau latim
Cobrindo uma écloga que não seja de Virgílio!...*

*Mário de
Andrade³⁵⁶*

Fonte de inspiração também para o cinema. O cartaz do filme "*São Paulo, a sinfonia da metrópole*"³⁵⁷, produzido em 1929 pela Rex Film, antecipa o processo de verticalização que décadas depois a cidade iria passar. Segundo Nicolau Sevcenko: "*A verticalidade monumental se torna o principal signo da metropolização. O Prédio Martinelli incorporou ao coração da capital paulista a visão místico-concreta do arranha-céu. O cartaz do filme São Paulo, a sinfonia da metrópole extraí ícones verticais o gênio atlético da pujança. Já o polonês Podsadeck tem uma visão trágica*

³⁵⁶ ANDRADE, 1955, p.50.

³⁵⁷ Inspirado no filme mudo, branco e preto, produzido em 1927, *Berlim: sinfonia da metrópole*, título original em alemão: *Berlin: Die Sinfonie der Großstadt*, sob a direção de Walter Ruttmann. Um documentário sobre a rotina da Berlim de sua época, com os operários saindo cedo para o trabalho nas fábricas, terminando o dia na vida noturna agitada na Berlim dos anos 1920. No fluir de um dia, é apresentada a sociedade multi-facetada da época, ou seja, desde a pobreza e a vida de um operário, até a riqueza e o luxo. Os diretores Rodolfo Lustig e Adalberto Kemeny produziram o documentário lançado em 1929: *São Paulo a symphonia da metrópole*, a ideia é retratar a sociedade paulistana dos anos 1920. O "cenário" deste filme muitas vezes é a Rua/Avenida São João. Ambos contextualim o ambiente urbano no pós primeira Guerra Mundial. A cidade de São Paulo "*metrópole formidável e cyclopica*", "*crescendo vertiginoso*" (sic.), "*o ruído, que empresta a cidade o ambiente das grandes metrópoles*", no filme mudo o vendedor de painéis, à pé, batendo nelas. "*Vida nas ruas. Agitação. Tumulto. Desastre. E a cidade se ufana do seu serviço da assistência pública*". "*O ângelus...e o sol discende sobre a terra os seus raios derradeiros, saudado pela oferenda magnífica da symphonia da tarde...*", assim finda o filme.

da *Cidade moderna*³⁵⁸. Muitos viam com otimismo o embrião do processo de verticalização que iniciaria na Paulicéia, porém alguns já deslumbravam a catástrofe que viria.

Anos depois de inaugurado o prédio Martinelli, na abertura do Cine Metro também na Avenida São João, o poeta Guilherme de Almeida³⁵⁹ escreveu: “*Um novo eixo vara a cidade. Esticada, reta, entre duas montanhas simbólicas da nossa grandeza – o Jaraguá, montanha histórica que Deus fez; e o Martinelli, montanha moderna que os homens fizeram – a Avenida São João, magnética, vai chamando a si a vida urbana e o cinema também*”³⁶⁰. As palavras de Almeida elucidam o fascínio, a maravilha que foi a Avenida São João para a cidade.

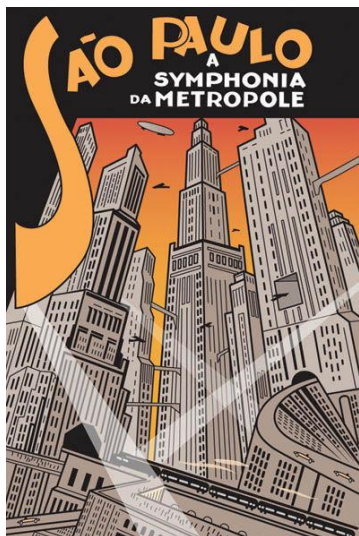


Imagem 446, Imagem 447, Imagem 448, Imagem 449, Imagem 450: Retrato de Mario de Andrade, da artista Zina Aita, 1923 (IEB-USP); catalogo da Semana de Arte de 1922; Tropical, da artista Anita Malfatti, 1917 (Pinacoteca SP); São Paulo 135831, e GAZO da artista Tarsila do Amaral, 1924 (Pinacoteca SP).

³⁵⁸ SEVCENKO, 2014, pp.176-177.

³⁵⁹ Guilherme de Almeida (1890, Campinas-SP; 1969, São Paulo-SP). Formado em 1912 na Faculdade de Direito, foi poeta, tradutor, dramaturgo e ensaísta. Fundou com Oswald de Andrade, Sergio Milliet, Mario de Andrade dentre outros a revista *Klaxon*, meio de divulgação das ideias modernistas.

³⁶⁰ Publicado no jornal O Estado de São Paulo de 15/3/1938.



Imagens 451 e 452: Pôster de divulgação do filme. Fonte: <<http://lemad.fflch.usp.br/node/321>>. Prédio Martinelli, ilustração em SEVCENKO, 2014, pp. 176-177.

Torre de Babel

*Eles ergueram a torre de Babel
 Bem na praça Antonio Prado.
 O esqueleto de aço cobriu-se de carne e cimento
 E as vigas e guindastes
 Eram braços agarrando estrelas
 Para industrializa-las em anúncios comerciais.*

*Italianos joviaes,
 Húngaros de olhos de leopardo,
 Caboclos de Tietê arrastando o caipira,
 Bolchevistas de Ukrania,
 Polacos de Wrangel
 Nipões jaldes como gnomos nanicos talhados em âmbar,
 Entre as pragas dos contramestres,
 Os rangidos das taboas do andaime
 O estridor metálico
 Das vigas de aço e dos martelos sonoros,
 No ceu libérrimo de S. Paulo
 Fizeram a confusão das línguas
 Sem perturbar a geometria rigorosa
 Do ciclópico arranha-ceu!*

*Lá do alto, o paulista,
 Bandeirante das nuvens,
 Mirou o prodígio da Cidade alucinada:
 Uma casa de três andares
 poz-se a crescer bruscamente
 como nos romances de Wells;
 outra apontou a cabeça arrepelada de caibros
 acima do viaduto do Chá;
 e começou a desabalada carreira
 do pareo do azul.*

O formidável arranha-ceu

*Com a cabeça nas nuvens
Abrigou no seu ventre de concreto
O drama da nova civilização.*

*Onde estás meu seráfico Anchieta,
Erguendo com o barro de Piratininga,
Pelo milagre da tua persuasão
As paredes rasteiras do Colegio?*

Menotti del Pichia³⁶¹.



Imagem 453: Panorama da cidade de São Paulo, tomado do Prédio Martinelli. Fonte: Revista Ilustração Brasileira, n. 109, anno X, setembro 1929.

³⁶¹ Menotti del Pichia, nasceu em São Paulo capital em 1892, formou-se em Direito em 1913, participou ativamente da Semana de Arte Moderna em 1922, faleceu na capital em 1988. Revista Ilustração Brasileira, n. 109, anno X, setembro 1929.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Imagem 454: Vista da Avenida São João sentido centro, 1952. Foto: Antônio Soukef.

“A cidade das demolições. A cidade sem memória”³⁶².

³⁶² LEMOS, 1989, p.20.

A pesquisa trabalhou com o ambiente construído e o registro de suas transformações no tecido e na paisagem urbana de uma região na cidade de São Paulo. Partiu do espaço físico existente, que por oportuno está preservado, mas nem todo conservado, e foi resgatando o que existia no espaço urbano. A leitura começou da avenida São João, desconstruindo a situação atual para conhecer o que havia antes. Tanto as obras públicas como as privadas participaram desta transformação numa área pequena do tecido urbano da cidade, e em um período de tempo curto: a Rua São João, o “*boulevard*” paulistano da Primeira República (1889-1930).

Na primeira parte, começamos pela a Rua São João no contexto da história urbana paulistana, conhecendo a relação da via em questão com o núcleo primitivo. Revisitamos os caminhos de saída deste núcleo e a expansão da malha urbana. Remontamos a transição do eixo da ocupação: iniciado pelo leste, via Rio Tamandateí, deslocando-se primeiro para o norte, com as estações da ferrovia, e em decorrência das transformações na economia, posteriormente para o oeste, com a valorização da ocupação da margem do Ribeirão Anhangabaú.

Na segunda parte, foi estudada a Rua São João com base na documentação primária dos acervos consultados, como as coleções: de Obras Particulares e de Obras Públicas pertencente ao Arquivo Histórico São Paulo (AHSP), confrontadas com as bases cartográficas e com os registos icnográficos. As informações foram fundamentais para montar o quebra cabeça sobre a cidade de São Paulo, que não existe mais como era. Assim conhecemos o sobrado da família Souza Barros, construído no final do século XVIII. A Escola Americana, na esquina com a *Rua Ypiranga*. Exploramos a Ladeira do Acu, depois a Ladeira São João. No sopé da ladeira o Mercado São João, vizinho de frente do terreno que pertencia a Companhia Antarctica, o local onde funcionou o espaço do *Polytheama*, depois *Teatro Eldorado*, *Casino Paulista*, *Bijou Theatro* e *Bijou Salão*. Mais adiante o prédio construído em 1895 que sediava o Salão Steinway, que após reforma se tornou o Hotel Panorama, e que a partir de 1909 foi a sede do Conservatório Musical e Dramático de São Paulo.

Investigamos um pouco sobre o Largo do Rosário, que abrigou a Igreja de taipa de pilão construída no século XVIII da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Igreja que foi demolida para a realização da primeira obra moderna urbana na cidade, a abertura da Praça Antônio Prado. Endereço onde se viu construir em 1906 o Edifício Martinico Prado (atual prédio da BM&F, Bolsa de

Mercadorias e Futuros). A Irmandade construiu sua nova Igreja do Rosário no terreno que lhe foi concedido no Largo do Paissandú. Ali perto, no número 115 da Rua São João, também em 1906 foi construído o Teatro Carlos Gomes. Estas edificações elucidam que a área de estudo, já no final do século XIX tinha um caráter cultural relevante na cidade. Foi fechada esta parte com os dados de 1906 a 1910 sobre as moradias nesta via.

Na terceira parte conhecemos o “*boulevard*” São João e suas novas edificações. Começamos com um capítulo sobre os “planos urbanos” para a cidade em 1910/11 que resultaram na decisão da obra de alargamento da Rua São João. A polêmica urbana, com os projetos urbanos a partir da proposta de Adolpho Augusto Pinto em 1890, do vereador Augusto Carlos da Silva Telles em 1906, os três planos de 1910/11 propostos: um por Alexandre Albuquerque, outro por Victor Freire e Eugênio Guilhem, e o terceiro por Samuel da Neves. Ao fim, com o relatório do arquiteto Joseph-Antoine Bouvard fica claro que as ideias à ocasião eram similares, e aos poucos foram amadurecendo, mas predominou o norte determinado pelo engenheiro Pinto, ao qual foi dada continuidade por Freire, com arremate do paisagismo de Bouvard. Foi oportuno ao estudar os projetos conhecer os profissionais engenheiros e arquitetos, e muitas vezes mestre de obras, dentre os quais Francisco Ramos de Azevedo e Ricardo Severo. Foi observada a importância da formação da escola Paula Souza e a faculdade Politécnica de São Paulo.

Outro capítulo serviu para conhecer as novas edificações. Os imóveis do lado par da Rua foram todos desapropriados, quando não eram da municipalidade, e demolidos para o alargamento de 30 metros da via. As novas construções do lado par foram feitas no novo alinhamento, atendendo às novas regras edilícias. O primeiro prédio foi o Edifício “Dom José” em 1913. Em 1915/16, foi construído na esquina com o Largo Paissandú o Edifício Cotonifício Paulista. Dois prédios vizinhos nesse mesmo quarteirão foram concluídos em 1918 e 1920, “Hotel Central” e “Hotel Britânia”, respectivamente. E lindeiro a esses, o “Prédio dos Correios” foi inaugurado em 1922. Os três projetos são do Escritório Técnico Ramos de Azevedo.

O lote que faltava nesta quadra foi preenchido apenas em 1928, com o “Prédio Oscar Rodrigues”, que inclusive possui dois pavimentos a mais que os demais. Vizinho ao Edifício “Dom José”, no lote que foi da chácara da família Souza Queiroz, foi construído o edifício “Cinelândia Hotel” em 1924. Nesse quarteirão mais adiante, no ano de 1920, foi concluído o “Hotel Columbia Palace”. E na esquina

com a Avenida Ipiranga, assinado pelo arquiteto Ricardo Severo, um pequeno edifício data de 1922.

No quarteirão da Ladeira São João, na esquina com a Rua Líbero Badaró, data de 1920 o Edifício “Casa Dhéломme”. Na outra esquina, com o Vale do Anhangabaú, projetado pelo arquiteto Ricardo Severo, o edifício “Baraúna” em 1923. No antigo número 14, data o prédio de 1925. No antigo número 12, assinado como interessado Luiz Asson para o proprietário José Pucci, o prédio foi construído em 1926. Fechando essa quadra no antigo número 12A foi concluído o prédio em 1936.

Porém foram executadas novas construções no lado ímpar. No terreno pertencente à Companhia Antarctica, em 1914/16, foi construído o Cassino Antarctica, que depois se tornou a Delegacia Fiscal. Foram abordadas algumas solicitações para várias edificações em 1920. Não foram localizado desenhos, mas na esquina com a Rua Líbero Badaró pelas imagens disponíveis o prédio também é do começo da década de 1920. Na esquina com a Avenida Ipiranga, os Edifícios Zico e seu vizinho, construídos em 1924. No ano seguinte, a firma Albuquerque & Longo construiu um prédio endereçado número 85. O edifício no antigo número 123 data de 1926/27. Por fim, inaugurado em 1929, o arranha-céu do prédio Martinelli. Encerrando essa parte, um capítulo analisa esta obra urbana como o primeiro “boom” da construção civil na capital paulista.

Desde o princípio deste trabalho, sempre chamou a atenção o crescimento demográfico vertiginoso na cidade de São Paulo no período abordado. Fatores externos seguramente influenciaram nesse item, como a grande imigração de europeus para o país³⁶³. Leonardo Benevolo, arquiteto e historiador, em sua obra clássica “*A História da Cidade*”, aventa sobre o ambiente das cidades europeias pós Revolução Industrial. Como resultado da diminuição da mortalidade houve crescimento populacional nas cidades, associado à redistribuição da população, processo migratório do campo para a cidade, e complementado pelo desenvolvimento das comunicações, com as melhorias das estradas, dos canais navegáveis, e, a partir de 1825, com a presença da estrada de ferro. Somam-se a isso as particularidades de cada país, como a unificação italiana.

O gráfico abaixo mostra a curva do crescimento populacional na cidade de São Paulo, com base nos censos do IBGE³⁶⁴.

³⁶³ Vide a tabela sobre a imigração na Parte I deste trabalho.

³⁶⁴ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

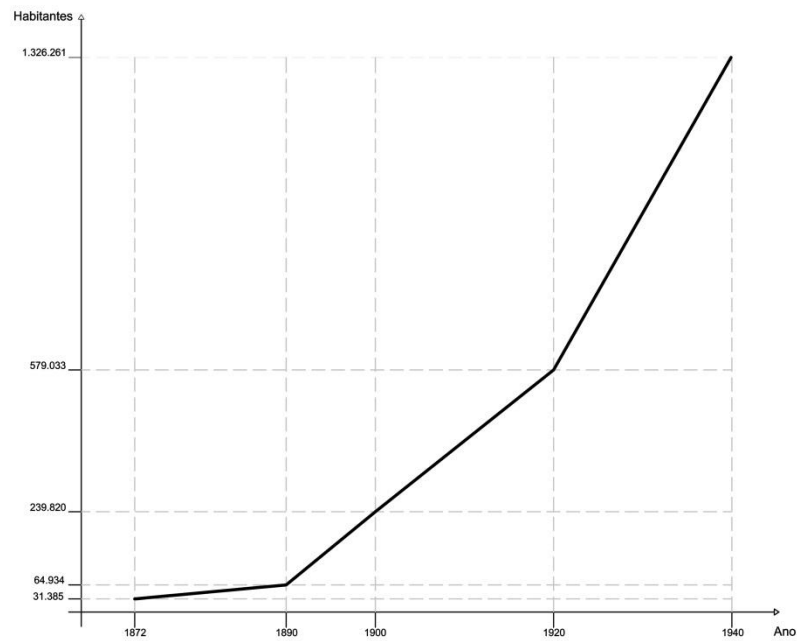


Imagem 455: Gráfico elaborado com os dados dos censos do IBGE.

O enorme crescimento populacional causou consequências inéditas na pacata São Paulo de meados do século XIX. Associado a isso o país vivenciou mudanças nas relações sociais, com o fim da mão de obra escrava, e a alteração política administrativa, com o estabelecimento da República. A cidade de São Paulo foi privilegiada economicamente com o aquecimento econômico das exportações do ouro verde, o café. A combinação desses fatores permitiu a grande transformação física no território da velha Piratininga.

Grande contribuição nessas mudanças foi a presença das Estações Ferroviárias na cidade, no final do século XIX, e de pelo menos três linhas circulando no tecido urbano. Atualmente, começo do século XXI, é lamentável o abandono da malha ferroviária conectando a capital com as demais cidades do Estado. Em vez de expandir e aproveitar o transporte sobre os trilhos para interligar grandes distâncias, encontramos parte desse patrimônio se deteriorando.

Outro dado que me instigou a fazer esta pesquisa foi a iconografia da Rua São João, que se tornou a Avenida São João. Consequentemente, foi feita a análise da cartografia histórica e o estudo dos projetos de arquitetura dos edifícios. Deste modo conhecemos os três pilares que sustentam a presente investigação.



Imagem 456: Aquarela de Jean Baptiste Debret, feita em 1822, retrata a ladeira do Acu vista do Largo do Rosário. Fonte: BARROS, 1998. p.13.



Imagem 457: Rua de São João, na esquina com a Rua São Bento, conforme indicado na planta acima. Foto feita por Militão Augusto de Azevedo, em 1887. Em: IMS. p. 71.



Imagem 458: Vista da ladeira e Rua São João, à direita no alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros, c.1890. Foto de Marc Ferrez. Fonte: IMS, p.74.



Imagem 459: Cartão Postal, c.1922. Fonte: LEMOS, 2000, p.103.



Imagem 460: Avenida São João, c.1928. Fonte: IMS, p.150.

Imagem 461: Avenida São João em 2016. Foto: Chico Saragiotto

A hipótese estudada nesse trabalho não discute qual o melhor ou pior plano urbano proposto, ou a arquitetura eclética dos edifícios. O foco está no impacto físico na cidade à época da decisão de se alargar a Rua São João. O lado par, que teve todas as edificações demolidas e reconstruídas no novo alinhamento, gerou uma nova ambiência. O lado ímpar, como observado nos documentos, também acompanhou o ritmo das transformações. O leito carroçável foi alargado com canteiro central arborizado e para o percurso do transporte público sobre trilhos. Em suma, fica evidente a relevância deste *boulevard* para a cidade de São Paulo no período da Primeira República (1889-1930).

Conclui-se com as informações consultadas que a opção pelo alargamento da Rua São João, por diversos modos de ver, foi uma consequência natural da ocupação do território como reflexo da economia.

Constata-se que o 'plano urbano' era superficial, que resultou em leis pontuais, como a do 'alargamento da Avenida São João', sem comprometimento com um desenho para a cidade, sem proposta comprometida para as fachadas. Sem programar o abastecimento de água, o tratamento dos esgotos, a expansão das linhas de transporte público, bem como o fornecimento de energia elétrica.

Outras cidades brasileiras como a recém implantada capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, ou a capital federal, Rio de Janeiro, além de Belém, Recife, Salvador, Porto Alegre dentre outras, tiveram propostas de melhoramentos urbanos, mas com visão de cidades planejadas³⁶⁵.

Apenas para uma reflexão sobre as mudanças na paisagem, foram encontradas as imagens a seguir tomadas praticamente no mesmo ângulo. A segunda está fora do recorte temporal desta pesquisa, entretanto está no recorte físico. Vê-se a Praça Antônio Prado, à esquerda o prédio Martinico Prado³⁶⁶, e endereçado à Rua João Brícola, mas ponto inicial da Avenida São João, a edificação com térreo mais quatro pavimentos. Na segunda imagem vê-se o Edifício Altino Arantes³⁶⁷.

³⁶⁵ RICCA, 2015, p.18.

³⁶⁶ Sobre este edifício ver capítulo na Parte 2.

³⁶⁷ citado na Parte 1.



Imagem 462: Cartão Postal da década 1920. Rua São João, vista do Vale do Anhangabaú, primeiro trecho alargado. O bonde atravessa a Rua São José. Na ladeira a Praça Antônio Prado, observar o edifício que tomou lugar da igreja visto de outro ângulo. Fonte: Arquivo Particular.

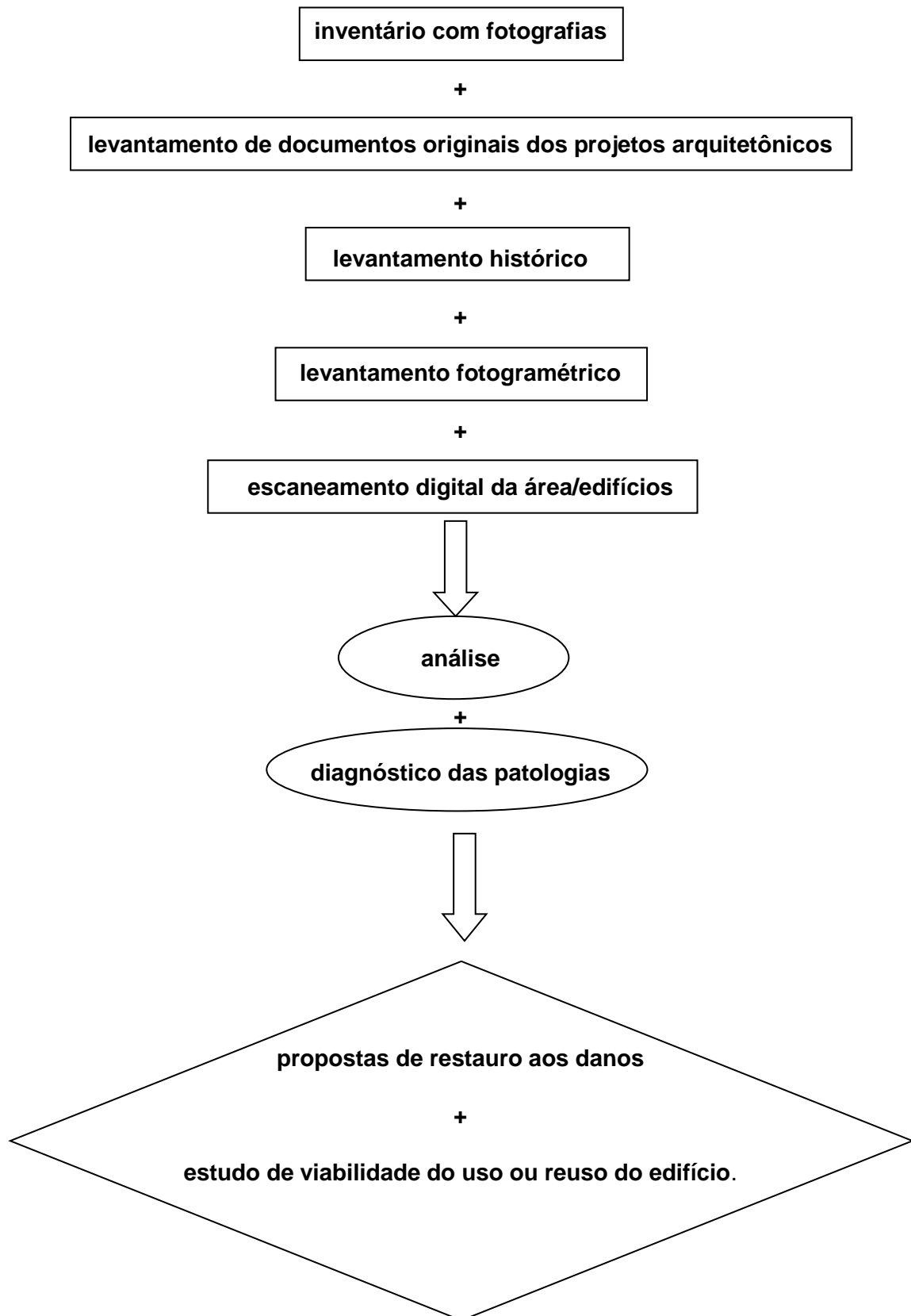
Imagem 463: Praça Antônio Prado, década de 1950. Edifício Altino Arantes, 1946. Em obras, à esquerda, o edifício do Banco do Brasil.

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-m2XLcG2QLdA/TvBp-xBg68II/AAAAAAAAABRO/hMMS1F-bs5s/s1600/EDIFICIO+ALTINO+ARANTES+-+inicio+dos+anos+50+%25282%2529.jpg>.

Após o período abrangido por esse trabalho, já em meados do século XX, a Avenida São João era ainda uma via de grande referência na cidade capital do Estado de São Paulo. Área extremamente valorizada no mercado imobiliário, destino de referência para o lazer cultural (principalmente teatros e cinemas) além de “lugar de encontro” dos paulistanos e visitantes da cidade (muitos hotéis). O processo de verticalização já estava consolidado, mas a via continuava emblemática na metrópole.

Este trabalho além de contribuir com uma pequena parte na história urbana da cidade de São Paulo, replica a metodologia de restauro urbano. Foram feitas as etapas de reconhecimento dos imóveis e a área em que estão inseridos, através do inventário; e a base histórica para proceder com um futuro projeto de restauro, preservação e conservação do patrimônio urbano.

Trata-se de uma metodologia que também pode ser adotada nos órgãos de preservação para instrução dos processos de tombamento bem como para desenvolver propostas de salvaguarda.

Metodologia para desenvolver projeto de restauro urbano/arquitetônico:

LISTA DE IMAGENS

As imagens Arquivo Histórico de São Paulo (AHSP) consultadas para a elaboração desta tese, tiveram sua publicação autorizada conforme consta do Diário Oficial da Cidade de 04/10/2016, 15/10/2016, 14/12/2016 e 25/01/2017.

Imagem 1: Ficha cadastral, frente e verso, modelo adotado no Departamento do Patrimônio Histórico – DPH. Referência utilizada atualmente, por ser prática e conter as informações mínimas necessárias para um inventário.	21
Imagem 2: Pormenor da Planta da Restauração, c.1765-1774. Fonte: Arquivo Histórico Militar, Rio de Janeiro. Em: REIS FILHO. 2004. p.66-67.	23
Imagem 3: Pormenor da Planta realizada pela Companhia Cantareira de Água e Esgotos, em 1881.	24
Imagem 4: Pormenor da Planta Sara Brasil S. A., 1930.	24
Imagens 5 e 6: Igreja do Rosário, 1900. Praça Antônio Prado, 1916. Atenção ao edifício que tomou lugar da igreja. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16, disponível no acervo digital da BMA, < http://www.docvirt.no-ip.com/demo/bma2/bma.htm >.	24
Imagem 7: Nesta imagem é possível ver os campanários das igrejas. A que nos interessa é a torre da igreja do Rosário, pois este é considerado o ponto inicial da Avenida São João neste trabalho. Denominado: “ <i>Dezenho por ideia da cidade de São Paulo</i> ”. Técnica: Bico-de-pena, e aquarela sobre papel. Autoria desconhecida, ca. 1765/1775. Fonte: Original na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Em: BUENO, 2011. REIS FILHO, 2000; 2004, p. 235.	37
Imagem 8: <i>Planta da Restauração</i> , c.1765-1774. Fonte: Arquivo Histórico Militar, Rio de Janeiro. Em: REIS FILHO. 2004. p.66-67.....	40
Imagem 9: Vista da Ponte do Marechal (antiga Ponte do Acu), sobre o rio Anhangabaú, aos fundos o campanário da Igreja do Rosário e à esquerda o Mosteiro de São Bento. Desenho à lápis, 1827, de Willian John Burchell. Em: Instituto Moreira Salles. São Paulo e suas imagens. p. 54.....	42
Imagem 10: <i>Planta da Imperial cidade de S. Paulo</i> , de 1810, assinalado em vermelho o “triângulo histórico”; em laranja os caminhos propostos por Reis Filho; e em amarelo os caminhos propostos por Herrmann. Fonte: Indicações feitas para estudo, pela autora, sobre base digitalizada do DPH.....	45
Imagem 11: Panorama da cidade de São Paulo, vista do Rio Tamanduateí, c. 1821-1822; de Arnaud Julien Pallière, aquarela sobre papel. Fonte: REIS FILHO, 2000. SP_01Bc; publicada em MOURA, 1998, p.158-159.	48
Imagem 12: Pormenor da <i>Planta da Imperial Cidade de São Paulo</i> levantada em 1810, pelo engenheiro Rufino José Felizardo e Costa e copiada em 1841. O triângulo em destaque é formado nos vértices pelas igrejas das três ordens religiosas: Beneditinos, Franciscanos e Carmelitas. FONTE: Publicação do IV Centenário.	49
Imagem 13: 1810, <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> , feita por Rufino José Felizardo e Costa.	49
Imagem 14: 1810, <i>Planta da Imperial Cidade de São Paulo</i> , feita por Rufino José Felizardo e Costa.	49
Imagem 15: Aquarela de Jean Baptiste Debret, feita em 1827, denominada “ <i>Ponte de Santa Ifigênia, São Paulo</i> ”. Porém retrata a ladeira e ponte do Acu vista do Largo do Rosário. Fonte: Coleção João Moreira Garcez.	50
Imagem 16: 1841, <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> , do engenheiro Carlos Abraão Bresser.	53
Imagem 17: <i>Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios</i> , atribuída 1841-47, feita pelo engenheiro Carlos Abraão Bresser.....	53
Imagem 18: Pormenor do <i>Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios</i> , atribuída 1841-47, feita pelo engenheiro Carlos Abraão Bresser.	53
Imagem 19: 1842, <i>Carta da Capital de São Paulo</i> , do engenheiro militar José Jaques da Costa Ourique.	53
Imagem 20: <i>Mapa da Imperial Cidade de São Paulo</i> , feita em 1855, por Carlos Rath.....	54
Imagem 21: <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> ; feita em 1868, por Carlos Rath.	54
Imagem 22: Pormenor <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> ; feita em 1868, por Carlos Rath. ...	55

Imagem 23: <i>Mapa da Capital da província de São Paulo, 1877, Jules Martin e Francisco de Albuquerque.</i>	57
Imagem 24: <i>Pormenor do Mapa da Capital da província de São Paulo, 1877, Jules Martin e Francisco de Albuquerque.</i>	57
Imagem 25: <i>Planta da Cidade de São Paulo, 1881, Companhia Cantareira e Esgotos.</i>	59
Imagem 26: <i>pormenor da Planta da Cidade de São Paulo, 1881, Companhia Cantareira e Esgotos.</i>	59
Imagem 27: <i>Vista da ladeira e Rua São João, à direita no alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros, c.1890. Fotografia Marc Ferrez. Fonte: IMS, p.74.</i>	62
Imagem 28: <i>Vista da casa da Baronesa, foto tomada da Rua Direita, a ser demolida para abertura do Viaduto do Chá, 1862. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.</i>	64
Imagem 29: <i>No desenho acima, as plantas do primeiro e segundo pavimento, assinalado em um tom de cinza é a extensão da Rua Direita. Fonte: SEGAWA, 2000. p.14.</i>	65
Imagem 30: <i>Na imagem de 1888, observa-se parte da casa demolida, com a Igreja de Santo Antônio aos fundos, vista do Vale do Anhangabaú. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.</i>	65
Imagem 31: <i>Na imagem de 1888, observa-se parte da casa da Baronesa já demolida, com aos fundos do Vale do Anhangabaú. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.</i>	65
Imagem 32: <i>Na imagem observa-se parte da casa da Baronesa demolida aos fundos. Viaduto do Chá em construção, em 1887. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.</i>	66
Imagem 33: <i>Dia da inauguração do Viaduto do Chá, em 1890. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.</i>	66
Imagem 34: <i>Vista do Viaduto do Chá em 1900. Foto Guilherme Gaensly. Fonte: Acervo BMA, 1900-1940, Cartões Postais.</i>	67
Imagem 35: <i>Vista do Viaduto do Chá em 1900. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.</i>	67
Imagem 36: <i>Na imagem observa-se o Vale do Anhangabaú com o Viaduto do Chá em 1907. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.</i>	68
Imagem 37: <i>Na imagem observa-se a torre do campanário da Igreja de Santo Antônio aos fundos, na Rua Direita. Foto tomada da cabeceira do Viaduto do Chá, em 1916. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.</i>	68
Imagem 38: <i>Vista do Viaduto do chá, e Parque do Anhangabaú, tomada do Theatro Municipal em 1916. Fonte: Acervo BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.</i>	69
Imagem 39: <i>Vista do Viaduto do Chá em 1916, Parque do Anhangabaú em construção. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.</i>	69
Imagem 40: <i>Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes, 1890, Jules Martin.</i>	72
Imagem 41: <i>Planta Geral da Capital de São Paulo, 1897, Gomes Cardim.</i>	72
Imagem 42: <i>Mosteiro de Sant'Anna, em 1910, observar a parede de taipa de pilão. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.</i>	73
Imagem 43: <i>Mappa do Municipio da capital do Estado de São Paulo de accordo com a Lei Nº 771 de 1901 (sic.). Fonte: Acervo do DPH.</i>	74
Imagem 44: <i>Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo, atribuída a 1911, editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estab. Graphico Weissflog Irmãos, São Paulo. Fonte: Coleção Aguirra, Museu Paulista/USP.</i>	76
Imagem 45: <i>Pormenor da área de estudo na Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo, atribuída a 1911, editada por Thomas & Cia e Impressa no Estab. Gráfico Weissflog Irmãos. FONTE: Acervo do Museu Paulista.</i>	76
Imagem 46: <i>Planta da cidade de São Paulo, levantada pela Divisão Cadastral da 2ª. Secção da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal, edição provisória, 1916.</i>	77
Imagem 47: <i>Pormenor da Planta da cidade de São Paulo, levantada pela Divisão Cadastral da 2ª. Secção da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal, edição provisória, 1916.</i>	77
Imagem 48: <i>Pormenor da Planta da cidade de São Paulo, levantada pela Divisão Cadastral da 2ª. Secção da Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal, edição provisória, 1916.</i>	77

Imagem 49: Vista da Rua São João em 1912. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.....	78
Imagem 50: Vista da Avenida São João em 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.....	78
Imagem 51: Cartão Postal, c. 1922. Fonte: LEMOS, 2000, p.103.....	80
Imagem 52: 1930, <i>Mappa Topographico do Município de São Paulo</i> , executado pela empresa SARA BRASIL S/A, escala: 1:5.000; folha 51.....	80
Imagem 53: Pormenor da área de estudo na Planta SARA Brasil, 1930 <i>Mappa Topographico do Município de São Paulo</i> , executado pela empresa SARA BRASIL S/A, pelo <i>methodo Nistri de aerofotogrametria de acordo com o contracto lavrado em virtude da Lei No. 3203 de 1928</i> , quando Prefeito o Dr. Dr. José Pires do Rio, sendo Director de Obras o engenheiro Arthur Saboya (sic.). FONTE: Acervo do D.P.H. – Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo.....	82
Imagem 54: Vista da Avenida São João em 1928, fotografia desconhecido. Fonte: IMS, p.150.....	82
Imagem 55: Foto da Rua São João, em direção ao Largo do Paissandú, c. 1908. Fonte: BECHERINI, 2009, p.172.....	84
Imagem 56: Execução da taipa de pilão. Fonte: BARDOU, 1981, p. 19-20.....	85
Imagem 57: Detalhe de uma parede de taipa-de-mão ou pau-a-pique. Foto da autora, Joanópolis, 2013.....	86
Imagem 58: Imagem que ilustra as tipologias construtivas das edificações feitas em taipa de pilão (<i>pisè</i>). Vista da Ladeira de São Francisco. Foto feita por Militão de Azevedo em 1862. Fonte: DPH.....	86
Imagem 59: Interior de uma residência. Observar a espessura da parede de “taipa de pilão” (<i>pisè</i>), as “conversadeiras” ao longo das janelas, protegida pela rótula (treliça) de madeira. Desenho de Thomas Ender, “ <i>Uma sala de estar em São Paulo</i> ”, 1817, lápis aquarelado. Fonte: <i>kupferstichkabinett der Akademie der bildenden künste</i> , Viena, Áustria. Em LAGO, 2003, p.36.....	88
Imagem 60: Exemplo de um muxarabi. Foto da autora, Jerusalém, 2016.....	88
Imagem 61: Gráfico elaborado em 1911 por Vitor da Silva Freire, então Diretor de Obras. Número de novas construções nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo, relacionado por ano. Publicação original na Revista de Engenharia, vol. 1, n. 1, p.25, 10/7/1911. Fonte: FISHER, 2005, p.39.....	95
Imagem 62: Desenho original da fachada do Edifício Guinle, à rua Direita. Fonte: PMSP/AHSP/OP1912_001.560.....	99
Imagem 63: Cartão Postal em destaque o Edifício Sampaio Moreira, à rua Líbero Badaró. Fonte: Coleção Particular.....	99
Imagem 64: Edifício Santa Helena, foto feita por Celso Breves Neves, década 1920. Acervo particular.....	99
Imagem 65: Cartão Postal em destaque o Prédio Martinelli, c. 1940. Fonte: Imprensa Oficial.....	99
Imagem 66: A casa do Comendador Luís Antônio de Souza Barros na antiga Rua São João, construída em fins do século XVIII, foto feita em 1912. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.....	100
Imagem 67: Na planta de 1810, está indicado em vermelho, o local do sobrado da família Souza Barros.....	100
Imagem 68: Reconstituição digital aproximada da casa do Comendador Souza Barros, tal como se apresentava por volta de 1862. Baseada em antiga documentação iconográfica, desenho do arquiteto Eudes Campos. Fonte: CAMPOS, 2007.....	103
Imagem 69: Da coleção Obras Particulares que pertence ao acervo do Arquivo Histórico São Paulo. Nos livros encadernados com as solicitações feitas por munícipes, esta é a folha em que o requerente é Luís Antonio de Souza Barros, em 1880. Fonte: AHSP_OPA 20, fl.134, 1880.....	103
Imagem 70: Pormenor indicando o local de onde foi tomada a foto, e o lote do sobrado da família Souza Barros. Fonte: <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> , 1881, Companhia Cantareira e Esgotos.....	104
Imagem 71: Aquarela de Jean Baptiste Debret feita em sua primeira viagem à São Paulo. Denominada: “Ponte de Santa Ifigênia, São Paulo”, em 1827. Na verdade, retrata a vista da ladeira, a Ponte do Marechal (Ponte do Acu) e depois da ponte a Rua São João. À direita no	

alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros. Fonte: Aquarela sobre papel, 1827. Coleção João Moreira Garcez, São Paulo, Brasil.	104
Imagem 72: Vista da ladeira e Rua São João, à direita no alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros, em 1887. Foto de Militão de Azevedo. Fonte: Biblioteca Mario de Andrade, Álbum comparativo da cidade de S. Paulo 1862-1887.	104
Imagem 73: Vista da ladeira e Rua São João, à direita no alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros, c.1890. Foto de Marc Ferrez. Fonte: Instituto Moreira Salles, p.74.	105
Imagem 74: 1887, foto Militão de Azevedo. Fonte: IMS – Instituto Moreira Salles.	106
Imagem 75: Pormenor com as indicações da área de estudo no <i>Mapa da Capital da província de São Paulo</i> , 1877. Elaborada por Jules Martin e Francisco de Albuquerque... ..	107
Imagem 76: 1876, Escola Americana, esquina das ruas de São João com de Ypiranga. ..	107
Imagem 77: Desenho para a Escola Americana. Fonte: AHSP_OPA 216, 1898.	109
Imagem 78: <i>Collegio Americano</i> , sobrado na Rua S. João. Fonte: AHSP_OPA 424, fl. 20-21_1905.	109
Imagem 79: Vista do <i>Collegio Americano</i> , à Rua São João. Fonte: NUNES, 2005, p.12. ..	111
Imagem 80: Projeto do <i>Mackenzie College</i> , à Rua D. Veridiana. Desenho de 1894. Fonte: AHSP_1894_OPA 73, fl. 109.	111
Imagem 81: Pormenor da <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> , assinalado está a área da Ladeira São João. Base cartográfica realizada pela Companhia Cantareira e Esgotos, em 1881.	112
Imagem 82: Desenho para Sr. Poleone Bonadoni. Fonte: AHSP, OPA 21, fl. 168, 1882. ...	115
Imagem 83: Desenho para reforma da edificação térrea. Fonte: AHSP, OPA 56, fl. 165, 1893.	115
Imagem 84: Planta de um sobrado, à Rua São João 182. Fonte: AHSP, OPA 14 – papéis avulsos, 1893.	116
Imagem 85: Construção de um novo prédio na Rua São João, 37. Fonte: AHSP, OPA 70, fl. 127, 1894.	117
Imagem 86: Reforma de um armazém, ampliando o pavimento superior. Na legenda em vermelho é a construir. Fonte: AHSP, OPA 70, fl. 139, 1894.	118
Imagem 87: Vista da Ladeira de São João, na esquina com a Rua São Bento, em 1914. Onde está o Café Brandão é hoje o Prédio Martinelli. Fonte: BMA, Álbum Casa Duprat, vol.1, 1862-1887-1914.	118
Imagem 88: Capa do Processo do <i>Projecto de alargamento da Ladeira de São João</i> , de 1912, no acervo da SIURB. Foto da autora.	119
Imagem 89: Planta da área de alargamento da Ladeira São João. Consta o nome dos proprietários, a área dos lotes, e a area a ser desapropriada de cada lote. Fonte: SIURB.	120
Imagem 90: Pormenor da planta acima, no trecho entre a Praça Antônio Prado e a Rua Líbero Badaró. Fonte: SIURB.	120
Imagem 91: Pormenor da planta acima, no trecho entre a Rua Líbero Badaró e o Ribeirão Anhangabaú. Fonte: SIURB.	121
Imagem 92: Ladeira São João em 1911. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.	121
Imagem 93: Avenida São João em 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.	121
Imagem 94: Vista da Ladeira São João durante as obras de alargamento desta via em 1910. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.	122
Imagem 95: Vista do canteiro de obras durante o alargamento da Ladeira São João, em 1913. BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.	122
Imagem 96 e Imagem 97: Vistas da Ladeira e Rua São João, na esquina com a Rua Líbero Badaró, c.1910-1911. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.	123
Imagem 98 e Imagem 99: Vistas da Ladeira e Avenida São João, na esquina com a Rua Líbero Badaró em 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1910-16.	123
Imagem 100: Assinalado em vermelho o Mercado São João, no pormenor da <i>Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes</i> , desenhada e publicada por Jules Martin em 1890.	124
Imagem 101: Vista do Mercado São João de quem vem pela Rua do Seminário. A Rua São João está aos fundos da edificação. Fonte: BMA, coleção Cartões Postais, 1900-1940. ..	125

Imagem 102: Mercado São João em estrutura metálica, 1908. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.	125
Imagem 103: Mercado São João, visto da Rua do Seminário. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.	125
Imagem 104: Planta com os lotes a serem desapropriados para o que seria o novo Mercado São João. Fonte: Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João, 1898.	127
Imagem 105: Desenho de implantação do Mercado projetado, informando a planta do Mercado velho. Fonte: Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João, 1898.	127
Imagem 106: Fachada. Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João, 1898.	129
Imagem 107: Pormenor da fachada do projeto do novo Mercado São João, 1898.	129
Imagem 108: Corte. Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João, 1898.	130
Imagem 109: Plantas. Coleção Obras Públicas, Mapoteca 5, gaveta 4, Mercado São João.	130
Imagem 110: Obras de alargamento da Rua São João, em 1914. Vê-se o local onde era o Mercado São João, recém demolido. Fonte: BMA, álbum Casa Duprat, vol.1, 1862-1887-1914.	131
Imagem 111: Cartão Postal com a vista aérea da Praça do Correio que tomou o lugar do Mercado São João. Década de 1920. Fonte: Acervo particular.	131
Imagem 112: Pormenor da <i>Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo</i> , atribuída a 1911, destacado em vermelho o Polytheama e Salão Bijou, editada por Thomas & Cia. e Imprensa no Estab. Graphico Weissflog Irmãos, São Paulo. Fonte: Coleção Aguirra, Museu Paulista/USP.	133
Imagem 113: Implantação. Fonte: AHSP, Coleção de Plantas da Cidade de São Paulo, Mapoteca 2, 1898.	134
Imagem 114: Desenhos originais. Planta e dois cortes. Fonte: AHSP, Coleção de Plantas da Cidade de São Paulo, Mapoteca 2: Número 229, notação: VILE 4, 1898.	135
Imagem 115: Fachada e planta para o Eldorado Paulista. Fonte: AHSP, O.PA 216, fl.116, 1898.	135
Imagem 116: Fachada do Eldorado Paulista, com o acréscimo do acesso ao Polytheama. Fonte: AHSP, O.PA 216, fl.123, 1898.	136
Imagem 117: Fachada e planta para o Eldorado Paulista. Fonte: AHSP, O.PA 216, fl.124, 1898.	136
Imagem 118 e Imagem 119: Primeiro desenho, barracão para bilhar anexo a solicitação. E segundo desenho, trata do muro para os camarins dos artistas. Fonte: AHSP, O.PA 216, fl.106 e 111, respectivamente, 1898.	137
Imagem 120 e Imagem 121: À esquerda, Polytheama, portão para a Rua Formosa em 1908. À direita, Polytheama, vista dos fundos para a Rua Formosa. 1908. Fonte: Biblioteca Municipal Mário de Andrade, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.	138
Imagem 122: Vista da Rua Formosa na esquina com a Rua São João. Fonte: Biblioteca Municipal Mário de Andrade, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.	138
Imagem 123: Rua São João, com o edifício do Casino Paulista, na altura onde estão os bondes. 1902, foto de Guilherme Gaensly. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.	139
Imagem 124: Vista do Polytheama, o barracão cilíndrico é a plateia, à esquerda o cubo coberto com telha de amianto em duas águas é o palco e camarins. No primeiro plano o barracão com telhado de duas águas é o Theatro Bijou, que faz frente para a Rua São João. Fonte: Acervo Fundação e Energia, em AMADO, 2016, p.105.	140
Imagem 125: Vista aérea do Polytheama, Bijou Theatre e Bijou Salão na Rua São João. Foto de Vincenzo Pastore. Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles; em AMADO, 2016, p. 105.	140
Imagem 126: Fachada do Bijou Theatre. FONTE: Imagem extraída de Fotos antigas da cidade de São Paulo: < http://2.bp.blogspot.com/-11_MqWTZQql/UKEst4BLZcl/AAAAAAAAAJOA/dySP9JtSnpg/s1600/FOTO-Bijou-theatre.jpg >.	140

Imagem 127: <i>Bijou</i> , na Ladeira São João, 1912. Foto de Aurélio Becherini. Fonte: BECHERINI, 2009, p.171.....	141
Imagem 128: Incêndio no teatro Polytheama em 1914. Fonte: A Cigarra, (15): 37, 31/12/1914. Em: < http://www.arquiamigos.org.br/bases/cine.htm >.....	141
Imagem 129: Pormenor da <i>Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo</i> , atribuída a 1911, destacado em vermelho o prédio da loja Steinway, depois Hotel Panorama e por fim sede do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estab. Graphico Weissflog Irmãos, São Paulo. Fonte: Coleção Aguirra, Museu Paulista/USP.....	142
Imagem 130: Detalhe da fachada principal do prédio onde funcionou o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Visto datado 5-10-95, com a assinatura do engenheiro Guilhem. Fonte: AHSP, OPA 94, fl. 83, 1895.....	143
Imagem 131: Elevação em escala: 1:50, apresentada a intendência municipal. No canto inferior esquerdo assina: <i>Guilherme Von Eÿe</i> architecto (<i>sic.</i>). Fonte: AHSP, OPA 94, fl. 83, 1895.....	144
Imagem 132: Desenho das plantas da reforma, acréscimo de um anexo aos fundos para adaptação do prédio para Hotel. Fonte: AHSP, OPA 216, 1898.....	145
Imagem 133: Observar a edificação aos fundos com o discreto letreiro 'Conservatório Dramático e Musical de São Paulo'. Sem recuo aos fundos estava o bloco das salas de aulas. Foto: Aurélio Becherini, c. 1908. Fonte: BECHERINI, 2009, p.171.....	147
Imagem 134: Vista da Avenida São João, em 1916. A esquerda a edificação assinalada é onde funcionava o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.....	148
Imagem 135: Plantas da reforma do prédio em 1909. Fonte: AHSP, Papéis Avulsos, volume 2057, 1909.....	148
Imagem 136: Plantas do projeto de reforma em 1930, obra não executada, escala: 1:50. FONTE: AHSP, 1930.....	149
Imagem 137: Fachada Principal proposta, escala: 1:50, em 1930, obra não executada. FONTE: AHSP, 1930.....	150
Imagem 138: Vista da Avenida São João para a Praça das Artes. Foto: Brasil Arquitetura, 2012.....	150
Imagem 139: Fachada década de 1940. Observar o toldo no subsolo. Fonte: Acervo DPH.....	151
Imagem 140: Fachada na década de 1980, antes da obra. Observar os vãos do térreo. Fonte: Acervo DPH.....	151
Imagem 141: Fachada do Conservatório em 2006. Fonte: Acervo DPH.....	151
Imagem 142: Fachada do Conservatório em dezembro de 2012. Foto da autora.....	151
Imagem 143: Vista da antiga Rua do Rosário para a fachada principal da Igreja de mesmo nome. Fonte: Acervo particular.....	153
Imagem 144: Pormenor da Planta da Restauração, c.1765-1774. Fonte: Arquivo Histórico Militar, Rio de Janeiro, em: REIS FILHO. 2004. p.66-67. Imagem 145: Pormenor da planta de 1810. Assinalado, em ambas, o Largo do Rosário com a igreja.....	154
Imagem 146: Largo do Rosário, em 1903, à esquerda a lateral da Igreja do Rosário. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.....	154
Imagem 147: Pormenor da prancha, fachada do " <i>projeto de uma casa</i> " para os Srs P. Brielmayer e C. Castelões. Fonte: AHSP, Papéis Avulsos, OPA 13, s/d.....	157
Imagem 148: Prancha com os desenhos do " <i>projeto de uma casa</i> " para os Srs P. Brielmayer e C. Castelões. Fonte: AHSP, Papéis Avulsos, OPA 13, s/d.....	157
Imagem 149: Cartão Postal, um dos pontos emblemáticos na ocasião. Largo do Rosário, 1904. Observar que a foto abaixo é a mesma. Foto de Guilherme Gaensly. Fonte: BMA, Cartões Postais, 1900-1940.....	158
Imagem 150: Fachada e planta da residência.....	159
Imagem 151: Fachada residência.....	159
Imagem 152: Planta da residência.....	159
Imagem 153 e Imagem 154: Desenhos da <i>Brasserie Paulista</i> . Fonte: AHSP, OPA 310, fl. 241 e fl. 244, 1901.....	161
Imagem 155: Desenho de parte da Rua 15 de Novembro, com a proposta do novo alinhamento. Neste desenho consta a indicação da Igreja do Rosário. Fonte: AHSP, OPA 310, fls. 67-68, 1901.....	161

Imagem 156: Vista da Praça Antônio Prado em 1916, para a Rua São Bento Observar o prédio do Castelões à direita. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	164
Imagem 157: Planta piso térreo. Fonte: AHSP, OPA 366 fls. 99, 1903.	165
Imagem 158: Pavimento Superior. Fonte: AHSP, OPA 366 fls. 98, 1903.	165
Imagem 159: Fachada detalhe do acesso independente ao piso superior. Fonte: AHSP, OPA 366 fls. 100, 1903.	165
Imagem 160: Vista da Praça Antônio Prado em 1910. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	166
Imagem 161: Vista da Praça Antônio Prado, observar o prédio do Castelões à esquerda. O prédio aos fundos em construção. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	166
Imagem 162: Vista da Praça Antônio Prado em 1916, observar o prédio aos fundos com a obra concluída. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	166
Imagem 163: Cartão Postal. Praça Antônio Prado. Observar que é a mesma imagem abaixo. Foto Guilherme Gaensly. Fonte: https://sambahistorica.files.wordpress.com/2015/07/sc3a9rie-b-n-8-prac3a7a-antonio-prado-guilherme-gaensly-dcp.jpg	167
Imagem 164: Vista da Praça Antônio Prado em 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	167
Imagem 165: Vista da Rua da Imperatriz para o Largo e Igreja do Rosário em 1862. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	168
Imagem 166: Vista da Rua da Imperatriz para o Largo e Igreja do Rosário em 1862. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	168
Imagem 167: Rua do Rosário, aos fundos a igreja do Rosário, em 1862. Fonte: BMA, álbum Casa Duprat, vol.1, 1862-1887-1914.	169
Imagem 168: Rua da Imperatriz, aos fundos a igreja do Rosário, em 1887. Fonte: BMA, álbum Casa Duprat, vol.1, 1862-1887-1914.	169
Imagem 169: Vista do Largo e Igreja do Rosário em 1862. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	170
Imagem 170: Vista da Praça Antônio Prado, a partir da Rua 15 de Novembro, em 1916. O edifício aos fundos é o “Martinico Prado”. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	170
Imagem 171: Vista da Praça Antônio Prado. Em destaque no centro da foto o edifício “Martinico Prado”. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1910-16.	171
Imagem 172: O edifício “Martinico Prado”. Fonte: Acervo particular.	173
Imagem 173: Vista da “Ladeira São Joao”, já alargada, o primeiro prédio à esquerda de quem olha a imagem é o Palacete Martinico Prado, cartão postal. Fonte: Acervo particular.	173
Imagem 174: Cartão-postal destacando o arco luminoso do anúncio do teatro. Fonte: GERODETTI, João Emílio e CORNEJO, Carlos. Lembranças de São Paulo, p.98.	176
Imagem 175: Pormenor do desenho do corte do terreno da Rua São João, do processo de pavimentação da via. Fonte: SIURB.	177
Imagens 176, 177, e 178: Artigos publicados no jornal: O Estado de S. Paulo, 1/9/1906; 6/1/1911; 7/12/1918, p.11; respectivamente. Observar que em 1906, já se chamava <i>Moulin Rouge</i> ; em 1911, volta a ser o <i>Teatro Carlos Gomes, ex Moulin Rouge</i> . E em 1918, inauguração do Café-concerto, no <i>Theatro Avenida</i> .	178
Imagem 179: Destacado os edifícios de uso coletivo. Planta Acervo Aguirra, atribuída a 1911.	178
Imagem 180: Planta do teatro à Rua São João, 115. Fonte: OP 1906_001.496; disponível no site: www.projetosirca.com.br/site , acesso em 2014; ou AHSP, OP cx 12, 1906.	179
Imagem 181: Fachada, Rua São João, 115. Fonte: AHSP, OP cx 12, 1906.	180
Imagem 182: Desenhos do teatro à Rua São João, 115. Fonte: AHSP, OP cx 12, 1906.	180
Imagem 183: Cartão-postal com a fachada do <i>Moulin Rouge</i> . Fonte: GERODETTI, João Emílio e CORNEJO, Carlos. Lembranças de São Paulo, p.135.	181
Imagem 184: Desenho da nova fachada proposta em 1917. Fonte: AHSP, OPA caixa S3, 1917; disponível em: http://www.arquiamigos.org.br/bases/cine3p/img/AHMWL2822.jpg	181
Imagem 185: Desenho das plantas da reforma em 1917. Fonte: AHSP, OPA caixa S3, 1917; disponível em: http://www.arquiamigos.org.br/bases/cine3p/img/AHMWL2828.jpg	182

Imagem 186: Planta cadastral da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros. Fonte: PMSP.	182
Imagem 187 e Imagem 188: Vista da Rua e depois Avenida São João, foto feita no Largo Paissandu para a Rua Conselheiro Crispiniano. 1910 e 1916, observar na segunda imagem à esquerda o Edifício Cotonifício Paulista. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.....	183
Imagem 189: Cartão Postal. Fonte: Acervo Particular.	184
Imagem 190: Vista aérea do Largo Paissandú, ao centro a nova Igreja do Rosário. O Edifício Cotonifício Paulista, 1195-16, aparece na lateral direita da imagem. Fonte: Acervo Particular.....	184
Imagem 191: Fachada principal da Igreja do Rosário, em 2015, no Largo do Paissandú. Foto: Chico Saragiotto.	185
Imagem 192: Vista da Igreja do Rosário, no Largo Paissandú, 2015. Foto feita da janela do sétimo andar do prédio da Galeria Olido, por Chico Saragiotto.....	185
Imagem 193: Desenho, de Lula Cardoso Ayres, do interior de um sobrado patriarcal urbano do meado do século XIX. Fonte: Sobrados e Mucambos. Acervo da Fundação Gilberto Freyre.	187
Imagem 194: Imóvel número 276. Fonte: AHSP_OP_1909_002.160_sirca.	192
Imagem 195: Samuel das Neves, 1907, rua São João esquina com Largo Paissandu. Fonte: AHSP_OP_1907_001.443 (sirca).	193
Imagem 196: Fachada do projeto de Victor Dubugras. Fonte: AHSP_OP_1908_001.763 (sirca).....	194
Imagem 197: Corte do projeto de Victor Dubugras. Fonte: AHSP_OP_1908_001.763 (sirca).	195
Imagem 198: Prancha com os desenhos para a propriedade do Ilmo Sr. Dr. Cesario Bastos. Pormenor da fachada à Rua São João, 59. Fonte: AHSP_OP_1908_001.759 A e B (sirca).	196
Imagem 199: Desenho de duas casas operárias. Fonte: OP_1908_001.770.	196
Imagem 200: Cinco casas encarreiradas num mesmo lote. Fonte: AHSP_OP_1907_001.460 (sirca).....	197
Imagens 201 e 202: Elevação e planta, respectivamente, da solicitação feita por Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Fonte: AHSP_OP_1907_001.455 (sirca).	198
Imagem 203: Rua São João, 393. Um exemplar do desenho de casa geminada. Fonte: AHSP_OP_1907_001.470 (sirca).	198
Imagem 204: Organograma de uma casa geminada. Elaborado pela autora, com referência em LEMOS, 1999.	199
Imagem 205: Thomas Ferrari, 1907, rua São João esquina com rua Helvetia. Fonte: AHSP_OP_1907_001.442 (sirca).	200
Imagem 206: Desenho de uma solicitação típica da ocasião, 1893. Casa à Rua São João, 21. Fonte: AHSP_OPA 56, 1893.	202
Imagem 207: Vista do Boulevard São João, final da década de 1920. Cartão Postal Foto: Prugner. Fonte: Acervo Particular.	203
Imagem 208: Vista do Boulevard São João tomada da torre do campanário da Igreja do Rosário no Largo Paissandú, PANORAMA. Foto Bayer, s.d. Fonte: Acervo Particular.	204
Imagem 209: Desenho da abertura da <i>Rue de Rennes</i> , Paris, conforme proposta do prefeito Haussman. Fonte: BENEVOLO, 2005, p.591.	207
Imagens 210, 211, 212: Um típico palácio parisiense, construído na época de Haussmann (de uma revista inglesa de 1858); Uma fachada; um corte que mostra as condições dos inquilinos. No térreo a família do porteiro. No primeiro andar a família dos ricos burgueses; a família media burguesa vive mais apertada no segundo andar; os pequenos burgueses no terceiro andar; e os pobres, os artistas, e velhos nos sótãos; e o gato no telhado. As duas plantas que apresentam o andar térreo, destinado a comércio (lojas) e um dos pavimentos, com três apartamentos “burgueses”. Fonte: BENEVOLO, 2005.	208
Imagem 213: Estampa 3, Planta da transformação do Vale do Anhangabaú (<i>Directoria de Obras Municipaes</i> , 1907) em destaque a Rua São João. Aprovada pela Lei 1.331, de 6 de junho de 1910, conhecida pelo nome do vereador que a propôs, Ex. Sr. Dr. Augusto Carlos da Silva Telles. Fonte: Relatório de 1911, apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.....	210

Imagem 214: Projecto de Melhoramentos da zona limitada pelas ruas Líbero Badaró S. João, Formosa, Largo do Riachuelo e Ladeira Dr. Falcão. Desenho original, em escala 1:500. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.....	210
Imagem 215: Anteprojeto elaborado por Alexandre Albuquerque, em destaque a Rua São João. Publicado na Revista de Engenharia, 1911.....	212
Imagem 216: Estampa 1, Planta Geral das modificações do Centro: <i>Projecto da Directoria de Obras Municipaes</i> , sendo prefeito Exmo. Sr. Dr. Antonio da Silva Prado, 5 de dezembro de 1910. Fonte: Relatório de 1911 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.....	214
Imagem 217: Pormenor da Estampa 1, focando a Rua São João e a proposta. A linha vermelha encontra-se no alinhamento do lado ímpar. Lê-se com duas linhas pretas paralelas a proposta do viaduto conectando a Praça Antônio Prado com o Largo Paissandu, uma forma de manter a cota de nível, 1910. Fonte: Relatório de 1911, apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.	214
Imagem 218: Estampa 2, com as indicações. Perspectiva da transformação do Vale do Anhangabaú. <i>Projecto da Directoria de Obras Municipaes</i> , sendo prefeito Exmo. Sr. Dr. Antônio da Silva Prado, 5 de dezembro de 1910. Fonte: Relatório de 1911 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP. Publicado na Revista de Engenharia n. 33, 1911.	215
Imagem 219: Projeto Samuel das Neves, o que está hachurado no desenho são as ideias propostas. A rua São João está destacada com a linha vermelha. Desenho na Biblioteca da FAU-USP.....	216
Imagem 220: Estudo do projeto Samuel das Neves, o que está hachurado no desenho são as ideias propostas. A rua São João está destacada com a linha vermelha. Desenho na Biblioteca da FAU-USP.....	217
Imagem 221: Estampa 4, Planta do conjunto das modificações previstas no centro da cidade por Bouvard. Fonte: Relatório de 1911, apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.....	219
Imagem 222: Pormenor da Estampa 4, com algumas indicações. Fonte: Relatório de 1911, apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.....	219
Imagem 223: Capa do Processo 1907. "Projecto de Melhoramentos da zona limitada pelas ruas Líbero Badaró, S. João, Formosa, Largo Riachuelo e Ladeira Dr. Falcao. Desenhos e Orçamentos. Perfis". Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.....	220
Imagem 224: Planta de Melhoramentos da zona limitada pelas Ruas Líbero Badaró, S. João, Formosa, Largo do Riachuelo e Ladeira Dr. Falcão. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.....	220
Imagem 225: Corte Transversal A-B. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.....	221
Imagem 226: Pormenor da Planta de Melhoramentos, Rua São João. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.	221
Imagem 227: Planta Cadastral para as desapropriações. Fonte: AHSP; Obras Públicas; Fundo: PMSP; Série: legislação; Subsérie: Leis; Caixa: LEG 17; 1910.....	221
Imagem 228: Estampa 12, Avenidas e Ruas de grande comunicação a "crear"(sic.), 1911, proposta pela Diretoria de Obras Municipais, sobre tutela do engenheiro Victor da Silva Freire. Fonte: Relatório de 1911 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.....	222
Imagem 229: Estampa 9: DIAGRAMA da Rede Geral de Viação, 1911, proposta pela Diretoria de Obras Municipais, sobre tutela do engenheiro Victor da Silva Freire. Fonte: Relatório de 1911 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat. (São Paulo: Casa Vanorden, 1912). Disponível na biblioteca do AHSP.	222

Imagem 230: Ilustração do “Plano de Avenidas”, 1930, observar ao centro a Avenida Colombo, que seria o novo nome para a Avenida São João. TOLEDO, 1996, p.178-179.	223
Imagem 231: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	231
Imagem 232: Foto da autora, 2015.	231
Imagem 233: Foto feita setembro, 2016, pela autora.	232
Imagem 234: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	233
Imagem 235: Em construção o prédio do Casino Antarctica, 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.2, 1862-1900-16.	233
Imagem 236: Prédio do Casino Antarctica em construção, 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1862-1900-16.	234
Imagem 237: Prédio do Casino Antarctica, 1919. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, vol.1, 1887-94-1919.	234
Imagem 238: Prédio da Collectoria Federal. Fonte: sd-edifc3adcio-da-delegacia-fiscal-collectoria-federal-ebay.	235
Imagem 239: Prédio da Collectoria Federal. Fonte: Coleção Particular.	235
Imagem 240: Foto da plateia do Casino em 1925. Fonte: A Cigarra, (266): 58, dez.1925.	235
Imagem 241: Prédio do Casino Antarctica. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-94-1919.	236
Imagem 242: Prédio do Casino Antarctica. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-94-1919.	236
Imagem 243: Prédio do Casino Antarctica. Fonte: PONTES, José Alfredo Vidigal. São Paulo de Piratininga, p.171.	236
Imagem 244: Anúncio de abertura. Fonte: O Estado de S. Paulo, 5/12/1913, p.17.	236
Imagem 245: Vista do Parque Anhangabaú, com o Prédio do Casino Antarctica bem ao centro. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-94-1919.	239
Imagem 246: Vista da Rua Anhangabaú, com o Prédio do Casino Antarctica em obras à direita. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-1919.	239
Imagem 247: Vista da Rua Anhangabaú, com o Prédio do Casino Antarctica aos fundos, à direita. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-1919.	239
Imagem 248: Planta de implantação do “Casino Antarctica”. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.	240
Imagem 249: Pormenor do autor do projeto. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.	240
Imagem 250: Corte longitudinal do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.	240
Imagem 251: Corte transversal do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.	241
Imagem 252: Corte transversal do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.	241
Imagem 253: Planta do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.	242
Imagem 254: Planta do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinema, Caixa 08, 1912.	242
Imagem 255: Planta do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.	243
Imagem 256: Planta do edifício. Fonte: AHSP, Série Cinemas, Caixa 08, 1912.	243
Imagem 257: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	244
Imagem 258: O edifício a direita é o “Cotonificio Paulista”, 1916. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz v.2, 1862-1900-16.	244
Imagem 259: Fachada do edifício “Cotonificio Paulista”. Foto da autora, 2015.	245
Imagem 260: Detalhe da fachada. Foto da autora, 2016.	246
Imagem 261: Fachada do edifício “Cotonificio Paulista”. Foto da autora, 2015.	247
Imagem 262: Desenho do detalhe da mansarda da fachada. Fonte: AHSP, OPA, Caixa 54, Doc35A, 1916.	247
Imagem 263: Planta pavimento térreo. Fonte: AHSP, OPA, Caixa 416, 1915.	248
Imagem 264: Planta do 1º e 2º pavimento. Fonte: AHSP, OPA, Caixa 416, 1915.	248
Imagem 265: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	249

Imagem 266: Fachada para a Avenida São João do “Hotel Central”. Foto da autora, 2015.	249
Imagem 267: Detalhe da porta de acesso principal. Foto da autora.	251
Imagens 268 e 269: Fachadas do Edifício “ Hotel Central”. Fonte: AHSP, Caixa S7, 1920.	252
Imagens 270 e 271: Plantas dos pavimentos do edifício “Hotel Central”. Fonte: Inventário DPH/FAU-USP, 2012, número 68. AHSP, Caixa S7, 1920.	252
Imagens 272, 273, 274: Plantas dos pavimentos do edifício “Hotel Central”. Fonte: Inventário DPH/FAU-USP, 2012, número 68. AHSP, Caixa S7, 1920.	253
Imagem 275: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	254
Imagem 276: Fachada do prédio do “Hotel Britânia”. Foto da autora, 2015.	254
Imagem 277: Fachada principal. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	255
Imagem 278: Fachada posterior. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	256
Imagem 279: Corte longitudinal. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	256
Imagem 280: Corte transversal. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	257
Imagem 281: Planta do pavimento: <i>Rez do Chão</i> . Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	257
Imagem 282: Planta do pavimento: <i>Sobre Loja</i> . Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	258
Imagem 283: Planta do pavimento: <i>Primeiro e Segundo andar</i> . Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	258
Imagem 284: Planta do pavimento: <i>Mansarda</i> . Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	258
Imagem 285: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	259
Imagem 286: Fachada do “Hotel Columbia Palace”. Foto da autora, 2016.	259
Imagem 287: Detalhe da fachada, ornamento em argamassa. Foto da autora, 2016.	260
Imagem 288: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	261
Imagem 289: Fachada para a Avenida São João. Foto da autora, 2015.	261
Imagem 290: Fachada do edifício “Casa Dhélonme”. Foto da autora, 2016.	263
Imagem 291: Fachada Rua Líbero Badaró. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	263
Imagem 292: Fachada Avenida São João. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	264
Imagem 293: Corte longitudinal. Na legenda da folha: <i>Projecto em cimento armado</i> . Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	264
Imagem 294: Corte transversal. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	265
Imagem 295: Corte longitudinal. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	265
Imagem 296: Planta do pavimento: <i>Sub-solo</i> . Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	265
Imagem 297: Planta do pavimento: <i>Rez do chão</i> . Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	266
Imagem 298: Planta do pavimento: <i>Sobre-lojas</i> . Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	266
Imagem 299: Planta do pavimento: <i>3º 4º e 5º andar</i> . Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	267
Imagem 300: Planta do pavimento: <i>Mansarda</i> . Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	267
Imagem 301: Planta do pavimento: <i>Projecto em cimento armado. Sub-solo</i> . Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	268
Imagem 302: Planta da estrutura dos demais pavimentos. Escala 1:50. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	268
Imagem 303: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	269
Imagem 304: Fachada original, pormenor do desenho. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	272
Imagem 305: Edificação endereçada Avenida São João, número 183 (atual 577). Foto da autora.	272
Imagem 306: Desenho original do projeto para o edifício antigo número 183. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	273
Imagem 307: Desenho original: <i>Projecto para alargar uma porta a Rua S. João número 175</i> . Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	273

Imagem 308: Desenho original para modificação na fachada do imóvel à Av. São João, 173. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	274
Imagem 309: Desenho original para a Rua São João, 167. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	274
Imagens 310 e 311: Desenho original para reforma à Rua São João, 157. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	275
Imagens 312 e 313: Endereçada onde hoje está a Galeria Olido, antigo número 151-153. Fonte: AHSP, OPA, Caixas S7/S8, 1920/1921.	275
Imagens 314, 315, 316, e 317: Desenhos Originais para reforma à Rua São João, 141. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S7, 1920.	276
Imagem 318: Esquina Avenida São João com Rua Libero Badaró, foto tomada na década de 1970. Fonte: SALMONI e DEBENEDETTI, 2007, p.12.	276
Imagem 319: Cartão Postal, c. década 1920. Imagem 320: Pormenor do cartão postal focando o lado ímpar da Avenida São João. Fonte: Acervo Particular.	277
Imagem 321: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	278
Imagem 322: Cartão Postal. Praça do Correio, à direita o monumento a Giuseppe Verdi, meado da década de 1920. Fonte: Sampa Histórica.	278
Imagem 323: Fachada para a Praça do Correio. S/d.	279
Imagem 324: Fachada lateral da Av. São João. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.	280
Imagem 325: Fachada principal, do Parque do Anhangabaú. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.	281
Imagem 326: Fachada lateral da Praça Pedro Lessa. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.	281
Imagem 327: Planta do pavimento térreo. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.	281
Imagem 328: Planta do 1º pavimento. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.	281
Imagem 329: Planta do 2º pavimento. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.	281
Imagem 330: Corte F – G. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.	282
Imagem 331: Corte H – I. Fonte: AHSP Fundo Severo & Villares.	282
Imagem 332: Fachadas do “Prédio dos Correios”. Vista da esquina da Avenida São João com a Praça dos Correios. Foto da autora, 2016.	283
Imagens 333 e 334: Detalhes da fachada do “Prédio dos Correios”. Foto da autora, 2016.	283
Imagens 335 e 336: Detalhes da fachada do “Prédio dos Correios”. Foto da autora, 2016.	283
Imagem 337: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	284
Imagem 338: Fachada da esquina da Avenida São João com a Avenida Ipiranga. Foto da autora, 2015.	284
Imagem 339: Desenho da Fachada sobre a Avenida São João. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	286
Imagem 340: Desenho da Fachada sobre a Rua Ypiranga. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	287
Imagem 341: Cortes Longitudinal e Transversal. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	287
Imagem 342: Planta do <i>Sub-solo</i> . Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	287
Imagem 343: Planta do <i>Rez do chão</i> . Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	287
Imagem 344: Planta <i>1º andar</i> . Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	288
Imagem 345: Planta <i>2º e 3º Andar</i> . Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	288
Imagem 346: Fachada para a Avenida Ipiranga. Imagem 347: Fachada para a Avenida São João. Foto da autora, 2016.	288
Imagem 348: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	289
Imagem 349: Fachada para a Avenida São João. Foto da autora, 2015.	289
Imagens 350 e 351: Ornatos da fachada. Fotos da autora.	291
Imagem 352: Fachada principal. Foto da autora, 2016.	291
Imagem 353: Desenho original da Fachada. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	292
Imagem 354: Desenho original das plantas: porão, pavimento térreo, sobre-loja, 1º e 2º pavimentos. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	292
Imagem 355: Desenho original dos cortes: ab e cd. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922.	292

Imagem 356: Desenho original da fachada executada. Desenho das plantas da edificação executada. Fonte: AHSP, OPA, Caixa S6, 1922. DPH/FAU-USP Inventário 2012.....	293
Imagem 357: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	294
Imagem 358: Praça do Correio, à esquerda monumento a Giuseppe Verdi, c. 1926, por Theodor Preising. Em: IMS. São Paulo e suas imagens. p. 120.....	294
Imagem 359: Vistas das fachadas para o Vale do Anhangabaú e para a Avenida São João.	
Imagem 360: Vista do quarteirão em que se situa o edifício Baraúna. Fotos da autora, 2015.	295
Imagem 361: Fachada para o Vale do Anhangabaú. Foto da autora, 2016.	297
Imagem 362: Desenho da fachada para o Vale do Anhangabaú. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.	298
Imagem 363: Desenho da fachada para a Avenida São João. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.	298
Imagens 364 e 365: Desenho dos cortes. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.	299
Imagem 366: Desenho da planta de implantação. Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.	299
Imagem 367: Desenho da planta do <i>Porão</i> . Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.	300
Imagem 368: Desenho da planta do <i>Rés do Chão</i> . Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.	300
Imagem 369: Desenho da planta do piso <i>Sobreloja</i> . Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.	301
Imagem 370: Desenho da planta do <i>1º andar</i> . Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923. ...	301
Imagem 371: Desenho da planta do <i>2º andar</i> . Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923. ...	302
Imagem 372: Desenho da planta do <i>3º andar</i> . Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923. ...	302
Imagem 373: Desenho da planta do <i>Ático</i> . Fonte: AHSP, OPA, caixa 141 S7, 1923.	303
Imagem 374: Desenho das plantas do <i>andar tipo</i> , reforma feita em 1935. Fonte: Processo Administrativo: 1985-0.014.429-7, inventário DPH/FAU-USP/2012.....	303
Imagem 375: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	304
Imagem 376: Fachada do edifício. Fonte: Revista Ilustração Brasileira, n. 109, anno X, setembro 1929.	304
Imagem 377: Desenhos Originais da fachada do Edifício Zico e o vizinho, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	306
Imagem 378: Desenhos originais, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.....	306
Imagem 379: Desenhos da reforma feita em 1940. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	307
Imagem 380: Vista das fachadas na esquina da Avenida São João com a Avenida Ipiranga. Foto da autora, 2015.....	307
Imagem 381: Detalhe superior da fachada. Foto da autora, 2016.	307
Imagem 382: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	308
Imagem 383: Fachada principal. Foto da autora, 2015.	308
Imagem 384: Detalhe do alinhamento central da fachada. Foto da autora, 2016.....	309
Imagem 385: Desenho original da fachada, 1924. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	310
Imagem 386: Desenhos originais, 1924. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.....	310
Imagem 387: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	311
Imagem 388: Fachada para a Avenida São João. Foto da autora, 2015.....	311
Imagem 389: Detalhe da fachada. Foto da autora, 2016.	312
Imagem 390: Desenho original da fachada, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	313
Imagem 391: Desenhos original, corte, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	313
Imagem 392: Desenho original, planta do edifício, 1925. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	313
Imagem 393: Fachada. Foto da autora, 2016.	314
Imagem 394: Anúncio da firma Albuquerque & Longo. Fonte: Revista Ilustração Brasileira, n. 109, anno X, setembro 1929.....	314

Imagem 395: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.....	315
Imagens 396 e 397: Fachada. Foto da autora, 2015.	315
Imagem 398: Desenho original, plantas do edifício e fachada, 1927. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	317
Imagem 399: Desenho original, cortes longitudinal e transversal do edifício, 1927. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	317
Imagem 400: Foto feita em janeiro de 2015, pela autora. Imagem 401: Avenida São João, 127. Fonte: AHSP, OPA, caixa S6, 1922.	317
Imagem 402: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	318
Imagem 403: Fachada do edifício antigo número 12. Foto da autora, 2015.	318
Imagens 404: Detalhe da fachada. Foto da autora, 2016.	318
Imagem 405: Desenho original, cortes e fachada do edifício, 1926. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	320
Imagem 406: Desenho original, plantas do edifício, 1926. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	320
Imagem 407: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	321
Imagem 408: Fachada do edifício “Prédio Oscar Rodrigues”. Fonte: Revista Ilustração Brasileira, n. 109, anno X, setembro 1929.	321
Imagem 409: Fachada. Foto da autora, 2016.	323
Imagens 410 e 411: Detalhes da fachada. Fotos da autora, 2016.	323
Imagem 412: Desenho original, fachada do edifício, 1928. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	324
Imagem 413: Desenho original, plantas do edifício, 1928. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	324
Imagem 414: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	325
Imagem 415: Fachada do “Prédio Martinelli”. Foto de Chico Saragiotto, 2012.	325
Imagem 416: Vista da Rua Libero Badaró na esquina com a Ladeira São João, em 1897. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-1919.	326
Imagem 417: Vista da Rua Libero Badaró na esquina com a Ladeira São João, em 1919. Fonte: BMA, álbum Washington Luiz, 1887-1919.	326
Imagem 418: Vista aérea da Ladeira São João, na esquina da Rua Líbero Badaró, durante a construção do prédio Martinelli, c. segunda metade da década de 1920. Na legenda do Cartão Postal aparece: “Nova York da Sul America”. Fonte: BMA, Cartões Postais, 1900-1940.	327
Imagem 419: À esquerda a esquina com o Café Brandão, a direita o prédio Martinelli emergindo na paisagem. Fonte: LEMOS, 2001, p.54-55.	328
Imagem 420: Desenho das três fachadas: Rua São Bento; Avenida São João; Rua Libero Badaró.	333
Imagem 421: Fachada do Prédio Martinelli para a Avenida São João. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.	334
Imagem 422: Desenho do corte do Prédio Martinelli. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.	335
Imagem 423: Planta Nível 12.622. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.	335
Imagem 424: Planta Nível 15.822, Galeria do Cinema. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.	336
Imagem 425: Planta nível 15.397, porão do cinema. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.	336
Imagem 426: Planta Platea do Cinema, Grande Salão de Festas, nível São Bento. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.	337
Imagem 427: Planta das lojas, porões do cinema e Confeitaria. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.	337
Imagem 428: Planta Geral dos porões. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929. Fonte: AHSP, OPA caixa Martinelli, 1929.	338
Imagem 429: Detalhe da fachada do “Prédio Martinelli”. Foto tirada pela autora em 2006.	338

Imagem 430: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo, e em vermelho o foco deste subcapítulo. SARA BRASIL, 1930.	339
Imagem 431: Foto da autora, 2015.	339
Imagem 432: Pormenor da fachada destacando a bossagem. Foto da autora, 2016.	340
Imagem 433: Fachada do Edifício antigo número 12A. Foto da autora.	341
Imagem 434: Desenho da fachada do Edifício antigo número 12A. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	341
Imagem 435: Desenho da fachada e cortes AB, e CD, do Edifício antigo número 12A. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	341
Imagem 436: Desenho das plantas e corte do Edifício antigo número 12A. Fonte: inventário DPH/FAU-USP/2012.	342
Imagem 437: Lei n. 1596/1912, “ <i>Approva a planta do alargamento da rua S. João, desde a praça Antonio Prado até a rua Lopes de Oliveira</i> ” (sic.).....	343
Imagem 438: No pormenor da planta, a área deste estudo está assinalada em amarelo. Fonte: SARA BRASIL, 1930.	344
Imagem 439: Gráfico elaborado pelo engenheiro Arthur Saboya. Fonte: Revista Ilustrada Brasileira (sic.), n. 109, 1929. Também publicado em LEMOS, 1989, p.164.....	345
Imagens 440 e 441: Tabela e gráfico A: Volume das desapropriações em relação ao capital pago na Avenida São João, no período de 1911 a 1928, segundo pesquisa feita por Lucila Herrmann.	348
Imagem 442: Tabela (B) com valores gastos com desapropriações no período de 1926 a 1930, segundo pesquisa feita por Lucila Herrmann.	348
Imagens 443 e 444: As duas tabelas (C e D) ilustram o valor do metro quadrado do imóvel na Avenida São João e no Caminho do Mar, segundo pesquisa feita por Lucila Herrmann.	349
Imagem 445: Gráfico (E) dos valores médios de locação. Comparação de valores entre os trechos de duas radiais: São João-Água Branca e Caminho do Mar, segundo pesquisa feita por Lucila Herrmann.....	349
Imagem 446, Imagem 447, Imagem 448, Imagem 449, Imagem 450: Retrato de Mario de Andrade, da artista Zina Aita, 1923 (IEB-USP); catalogo da Semana de Arte de 1922; Tropical, da artista Anita Malfatti, 1917 (Pinacoteca SP); São Paulo 135831, e GAZO da artista Tarsila do Amaral, 1924 (Pinacoteca SP).....	352
Imagens 451 e 452: Pôster de divulgação do filme. Fonte: < http://lemad.fflch.usp.br/node/321 >. Prédio Martinelli, ilustração em SEVCENKO, 2014, pp. 176-177.	353
Imagem 453: Panorama da cidade de São Paulo, tomado do Prédio Martinelli. Fonte: Revista Ilustração Brasileira, n. 109, ano X, setembro 1929.....	354
Imagem 454: Vista da Avenida São João sentido centro, 1952. Foto: Antônio Soukef.	355
Imagem 455: Gráfico elaborado com os dados dos censos do IBGE.	359
Imagem 456: Aquarela de Jean Baptiste Debret, feita em 1822, retrata a ladeira do Acu vista do Largo do Rosário. Fonte: BARROS, 1998. p.13.	360
Imagem 457: Rua de São João, na esquina com a Rua São Bento, conforme indicado na planta acima. Foto feita por Militão Augusto de Azevedo, em 1887. Em: IMS. p. 71.....	360
Imagem 458: Vista da ladeira e Rua São João, à direita no alto da ladeira o sobrado, residência da família Souza Barros, c.1890. Foto de Marc Ferrez. Fonte: IMS, p.74.	361
Imagem 459: Cartão Postal, c.1922. Fonte: LEMOS, 2000, p.103.	361
Imagem 460: Avenida São João, c.1928. Fonte: IMS, p.150.	362
Imagem 461: Avenida São João em 2016. Foto: Chico Saragiotto.....	362
Imagem 462: Cartão Postal da década 1920. Rua São João, vista do Vale do Anhangabaú, primeiro trecho alargado. O bonde atravessa a Rua São José. Na ladeira a Praça Antônio Prado, observar o edifício que tomou lugar da igreja visto de outro ângulo. Fonte: Arquivo Particular.	364
Imagem 463: Praça Antônio Prado, década de 1950. Edifício Altino Arantes, 1946. Em obras, à esquerda, o edifício do Banco do Brasil.	364
Imagem 464: Modelo da ficha utilizada no Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo.....	418
Imagem 465: Esquema da Avenida São João com os S.Q.L. dos imóveis da área de estudo.	420

REFERÊNCIAS

1. Fontes Primárias - documentos:

Documentos do Arquivo SIURB/PMSP, antiga Diretoria de Obras e Viação. (Processos sem número):

- Perfil da Rua São João, s/d.
- Projeto de nivelamento da Rua São João. Entre as ruas Libero Badaró e Formosa, s/d.
- Projeto para o escoamento de águas na rua São João esquina da rua Formosa, 1899.
- Projeto de escoamento de águas pluviais na rua de São João, cruzamento da rua de Ypiranga, 1900.
- Projeto de alargamento de passeios e recalçamento da Ladeira de São João, 1901.
- Projeto de nivelamento da rua São João (entre a Al. Glette, rua Helveltia e mais 140 metros, 1900.
- Projeto de passeios e recalçamento da ladeira São João, 1901.
- Projeto de alargamento de passeios da rua São João (entre as ruas Cons. Crispiniano e Formosa (sic.)), 1902.
- Projeto de rebaixamento dos passeios da rua São João, 1902.
- Projeto de alargamento de passeio da rua São João (entre Líbero Badaró e Formosa), 1908.
- Projeto de alargamento da Ladeira de São João, 1912.
- Projeto de uma Ponte em cimento armado para a Avenida São João; projeto da Pauling & Cia Limited, 1912.
- Planta dos terrenos de propriedade do Sr. Dario do Amaral e outros sujeitos a desapropriação na Avenida São João e Benjamim Constant, 1912.
- Planta das casas nos. 32, 34, 36, 38, 40, 42, 70, 72, 74, 76, da rua São João, 1912.
- Projeto da mureta de arrimo para a Av. São João (planta, perfil e cálculo dos esforços), 1914.
- Projeto de arborização e grades corridas nos refugos da Avenida São João, 1915.
- Projeto para o canteiro central da Avenida São João, entre as ruas São Bento e Líbero Badaró, 1915.
- Projeto de alargamento da Rua São João entre o Largo do Paissandú e a rua Aurora, 1917.

Documentos do Arquivo Histórico São Paulo – AHSP

Coleção Obras Particulares³⁶⁸ – documentos encadernados (volumes)

OPA 13 papéis avulsos 1893, 1895, 1897, 1899, 1903

OPA 14 papéis avulsos 1881, 1889, 1892, 1897, 1899, 1902, 1905

OPA 15 papéis avulsos

OPA 16 papéis avulsos

³⁶⁸ As abreviaturas OP ou OPA significa Obras Particulares do acervo do Arquivo Histórico São Paulo – AHSP. Ao lado aparece o ano do documento.

OPA 16a papéis avulsos 1891 a 1896, 1899, 1902 e 1904

O.PA_1870-1873 vol. 17

OPA_1874-1876 vol. 18

OPA_1877-1878 vol. 19

OPA_1879-1881 vol. 20

OPA_1882 vol. 21

OPA_1883-1884 vol. 22

OPA_1885 vol. 23

OPA_1886 vol. 24

OPA_1887 vol. 25, 26, 27

OPA_1888 vol. 28, 29, 30

OPA_1889 vol. 31, 32

OPA_1890 vol. 33 a 38

OPA_1891 vol. 39 a 45

OPA_1892 vol. 46 a 52

OPA_1893 vol. 53 a 56

OPA_1894 vol.57 a 73

OPA_1895 vol.74 a 98

OPA_1896 vol. 129 e 132

OPA_1897 vol. 177 e 180

OPA_1898 vol. 211 a 217

OPA_1899 vol. 247 a 254

OPA_1900 vol. 278 a 284

OPA_1901 vol. 308 a 313

OPA_1902 vol. 334 a 339

OPA_1903 vol. 362 a 369

OPA_1904 vol. 392 a 397

OPA_1905 vol. 418 a 424

OPA_1906 caixa 12 n.115 Teatro Carlos Gomes

OPA_1916 caixa 54

OPA_1917 caixa S3

OPA_1918 caixa S3

OPA_1919 caixa 55

OPA_1920 caixa 57

OPA_1921 caixa S8

OPA_1922 caixa S6

OPA_1923 caixa 140-S6, caixa 141-S7

SIRCA: <www.projetosirca.com.br/site>

Código dos arquivos consultados no SIRCA (1907 a 1916):

OP_1906_001.496n.11 (Theatro)

OP_1907_001.442 esq. R. Helvécia

OP_1907_001.443 esq. Lg. Paissandú

OP_1907_001.445n.3

OP_1907_001.446n.16

OP_1907_001.447n.18

OP_1907_001.449

OP_1907_001.450

OP_1907_001.451n.48a

OP_1907_001.453n.78

OP_1907_001.454 n.90,92,94

OP_1907_001.455 (Ramos de Azevedo)

OP_1907_001.456n.109

OP_1907_001.457

OP_1907_001.459n.168 croqui fachada

OP_1907_001.460

OP_1907_001.461

OP_1907_001.464

OP_1907_001.465

OP_1907_001.466n.361

OP_1907_001.467

OP_1907_001.468

OP_1907_001.469

OP_1907_001.470n.393

OP_1907_001.488

OP_1907_001.747

OP_1908_001.424n.67

OP_1908_001.755

OP_1908_001.756n.72

OP_1908_001.758

OP_1908_001.759a n.59

OP_1908_001.759b n.59
OP_1908_001.760
OP_1908_001.761n.184
OP_1908_001.763a
OP_1908_001.763b
OP_1908_001.766
OP_1908_001.768n.359
OP_1908_001.769
OP_1908_001.770 Casa Operária (modelo)
OP_1909_001.357n.11a tinta
OP_1909_002.153n.14
OP_1909_002.154n.96
OP_1909_002.156 n.137
OP_1909_002.157a (térreo)
OP_1909_002.157b (superior)
OP_1909_002.158 n.191
OP_1909_002.159
OP_1909_002.160 n.275elev
OP_1909_002.161n.289
OP_1909_002.162n.346a
OP_1909_002.162n.346b
OP_1909_002.163
OP_1909_002.166n.358
OP_1909_002.167
OP_1909.002.169n.479
OP_1909_002.170
OP_1909_002.607
OP_1910_002.366n.44
OP_1910_002.369
OP_1910_002.370n.108
OP_1910_002.371n.115
OP_1910_002.372n.137

Inventário FAU-USP - DPH/PMSP – 2012.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. IGEPAC-SP: Inventário geral do patrimônio artístico e cultural de São Paulo [Banco de dados]. São Paulo: DPH, 2012.

AHSP, Inventário: Salas de cinema em São Paulo: 1895-1929. Disponível em:

<<http://www.arquiamicos.org.br/bases/cine.htm>>

2. Livros, capítulos, artigos acadêmicos:

AB'SABER, Aziz Nacib. São Paulo Ensaios Entreveros. São Paulo: EDUSP – Imprensa Oficial, 2004.

ALAMBERT, Clara Correia d'. *O tijolo nas construções paulistanas do século XIX*. São Paulo: Mestrado FAU/USP, 1993.

ALBUQUERQUE, Maria Beatriz Portugal. Luz, Ar e Sol na São Paulo Moderna – Alexandre Albuquerque e a Insolação em São Paulo, 1916 – 1934. São Paulo: Mestrado FAU/USP, 2006.

ALEX, Willian. *História do arranha-céu*. São Paulo: Habitat, n. 37, dez. 1956.

ALMEIDA, Guilherme de. *Pela cidade, seguido de meu roteiro sentimental da cidade de S. Paulo*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

AMADO, Marina Rodrigues. *Teatros em São Paulo (1890-1911): cultura, arquitetura e cidade a partir de fontes primárias*. São Paulo: Mestrado FAU/USP, 2016.

AMARAL, Araci Abreu. *A hispanidade em São Paulo: da casa rural à Capela de Santo Antônio*. São Paulo: Nobel, USP, 1981.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Carrenho Editorial; Narrativa Um; Carbono 14, 2004.

ANDRADE, Mario. *De Paulicéia desvairada a café (Poesias Completas)*. São Paulo: Círculo do Livro, 1955.

ANELLI, Renato L. S.; *Rino Levi, 1901 – 1965. Arquitetura e Cidade*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.

ARAÚJO, Emanuel. *O café*. São Paulo: Banco Real/ABN AMRO, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

ASCHER, Façois. *Os novos princípios do urbanismo*. Tradução e apresentação Nádia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

AZEVEDO, Aroldo. *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Associação dos Geógrafos, 1954.

_____. *Vilas e cidades do Brasil colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva*. São Paulo: FFLCH/USP, 1956.

AZEVEDO, Elizabeth Ribeiro. *Conservatório Dramático e Musical de São Paulo: pioneiro e centenário*. Em:

<<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao16/materia01/texto01.pdf>>, acessado em 13-12-13.

- BANDEIRA JR., Antônio Francisco. *A indústria no estado de São Paulo*. São Paulo: Typografia do Diário Oficial, 1901.
- BARBOSA, Maria do Carmo Bicudo. *Tudo como dantes no quartel de Abrantes. Práticas de produção do espaço da cidade de São Paulo (1890 - 1930)*. São Paulo: Doutorado FAU/USP, 1987.
- BARROS, Maria Paes de. *No tempo de Dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- BARBUY, Heloisa. *A Cidade – Exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República de 1889 – 1930*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1968.
- BASSANI, Jorge. *A função é a comunicação*. São Paulo: Doutorado FAU-USP, 2005.
- _____. *As linguagens artísticas e a cidade*. São Paulo: Mestrado FAU-USP, 1999.
- BECHERINI, Aurélio. *Aurélio Becherini*. São Paulo, Cosac Naify, 2009.
- BENEVOLO, Leonardo. *Il tracollo dell'urbanistica italiana*. Roma: Laterza, 2012.
- _____. *La città nella storia d'Europa*. Roma: Laterza, 2014.
- _____. *Arquitetura no novo milênio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- _____. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *As origens da urbanística moderna*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- _____. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BENINCASA, Vladimir. *Fazendas Paulistas: arquitetura rural no ciclo cafeeiro*. São Carlos: doutorado, 2007.
- BERTOCCI, Stefano; PARRINELLO, Sandro. *Digital Survey and Documentation of the Archaeological and Architectural sites*. Firenze: Edifir, 2015.
- BERTOCCI, Stefano; MINUTOLI, Giovanni; MORA, Susana; PANCANI, Giovanni. *Complessi religiosi e sistemi difensivi sul cammino di Santiago de Compostela: rilievi e analisi per la valorizzazione e il restauro della cattedrale di Santa Maria la Real a Sasamón*. Firenze: Centro Stampa del Consiglio Regionale della Toscana, 2015.
- BOITO, Camillo. *Os Restauradores*. Cotia-SP: Atelier Editorial, 2008.
- BONDUKI, Nabil Georges. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1998.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia-SP: Atelier Editorial, 2004.
- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. São Paulo: VOL I, II, III. José Olympio, 1954.
- _____. *Memórias da cidade de São Paulo. Depoimentos de moradores e visitantes 1553-1958*. São Paulo: Prefeitura Municipal/Secretaria Municipal de Cultura, 1981.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho Desígnio: O Brasil dos Engenheiros Militares (1500 - 1822)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP/FAPESP, 2011.

- _____. *Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809*. Em: Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material. V.13, p.59 - 97. São Paulo: USP, 2005.
- CAMPOS, Candido Malta; SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. Palacete Santa Helena: um pioneiro da modernidade em São Paulo. São Paulo: SENAC/Imprensa Oficial, 2006.
- CAMPOS, Candido Malta. *Os rumos da cidade. Urbanismo e Modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora SENAC-São Paulo, 2002.
- CAMPOS JUNIOR, Eudes de Mello. *Os Pais de Barros e a Imperial Cidade de São Paulo*. São Paulo: Informativo do Arquivo Histórico Municipal, 2007. Em: <www.arquiamicos.org.br/info/info16/i-estudos.htm>, acesso 03/06/2013.
- _____. *Arquitetura Paulistana sob o Império*. São Paulo: Doutorado FAU-USP, 1997.
- CARAM, André Luis Balsante. *Pujol. Concreto e Arte*. São Paulo: Takano, 2001.
- CARBONARA, Giovanni. *Architettura d'Oggi e restauro. Um confronto antico-nuovo*. Torino: UTET, 2011.
- _____. *Brandi e a restauração arquitetônica hoje*. *Desígnio*, 2006, n.6, p.35-47.
- CARDOSO, Joaquim. *Um tipo de casa rural do distrito federal e estado do Rio*. Rio de Janeiro: IPHAN-Revista 7, 1943.
- CARONE, Edgard. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: SENAC, 2001.
- CARR, Edward Hallet. *Que é história?* São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CASALECCHI, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista (1889 – 1926)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CASTRO, Ana Claudia Veiga de. *Um americano na metrópole [latino-americana]. Richard Morse e a história cultural urbana de São Paulo, 1947-1970*. São Paulo: Doutorado FAU-USP, 2013.
- CENDRARS, Blaise. *Etc..., Etc... (Um livro 100% brasileiro)*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- COSTA, Lucio. *Arquitetura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- COUTINHO, Sylvia de Souza e Silva Ribeiro. *Memória e Esquecimento: Casa Nordschild e a formação da Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Mestrado, PUC-RJ, 2003. Disponível em: <<http://www.academicoo.com/artigo/memoria-e-esquecimento-casa-nordschild-e-a-formacao-da-arquitetura-moderna-no-brasil>>, 14-04-2013.
- COHEN, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial*. São Paulo: Cosacnaify, 2013.
- CULLEN, Gordon. *Townscape*. London: The Architectural Press. 1961.
- DAVIS, Mike. *City of quartz*. Los Angeles, 1990.
- DEAECTO, Marisa Midori. *São Paulo, outros 300! 1711-2011*. São Paulo: EDUSP, 2011.
- DEAN, Warren. *Industrialização de São Paulo, 1880 – 1945*. São Paulo: Difel, 1971.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins, 1949.

- DELAQUA, Victor. *Museu MAXXI / Zaha Hadid Architects*. 15 May 2013. ArchDaily. <<http://www.archdaily.com.br/br/01-42117/museu-maxxi-zaha-hadid-architects>>, acessado em 10/12/2013.
- DVORÁK, Max. *Catecismo da preservação de monumentos*. Cotia-SP: Atelier Editorial, 2008.
- ELBOUX, Roseli Maria Martins D'. *Joseph-Antoine Bouvard no Brasil. Os Melhoramentos de São Paulo e a criação da Companhia City: ações interligadas*. São Paulo: Tese de Doutorado FAU-USP, 2015.
- ELETROPAULO, *A Cidade da Light. 1899/1930*. Departamento de Patrimônio Histórico/Eletropaulo, 1990.
- EMPLASA, *Memória Urbana. A grande São Paulo até 1940*. vols. 1, 2 e 3. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.
- EMPLASA. *Bens culturais arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo*. São Paulo: Sempla, 1984.
- ESTEVES, Juan; ABDALLA, Antonio Carlos; LORCH, Denise. *Capital: São Paulo e seu patrimônio arquitetônico*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2013.
- FARNETI, Fauzia (org.). *Naso, terra grande, ricca ed antica. Tessuto urbano e architettura dal cinquecento al novecento*. Firenze: Alinea, 2012.
- _____. *Naso. Guida ala visita dela città*. Firenze: Alinea, 2009.
- _____. *Naso: ter secoli di storia. Architettura, arte e terremoti*. Firenze: Alinea, 2006.
- FERNANDES Jr., Rubens; GARCIA, Angela C.; MARTINS, José de Souza. *Aurélio Becherini*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli. Ensino e Profissão em São Paulo*. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 2005.
- FISHMAN, Robert. *Urban utopias in the twentieth century: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1999.
- FREHSE, Fraya. *Ô da rua!: o transeunte e o advento da modernidade em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2011.
- _____. *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- FREIRE, Victor. *Melhoramentos de São Paulo. Conferência publicada na Revista Polytechnica*. São Paulo: Casa Vanorden, 1911.
- FREITAS, Affonso A. de. *A cidade de São Paulo no anno de 1822*. São Paulo: Revista Ilustração Brasileira, 1929.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2006.
- FUNDAP. *O planejamento urbano no município de São Paulo – memórias seletivas de suas manifestações no período 1892 – 1964*. São Paulo: FUNDAP, 1979.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.
- GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

- GEOFFROY, Nora Guimarães. *A moradia carioca no contexto das zonas norte e sul nos anos 20*. São Paulo: Doutorado, FAU-USP, 2004.
- GERODETTI, João E. e CORNEJO, Carlos. *Lembranças de São Paulo. A capital paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças*. São Paulo: Studio Flash Produções Gráficas, 1999.
- GIEDION, Sigfried. *Mechanization takes command: a contribution to anonymous history*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.
- _____. *Space, Time & Architecture: the growth of a new tradition*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- GIOVENNONI, Gustavo. *Gustavo Giovannoni. Textos Escolhidos*. Cotia-SP: Atelier Editorial, 2013.
- GITAHY, Maria Lúcia Caira. *O papel do gabinete de resistência dos materiais da escola Politécnica na transferência da tecnologia do concreto para São Paulo, 1899-1925: um relato preliminar de pesquisa*. Campinas: Cadernos IG/UNICAMP, 1994.
- GITAHY, Maria Lucia Caira. *O papel do gabinete de resistência dos materiais da escola Politécnica na transferência da tecnologia do concreto para São Paulo, 1899-1925: um relato preliminar de pesquisa*. Campinas: Cadernos IG/UNICAMP, 1994.
- GONÇALVES, Daniel Issa. *O Peabirú: uma trilha indígena cruzando São Paulo*. São Paulo: Cadernos de Pesquisa do LAP n. 24, 1998.
- GONZÁLEZ, Paul; NOVAES, Maria Amélia Villares. *Siciliano e Silva: engenheiros construtores*. São Paulo: Arauco Editora, 2012.
- GROSTEIN, Marta Dora. *A cidade clandestina: os ritos e os mitos. O papel da irregularidade na estruturação do espaço urbano no município de São Paulo 1900 – 1987*. São Paulo: Doutorado FAUUSP, 1987.
- GUATELLI, Igor. O MAXXI e o delírio de Zaha Hadid em Roma. *Projetos*, São Paulo, ano 11, n. 129.03, Vitruvius, set. 2011. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.129/4043>>, acessado em 10/12/2013.
- HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- _____. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HERNÁNDEZ, Ascencioón Martinez. *La clonación arquitectónica*. Madrid: Ediciones Siruela, 2007.
- HERRMANN, Lucila. *Estudo do desenvolvimento de S. Paulo através da análise de uma radial: a estrada do café (1935)*. São Paulo: Revista do Arquivo Municipal, XCIX. 1944.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas de morar da elite paulistana*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. *O prédio Martinelli, a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo*. São Paulo: Projeto, 1984.
- IDOETA, Irineu, IDOETA, Ivan Valeije e CINTRA, Jorge Pimentel. *São Paulo Vista do Alto: 75 anos de aerofotogrametria*. São Paulo: Érica. 2004.

- INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de fotografia brasileira. Nº 2. São Paulo 450 anos*. São Paulo: Ippis Gráfica e Editora, 2004.
- INTRAURBE, Grupo. “*Os Planos Urbanísticos elaborados desde 1880 a 1980. Inclusive diagnósticos setoriais e globalizantes*”, coordenado por CAMPOS FILHO Candido Malta; GROSTEIN, Marta Dora; SCHERER, Rebeca; e RUMMEL, Cibele Riva. São Paulo: FAUUSP, 1983/5.
- JACOBS, Jane. *The death and life of great American cities*. New York: 1st Vintage Books, 1992.
- JARDIM, Eduardo Carlos; MUSA, João Luiz; MENDES, Ricardo. *São Paulo anos 20 andar, vagar, perder-se*. São Paulo: Melhoramentos, 2003.
- KATINSKY, Júlio. *Um guia para a história técnica no Brasil colônia*. São Paulo: FAU/USP, 1980.
- KOSERITZ, Carl Von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins, 1943.
- KUHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- _____. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- LAGO, Pedro Corrêa do. *Iconografia Paulistana do século XIX*. São Paulo: Capivara, 2003.
- _____. *Militão Augusto de Azevedo. São Paulo nos anos 1860*. São Paulo: Capivara, 2001.
- LEFEVRE, Henrique Neves. *Influência da legislação urbanística sobre a estrutura das cidades. Aplicação especial ao caso da cidade de São Paulo*. São Paulo: Cátedra - Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie, 1951.
- LEFÈVRE, José Eduardo de A.. *De beco a avenida. A história da Rua São Luiz*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- _____. *Desafios das áreas centrais da cidade de São Paulo: o caso da Avenida São João*. LISBOA: Laboratório de Engenharia Civil, 2003.
- _____; PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Áreas deterioradas em metrópoles Modernas: o caso da Avenida São João, em São Paulo*. Salvador, Seminário Internacional: “Patrimônio e cidade Contemporânea”, 2002.
- _____. *A quem interessa o centro de São Paulo? A Rua São Luiz e sua evolução*. São Paulo: Doutorado FAU/USP, 1999.
- _____. *O Centro de São Paulo: perspectivas para o século XXI*. Em: São Paulo Centro XXI entre história e projetos. São Paulo, Associação Viva o Centro, 1994.
- _____. *O transporte coletivo como agente transformador da estruturação do centro da cidade de São Paulo*. São Paulo: Mestrado FAUUSP, 1985.
- LEME, Maria Cristina da Silva. *Revisão do Plano de Avenidas: um estudo sobre o planejamento urbano em São Paulo, 1930*. São Paulo: Doutorado FAU/USP, 1990.
- _____. *Planejamento em São Paulo: 1930 - 1960*. São Paulo: Mestrado FAUUSP, 1982.
- LEMOS, Carlos A.C., ARAUJO, Emanuel. *O álbum de Afonso: a reforma de São Paulo*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2001.
- LEMOS, Carlos A. C. *Como nasceram as cidades brasileiras*. São Paulo: Nobel, 2016.

- _____. *Da taipa ao concreto. Crônicas e ensaios sobre a memória da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Três estrelas, 2013.
- _____. *O que é arquitetura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.
- _____. *A República ensina a morar (melhor)*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- _____. *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- _____. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo: Nobel, 1989.
- _____. *Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, 1984.
- _____. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1979.
- _____. *Cozinhas, etc.* São Paulo: Perspectiva, 1976.
- LEVI, Rino. *Rino Levi Introduzioni di Roberto Burle Marx e Nestor Goulart Reis Filho*. Milano: Edizioni di Comunità, 1974.
- LÈVI-STRAUSS, Claude. *Saudades de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LOBO, Manuel Leal da Costa; SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. *Urbanismo de colina: uma tradição luso-brasileira*. São Paulo: Mackenzie, 2012.
- LODY, Jorge. *Arquitetura e Cidade. Obras particulares em São Paulo 1906-1915*. São Paulo: Tese de Doutorado, FAU-USP, 2015.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MACHADO, Lúcio Gomes. *Rino Levi e a Renovação da Arquitetura brasileira*. São Paulo: Doutorado FAU/USP, 1992.
- _____. *Comunicação Visual emergente*. São Paulo, Mestrado FAU/USP, 1981.
- MAGOSSO, Eduardo; LUQUET, Mara; PESSOA, Jalber; São Paulo Relembrada. *Militão um novo álbum comparativo (1862 – 1887 e 2003)*, São Paulo: JSN Editora, 2003.
- MAIA, Francisco Prestes. *Os melhoramentos de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1945.
- _____. *Estudo de um Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.
- MAYUME, Lia. *Taipa, canela-preta e concreto*. São Paulo: Romano Guerra, 2008.
- MARCÍLIO, Maria Luíza. *A cidade de São Paulo, povoamento e população 1750 – 1850*. São Paulo: Pioneira, 1974.
- MARINS, Paulo César Garcez. *Através da Rótula: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: FFLCH/USP, 2001.
- MARQUES, Gabriel. *Ruas e tradições de São Paulo: uma história de cada rua*. São Paulo: CEC, 1966.
- MARTINS, Antonio Egydio. *São Paulo antigo 1554 a 1910*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- MARTINS, Maria Lúcia Refinetti. *São Paulo – Metrópole e isso tudo, 1920 a 1980*. São Paulo: Mestrado FAU/USP, 1982.
- MARX, Murillo de Azevedo. *Cidade no Brasil, terra de quem?* São Paulo: EDUSP/Nobel, 1991.

- MATEUS, João C. O. M. *Técnicas Construtivas Tradicionais de Construção de Alvenarias. A literatura técnica de 1750 a 1900 e seu contributo para a conservação de edifícios históricos*. Lisboa, Horizonte, 2002. Introdução e cap. II.
- MELLO, Joana. *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2007.
- MEYER, Regina M. P.; GROSTEIN, Marta D. *A leste do centro: territórios do urbanismo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- MEYER, Regina M. P.; GROSTEIN, Marta D.; BIDERMAN, Ciro. *São Paulo Metrôpole*. São Paulo: EDUSP – Imprensa Oficial, 2004.
- MEYER, Regina M. P. *Metrôpole e Urbanismo: São Paulo dos anos 50*. São Paulo: Doutorado FAU/USP, 1991.
- MONNIER, Gérard. *O edifício, instrumento do evento: uma problemática*.
- MORSE, Richard. *Formação histórica de São Paulo (De comunidade à Metrôpole)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- MOSES, Robert. *Program of public improvements for São Paulo*. New York: IBEC Technical Services, 1950.
- MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de (Org.). *Vida cotidiana em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial/UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1998.
- MOURA, Paulo Cursino. *São Paulo de outrora: evocações da metrôpole*. São Paulo: Martins Editora, 1943.
- NOSEK, Victor (org). *Praça das Artes*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.
- NUNES, Valentina. *A restauração do Edifício Mackenzie*. São Paulo: Dezembro Editorial, 2005.
- PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. *O italianizante. A arquitetura no período de 1880 a 1914 na cidade de São Paulo*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU-USP, 1984.
- PASSOS, Maria Lúcia Perrone; EMÍDIO, Teresa. *Desenhando São Paulo: mapas e literatura: 1877-1954*. São Paulo: Senac/Imprensa Oficial, 2009.
- PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. *Espaço, Técnica e Construção*. São Paulo: Nobel, 1988.
- PERRONE, Carlos. *São Paulo por dentro: um guia panorâmico de arquitetura*. São Paulo: Senac, 2004.
- PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no Debate Cultural dos Anos 1920 no Brasil*. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2011.
- _____. *Uma cidade Pitoresca: São Paulo nas décadas de 1930 e 1940*. Comunicação apresentada no V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Campinas, 1998.
- PINTO, Adolfo Augusto. *História da viação pública de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado, 1977.
- _____. *Minha Vida (Memórias de um Engenheiro Paulista)*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
- PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

- PIRES, Walter. *Arquivo Aguirra: Fonte documental sobre a formação territorial de São Paulo*. São Paulo: Anais do Museu Paulista, n.11, pp. 61-78, 2003.
- PORTA, Paula. Org. *A História da Cidade de São Paulo*. V. 1,2,3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- PORTO, Antônio Rodrigues. *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Carthago & Forte, 1996.
- _____. *História urbanística da cidade de São Paulo (1554 – 1988)*. São Paulo: Carthago & Forte, 1992.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Dois Séculos de Projetos no Estado de São Paulo: Grandes obras e urbanização. VOL.1* São Paulo: EDUSP, 2010.
- _____. *Victor Dubugras: Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- _____. *São Paulo Vila Cidade Metrôpole*. São Paulo: Takano Editora Gráfica, 2004.
- _____. *Evolução Urbana do Brasil 1500 / 1720*. São Paulo: Pini, 2000.
- _____. *Notas sobre a evolução dos estudos de história da urbanização no Brasil*. São Paulo: USP-LAP 29, 1999.
- _____. *Algumas Experiências Urbanísticas no Início da República: 1890-1920*. São Paulo: USP-LAP 1, 1994.
- _____. *São Paulo e outras cidades*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____. *CD-ROM Imagens das Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. [Colaboradores: Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno e Paulo Julio Valentino Bueno]. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado/Fapesp, 2000.
- RELATÓRIO de 1893 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo intendente municipal Cesario Ramalho da Silva*. São Paulo: Typ. à Vap. de Espindola, Siqueira & Comp., 1894.
- RELATÓRIO de 1894 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo intendente municipal Cesario Ramalho da Silva*. São Paulo: Typ. à Vap. de Espindola, Siqueira & Comp., 1895.
- RELATÓRIO de 1896 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo intendente de Polícia e Hygiene Dr. José Roberto Leite Penteado*. São Paulo: Typografia à Vapor - Pauperio & Comp., 1897.
- RELATÓRIO de 1911 apresentado a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat*. São Paulo: Casa Vanorden, 1912.
- RELATÓRIOS de 1912 e 1913 apresentados a Câmara Municipal de São Paulo pelo prefeito Raymundo Duprat*. São Paulo: Casa Vanorden, 1914.
- RIEGL, Aloïs. *El culto moderno a lós monumentos. Caracteres y origen*. Madrid: A. Machado Libros S.A., 2008.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. *Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ IPPUR/UFRJ/FASE, 1997.
- RICCA Jr., Jorge. *Anhangabaú: construção e Memória*. São Paulo: Mestrado FAU/USP, 2003.

- RODRIGUES, Lícia Mara A. de. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico: Diretrizes para a Restauração de Salas de Cinema em São Paulo*. São Paulo: Mestrado FAU/USP, 2006.
- RODRIGUES, Gustavo Partezani. *Vias Públicas: tipo e construção em São Paulo (1898-1945)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.
- ROLNIK, Raquel, SOMEKH, Nadia & KOWARICK, Lucio (orgs.). *São Paulo crise e mudança*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel/Fapesp, 1997.
- RUFINONI, Manoela Rossinetti. *Preservação e restauro urbano: intervenções em sítios históricos industriais*. São Paulo: Fap-Unifesp/Edusp, 2013.
- RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. Cotia-SP: Atelier Editorial, 2008.
- SABOYA, Arthur. *Código de Obras*. São Paulo: Edições Lep, 3.ed., 1950.
- SAIA, Luís. *Morada paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *Notas para teorização de São Paulo*. São Paulo: Revista acrópole, 295,296, p.213, 1963.
- SAINT-HILLAIRE, Auguste de. *Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da província de São Paulo*. São Paulo: Martins, 1953.
- SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. *Arquitetura italiana em São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SALVO, Simona. *Arranha-céu Pirelli: crônica de uma restauração*. *Desígnio*, 2006 (2007), n. 6, pp.69-86.
- _____. *Restauro e 'restauros' das obras arquitetônicas do século XX. Intervenções em arranha-céus em confronto*. *Revista CPC*, 2007, n.4. pp.139-157.
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. *Alguns dados sobre a participação do engenheiro Samuel das Neves no Plano de Melhoramentos de São Paulo*. São Paulo: Revista Pós FAU-USP n.6, 1996.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cidade das águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901)*. São Paulo: Editora Senac, 2007.
- SANTOS, Fábio Alexandre dos. *Domando águas: Salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo, 1875-1930*. São Paulo: Alameda, 2011.
- SANTOS, Paulo F. *Quatro séculos de Arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981.
- SANTOS, Regina Helena Vieira. *Rua São Bento: Um fragmento da cidade de São Paulo que registra as transformações e persistências na paisagem urbana*. São Paulo: Mestrado FAU-USP, 2008.
- _____. *Largo do Rosário: parte del primo intervento urbano moderno della città di São Paulo*. Itália/Pavia, Università degli studi di Pavia, 2016. Disponível em: <<http://usp-br.academia.edu/>>
- _____. *Promenade na Rua São Bento: Uma reflexão sobre o Patrimônio Cultural*. Bauru/SP, UNESP, 2014. Pavia, 2016. Disponível em: <<http://usp-br.academia.edu/>>.

- _____. *O Conservatório Dramático e Musical da cidade de São Paulo*. Belo Horizonte/MG, UFMG, 2013. Pavia, 2016. Disponível em: <<http://usp-br.academia.edu/>>.
- _____. *Patrimônio Paulistano e Planejamento Urbano Avenida Paulista*. Belo Horizonte/MG, UFMG, 2013. Pavia, 2016. Disponível em: <<http://usp-br.academia.edu/>>.
- _____. *Vilas Operárias como Patrimônio Industrial. Como preservá-las?*. São Paulo/SP: Faculdade Belas Artes, 2012. Pavia, 2016. Disponível em: <<http://usp-br.academia.edu/>>.
- SCHORSKE, Carl E. *Viena fin-de-siecle. Política e Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SEGAWA, Hugo Massaki. *Arquiteturas no Brasil 1900- 1990*. São Paulo: EDUSP, 2ª edição, 2002.
- _____. *Prelúdio da Metrópole*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- _____. *Alguns aspectos da arquitetura e do urbanismo em São Paulo na passagem do século*. São Paulo: FAU-USP, 1979.
- SEGURADO, José Emílio dos Santos. *Alvenaria e cantaria*. Lisboa, Bertrand, s.d.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauração*. Cotia-SP: Atelier Editorial, 2008.
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. *Alguns dados sobre a participação do engenheiro Samuel das Neves no plano de melhoramentos de São Paulo*. São Paulo: Revista da Pós Graduação, n.6, pp. 90-109, 1996.
- SANT'ANNA, Nuto. *Metrópole (Histórias da Cidade de São Paulo, também chamada São Paulo de Piratininga e São Paulo do Campo em tempos de El-Rei, o Cardeal Dom Henrique, da Dinastia de Avis)*. Volume I. São Paulo: Departamento de Cultura, 1950.
- _____. *Metrópole (Histórias da Cidade de São Paulo, também chamada São Paulo de Piratininga e São Paulo do Campo em tempos de El-Rei, o Cardeal Dom Henrique, da Dinastia de Avis)*. Volume 2. São Paulo: Departamento de Cultura, 1952.
- _____. *São Paulo Histórico. Aspectos, Lendas e Costumes*. Volume IV. São Paulo: Departamento de Cultura, 1944.
- _____. *São Paulo Histórico. Aspectos, Lendas e Costumes*. Volume V. São Paulo: Departamento de Cultura, 1944.
- SILVA, Janice Theodoro da. *São Paulo 1554 – 1880. Discurso ideológico e organização espacial*. São Paulo: Moderna, 1984.
- SILVA, Raul de Andrada e; MATOS, Odilon Nogueira; PETRONE, Pasquale. *Evolução urbana de São Paulo*. São Paulo: Revista de História, 1955.
- SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. *Anhangabaú: história e urbanismo*. São Paulo: Senac/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- SIMONSEN, Roberto. *A evolução industrial do Brasil*. São Paulo: Boletim do Instituto de Engenharia, ago.1939.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1968.

- SÓ, José Carlos. *Itanhaém. História & Estórias*. São Paulo: Loyola, 1995.
- SOMEKH, Nadia; CAMPOS, Candido Malta. *A cidade que não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX*. São Paulo: Mackenzie, 2008.
- SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Nobel/Fapesp, 1997.
- _____. *A (des) verticalização de São Paulo*. São Paulo: Mestrado FAU/USP, 1987.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida. *A identidade da Metrópole. A verticalização em São Paulo*. São Paulo: Livre Docência FFLCH/USP, 1994.
- TAUNAY, Afonso de Escagnolle. *São Paulo nos primeiros anos: ensaio de reconstituição social; São Paulo no século XVI: história da vila piratiningana*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1953.
- _____. *História da cidade de São Paulo no século XVIII (1765-1801)*. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1951, vol. II.
- TEIXEIRA, Manuel C. *A forma da cidade de origem portuguesa*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial de São Paulo, 2012.
- TOLEDO, Benedito Lima de; KOSSOY, Boris; LEMOS, Carlos A. C.. *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862 – 1887. Militão Augusto de Azevedo*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1981.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.
- _____. *Anhangabahú*. São Paulo: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1989.
- _____. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- _____. *O Real Corpo de Engenheiros da Capitânia de São Paulo*. São Paulo: Doutorado, FAU-USP, 1972.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, c 2003.
- VAN RIEL, Silvio. *Ficarra, identità urbana e architettonica. Ricerche e material per la valorizzazione e il restauro*. Firenze: Alinea, 2011.
- VILLAÇA, Flávio J. Magalhães. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 2001.
- VILLARES, Henrique Dumont. *Urbanismo e indústria em São Paulo*. São Paulo, 1946.
- _____. *Urbanismo e problemas de São Paulo*. São Paulo, 1948.
- VIVIO, Beatrice A. *Franco Minissi e a abstração evocativa como instrumento de restauro*. Pós, 2011, n.30, PP. 231-240.
- XAVIER, Alberto Fernando Melchíades; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira de & CORONA, Eduardo. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Pini, 1983.
- WILHEIM, Jorge. *São Paulo Metrópole 65*. São Paulo: Edipe Artes Gráficas, 1965.

3. Legislação do município de São Paulo

Cartas de datas de terra (1755 – 1800). Volume V. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937.

Câmara Municipal de São Paulo:

Actas da Camara da Villa de S. Paulo 1623 – 1628. Vol. III. São Paulo: Archivo Municipal de S. Paulo, 1915.

Actas da Camara Municipal de S. Paulo 1783 – 1788. Volume XVIII. São Paulo: Typographia Piratininga, 1920.

Lei n. 374, de 29/11/1898.

- Organiza o Poder Executivo que será exercido por um único vereador, sob a denominação de Prefeito Municipal. O Serviço Municipal será dividido pelo Prefeito em quatro secções: Justiça, Política e Higiene, Obras e Finanças (Tesouro Municipal).

Lei n. 481/1900

- Autoriza o prefeito a mandar calçar as ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro e o Largo do Rosário.

Lei n. 498/1900

- *Estabelece prescrições para construção de casas de habitação operaria.*

Lei n. 613/1902

- Autoriza o prefeito a entrar em acordo com o proprietário do prédio sito à Rua São Bento, esquina do Largo do Rosário

Lei n. 670/1903

- Declara de utilidade pública os terrenos e prédios necessários ao aumento do Largo do Rosário.

Lei n. 698/1903

- Aprova o acordo feito entre a Prefeitura e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos

Lei n. 715/1904

- Declara de utilidade pública o prédio da Rua do Rosário 1, 3 e 3ª

Lei 722/1904

- Regula a verificação de alinhamentos

Lei n. 736/1904

- Aprova o acordo feito com os proprietários e usufrutuários do prédio da Rua do Rosário 1, 3 e 3A

Lei n. 757/1904

- Autoriza o prefeito a vender em hasta publica as sobras do terreno adquirido a o aumento do Largo do Rosário

Lei n. 799/1905

- Dá a denominação de Praça Antônio Prado ao Largo do Rosário

Lei n. 917/1906

- Aprova o acordo feito com o proprietário dos prédios das ruas do Rosário e 15 de Novembro, esquina da Praça Antônio Prado

Lei n. 952/1906

- Declara de utilidade pública os prédios 12, 14, e 16 da Rua do Rosário

Lei n. 1.011/1907

- Trata sobre as fachadas em algumas ruas do centro e confere dois prêmios anuais conferidos aos proprietários que construírem os prédios mais perfeitos *architectonicamente* falando.

Lei n. 1.038/1907

- Declara de utilidade pública, para serem desapropriadas, as partes dos prédios 12, 14 e 16 da Rua do Rosário

Lei n. 1.193/1909

- Dispõe sobre a abertura de novas ruas

Lei n. 1.420/1911

- Aprova os acordos celebrados pelo prefeito com o Mosteiro de São Bento para a aquisição de parte dos prédios 12 e 14 à Rua do Rosário e com o proprietário do prédio 55 da Rua 15 de Novembro

Lei n. 1.484/1911

- Prolongamento da Rua Dom José de Barros.

Lei n. 1.585/1912

- Dispõe sobre alinhamento das construções e define que as edificações de esquina fossem chanfradas.

Lei n. 1.596/1912

- Autorizou o alargamento da Rua São Joao com 30 metros, e definiu que as construções deveriam ter no mínimo três andares, com fachadas aprovadas pela prefeitura

Lei n. 1.666/1913

- Dispõe sobre a abertura de ruas, avenidas ou praças

Ato n. 671/1914

- Dispõe sobre o reconhecimento de ruas

Ato n. 769/1915

- Regulamenta a Lei n. 1.666/1913, e as disposições legais referentes a vias públicas por essa lei não revogadas

Acto n. 972/1916

- Considera públicas, para todos os *efeitos municipaes*, todas as ruas, avenidas e praças, com os respectivos nomes constantes da "*Planta da Cidade de S.Paulo*", levantada pela *Directoria* de Obras e Viação

Lei n. 2332, de 9 de novembro de 1920.

-Relação largura da via com altura dos edifícios.

Lei n. 3.427/1929

- Código de Obras Arthur Saboya

Ato n. 663/1930

- Aprova a consolidação do Código de Obras Arthur Saboya

Ato n. 1.013/1936

- Numeração, emplacamento viário

4. Dicionários:

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C., *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: EDART, 1972.

FERRARI, Celson. *Dicionário do Urbanismo*. São Paulo: Disal, 2004.

MICHAELIS minidicionário francês. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

5. Catálogo de Exposição:

Fotolabor Werner Haberkorn. São Paulo: Caixa Cultural, 2014.

6. Filmes:

“*São Paulo, a symphonia da metrópole*”, produzido pela Rex Film, sob a direção de Rodolfo Lustig e Adalberto Kemeny, 1929.

“*Berlim: sinfonia da metrópole*”, título original em alemão: “*Berlin: Die Sinfonie der Großstadt*”, sob a direção de Walter Ruttmann, 1927.

7. Revistas e periódicos:

Revista Arquitetura e Construção, n. 71, p.24-25, 1997.

Revista de Engenharia. *Os melhoramentos de S. Paulo*. São Paulo, v.1, pp. 37-43, 1911.

Revista Polytechnica, n.33. São Paulo: Casa Vanorden, 1911.

Revista Ilustração Brasileira, n. 109, anno X, setembro 1929.

Revista PROJETO, n. 207, p.58-63, 1997.

8. Documentos Cartográficos:

SÃO PAULO, (Cidade). *São Paulo Antigo - Coleção de onze mapas históricos da cidade*. Comissão do IV CENTENÁRIO e Cia Melhoramentos, 1954.

SÃO PAULO, *Mappa Topographico do Município de São Paulo*. SARA BRASIL, 1930. Executado pela empresa SARA BRASIL S/A, pelo methodo Nistri de aerofotogrametria de acordo com o contracto lavrado em virtude da Lei No. 3203 de 1928, quando Prefeito o Dr. Dr. José Pires do Rio, sendo Director de Obras o engenheiro Arthur Saboya (sic.). Acervo do D.P.H. – Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo, 1930.

9. Iconografia:

Acervo da Biblioteca Mário de Andrade – Coleção: Tesouros da cidade. Disponível em: <<http://www.docvirt.noip.com/demo/bma2/bma.htm>>; <<http://docvirt.com/DocReader.Net/DocReader.aspx?bib=FOTOS&pesq=>>>, vários acessos em 2014.

Acervo da Fundação do Patrimônio Histórico e Energético de São Paulo – FPHESP (Fundação Energia e Saneamento). Disponível em: <www.fphesp.org.br>, acesso em 2014.

<memoria.fundap.sp.gov.br/memoriapaulista/acervo/fphesp-fundacao-energia-saneamento>

<acervo.energiasaneamento.org.br/consulta/Galeria.aspx?id=3>

Acervo do Instituto Moreira Salles. Disponível em:

<www.ims.com.br/ims/explore/acervo/iconografia>, vários acessos em 2013/14/15.

Acervo Brasileira Fotográfica. Disponível em:

<brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/discover?query=são+paulo&submit=lr>, acessos em 2013/14.

10. Sítios da internet:

Câmara Municipal de São Paulo. Disponível em: <<http://www.camara.sp.gov.br/memoria/>>;

<<http://www.camara.sp.gov.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>>;

<<http://www.camara.sp.gov.br/memoria/documentos-historicos-2/>>;

<<http://busca.camara.sp.gov.br/anadig/docs/Volumes/at1783-1788v18.pdf>>, vários acessos 2014/15/16.

Hemeroteca da Biblioteca Nacional, acervo do jornal Correio Paulistano. Disponível em:

<<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-paulistano/>>,

<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>, vários acessos em 2015/16/17.

Inventário dos espaços de sociabilidade cinematográfica na cidade de São Paulo: 1895-1929. <<http://www.arquiamigos.org.br/bases/cine.htm>>.

Museu Rodin Bahia. Projetos, São Paulo, ano 06, n. 070.01, Vitruvius, out. 2006.

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.070/2721>>, acessado em 10/12/2013.

Palacete das Artes Rodin Bahia. Disponível em:

<<http://www.palacetedasartes.ba.gov.br/sobre-o-museu/instala%C3%A7%C3%B5es>>, acessado em 10/12/2013.

Prefeitura Municipal de São Paulo: <www.capital.sp.gov.br>, vários acessos em 2014/15/16.

11. Arquivos e Bibliotecas Institucionais:

- Arquivo Histórico São Paulo – AHSP
- Acervo da SIURB de projetos urbanos e obras executadas – PMSP.
- Arquivo Geral de Processos – PMSP
- Arquivo de Negativos – Departamento de Patrimônio Histórico – PMSP
- Acervo do D.P.H. – Departamento de Patrimônio Histórico – PMSP
- Arquivo do Museu Paulista – USP
- Instituto Moreira Salles – IMS
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Biblioteca do Arquivo Histórico de São Paulo – AHSP

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/USP

Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas – FFLCH/USP

Biblioteca da *Università degli studi di Firenze*.

Biblioteca da EMURB – Empresa Municipal de Urbanização.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade

ANEXOS:

Anexo A - Tabela da Cronologia

Anexo B - Tabela do Inventário 2014/16

Anexo C - Inventário 2014/16

Anexo A – Tabela da Cronologia

Cronologia Rua São João	Cronologia São Paulo
	De acordo com a Carta Régia de 11 de julho de 1711, a Vila de São Paulo foi elevada à categoria de cidade nesta data. Em 1748 foi extinta a Capitania de São Paulo, passou a ser integrada a comarca da Capitania do Rio de Janeiro, foi restabelecida em 1765. PORTO, 1992, p.19 e 23.
	1684, construída a casa de fundição, reformada (1793-1795) por Morgado Mateus - CASA de ÓPERA, no Patio do Colégio
1721 - Concessão do terreno à Irmandade do Rosário. 1725 - construção da Igreja Nossa Senhora do Rosário, terminada em 1757.	1740 – Igreja de São Pedro, no largo da Sé, mais ou menos onde hoje é o edifício da Caixa Econômica Federal.
	1765/1774 ca. – <i>Planta da Restauração da Capitânia.</i>
LADEIRA do ACÚ, depois Ladeira São João.	Abertura de ruas – Governo João Teodoro
1786/88 – Rua São João, a partir da Ponte do Acú. 1786/88 – Ponte do Acú ou do Marechal, (passagem para a Rua São João)	1782 – Rua Nova de São Bento (atual Rua Florêncio de Abreu), importante ligação da colina com a Estação de trem Luz. 1787 – foi aberta a Rua Nova de São José (atual Líbero Badaró), pela qual se descia ao Piques pelo Caminho do Anhangabaú de Cima (atual Ladeira Dr. Falcão).
	1788 – concluiu-se a edificação do Convento da Luz 1790 - Jardim Botânico; reforma 1825 - Jardim da Luz
	1792 – “Um Plano para Guiar a Cidade e seu Crescimento”, mandado executar pelo governador Bernardo de Lorena.
	1794/97 – Ponte do Lorena, no Piques (Ladeira do Ouvidor calçada em 1807);
	1794 – Primeira construção da Igreja de Santa Ifigênia, demolida em 1911 e reconstruída em 1912.
	1809 – “Décima Urbana”, o primeiro imposto predial estabelecido para as cidades brasileiras.

	1810 – “ <i>Planta da Imperial Cidade de São Paulo</i> ”, levantada em 1810 e copiada em 1841 por Rufino José Felizardo e Costa.
	1810 – “ <i>Planta da Cidade</i> ”, feita por Rufino José Felizardo e Costa.
Começo do século XIX, sobrado do Comendador Luis Antonio de Souza Barros, na Rua São João (aquarela Debret)	1816 – Viajantes ilustres e cientistas (Saint-Hilaire) chegam a São Paulo, como em todo o Brasil, e foram feitos novos registros; por exemplo, os artistas, como Debret, Thomas Ender, Pallière, Landseer e Burchell, que fizeram desenhos de São Paulo.
1820 - reconstrução da ponte do Acu por Daniel Pedro Muller.	TIPOLOGIA CONSTRUTIVA: Taipa de Pilão A cidade imperial, o burgo de estudantes.
	1827 – Faculdade de Direito no Largo São Francisco
	1834 – Ato Adicional, que organizou a província em termos de Brasil independente, a população era 330.000 habitantes. (Saia, 1963)
	1841 – “ <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> ”, realizada pelo engenheiro C.A.Bresser.
	1842 – “ <i>Carta da Capital de São Paulo</i> ”, feita por José Jacques da Costa Ourique.
	1844-7 – “ <i>Mapa da cidade de São Paulo e seus subúrbios</i> ”, realizada pelo engenheiro C.A.Bresser, é atribuída esta data, para a organização desta pesquisa será adotada neste período.
	1855 – abertura da rua Formosa, seccionando de lado a lado a chácara do Barão de Itapetininga, violando o sossego do Senhor Comendador.
	1855 – “ <i>Mapa da Imperial Cidade de São Paulo</i> ”, registrada por Carlos Rath.
	1860 a 1867 – Construção da linha férrea de Santos para Jundiaí e Campinas – São Paulo Railway.
	1868 – “ <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> ”, atribuída a Carlos Rath.
	1868 – inaugurada a Estação da Luz

	cerca de 1870 - primeira linha de bonde de tração animal, LUZ-São Bento
	1872 – Diogo Paes de Barros, 1ª fábrica de tecidos
	1875 – “Código de Posturas da Câmara Municipal da Imperial Cidade de São Paulo”
	1877 – “ <i>Mapa da Capital da Província de São Paulo</i> ”, elaborada por Francisco de Albuquerque e Jules Martin, indica a ferrovia para Sorocaba e Ipanema – Estrada de Ferro Sorocabana.
	1879-1881 loteamento "Campos Elíseos", criado pelos alemães Frederico Glette e Vitos Nothman
	1881 – “ <i>Planta da Cidade de São Paulo</i> ”, realizada pela Companhia Cantareira e Esgotos.
	1886 – sistema de numeração sequencial para os imóveis
	1887 – Aparecem os trilhos dos bondes de tração animal nas fotos de Militão de Azevedo.
	1888 – primeira fábrica da Antártica na Água Branca
	1890 – “ <i>Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes</i> ”, elaborada pelo litógrafo Jules Martin.
1890 – Mercado na rua São João, 1914 foi abaixo.	1890 – abertura da Avenida Paulista
Bijou Salão - Theatro Bijou - Polytheama	1891-1894 – Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República; o Jardim da Infância foi demolido na década de 1940.
	1891/2 – Parque Municipal Villon, reformado em 1917
	1892 - Viaducto do Chá
	1893 – Escola Politécnica
1895 – prédio para loja de pianos à Rua São João, com sala de concerto no piso superior, a partir de 1909, passou a ser a sede do Conservatório Dramático e	1896 – Primeiro Plano Urbano para São Paulo, do engenheiro Adolfo Augusto Pinto, respondendo o intento de Campos Salles de promover uma exposição

Musical de São Paulo.	nacional em São Paulo.
	1897 – “ <i>Planta Geral da Capital de São Paulo</i> ”, feita por Gomes Cardim, em escala: 1: 20.000.
	1898 – criação da Prefeitura.
	1898 – abertura da Rua Itatiaia, atual Avenida Angélica.
	1899 – 1910 – Prefeito Antônio Prado (PRP – Partido Republicano Paulista)
	1900 – Estabelecimento da <i>Light</i> , companhia de eletricidade na cidade
	1901 – Bondes Elétricos da <i>Light</i>
	1901 – o antigo Largo dos Curros conheceu vários projetos de ajardinamento, de autoria de Carlos Serico, do paisagista belga Arsênio Puttemans e de Antonio Etzel. O ajardinamento ocorreu entre 1902 e 1904.
	1902 – inaugurada a Praça da República
	1903 – aquisição do terreno onde foi erigido o Theatro Municipal, pelo prefeito Antônio Prado.
1903/1906 – abertura da Praça Antônio Prado	1903/1906 – abertura da Avenida Central no Rio de Janeiro.
1904 - demolição da Igreja do Rosário, para abertura da Praça Antônio Prado, um dos "pontos de encontro" da cidade.	1904 - 1913 - Viaduto Santa Ifigênia
1906 – inaugurada a nova Igreja do Rosário no Largo Paissandú	1906/1908 – Plano de Melhoramentos para o Parque do Anhangabaú, do vereador Augusto Silva Telles.
Remodelação do Largo do Paissandu e demolida a ponte do Acu construída em 1820 para aterro no Vale do Anhangabaú	1902 – 1907 – ajardinamento da Praça da República
1906, Teatro Carlos Gomes, à Rua São João-115 (atual 331)	1903 - prédio do Colégio Nossa Senhora de Sion, projeto Domiziano Rossi, construído pelo Escritório Ramos de Azevedo

1904/1906 – Prédio “Casa Martinico” à Praça Antonio Prado (atual 48), projeto e execução de F. P. Ramos de Azevedo & Cia., com térreo + 9 pavimentos, hoje possui 4 subsolos; fachada eclética.	
1907 - a sede da Light passou a funcionar no prédio "Casa Martinico".	1907 – a Light construiu a Represa Guarapiranga.
	1907-1909 – Teatro São José, lindeiro ao Viaduto do Chá, projeto do arquiteto Carlos Ekman, demolido para a construção do prédio “Alexandre Mackenzie” construído pela Light.
	1909 – Mercado de Pinheiros – Feiras Livres; Automóvel Clube; concluído o jardim em frente ao Museu do Ipiranga, elaborado pelo paisagista belga Arsenio Puttemans
	1910 – nova numeração sequencial; Construção das barragens da Billings
	1911 – “ <i>Planta cadastral e commercial da cidade de São Paulo</i> ”, editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estabelecimento Graphico Weissflog Irmãos
	1911 – inaugurado o Teatro Municipal, projeto Claudio e Domiziano Rossi, construído pelo Escritório Ramos de Azevedo, na administração do Barão Raymundo Duprat
	1899 - 1910 administração prefeito Antônio Prado.
	1911-1914 administração Barão de Duprat
	1911 – Plano “As Três Avenidas de São Paulo” – de Alexandre Albuquerque.
	1911 – Projeto Freire-Guilhem – dos engenheiros Silva Freire e Eugenio Guilhem
	1911 – Projeto Samuel das Neves – do engenheiro Samuel das Neves
	1911/maio - Relatório Bouvard (prolongamento da Rua D. José de Barros)
	1911 - 1917 – Vale do Anhangabaú, projeto e construção

	1911/1914 – Alargamento da rua Formosa, dentre várias outras ruas da área central.
	1911/1914 – “Edifício Guinle”, à Rua Direita. Projeto Hippolyto Pujol e Augusto de Toledo.
1912 - Lei n. 1596, Alargamento da Rua São João	1911 – <i>Planta cadastral e comercial da cidade de São Paulo</i> , atribuída a 1911, editada por Thomas & Cia. e Impressa no Estab. Graphico Weissflog Irmãos, São Paulo. Fonte: Coleção Aguirra, Museu Paulista/USP.
ALARGAMENTO DA RUA SÃO JOÃO	1913 – Faculdade de Medicina de São Paulo
	1913 – inauguração do Viaduto Santa Ifigênia, proposta apresentada em 1904, e obra iniciada em 1910.
1913 – alargamento da rua São João, início das obras, administração Raymundo Duprat e vão até 1920.	1913 – inaugurada a loja “ <i>Mappin Stores</i> ” no prédio “Barão de Iguape”
1913 – Edifício “Hotel Dom José”, à Avenida São João-92 (atual 524), implantado no alinhamento da nova avenida, não identificada a autoria e obra, com térreo mais três pavimentos; fachada eclética.	1913 – Colégio <i>Des Oiseaux</i> , na rua Caio Prado, projeto Victor Dubugras, demolido por volta de 1967.
1914-16 – Edifício para escritórios e o Cine Central, projeto atribuído ao arquiteto Augusto Fried. Posteriormente aí instalou-se a Delegacia Fiscal.	1914 – percurso das linhas de Bondes Elétricos chegam à Represa Guarapiranga, lazer paulistano.
1914 – demolição do Mercado São João para abertura da Praça do Correio, que recebeu a escultura Giuseppe Verdi, de autoria de Amadeo Zani, oferecido pela colônia italiana.	1914 – aprovado pela Câmara o alargamento da Rua Santa Ifigênia.
1915/1916 – Edifício “Cotonifício Paulista”, à Avenida São João-36 (atual 340), na esquina com o Largo Paissandú. Projeto e possível construção do engenheiro Giulio Michelli, comtérreo + 3 pavimentos + ático.	TIPOLOGIA CONSTRUTIVA: Alvenaria de Tijolos
1915 – prolongamento da Rua Dom José de Barros, até a Rua Santa Ifigênia, este novo trecho recebeu o nome Rua Antonio de Godoy, estava previsto no plano Bouvard.	1910-1920 feito o bairro de Santa Cecília

1918 – Edifício “Hotel Central”, à Avenida São João-28 (atual 284), projeto e execução do Escritório Ramos de Azevedo, com térreo + três pavimentos + ático; fachada eclética.	1917 – Companhia Telefônica, à Rua 7 de Abril.; inaugurada a sede própria do Clube Atlético Paulistano, no Jardim América, projeto de Ricardo Severo.
1920 – Edifício “Hotel Britânia”, à Avenida São João-30 (atual 300), projeto e execução do Escritório Ramos de Azevedo, com térreo + três pavimentos + ático; fachada eclética.	1919 – Projeto novo para o Largo da Memória, autoria do Arquiteto Victor Dubugras, na administração de Washington Luis
1920 – Edifício “Hotel Columbia Palace”, à Avenida São João-104 (atual 578-582), projeto e execução do Escritório Ramos de Azevedo, com térreo + sobreloja + quatro pavimentos + ático; fachada eclética.	1920 – inauguração do Palácio das Indústrias.
1920 – “Casa DHÉLOMME”, à Avenida São João-12T (atual 98) projeto e construção do Escritório Técnico Companhia Iniciadora Predial, com térreo + seis pavimentos + terraço; fachada eclética.	1920-22 – Hotel Esplanada, na Praça Ramos de Azevedo, projeto de Emile Louis Virett e Gabriel Pierre Jules Marmorat.
1922 – inaugurado o Prédio dos Correios, projeto Domiziano Rossi e Felisberto Ranzini, obra Escritório Ramos de Azevedo, com térreo + mezzanino + três pavimentos; fachada eclética.	1921 – novo Teatro Santana, na Rua 24 de Maio, construído pela família Álvares Penteado. 1922 – SEMANA DE ARTE MODERNA
1922 – Prédio à Avenida São João-110 (atual 620), projeto e construção da Companhia Iniciadora Predial, com térreo + três pavimentos; fachada eclética.	1922 – termina a nova Igreja Santa Ifigênia, obras iniciadas em 1906; inauguração do novo Mosteiro de São Bento, projeto do arquiteto Richard Berdl.
1923 – “Edifício Baraúna”, à Avenida São João-16 (atual 126), projeto Ricardo Severo, com térreo + 5 pavimentos; fachada eclética.	1923 – fechado o Teatro São José.
1924 – “Edifício Zico” e o vizinho, à Avenida São João-187 (atual 605-639) projeto e construção da Sociedade Commercial e Constructora Ltda., com térreo + cinco pavimentos + ático; fachada eclética.	1924 – inauguração da Praça do Patriarca; Perímetro de Irradiação – Ulhôa Cintra; construído o Edifício “Sampaio Moreira”, na Rua Líbero Badaró, com 50 metros de altura, projeto Christiano Stockler das Neves.
1924 – Edifício “Cinelândia Hotel”, à Avenida São João-94 (atual 526), projeto e execução provavelmente de Francisco Regnani, com térreo + oito pavimentos; fachada eclética. A solicitação foi feita	1925 - Parque Dom Pedro

<p>pele Dr. José de Souza Queiroz (na planta), e neste mesmo endereço consta uma solicitação, de 1880, do Comendador Luiz Antonio de Souza Barros.</p>	
<p>1922/1925 – Edifício à Avenida São João-14 (atual 114), projeto e execução de F. P. Ramos de Azevedo & Cia., com térreo + cinco pavimentos; fachada eclética.</p>	
<p>1925 – Edifício à Avenida São João-85 (atual 235), projeto e obra de Albuquerque & Longo, com térreo + 6 pavimentos + ático; fachada eclética.</p>	<p>1927 – Plano de Transporte Metropolitano Leve da Light; Parque da Água Branca.</p>
<p>1926/1927 – Edifício à Avenida São João-123 (atual 345), projeto de A. Marchesini, e obra de José Minozzi, com térreo + 5 pavimentos; fachada eclética.</p>	<p>1928 - novo sistema sequencial de numeração; Faculdade de Medicina; represa de Santo Amaro, Guarapiranga.</p>
<p>1928 – “Prédio Oscar Rodrigues”, à Avenida São João-32 (atual 314), construído por Monteiro, Heinsfurter & Rabinovitch, com térreo + sobreloja + 7 pavimentos + ático; fachada eclética.</p>	<p>1929 – Código Arthur Sabóia. Primeiras providencias para construção da Avenida Anhangabaú (Avenida 9 de Julho), no Vale do ribeirão Saracura, assim como da Avenida Itoioró (Avenida 23 de Maio), no Vale do Rio Anhangabaú.</p>
<p>1929 – inauguração do Prédio Martinelli, “pai dos arranha-céus”; fachada eclética.</p>	<p>1930 – “<i>Planta da cidade</i>”, elaborada pela Sara Brasil. “Projeto de Avenidas” elaborado pelo Prestes Maia.</p>
	<p>TIPOLOGIA CONSTRUTIVA: Concreto. 1926 – 1930 administração do prefeito José Pires do Rio.</p>
<p>1936 – Prédio à Avenida São João-12A (atual 108), construído por A. Salfati & M. Buchignani, com térreo + 4 pavimentos; fachada eclética.</p>	<p>1932- 36 – Aeroporto de Congonhas. 1936 – novo sistema métrico de numeração, Ato n. 1.013/36.</p>
	<p>1938 - segundo Viaduto do Chá</p>

Anexo B - Tabela do Inventário 2014/16

Rua São João - INVENTÁRIO/2014-16. LADO PAR																		
Quadra Fiscal S. Q. L. +42-R14	Número atual	número em 1936	número em 1928	Nome do Edifício	Período de Construção	Autor do projeto	Construção	Proteção Existente	número de pavime n. ins.	pavimen to recuo superior	Fronte	Observações	estílo/tec nica construti va	uso	Processo n.	Requer ente	Propriet ário	
Praça Antônio Prado																		
001.063.0052	48 Pça Antônio Prado			Edifício Martinico	1904-1906 reforma 1929-30	F.P.Ramos de Azevedo (original) reforma não identificado.	F.P.Ramos de Azevedo (provarvel) reforma não identificado.	Tombado Resolução 37/92-102 NP.3	4 sub-solos T + 1 + 3	sem			ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	serviços BM & F - Boisa SP				
001.063.0013	Pça Antônio Prado			DILAN	c. 1950		A.Envolvina	T + 17 + zel	recuo do 100 p/ cima	26.75 m	Rua São Bento, 470		MODERNO	comércio, serviço - Docas Matilde	N. 17964651	Munhoz e Lara Lúis	Diogo de Moraes Lara Neto	
Rua São Bento																		
001.062.0009	32	4		Edifício Banco do Brasil	1942-1955	Eng. Celso Pedro Moscar	Leão Ribeiro & Cia. Ltda	Tombado Resolução 37/92-100 NP.2	3 sub-solos + T Sblo + 22	recuo a partir do 110	22,60 m, 3,50 m, chafrio, 58,95 m (S João), 3,50 m chafrio, 18,00 m (L. Badaró)	São Bento-465	A4.Dieco	serviço - Banco do Brasil			Banco do Brasil S/A	
Rua Líbero Badaró (antiga Rua São José)																		
001.061.0008	98	12T		Casa DHELOMME	projeto 1920	Escritório Técnico Companhia Incubadora Paulista	Escritório Técnico Companhia Incubadora Paulista	Tombado Resolução 37/92-99 NP.3	T + 6 + tempo	sem			ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	institucional				
001.061.0009	102	12			projeto 1926	Luz Asson (provarvel)	Luz Asson (provarvel)	Tombado Resolução 37/92-96 NP.3	T + 5	sem			ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	comercio- serviços			Dr. José Pucco	
001.061.0010	108	12A			1936	não identificado	A. Saffari & M. Buchignani	Tombado Resolução 37/92-97 NP.3	T + 4	sem			ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	comercio- serviços			Comm. Esp. de Bens Baratti	
001.061.0011	114	14			1922-1925	F. P. Ramos de Azevedo & Cia	F. P. Ramos de Azevedo & Cia	Tombado Resolução 37/92-98 NP.3	T + 5	sem			ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	comercio- serviços			Sr. Daniel D'Elomme	
001.061.0012	126	16		Edifício Barauna	1923	Ricardo Severo	não identificado	Tombado Resolução 37/92-99 NP.3	T + 5	sem			ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	comercio- serviços				
Vale do Anhangabau																		
001.058.0001	250	24		Edifício do CORREIOS	1920-1922	ETPA-465 Domiziano Rossi e Filadelfo Baratti	Escritório Técnico Ramos de Azevedo	Tombado Resolução 37/92-98 NP.1	T(vale) + mezanino Sblo + 3	sem			ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	serviços				
001.058.0092	284	28		Hotel Central	1918	Escritório Ramos de Azevedo	Escritório Ramos de Azevedo	Tombado Resolução 37/92-91 NP.3	T + 3 + ático	sem		INVAIDADO	ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	comercio + serviços			Dr Antonio de Paula Sales	
001.058.0049	300	30		Hotel Britânica	1920	Escritório Ramos de Azevedo	Escritório Ramos de Azevedo	Tombado Resolução 37/92-92 NP.3	T + 3 + ático	sem			ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	comercio + serviços			Dr Antonio de Paula Sales	
001.058.0118	314	32		Prédio Oscar Rodrigues	projeto 1928	não identificado	Morales, Menckel & Rabonovitch	Tombado Resolução 37/92-95 NP.3	T + 3 + ático + 7 + ático	sem			ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	residencial + comércio				
001.058.0047	340	36		Cotonificio Paulista	1915-1916	Eng. Giulio Micheli	Eng. Giulio Micheli (provarvel)	Tombado Resolução 37/92-94 NP.3	T + 3 + ático	sem		INVAIDADO	ECLETICOO/ alvenaria de tijolos	residencial + comércio				
Largo Paissandú - Rua Capitão Salomão																		

Quadra Fiscal S. Q. L.	Número atual	número em 1936	número em 1928	Nome do Edifício	Período de Construção	Autor do projeto	Construção Existente	Proteção Existente	número de pavimentos	pavimento superior	Frete	Observações	estilo/arquitetônico construído	uso	Processo n.	Requerente	Proprietário	
Largo Paissandú - Rua Capitão Salomão																		
001.056.0001	s/nº	s/nº		Igreja Rosário dos Homens Pretos	1904-1906	não identificado	não identificado	Tombado Resolução 37/92-80 INP-3 ZEPREC-087	T			ZEPREC-087	ECLETICO/ alvenaria de tijolos	instituição al				
Rua Antonio de Godoy																		
001.055.0008	508	50		esquina Lgo Paissandú	c. 1950			A. Envoltria	T = sobreliga +11	sem			Art Déco	comércio + residencial				
001.055.0007	514	92		Hotel Dom José	1913 (na fachada)		não identificado	Tombado Resolução 37/92-78 INP-3	T + 3	sem			ECLETICO/ alvenaria de tijolos	serviço - hotel				
001.055.0006	526	94	94	Cinefólia Hotel - Edifício Nuno Maria Castreli	Projeto 1924	Francisco Regiani (provável)	Francisco Regiani (provável)	Tombado Resolução 37/92-77 INP-3	T + 8	sem			ECLETICO/ alvenaria de tijolos	Serviço - comercial				Dr. José de Souza Coutinho (planta)
001.055.0129	566	98		Edifício Duque de Caxias	c. 1950			A. Envoltria	T + 17	sem		grande recuo frontal	MODERNO	comércio + residencial				
001.055.0004	578-582	104		Hotel Columbia Palace	final da década de 1910, início de 1920.	Ramos de Azevedo & Cia Engenheiros Arquitetos Construtores	Ramos de Azevedo & Cia Engenheiros Arquitetos Construtores	Tombado Resolução 37/92-78 INP-3	T + sobreliga + 4 + sacó	sem			ECLETICO/ alvenaria de tijolos	residencial + comércio				
001.055.0001	620	110		Sem denominação	projeto 1922	Companhia Inciadora Prestal	Companhia Inciadora Prestal	Tombado Resolução 37/92-79 INP-3	T + 3	sem			ECLETICO/ alvenaria de tijolos	sem reforma				Sr. Afonso Laísio
Avenida Ipiranga																		

Rua São João - INVENTÁRIO/2014-16. LADO ÍMPAR																		
Quadra Fiscal S. Q. L.	Número atual	número em 1936	número em 1928	Nome do Edifício	Período de Construção	Autor do projeto	Construção	Proteção Existente	numero de pavimentos	pavimento superior	Frete	Observações	estilo/técnica construtiva	uso	Processo n.	Requerente	Proprietário	
001.074.0002	Pça AP 6 Rua João Biccola 8			Edifício Altino Arantes	1939 - 1946 inaugurado	Arquiteto Filinto Bazano do Amaral	Construtora Camargo & Mesquita	Tombado Resolução 37/92- 125 NP. 2	36 altura 161,22m	sem recuo	sem recuo	antigo BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO - BANESPA	Art déco	Institucional mirante				
Praça Antônio Prado (antigo Largo do Rosário)																		
001.073.0002	Pça AP 9			Antigo Banco de São Paulo	projeto 1935 obra concluída 1938	Arq. Aviano de Amada Botelho	Sociedade Construtora e de Imóveis	Tombado Resolução 37/92-121 NP. 1	13	recuo a partir do 00.	23,80 m (São Bento), 26,85 m (XV Novembro)	1934 HABITE- SE	Art- Deco/estrutura de concreto e alvenaria de tijolos	Secretaria N. 4985534 N. 1149839	A. de São Moreira/3 4 Soc. Constit ora e de Imóveis/3			
001.073.0012	Pça AP			H. Lara	década 1950				T + 23		1955 m, 2,70 m chanfro, 36,50 m Pça APrado	na planta de 1954 aparece pontilhado e foto de 1957 em construção	MODERNO	comércio - farmácia DROGASÍ L. dozeira, serviço - banco GE	Fco e Gustavo Lara			
Rua São Bento																		
001.072.0004	11-15-19- 23-25-33- 37-41-45- 51-53-61- 65	3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25	405 - São Bento	Edifício Mantelli / Edifício America	1924-1929	Giuseppe Mantelli	Engenheiro Italo Mantelli	Tombado Resolução 37/92-116 NP. 2	30 sendo 27 + 3 no ático		27,30 m (São Bento), 3,75 m chanfro, 64,15 m (São João), 5,65 m chanfro, 18,15 m (Liberio Badaro)	1967 HABITE- SE	Eclético / Estrutura de concreto e alvenaria de tijolos	Instituição al-PMSP	N. 4706123 N. 09438/33 N. 23545233 (ambos elev.) N. 132358/67	Giusepp e Mantelli 33 / Joaquim Procópio de Araújo(1 957)	PMSP - FUNCEF, 405 Eduard, 418 - Sind dos Bancários	
Rua Líbero Badaró (antiga Rua São José)																		
001.071.0392	37	99		Sinteresse	c. 1920				T + 5	sem		descharacterizado		banco CEF				
001.071.0003	41	107		Sinteresse					T + 5	sem		descharacterizado		serviços				
001.071.0002	45	113		Sinteresse	1922				T + 3	sem		descharacterizado		comércio				
001.071.0001	49	121		Sinteresse					T + 3	sem		descharacterizado		restaura Bovinos				
Vale do Anhangabaú																		

Quadra Fiscal S. Q. L.	Número atual	número em 1936	número em 1928	Nome do Edifício	Período de Construção	Autor do projeto	Construção	Proteção Existente	número de pavimentos	pavimento superior	Frete	Observações	estilo/técnica construtiva	uso	Processo n.	Requerente	Proprietário		
Vale do Anhangabau																			
006.027.0001	demolido			Pça das Artes	2006-2012			A. Envoltria		sem				institucional					
006.027.0260	demolido			Pça das Artes	2006-2012			A. Envoltria		sem				institucional					
006.027.0004	demolido			Pça das Artes	2006-2012			A. Envoltria		sem				institucional					
006.027.0163	235	85		sem NOME	1925	Albuquerque & Longo	Albuquerque & Longo	Tombado Resolução 37/92-270 NP.3	T + 6 + ático	sem			ECLETICO/ alvenaria de tijolos	Comércio/ serviços/ residencial					
006.027.0181	247-253	89-91		Sínteresse	c. 1950			A. Envoltria	T+ sobreloja + 13	sem		FECHADO	MODERNO						
006.027.0009	259	93		Pça das Artes	2006-2012	Marcus Curtum e Brasil Arquitetura		A. Envoltria	T + 8	sem				institucional					
006.027.0010	269	95		Conservatório Dramático e Musical de São Paulo	1896, reformas 1898 e 1909	Arq. Guilherme VonEYe	não identificado	Tombado Resolução 37/92-271 NP.1	T + 1	sem			ECLETICO/ alvenaria de tijolos	institucional					
006.027.0296	279-297	97-101		Pça das Artes	2006-2012	Marcus Curtum e Brasil Arquitetura		A. Envoltria	T+2	sem				institucional					
006.027.0000	299	103			c. 1950	Oscar Niemayer		A. Envoltria	T + 19	13o.		Seretaria da Habitação	MODERNO	institucional-serviços					
006.027.0017	317-319	109		Sínteresse				A. Envoltria	T	sem		LACRADO							
006.027.0018	323-325	111		Sínteresse	1922			A. Envoltria	T + 1	sem		Masogrande malas		Comércio/ serviços					
006.027.0019	327-331	115		Sínteresse	artigo Teatro Carlos Gomes			A. Envoltria	T + 2	sem		lanhonete		Comércio/ serviços					
006.027.0020	335-341	119		Sínteresse				A. Envoltria	T + 3	sem		LACRADO							
006.027.0021	345	123		sem NOME	1925-27	A. Marchesini	Jose Minozzi	Tombado Resolução 37/92-272 NP.3	T + 5	sem			ECLETICO/ alvenaria de tijolos	comercial-serviços					
006.027.0022	359-365	127		Sínteresse	c. 1950			A. Envoltria	T+ sobreloja + 10	sem		esquina	Art déco	Comércio/ serviços					
006.027.0000	R. Cons. Crispiano			Sínteresse				A. Envoltria											
006.027.0024	Pça das Artes			Pça das Artes	2006-2012	Marcus Curtum e Brasil Arquitetura		A. Envoltria				estacionam	Pryca Monteiro Lobato						
Rua Conselheiro Crispiano																			

Quadra Fiscal S. Q. L.	Número atual	número em 1936	número em 1928	Nome do Edifício	Período de Construção	Autor do projeto	Construção	Proteção Existente	número pavimentos	pavimento superior	Frete	Observações	estilo/fênica construíva	uso	Processo n.	Requerente	Proprietário		
Rua Conselheiro Crispiniano																			
006.017.0045	393-399	131		sem NOME	1933	J. Diaz & Cia	J. Diaz & Cia	Tombado Resolução 37/92-235 NP.3	T + 4	sem			art-déco	comercial-serviços					
006.017.0001	403	133		Castelões				A. Envolvória	T + 2	sem				comercial					
006.017.0822	407-417	135-137		Cine ART-PALACIO	1936	Aq. Rino Levi	Sociedade Construtora Brasileira Ltda	Tombado Resolução 37/92-215 NP.3	T + 6	sem			MODERNO	serviços					
006.017.0075	439	141		Grândes Galerias	1992	Escritório de Siffredi e Bardielli	Construtora Altrredo Mathias S.A.	Tombado Resolução 37/92-239 NP.2	T + 6	sem			MODERNO	comercial					
006.017.0823	455	147		C & A				A. Envolvória	T + 1	sem		algumas Superfícies da Prefeitura		comercial					
006.017.0050	473	155		Galeria Oltido	1957			A. Envolvória		reco a partir do 10o.			art-déco	institucional					
Rua Dom José de Barros																			
006.010.0001	519-525-545	167-169-175		S/interesse				A. Envolvória	T + 10	sem									
006.010.0052	555	179		S/interesse				A. Envolvória	T + 2	sem				serviço					
006.010.0051	563	181B		Residencial Providencia				A. Envolvória	T + 9	sem				residencial					
006.010.0050	577	183		S/interesse				A. Envolvória	T + 3	sem				Trabo Identificada					
006.010.0049	587	185		S/interesse				A. Envolvória	T + 21	reco a partir do 11o.				serviços - comércio					
006.010.0048	605	187		sem NOME	1924	Sociedade Commercial e Construtora Ltda	Sociedade Commercial e Construtora Ltda	Tombado Resolução 37/92-217 NP.3	T + 5 + ático	sem				comercio-serviços+residencial					
006.010.0586	625-639	187C		EDIFÍCIO ZICO	1924-25	Sociedade Commercial e Construtora Ltda	Sociedade Commercial e Construtora Ltda	Tombado Resolução 37/92-215 NP.3	T + 5 + ático	sem				comercio-serviços+residencial					
Avenida Ipiranga																			

Anexo C - Inventário 2014/16

Prefácio do Inventário

O inventário dos imóveis situados na atual Avenida São João, no trecho demarcado para esta pesquisa – da Praça Antônio Prado à Avenida Ipiranga, faz-se necessário primordialmente para conhecer com detalhes a área de estudo.

Utilizando-se do estudo da cartografia e do modelo de ficha de inventário adotada pelo Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo deu-se início a este trabalho.


 PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA PRÉ-INVENTÁRIO - PESQUISA		FOLHA Nº _____
HONORARIAS		LOCALIZAÇÃO
LOCALIZAÇÃO SETOR _____ QUADRA _____ LOTE _____ ENDEREÇO _____ ADMINISTRAÇÃO RESIDUAL _____ BAIRRO OFICIAL _____		
CARACTERIZAÇÃO <input type="checkbox"/> EDIFÍCIO ISOLADO <input type="checkbox"/> CONJUNTO ARQUITETÔNICO <input type="checkbox"/> LOBREGUINO PÚBLICO PROPRIEDADE _____ NÚMERO DE PAVIMENTOS _____ RECUE FONTAL _____ RECUE LATERAL _____ USO ATUAL <input type="checkbox"/> RESIDENCIAL <input type="checkbox"/> COMERCIAL <input type="checkbox"/> SERVIÇOS <input type="checkbox"/> INDUSTRIAL <input type="checkbox"/> INSTITUCIONAL USO ORIGINAL <input type="checkbox"/> RESIDENCIAL <input type="checkbox"/> COMERCIAL <input type="checkbox"/> SERVIÇOS <input type="checkbox"/> INDUSTRIAL <input type="checkbox"/> INSTITUCIONAL DATA DE CONSTRUÇÃO _____ AUTOR DO PROJETO _____ CONSTRUTOR _____ TÉCNICA CONSTRUTIVA _____ ALTERAÇÃO <input type="checkbox"/> INALTERADO <input type="checkbox"/> ALTERAÇÃO REGULAR <input type="checkbox"/> GRANDE ALTERAÇÃO <input type="checkbox"/> DECARACTERIZADO CONSERVAÇÃO <input type="checkbox"/> BOM <input type="checkbox"/> REGULAR <input type="checkbox"/> PRECÁRIO <input type="checkbox"/> IRRECUPERÁVEL PROTEÇÃO EXISTENTE _____ CROQUIS		
DADO DE AMBIÊNCIA DADO ARQUITETÔNICO DADO HISTÓRICO DOCUMENTAÇÃO EXISTENTE OBSERVAÇÃO ATUALIZAÇÃO		
DATA _____ REALIZADO POR _____ VERIFICADO POR _____		

Imagem 464: Modelo da ficha utilizada no Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo.

Todos os imóveis da cidade possuem um número de cadastro fiscal, que é baseado no endereço físico numa referência cartográfica. A cidade é setorizada e a cada setor reúnem-se algumas quadras, que por sua vez estão divididas em lotes. Deste modo cada imóvel possui um registro de setor.quadra.lote, conhecido como S.Q.L. O trecho em estudo possui 56 (cinquenta e seis) lotes, implantados em 13 quadras, inseridos em parte de dois setores da cidade. Sendo assim, iniciamos com 56 fichas cadastrais de inventário.

Como foram demolidos três imóveis no começo da década de 2010 na esquina do Vale do Anhangabaú e, na esquina oposta, outros três encontram-se atualmente unificados em um único edifício, para estes casos foram feitas apenas duas fichas em vez de seis, uma para cada caso acima. Resultaram ao final 52 fichas a serem completadas.

As fichas começadas, com o endereço postal, inseridas as plantas de situação na base cartográfica municipal de 1930 – SARA BRASIL, foram consultadas no Cadastro de Imóveis Tombados do município. Com essa informação, sabem-se os bens que já foram estudados e possuem valor cultural agregado. Então, fez-se a leitura dos inventários realizados pela municipalidade em 2012 e o anterior da década de 1980.

Utilizando-se da foto aérea atual por meio da ferramenta *Google Earth*, em confronto com a base do Mapa Digital da Cidade (MDC) e com a base municipal cartográfica realizada em 1930, SARA Brasil, observa-se que a situação fundiária desta área pouco se modificou.

A investigação continua com o registro fotográfico de todos os imóveis e o levantamento *in loco* de suas respectivas características na situação atual (2014). O resultado foi anotado na tabela organizada pelo S.Q.L., imóveis do lado par e do lado ímpar. Numeração atual, nome do edifício quando possui, número de pavimentos, se possui recuo nos andares superiores, o uso atual do imóvel: comercial, residencial, institucional ou misto.

Quando se fala do número atual (2014), a referência é ao posterior a 1936³⁶⁹, quando houve a última mudança da numeração de sequencial para métrica. Relevante esta informação para prosseguir a pesquisa no Arquivo Histórico Municipal (AHSP) e buscar os projetos originais no acervo das obras particulares, e depois das obras públicas realizadas nessa área.

Com as informações obtidas no acervo municipal complementadas com as dos inventários anteriores³⁷⁰ a tabela foi se completando (anexo B). Dos inúmeros documentos consultados no Arquivo Histórico São Paulo (AHSP) foram feitas mais

³⁶⁹ Ato Municipal n. 1.013/1936.

³⁷⁰ Informações dos Inventários: 1. Feito pelo Departamento do Patrimônio Histórico-DPH de São Paulo, na década de 1980. 2. Realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP, em 2012.

de 4000 fotos de estudo das solicitações dos munícipes, incluindo os desenhos³⁷¹ dos projetos apresentados nos processos.

Terminada a tabela, a ficha individual de cada lote foi preenchida³⁷² com o material descoberto no começo da pesquisa (2013/2014). Algumas são ricas em informações enquanto outras não, principalmente as posteriores ao período aqui estudado, entretanto não as descartamos por fazerem parte do contexto urbano atual. Este material encontra-se como anexo e por serem fichas não estão na numeração das páginas³⁷³.

Este material é a base da pesquisa. O conteúdo possibilitou conhecer um pouco da história urbana da cidade de São Paulo a partir de sua arquitetura e, deste modo, averiguar a relevância arquitetônica e urbana desse trecho da via em questão para a cidade no período da Primeira República brasileira (1890-1930).

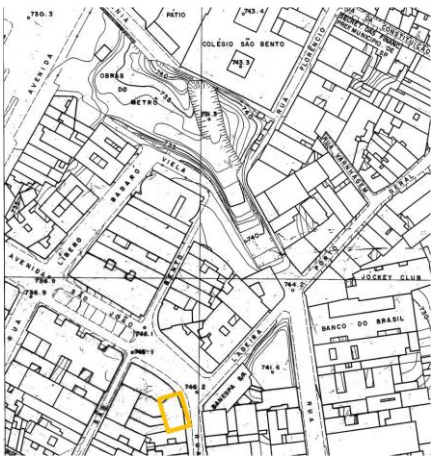

001.074.0002		RUA SÃO JOÃO	
		SQL: setor.quadra.lote	
001.063.0052	001.073.0002		
001.063.0013	001.073.0012		Rua São Bento
001.062.0009	001.072.0004		Rua Libero Badaró
001.061.0011	001.071.0392	001.071.0002	
001.061.0010	001.071.0003	001.071.0001	
001.061.0009			Vale do Anhangabaú
001.058.0001	006.027.0001-0260-0004 (demolidos)		
001.058.0092	006.027.0193	006.027.0017	
001.058.0049	006.027.0181	006.027.0018	
001.058.0118	006.027.0009	006.027.0019	
001.058.0047	006.027.0010	006.027.0020	
	006.027.0296	006.027.0021	
Rua Capitão Salomão	006.027.0000	006.027.0022	Rua Cons. Crispiniano
001.056.0001	006.017.0045	006.017.0075	
Largo do Paissandú	006.017.0001	006.017.0823	
Rua Antônio de Godoy	006.017.0822	006.017.0050	Rua D. José de Barros
001.055.0008	006.010.0001	006.010.0049	
001.055.0007	006.010.0052	006.010.0048	
001.055.0006	006.010.0051	006.010.0556	
	006.010.0050		Avenida Ipiranga
PAR- PARI - EVEN		IMPAR - DISPARI - ODD	

Imagem 465: Esquema da Avenida São João com os S.Q.L. dos imóveis da área de estudo.

³⁷¹ Solicitação requerida oficialmente a partir de 1893.

³⁷² Nota metodológica: muitas informações foram reproduzidas como constam no arquivo do inventário 2012, realizado pelo DPH em parceria com a FAU-USP. Nos casos em que a ficha foi produzida por esta autora foi colocada a notação (RHVS).

³⁷³ Essas fichas entram como anexo. As referências de imagens e procedência de documentos muitas vezes não foram localizadas.

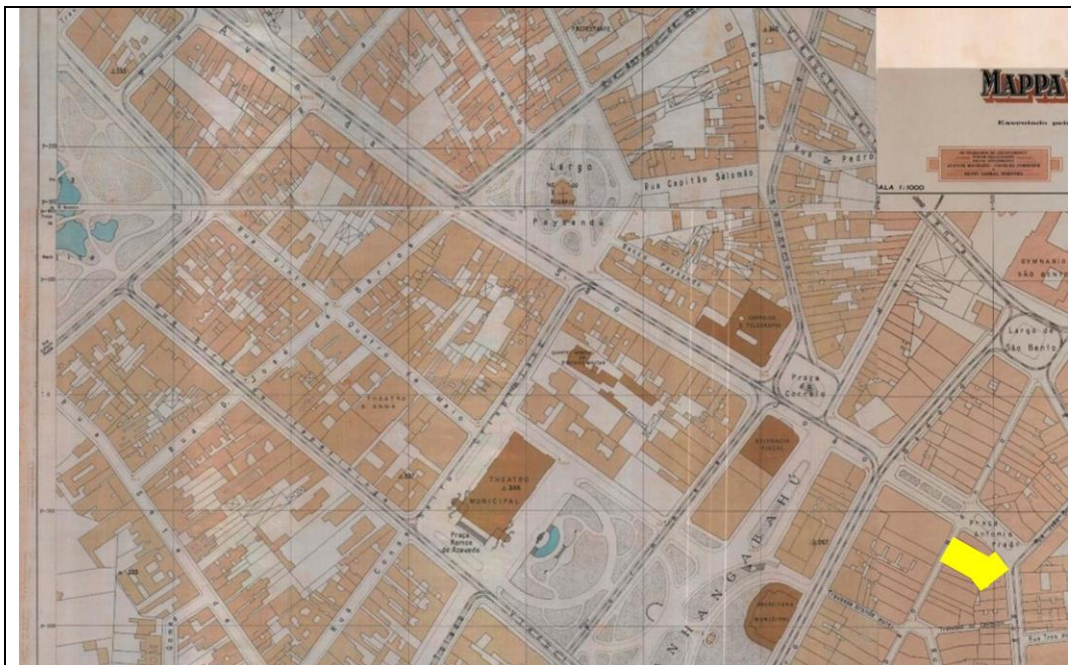
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	0002	LOTE	0002
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-121 NP.1						
Numerações anteriores: Rua São Bento 380, 396, em 1936/ 48, 50 sob, 50, 52, em 1928/ 56, 58 e/s, 58 A e/t, 60, em 1910/ 44 bx, 46 alt, 46 bx tin, 48 bx, antigo (século XIX).							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Antigo Banco do Estado de São Paulo						
ENDEREÇO:	Praça Antônio Prado, 9; COMPLEMENTO: Rua Quinze de Novembro, 347; Rua São Bento, 380-398						
Coordenadas GPS:	23°32'45"S , 46°38'04"O						
							
GEGRAN fl. 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	Projeto 1935-36 Habite-se: 1939			Nº de pavimentos:	2 subsolos + T + 2 mezaninos + 13		
Uso atual:	Institucional - Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude			Uso original:	Institucional - Sede do Banco de São Paulo		
Autor do projeto:	Arquiteto Álvaro de Arruda Botelho/ construtor: <i>Sociedade Constructora e de Immoveis</i> (sic)						
Estilo:	Art-déco						
Técnica construtiva:	Concreto Armado, alvenaria de tijolos						
Frente:	23.80 m (São Bento), 26.85 m (Praça Antônio Prado)						
Pavimento Recuo superior:	A partir do 6º.						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	Nenhuma		
Processos:	N. 49.955/34; N. 11.489/39; Proc. n. 16.002.110-91*60						

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

A ocupação desta área da cidade iniciou em 1651, quando Henrique da Cunha Gago e Cristóvão Cunha solicitaram à Câmara Municipal a doação de terrenos localizados entre os Ribeirões Anhangabaú e Yacuba. Surge a trilha de terra batida entre as propriedades dos requerentes e o centro da Vila. Posteriormente este caminho foi batizado como Ladeira do Acu (corruptela de Yacuba), depois Ladeira de São João. Era um percurso muito utilizado por tropeiros que se dirigiam ao interior do estado, atravessava às águas dos ribeirões por uma pinguela, que durante o governo do Marechal José R. Chichorro Gama Lobo foi reconstruída e ficou conhecida como Ponte do Marechal. A partir desta ponte deu-se a abertura da Rua São João.

No início do século XX, o Largo do Rosário passa por uma remodelação urbana, que envolveu desapropriações, incluindo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos – que estava estabelecida neste sítio desde de 1625.

Ainda na gestão do prefeito Antônio Prado, e sucedido por Raymundo Duprat, muitas ruas tiveram realinhamento das edificações. Após polêmica discussão, em 1910 e 1911, deu-se início ao alargamento da Rua São João¹, com a mesma dimensão da então recém-aberta Praça Antônio Prado. O lado par desta via foi desapropriado, demolido e reconstruído atendendo o gosto à época, as novas demandas urbanas – como muitos hotéis, e acompanhando a legislação² em voga. Após muitos anos foi concluída a obra da Avenida São João. Atualmente ela se estende até o cruzamento com a Avenida Angélica, além de ter vivenciado muitas outras intervenções urbanas.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Este imóvel está situado numa área urbana consolidada desde o começo do século XX. O fato da Rua São João ter sido alargada e transformada em um “*boulevard*” provocou mudanças físicas, como as demolições seguidas de construções de novos edifícios. As edificações do lado par da então Avenida São João foram todas reconstruídas no novo alinhamento. Predomina as construções ecléticas sem recuo frontal e lateral, compondo um conjunto arquitetônico inédito na cidade. As poucas edificações posteriores a década de 1930, possuem características explícitas de outro período, como os edifícios art-déco e moderno. O lado ímpar, ficou prejudicado na consolidação urbana, poucos são os edifícios ecléticos, alguns art-déco e moderno, e restam algumas edificações totalmente descaracterizadas. Em virtude de leis posteriores passou a ser permitido altura maior das edificações, quebrando a harmonia volumétrica da proposta inicial.

DADOS ARQUITETÔNICOS³

“As origens do Banco de São Paulo remontam a 5 de outubro de 1889, data em que D. Pedro II e o Visconde de Ouro Preto assinam a carta de autorização de funcionamento daquele que viria a se constituir no primeiro banco de São Paulo. O projeto, em estilo Art-Déco e datado de 1935, foi assinado pelo arquiteto Álvaro de Arruda Botelho, por encomenda do proprietário do Banco: a família Almeida Prado - uma das mais importantes famílias da oligarquia paulista do café. A estrutura em concreto armado foi executada pela Companhia Construtora Nacional S/A; a construção ficou a cargo da Sociedade Constructora e de Imoveis e a obra foi concluída em 1938. Quando da venda do Banco de São Paulo ao Banco do Estado de São Paulo - BANESPA, em 1973, o edifício passou para o Estado tornando-se patrimônio público, vindo sediar a atual Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo. Com a mudança de uso do salão principal, no térreo, originalmente ocupado pela agência bancária, passou a abrigar o Espaço Turístico, destinado à exposição permanente do artesanato produzido nos municípios paulistas.

O edifício do antigo Banco São Paulo é considerado exemplar dos mais importantes, senão o mais expressivo na cidade, da arquitetura Art-Déco. Seu valor é excepcional: "há verdadeiramente uma integração total dos elementos decorativos. Nesse projeto o arquiteto amante de minúcias, pormenores e detalhes pertinentes a qualquer estilo, desde os tempos de sua arquitetura neocolonial, não descuidou um

¹ Lei n. 1.596/1912. Dispunha sobre o alargamento da Rua São João, e antiga Ladeira de Acu. Estabelecia que as novas construções na avenida não poderiam ter menos de três pavimentos. E ainda, definia o prolongamento das ruas Conselheiro Nêbias, Barão de Limeira e Barão de Campinas, até encontrarem a Avenida São João, formando três praças triangulares.

² Lei n. 1.585/1912. Dispunha sobre alinhamentos e definiu que as edificações de esquina fossem chanfradas.

³ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

segundo sequer, chegando ao preciosismo de desenhar trincos, maçanetas, logotipos, vitrais e tudo o mais relativo ao acabamento final."⁴

Com duas fachadas principais uma voltada para a Praça Antonio Prado e a outra para a Rua São Bento, tem 15 pavimentos, sendo que o pavimento térreo inclui 2 pavimentos em mezaninos voltados para a praça. Esta fachada, de composição excepcionalmente equilibrada, tem seu pavimento térreo todo revestido de mármore preto, material que emoldura também os vãos, destacando no vão central, na sua parte superior, a inscrição "1889 BANCO DE SÃO PAULO 1968". Ainda emoldurando este vão central há ornamentações com elementos em ferro fundido. O restante da edificação tem revestimento em argamassa granulada do tipo fulget. A porta de acesso principal é de ferro, composta por portas giratórias e portas de abrir, com requadros em vidro liso incolor e bandeira em vidro fantasia incolor sobreposto por gradil de ferro ornamentado. A esquadria fixa lateral é composta de vidros fantasia vermelhos e incolores. As demais esquadrias são de ferro, com 2 folhas de abrir, com requadros e bandeira fixa em vidro liso incolor. Há balcões em alguns dos pavimentos, com guarda-corpo de alvenaria e ornamentações em argamassa. A fachada voltada para a Rua São Bento apresenta os mesmos materiais da fachada voltada para a praça, com diferenças em relação aos guarda-corpos que, neste caso, são de ferro forjado. A porta de acesso principal é também de ferro, mas com folhas de correr, e há gradil de ferro ornamentado sobre vão do térreo e do 1º pavimento. A cobertura apresenta áreas em laje e outras com telhas de fibrocimento. Internamente, o edifício foi organizado em dois volumes principais que se conectam, até o oitavo pavimento, por um terceiro volume, menor. O volume voltado para a praça possui dois halls: o maior deles dá acesso ao grande saguão principal, a partir do qual se pode atingir o auditório, os dois subsolos e os antigos cofres. Neste saguão, composto também por dois mezaninos, o piso é de pastilhas e as paredes são revestidas de mármore. O forro em caixote de estuque, que recobre este pavimento, apresenta molduras e ornamentações. O auditório tem piso em tacos de madeira, paredes revestidas de madeira e de estuque, este também presente no forro. O sanitário desse ambiente tem seu piso de cerâmica São Caetano e as paredes de mármore. O hall da área onde se localizam os cofres, no primeiro subsolo, apresenta piso e paredes revestidas de mármore e forro em estuque. Um pequeno trecho deste hall tem piso em chapa metálica com gravação da sigla "BSP". Estas gravações metálicas também podem ser encontradas no interior dos cofres, fixados ao piso de granilite, com acabamento em pintura látex nas paredes e laje. O piso do primeiro subsolo é revestido de tacos de madeira; o do segundo, não possui revestimento. Ambos os pavimentos são utilizados como depósito. O outro hall, o de acesso aos pavimentos superiores, apresenta piso em mosaico de pastilhas e paredes revestidas de mármore. Nos vãos dos três elevadores as molduras são de ferro ornamentado. As escadas que partem deste hall apresentam piso de mármore e guarda-corpo em latão. Os demais halls dos pavimentos superiores têm piso de marmorite, de mármore ou de pastilhas. As paredes, onde estão situados os elevadores, têm revestimento de mármore, inclusive o rodapé. As demais paredes e o forro, em estuque, apresentam acabamento em pintura látex. O volume voltado para a Rua São Bento possui dois halls: o menor deles só permite acesso ao térreo e tem como acabamentos, de piso e de paredes, mármore; o forro é de estuque com acabamento em pintura látex. O maior dá acesso aos demais pavimentos superiores e pisos, paredes e teto são de mármore. As escadas que partem deste hall apresentam piso, rodapés e o acabamento de topo do guarda-corpo central de alvenaria também em mármore, material presente nos halls dos pavimentos superiores, onde as paredes e forros são de estuque com acabamento em pintura látex".

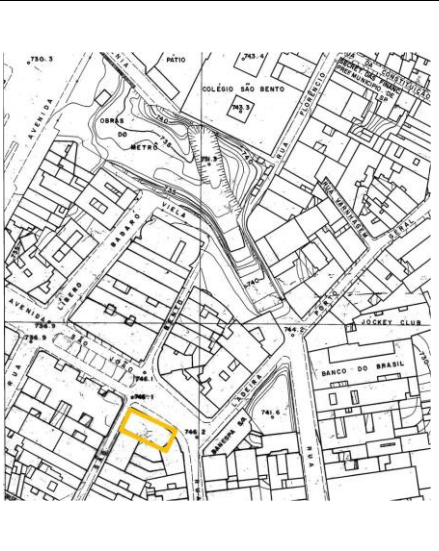

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



Foto de Juan Esteves, 2011, <http://www.atitudebrasil.com/capital/wp-content/uploads/2011/01/BANCO-DE-SAO-PAULO-4-web.jpg>; acessado 18/04/2016.

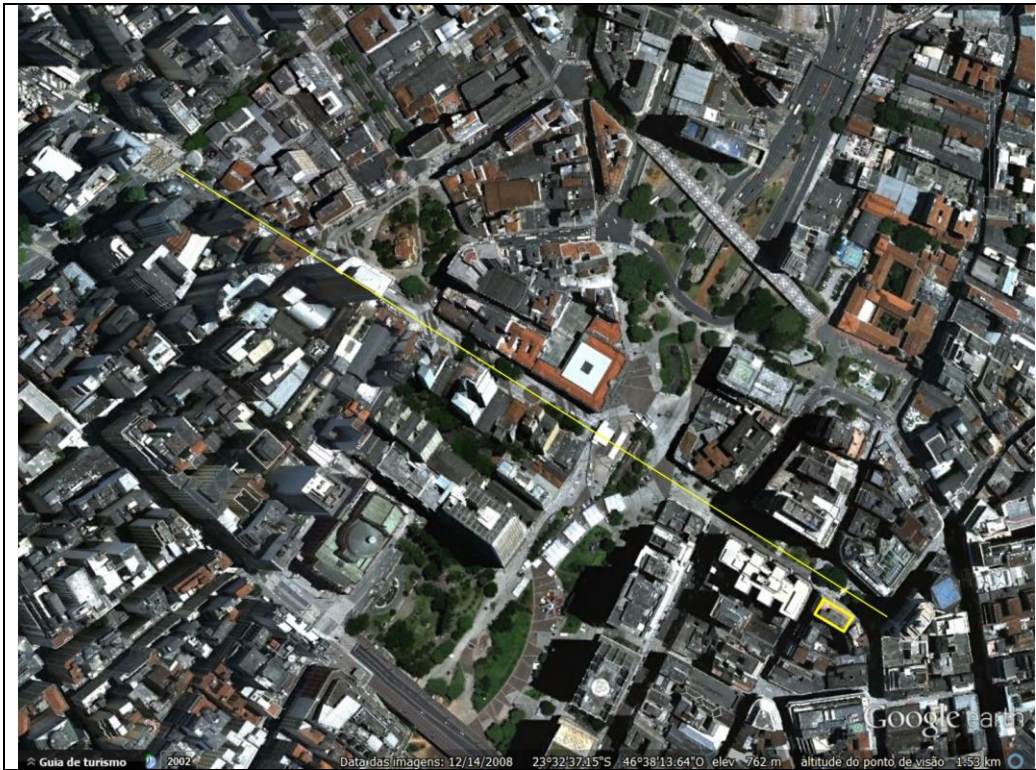
DESENHOS

⁴ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	073	LOTE	0012
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numerações anteriores: São Bento 406, 418, em 1936/ 54, 56, 56a, em 1928 / 62, 62a, 64, em 1910 / 50 alt, 52 bx, 54 bx, antigo (no séc. XIX)							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:		Edifício H. Lara					
ENDEREÇO:		Praça Antônio Prado; Rua São Bento 402-406					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:		Habite-se: 1950		Nº de pavimentos:		T + 23	
Uso atual:		Comercio - serviços		Uso original:		Comercio - serviços	
Autor do projeto:							
Estilo:		Moderno					
Técnica construtiva:		Concreto armado					
Frente:		19.55 m (São Bento), 2.70 m chanfro, 36.50 m (Pça A Prado)					
Pavimento Recuo superior:							
Proprietário:							
Estado de conservação:		Bom		Grau de alteração:		Nenhuma externa	
Processos:		Requerente: Francisco e Gustavo Lara					

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Neste local existiu a edificação de propriedade do Conde de São Joaquim⁵ quem solicitou em 1903 a municipalidade o alinhamento de um prédio com lojas comerciais. A construção em alvenaria de tijolos possui térreo mais um pavimento.

Com “habite-se” datado de 1950, existe o Edifício H. LARA, construído com concreto armado, um edifício moderno para uso comercial e serviços.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



Fonte: <https://sampaistorica.files.wordpress.com/2015/07/sc3a9rie-b-n-8-prac3a7a-antonio-prado-quilherme-qaensly-dcp.jpg>



Vista e acesso do Edifício H. Lara da Praça Antônio Prado, em 2007.

DESENHOS

⁵ 1903_OPA 366 fls. 97-100.

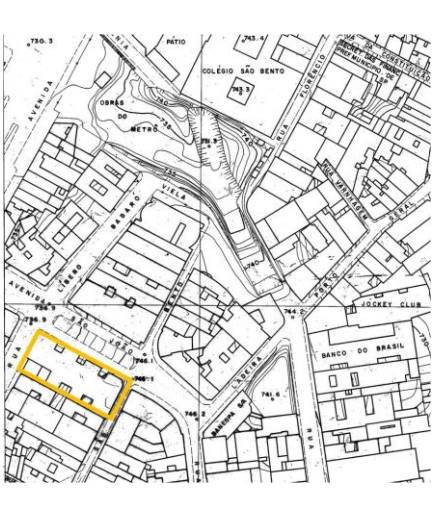

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	072	LOTE	0004
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-118 NP.2						
Numerações anteriores:	Rua São Bento, 405 em 1936/ 51 sob, 51 a, 51 b, em 1928 / 65, 67, 69, 71, em 1910 / 65 A alt, 67 alt, 0 bx, 0 bx, antigo (séc. XIX).						
IDENTIFICAÇÃO:	Edifício Martinelli / Antigo Edifício América						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 11, 15, 19, 23, 25, 33, 37, 41, 45, 51, 53, 61, 65; Rua São Bento, 397, 405, 413; Rua Líbero Badaró, 504						
Coordenadas GPS:	23°32'44"S , 46°38'06"O						
							
GEGRAN fl. 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1924 - 1929			Nº de pavimentos:	27 + 3 (ático)		
Uso atual:	Serviços – Comércio – Institucional PMSP			Uso original:	Misto		
Autor do projeto:	Giuseppe Martinelli – construção: engenheiro Italo Martinelli						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Concreto armado e alvenaria de tijolos						
Frente:	27.30 m (São Bento), 3.75 m chanfro, 64.15 m (São João), 5.65 m chanfro, 18.15 m (Líbero Badaró)						
Pavimento Recuo superior:	Não possui.						
Proprietário:	2007: FUNCEF – EMURB – Sindicato dos Bancários; em 1933 – Giuseppe Martinelli; em 1957 – Joaquim Procópio de Araújo						
Estado de conservação:	Muito Bom			Grau de alteração:	nenhuma		
Processo:							

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS⁶

“O período de 1920 a 1940, na história da arquitetura, é marcado pelo crescimento urbano das áreas centrais e surgimento de grandes edifícios de concreto. É neste contexto que surge o Edifício Martinelli, considerado o primeiro arranha-céu da Cidade de São Paulo, título até então ostentado pelo Edifício Sampaio Moreira. O edifício foi idealizado por Giuseppe Martinelli, um imigrante italiano que chegou ao Brasil em 1892 e enriqueceu rapidamente.

A construção foi iniciada em 1924, a partir de projeto do arquiteto húngaro Willian Filinger, da Academia de Belas Artes de Viena. Concebido inicialmente para ter 14 andares, o prédio foi crescendo, chegando ao 25º e mais 5 andares de residência. A obra chegou a ser embargada, com receio de que caísse, sendo finalmente inaugurado em 1929. Por conta da crise causada pela quebra da Bolsa de Valores, Giuseppe foi obrigado a vender o edifício, que foi comprado pelo Governo Italiano, em 1934. Em decorrência da II Guerra Mundial, foi confiscado pelo Estado. Durante as décadas de 1960 e 1970, passou por um período de decadência, com usos diversificados e, nessa época, conhecido como Edifício América. Em 1975, na gestão do Prefeito Olavo Setúbal, foi objeto da Lei Municipal n. 8255, de 26 de maio, que objetivava sua recuperação. Por meio de diversos decretos municipais, as unidades do edifício foram declaradas de utilidade pública para fins de desapropriação e, após reforma, o Martinelli foi reinaugurado, em 1979, como sede de diversos órgãos da Prefeitura Municipal de São Paulo.

O edifício Martinelli, mesmo para os padrões atuais, ainda impressiona com seus 30 andares, 130 metros de altura, 46.123 m² de área construída, 12 elevadores, 2.000 janelas e 1.267 dependências - entre elas 60 salões, 960 salas, 247 apartamentos, convertidos atualmente em espaços de escritório -, sendo pioneiro no programa de uso coletivo, como escritórios, comércio, apartamentos e restaurantes; cassinos, night clubs, o famoso Cine Rosário, uma igreja e o Hotel São Bento. Inicialmente, o edifício era dividido em três partes, sendo que na Rua Líbero Badaró localizava-se o setor residencial do edifício, voltado para a área nobre da cidade. Na Rua São Bento ficava a área comercial e na Avenida São João o Hotel São Bento. Construído entre 1925 e 1929 em concreto armado, o edifício revela uma mistura de estilos europeus ao gosto da época. Possui "reentrâncias, comuns nos hotéis norte-americanos da época, para ventilação e iluminação, e apresenta as três divisões básicas da arquitetura clássica: embasamento, corpo e coroamento. O embasamento é revestido de granito vermelho; no coroamento, falsa mansarda de ardósia. O corpo é pintado em três tons de rosa e recoberto de massa cor-de-rosa, uma mistura de vidro moído, cristal de rocha, areias muito puras e pó-de-mica, que fazia a fachada cintilar à noite. O revestimento tem três tons de rosa." Nas ruas São Bento e Líbero Badaró, o sócolo e as molduras das portas de acesso são de granito vermelho polido e todos os cunhais e fachadas são revestidos de argamassa decorada com bossagem, com frisos de diferentes profundidades. No último pavimento, a fachada apresenta falsa mansarda revestida com placas de ardósia. A cobertura do edifício é em laje de concreto revestida de ladrilho hidráulico. As marquises do pavimento térreo são de chapas metálicas sustentadas por treliças também metálicas, sobre as quais há plafons ornamentados de metal e vidro. No sexto andar observa-se guarda-corpo de alvenaria com balaustrada. Os condutores de águas pluviais são embutidos. No térreo, as portas das lojas são de enrolar, de gradil de ferro decorado e bandeira fixa no mesmo material; as de acesso ao edifício têm duas folhas de ferro decorado, com postigos de vidro e bandeira fixa. Nos primeiros pavimentos as esquadrias são de ferro e vidro, de abrir, com bandeira basculante e guarda-corpo em gradil de ferro decorado. Somente no quinto andar o guarda-corpo é em balaustrada. Os demais pavimentos (a partir do sexto) possuem portas-balcão de madeira pintada e vidro, com bandeira de tombar; as janelas, no mesmo material, possuem guarda-corpo de gradil de ferro. Internamente, os halls de acesso recebem acabamento de paredes em mármore branco, grandes espelhos com moldura de madeira, pilastras revestidas de granito vermelho e piso de granito preto polido, resultantes do restauro da década de 1970. O teto tem pintura branca sobre laje, rodapés e ornatos provavelmente de argamassa. O hall e os corredores do térreo ostentam ainda grandes lustres de cristal. As escadas são revestidas de mármore Carrara. Os corredores têm piso e rodapés de mármore, paredes com pintura lisa sobre massa e rodapés, provavelmente em argamassa, com recobrimento de tinta”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS DESENHOS

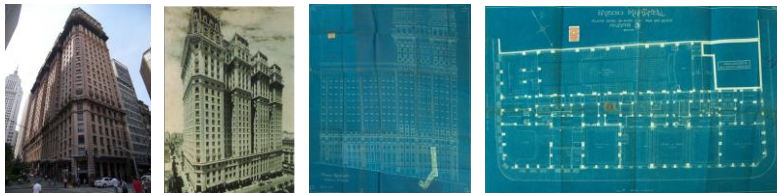




Foto inventário 2012. Edifício Martinelli, c. 1940. Cartão Postal - Imprensa Oficial. Fachada da Av. São João. Planta geral do nível da Rua São Bento. Fonte: DAHSP_cx_Edifício_Martinelli_modulo3 - set/ 1931.

⁶ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

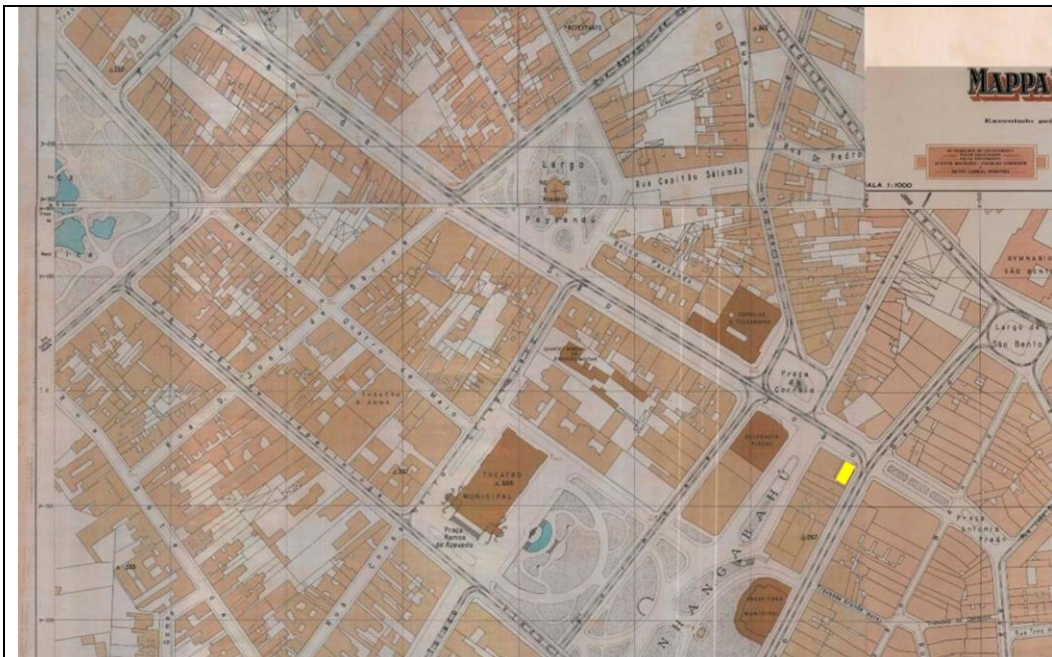
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	071	LOTE	0392
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 37							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:		Volumetria, chanfro na esquina.					
IDENTIFICAÇÃO:	Agência CAIXA						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 99						
Coordenadas GPS:							
							
EGRAN fl. 331422 - 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:				Nº de pavimentos:		T + 5	
Uso atual:		Institucional – Agência Bancária		Uso original:			
Autor do projeto:							
Estilo:							
Técnica construtiva:							
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:							
Estado de conservação:		Bom		Grau de alteração:		TOTAL	
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS

Descaracterizado.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



Fotos em 2015, da autora.



Imagem da Rua Líbero Badaró, esquina com a Avenida São João. O edifício eclético na esquina é o antigo número 37. Fonte: SALMONI e DEBENEDETTI, 2007, p. 12.

DESENHOS

Não encontrado.

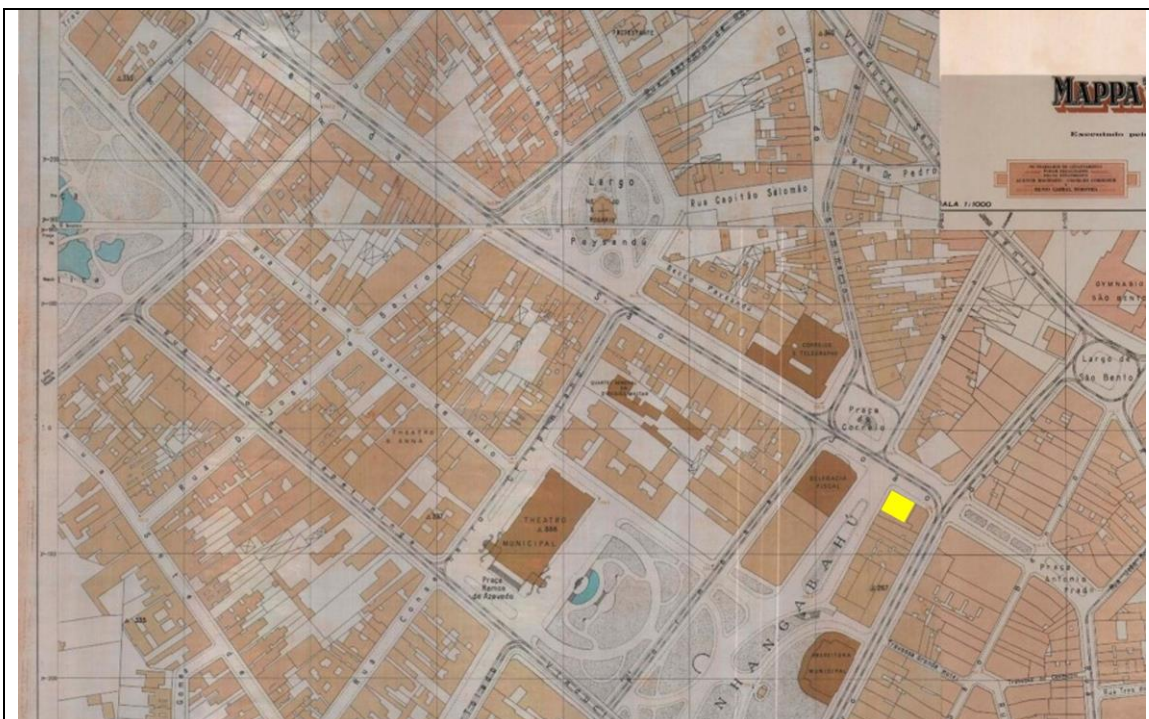
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	071	LOTE	0001
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 41-45-49							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:		Volumetria, chanfro na esquina.					
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:		Avenida São João,107-113-121					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422 - 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	Consta 1922 para n. 45 (113)		Nº de pavimentos:		T + 3		
Uso atual:	Comércio - Restaurante		Uso original:				
Autor do projeto:							
Estilo:	descaracterizado						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	BOM		Grau de alteração:		TOTAL		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS



Descaracterizado.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

Não encontrado.

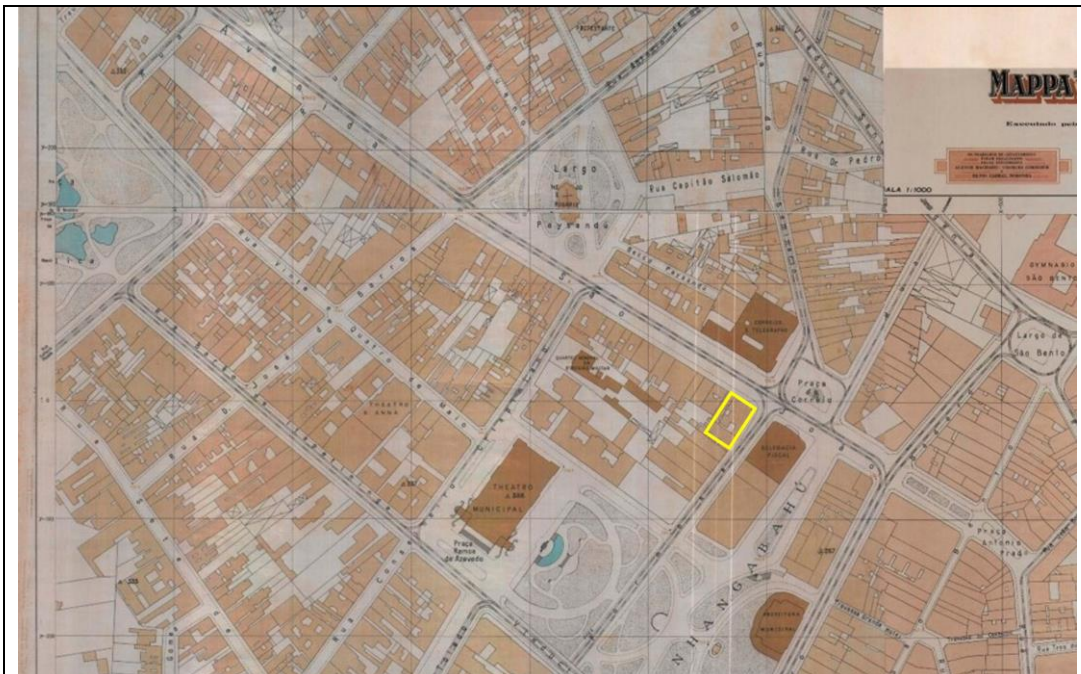
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0004
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
DEMOLIDOS							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Praça das Artes						
ENDEREÇO:							
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl.				Foto:			
Período de Construção:				Nº de pavimentos:			
Uso atual:				Uso original:			
Autor do projeto:							
Estilo:							
Técnica construtiva:							
Frente:							
Pavimento Recuo superior:							
Proprietário:							
Estado de conservação:				Grau de alteração:			
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS

Demolido, área da Praça das Artes.



REGISTROS ICONOGRÁFICOS



Fonte: EMURB – SP, 2004.



Fotos da autora em 29-JAN-2015.

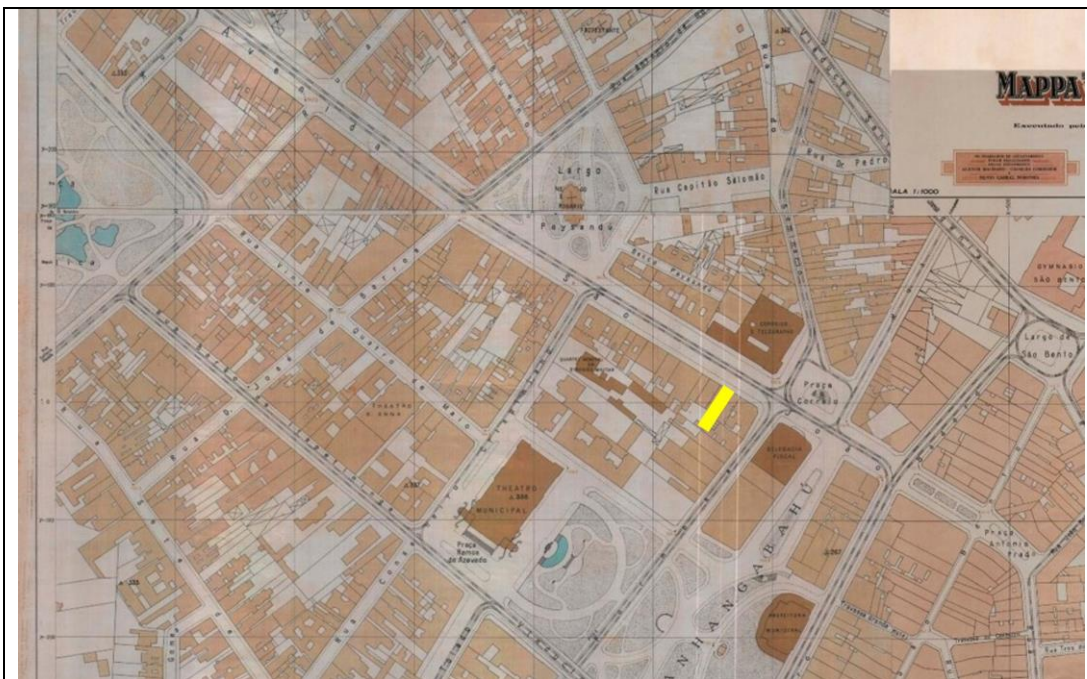
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0193
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-269 e 270 NP.3						
Numeração Anterior: 85							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Sem denominação São João-235						
ENDEREÇO:	Avenida São Joao, 235						
Coordenadas GPS:	23°32'40"S , 46°38'13"O						
							
GEGRAN fl. 341422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1925			Nº de pavimentos:	T + 6 + ático		
Uso atual:	Comercio, serviços e residencial			Uso original:			
Autor do projeto:	E construção: Albuquerque & Longo						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Médio			Grau de alteração:	Pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL – 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS⁷

“O edifício da Avenida São João, antigos nºs 85 - 87, foi construído durante este mesmo período, com projeto de 1925. A firma que o projetou e que, muito provavelmente, o construiu foi a Albuquerque & Longo, para os então proprietários do imóvel, o Conde de Lara (Antonio de Toledo Lara, que atuava como empreendedor do segmento imobiliário) e o Dr. João Baptista de Souza.

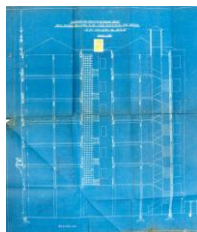
O edifício, com fachada eclética de influências neoclássicas, tem composição tripartite e paredes revestidas de argamassa lisa atualmente com pintura à base de tinta látex. Baseada na simetria dos vãos e distribuição dos ornamentos, o eixo central é diferenciado por estreitas janelas biforas e, no térreo, se localiza o acesso ao edifício. Os demais vãos, do primeiro ao sexto andar, têm, cada um, seu ornamento sobre a verga. No último pavimento, localizado acima da cimalha com modilhões, as janelas biforas e tríforas têm arco pleno de forma a finalizar a série de vãos que se encadeiam desde o primeiro andar. No segundo pavimento encontra-se o único balcão, corrido e suportado por mísulas, abrangendo todas as portas desse nível, reforçando, neste trecho, a horizontalidade da edificação. Abaixo da cimalha, o conjunto ornamental com cártula e festões sobre bossagem valoriza a altura do edifício. As esquadrias superiores, de madeira com vidraças de duas folhas de abrir, desempenham também importante papel compositivo, bem evidenciado pelo rigor da ortogonalidade dos caixilhos. No térreo, os vãos abrigam portas metálicas de enrolar”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS





RHVS, Jan-2015.

DESENHOS



Fachada do edifício - Corte C-D - Planta de loja (Fonte: DAMP_2012-0.160.447-4 - ago/ 1925)

⁷ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

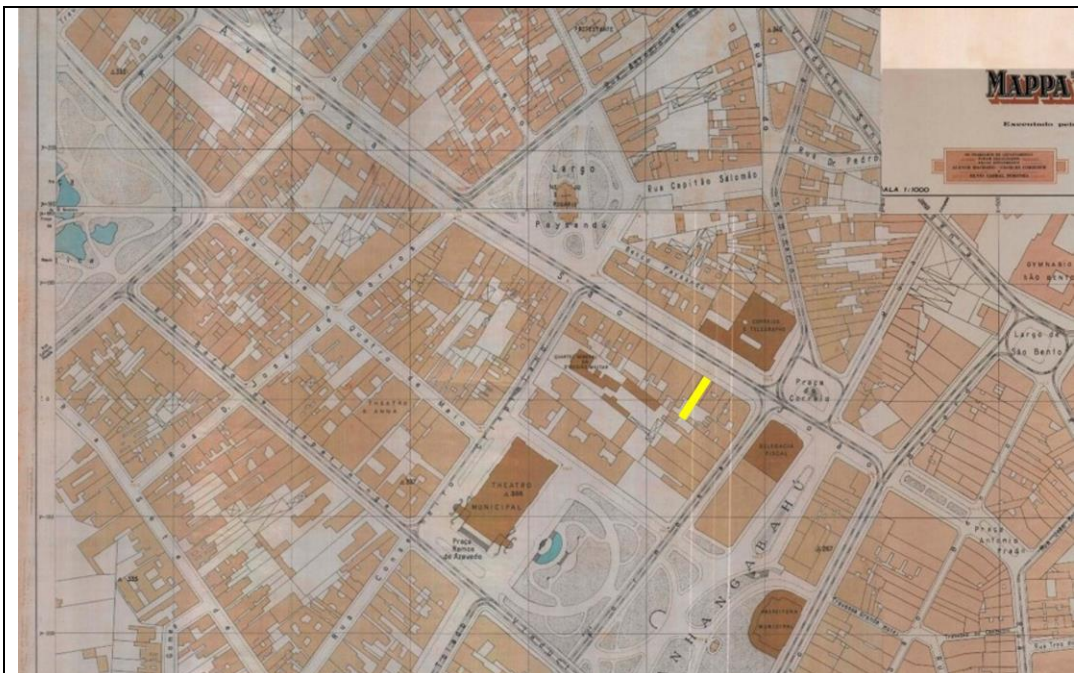
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0181
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Área envoltória						
Numeração Anterior: 89 - 91							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:		Avenida São João, 247-253					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	Década 1950			Nº de pavimentos:	T + sobreloja + 13		
Uso atual:	LACRADO			Uso original:			
Autor do projeto:							
Estilo:	Moderno						
Técnica construtiva:	Concreto e alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	ruim			Grau de alteração:	pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)



Prédio moderno construído na década de 1950, lote com frente estreita, possui 13 pavimentos, perde o diálogo com os edifícios do lado par.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



RHVS, Jan-2015.

DESENHOS

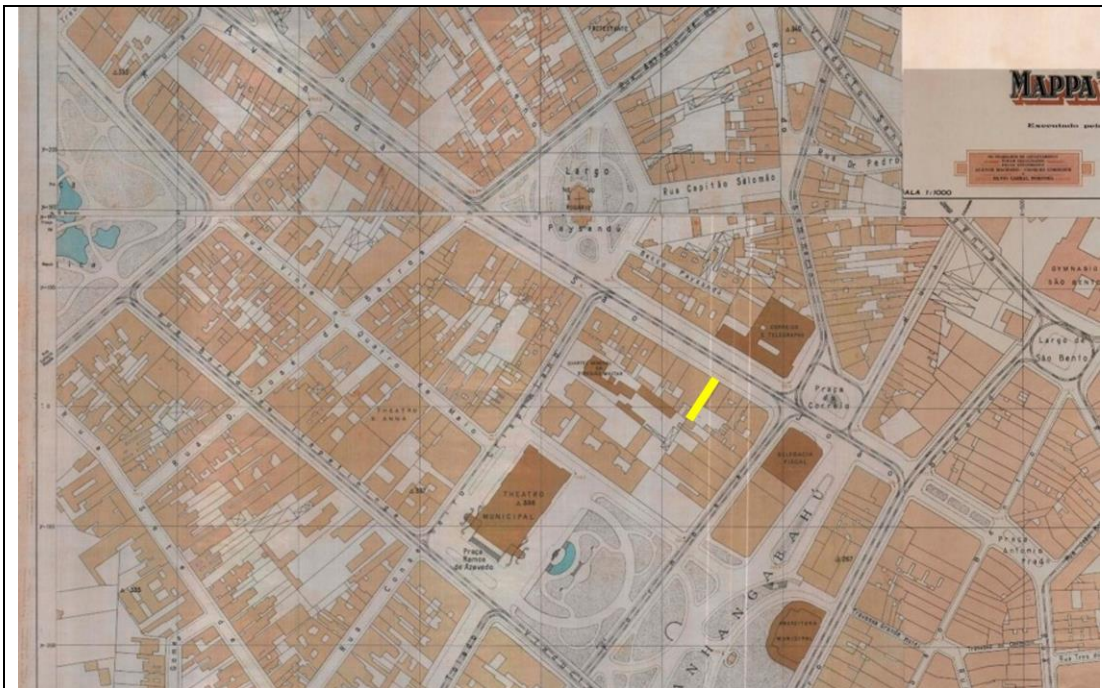
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0009
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 93							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Praça das Artes – Torre Técnica						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 259						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	2008 - 2011			Nº de pavimentos:	T + 8		
Uso atual:	Torre Técnica – Praça das Artes (institucional)			Uso original:	Torre Técnica – Praça das Artes		
Autor do projeto:	Marcos Cartum e Brasil Arquitetura						
Estilo:	Tardo Brutalista						
Técnica construtiva:	Concreto Armado						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não Possui						
Proprietário:	Prefeitura Municipal de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura						
Estado de conservação:	Ótimo			Grau de alteração:	Nenhum		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Novo edifício, construído no terreno de um bem que foi demolido. Faz parte da intervenção urbana da Praça das Artes. Com térreo mais oito pavimentos, é uma torre técnica de suporte ao complexo incluindo uma das escadas de emergência.



Executado em concreto armado aparente, com poucas aberturas. Faz uma transição na volumetria dos edifícios no quarteirão.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



RHVS, Jan-2015.

DESENHOS

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0010
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Resolução 37/92-271 NP.1						
Numeração Anterior: 95							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Conservatório Dramático e Musical de São Paulo						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 269						
Coordenadas GPS:	23°32'39"S , 46°38'14"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1895 Reformas: 1898 e 1909			Nº de pavimentos:	Porão + T + 1		
Uso atual:	Sala de Concertos e exposições (Institucional)			Uso original:	Sala de Concertos e Loja de Pianos		
Autor do projeto:	Arq. Guilherme Von Eye						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não Possui						
Proprietário:	Prefeitura Municipal de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura						
Estado de conservação:	ótimo			Grau de alteração:	mínimo		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

A fachada eclética deste edifício, faz referência a arquitetura neoclássica, visto a simetria na composição dos elementos artísticos, assim como das envasaduras. Quando construído, década de 1890, o Código de Posturas já determinava o afastamento do solo por razões de salubridade, deste modo há a presença do porão, que se observa a inclinação da rua nas diferentes alturas das envasaduras.

No pavimento térreo, o acesso é feito por uma escada central para a porta principal recuada, criando um pequeno alpendre, que nos remete à *gallié* ou *nartex* das igrejas. No alinhamento da rua aparece o conjunto balaustrado de guarda corpo do alpendre e duas janelas, uma a cada lateral do corpo central, arrematadas em arco pleno. Para o alpendre há a porta central e outras duas janelas. Todas as envasaduras do térreo são alinhadas com as do piso superior, composto três portas centrais para o balcão e duas janelas uma a cada lateral. Todas as vergas no superior são em arco pleno com sobrevergas decoradas no centro. O balcão central possui guarda corpo balaustrado similar ao do piso inferior. As cinco envasaduras no superior são espaçadas com seis falsas colunas com capitel decorado compondo uma arquitrave decorada na argamassa. O friso possui um simples adorno nas métopas, e seis “tríglicos” respectivamente sobre os capiteis fingindo sustentar a cornija. A platibanda oculta o telhado com calha coletora das águas pluviais, possui pouca decoração e no centro uma escritura em algarismos romanos indica o ano 1886, sobreposta a ela, no centro, estão três elementos escultóricos remetentes a música.

Cronologia:

1895, edifício para o proprietário Frederico Joachim.

1898, projeto modificativo, adaptação para Hotel.

1909, torna-se sede do Conservatório Dramático e Musical da cidade de São Paulo.

1911, inauguração do Theatro Municipal de São Paulo.

1930, solicitação de reforma e ampliação, não executado.

1980, “restauro”, projeto DPH-EMURB.

1992, tombado pela municipalidade, Resolução 37/CONPRESP/1992.

2007, projeto de “restauro”.

2012, reabertura do prédio, com sala de concerto e sala de exposição.

2013, restauro da pintura mural.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



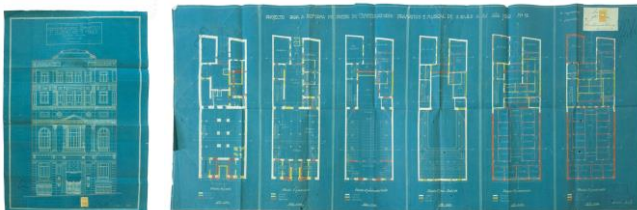
Fachada, c. década de 1940. Observar o toldo no subsolo. FONTE: Acervo DPH.

Fachada na década de 1980, antes da obra. Observar os vãos do térreo. FONTE: Acervo DPH.

Fachada do Conservatório em 2006. FONTE: Acervo DPH.



Fachada do Conservatório em 2013. Foto da autora.

DESENHOS



Desenhos da reforma proposta não executada.

Fonte: DAHSP_1930_Cx_Conservatorio_Dramatico_e_Municipal_de_SP - 1930

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0296
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE		Área envoltória					
Numeração Anterior: 97-101							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Praça das Artes – Bloco de acesso e distribuição da circulação						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 279-297						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	2006-2012			Nº de pavimentos:	T + 2		
Uso atual:	Institucional – Praça das Artes			Uso original:	Institucional – Praça das Artes		
Autor do projeto:	Marcus Cartum e Brasil Arquitetura						
Estilo:	Tardo Brutalista						
Técnica construtiva:	Concreto Armado						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:	Prefeitura Municipal de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura						
Estado de conservação:	Ótimo			Grau de alteração:	Nenhuma		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Novo edifício, construído no terreno de um bem que foi demolido. Faz parte da intervenção urbana da Praça das Artes. Possui térreo com alto pé direito, mais dois pavimentos, é uma parte administrativa de suporte ao complexo.



Executado em concreto armado aparente, compoucas aberturas. Faz uma transição na volumetria dos edifícios no quarteirão.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



RHVS, Jan-2015.

DESENHOS

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0000
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE		Área envoltória					
Numeração Anterior: 103							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:		Secretaria Municipal de Habitação					
ENDEREÇO:		Avenida São João, 299					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:		Década 1950 (provável)		Nº de pavimentos:		T + 19	
Uso atual:		Institucional – Secretaria Municipal de Habitação		Uso original:			
Autor do projeto:		Oscar Niemayer					
Estilo:		Moderno					
Técnica construtiva:		Concreto Armado					
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		A partir do 13º.					
Proprietário:							
Estado de conservação:		Bom		Grau de alteração:		Pouca	
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Edifício moderno, com térreo mais 19 pavimentos, construído em concreto armado, projetado pelo arquiteto Oscar Niemayer.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



RHVS, Jan-2015.

DESENHOS

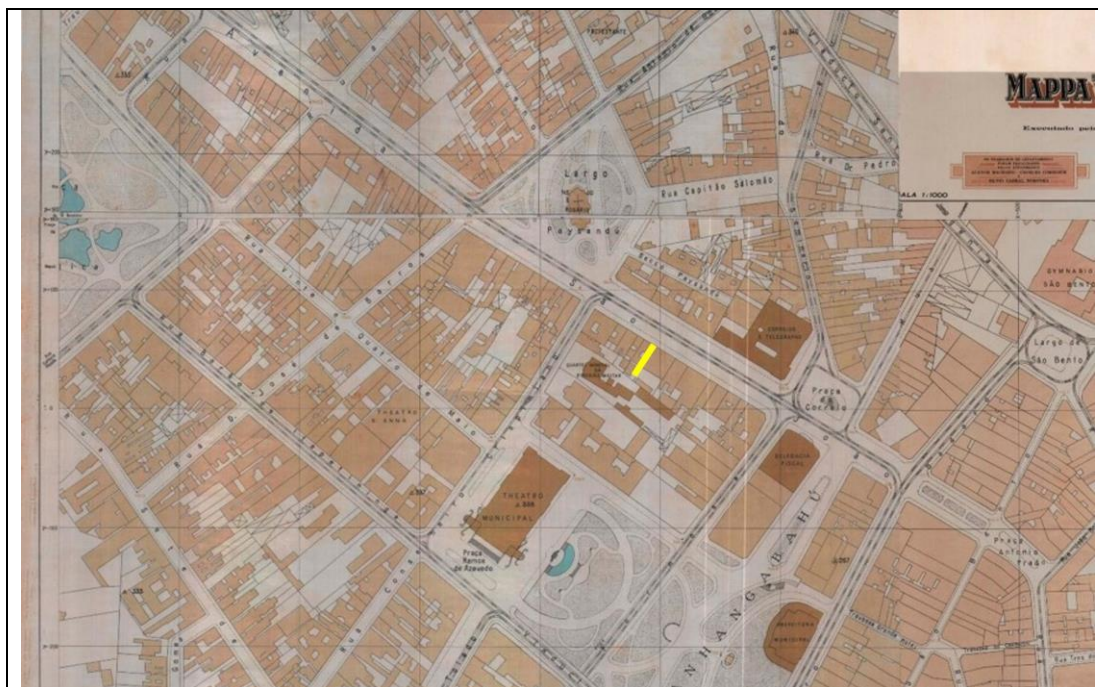
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0017
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 109							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:		Lacrado					
ENDEREÇO:		Avenida São João, 317-319					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:				Nº de pavimentos:	T		
Uso atual:	LACRADO			Uso original:			
Autor do projeto:							
Estilo:							
Técnica construtiva:							
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:				Grau de alteração:			
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.



DADOS ARQUITETÔNICOS

Totalmente descaracterizado.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

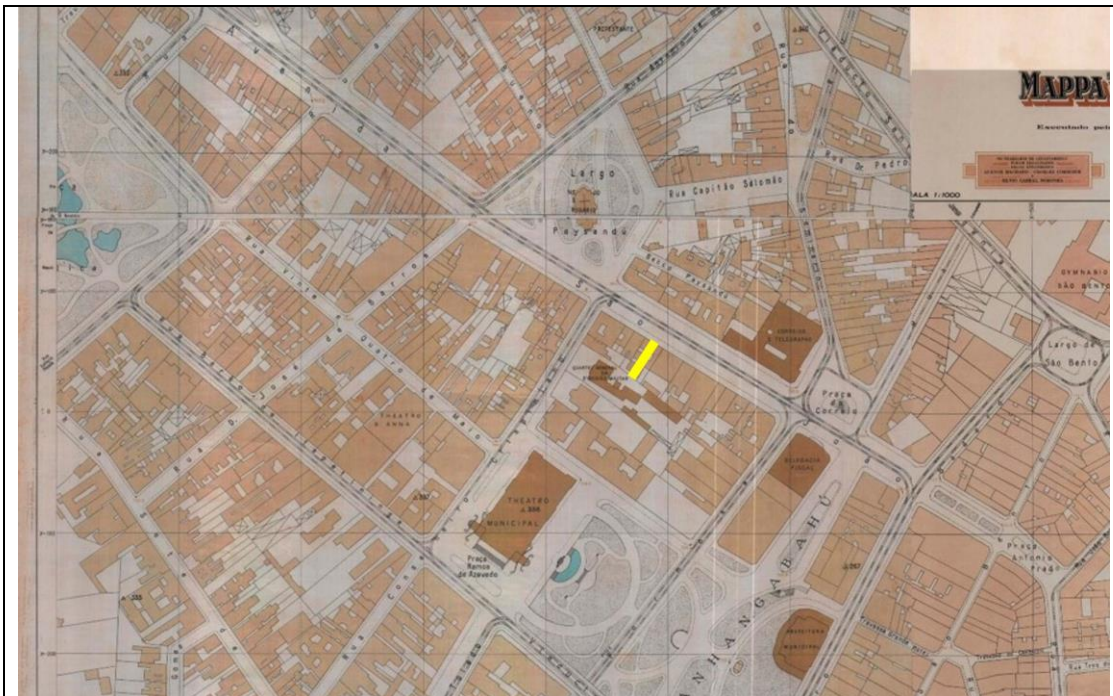
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0018
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE		Área envoltória					
Numeração Anterior: 111							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:		Loja de Malas Mascigrande					
ENDEREÇO:		Avenida São João, 323-325					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:		1922 (solicitação AHSP)		Nº de pavimentos:		T + 1	
Uso atual:		Comércio e serviço		Uso original:		Comércio e serviço	
Autor do projeto:							
Estilo:		descaracterizado					
Técnica construtiva:		Alvenaria de tijolos					
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:							
Estado de conservação:				Grau de alteração:			
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS

Edificação totalmente descaracterizada. Com grafite na fachada. Sem interesse arquitetônico.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

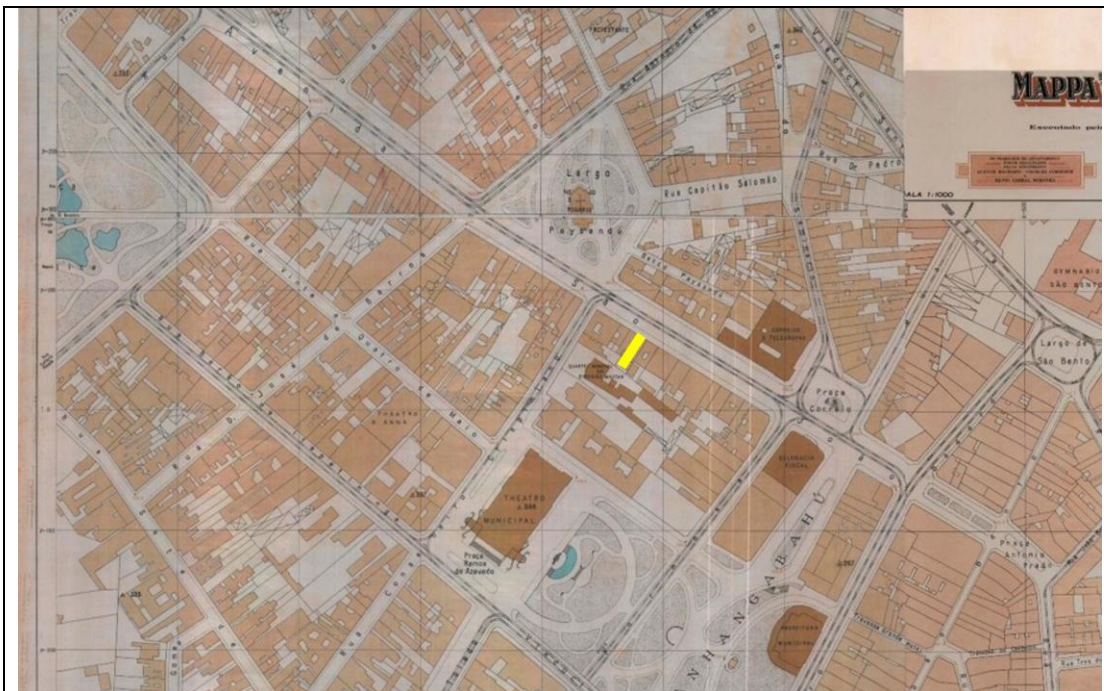
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0019
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE		Área envoltória					
Numeração Anterior: 115							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:		Antigo Theatro Carlos Gomes					
ENDEREÇO:		Avenida São João, 327-331					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:					Nº de pavimentos:		T + 2
Uso atual:		Comércio - lanchonete			Uso original:		
Autor do projeto:							
Estilo:		descaracterizado					
Técnica construtiva:		Alvenaria de tijolos					
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:							
Estado de conservação:		Ruim			Grau de alteração:		TOTAL
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

O edifício hoje encontra-se totalmente descaracterizado. Neste endereço funcionou o Teatro Carlos Gomes.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

Desenhos do Teatro Carlos Gomes, 1906, acervo AHSP. (Ver PARTE 2)

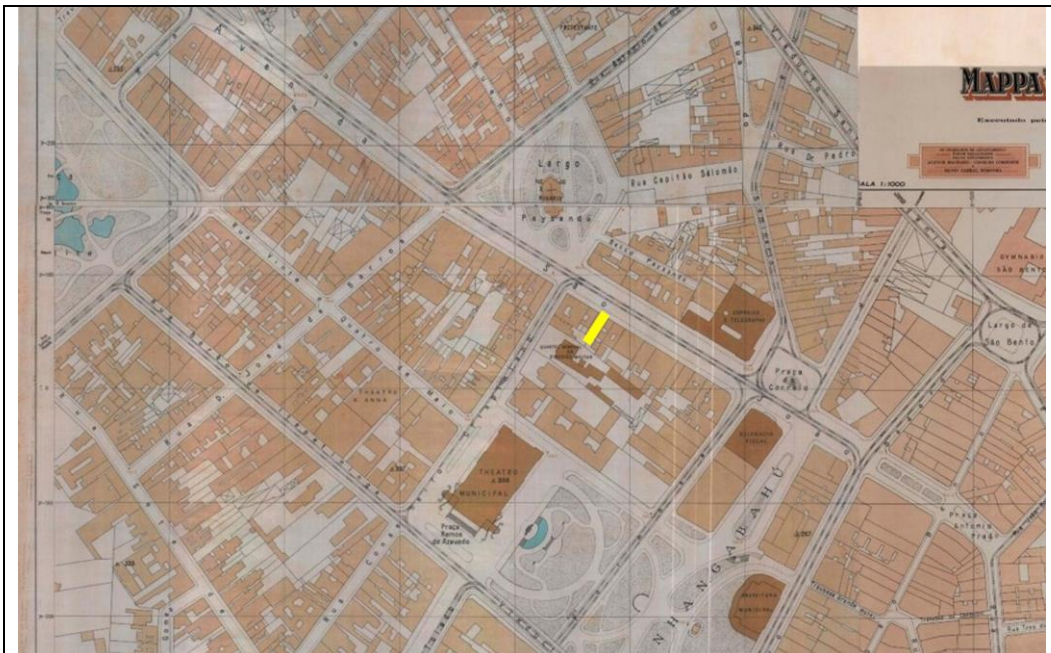
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0020
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE		Área envoltória					
Numeração Anterior: 119							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:		Avenida São João, 335-341					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:						Nº de pavimentos: T + 3	
Uso atual:		LACRADO			Uso original:		
Autor do projeto:							
Estilo:		descaracterizado					
Técnica construtiva:		Alvenaria de tijolos					
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:							
Estado de conservação:			ruim			Grau de alteração: total	
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.


DADOS ARQUITETÔNICOS

Totalmente descaracterizado.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

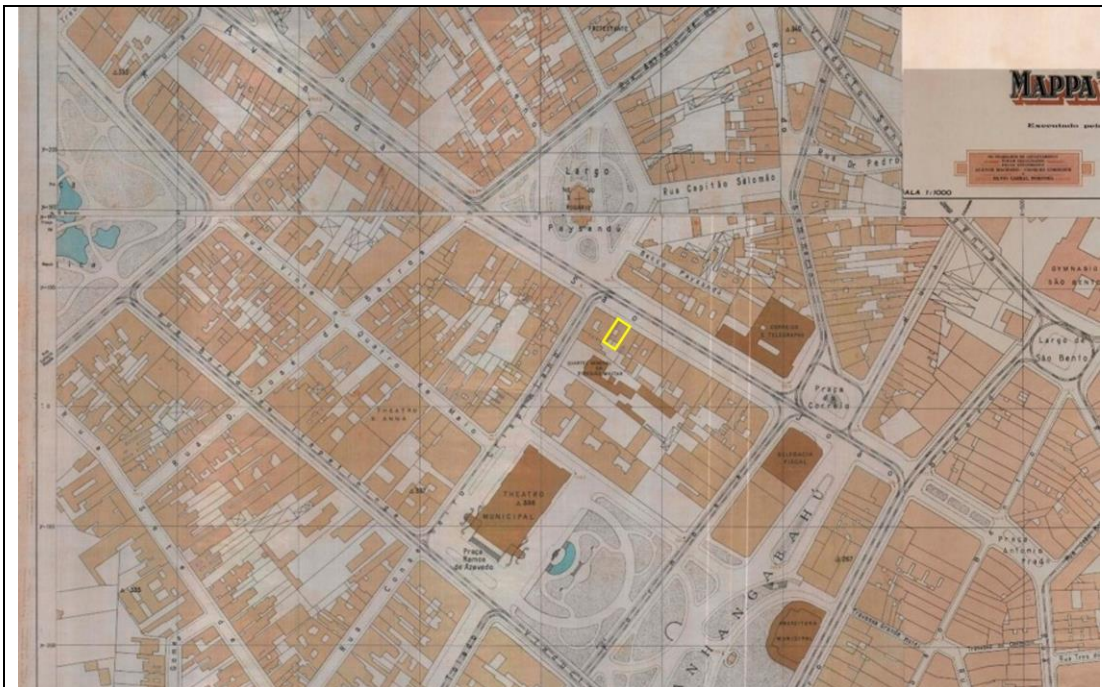
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0021
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Res. 37/92-272 NP.3						
Numeração Anterior: 123							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:	Avenida São João, 345						
Coordenadas GPS:	23°32'38"S , 46°38'16"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1926-27			Nº de pavimentos:	T + 5		
Uso atual:	Comercio – serviços			Uso original:			
Autor do projeto:	A. Marchesini; Construtor: José Minozzi						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Médio			Grau de alteração:	Pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS⁸

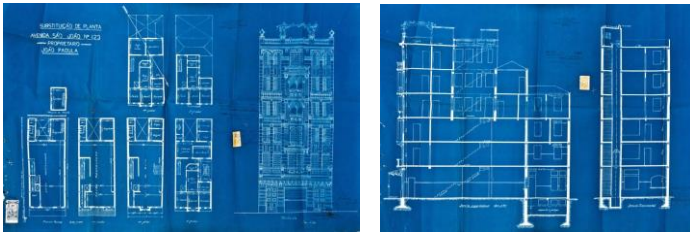
“A construção do edifício localizado na Avenida São João, então nº 123, se deu também nessa década de 1920, com projeto de 1926, quando era proprietário do imóvel João Padula. O projeto previa um restaurante no térreo e no primeiro pavimento, um salão de baile no segundo, dois apartamentos residenciais no terceiro, um no quarto, e um no quinto pavimento. Na década de 1950 o edifício passou por duas reformas, em 1951 e 1959, quando propriedade de Francisco Sprovieri.

O edifício, de seis pavimentos e linguagem eclética, tem sua fachada revestida de argamassa com acabamento em pintura moderna com tinta à base de látex, composição simétrica e elementos do repertório neoclássico. O ritmo da fachada é determinado, principalmente, pelo volume central saliente do segundo ao quarto pavimento - onde se alinham janelas gêmeas -, encimado por um balcão no nível do último piso. Nos planos alinhados à via, a fachada é composta por janelas dispostas aos pares. O eixo horizontal é demarcado pelos balcões com guarda-corpos metálicos localizados nos terceiro e quarto pavimentos. No último andar, os vãos possuem arcos plenos e arrematam as séries de envasaduras. Acima deles, a cimalha apoia-se sobre modilhões e coroando a edificação há uma platibanda com balaustrada. No térreo, o vão de acesso, posicionado na lateral da fachada, abriga porta metálica de duas folhas de abrir com vidro fantasia; nos vãos comerciais as portas são metálicas de enrolar. Os vãos dos pavimentos superiores apresentam esquadrias de madeira e vidraça, de duas folhas de abrir e, apenas no quinto nível, com bandeiras fixas nos mesmos materiais. A cobertura é feita com telhas cerâmicas”.

REGISTROS ICONOGRÁFICO



DESENHOS



Fonte: Fachada e plantas (fonte: DAMP_2012-0.160.517-9) (fev/ 1927)

Cortes Longitudinal e Transversal (fonte: DAMP_2012-0.160.517-9) (fev/ 1927)

⁸ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

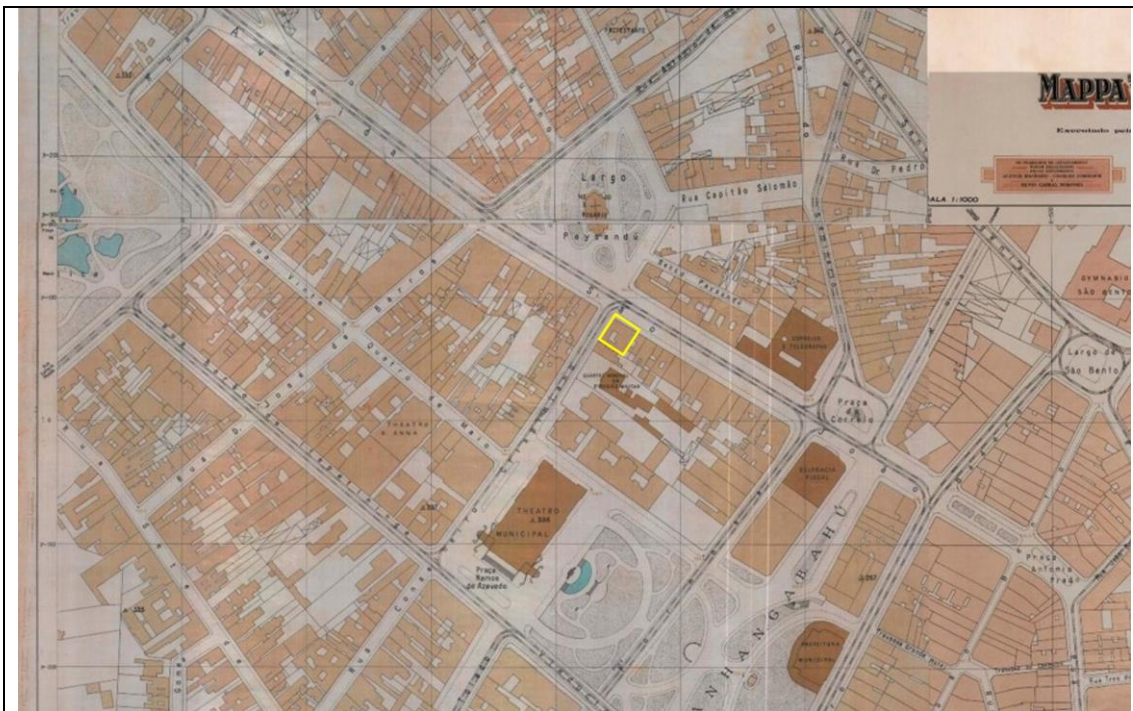
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	027	LOTE	0022
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Área envoltória						
Numeração Anterior: 127							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	esquina Rua Conselheiro Crispiniano						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 359-365						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	Provável década 1940			Nº de pavimentos:	T + sobreloja + 10		
Uso atual:	Comércio - serviços			Uso original:			
Autor do projeto:							
Estilo:	Art-déco						
Técnica construtiva:	Concreto e alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	Pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Sem data precisa, provavelmente construído no final da década de 1940, ou começo de 1950. O edifício possui linhas retas, na esquina é arrematado em curva. Algumas característica Art-déco.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	017	LOTE	0045
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-235 NP.3						
Numeração Anterior: 131							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	esquina Rua Conselheiro Crispiniano						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 393; Complemento: Rua Conselheiro Crispiniano						
Coordenadas GPS:	23°32'37"S , 46°38'17"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1933			Nº de pavimentos:	T + 4		
Uso atual:	Comércio e serviços			Uso original:			
Autor do projeto:	E construtor: J. Diez & Cia.						
Estilo:	Art-déco						
Técnica construtiva:	Concreto e alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	bom			Grau de alteração:	pouca		
Processos:							

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS⁹

“O edifício, de esquina, possui a fachada principal voltada para a rua Conselheiro Crispiniano e a secundária, menor, para a Avenida São João. Sua volumetria, com influência da corrente arquitetônica art déco, é ditada por diversos planos sobrepostos que tornam o último pavimento recuado, escalonado. Esse mesmo jogo de planos engrandece o eixo vertical central, mais alto e verticalizado por pilaretes, por onde se dá o acesso ao edifício. Essa corrente apresenta-se também em outros detalhes geometrizados como as mísulas no térreo, compostas por volumes trapezoidais. Na esquina, o edifício é valorizado através de plano avançado chanfrado pelo qual se estendem balcões na fachada secundária.

A fachada está com o acabamento descaracterizado. Nos pavimentos superiores estão pintados sobre superfície texturizada, enquanto no térreo o revestimento varia de acordo com o estabelecimento comercial, podendo ser em pintura látex sobre argamassa lisa ou texturizada, mármore em placas, pastilhas pintadas ou em cerâmica. Quanto as envasaduras, no piso térreo os vãos comerciais, as portas metálicas de enrolar são encimadas por janelas metálicas com folhas basculantes de vidro. Nos demais pavimentos, as janelas externas têm venezianas de madeira, de duas folhas articuladas, e as internas, vidro em caixilhos metálicos.

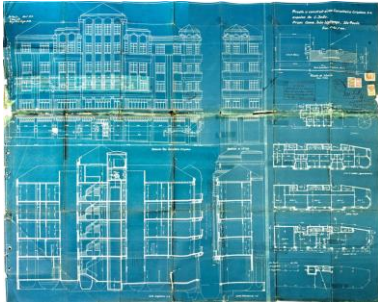
Construído em 1933, pela empresa J. Diez & Cia. O proprietário é João Ugliengo”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



RHVS, Jan-2015.

DESENHOS



Fonte: Inventário 2012 – DPH.

⁹ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

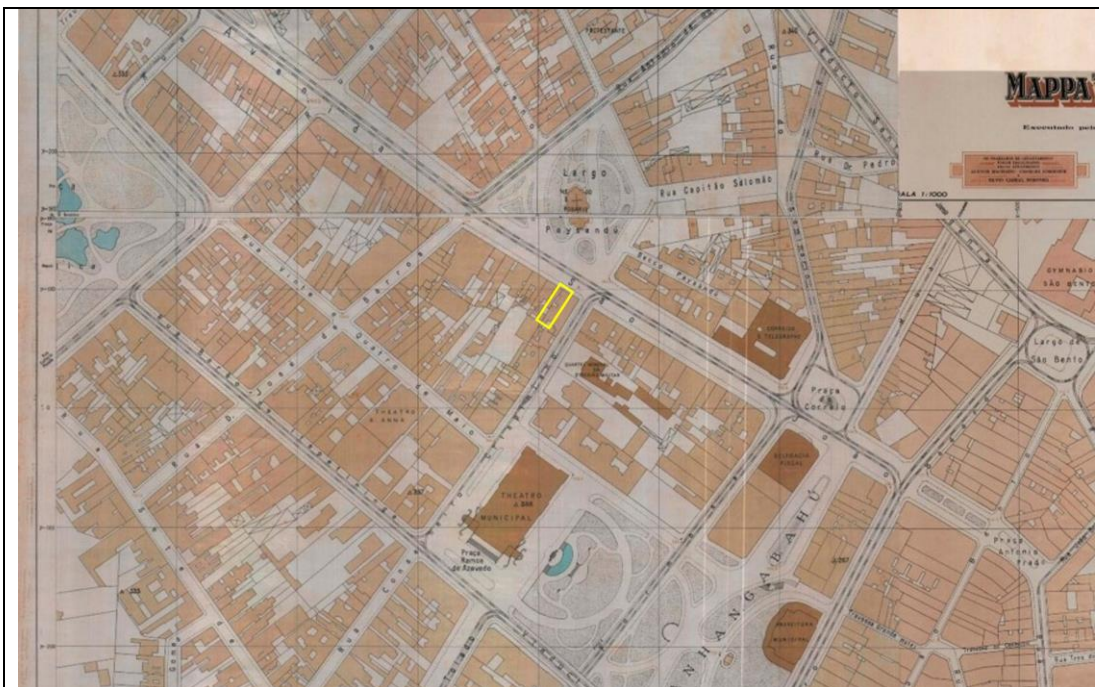
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	017	LOTE	0001
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Área envoltória						
Numeração Anterior: 133							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Castelões						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 403						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:				Nº de pavimentos:	T + 2		
Uso atual:	comercial			Uso original:			
Autor do projeto:							
Estilo:	descaracterizado						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	ruim			Grau de alteração:	total		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.



DADOS ARQUITETÔNICOS

Totalmente descaracterizado.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

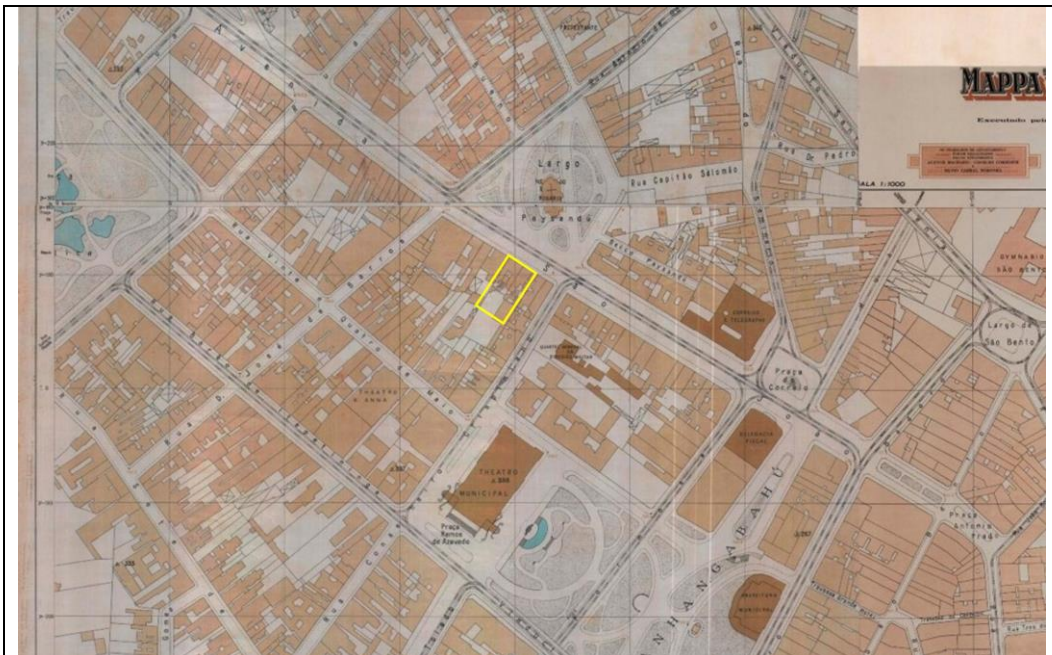
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	017	LOTE	0822
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-238 NP1.a) Cine Art Palácio NP1.b) Plaza Hotel: sem restrição de preservação.						
Numeração Anterior: 135-137							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	UFA- Palace / Cine Art-Palácio / Plaza Hotel						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 407-417						
Coordenadas GPS:	23°32'38"S , 46°38'18"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1936			Nº de pavimentos:	T + 6		
Uso atual:	Fechado - invadido			Uso original:	Cinema e Hotel		
Autor do projeto:	Arquiteto Rino Levi; Construtor: Sociedade Constructora Brasileira Ltda.						
Estilo:	Moderno						
Técnica construtiva:	Concreto e alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Ruim			Grau de alteração:	Pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS¹⁰

“Paralelo ao ritmo acelerado com que a cidade de São Paulo crescia nas primeiras décadas do século XX, o cinema chegava e se multiplicava como principal opção de lazer à população. As primeiras salas da cidade ocupavam edificações adaptadas para este novo uso: teatros, galpões ou ringues de patinação eram agora salas de exibição. Com a grande demanda por novos espaços, construções começaram a surgir com projetos elaborados especificamente com a função de cinema. Foi neste cenário que o UFA Palace ganha notoriedade, quando concluída a sua construção em outubro de 1936. O projeto do arquiteto Rino Levi*, arrojado para a época, continha estudos minuciosos de acústica, iluminação, ventilação e acessos, além de um partido arquitetônico moderno. Com 3.139 lugares, o UFA Palace foi construído pela Sociedade Constructora Brasileira Ltda., tendo como financiadora a empresa estatal alemã UFA (UniversumFilm AG), uma importante empresa investidora na indústria cinematográfica até os anos 1940. O UFA Palace surge no auge da popularidade do cinema na capital paulista e seu impacto inovador foi um marco para a nova era das salas de cinema na cidade. Implantado na Avenida São João, definiu de vez a localização da Cinelândia Paulistana (Avenida São João, Largo do Paissandu, Santa Efigênia e Avenida Ipiranga). No ano de 1939, o UFA Palace teve seu nome mudado para ArtPalacio, pois ficou sob os cuidados da empresa europeia Art-Filmes. Nessa época, as principais salas de cinema de São Paulo estavam localizadas na Cinelândia. A partir da década de 1960, transformações socioeconômicas colaboraram para o início da decadência dos cinemas. O “Inchaço” da área central, a especulação imobiliária e o surgimento de outros bairros são fatores que tornaram o local menos nobre e em progressiva decadência. O público afasta-se dos antigos palácios cinematográficos e o surgimento da televisão no mercado resulta no desinteresse da população pelo cinema. A crise agrava-se nos anos 1970 e a queda da frequência gera a queda da qualidade. A partir dos anos 1980, grande parte das salas de cinema sai das ruas e se instala em shopping centers. O Art Palacio tem, então, seu espaço original dividido em mais salas, nas quais são exibidos filmes de baixa qualidade.

O edifício, com partido arquitetônico moderno, construído em estrutura de concreto, utilizou-se de produtos tecnológicos de acústica avançados à época. Encontra-se com muitas descaracterizações nos revestimentos internos. Apresenta sua fachada toda revestida de pastilhas de porcelana, exceto a marquise espúria, com acabamento em pintura sobre argamassa. As esquadrias, no nível do térreo, são compostas por portões metálicos de duas folhas, do tipo guilhotina, e a porta de acesso ao hotel, de vidro com duas folhas de abrir. Internamente, o saguão de acesso tem piso de marmorite e rodapé cimentado com acabamento em pintura. Há paredes com acabamento em pintura e outras de pastilhas cerâmicas, material que também reveste os pilares desse ambiente. O forro, provavelmente em estuque, apresenta acabamento em pintura látex branco. Ainda no pavimento térreo - onde estão localizadas cabines individuais - o piso é de pastilhas e cerâmico. As escadas de acesso à sala principal encontram-se revestidas de piso emborrachado com cantoneiras metálicas e têm corrimão de madeira estruturado em ferro. Nas rampas laterais, também de acesso à sala, o piso é cimentado, pintado e com corrimão de alumínio. Na plateia principal, o piso é cimentado e pintado, as paredes têm barra e sobrebarra em pintura látex e friso. Os forros são de estuque com acabamento em pintura látex. No balcão da sala principal, que hoje abriga uma nova sala de projeção, há diversidade de materiais nos pisos: granilite, cimentado, taco e tábuas, todos com pintura escura. O mesmo se repete no forro de madeira. As paredes encontram-se revestidas com carpete. Os sanitários, em sua maioria, têm piso de cerâmica São Caetano vermelha e preta e parede com azulejos. Não foi possível acessar os balcões laterais da sala principal.


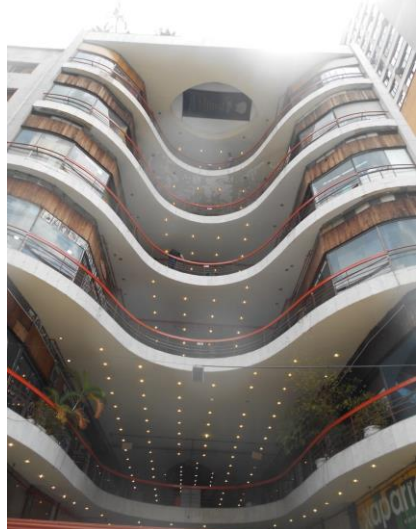
Rino Levi (1904-1964): Brasileiro de nascença, Rino Levi realizou seus estudos na Itália, onde teve aulas com Marcello Piacentini, arquiteto oficial do governo fascista italiano. No entanto, não se tornou adepto dessa vertente, mas defensor da modernização da arquitetura brasileira, ainda que em suas obras seja possível encontrar ecos do Racionalismo italiano. Com escritório em São Paulo desde 1928, logo obteve destaque em seus projetos, a exemplo do edifício Columbus e da sala de cinema em questão, tendo muito contribuído para o processo de verticalização do centro, cuja intensificação se deu nas décadas de 1930 e 1940”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS e DESENHOS



Fonte: Planta, cortes e fachada DAMP_2002-0.028.006-2 - nov/ 1948

¹⁰ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

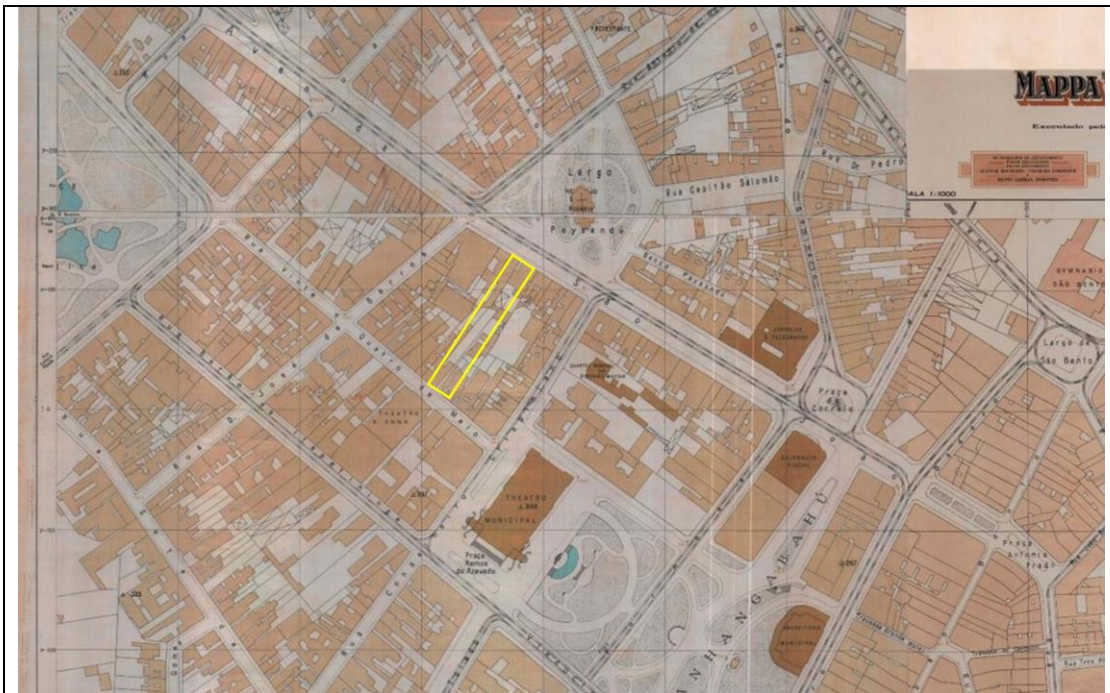
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	017	LOTE	0075
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE		Tombado Resolução 37/92-239 NP.2					
Numeração Anterior: 141							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:		Grandes Galerias					
ENDEREÇO:		Avenida São João, 439; Complemento: Rua Vinte e Quatro de Maio, 62					
Coordenadas GPS:		23°32'38"S , 46°38'19"O					
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:		1962		Nº de pavimentos:		T + 6	
Uso atual:		Comércio – Serviços - Galeria		Uso original:		Comércio – Serviços - Galeria	
Autor do projeto:		Escritório de Arquitetura Siffredi e Bardelli; Construtor: Construtora Alfredo Mathias S.A.					
Estilo:		Moderno					
Técnica construtiva:							
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:							
Estado de conservação:				Grau de alteração:			
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS¹¹

“Surgem as galerias comerciais imprimindo uma nova forma de se relacionar com a cidade, criando agradáveis percursos alternativos rompendo com o paradigmático sistema quadra-rua. Construído em 1962, tardiamente, portanto, se comparado a outros edifícios de galerias da região. Sua fachada não mais resgata o embasamento luxuoso dos edifícios tripartites ou a sedução através da marquise: os caminhos convidam não só o pedestre, mas a calçada e a rua a descobrir seus espaços internos e as lojas de vestuário. Diferenciando-se de outros edifícios comerciais no entorno, o Grandes Galerias foi projetado pelo Escritório de Arquitetura Siffredi e Bardelli, inteiramente para uso comercial. Finalizada a obra, executada pela Construtora Alfredo Mathias S.A., suas unidades foram amplamente procuradas. Se por um lado este fato demonstra que o centro guardava ainda muitos dos investimentos, por outro evidencia a migração latente dos escritórios em direção ao sudoeste da cidade. Na década seguinte, o Centro Novo já exibia indícios do processo de popularização ocorrido anteriormente no Centro Velho. Da mesma forma, o requintado comércio iniciava o movimento rumo à região das avenidas Paulista e Faria Lima e deixava as ruas 24 de Maio e 7 de Abril como havia feito décadas antes com as ruas XV de Novembro e Direita. O Centro Novo e o Velho mesclavam-se, assim, num único centro antigo. Na década de 1980, o conjunto comercial passou a ser popularmente conhecido como Galeria do Rock, devido à especialização do espaço no comércio fonográfico, característica que permanece até a atualidade e que tornou o edifício um reconhecido ponto da cultura hip-hop de São Paulo.

O Edifício Grandes Galerias consiste de uma galeria comercial que une a Rua 24 de Maio à Avenida São João. O recorte sinuoso das lajes de seus sete primeiros pavimentos (subsolo mais seis pavimentos-tipo) convida o transeunte a adentrar o edifício em ambas as vias, recurso antes desempenhado pelas marquises. Suas fachadas se configuram a partir dos andares abertos, livres de paramentos alinhados às vias, que podem ser apreendidos na sua totalidade desde o nível da rua. A laje do último pavimento, na sua face inferior, tem um recorte circular que enfatiza o vazio deixado pelas sucessivas curvas de cada um dos andares. Por fim, a última e retilínea laje, enquadra toda a edificação e finaliza o conjunto inserindo o edifício nas testadas da quadra. Há duas opções de circulação: atravessar o subsolo acessando a rampa central ou adentrar o piso térreo pelas laterais. A pavimentação apresenta desenho geométrico feito de pastilhas cerâmicas em três cores, que acompanha o alinhamento das lojas e a iluminação linear em direção à via oposta. Interrompendo a sequência das lojas há elevadores e escadas helicoidais com piso de mármore e parede com acabamento em azulejos ou em pintura com tinta à base de látex. Enquanto as lojas são uniformizadas em todos os andares – vedação de vidro em caixilhos de ferro, lambri de madeira e porta metálica de enrolar – o desenho dos pisos é diferenciado em cada um deles, a partir de diferentes combinações entre as mesmas três cores, em pastilhas ou granilite, formando distintos mosaicos. Somente nos dois últimos andares a composição, feita com pastilhas sextavadas, não se diferencia. Ao vazio deixado pela rampa do subsolo contrapõem-se “as aberturas irregulares com formas ovais [as quais] aparecem em todas as lajes, ora recebendo escadas rolantes, ora permitindo a integração visual dos andares. Conforme subimos pelos andares, as aberturas vão ganhando dimensões maiores, como numa espécie de sequência de crescimento, compreendida em sua totalidade apenas quando se observa do último recorte para baixo ou vice-versa”. Os guarda-corpos são metálicos em cor laranja avermelhada que contrasta com a laje pintada de branco nas suas faces inferiores, seu respectivo mármore de arremate, e com os tons amadeirados das lojas. Esse padrão cromático está presente em toda a galeria e é acentuado no mural de cerâmica vitrificada instalado no térreo, de autoria de Bramante Buffoni. A cobertura é um terraço-jardim com aberturas zenitais, estendendo-se da Rua 24 de Maio à Avenida São João como um jardim elevado, arborizado e privado”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

¹¹ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.



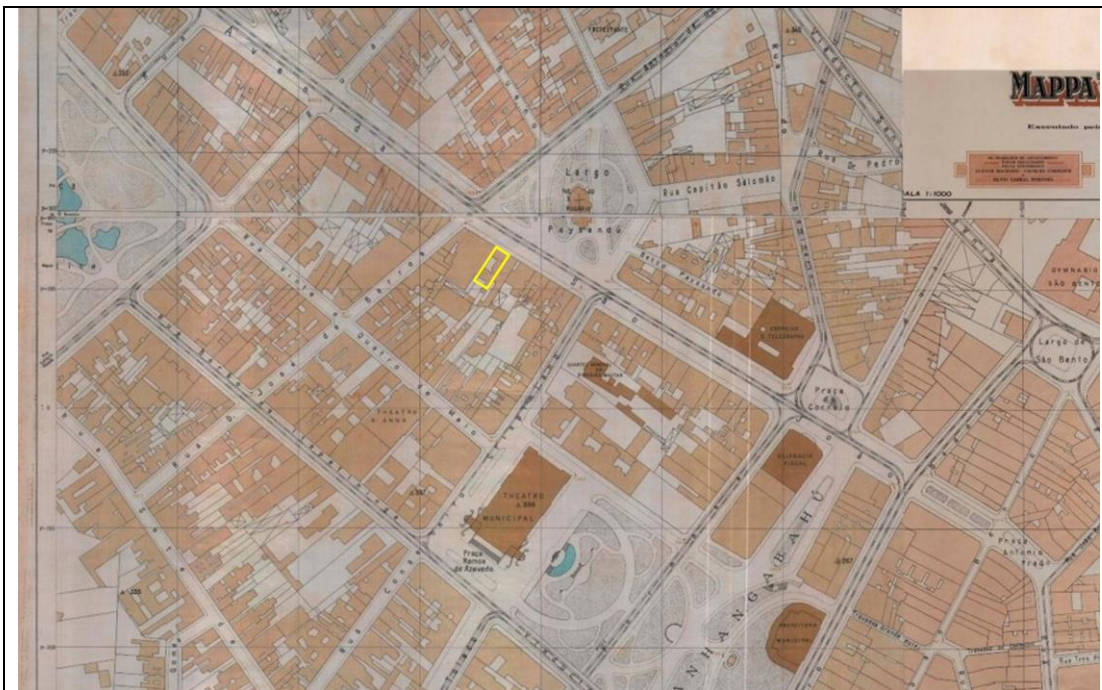
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	017	LOTE	0823
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 147							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	C & A						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 455						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:				Nº de pavimentos:	T + 1		
Uso atual:	Comércio - serviços			Uso original:			
Autor do projeto:							
Estilo:	descaracterizado						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	médio			Grau de alteração:	total		
Processos:							

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.


DADOS ARQUITETÔNICOS

Totalmente descaracterizado.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	017	LOTE	0050
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Área envoltória						
Numeração Anterior: 155							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Galeria Olido						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 473						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1957			Nº de pavimentos:	T + 2 sobrelojas + 17		
Uso atual:	Institucional			Uso original:	Cinema e Galeria		
Autor do projeto:							
Estilo:	Art-déco						
Técnica construtiva:	Concreto e alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	A partir do 10º.						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Neste local para o número 151, foi encontrado no Arquivo Histórico São Paulo – AHSP, um projeto do arquiteto Alexandre Albuquerque¹², com desenhos de 1920 e 1921.

Da fase das Galerias no centro, em 1957 foi inaugurada a Galeria Olido, com sala de cinema.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

¹² AHSP, Coleção Obras Particulares, Cx S7 – 1920 e Cx S8 – 1921.

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	010	LOTE	0001
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 167-169-175							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:		esquina com Rua Dom José de Barros					
ENDEREÇO:		Avenida São João, 519-525-545					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:		Cerca de 1950			Nº de pavimentos:		T + 10
Uso atual:		Em obras			Uso original:		
Autor do projeto:							
Estilo:		Art-déco					
Técnica construtiva:		Alvenaria de tijolos					
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:							
Estado de conservação:		Ruim			Grau de alteração:		pouca
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.



DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Um edifício da década de 1950, moderno, mas sem nenhuma característica excepcional.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

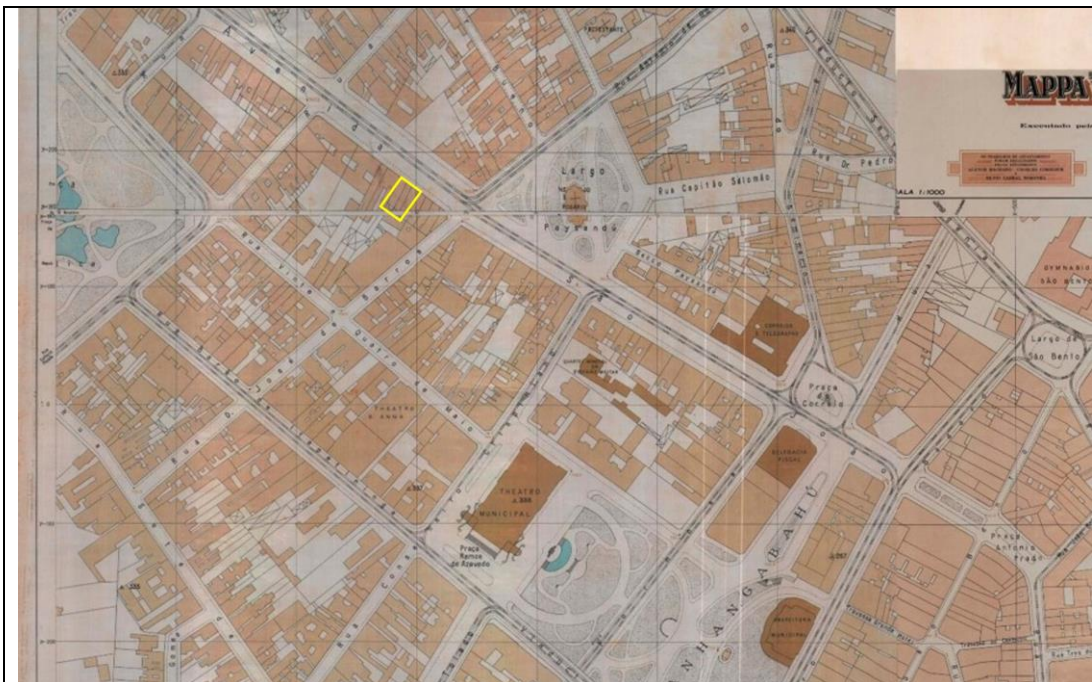
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	010	LOTE	0052
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior:179							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Casa de Eventos Terra da Garoa						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 555						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:				Nº de pavimentos:	T + 2		
Uso atual:	Comércio - serviços			Uso original:			
Autor do projeto:							
Estilo:	descaracterizado						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	bom			Grau de alteração:	total		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

OTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.



DADOS ARQUITETÔNICOS

Edifício totalmente descaracterizado.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	010	LOTE	0051
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 181B							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:		"Residencial Providencia"					
ENDEREÇO:		Avenida São João, 563					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:		Década 1950 (provável)		Nº de pavimentos:		T + 9	
Uso atual:		Residencial - invadido		Uso original:		Residencial	
Autor do projeto:							
Estilo:		Art-déco					
Técnica construtiva:		Alvenaria de tijolos					
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:							
Estado de conservação:		ruim		Grau de alteração:		Pouca	
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

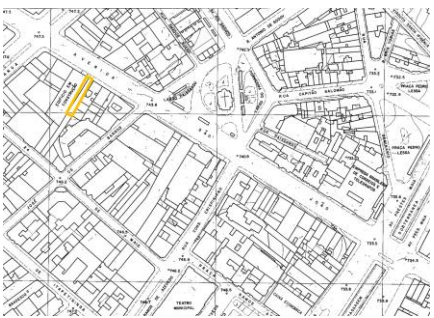

DADOS ARQUITETÔNICOS

Edifício moderno, sem valor arquitetônico, muito degradado, e encontra-se invadido por algum movimento de moradia.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	010	LOTE	0050
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 183							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:		Avenida São João, 577					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 31422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:					Nº de pavimentos:		T + 3
Uso atual:					Uso original:		
Autor do projeto:							
Estilo:		descaracterizado					
Técnica construtiva:		Alvenaria de tijolos					
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:							
Estado de conservação:		ruim			Grau de alteração:		total
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.



DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Este edifício está muito descaracterizado, entretanto mantém as envasaduras originais. O projeto foi localizado no Arquivo Histórico São Paulo – AHSP. (Ver PARTE 3).

REGISTROS ICONOGRÁFICOS

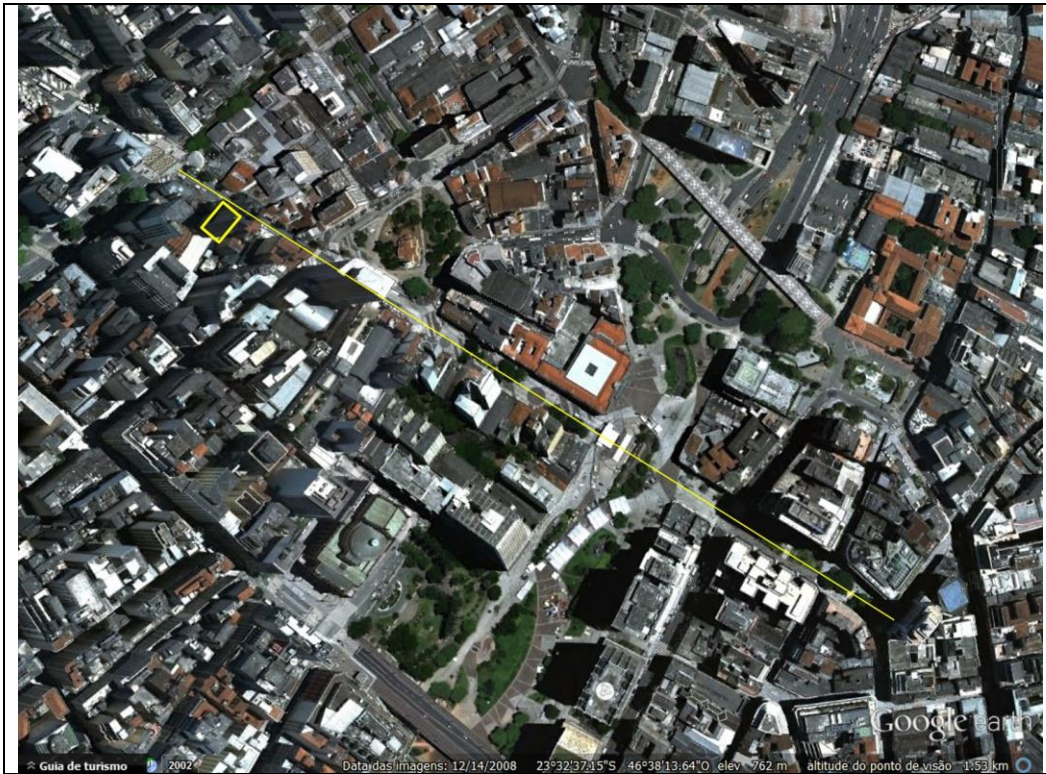


DESENHOS

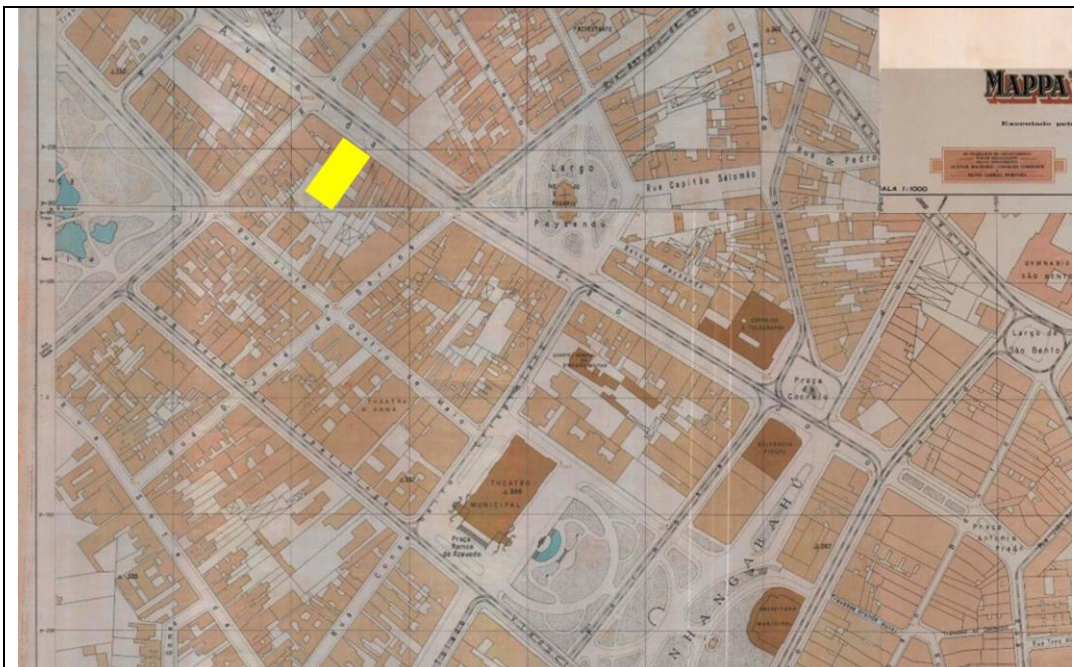
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	010	LOTE	0049
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 185							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:		Avenida São João, 587					
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	Década 1970 (provável)			Nº de pavimentos:	T + 21		
Uso atual:	Escritórios e Estacionamento			Uso original:			
Autor do projeto:							
Estilo:	Moderno						
Técnica construtiva:	Concreto						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	A partir do 11º.						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	nenhuma		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Edifício moderno para uso de serviços e comercial, com estacionamento no subsolo.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

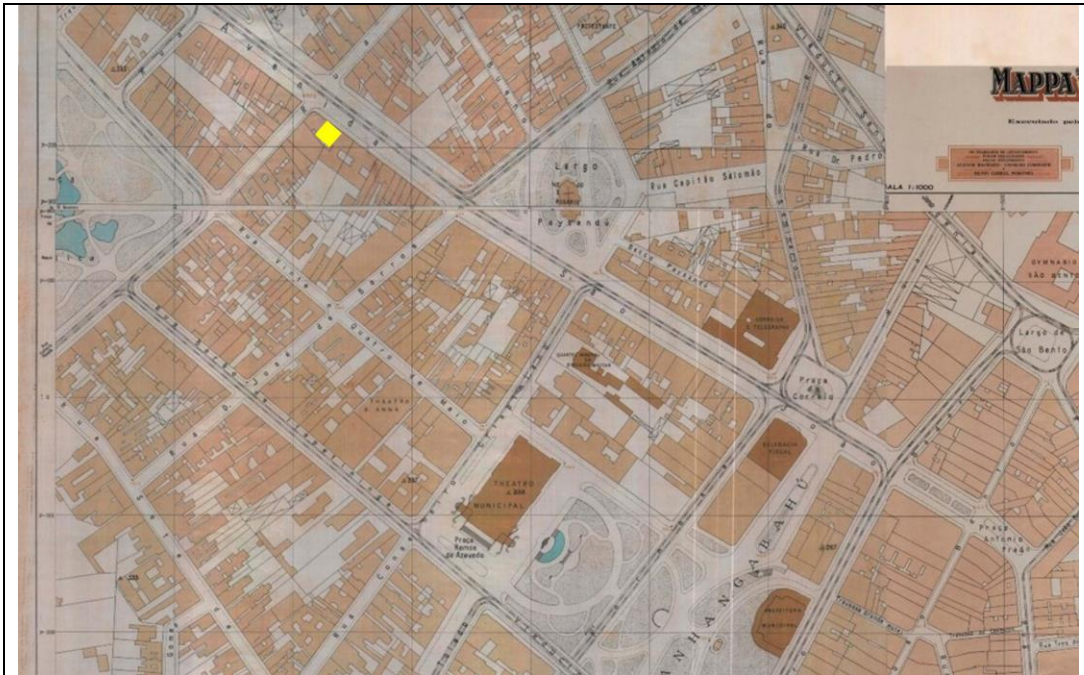
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	010	LOTE	0048
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-217 NP.3						
Numeração Anterior: 187							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:	Avenida São João, 605						
Coordenadas GPS:	23°32'33"S , 46°38'23"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1924			Nº de pavimentos:	T + 5 + ático		
Uso atual:	Residencial, comércio e serviços			Uso original:			
Autor do projeto:	E construtor: <i>Sociedade Commercial e Constructora Ltda.</i>						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Ótimo			Grau de alteração:	Nenhuma		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS¹³

“Foram necessários inúmeros melhoramentos para ajustar a cidade, que já havia se expandido para além do Vale do Anhangabaú, aos seus milhares de moradores. O Centro Novo também se transformava e as suas antigas ruas estreitas, aos poucos, eram transformadas em avenidas. Para tanto, foram criadas leis como a Lei n. 1.596 (1912) que determinou o alargamento da Rua São João, e estabeleceu que as construções na avenida alargada não poderiam ter menos de três pavimentos. Ainda, definia o prolongamento das ruas Conselheiro Nébias, Barão de Limeira e Barão de Campinas, até encontrarem a Avenida São João, formando três praças triangulares. Já o alargamento da Rua Ipiranga foi determinado mais tarde, pelo Ato n. 1.470 (1938), referente ao “Plano de Melhoramentos Urbanos”, juntamente com os das ruas São Luís e Dr. Vieira de Carvalho, passando todas à categoria de avenida. A seguir, o Decreto-Lei n. 41 (1940) confirma as alterações da Avenida Ipiranga e estabelece as normas para suas novas construções. Comparando os mapas, Sara Brasil (1930) e Vasp Cruzeiro (1954), vê-se que o alargamento da Avenida Ipiranga se deu com o corte das quadras apenas do lado ímpar, tendo sido poupado o lado par, onde, na esquina com a Avenida São João, foi construído o Edifício Zico e o vizinho.

Trata-se, originalmente, de duas edificações, cada uma pertencente a um proprietário. A da esquerda, a Antônio Caldeira, primeira a ser construída (1924); a da direita, na esquina, a Oscar Ferreira, de 1925. Ambas, com sete pavimentos, foram projetadas e construídas pela Sociedade Comercial e Construtora Ltda., que introduziu um acesso ligando as duas coberturas, através do qual o da direita poderia utilizar as escadas de emergência localizadas no imóvel da esquerda estando, desta forma, atendido o Art. 128.

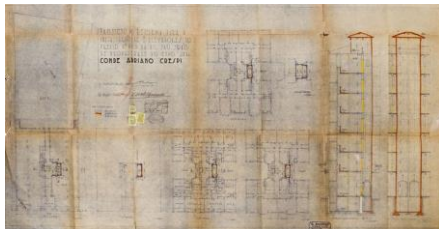
O edifício constitui um conjunto formado por dois edifícios em estilo eclético com influências neoclássicas. Sua fachada, muito bem elaborada, é baseada na simetria, e o ritmo estabelecido principalmente pelo discreto avanço de dois volumes laterais - do segundo ao sexto pavimento - sustentados por mísulas e encimados por frontão cimbrado. Balanceando a verticalidade desses dois volumes há as cimalthas, o alinhamento dos falsos balcões e a bossagem presente nos pisos superiores revestidos de argamassa com pintura moderna de tinta à base de látex. Fazem parte da composição, também, os balcões ornamentados com concha e guarda-corpo metálico com arremate de madeira, assim como a cobertura de mansarda. No térreo, a fachada encontra-se descaracterizada; apresenta atualmente acabamento em granito preto polido, portas metálicas de enrolar nos vãos comerciais e, no acesso, porta com duas folhas de abrir, de vidro. Nos demais pavimentos, as esquadrias possuem dois planos: janelas externas de madeira do tipo veneziana, de duas folhas articuladas, e internas de madeira e vidraça, com duas folhas de abrir”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



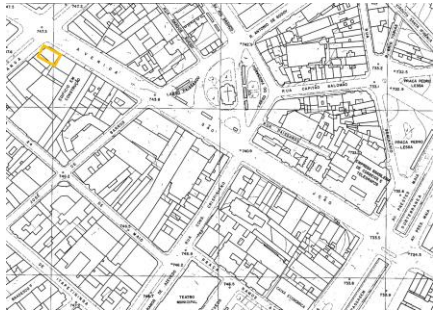

Foto RHVS, 2015.

DESENHOS



Fonte: Plantas e cortes (fonte: DAMP_1991-0.034.061-8) (jan/ 1940)

¹³ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

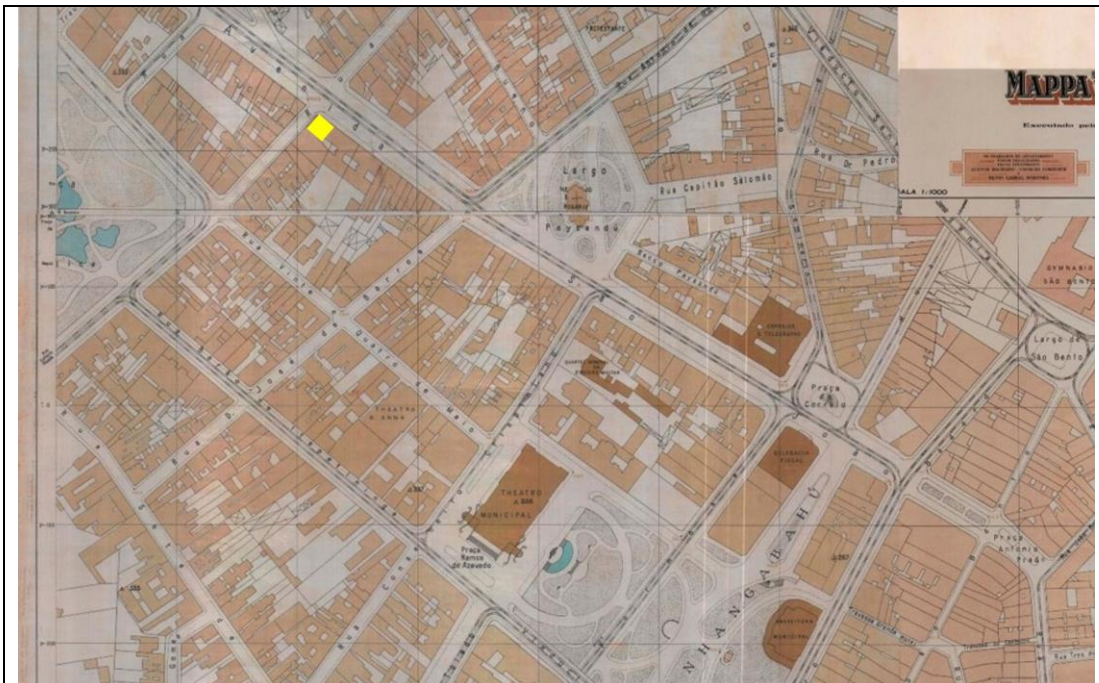
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	006	QUADRA	010	LOTE	0556
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-215 NP.3						
Numeração Anterior: 187C							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Edifício Zico						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 625-639; Complemento: Avenida Ipiranga, 818						
Coordenadas GPS:	23°32'33"S, 46°38'24"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1924-1925			Nº de pavimentos:	T+ 5 + ático		
Uso atual:	Residencial, comércio e serviços			Uso original:			
Autor do projeto:	E construtor: <i>Sociedade Commercial e Constructora Ltda.</i>						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS¹⁴

“Foram necessários inúmeros melhoramentos para ajustar a cidade, que já havia se expandido para além do Vale do Anhangabaú, aos seus milhares de moradores. O Centro Novo também se transformava e as suas antigas ruas estreitas, aos poucos, eram transformadas em avenidas. Para tanto, foram criadas leis como a Lei n. 1.596 (1912) que determinou o alargamento da Rua São João, e estabeleceu que as construções na avenida alargada não poderiam ter menos de três pavimentos. Ainda, definia o prolongamento das ruas Conselheiro Nébias, Barão de Limeira e Barão de Campinas, até encontrarem a Avenida São João, formando três praças triangulares. Já o alargamento da Rua Ipiranga foi determinado mais tarde, pelo Ato n. 1.470 (1938), referente ao “Plano de Melhoramentos Urbanos”, juntamente com os das ruas São Luís e Dr. Vieira de Carvalho, passando todas à categoria de avenida. A seguir, o Decreto-Lei n. 41 (1940) confirma as alterações da Avenida Ipiranga e estabelece as normas para suas novas construções. Comparando os mapas, Sara Brasil (1930) e Vasp Cruzeiro (1954), vê-se que o alargamento da Avenida Ipiranga se deu com o corte das quadras apenas do lado ímpar, tendo sido poupado o lado par, onde, na esquina com a Avenida São João, foi construído o Edifício Zico e o vizinho.

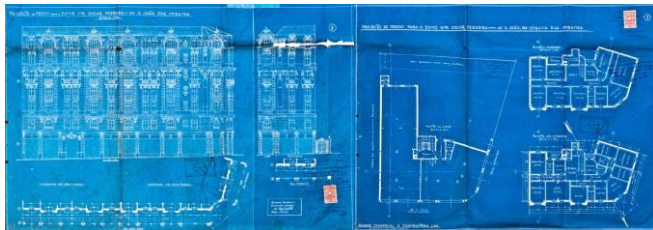
Trata-se, originalmente, de duas edificações, cada uma pertencente a um proprietário. A da esquerda, a Antônio Caldeira, primeira a ser construída (1924); a da direita, na esquina, a Oscar Ferreira, de 1925. Ambas, com sete pavimentos, foram projetadas e construídas pela Sociedade Comercial e Construtora Ltda., que introduziu um acesso ligando as duas coberturas, através do qual o da direita poderia utilizar as escadas de emergência localizadas no imóvel da esquerda estando, desta forma, atendido o Art. 128.

O edifício constitui um conjunto formado por dois edifícios em estilo eclético com influências neoclássicas. Sua fachada, muito bem elaborada, é baseada na simetria, e o ritmo estabelecido principalmente pelo discreto avanço de dois volumes laterais - do segundo ao sexto pavimento - sustentados por mísulas e encimados por frontão cimbrado. Balanceando a verticalidade desses dois volumes há as cimalthas, o alinhamento dos falsos balcões e a bossagem presente nos pisos superiores revestidos de argamassa com pintura moderna de tinta à base de látex. Fazem parte da composição, também, os balcões ornamentados com concha e guarda-corpo metálico com arremate de madeira, assim como a cobertura de mansarda. No térreo, a fachada encontra-se descaracterizada; apresenta atualmente acabamento em granito preto polido, portas metálicas de enrolar nos vãos comerciais e, no acesso, porta com duas folhas de abrir, de vidro. Nos demais pavimentos, as esquadrias possuem dois planos: janelas externas de madeira do tipo veneziana, de duas folhas articuladas, e internas de madeira e vidraça, com duas folhas de abrir”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

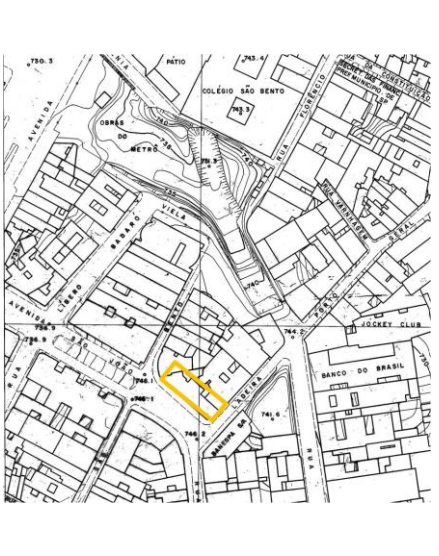



Fonte: Fachadas das Av.s Ipiranga e São João (fonte: DAMP_2011-0.047.010-3) (mar/ 1925)

Plantas dos pavimentos térreo, tipo e da mansarda (fonte: DAMP_2011-0.047.010-3) (mar/ 1925)

Para o Sr. Oscar Ferreira

¹⁴ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

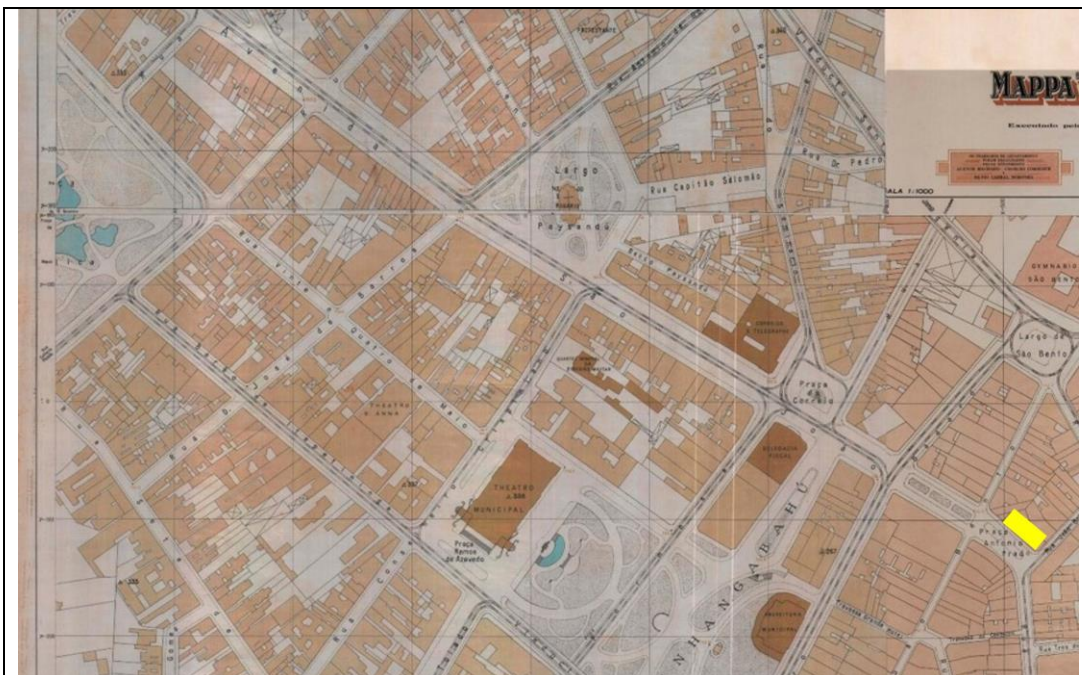
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	063	LOTE	0052
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-102 NP.3						
Numeração Anterior:							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Bolsa de Mercadorias & Futuros / Antigo Palacete Martinico Prado						
ENDEREÇO:	Praça Antônio Prado, 48; Rua Joao Bricola						
Coordenadas GPS:	23°32'43"S , 46°38'03"O						
							
GEGRAN fl. 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1904 – 1906 Reforma 1929-30			Nº de pavimentos:	4 subsolos + T + 9		
Uso atual:	Bolsa de Valores (institucional)			Uso original:	serviços		
Autor do projeto:	F. P. Ramos de Azevedo (construção: provável F. P. Ramos de Azevedo)						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de Tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	Pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

No terreno da família Prado, quase no mesmo local onde existiu a igreja, do lado par (atual 48) da nova praça foi projetado e construído pelo escritório Francisco Paula Ramos de Azevedo & Cia, um edifício com térreo, mais três pavimentos de alto pé direito, denominado Palacete Martinico Prado também foi conhecido como “Casa Martinico”. Data de 1904 o projeto, e a conclusão da obra em 1906. Foi o primeiro edifício com uso exclusivamente para escritórios com lojas comerciais no térreo. Parte deste prédio, em 1907, acomodou a sede da empresa canadense de energia *Light*. Além de ser a sede dos escritórios do jornal “O Estado de São Paulo”.

A fachada original é eclética, na vista para a nova praça, possui um corpo central que distribui cinco largas envasaduras de janelas com vergas arqueadas nos segundo e terceiro pavimento; nas duas laterais possui cada uma, um corpo com ritmo de envasaduras diferente a cada piso, sendo no primeiro uma larga janela com verga arqueada e no terceiro três estreitas com verga em arco pleno. Falsas colunas simulam sustentar o entablamento adornado entre o terceiro e quarto piso. O quarto pavimento segue o ritmo das envasaduras dos pisos inferiores, entretanto todas as vergas são retas, um novo entablamento faz o arremate que tem a platibanda fazendo a distinção entre os três corpos. Sendo os dois laterais terminados em dois pequenos frontões em arco com tímpano decorado e pináculos a cada extremidade; enquanto o corpo central possui uma espécie de frontão independente com forma diferenciada. No piso térreo as envasaduras seguem o ritmo das superiores, são todas portas balcão abertas para a praça.

Nos anos de 1929-30, o edifício passou por uma grande reforma para ser sede do banco americano National City Bank of New York (atual Citibank) ocasião da consolidação do setor financeiro nesta área da cidade.

Nesta reforma a fachada foi muito alterada, perdeu feições ecléticas de influência neoclássica e ganhou novos elementos Art-Déco. As envasaduras foram mantidas, entretanto os acabamentos foram alterados. No térreo, as falsas pilastras receberam revestimento de granito rusticado. As portas balcões foram fechadas, mantendo-se apenas uma porta central, para a praça, de acesso; esta é encimada por um par de águias esculpidas em granito. Os demais pavimentos apresentam acabamento em argamassa pigmentada em tom semelhante ao do granito do térreo. Entre o terceiro e quarto pavimento retomam-se as pilastras estilizadas, pintadas de branco. As esquadrias são todas recentes, constituídas de caixilhos de alumínio e panos de vidro.

Na década de 1980 passou por uma nova reformulação interna, inclusive inserção de pavimentos no subsolo, para a instalação da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) que permanece neste endereço.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS

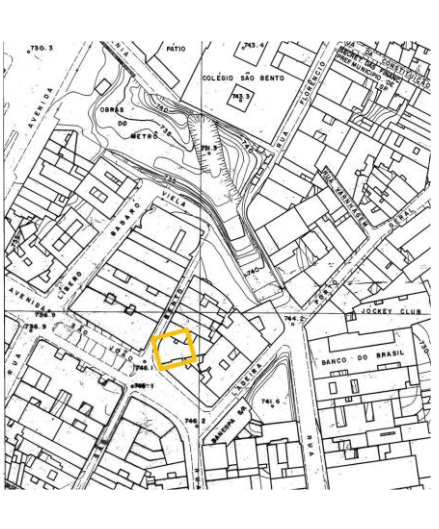



O edifício “Palacete Martinico Prado”.

Vista da “Ladeira São Joao”, já alargada, o primeiro prédio à esquerda de quem olha a imagem é o Palacete Martinico Prado, cartão postal. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.



DESENHOS

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	063	LOTE	0013
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numerações anteriores: Rua São Bento - 470, em 1936 / 58 sob, em 1928 / 66 a e/s, em 1910 / 58 alt, antigo (no séc. XIX)							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Edifício Dilan						
ENDEREÇO:	Praça Antônio Prado, 76; Rua São Bento, 470						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	Década 1950 (provável)			Nº de pavimentos:	T + 17 + zel		
Uso atual:	Comercial-serviços			Uso original:	Comercial-serviços		
Autor do projeto:							
Estilo:	Moderno						
Técnica construtiva:	Concreto Armado e alvenaria de tijolos						
Frente:	26,78 metros						
Pavimento Recuo superior:	A partir do 10º.						
Proprietário:	Diogo de Toledo Lara Neto						
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	Nenhuma		
Processos:	N. 179646/51; Requerente: Munhoz e Lara Ltda.						

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

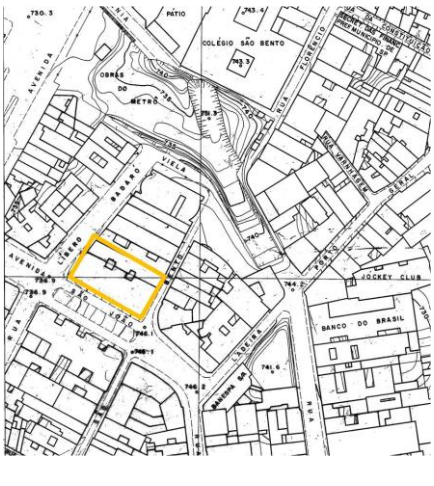

Edifício moderno construído sob pilotis, com implantação no novo alinhamento, o lote pequeno sendo na esquina com a Rua São Bento ao invés de chanfro adotou o partido arquitetônico em curva, concluído em 1951¹⁵. Possui térreo com alto pé direito, 17 pavimentos e zeladoria na cobertura.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

¹⁵ Processo Administrativo Municipal n. 179646/51, requerente: Munhoz e Lara Ltda.

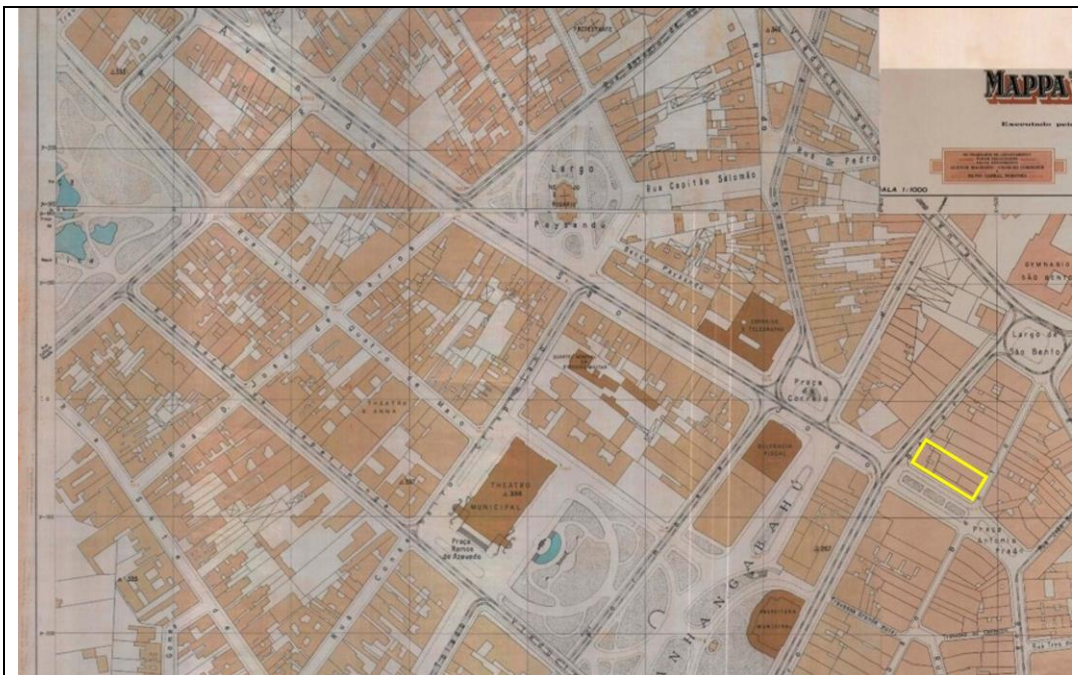
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	062	LOTE	0009
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-100 NP.2						
Numeração Anterior: 04							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Banco do Brasil						
ENDEREÇO:	Avenida São Joao, 32; Rua São Bento, 465; Rua Libero Badaró, 568.						
Coordenadas GPS:	23°32'42"S , 46°38'05"O						
							
GEGRAN fl. 331423				Foto: RHVS, 2007.			
Período de Construção:	1942 – 1955 (habite-se)			Nº de pavimentos:	3 subsolos + T São Bento + 22		
Uso atual:	Institucional – Banco do Brasil			Uso original:	Institucional – Banco do Brasil		
Autor do projeto:	Engº. Caio Pedro Moacyr; Construtor: Leão, Ribeiro & Cia. Ltda.						
Estilo:	Art-déco						
Técnica construtiva:	Concreto armado e alvenaria de tijolos						
Frente:	22.60 m (São Bento); 3.50 m chanfro; 58.95 m (São João); 3.50 m chanfro; 18.00 m (Libero Badaró)						
Pavimento Recuo superior:	A partir do 11º.						
Proprietário:	Banco do Brasil						
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	Nenhuma		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS¹⁶

“O projeto do Edifício do Banco do Brasil consolida o uso institucional da área, dentro de um quadro de forte verticalização urbana após Segunda Guerra. Sua construção foi iniciada em 1942, sofreu modificações em seu projeto original e chegou a ser embargado por breve período, sendo finalmente concluído em 1955. A firma Leão, Ribeiro e Companhia Limitada foi a responsável por sua execução. Atualmente, o edifício mantém seu uso inicial, abrigando tanto a sede do banco quanto espaços para escritórios.

O edifício apresenta estrutura racionalista e despojada de ornamentações. A fachada voltada para a Rua São Bento é ritmada pelo escalonamento de volumes, enquanto a fachada voltada para a Avenida São João apresenta desenvolvimento tripartite - característica ainda vinculada ao gosto da academia -, composta por base, corpo e coroamento. O térreo do edifício é revestido, parte de granito cinza com acabamento rústico e parte de granito preto polido, este último inclusive nos pórticos de acesso. As esquadrias apresentam gradis artísticos de ferro. Os pavimentos superiores são totalmente revestidos de pastilhas de porcelana e as esquadrias são de ferro e vidro do tipo guilhotina. Internamente, verifica-se que os halls de acesso possuem piso de granito preto e cinza, paredes com revestimento de mármore, pilares e escadas revestidos de granito preto polido, laje com revestimento de argamassa pintada, e a maioria das portas de vidro temperado com duas folhas de abrir. Os corredores apresentam piso e paredes de mármore, pilares revestidos de pastilhas de porcelana, laje com argamassa pintada e portas de madeira lisa com uma folha de abrir. O saguão de autoatendimento (com entrada pela Rua São Bento) apresenta paredes e pilares de mármore. Algumas paredes ostentam painéis artísticos de mármore em alto relevo, apresentando cenas que retratam a colheita de produtos agrícolas como cana-de-açúcar e bananas. O piso é de granito e o forro é rebaixado de EPS. Os pavimentos-tipo apresentam paredes com revestimentos variados, a saber: de mármore do piso ao teto; de mármore até meia-altura e, acima, argamassa pintada; de pastilhas de porcelana do piso ao teto; de argamassa pintada do piso ao teto. Os pilares são revestidos de pastilhas de porcelana e as lajes de argamassa pintada. As esquadrias são, em sua maioria, de vidro temperado com duas folhas de abrir, ou de madeira lisa com uma ou duas folhas de abrir”.



REGISTROS ICONOGRÁFICOS



RHVS, 2007.

DESENHOS

¹⁶ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

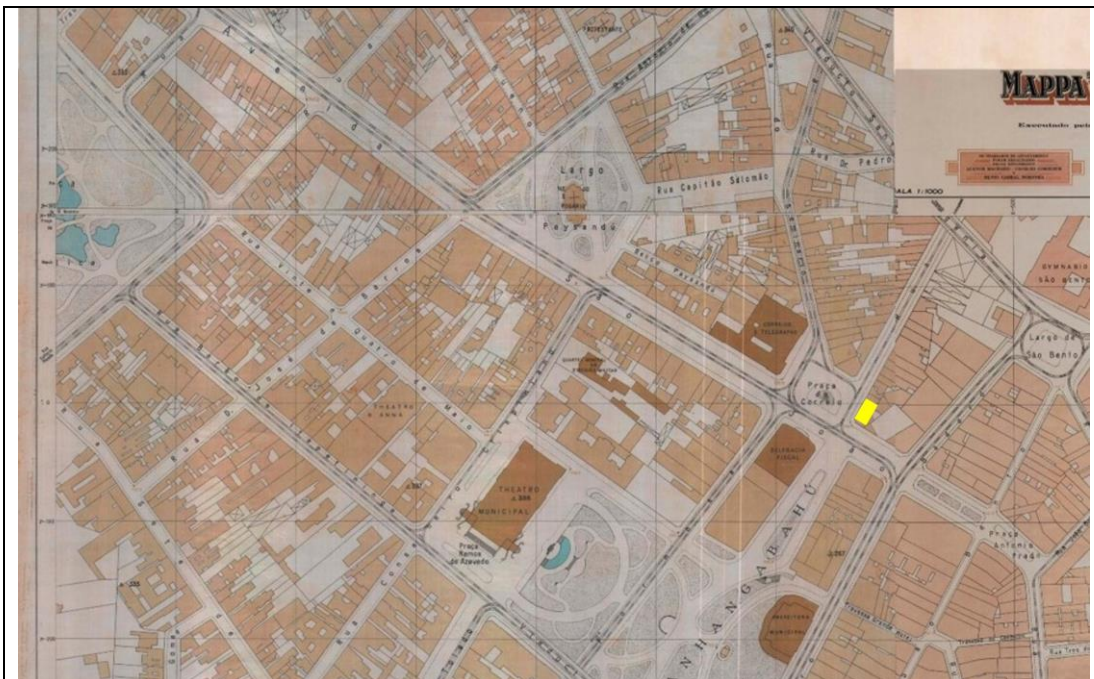
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	061	LOTE	0008
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-95 NP.3						
Numeração Anterior: 12T							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Casa Dhéломme						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 98; Rua Libero Badaró, 557						
Coordenadas GPS:	23°32'41"S / 46°38'07"O						
							
EGRAN fl. 331422 - 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	Projeto 1920			Nº de pavimentos:	T + 6 + terraço		
Uso atual:	Institucional			Uso original:			
Autor do projeto:	E construção: Escritório Técnico Companhia Iniciadora Predial						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	nenhuma		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS¹⁷

“Em 1920, o proprietário Daniel Dhélonme solicita licença para a construção da Casa Dhélonme, prevendo a instalação de um armazém no térreo, de escritórios nas sobrelojas e de quartos nos andares superiores. A obra teve como responsável o escritório técnico da Companhia Iniciadora Predial. Posteriormente, no início da década de 1940, o mesmo proprietário requer alvará de demolição do último pavimento e de posterior reconstrução, após incêndio ocorrido nesse andar. O projeto, elaborado pelo escritório de Ramos de Azevedo, Severo Villares e Companhia, sofreu substituição de plantas, incluindo a construção de uma pérgula na cobertura. Em 1946, a prefeitura defere pedido de conservação de obra realizada sem a devida licença, que consistiu na transformação da janela do térreo em uma porta, abrindo um acesso direto ao porão do edifício. Por fim, em 1954, um projeto de reforma intentava modificar os vãos do térreo, provavelmente, para se adequar aos espaços das lojas existentes. Tal reforma, no entanto, sofreu auto de embargo e acabou não sendo concluída. Atualmente, a edificação é ocupada pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social.

O edifício encontra-se em lote de esquina e possui duas fachadas semelhantes unidas por um plano chanfrado. No térreo, o sóculo é de granito polido e o restante do revestimento em argamassa raspada com bossagem que se reproduz em toda a fachada. O acesso ao imóvel é feito pela Rua Libero Badaró, por vão encimado por frontão e com porta de ferro em serralheria artística e vidro, a qual se repete nas bandeiras dos demais vãos do térreo, sobre portas metálicas de enrolar. O eixo do acesso corresponde, no projeto, à escadaria interna, demarcada na fachada por janelas tríforas com vitrais em caixilhos de ferro até o quinto andar.

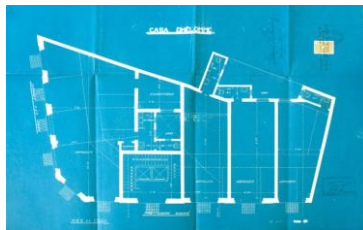
Nos demais panos das fachadas, distribuem-se elementos e ornamentos diversificados. No terceiro andar, há balcões de alvenaria com guarda-corpo em balaustrada; já no quarto e quinto pavimentos, balcões com guarda-corpo metálico. Os vãos têm sobrevergas retas ou em arco pleno, são simples ou em conjunto de janelas tríforas e bíforas. Todas as esquadrias superiores são de madeira, atualmente envernizada, com requadros de vidro de abrir; algumas com bandeiras fixas. Os últimos pavimentos, resultado de reforma ocorrida na década de 1940, apresentam maior simplicidade na ornamentação e cobertura de laje. Sobre o volume mais alto da cobertura, há um heliporto.

O imóvel está situado em lote de esquina e detém privilegiada visualização a partir de todas as vias dele próximas. Volta-se para a Rua Libero Badaró e para o trecho pedestrianizado da Avenida São João que se integra ao Parque do Anhangabaú. Na Avenida São João, encabeça uma sequência de edifícios de gabarito, tipologia arquitetônica e período construtivo semelhantes, que formam um conjunto raro e uniforme, remanescente da ocupação do logradouro nos anos 1910 e 1920. Na Rua Libero Badaró confronta com construção de menor gabarito e mais recente, que também favorece a visibilidade do bem em questão”.

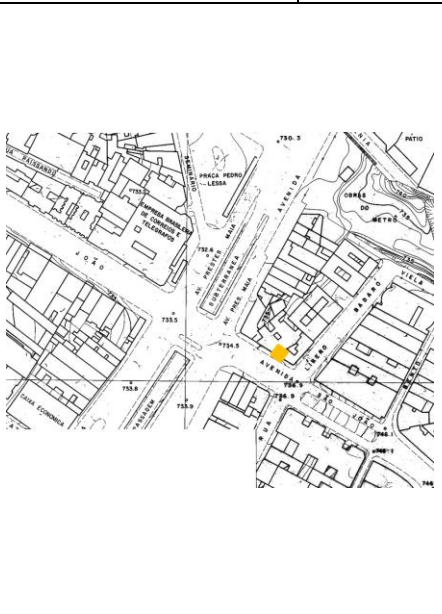

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



¹⁷ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	061	LOTE	0009
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-96 NP.3						
Numeração Anterior: 12							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:		Avenida São João, 102					
Coordenadas GPS:		23°32'41"S , 46°38'07"O					
							
EGRAN fl. 331422 – 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:		Projeto 1926			Nº de pavimentos:		T + 5
Uso atual:		Comércio e serviços			Uso original:		
Autor do projeto:		E construção: Luiz Asson					
Estilo:		Eclético					
Técnica construtiva:		Alvenaria de tijolos					
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:		José Pucci					
Estado de conservação:		ruim			Grau de alteração:		pouca
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS¹⁸

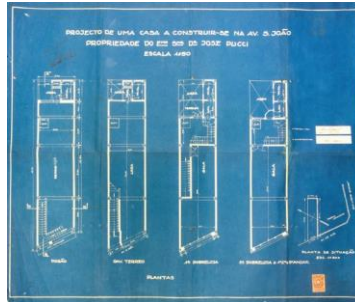
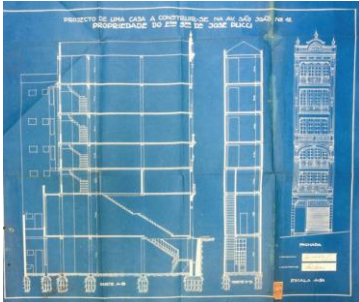
"O pedido de alvará de licença para construção do edifício localizado na Avenida São João 102-104 (antigo nº 12) foi feito em 1926, quando proprietário do imóvel, José Pucci, e encarregado da construção, Luiz Asson. O projeto previa o uso comercial no térreo e de serviços nos pavimentos superiores. Atualmente, é ocupado por lojas e escritórios que oferecem serviços, além de um bar no térreo.

O edifício está implantado em lote alongado e de pouca frente, o que resultou em uma fachada estreita e, proporcionalmente, alta. Apresenta composição eclética, o acabamento é em argamassa lisa pintada e o desenho é quase que inteiramente formado pelos vãos dos ambientes internos. Sendo esses o principal elemento compositivo, foram projetados de forma diferenciada para cada pavimento, em arco elíptico, com cantos curvos e com guarda-corpos em diversificada arte de serralheria. O terceiro piso, no centro da edificação, possui balcão discretamente avançado, com guarda-corpo de alvenaria e balaustrada. As portas-balcão, de madeira e vidro, de abrir, seguem o formato do respectivo vão. Unindo toda a composição, molduras margeiam a fachada do primeiro ao último pavimento, ornamentadas com capitéis e motivos geométricos com acantos. Coroando a fachada, uma cimalha com mísulas antecede a platibanda com balaústres e frontão no centro. No térreo, os vãos abrigam portas metálicas de folha simples no acesso, e de enrolar no estabelecimento comercial".

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



¹⁸ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

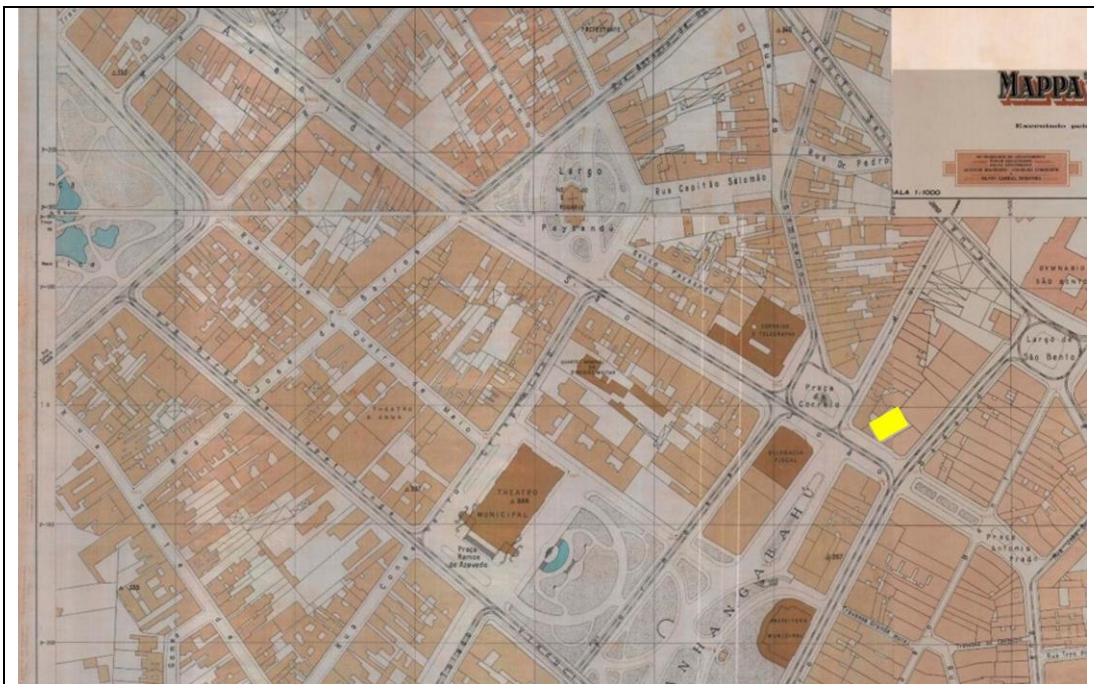
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	061	LOTE	0010
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-97 NP.3						
Numeração Anterior: 12A							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:	Avenida São João, 108						
Coordenadas GPS:	23°32'40"S , 46°38'08"O						
							
GEGRAN fl. 331422 - 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1936			Nº de pavimentos:	T + 4		
Uso atual:	Comércio e serviços			Uso original:			
Autor do projeto:	Não identificado; Construtor: A. Salfati & M. Buchignani						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de Tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:	Comm. Gioele Bertolli						
Estado de conservação:	ruim			Grau de alteração:	pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS¹⁹

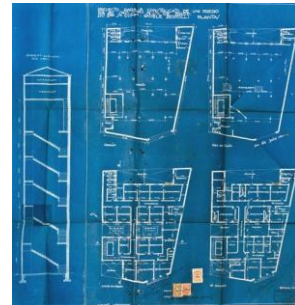
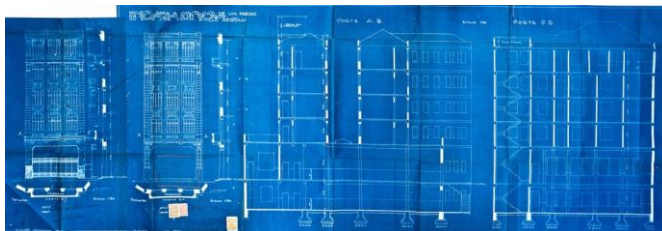
"O edifício localizado na Avenida São João 108 foi construído em 1934 pela firma A. Salfati & M. Buchignani quando proprietário, Gioeli Bertolli.

O edifício foi projetado com vistas ao uso misto: no térreo, uma loja, provavelmente destinada à comercialização de relógios; os 1º, 2º e 3º andares para escritórios; o 4º andar, para apartamentos residenciais. Atualmente, seus apartamentos são ocupados por pequenos estabelecimentos de comércio e serviços, além de um bar no andar térreo. O edifício apresenta corpo volumoso adentrando a quadra, e sua estreita fachada voltada para a via sugere equivocadamente tratar-se de uma construção delgada. A solução adotada para reverter essa desproporcionalidade foi a construção de poços internos para permitir ventilação e insolação aos ambientes. A fachada frontal, de inspiração neoclássica, apresenta revestimento de argamassa pigmentada e composição baseada na simetria distribuída em três eixos divididos por meias-colunas. Esse par de ornamentos, aliado aos cunhais laterais, reforça a leitura vertical da edificação, iniciada no primeiro pavimento por balcão de alvenaria sustentado por par de mísulas, com guarda-corpo balaustrado e limitado pelos cunhais. Os vãos, intercalados por cártulas, abrigam esquadrias de madeira pintada e vidro, de abrir e com bandeiras da mesma tipologia até o terceiro piso. No quarto e último pavimento, o balcão de alvenaria se repete antevendo a finalização da composição. Nesse, as envasaduras são em arco pleno de forma a concluir o alinhamento vertical dos vãos. Segue-se, então, a cimalha denticulada abrangendo toda a largura da fachada e, por fim, a platibanda, interrompida apenas por um par de pilastras – extensão das meias-colunas – ocultando a cobertura de telhas cerâmicas e coroando a fachada".

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



¹⁹ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

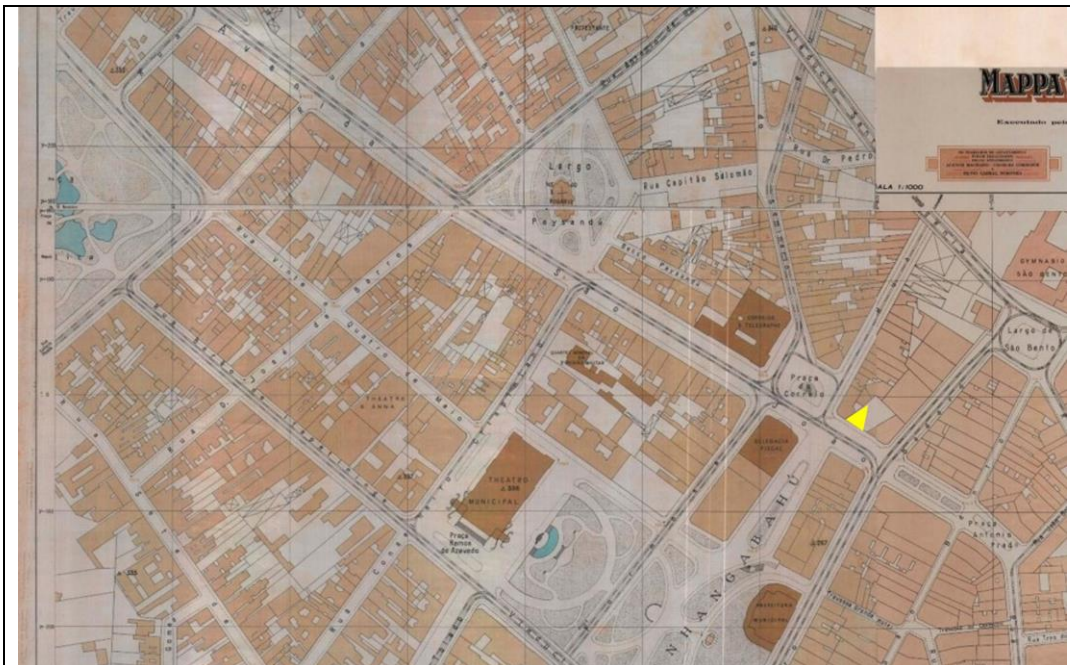
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	061	LOTE	0011
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE		Tombado Resolução 37/92-98 NP. 3					
Numeração Anterior: 14							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:							
ENDEREÇO:		Avenida São João, 114					
Coordenadas GPS:		23°32'41"S , 46°38'08"O					
							
GEGRAN fl. 331422 - 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:		1922 – 1925 1926		Nº de pavimentos:		T + 5	
Uso atual:		Comércio e serviços		Uso original:			
Autor do projeto:		E construção: F. P. Ramos de Azevedo & Cia					
Estilo:		Eclético					
Técnica construtiva:		Alvenaria de tijolos					
Frente:							
Pavimento Recuo superior:		Não possui					
Proprietário:		Daniel Dhèlomme					
Estado de conservação:		ruim		Grau de alteração:		Pouca	
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²⁰

"Este edifício foi construído entre 1922 e 1925 pela firma F. P. Ramos de Azevedo & Cia, para o proprietário do imóvel, Daniel Dhelomme. O projeto previa, no térreo, uso comercial, e na sobreloja, e no 1º e 2º andares, escritório e salas comerciais respectivamente.

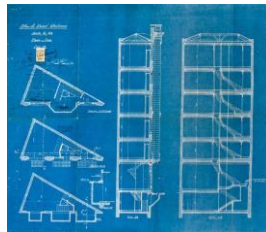
O edifício possui planta triangular e corpo com pouca profundidade adentrando a quadra, mais precisamente na forma de um triângulo isósceles. A fachada tem composição eclética com ornamentos inspirados no neoclássico, que se distribuem ao longo dos três eixos verticais. Destaca-se o avanço do eixo central em volume chanfrado, com bossagem, em cuja face principal se alinham envasaduras solitárias finalizadas por cártula sobre o vão do último pavimento. Nas faces alinhadas à via, os vãos configuram janelas tríforas com composições diversificadas, formando arcos plenos ou abatidos, ou conjunto de vergas retas, alinhados pelo peitoril ou centralizados. Entre eles há detalhamentos ornamentais como festões, faixas de folhagens com pequenas cártulas, conchas, etc.. O conjunto dos elementos dessas faces é, então, agrupado por moldura abrangendo todos os pisos superiores. Arrematando a edificação, tem-se a cimalha e a platibanda, em toda a largura da fachada e contornando a volumetria avançada. "

"O imóvel está situado em trecho largo e pedestrianizado da Avenida São João, próximo ao Parque do Anhangabaú - pontos com grande carga simbólica. Junto aos edifícios próximos, forma um interessante conjunto arquitetônico que remonta às transformações rumo à modernidade, ocorridas nesta região da cidade durante sua expansão na primeira metade do século XX. Próximo ao bem em questão há outras tantas construções emblemáticas da cidade, como o Edifício dos Correios, o Martinelli, o Mosteiro São Bento e o Altino Arantes, entre diversos outros. Os vizinhos seguem com gabarito e tipologia semelhantes e, com eles, compõem uma face de quadra uniforme e representativa da arquitetura praticada nos anos 1920 e 1930"

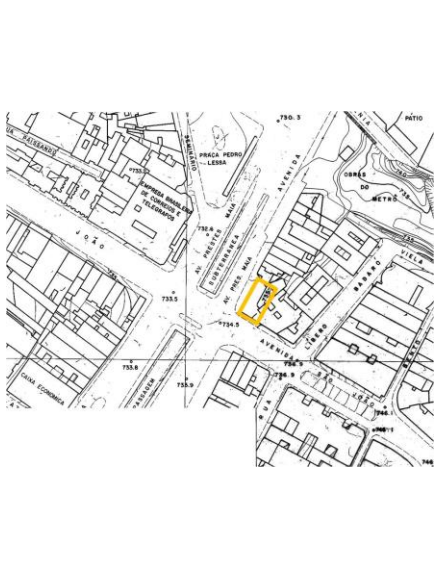

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



²⁰ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

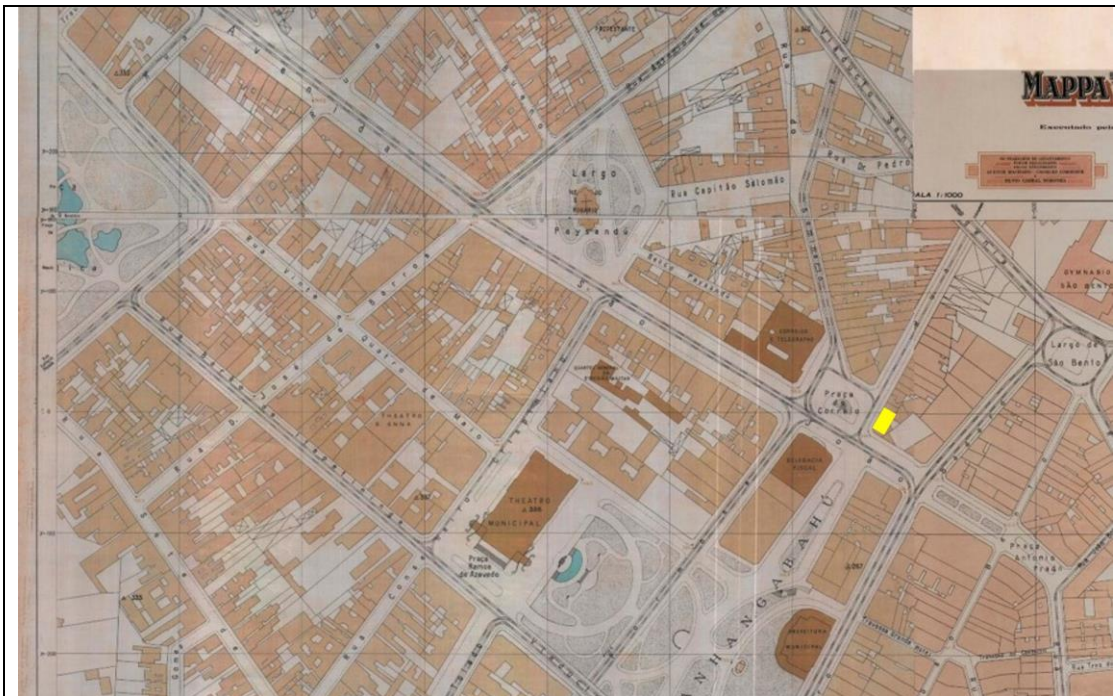
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	061	LOTE	0012
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-99 NP.3						
Numeração Anterior: 16							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Edifício Baraúna – Edifício José Moreira						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 126; Avenida Prestes Maia, 16-20-36-40-44.						
Coordenadas GPS:	23°32'40"S , 46°38'09"O						
							
GEGRAN fl. 331422 - 331423				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1923			Nº de pavimentos:	T + 5		
Uso atual:	Comércio e serviços			Uso original:			
Autor do projeto:	c. Ricardo Severo						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de Tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:	Irmandade da Santa Casa de Misericórdia						
Estado de conservação:	Razoável			Grau de alteração:	Pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²¹

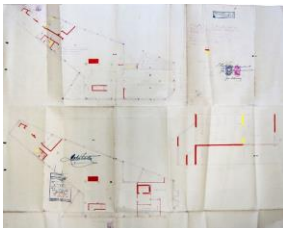
"Localizado na esquina da Avenida São João com o Vale do Anhangabaú, o Edifício Baraúna teve pedido de alvará de construção solicitado em **1935**, sendo o interessado, Joaquim Gonçalves Moreira. No mesmo ano, é solicitado, pela Companhia Antártica Paulista, alvará de licença para reforma do térreo e do subsolo para instalação de um restaurante de luxo. O prédio foi construído pouco depois do período de grandes reformas por que passou este trecho da avenida, durante a década de 1910, seguida da remodelação prevista pelo Plano Bouvard, que incluiu a troca do calçamento, o alargamento da rua e a demolição dos prédios construídos no lado par do trecho que se estendia entre a Rua Líbero Badaró e o Paissandú. Uma transformação ainda maior ficou reservada ao vale, com a instalação do Parque Anhangabaú. O período de sua construção deu-se alguns anos após ao de seu ilustre vizinho, o Edifício Martinelli, inaugurado em 1929. Atualmente, o edifício abriga o Bar Guanabara em seu térreo, além de diversos escritórios, e sua atual proprietária é a Santa Casa de Misericórdia."

"O edifício, posicionado em esquina, tem fachadas voltadas para as avenidas São João e Prestes Maia em estilo neocolonial, evidenciado nos frontões barrocos e na sua modenatura. Os pisos superiores estabelecem pouca relação com o térreo devido ao desalinhamento dos vãos e à cimalha sobre o térreo. A continuidade harmônica da linguagem arquitetônica entre térreo e demais pavimentos atualmente ocorre apenas na extremidade esquerda da fachada principal, onde o acesso é encimado por frontão com óculo e circundado por pilastras molduradas. A fachada principal apresenta maior destaque, não somente por sua maior extensão, mas principalmente pelo tratamento dado ao eixo central onde se situa, um volume avançado entre o segundo e o terceiro pavimento, posicionado sobre altos vãos duplos em arco pleno a resultando em uma varanda coberta. Acima, o mesmo volume conforma um balcão para o último andar e é, então, finalizado por frontão. No segundo e quarto pavimentos distribuem-se balcões com guarda-corpo de ferro em serralheria artística, tanto na fachada da Avenida São João quanto na da Prestes Maia, sendo um importante elemento de harmonia entre as fachadas. O encontro destas se dá por face chanfrada realçando a posição em esquina do imóvel, onde se localizam os únicos dois muxarabies da edificação. As esquadrias dos pisos superiores são de madeira com requadros de vidro, com duas folhas de abrir e bandeira fixa (entre o segundo e o quarto pavimento). Os muxarabies apresentam folhas de gelosia e, no último pavimento, janelas de madeira venezianas. No térreo, o acesso feito pela Avenida São João é de madeira, com duas folhas de abrir; os demais vãos têm portas metálicas de enrolar e janelas metálicas com vidro".

REGISTROS ICONOGRÁFICOS





DESENHOS



Plantas de andar tipo (fonte: DAMP_1985-0.014.429-7 - ago/ 1935)

²¹ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	058	LOTE	0001
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-90 NP.1						
Numeração Anterior: 24							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Edifício dos Correios						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 250; Avenida Prestes Maia, s/n; Praça Pedro Lessa, 31						
Coordenadas GPS:	23°32'31"S , 46°38'11"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: http://blog.correios.com.br/correios/wp-content/uploads/2012/11/predio-historico-dos-correios-II.jpg			
Período de Construção:	1920 – 1922			Nº de pavimentos:	T + mezanino + 3		
Uso atual:	Correios (serviços) e Centro Cultural			Uso original:	Correios (serviços)		
Autor do projeto:	Arqtº Domiziano Rossi e arqtº Felisberto Ranzini Construção: E. T. Ramos de Azevedo						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior	Não possui						
Proprietário:	Empresa de Correios e Telégrafos do Brasil						
Estado de conservação:	Ótimo			Grau de alteração:	Nenhuma		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²²

“A idéia da construção do Edifício dos Correios e Telégrafos surgiu em 1918, quando o Presidente Wenceslau Brás visitou São Paulo e criticou as instalações então localizadas no Largo do Colégio. A partir da Proclamação da República, os Correios vinham expandindo suas atividades, com novos meios de transporte, possibilitando a chegada em locais mais distantes e aumentando o atendimento da demanda. O local escolhido para a construção foi a área dos antigos Hospital Militar e Mercado da São João. A cerimônia de lançamento da pedra fundamental do novo edifício aconteceu no dia 7 de outubro de 1920, e contou com a presença do rei da Bélgica, Alberto I. O projeto é de autoria dos arquitetos Domiziano Rossi e Felisberto Ranzini, do Escritório Técnico Ramos de Azevedo e a obra foi inaugurada em 20 de outubro de 1922: um dos equipamentos urbanos planejados para as festividades do centenário da Independência. O prédio concentrou as atividades administrativas do Correio até a década de 1970, quando a instituição se mudou para Vila Leopoldina. No local, permaneceu em funcionamento a Agência Central dos Correios, que passou por reforma em 1978 para abrigar serviços gerais de postagem. Além desta, ao longo de sua existência passou por outras reformas com modificações de portas, divisões internas, rebaixamento de forro e instalação de elevadores. Em 1997 o prédio foi objeto de um concurso de arquitetura, com vistas à adaptação de suas instalações a um centro cultural. O projeto vencedor, do escritório UNA Arquitetos, buscou valorizar a circulação interna e a adaptação dos espaços às atividades do centro cultural, mas que não chegou a ser implantado em sua totalidade.

O prédio dos Correios possui características ecléticas e linguagem clássica equilibrada, apresentando uma imagem sóbria, elegante e sem exageros. O conjunto é composto de um prédio principal com 4 pavimentos e porão, e de um bloco secundário menor, com 3 pavimentos. As fachadas apresentam a divisão tradicional de embasamento, corpo e coroamento. No corpo central há janelas, no segundo e terceiro pavimentos, enquadradas por "pilstras monumentais cortadas pela linha horizontal do entablamento; já os laterais têm os pavimentos marcados por fiadas de janelas estreitas, com tratamento diferenciado nas vergas e sobrevergas em cada andar. O ângulo de confluência da praça com a avenida, em chanfro, tem a divisão tripartida que, assim como o ritmo, é mantida na fachada da São João conferindo a continuidade visual do edifício; as janelas do último pavimento são todas com vãos em arco pleno. O conjunto é finalizado por uma cornija e "coroado por frontões decorados e balaústres, enfatizando o eixo central de cada fachada, delimitando e ornamentando os volumes ligeiramente salientes dos corpos laterais. Duas figuras ladeiam o relógio que coroa a fachada principal, "funcionando muito mais como complemento da decoração do que alegorias propriamente ditas. As fachadas são revestidas de argamassa pigmentada ou raspada, com exceção do sócolo, das escadas e de alguns trechos do pavimento térreo, em granito rugoso. As esquadrias são de ferro e vidro, incolor fantasia ou liso, com folhas de abrir (sendo que as esquadrias maiores possuem folhas laterais fixas) e bandeira de tombar. A marquise possui estrutura de ferro e cobertura em vidro aramado incolor. Toda serralheria utilizada no prédio foi feita pelo Liceu de Artes e Ofícios. Internamente, as paredes receberam pintura sobre argamassa lisa, sendo que alguns pilares, localizados na lateral do mezanino, apresentam filetes a meia-altura e pintura em duas cores. Observam-se, no local, diversos pontos de prospecções pictóricas. O piso foi revestido com granito polido, enquanto o forro apresenta placas de gesso rebaixadas, fixadas ao teto e com luminárias embutidas. O guarda-corpo do mezanino é de vidro e alumínio. No projeto de intervenção de 1997, foi criado um grande vazio central a partir do qual todos os espaços se articulam. Esse grande vazio resulta da união e da ampliação de dois vazios menores, preexistentes: uma clarabóia, que no projeto original cobria um vão que existia entre todos os andares (parcialmente obliterados no momento do concurso), e uma área externa de ventilação entre o bloco lateral e o corpo principal do edifício. Essa operação significou a dissolução do miolo do edifício (justamente aquele território mais indistinto e variável entre andares), permitindo uma geometria mais definida que se configura em torno desse vazio”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



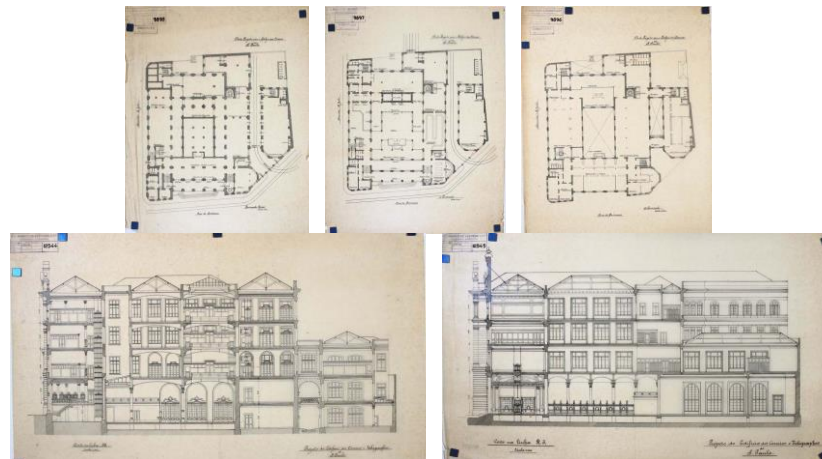
²² Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).



DESENHOS



Fachada principal, do Parque do Anhangabaú (fonte: DAHSP Fundo Severo & Villares)
Fachada lateral da Av. São João (fonte: DAHSP Fundo Severo & Villares - ago/ 1928)
Fachada lateral da Praça Pedro Lessa (fonte: DAHSP Fundo Severo & Villares)



Planta do pavimento térreo - Planta do 1º pavimento - Planta do 2º pavimento
Corte F - G / Corte H - I (fonte: DAHSP Fundo Severo & Villares - ago/ 1928)

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	058	LOTE	0092
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE		Tombado Resolução 37/92-91 NP.3					
Numeração Anterior: 28							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Hotel Central						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 284; complemento: Rua Abelardo Pinto, 88-90						
Coordenadas GPS:	23°32'37"S , 46°38'13"O						
							
EGGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1918			Nº de pavimentos:	T + 3 + ático		
Uso atual:	Invadido			Uso original:	Hotel (serviços)		
Autor do projeto:	E construção: Escritório de Ramos de Azevedo						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Péssimo			Grau de alteração:	pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²³

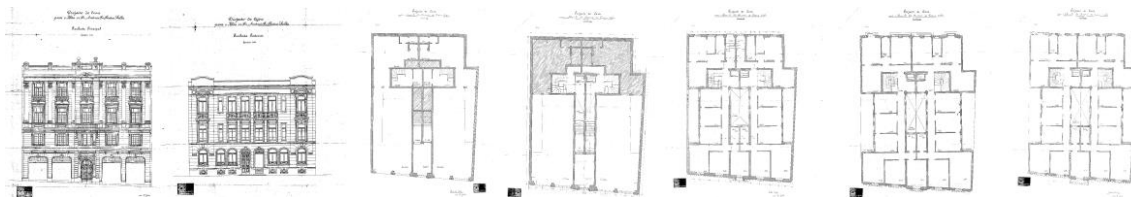
"No início do século XX, surgem hotéis luxuosos próximos ao Teatro Municipal para abrigar os barões do café e os emergentes industriais, já que a cidade dispunha apenas de hotéis mais simples ou pousadas. Para o atendimento dessa nova demanda, mais exigente, alguns hotéis foram instalados em edifícios que haviam sido construídos para fins residenciais ou para escritórios, como é o caso dos Hotéis Central e Britânia, de 1918 e 1920 respectivamente. Ambos foram projetados e construídos pelo escritório de Ramos de Azevedo para "renda", a pedido do Sr. Antônio de Pádua Salles. Os edifícios mantinham, inicialmente, armazéns e depósitos no térreo, e salas comerciais ou de serviços nos pavimentos superiores. São de grande importância documental, representando uma época em que se mesclava o ecletismo com o concreto armado, permitindo prédios com maior altura, sendo um dos primeiros hotéis de quatro pavimentos na cidade. Embora semelhantes e paralelos, os edifícios não foram projetados conjuntamente: o Central foi construído antes que o Britânia, quando do alargamento da Avenida São João. Caracterizados por suas mansardas estilizadas, compondo bela paisagem da então moderna avenida, que também abriga, ao lado dos dois hotéis, o prédio dos Correios, projeto também de Ramos de Azevedo.

O edifício, de linguagem eclética, possui duas fachadas, sendo a principal voltada para a Avenida São João e a posterior para a rua do lado oposto da quadra, Abelardo Pinto. A principal possui composição simétrica em relação ao eixo vertical central, este reforçado por pequeno avanço sobre a via de pedestres, balcões diferenciados - com balaustre no segundo pavimento e com colunas e vasos no primeiro -, fachada através da qual se dá o acesso ao edifício, cujo vão é emoldurado com granito ornamentado. No pavimento térreo dessa fachada, ocupado por estabelecimentos comerciais, a bossagem e o sócolo de granito rusticado (com bordas lisas) encontram-se sob pinturas diversas a depender do estabelecimento. A bossagem continua nos pavimentos superiores, porém com menor saliência. Distribuem-se também pela fachada pilaretes, cártulas e cimalha com denticulos. O último pavimento configura-se em forma de mansarda, com cobertura em ardósia (ou em reprodução a esta), e com lucarnas encimadas por frontões. No pavimento térreo, os vãos comerciais possuem portas metálicas, de enrolar, com bandeiras de serralheria ornamental. A porta de acesso ao edifício tem duas folhas em serralheria ornamental, assim como sua bandeira. Nos pavimentos superiores, incluindo as lucarnas, as esquadrias são de madeira, externamente com duas folhas venezianas articuladas, internamente de madeira e vidro. Nos segundo e terceiro pavimentos as esquadrias são acrescidas de bandeiras fixas de vidro em caixilhos de madeira; e na mansarda, as bandeiras são de venezianas fixas. No primeiro pavimento não há bandeiras, mas os vãos são ornamentados com peitoris em detalhada serralheria. A fachada posterior apresenta detalhamento menos requintado, mas com bossagem, balcões sustentados por consolos e limitados por guarda-corpo metálico. Difere também na disposição dos elementos sendo possível observar um corpo central, no eixo das quatro lucarnas com frontões em arco abatido e módulos nas extremidades laterais, no eixo das lucarnas com frontões triangulares. No térreo, o acesso central se dá por porta de madeira de duas folhas, com postigo de madeira e gradil metálico com serralheria ornamental, assim como sua bandeira. As demais esquadrias seguem a tipologia da fachada frontal".

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



Fachadas principal e posterior - Planta fundos - Planta do Rés do Chão - Planta da sobreloja
(fonte: DAHSP_1915_Cx_416 - 1915)

²³ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	058		LOTE	0049
BAIRRO:	Centro							
PROTEÇÃO EXISTENTE			Tombado Resolução 37/92-92 NP.3					
Numeração Anterior: 30								
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:								
IDENTIFICAÇÃO:		Hotel Britânia						
ENDEREÇO:		Avenida São João, 300; complemento: Rua Abelardo Pinto, 78						
Coordenadas GPS:		23°32'37"S , 46°38'14"O						
								
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.				
Período de Construção:		1920			Nº de pavimentos:		T + 3 + ático	
Uso atual:		Comércio e Residencial			Uso original:		Hotel (serviços)	
Autor do projeto:		E construção: Escritório Ramos de Azevedo						
Estilo:		Eclético						
Técnica construtiva:		Alvenaria de tijolos						
Frente:								
Pavimento Recuo superior:		Não possui						
Proprietário:		Antônio de Padua Salles						
Estado de conservação:		médio			Grau de alteração:		pouca	
Processos:								

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²⁴

"Ambos foram projetados e construídos pelo escritório de Ramos de Azevedo para "renda", a pedido do Sr. Antônio de Pádua Salles. Os edifícios mantinham, inicialmente, armazéns e depósitos no térreo, e salas comerciais ou de serviços nos pavimentos superiores. São de grande importância documental, representando uma época em que se mesclava o ecletismo com o concreto armado, permitindo prédios com maior altura, sendo um dos primeiros hotéis de quatro pavimentos na cidade. Embora semelhantes e paralelos, os edifícios não foram projetados conjuntamente: o Central foi construído antes que o Britânia, quando do alargamento da Avenida São João. Caracterizados por suas mansardas estilizadas, compondo bela paisagem da então moderna avenida, que também abriga, ao lado dos dois hotéis, o prédio dos Correios, projeto também de Ramos de Azevedo."

"O edifício foi construído como uma ampliação do existente à sua direita, o Hotel Central, e seguindo a mesma modulação. Desta forma, o eixo - enobrecido pelo pequeno avanço sobre a via - situa-se ao lado direito, por onde se dá o acesso, mantendo, assim, o ritmo ditado pelo seu vizinho. Como este, possui também a fachada posterior voltada para a rua paralela, do lado oposto da quadra - Abelardo Pinto. Na Avenida São João, no pavimento térreo, ocupado por estabelecimento comercial, a fachada possui revestimento de granito polido e, acima deste, bossagem e ornamentos ecléticos. No acesso, bossagem mais acentuada nos cunhais e maior requinte de ornamentos. Nos pavimentos superiores, com atual pintura látex, a bossagem é mais discreta e distribuem-se ornamentos tais como pilaretes, cártulas e cimalka com denticulos. O último pavimento configura-se em forma da mansarda, com cobertura em ardósia (ou em reprodução a esta) e lucarnas encimadas por frontões. No pavimento térreo, os vãos comerciais possuem portas metálicas, de enrolar. O acesso ao edifício dá-se por porta metálica de duas folhas, com pano posterior de vidro fantasia. Nos pavimentos superiores as janelas são metálicas, com duas folhas, vidro e bandeira fixa. Apenas um dos vãos apresenta esquadrias veneziana de madeira, de duas folhas articuladas. A fachada posterior apresenta-se detalhamento menos requintado com bossagem e balcões sustentados por consolos e limitados por guarda-corpo metálico. No térreo, possui porta metálica com vidro e bandeira fixa, janelas com duas folhas de madeira almofadadas com vidro e bandeiras fixas. No primeiro pavimento, dois vãos com janelas de duas folhas venezianas, articuladas, de madeira".

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



Fachada principal - Fachada posterior - Planta do rés do Chão - Corte longitudinal
(Fonte: DAHSP_1920_CxS7 - 1920)

²⁴ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.



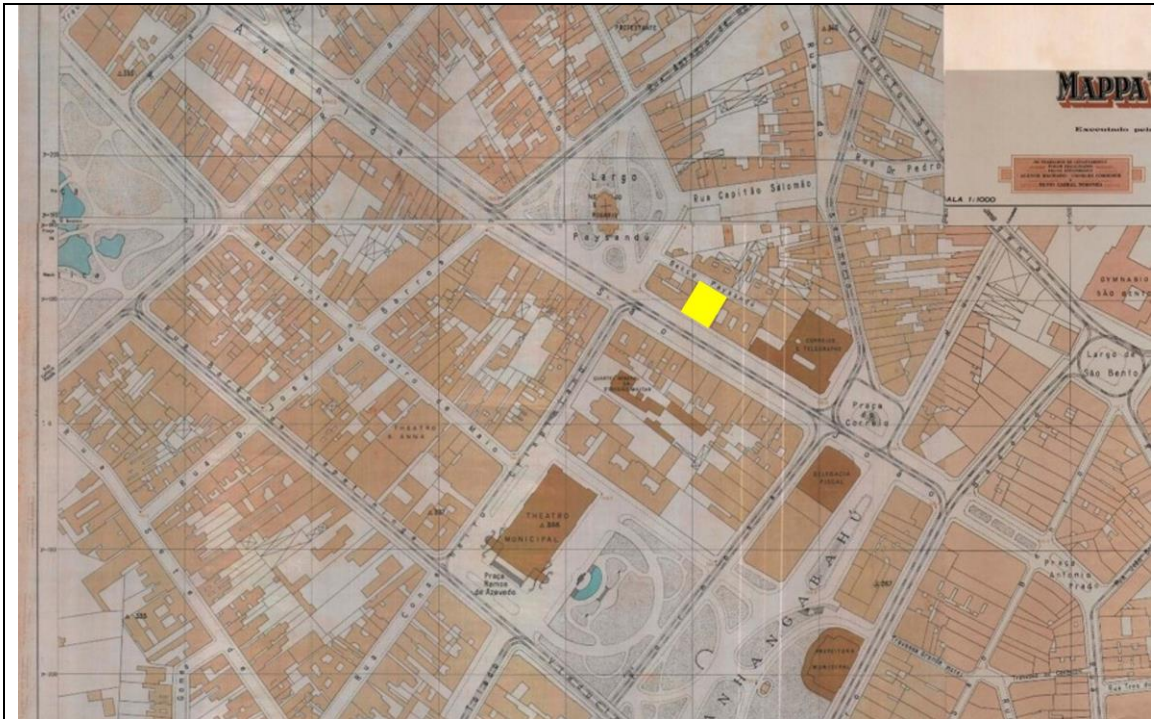
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	058	LOTE	0118
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-93 NP3						
Numeração Anterior: 32							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Prédio Oscar Rodrigues						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 314; Rua Abelardo Pinto, 54-58-60						
Coordenadas GPS:	23°32'37"S , 46°38'14"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1928			Nº de pavimentos:	T + sobreloja + 7 + ático		
Uso atual:	Residencial e comércio			Uso original:			
Autor do projeto:	Não identificado. Construtor: Monteiro, Heinsfurter & Rabinovitch						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	Nenhuma		
Processos:							

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²⁵

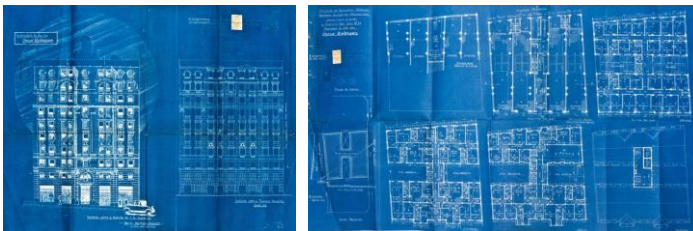
"Executado no lote vizinho aos dos Hotéis Britânia e Central, cujos projetos são de Ramos de Azevedo, este edifício é representativo do processo de popularização do uso do concreto armado na cidade, que possibilitou a construção de prédios mais altos. O prédio Oscar Rodrigues foi projetado, em 1927, para o comerciante português Oscar Rodrigues, e construído pela firma Monteiro, Heinsfurter & Rabinovitch, para abrigar a residência da família em um momento em que a São João se tornava uma avenida importante no centro expandido, seguindo o modelo parisiense de amplas e largas avenidas. "

"O edifício conta com 10 pavimentos em concreto armado servido por dois elevadores com portas pantográficas. Sua composição é tripartida e o ritmo da fachada é marcado por duas projeções que se estendem pelo corpo e coroamento que se separa da mansarda dupla por uma cornija. O imóvel consiste de dois blocos paralelos à via e unidos por torre de circulação vertical, configurando uma planta em forma de "H" com dois poços de iluminação e ventilação naturais. Os blocos se voltam para vias opostas, a Avenida São João e a Rua Abelardo Pinto, sendo a fachada desta última usada como acesso de serviços, portanto mais simplificada nos detalhes arquitetônicos. As fachadas apresentam linguagem eclética com influências neoclássicas evidenciadas pela modenatura, simetria, bossagem pigmentada, ornamentos, sóculo de granito e finalização dos corpos edificados com cobertura de mansarda em telhamento metálico com lucarnas. Na fachada principal sobressaem-se dois corpos avançados, do segundo ao oitavo pavimento, proporcionando maior ritmo à composição. Nesse mesmo eixo, no último pavimento, lucarnas com maior projeção dão continuidade à saliência dos volumes. A horizontalidade do edifício é marcada pelo balcão e pelos falsos balcões do terceiro pavimento, com balaústres, e pela cimalha acima do sexto andar, suportada por consoles. O acesso ao edifício é também importante elemento estético com posicionamento valorizado no eixo da fachada principal. O vão possui moldura em granito com faixa de óvalos e dardos e entablamento, abrigando porta de ferro e vidro com duas folhas de abrir. A ornamentação que se segue é rica em detalhes contando com recorte na bossagem, festões e cártulas. O vão semicircular, alinhado ao vão de acesso, engrandece a entrada e o edifício como um todo. Nas duas fachadas, as esquadrias superiores são em dois planos: externas em venezianas de madeira com folhas articuladas e internas de madeira e vidro com duas folhas de abrir. Nos vãos comerciais do térreo as portas são metálicas de enrolar".

REGISTROS ICONOGRÁFICOS




DESENHOS



Fachadas (fonte: DAMP_1998-0.246.745-6 – fev/ 1927)

Plantas (fonte: DAMP_1998-0.246.745-6 – fev/ 1927)

²⁵ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

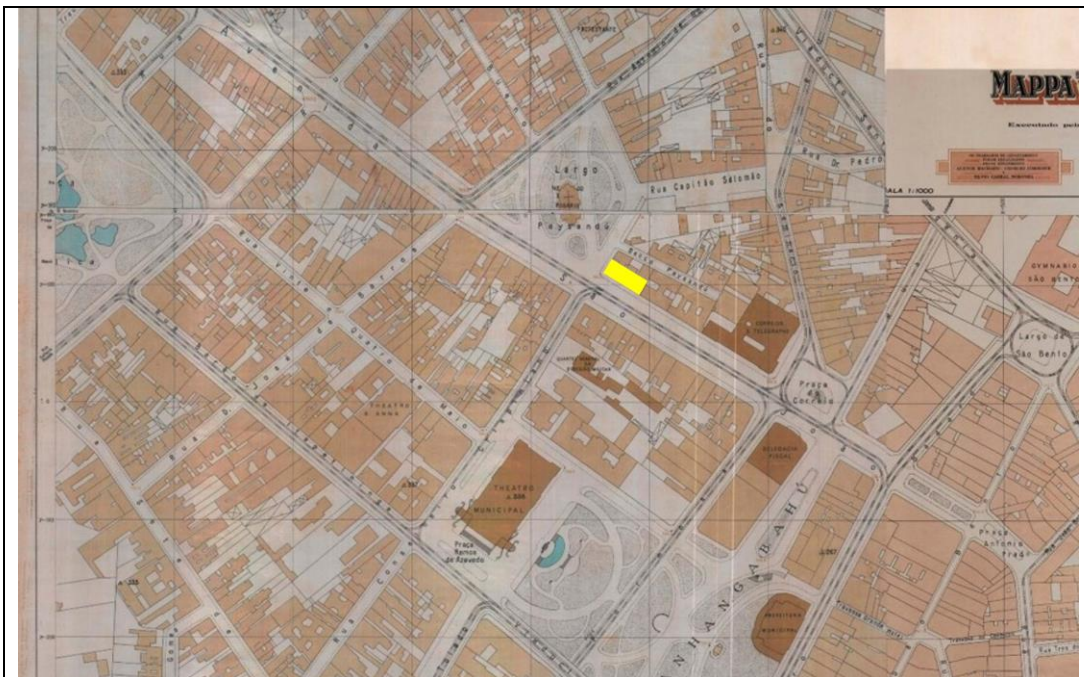
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	058	LOTE	0047
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-94 NP3						
Numeração Anterior: 36							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Cotonifício Paulista						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 340; Largo do Paissandú, s/n.						
Coordenadas GPS:	23°32'36"S , 46°38'15"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1915-1916			Nº de pavimentos:	T + 3 + ático		
Uso atual:	Invadido e comércio			Uso original:	Residencial		
Autor do projeto:	Engº Giulio Micheli (e provável construtor)						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	ruim			Grau de alteração:	pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²⁶

"Em 1915, foi apresentado à prefeitura o projeto executado pelo engenheiro Julio Micheli para a construção de um prédio que contaria, além do térreo - que provavelmente abrigaria estabelecimentos comerciais-, de mais três pavimentos para apartamentos residenciais. De acordo com a documentação encontrada no Arquivo Histórico de São Paulo, o terreno era de propriedade da Sociedade Previdência de Pensões e Pecúlios que, no mesmo ano, adquiriu o terreno voltado para o Largo do Paçandú, antigo nº 2, e solicitou a substituição das plantas já aprovadas; o edifício, assim, passou a contar com mais uma fachada, esta voltada para o mencionado largo. No ano de 1916, com o edifício já em construção, é apresentado à prefeitura outro projeto modificativo no qual a cobertura passaria a ter uma mansarda, onde seriam alojados depósitos para os apartamentos. Neste projeto há a descrição da estrutura a ser adotada, pelo menos no último pavimento, onde vigas mestras "I" em aço seriam apoiadas em pilares de concreto armado. Não se sabe a data exata em que o edifício passa a ser de propriedade da Sociedade Anônima Cotonifício Paulista, mas de acordo com a documentação encontrada na Divisão do Arquivo Municipal de Processos (Piqueri) no ano de 1950 é solicitado alvará de conservação de obra realizada previamente de forma irregular. Neste documento já consta como proprietário do edifício a citada sociedade. Este edifício também teria abrigado por período desconhecido o Hotel Municipal. Atualmente, no térreo há estabelecimentos comerciais; os demais pavimentos encontram-se aparentemente ocupados por um movimento social. "

"O edifício apresenta duas fachadas: uma voltada para a Avenida São João e outra para o Largo do Paçandú. Concebido em linhas ecléticas, com rica e bem elaborada ornamentação, suas fachadas são revestidas de argamassa com acabamento recente em pintura; na altura do pavimento térreo apresenta bossagens.

Além da ornamentação composta por cimalkhas, consoles, painéis com folhagens sinuosas em alto relevo e molduras salientes nos vãos, destacam-se os planos ligeiramente salientes em relação ao alinhamento do térreo, os balcões com guarda-corpos em gradil de ferro e em alvenaria e, junto ao plano chanfrado do edifício, o frontão cimbrado interrompido em volutas no qual há a inscrição em alto relevo ""PROPRIEDADE DO COTONIFÍCIO PAULISTA SA"". Encimando o edifício há a mansarda atualmente revestida de placas de ""Eternit"" (conforme memorial descritivo apresentado à prefeitura no ano de 1916), e lucarnas encimadas por cimalkha triangular. No térreo, servindo aos estabelecimentos comerciais, há portas metálicas de enrolar com bandeira em gradil metálico; a porta de acesso aos pavimentos superiores do edifício encontram-se obstruídas por tapumes de madeira, o que impede a sua caracterização. Nos demais pavimentos há esquadrias compostas, externamente, por venezianas de madeira de duas folhas articuladas de abrir e, internamente, de madeira e vidraça com duas folhas de abrir e bandeira aparentemente fixa".

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



Fachada-fonte: DAHSP_Cx54-Ano1916-Doc35A – mai/ 1916

Plantas-fonte: DAHSP_CxOP416-Ano1915 – set/ 1915)

²⁶ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	056	LOTE	0001
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-80 NP.1						
Numeração Anterior: s/n							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos						
ENDEREÇO:	Largo Paissandú, 0 Complemento: Avenida São João, s/n						
Coordenadas GPS:	23°32'35"S , 46°38'17"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1904 – 1906			Nº de pavimentos:	Subsolo + T + mezanino + campanário		
Uso atual:	Institucional - Igreja			Uso original:	Institucional - Igreja		
Autor do projeto:							
Estilo:	Neorromânica						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:	Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos						
Estado de conservação:	Médio			Grau de alteração:	Pouca		
Processos:							

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Edificação com grande visibilidade, isolada no centro do Largo Paissandu. Construída em alvenaria de tijolos sobre alto porão, possui planta centralizada. Com acesso elevado, atravessa um pequeno nártex, sob o coro, ingressando na nave central, separada pelo arco do cruzeiro ao centro e dois laterais tem-se o altar mor e altares laterais com retábulos. Possui dois púlpitos. Decorada com afrescos, rica em elemento decorativos, possui imagens da igreja velha. Piso em ladrilho hidráulico. Possui uma torre de campanário a frente. Uma igreja com fachada característica eclética. O acabamento original é argamassa raspada, entretanto recebeu várias demãos de tinta látex.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



Foto: Chico Saragiotto, DPH.



<http://www.saopauloantiga.com.br/nsdorosario-dos-homens-pretos/>

<http://www.saopauloantiga.com.br/nsdorosario-dos-homens-pretos/>

DESENHOS

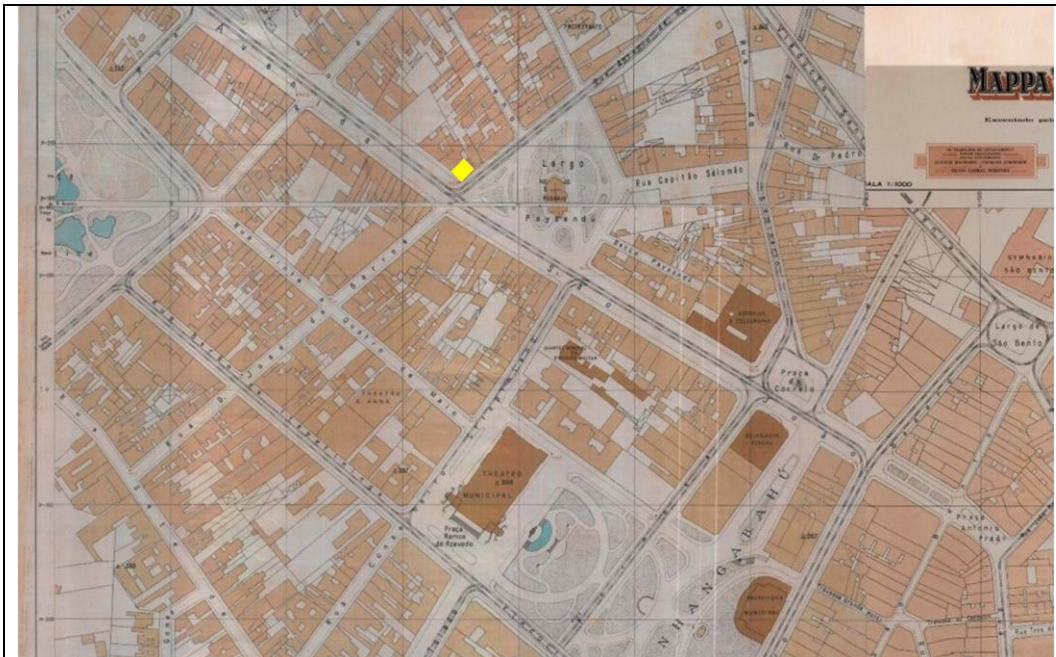
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	055	LOTE	0008
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 50							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Esquina Largo Paissandu, vizinho Ponto Chic						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 508						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	Década 1940 (provável)			Nº de pavimentos:	T + sobreloja + 11		
Uso atual:	Residencial + comercio T			Uso original:	Residencial		
Autor do projeto:							
Estilo:	Art-déco						
Técnica construtiva:	Concreto e alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	médio			Grau de alteração:	pouco		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.



DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Edifício moderno, na esquina com o Largo Paissandu, tira partido arquitetônico na implantação em curva na esquina. Construído após a década de 1950.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS

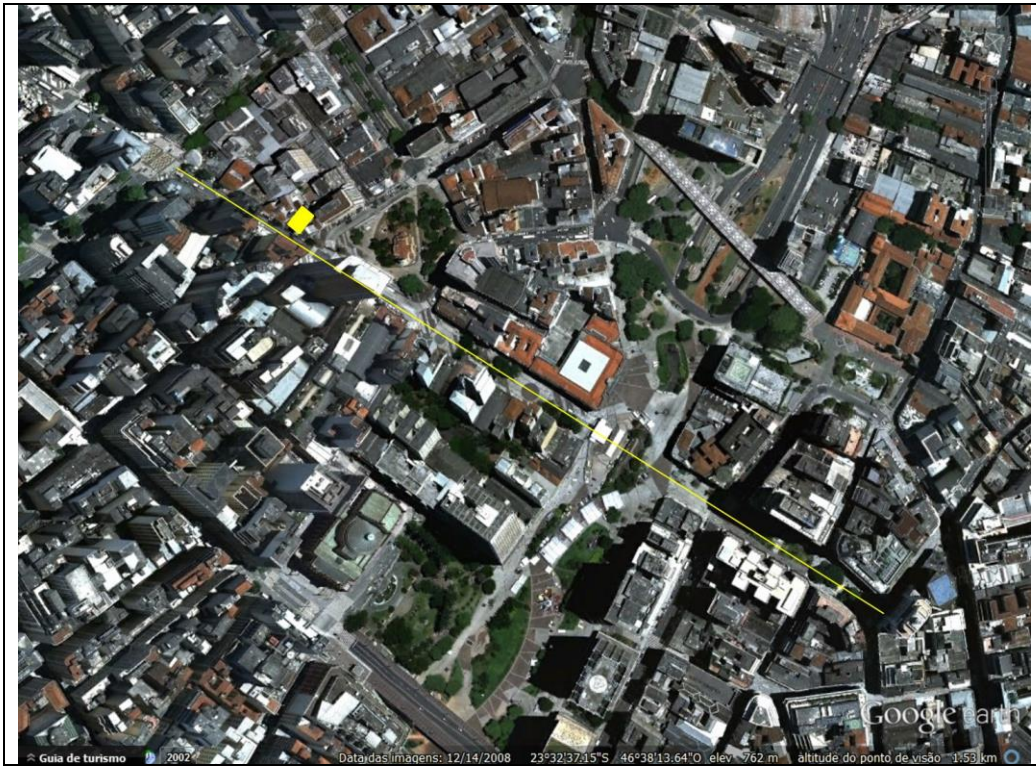


DESENHOS

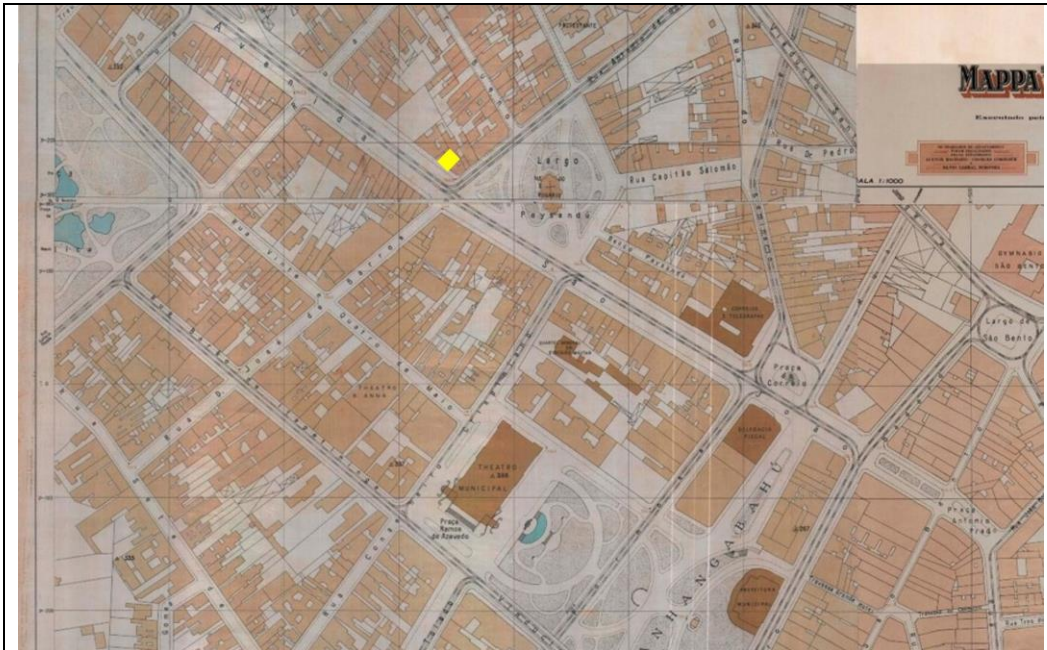
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	055	LOTE	0007
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-76 NP.3						
Numeração Anterior: 92							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO: Hotel Dom José							
ENDEREÇO:	Avenida São Joao, 514						
Coordenadas GPS:	23°32'34"S , 46°38'20"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1913 (na fachada)			Nº de pavimentos:	T + 3		
Uso atual:	Hotel (serviços)			Uso original:	Hotel (serviços)		
Autor do projeto:							
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	Bom			Grau de alteração:	Pouca		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²⁷



“O edifício, de quatro pavimentos, apresenta fachada eclética com elementos do repertório neoclássico. Seu ritmo é estabelecido, principalmente, pela presença de quatro pilastras com base, fuste e capitel, que acentuam a verticalidade da edificação. Todos os vãos são dotados de balcões de pouca saliência abrangendo um ou dois vãos, com guarda-corpos em serralheria artística. No térreo, o acabamento atual é em pintura moderna com tinta acrílica texturizada sobre bossagem; o sóculo tem o granito de acabamento também recoberto por pintura. Neste mesmo nível, os vãos comerciais abrigam portas metálicas de enrolar e, no acesso aos pavimentos superiores, a porta é recente e feita de chapas metálicas. Nos níveis superiores há portas-balcão de madeira e vidraça, de abrir, com bandeira fixa em veneziana. Alguns vãos apresentam portas internas, de duas folhas almofadadas de madeira, cegas”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

²⁷ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	055	LOTE	0006
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-77 NP.3						
Numeração Anterior: 94							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Cinelândia Hotel – Edifício Nino Maria Cantarella						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 526						
Coordenadas GPS:	23°32'33"S, 46°38'21"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1924			Nº de pavimentos:	T + 8		
Uso atual:	Hotel (serviços)			Uso original:	Hotel (serviços)		
Autor do projeto:	E construtor (provável): Francisco Regnani						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:	Dr. José de Souza Queiróz (na planta)						
Estado de conservação:	Médio			Grau de alteração:	Pouca		
Processos:							

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²⁸

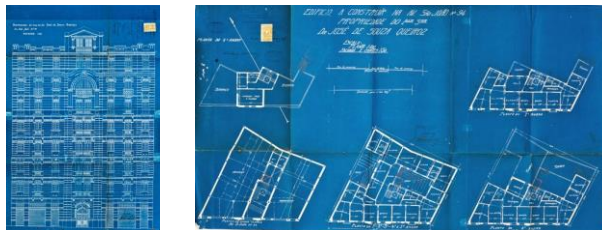
“O projeto data de 1924 sendo então proprietário do imóvel o Dr. José de Souza Queiroz. Segundo documentação existente, o interessado a pedir a licença para construção do prédio foi Francisco Regnani que, talvez, tenha sido o projetista e o construtor. O uso era o comercial no térreo e residencial nos andares superiores. Em 1960, o imóvel, agora de propriedade de Maria Cantarella, foi reformado e adaptado para hotel. O nome a ele conferido - Edifício Nino Maria Cantarella - é uma homenagem a Antonio Maria Cantarella, marido da proprietária, falecido em 1942.

O edifício, atualmente com nove pavimentos, tem fachada eclética com influência do neoclássico, baseada na simetria e modenatura ritmada. Possui, no térreo, acabamento de granito polido diferenciando-o do restante da fachada, cujo revestimento é de argamassa com pintura moderna com tinta à base de látex formando bossagens. O eixo central é valorizado pelo alinhamento de balcões de alvenaria sobrepostos a janelas gêmeas. Há balcões também nos eixos laterais secundários, porém sem a mesma proporção ou destaque na composição. Os únicos vãos em arco aparecem apenas no sétimo andar, junto a balcões com guarda-corpos metálicos, prevendo a sobreposição da cimalha principal que antecede os dois últimos pavimentos. No térreo, o acesso aos pavimentos superiores se dá por porta recente de duas folhas de vidro temperado; nos vãos comerciais, as portas são metálicas de enrolar. Os pavimentos superiores apresentam esquadrias recentes de alumínio e vidro com folhas de projetar. Aparenta manter algumas portas de madeira almofadadas e vidro em balcões. A cobertura é de telhas cerâmicas”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS





DESENHOS



Fachada (fonte: DAMP_2012-0.160.536-5) (dez/ 1924)

Plantas (fonte: DAMP_2012-0.160.536-5) (dez/ 1924)

²⁸ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	055	LOTE	0129
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE							
Numeração Anterior: 98							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Edifício Duque de Caxias						
ENDEREÇO:	Avenida São Joao, 566						
Coordenadas GPS:							
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	Provável 1950			Nº de pavimentos:	T + 17		
Uso atual:	Residencial, comércio T			Uso original:	Residencial		
Autor do projeto:							
Estilo:	Moderno						
Técnica construtiva:	Concreto						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui, mas tem um grande recuo frontal.						
Proprietário:							
Estado de conservação:				Grau de alteração:			
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS (RHVS)

Edifício moderno, com grande recuo frontal, quebra a volumetria do quarteirão, assim como interrompe a unidade da paisagem urbana.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



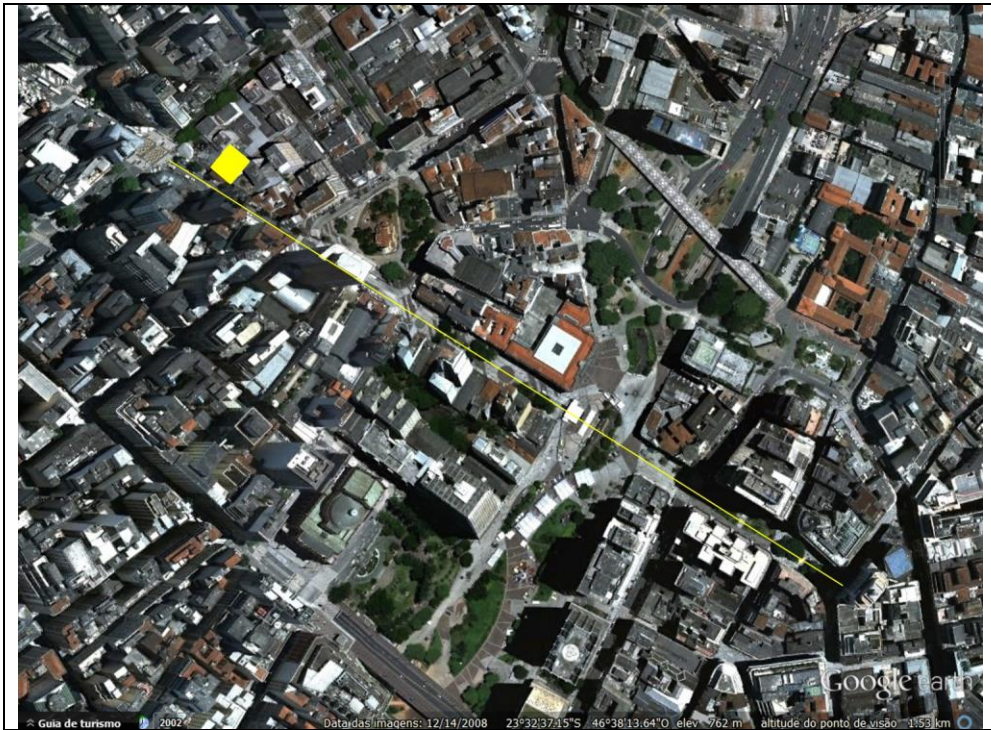
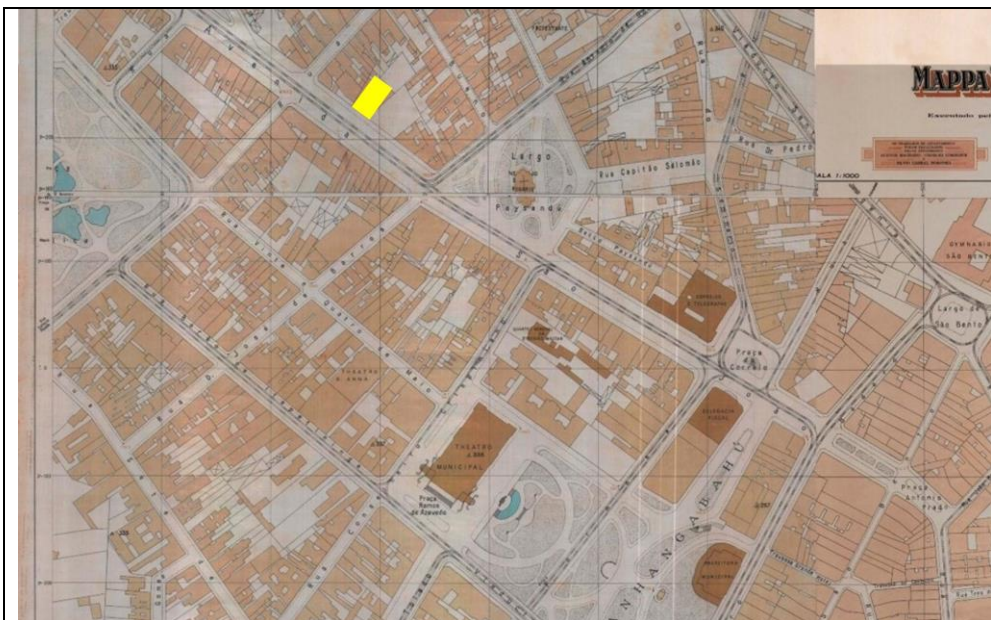
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	055	LOTE	0004
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-78 NP.3						
Numeração Anterior: 104							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Hotel Columbia Palace						
ENDEREÇO:	Avenida Soa Joao, 578-582						
Coordenadas GPS:	23°32'33"S , 46°38'22"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1910-1920			Nº de pavimentos:	T + sobreloja + 4 + ático		
Uso atual:	Invadido + comércio T			Uso original:	Hotel (serviços)		
Autor do projeto:	E construção: F. P. Ramos de Azevedo & Cia. Engenheiros Architectos Constructores (inscrição na fachada)						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	ruim			Grau de alteração:	pouca		
Processos:							

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS²⁹

“O Hotel Columbia Palace preserva, em sua fachada, a inscrição “F. P. Ramos de Azevedo & Cia. Engenheiros Architectos Constructores”.

O imóvel consiste de dois volumes alinhados à via com um poço de iluminação e ventilação entre eles. A fachada principal é em estilo eclético com influências neoclássicas. O ritmo é estabelecido pelo jogo de planos criado pelas pilastras salientes com frisos e pelo recuo do plano das esquadrias em forma curva na parte superior. A fachada apresenta acabamento em pintura moderna com tinta à base de látex e, no térreo, o sóculo é de granito atualmente pintado onde se encontra a epígrafe “F. P. RAMOS DE AZEVEDO & CIA ENGENHEIROS ARCHITECTOS CONSTRUCTORES”. No primeiro pavimento, um balcão balaustrado abrangendo três vãos dá início à fachada dos pisos superiores, que são encimados por frontões triangulares e cimbrados. Acima do quarto piso, uma cimalha, ocupando toda a largura da fachada antecede o quinto e último pavimentos, sendo então finalizada por cártula e frontão no eixo central. O acesso é feito por porta de chapas metálicas recente. Os vãos comerciais abrigam portas metálicas de enrolar e os demais pavimentos apresentam dois planos: externamente, duas folhas de madeira veneziana, articuladas e de abrir; internamente, duas folhas de madeira e vidraça de abrir e com bandeira fixa com vidro. Os balcões apresentam guarda-corpo em serralheria artística”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS

²⁹ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

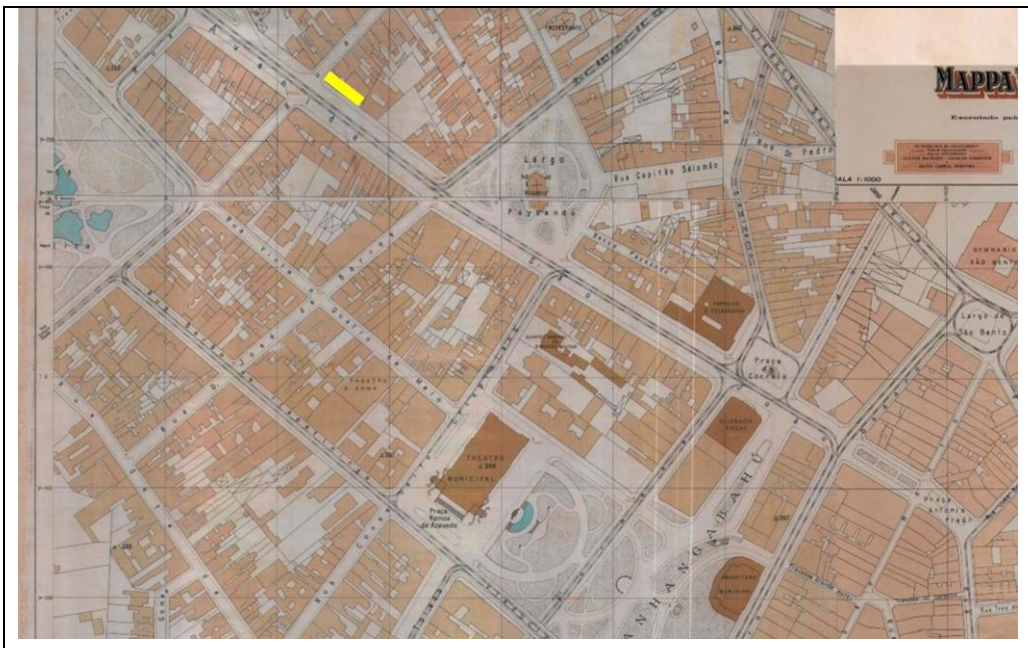
SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	055	LOTE	0001
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-79 NP.3						
Numeração Anterior: 110							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Esquina Av. Ipiranga						
ENDEREÇO:	Avenida São João, 620; complemento: Avenida Ipiranga, 866						
Coordenadas GPS:	23°32'32"S , 46°38'23"O						
							
GEGRAN fl. 331422				Foto: RHVS, 29-JAN-2015.			
Período de Construção:	1922			Nº de pavimentos:	T + 3		
Uso atual:				Uso original:			
Autor do projeto:	E construtor: Companhia Iniciadora Predial						
Estilo:	Eclético						
Técnica construtiva:	Alvenaria de tijolos						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:	Não possui						
Proprietário:							
Estado de conservação:	médio			Grau de alteração:	pouco		
Processos:	Requerente, 1922, Sr. Alfredo Laudisio						

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS³⁰

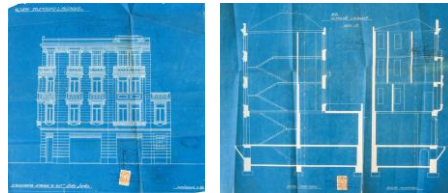
“Em 1922, a Companhia Iniciadora Predial solicitou, em nome do proprietário Alfredo Laudisio, aprovação do projeto e licença para a construção do prédio com piso térreo para uso comercial, mais três pavimentos para apartamentos residenciais e porão. Os apartamentos, um por andar, possuíam três quartos, sala de jantar, cozinha, terraço e banheiro, cujo acesso estava voltado para a Avenida Ipiranga.

O imóvel, de esquina, foi concebido em linhas ecléticas e apresenta elaborada ornamentação composta de platibanda - encimada nas extremidades por frontão curvilíneo -, cimalthas, consoles, frisos e molduras nas envasaduras. Destaca-se, na fachada, a presença de volumes salientes com terminações curvilíneas, que, no terceiro pavimento, formam varandas com guarda-corpos em gradil de ferro ornamental. Nesse pavimento, os outros balcões possuem o mesmo tipo de guarda-corpo e, no segundo andar, apresentam guarda-corpos em balaustrada. As fachadas são revestidas de argamassa com bossagens e acabamento recente em pintura de tinta à base de látex. Servindo ao pavimento térreo há portas de enrolar metálicas. Nos demais pavimentos, as esquadrias, exceto a janela e o óculo (em gradil de ferro e vidraça) localizados acima da porta de acesso voltada para a Avenida Ipiranga, são de madeira e vidro com duas folhas de abrir e bandeira aparentemente fixa”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



DESENHOS



Fachada (fonte: DAHSP_CxS6-Ano1922 – mar/ 1922)

Cortes Longitudinal e Transversal (fonte: DAHSP_CxS6-Ano1922 – mar/ 1922)

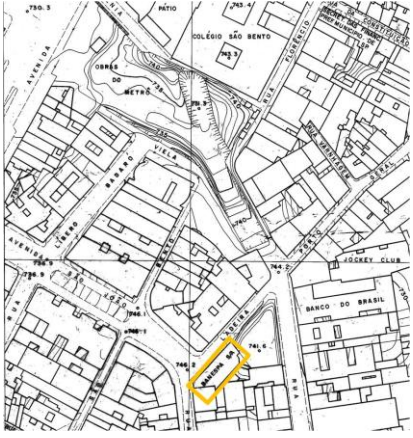



Planta do 2º pavimento (fonte: DAHSP_CxS6-Ano1922 – mar/ 1922)

Planta do 1º pavimento (fonte: DAHSP_CxS6-Ano1922 – mar/ 1922)

Planta do térreo (fonte: DAHSP_CxS6-Ano1922 – mar/ 1922)

³⁰ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

SUBPREFEITURA	Sé	SETOR	001	QUADRA	074	LOTE	0002
BAIRRO:	Centro						
PROTEÇÃO EXISTENTE	Tombado Resolução 37/92-125 NP.2						
Numeração Anterior:							
PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO:							
IDENTIFICAÇÃO:	Edifício Altino Arantes – Banco do Estado de São Paulo – Banespa						
ENDEREÇO:	Praça Antônio Prado 6; com Rua João Brícola 8; e Rua Boa Vista 209						
Coordenadas GPS:	23°32'45"S , 46°38'01"O						
							
GEGRAN fl. 331423	Foto: RHVS, 29-JAN-2015.						
Período de Construção:	Década 1940. Inaugurado 1946.			Nº de pavimentos:	35 altura: 161,22m.		
Uso atual:	Instituição bancária – mirante			Uso original:	Instituição bancária		
Autor do projeto:	Arquiteto Plínio Botelho do Amaral – construção: Construtora Camargo & Mesquita						
Estilo:	Art-déco						
Técnica construtiva:	Concreto armado						
Frente:							
Pavimento Recuo superior:							
Proprietário:	Antes Banco do Estado de São Paulo – Banespa						
Estado de conservação:	Muito Bom			Grau de alteração:	NENHUMA		
Processos:							

Rua São João: o *Boulevard* paulistano da Primeira República (1889-1930).

FOTO AÉREA



Fonte: Google Earth



Fonte: Base SARA BRASIL - 1930

DADOS HISTÓRICOS

Idem ao anterior.

DADOS DE AMBIÊNCIA

Idem ao anterior.

DADOS ARQUITETÔNICOS³¹

“Neste local de acordo com *Mapa da Capital da província de São Paulo*, de 1877, havia o Hotel Europa, endereçado para o antigo Largo do Rosário com o Chafariz 7 de Setembro. Na cota mais elevada do centro da cidade de São Paulo, está o encontro das ruas XV de Novembro com a João Brícola e o começo da Rua/Avenida São João, área hoje denominada Praça Antônio Prado.

Este prédio inaugurado em 16 de junho de 1946, demorou oito anos para a conclusão da obra tendo em vista a deflagração da II Guerra Mundial. O banco foi criado em 1909, Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola, de controle acionário francês, para atender as demandas da lavouracafeeira. Em 1919 o banco foi nacionalizado e em 1926 passou para a responsabilidade do Estado, recebendo a razão social Banco do Estado de São Paulo, ou BANESPA, cujo o primeiro presidente foi Altino Arantes que nomeia o edifício desde a década de 1980. O controle do Banco passou a ser privado em 2001, do espanhol Banco Santander.

O edifício Art-déco, por sua semelhança é também conhecido como *Empire State Building* de São Paulo, destaca-se na paisagem urbana da capital, com altura de 161,22 metros, foi considerado por muito tempo o mais alto na cidade, possui no último piso um mirante com vista 360º que alcança 40 km de distância, onde encontra-se a bandeira do Estado de São Paulo. Um marco principalmente para quem está caminhando pela via São João. Compõe com o Prédio Martinelli e com o Edifício Banco do Brasil uma tríade referencial de meados do século XX.

Suas fachadas, com seus cerca de cento e sessenta metros - recebem, até a altura do terceiro andar, revestimento de granito polido - material nobre conforme exigência da legislação vigente à época - e, acima, pastilhas de porcelana. As janelas são de ferro e vidro do tipo guilhotina e as portas e os gradis do térreo são de ferro decorado. Internamente, o pavimento térreo apresenta três ambientes. Dois halls de acesso aos elevadores e um saguão principal. Neste, o piso é de granito com detalhes metálicos, e os pilares e paredes revestidos de mármore. As esquadrias, de ferro, têm requadros em vidro liso fosco e grelha metálica. No teto, parte do forro é em grelha metálica e parte em gesso com sanca em chapa metálica e cobre. Há, ainda, luminárias pendentes de cristal, arandelas metálicas e um grande mural com pintura a óleo. Voltam-se para este grande saguão os dois balcões do mezanino - com piso de granito, paredes revestidas de mármore e guarda-corpo de ferro. O hall menor - com acesso a dois elevadores - apresenta piso em granito, paredes revestidas em mármore e laje com acabamento em argamassa pintada. O hall maior - com acesso a quatro elevadores - tem os mesmos acabamentos do hall menor. No primeiro, segundo e terceiro pavimentos, os pisos são de granito, as paredes de mármore e de tijolos de vidro, e a laje com revestimento de argamassa pintada. As escadas apresentam, até o terceiro pavimento, paredes e guarda-corpo com revestimento de mármore e, a partir do 4º pavimento, revestimento de argamassa pintada. Já os degraus são todos em granito. Os pavimentos-tipo têm, de maneira geral, paredes com revestimento de mármore, argamassa pintada e, também, lambris de madeira. Algumas vedações são em blocos de vidro, as lajes revestidas de argamassa pintada e os pisos de granito. O mobiliário foi criado especialmente para este prédio. Este imóvel é reconhecido pelo Município (CONPRESP) e pelo Estado (COONDEPHAAT³²) como um patrimônio cultural da cidade de São Paulo”.

REGISTROS ICONOGRÁFICOS



Fonte: <http://www.blogdacompanhia.com.br/wp-content/uploads/2015/06/707612.jpg>

Fonte: https://c2.staticflickr.com/4/3448/3950241247_82cd5da35a_z.jpg?zz=1

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-m2XLcG2OLdA/TvBp-xBg68I/AAAAAAAAABRQ/hMMS1F-bs5s/s1600/EDIFICIO+ALTINO+ARANTES+-+inicio+dos+anos+50+%25282%2529.jpg>

³¹ Informação do Inventário realizado pelo Departamento do Patrimônio Histórico – DPH em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP.

³² www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/DOE280514ReedicaodoTombamentodoEdificioAltinoArantescominclusaodebensmoveisDOC_1418322299.doc; acessado 09/06/2015.

Observação: Este inventário foi realizado com os dados disponíveis em 2014.